UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

IVON RODRIGUES SILVA FILHO

"TUDO POR UMA EXPERIÊNCIA": a socialização, construção da identidade e trajetória de jovens diante da experiência de aprendizagem profissional

Recife
2019

IVON RODRIGUES SILVA FILHO

“TUDO POR UMA EXPERIÊNCIA”: a socialização, construção da identidade e trajetória de jovens diante da experiência de aprendizagem profissional

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia.

Orientadora: Profª. Dra. Silke Weber.

Coorientadora: Profª. Dra. Rosane Maria Alencar da Silva.

Recife

2019

Catalogação na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

S586t Silva Filho, Ivon Rodrigues.
"Tudo por uma experiência" : a socialização, construção da identidade e trajetória de jovens diante da experiência de aprendizagem profissional / Ivon Rodrigues Silva Filho. – 2019.
385 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Silke Weber.
Coorientadora: Profª. Drª. Rosane Maria Alencar da Silva.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2019.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Sociologia. 2. Aprendizagem. 3. Ensino profissional. 4. Juventude. 5. Socialização. 6. Mercado de trabalho. I. Weber, Silke (Orientadora). II. Silva, Rosane Maria Alencar da (Coorientadora). III. Título.

301 CDD (22. ed.) UFPE
(BCFCH2019-093)

IVON RODRIGUES SILVA FILHO

“TUDO POR UMA EXPERIÊNCIA”: a socialização, construção da identidade e trajetória de jovens diante da experiência de aprendizagem profissional

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada em: 20/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Silke Weber (Presidente/Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profa. Dra. Eliane Maria Monteiro da Fonte (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profa. Dra. Carla Patrícia Acioli Lins Guaraná (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profa. Dra. Rosane Maria Alencar da Silva (Examinadora Externa/Coorientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Sergio Neves Dantas (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico mais um trabalho ao meu pai, Ivon Rodrigues, o qual sempre me serviu de exemplo de dignidade e à minha mãe, Maria Inez, uma batalhadora que sempre esteve ao meu lado nos momentos bons e ruins.

AGRADECIMENTOS

Agradeço fortemente à minha família pelo apoio tanto ao ingresso na Universidade quanto à minha permanência, seguindo a Licenciatura em Ciências Sociais, o Mestrado e o Doutorado em Sociologia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da Bolsa de Doutorado, sem a qual não seria possível a realização desta pesquisa.

À professora Rosane Alencar, que me guiou dentro dessa pesquisa através de suas observações.

À professora Silke Weber, a qual contribuiu significativamente para a elaboração dessa pesquisa, com leituras e observações pertinentes.

Ao CIEE-PE e ao SENAI-PE por permitirem o acesso às suas dependências e aos jovens aprendizes e por disponibilizar informações, documentos e materiais referentes aos seus respectivos Programas de Aprendizagem.

Aos responsáveis pelos Programas de Aprendizagem das instituições supracitadas pela colaboração com a pesquisa: Mere Coutinho e Raphael Barros (SENAI-PE) e Fabiana Novelino (CIEE-PE).

Aos(Às) jovens aprendizes que participaram desta pesquisa, os(as) quais são os(as) protagonistas deste estudo.

À minha companheira, Emanuele, pelo apoio e por compreender meus (longos) momentos de ausência devido à minha dedicação em realizar este (árduo, mas gratificante) trabalho.

À Elaine Cristina, Diretora da Escola Estadual Deputado Fernando Milanez, em Cruz do Espírito Santo-PB, e aos meus colegas, pela compreensão em relação às minhas (necessárias) ausências.

“Um dia minha mãe me disse: você já é grande, tem que trabalhar. Naquele instante aproveitei a chance, vi que eu era livre para me virar. Fiz minha mala, comprei a passagem. O tempo passou depressa e eu aqui cheguei. Passei por tudo que é dificuldade, me perdi pela cidade, mas já me encontrei. Domingo boto meu pijama, deito lá na cama para não cansar. Segunda-feira eu já tô de novo atolado de trabalho para entregar. Na terça não tem brincadeira. Quarta-feira tem serviço para terminar. Na quinta já tem hora extra e na sexta o expediente termina no bar. Mas tenho o sábado inteiro pra mim mesmo fora do emprego pra me aprimorar. Sou *easy*, eu não entro em crise. Tenho tempo livre pra me trabalhar” (TRIBALISTAS, 2017).

“É hora de voltar pra casa. Trabalhador só quer chegar bem. Infelizmente não tem asas e precisa das ruas e das linhas do trem. A condução está tão cara, conforto é algo que não tem, mas o trabalhador encara essa rotina sem nunca depender de ninguém. Da casa pro trampo, do trampo pra faculdade, o corpo exausto, apesar da pouca idade. Sem novidade, a mesmice na rota, tentando ser um bom funcionário com boas notas. *Trabaiá*, estudar, nem sempre se encaixa, nem mesmo no fim da aula o aluno relaxa. Pensa na volta, no clima lá fora. O metrô não funciona por 24 horas” (SAPIÊNCIA, 2017).

RESUMO

O presente estudo procura avançar na compreensão do instituto da aprendizagem profissional (Lei 10.097/2000) em sua relação com o processo de socialização, construção da identidade e escolhas profissionais de jovens aprendizes, diante das dificuldades que encontram para conseguirem sua inserção e permanência no mercado de trabalho. Seus objetivos foram: a) compreender como se dá o processo de socialização profissional vivenciada nos cursos de aprendizagem profissional; b) investigar o quanto os grandes universos de socialização (família, escola e trabalho) influenciam as escolhas e projetos profissionais dos jovens aprendizes; e c) identificar em que medida a experiência de aprendizagem fortalece ou não a identidade profissional. O campo de pesquisa foram as entidades formadoras: CIEE-PE e SENAI-PE e seus respectivos Programas de Aprendizagem Profissional. Em um primeiro momento foi aplicado um questionário socioeconômico com os jovens dos cursos de aprendizagem em *comércio e varejo* e *ocupações administrativas*, do CIEE, e *técnico em mecânica industrial*, do SENAI. Em seguida foram realizadas duas entrevistas de caráter biográfico com os aprendizes. A análise dos resultados apontou que 1) as principais motivações em participar dos respectivos Programas foram: adquirir conhecimento/aprendizado; adquirir experiência; a questão financeira/salarial; obter um curso técnico; e ter uma profissão; 2) observou-se que as escolhas e projetos profissionais, em geral, tinham pouco ou nenhum vínculo com os cursos de aprendizagem nos quais estavam matriculados, o que demonstra um peso pouco significativo da experiência de aprendizagem nas escolhas e projetos profissionais dos jovens do CIEE. Por outro lado, os aprendizes do SENAI apresentaram uma relação mais explícita de pertencimento com grupos de referência da área na qual fazem o curso de aprendizagem, pois boa parte pretendia seguir pelo menos áreas afins; e 3) diante da situação de *desfiliação* (CASTEL, 2005), os aprendizes encontram na aprendizagem profissional um meio de superá-la, funcionando como um "atalho" para se inserir no mercado de trabalho, o qual não está aberto para aqueles que não possuem um mínimo de qualificação (diplomas, credenciais educacionais) e experiência profissional. Em suma, diante dos dados é possível perceber o quanto a dimensão profissional é relevante, pois o emprego condiciona a construção das identidades sociais. Diante das recentes transformações o trabalho leva a mudanças identitárias, assim como a formação interfere na construção da identidade.

Palavras-chave: Socialização. Identidade. Trajetória. Juventude. Profissão.

ABSTRACT

The present study seeks to advance in the understanding of the Institute of Professional Learning (Law 10.097/2000) in its relationship with the process of socialization, identity construction and professional choices of young learners, in view of the difficulties they find to achieve their insertion and permanence in the labor market. Its objectives were: a) to understand how the professional socialization process experienced in professional learning courses is given; b) To investigate how much the large universes of socialization (family, school and work) influence the professional choices and projects of young learners, and c) to identify the extent to which the learning experience strengthens or not the professional identity . The research field was the training entities: CIEE-PE and SENAI-PE and their respective professional learning programs. At first, a socioeconomic questionnaire was applied to young from the *commercial and retail* learning courses and *administrative occupations*, from the CIEE, and *technical in industrial mechanics*, from SENAI. Next, two biographical interviews were conducted with the apprentices. The analysis of the results showed that 1) the main motivations to participate in respective programs were: acquire knowledge/learning; acquire experience; the financial/wage issue; obtain a technical course; and have a profession; 2) it was observed that the professional choices and projects in general had little or no link with the learning courses in which they were enrolled, which demonstrates a little significant weight of the learning experience in the choices and professionals projects CIEE young. On the other hand, the apprentices of SENAI presented a more explicit relationship of belonging with reference groups of the area in which they take the learning course, because a good part intended to follow at least related areas; and 3) in view of the situation of *disaffiliation* (CASTEL, 2005), the apprentices find in professional learning a means of overcoming it, functioning as a "shortcut" to enter the labor market, which is not open to those who do not have a minimum of qualifications (diplomas, educational credentials) and professional experience. In short, given the data, it is possible to perceive how relevant the professional dimension is, because employment conditions the construction of social identities. Given the recent transformations, the work leads to identity changes, as well as the formation interferes in the construction of the identity.

Keywords: Socialization. Identity. Trajectory. Youth. Profession.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aprendizes e suas experiências de aprendizagem profissional 51
Quadro 2 – Cursos oferecidos pelo *Programa Aprendiz Legal* 62
Quadro 3 – Arcos ocupacionais e códigos CBO *Ocupações administrativas* 62
Quadro 4 – Arcos ocupacionais e códigos CBO *Comércio e varejo* 62
Quadro 5 – Temáticas das Unidades 1, 2 e 3 do Módulo Básico 63
Quadro 6 – Cursos oferecidos pelo *Programa Aprendiz Industrial* 65
Quadro 7 – Conteúdo programático do curso técnico em mecânica industrial – SENAI 68
Quadro 8 – Critérios para seleção dos entrevistados 72
Quadro 9 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 90
Quadro 10 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 96
Quadro 11 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE 100
Quadro 12 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 106
Quadro 13 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI 116
Quadro 14 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI 121
Quadro 15 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 126
Quadro 16 – Cursos de formação profissional de Fábio 143
Quadro 17 – Aprendizes do CIEE-PE selecionados para entrevistas 381
Quadro 18 – Aprendizes do SENAI-PE selecionados para entrevistas 382

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Composição por sexo da turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 85

Gráfico 2 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 86

Gráfico 3 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 86

Gráfico 4 – Composição étnico-racial – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 87

Gráfico 5 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C1, Ocupações administrativas- CIEE 87

Gráfico 6 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 88

Gráfico 7 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 89

Gráfico 8 – Planos após o fim do contrato de aprendizagem – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 89

Gráfico 9 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE 90

Gráfico 10 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 92

Gráfico 11 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 93

Gráfico 12 – Composição étnico-racial – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 93

Gráfico 13 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 94

Gráfico 14 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 94

Gráfico 15 – Planos após o fim do contrato de aprendizagem – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE 95

Gráfico 16 – Composição por sexo da turma C3, Ocupações administrativas-

CIEE 97
Gráfico 17 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE 97
Gráfico 18 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE 98
Gráfico 19 – Composição étnico-racial – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE 98
Gráfico 20 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C3, Ocupações administrativas- CIEE 99
Gráfico 21 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE 99
Gráfico 22 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE 100
Gráfico 23 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 102
Gráfico 24 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 103
Gráfico 25 – Composição étnico-racial – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 103
Gráfico 26 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 104
Gráfico 27 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 104
Gráfico 28 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 105
Gráfico 29 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 105
Gráfico 30 – Planos após o fim do contrato de aprendizagem – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE 106
Gráfico 31 – Composição por sexo da turma C5, Ocupações administrativas-CIEE 108
Gráfico 32 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE 108

Gráfico 33 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE 109
Gráfico 34 – Composição étnico-racial – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE 109
Gráfico 35 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C5, Ocupações administrativas- CIEE 110
Gráfico 36 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE 110
Gráfico 37 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE 111
Gráfico 38 – Composição por sexo da turma S1, Técnico em Mecânica industrial-SENAI 112
Gráfico 39 – Faixa etária dos aprendizes – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI 113
Gráfico 40 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI 113
Gráfico 41 – Composição étnico-racial – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI 114
Gráfico 42 – Nível de escolaridade dos pais – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI 114
Gráfico 43 – Renda familiar dos aprendizes – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI 115
Gráfico 44 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma S1, Técnico em mecânica industrial, SENAI 115
Gráfico 45 – Faixa etária dos aprendizes – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI 118
Gráfico 46 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI 118
Gráfico 47 – Composição étnico-racial – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI 119
Gráfico 48 – Nível de escolaridade dos pais – Turma S2, Técnico em mecânica industrial- SENAI 119
Gráfico 49 – Renda familiar dos aprendizes – Turma S2, Técnico em

mecânica industrial-SENAI 120
Gráfico 50 – Composição por sexo da turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 122
Gráfico 51 – Faixa etária dos aprendizes – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 122
Gráfico 52 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 123
Gráfico 53 – Composição étnico-racial – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 123
Gráfico 54 – Nível de escolaridade dos pais – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 124
Gráfico 55 – Renda familiar dos aprendizes – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 124
Gráfico 56 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI 125
Gráfico 57 – Carreira em linha ascendente 343

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**17**
2	**SOCIALIZAÇÃO, CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E TRAJETÓRIA INDIVIDUAL: elementos de um debate teórico**	**23**
2.1	TRABALHO, SUBJETIVIDADE E JUVENTUDE: a situação dos jovens diante do "abalo da sociedade salarial"	23
2.2	A SOCIALIZAÇÃO E O TRABALHO	30
2.3	AS IDENTIDADES SOCIAL E PROFISSIONAL	38
2.4	A QUESTÃO DA TRAJETÓRIA INDIVIDUAL: insegurança, precariedade e trajetórias estremecidas	44
3	**A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO**	**49**
3.1	A LEGISLAÇÃO SOBRE A APRENDIZAGEM NO BRASIL: um olhar crítico	50
3.2	OS PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM INVESTIGADOS	61
3.2.1	**O *Programa Aprendiz Legal* (CIEE-PE)**	**61**
3.2.2	**O *Programa Aprendiz Industrial* (SENAI-PE)**	**65**
4	**O PERCURSO METODOLÓGICO**	**71**
4.1	AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS	71
4.2	A DESCRIÇÃO DO CAMPO	76
4.3	OS CONTEXTOS DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E DA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	79
4.4	A ANÁLISE DOS DADOS	81
5	**OS PERFIS SOCIOECONÔMICOS DOS JOVENS APRENDIZES**	**85**
5.1	OS APRENDIZES DO CIEE-PE	85
5.1.1	**Turma C1 – Ocupações administrativas**	**85**
5.1.2	**Turma C2 – Comércio e varejo**	**92**
5.1.3	**Turma C3 – Ocupações administrativas**	**97**
5.1.4	**Turma C4 – Comércio e Varejo**	**102**
5.1.5	**Turma C5 – Ocupações administrativas**	**107**

5.2 OS APRENDIZES DO SENAI-PE 112
5.2.1 Turma S1 – Técnico em mecânica industrial 112
5.2.2 Turma S2 – Técnico em mecânica industrial 117
5.2.3 Turma S3 – Técnico em mecânica industrial 122
5.3 CIEE X SENAI: uma breve síntese 127
6 ENTRE O SONHO E A REALIDADE: perfis sociológicos 134
6.1 A CONSTRUÇÃO DOS PERFIS: a primeira entrevista 134
6.1.1 O reconhecimento 135
6.1.1.1 Perfil 1: Fábio (SENAI) – o mecânico superespecializado 135
6.1.1.2 Perfil 2: Júnior (SENAI) – o que sonha em ser mecânico da Ferrari 146
6.1.2 O peso da família 156
6.1.2.1 Perfil 3: Pettros (CIEE) – o ator frustrado que pretende ser farmacêutico 156
6.1.2.2 Perfil 4: Fernando (CIEE) – entre a educação física e o varejo 172
6.1.2.3 Perfil 5: Breno (SENAI) – o biólogo-mecânico que é garçom de fim de semana 183
6.1.3 Entre projetos e possibilidades 196
6.1.3.1 Perfil 6: Maria (SENAI) – a que tem a irmã como "orientadora" profissional 197
6.1.3.2 Perfil 7: Diana (CIEE) – entre o bolso e o coração (logística ou psicologia?) 206
6.1.3.3 Perfil 8: Aryane (CIEE) – a que sonha em ser *chef*, mas com os "pés no chão" 217
6.1.3.4 Perfil 9: Larissa (CIEE) – a pedagogia como vocação 226
6.1.4 Uma experiência negativa 237
6.1.4.1 Perfil 10: Kaio (SENAI) – dotado de vários dons, mas nenhum dá dinheiro .. 237
6.1.5 Uma experiência positiva 251
6.1.5.1 Perfil 11: Paula (CIEE) – da aprendizagem profissional ao ensino superior ... 251
6.1.5.2 Perfil 12: Henrique (CIEE) – do mundo do crime ao mundo do trabalho 259
6.1.5.3 Perfil 13: Everton (SENAI) – a experiência de aprendizagem como reforço da escolha profissional 269
6.1.5.4 Perfil 14: João (SENAI) – entre a mecânica e as artes marciais 277
6.1.6 A ausência da prática 287
6.1.6.1 Perfil 15: Flora (SENAI) – a jovem que gosta de dinheiro 287

6.2 UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS: a segunda entrevista 300
6.2.1 Uma trajetória contínua 301
6.2.1.1 Fábio: galgando o reconhecimento profissional 302
6.2.1.2 Larissa: acumulando experiências acadêmicas 304
6.2.1.3 Flora: de jovem aprendiz à futura engenheira 307
6.2.2 Trajetória à deriva 310
6.2.2.1 Aryane: mesmo com "os pés no chão" não consegue ser *chef* 310
6.2.2.2 Paula: sempre aprendendo e sem nunca desistir 313
6.2.2.3 Everton: uma trajetória de "aprendizagem em aprendizagem" 316
6.2.2.4 João: deixando o tempo passar para ver o que vai acontecer 318
6.2.3 Descontinuidade de trajetória 320
6.2.3.1 Júnior: o sonho com a Ferrari cada vez mais distante 320
6.2.3.2 Pettros: o farmacêutico frustrado que pretende virar pastor evangélico 324
6.2.3.3 Kaio: o dom que realmente dá dinheiro: o empreendedorismo 330
6.2.3.4 Henrique: uma trajetória interrompida 333
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 336
REFERÊNCIAS 365
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO 375
APÊNDICE B – GUIA DA PRIMEIRA ENTREVISTA 377
APÊNDICE C – GUIA DA SEGUNDA ENTREVISTA 380
APÊNDICE D – APRENDIZES DO CIEE-PE SELECIONADOS PARA ENTREVISTAS 381
APÊNDICE E – APRENDIZES DO SENAI-PE SELECIONADOS PARA ENTREVISTAS 382
ANEXO A – TABELA 2: QUANTIDADE DE APRENDIZES ADMITIDOS DE JANEIRO A JUNHO DE 2018 POR ATIVIDADE ECONÔMICA DA EMPRESA CONTRATANTE 383
ANEXO B – TABELA 3: OCUPAÇÕES COM MAIORES ÍNDICES DE CONTRATAÇÃO DE JANEIRO A JUNHO DE 2018 384
ANEXO C - IMAGEM 1: ILUSTRAÇÃO DOS AGENTES DO PROGRAMA APRENDIZ LEGAL 385

1 INTRODUÇÃO

O período denominado como fordista-keynesiano, de expansão do pós-guerra (1945 a 1973), segundo Harvey (1998, p. 119), foi marcado por uma série de "práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico", decorrentes de um colapso desse sistema a partir de 1973, acarretando a passagem do fordismo para um regime de acumulação "flexível".

Diante disso, os países de capitalismo avançado passaram, nos anos 1980, por inúmeras mudanças no trabalho, com consequências negativas sobre a classe trabalhadora. De acordo com Antunes (2011) houve uma mistura entre os diferentes processos de produção (fordismo, toyotismo, neofordismo, neotoyotismo, pós-fordismo), decorrentes das distintas experiências de países como a Suécia, Estados Unidos, Alemanha e Japão.

O discurso da reestruturação produtiva se baseia na necessidade de um trabalhador mais qualificado, mais responsável, participante, comprometido e criativo. Por outro lado, percebe-se que, na prática, tal processo trouxe impactos negativos para o trabalhador, como baixos salários e precariedade do trabalho. O trabalho precário configura-se pelas seguintes características: curta duração e alta rotatividade, escassa qualificação requerida, baixos rendimentos auferidos e chances quase nulas de obter alguma promoção (INVERNIZZI, 2002).

Dentre esses impactos, posso citar inúmeros estudos (PAIS, 1990; POCHMANN, 2004, 2007; FREITAS, M. V., 2005; SCHWARTZMAN e COSSÍO, 2007; CARDOSO, 2008) que apontam as dificuldades que os jovens enfrentam para se inserirem no mercado de trabalho e as precárias condições às quais se submetem aqueles que o conseguem.

De acordo com Cardoso (2008), no Brasil, a passagem da maioria dos jovens da escola para o trabalho sempre aconteceu de forma insegura e precária, acentuando-se na década de 1990. O autor realizou um estudo sobre a situação dos jovens e o mercado de trabalho entre os anos de 1950 e 2000. Entre 1950 e 1980, o denominado período desenvolvimentista, período no qual houve um grande crescimento da economia brasileira seguido de uma estagnação até os anos de 1990, a educação formal não foi o principal mecanismo de qualificação para o trabalho:

> De um lado (da demanda), o mercado de trabalho urbano em constituição não oferecia, majoritariamente, posições que exigissem qualificação formal daqueles que nele aportavam ano a ano em busca de meios de vida. O emprego urbano típico no país era de baixa qualidade: mal remunerado, instável, em grande medida sem proteção da legislação trabalhista e exigindo

> pouca ou nenhuma qualificação formal; e isso igualmente para os jovens e os mais velhos (CARDOSO, 2008, p. 592).

Isto é, até 1991 os jovens entravam muito mais cedo no mercado de trabalho, principalmente em ocupações precárias ou não remuneradas. Tal situação agravou-se nos anos de 1990, pois a reestruturação econômica incorporou o desemprego ao ambiente de precariedade estrutural: "a taxa de ocupação dos jovens urbanos de 22 anos que haviam deixado a escola em 2000 não passava de 77%. Para os de 18 anos, esse valor era de 59%, segundo os dados do Censo Demográfico" (CARDOSO, 2008, p. 588).

Atualmente o mercado de trabalho é quem define as habilidades que devem ser desenvolvidas na formação do perfil profissional necessário à transição para o novo modelo de desenvolvimento, reformando os ensinos fundamental, médio e superior. Diante disso, surgem as políticas públicas destinadas à formação, qualificação e inserção da população juvenil no mundo do trabalho e os dispositivos legais como a Lei da Aprendizagem (10.097/2000).

No Brasil, podem-se destacar três tipos principais de políticas destinadas ao enfrentamento do desemprego juvenil. Primeiramente, as ações voltadas para a qualificação da mão-de-obra, principalmente os cursos profissionalizantes de curta e média duração (através do sistema "S", do Ministério do Trabalho, as secretarias estaduais e municipais do Trabalho e do Fundo de Amparo ao Trabalhador-FAT), além dos cursos com maior duração das escolas técnicas federais, estaduais e municipais. Em segundo lugar, na área da intermediação, merecem destaque as ações do SINE[1], CIEE, sindicatos e empresas de agenciamento de emprego para os jovens. Por fim, no âmbito da geração de empregos, através da legislação em vigor, existem ações que oferecem a contratação de jovens com menores custos em relação aos adultos.

É nesse contexto que surge a Lei da Aprendizagem (n. 10.097/2000) a qual define que são obrigadas a contratarem aprendizes as empresas de qualquer natureza, que tenham no mínimo sete funcionários. Pode ser aprendiz o jovem entre 14 e 24 anos que esteja matriculado e frequentando a escola e inscrito em programa de aprendizagem. A cota de aprendizes contratados pelas empresas deve ser de 5% a 15% do quadro de funcionários.

Os Serviços Nacionais de Aprendizagem (como SENAI e SENAC), as Escolas Técnicas de Educação, inclusive as agrotécnicas e as Entidades Sem Fins Lucrativos (ESFL) são algumas das instituições qualificadas para ministrarem os cursos de aprendizagem.

---

[1] O Sistema Nacional de Emprego (SINE), criado em 1975, funciona como um serviço público e gratuito de emprego, responsável pela intermediação de mão-de-obra e cursos de qualificação profissional.

De acordo com o Manual da Aprendizagem (BRASIL, 2014b, p. 9), "mais que uma obrigação legal, portanto, a aprendizagem é uma ação de responsabilidade social e um importante fator de promoção da cidadania, redundando, em última análise, numa melhor produtividade".

Diante da relevância da aprendizagem profissional, como processo de socialização profissional, para a promoção da cidadania dos jovens, ressalto a questão da identidade profissional como fundamental, pois o processo de construção da identidade corresponde a um dos elementos mais característicos e nucleares do período juvenil (LEÓN, 2005). Como os jovens aprendizes estão em uma fase crucial para a construção de sua identidade, a qualidade de sua inserção poderá influenciar suas trajetórias profissionais.

A noção de trajetórias diz respeito ao trânsito de uma situação de dependência (infância) para uma situação de emancipação ou autonomia social. Existem dois tipos de trânsito: transição como *movimento* (trajetória biográfica) e como *processo* (de reprodução social). Nesses processos:

> [...] as trajetórias dos jovens são algo mais que histórias de vida pessoais: são um reflexo das estruturas e dos processos sociais; processos que se dão de maneira conjunta, ou seja, consideram processos no nível da configuração e percepções desde a própria individualidade e subjetividade do sujeito, e as relações que se estabelecem entre aquelas e os contextos no nível das estruturas sociais nas quais se desenvolvem aquelas subjetividades [...]. Deste modo, na transição para a vida adulta por parte dos jovens, o tempo presente não está determinado somente pelas experiências acumuladas do passado do sujeito, mas também formam parte dele as aspirações e os planos para o futuro: o presente aparece condicionado pelos projetos ou a antecipação do futuro [...] (LEÓN, 2005, p. 17).

As sucessivas socializações pelas quais passa o indivíduo ao longo da vida constroem e reconstroem sua identidade, necessitando não só de suas próprias orientações, mas também dos juízos dos outros.

Diante do que Dubar (2005, 2009) nomeia como "crise das identidades"[2] qualquer alteração na forma de inserção dos jovens no mundo do trabalho pode trazer consequências negativas para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, isto porque a esfera do trabalho tem um papel bastante significativo na construção da identidade social do indivíduo, mesmo não sendo a mais determinante. Antunes (2011) afirma que as difíceis condições de trabalho decorrentes da "crise estrutural do trabalho" afetaram a materialidade (forma de ser) e a subjetividade (como valores e ideário) do trabalhador.

---

[2] Segundo Dubar (2009, p. 203-204), "o sujeito 'em crise' é também um sujeito social: trata-se, para ele, de encontrar marcos, pontos de referência, uma nova definição dele mesmo e, portanto, dos outros e do mundo".

O presente estudo teve como objetivo contribuir para as discussões referentes à aprendizagem profissional no Brasil, por este ser um tema ainda pouco estudado, apesar da Lei que a regulamenta existir desde o ano de 2000.

Minha afirmação decorre de um estado da arte que realizei dentro dos seguintes campos de estudo: *socialização profissional* e *identidade profissional*, no qual identifiquei a quase ausência de estudos sobre a atividade de aprendizagem profissional.

Há uma lacuna em relação a essa área de estudos, daí a relevância da minha investigação a respeito da socialização profissional e da construção da identidade profissional de jovens que trabalham em regime de aprendizagem. Essa categoria, além de enfrentar dificuldades para se firmar no mundo do trabalho, devido à desvalorização em relação aos demais funcionários, também não é privilegiada pelo campo acadêmico. O hiato é ainda maior no que diz respeito a estudos dedicados às questões da socialização profissional e identidade profissional de jovens aprendizes, como pude perceber diante do levantamento realizado.

As constantes alterações na Lei 10.097/2000 (Decreto e Portarias) confirmam a complexidade da prática efetiva da aprendizagem.

Esta pesquisa avança na compreensão da aprendizagem profissional em sua relação com o processo de socialização, da construção da identidade e das escolhas profissionais de jovens aprendizes, sujeitos da minha pesquisa, aos quais me dedico desde a graduação (SILVA FILHO, 2011; 2014).

Em primeiro lugar, tomo como base o atual debate sobre a relevância que o trabalho possui para a constituição do reconhecimento de si, isto é, a respeito do vínculo entre o sentido do trabalho e a produção da identidade, no qual o emprego condiciona a construção das identidades sociais.

O enfoque na questão da relação entre o trabalho e a subjetividade dos jovens aprendizes, em meu entender, é bastante significativo, pois na minha pesquisa de Mestrado (SILVA FILHO, 2014) identifiquei que o processo de aprendizagem profissional, na prática, tinha como foco a produção (ou seja, a empresa), em detrimento da formação (aprendizes). Tal constatação me levou a refletir acerca das consequências desse modelo de experiência social para a subjetividade dos jovens aprendizes, os quais se encontram em uma fase decisiva no que diz respeito à construção da sua identidade social e, especificamente, profissional.

Minha pesquisa pretende contribuir de forma significativa com o debate sobre a relação entre o trabalho e a construção da identidade. Isso porque há discordâncias a respeito do peso que a esfera do trabalho tem sobre a identidade do indivíduo na atualidade. Autores como Berger e Luckmann (1985), Castel (2005), Vieira (2007), Dubar (2005, 2009), entre

outros, acreditam que a construção da identidade ainda é bastante afetada pelo trabalho, enquanto que outros autores, como León (2005), Abrantes (2011a, 2011b), Wautier (2003), Setton (2005) etc., discordam dessa perspectiva, devido a atual situação de interdependência entre indivíduo e sociedade, decorrente da pluralidade e diversidade do universo cultural contemporâneo.

A pertinência do meu estudo consiste na investigação acerca de uma modalidade bastante específica de socialização profissional, qual seja, a aprendizagem profissional. Além disso, lida com as formas de ser, agir e pensar de jovens que se encontram em uma fase decisiva, complexa e incerta no que diz respeito às suas escolhas pessoais (e, especificamente, profissionais) e sobre seus planos futuros.

Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa consistiu em investigar em que medida a experiência de aprendizagem profissional é relevante para as escolhas e projetos profissionais dos jovens aprendizes. Por experiência de aprendizagem me refiro às duas esferas que compõem o processo, quais sejam: a formação teórica na instituição formadora e a prática de trabalho na empresa.

Como objetivos específicos busquei: 1) compreender como se dá o processo de socialização profissional vivenciada nos cursos de aprendizagem profissional; 2) investigar o quanto os grandes universos de socialização (família, escola e trabalho) influenciam as escolhas e projetos profissionais dos jovens aprendizes; e 3) identificar em que medida a experiência de aprendizagem fortalece ou não a identidade profissional.

A Tese está dividida em cinco capítulos. O primeiro consiste na discussão teórica que sustenta minha investigação, dividido em três eixos principais que estruturam minha pesquisa, quais sejam: a socialização profissional, a identidade profissional e a trajetória individual. Apresento os principais teóricos que são referências nesses debates, dando ênfase aos autores que escolhi para a reflexão sobre o meu objeto de estudo, quais sejam: Claude Dubar (2005, 2009), François Dubet (1996, 1998), Bernard Lahire (1997, 1998, 2004), Pierre Bourdieu (1987, 1990, 2003) e Gilberto Velho (2001, 2003, 2005, 2006).

O objetivo do capítulo II é apresentar e discutir os propósitos e princípios da Lei da Aprendizagem (Lei n° 10.097/2000) e, a partir dos resultados de estudos anteriores (SILVA FILHO, 2011; 2014) e dos dados da presente pesquisa, contrastar a legislação com o que, de fato, ocorre na realidade da aprendizagem profissional no Brasil. É também nesse capítulo que apresento os Programas de Aprendizagem investigados, atentando para o que há em comum e as especificidades das formas como esses Programas estruturam seus cursos de aprendizagem,

o que será fundamental para minha análise acerca da relação entre a experiência na empresa, a constituição da identidade profissional e os projetos futuros dos jovens aprendizes.

No terceiro capítulo me debruço sobre as questões metodológicas, começando por justificar minhas escolhas quanto aos métodos e técnicas utilizados. Em seguida, dedico-me à descrição densa sobre a pesquisa de campo, desde a primeira ida a campo até a realização das etapas de pesquisa, além da apresentação dos contextos das aplicações do questionário, os critérios de escolha dos entrevistados e a realização das entrevistas, apresentando separadamente as duas instituições formadoras selecionadas. Destaco que esse capítulo será predominantemente descritivo, pois nos capítulos IV e V realizarei uma análise mais aprofundada dos resultados.

No quarto capítulo apresento os resultados da análise das respostas dos aprendizes das turmas investigadas ao questionário, com o intuito de construir um perfil socioeconômico dos aprendizes das instituições formadoras (CIEE-PE e SENAI-PE). Isso porque para os propósitos dessa pesquisa, tais dados são fundamentais para compreender de forma mais detalhada a configuração familiar e as trajetórias escolar e profissional dos jovens. Esse capítulo tem caráter predominantemente quantitativo e descritivo, embora eu realize uma análise qualitativa dos dados.

No capítulo V exponho os resultados de cada uma das 15 entrevistas realizadas no primeiro momento e das posteriores 10 entrevistas com os(as) mesmos jovens aprendizes das instituições formadoras selecionadas. O capítulo tem o objetivo de condensar o que de mais significativo se apresentou nas entrevistas, tendo como foco os aspectos ligados às questões que guiaram minha pesquisa, referentes à socialização, à identidade profissional e à trajetória individual dos(as) jovens aprendizes. Seleciono os temas mais recorrentes e mais relevantes que apareceram nas falas dos(as) entrevistados(as), ou seja, apresento, dentro da perspectiva metodológica da *análise de conteúdo*, as unidades de significação, no sentido de descrever ideias, práticas, comportamentos, perspectivas, atitudes e valores dos jovens entrevistados, a fim de indicar respostas para as perguntas que propus, tendo sempre como foco os objetivos da presente pesquisa.

2 SOCIALIZAÇÃO, CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E TRAJETÓRIA INDIVIDUAL: elementos de um debate teórico

> "Não importa se só tocam o primeiro acorde da canção. A gente escreve o resto e o resto é resto, é falsificação, sangue falso, bangue-bangue italiano, *swing* falso, turista americano. Livres desta estória, a nossa trajetória não precisa explicação e não tem explicação. Somos um exército, o exército de um homem só no difícil exercício de viver em paz. Somos um exército, o exército de um homem só. Sem bandeira, sem fronteiras pra defender, pra defender. Não interessa o que o bom senso diz, não interessa o que diz o rei. Se o jogo não há juiz não há jogada fora da lei. Não interessa o que diz o ditado, não interessa o que o Estado diz. Nós falamos outra língua, moramos em outro país" (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1990).

Este capítulo consiste na discussão teórica que sustentou minha investigação, com ênfase nos seguintes autores: Claude Dubar (2005, 2009), François Dubet (1996, 1998), Bernard Lahire (1997, 1998, 2004), Pierre Bourdieu (1987, 1990, 2003) e Gilberto Velho (2001, 2003, 2005, 2006).

Optei por estes autores por serem referências nos debates sobre os em três eixos principais que estruturaram minha investigação: a socialização profissional, a identidade profissional e a trajetória individual.

2.1 TRABALHO, SUBJETIVIDADE E JUVENTUDE: a situação dos jovens diante do "abalo da sociedade salarial"

> [...] O trabalho continua sendo uma referência não só economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente dominante, como provam as reações dos que não o têm. É certo que profundas transformações estão em curso na relação que os sujeitos sociais, e sobretudo os jovens, mantêm com o trabalho (CASTEL, 2005).

Desde meados da década de 1970, o mundo do trabalho vem passando por uma situação bastante crítica, decorrente das intensas mudanças que aconteceram nesse período, as quais provocaram consequências significativas no interior da esfera do trabalho.

Essa situação – nas palavras de Antunes (2011), uma "crise estrutural do capital" – afetou tanto a *materialidade* (sua forma de ser) quanto a *subjetividade* (valores e ideário, por exemplo) da classe trabalhadora, atingindo, devido ao caráter mundializado do capital, tanto países do chamado Terceiro Mundo quanto as economias capitalistas centrais.

Seguindo essa perspectiva, Dahan-Seltzer (2008, p. 25) discute o contexto de crise no qual se inserem atores e empresas. Segundo a autora, "a maior parte dos sociólogos concorda sobre o fato de que a sociedade está em crise, que há uma crise dos modelos de identificação, outra do vínculo social e ainda uma outra crise das instituições e da socialização".

Nessa direção, acredito ser de fundamental importância retomar o seguinte questionamento de Antunes (2011, p. 183): “quais são as consequências mais importantes dessas transformações no processo de produção e de trabalho, e como afetam o mundo do trabalho?”.

Conforme Castel (2005, p. 513), “quaisquer que possam ser as ‘causas’, o abalo que afeta a sociedade no início dos anos 70 manifesta-se de fato, em primeiro lugar, através da transformação da problemática do emprego”. Para o autor, a questão social, manifesta-se hoje a partir do enfraquecimento da condição salarial – o que chama de “abalo da sociedade salarial” –, diante da transformação profunda na conjuntura do emprego:

> [...] o desemprego é apenas a manifestação mais visível de uma transformação profunda da conjuntura do emprego. A *precarização* do trabalho constitui-lhe uma outra característica, menos espetacular porém ainda mais importante, sem dúvida. O contrato de trabalho por tempo indeterminado está em via de perder sua hegemonia (CASTEL, 2005, p. 514, grifo do autor).

Como consequência, surgem o que Castel denomina de “formas particulares de emprego”, tais como: contrato de trabalho por tempo determinado, interinidade, trabalho de tempo parcial e os “empregos ajudados” (aqueles mantidos pelos poderes públicos em combate ao desemprego). Como apresentarei mais adiante nesta Tese, o instituto da aprendizagem profissional, regulamentado pela Lei n. 10.097/2000, é um exemplo dessas “formas particulares de emprego” no atual modelo de acumulação “flexível”.

Diante disso, vivemos:

> [...] em plena era do toyotismo, da acumulação flexível, das desregulamentações, das terceirizações, das precarizações, do desemprego estrutural, da desmontagem do *welfare state*, do culto do mercado, da sociedade destrutiva dos consumos materiais e simbólicos, enfim, da (des)sociabilização radical dos nossos dias (ANTUNES, 2011, p. 112).

Essa “(des)sociabilização” traz consequências negativas para a classe trabalhadora, isso porque:

> [...] o *direito ao trabalho* é uma reivindicação necessária *não porque se preze e se cultue o trabalho assalariado, heterodeterminado, estranhado e fetichizado* (que deve ser radicalmente eliminado com o fim do capital), mas porque estar *fora do trabalho*, no universo do capitalismo vigente, particularmente para a massa de trabalhadores (que totalizam mais que dois terços da humanidade) que vivem no chamado Terceiro Mundo, desprovidos *completamente* de instrumentos verdadeiros de seguridade social, significa uma *desefetivação, desrealização e brutalização* ainda maiores que as já

> vivenciadas pela *classe-que-vive-do-trabalho*[3] (ANTUNES, 2011, p. 114, grifos do autor).

Castel (2005, p. 24) compartilha desse ponto de vista ao utilizar a noção de *desfiliação* – a qual prefere em vez de exclusão, por considerar este último como estanque, pois se refere a estados de privação:

> [...] a ausência de participação em qualquer atividade produtiva e o isolamento relacional conjugam seus efeitos negativos para produzir a exclusão, ou melhor, como vou tentar mostrar, a desfiliação. A vulnerabilidade social é uma zona intermediária, instável, que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade.

Para além da questão semântica, a noção de *desfiliação* de Castel diz respeito não apenas à ausência de vínculos, mas também à ausência de inscrição em estruturas portadoras de um sentido. Os resultados das análises das respostas ao questionário e das falas dos jovens entrevistados indicaram que o instituto da aprendizagem profissional, em muitos desses casos, é utilizado justamente no sentido de superar essa situação de *desfiliação* decorrente da ausência de participação em uma atividade produtiva, como abordarei com mais detalhes nos capítulos IV e V.

Para Castel (2005, p. 526), a questão social do século XIX era a questão do pauperismo, enquanto que a "nova questão social" é a da "exclusão" (ou *desfiliação*, como prefere denominar). O autor destaca três pontos acerca da "nova questão social", considerada da perspectiva do trabalho, quais sejam: 1) a *desestabilização* dos estáveis; 2) a *instalação na precariedade*; e 3) *um déficit de lugares* ocupáveis na estrutura social. Em suma, a problemática atual consiste em dois processos simultâneos, quais sejam: a constituição de uma "periferia precária" e da "desestabilização dos estáveis".

É nesse sentido da desestabilização que surge a noção de *flexibilidade,* decorrente do contexto de mudança da empresa para responder às exigências do mercado (DAHAN-SELTZER, 2008).

Segundo Antunes (2011, p. 175, grifos do autor),

> [...] o sistema de metabolismo social do capital necessita cada vez *menos* do trabalho *estável* e cada vez *mais* das diversificadas formas de trabalho parcial ou *part time*, terceirizado, dos *trabalhadores hifenizados* de que falou

[3] Antunes (1999) apresenta o conceito de *classe-que-vive-do-trabalho* para realizar uma releitura contemporânea do conceito marxiano de classe trabalhadora. Este novo conceito não se restringe apenas ao trabalho manual direto, mas insere também aqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos. Tal conceito também engloba os trabalhadores improdutivos.

> Huw Beynon[4], que se encontram em explosiva expansão em todo o mundo produtivo e de serviços.

Ocorreram mudanças em benefício da flexibilidade e de uma responsabilização individual mais acentuada. A ideia de flexibilidade é uma forma de nomear a necessidade de ajustamento do trabalhador moderno à sua tarefa (CASTEL, 2005).

Diante disso, existem dois tipos de *flexibilidade* por parte da empresa: a flexibilidade externa (a empresa pode recorrer à subcontratação) e a flexibilidade interna (treinar seu pessoal para a flexibilidade e para a polivalência a fim de lhe permitir enfrentar toda a gama das novas situações) (CASTEL, 2005). A aprendizagem profissional se enquadra no segundo tipo de flexibilidade, o que se ilustra na própria definição do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE): "a aprendizagem [...] permite às empresas formarem mão-de-obra qualificada, cada vez mais necessária em um cenário econômico em permanente evolução tecnológica" (2014, p. 11). Aprofundarei esse ponto no capítulo seguinte.

Nesse sentido, a empresa funciona como uma máquina de vulnerabilizar ou de "excluir". Nas palavras de Antunes (2011), o sistema de metabolismo do capital converte o "tempo livre" em tempo de consumo para o próprio capital, obrigando o indivíduo a "capacitar-se" para melhor "competir" no mercado de trabalho, o que se denomina como "empregabilidade". Para Dubar (2009, p. 136-137), a empregabilidade consiste em:

> [...] manter-se em estado de competência, de competitividade no mercado (como a gente se mantém em "boa forma" física) para poder ser, talvez, contratado um dia para uma "missão" precisa e limitada, uma "prestação" determinada. São palavras novas para uma relação, de fato, antiga: a do "profissional" e de seus clientes, a relação de serviço.

Isso porque:

> Não basta mais saber trabalhar, é preciso saber, tanto quanto, vender e se vender. Assim, os indivíduos são levados a definir, eles próprios, sua identidade profissional e a fazer com que seja reconhecida numa interação que mobiliza tanto um capital pessoal quanto uma competência técnica geral. Essa diluição dos enquadramentos coletivos e dos pontos de identificação que valem para todos não está limitada às situações de trabalho. O próprio ciclo de vida se torna flexível com o prolongamento de uma "pós-adolescência" frequentemente entregue à cultura do aleatório, às vicissitudes de uma vida profissional mais abrupta, e de uma vida pós-profissional que, amiúde, se estira de uma saída prematura do emprego até os confins sempre mais recuados da quarta idade. Uma espécie de *desinstitucionalização*, entendida como uma des-ligação em relação aos quadros objetivos que estruturam a existência dos sujeitos, atravessa o conjunto da vida social (CASTEL, 2005, p. 601-602).

---

[4] BEYNON, Huw. The changing practices of work. **International Centre fou Labour Studies:** Manchester, 1995.

Como consequência desse processo ocorre o crescimento de uma vulnerabilidade de massa, o que, para Castel (2005, p. 32), consiste no núcleo da questão social atual, pois novamente surgem diferentes categorias, denominadas pelo autor por termos como: "inempregáveis", "inúteis para o mundo", "supranumerários", "*no man's land social"*, "inutilidade", "não-forças sociais", os quais consistem em "pessoas e grupos que se tornaram supranumerários diante da atualização das competências econômicas e sociais".

A mesma constatação é feita por Antunes (2011, p. 181, grifos do autor):

> [...] pode-se constatar que a sociedade contemporânea presencia um cenário crítico, que atinge também os países capitalistas centrais. Paralelamente à globalização produtiva, a lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo *destrutivo* que tem gerado uma imensa *sociedade dos excluídos e dos precarizados,* que hoje atinge também os países do Norte.

Cabe ressaltar que boa parte desses indivíduos "supranumerários" ou "excluídos e precarizados" nos termos de Castel e Antunes, respectivamente, é formada por jovens. De acordo com Sennett (2008, p. 110-111), "flexibilidade equivale a juventude; rigidez, a idade". E acrescenta: "Do ponto de vista da instituição, a flexibilidade dos jovens os torna mais maleáveis tanto em termos de assumir riscos quanto de submissão imediata. Contudo, esse poderoso recado tem um significado mais pessoal para os trabalhadores, além dos preconceitos de poder".

Leccardi (2005, p. 48-49) identifica um processo de desinstitucionalização do curso da vida dos jovens, o que afeta a noção de "biografia normal", baseada em uma sucessão de "etapas" (conclusão dos estudos, inserção no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, constituição de uma família etc.), pois ocorre também a flexibilidade do ciclo de vida diante da "cultura do aleatório":

> As instituições sociais continuam a cadenciar os tempos do cotidiano, mas desapareceu sua capacidade de garantir aos sujeitos uma dimensão fundamental na construção da individualidade: o sentido da continuidade biográfica. Como já foi comentado, na sociedade do "risco mundial", uma trajetória socialmente normalizada em direção à idade adulta deixou de existir. O ponto de chegada dessa trajetória, por sua vez, é incerto, bem como os itinerários para alcançá-lo. A continuidade biográfica torna-se, assim, fruto da capacidade individual de construir e reconstruir, sempre de novo, molduras de sentido, narrativas sempre novas, a despeito da moldura temporal presentificada.

Como consequência ocorre uma situação de desmotivação e aumento da mobilidade-precariedade por parte dos jovens (CASTEL, 2005), o que os leva a buscarem formas de individuação e socialização em esferas isoladas do não-trabalho, como a atividade de

formação, por exemplo (ANTUNES, 2011, p. 175). Isso devido a uma "visão otimista da crise", a qual:

> [...] levou a pensar que, melhorando e multiplicando as qualificações, seria possível precaver-se contra a "não-empregabilidade". É verdade que, estatisticamente falando, as "baixas qualificações" fornecem os maiores contingentes de desempregados. Mas esta correlação não implica uma relação direta e necessária entre qualificação e emprego (CASTEL, 2005, p. 520).

Tal constatação é fundamental para a reflexão acerca da relação entre qualificação e "empregabilidade", pois Castel (2005) aponta um novo grave problema, qual seja, a possibilidade de *não-empregabilidade* dos qualificados. Isso ocorre porque a relação formação-emprego atual é distinta daquela do início do século: "[...] é ilusório deduzir daí que os não-empregados possam encontrar um emprego simplesmente pelo fato de uma elevação do nível de escolaridade" (CASTEL, 2005, p. 521). O autor chama a atenção para o risco de ocorrer uma elevação do nível de qualificação dos desempregados. Nesse sentido, apresentarei mais à frente nesse estudo o baixo índice dos jovens aprendizes entrevistados que foi posteriormente efetivado pelas empresas, o que aponta para uma elevação da qualificação desses jovens desempregados.

Para Sennett (2008, p. 9), a nova forma de trabalho, baseado em trabalhos a curto prazo, na execução de projetos e na flexibilidade, impede a formação do caráter. O autor busca compreender como a ética do capitalismo "flexível" afeta negativamente o ser humano, corroendo as relações e o caráter: "é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir".

Essa situação de incerteza quanto ao trabalho afeta significativamente a história de vida e a construção da identidade dos indivíduos. Daí a relevância da questão da trajetória individual, a qual será discutida no tópico 1.4 deste capítulo.

Nessa direção, Dubar (2009, p. 154) faz um questionamento importante:

> Cada um deverá mudar regularmente de atividade, de emprego, de competência, de rede? Que acontecerá então com sua identidade profissional, parte mais ou menos central de sua identidade pessoal? Será que se tornará, para a maioria, uma história imprevisível, incerta, incessantemente retomada? Será ela, para eles, uma série indefinida de crises a serem superadas, a serem geridas? Uma identidade de crise, tanto quanto uma identidade em crise?

Embora existam teses que defendam a "desaparição do trabalho"[5], diante do que expus até aqui, é possível perceber o quanto a esfera do trabalho ainda é central tanto no que diz respeito à materialidade quanto à subjetividade dos indivíduos: "[...] o desemprego é seguramente, hoje, o risco social mais grave, o que tem os efeitos desestabilizadores e dessocializantes mais desastrosos para os que o sofrem" (CASTEL, 2005, p. 584).

Castel (2005, p. 24) toma o trabalho como um "suporte privilegiado de inscrição na estrutura social", isto é, o trabalho funciona como principal fundamento das cidadanias *econômica* (que proporciona uma utilidade social) e *social* (como participação na produção para e da sociedade). No mesmo sentido, Antunes (2011, p. 112, grifos do autor) também destaca a importância do trabalho para o indivíduo:

> [...] *uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho*. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará *maculada* pela *desefetivação* que se dá no interior da vida laborativa.

A noção de sentido do trabalho, para Dubar (2009, p. 127):

> Chamo de "sentido do trabalho" o componente das identidades profissionais que concerne à relação com a situação de trabalho, ao mesmo tempo a atividade e as relações de trabalho, o auto-comprometimento com a atividade e o auto-reconhecimento pelos parceiros (notadamente os que julgam o resultado).

Diante disso, Sennett (2008, p. 27) levanta a seguinte questão:

> Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego.

Para o autor (2008, p. 140), "o problema que enfrentamos é como organizar as histórias de nossas vidas agora, num capitalismo que nos deixa à deriva". E já traz a resposta: "O dilema de como organizar uma narrativa de vida é em parte esclarecido sondando-se como, no capitalismo de hoje, as pessoas enfrentam o futuro".

---

[5] Segundo Antunes (2011, p. 174), "no pensamento contemporâneo, tornou-se (quase) lugar-comum falar em 'desaparição do trabalho' (Dominique Méda), em substituição da esfera do trabalho pela 'esfera comunicacional' (Habermas), em 'perda de centralidade da categoria trabalho' (Offe), ou ainda em 'fim do trabalho' (como Jeremy Rifkin, ou ainda na versão mais crítica à ordem do capital, como em Kurz), para citar as formulações mais expressivas".

Para se atingir o propósito de instaurar uma nova lógica societal, conforme Antunes (2011, p. 204), é imprescindível desenvolver uma crítica contemporânea e profunda à "(des)socialização da humanidade sob o capital".

Minha pesquisa pretende, em certo sentido, refletir sobre tais questões, seguindo a perspectiva de crítica a esse processo de (des)socialização. Alguns dos objetivos da minha pesquisa, como já indiquei, consiste em compreender como se dá o processo de socialização profissional vivenciada nos cursos de aprendizagem profissional e investigar a relevância da experiência de aprendizagem profissional para as escolhas e projetos profissionais de jovens aprendizes.

2.2 A SOCIALIZAÇÃO E O TRABALHO

No que se refere à reflexão sobre ao processo de socialização e, especificamente, à socialização profissional, Claude Dubar (1998, 2005, 2009, 2011, 2012) é um autor fundamental, pois concebe a socialização como um processo ontogenético, que consiste na introdução ampla e consistente do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. Dubar ressalta a relevância das instituições socializadoras, como família, escola, forças armadas, igrejas, grandes empresas etc. nesse processo.

Nesse sentido, Dubar (2005, p. 24, grifo do autor) define a socialização como:

> [...] um processo de identificação, de construção de **identidade**, ou seja, de pertencimento e de relação. Socializar-se é assumir seu pertencimento a grupos (de pertencimento ou de referência), ou seja, assumir pessoalmente suas atitudes, a ponto de elas guiarem amplamente sua conduta sem que a própria pessoa se dê conta disso.

Assim, para o autor, a identidade é produto das sucessivas socializações, pois se constrói na infância e é reconstruída ao longo da vida. O indivíduo não a constrói sozinho porque depende dos juízos dos outros e de suas próprias orientações e autodefinições, isto é, a identidade é construída e (re)construída, e não dada.

A conceitualização de Dubar não distingue a identidade individual da identidade coletiva, pois faz da identidade social uma articulação entre duas transações: uma "interna" ao indivíduo e uma "externa" entre o indivíduo e as instituições. Dubar (2005, p. 136, grifo do autor) usa como ponto de partida a noção de dualidade do social, constituída pela identidade para si e pela identidade para o outro:

> [...] a identidade nada mais é que *o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural,*

> *dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições*.

A relação entre esses dois processos de identificação é fundamental para a noção de *formas identitárias* concebida por Dubar (2009, p. 14): "estas constituem, portanto, sistemas de denominação, historicamente variáveis, que ligam identificação por e para Outrem e identificações por e para Si".

Outro autor que identifica a socialização como construção da identidade é Renaud Sainsaulieu (1977), o qual afirma que a identidade é a própria finalidade da socialização. Perder o emprego, hoje, conduz quase automaticamente a uma forte crise de identidade não só por parte dos desempregados, mas também seus filhos e cônjuges, como já discutido anteriormente.

Para Sainsaulieu (1977), a identidade consiste no resultado do seu jogo de relações com outros indivíduos. É através das relações cotidianas no trabalho que o indivíduo age em busca de reconhecimento dos outros e obtém um tipo próprio de racionalidade e identidade. Ou seja, o reconhecimento tem papel central na construção da identidade do indivíduo, a qual ocorre por meio das suas interações sociais, de forma dinâmica. Diante disso, a noção de identidade diz respeito à luta pelo reconhecimento de si e a atribuição de sentido à sua experiência. A identidade no trabalho se realiza também nos planos cognitivo e afetivo.

O local de trabalho é um espaço de socialização fundamental, pois modela comportamentos e atitudes, produzindo, consequentemente, identidades social e profissional. Para Sainsaulieu, são três identificações que os indivíduos podem assumir na organização: 1) ao trabalho que realiza; 2) com a empresa; e 3) com uma trajetória.

Diante disso, identifico um diálogo entre Sainsaulieu e Dubar. Porém, vale ressaltar, que Dubar compartilha a perspectiva da unidade entre indivíduo e sociedade da sociologia clássica, embora reconheça o surgimento de novas formas de individualidades decorrentes das transformações na organização econômica, política e simbólica das relações sociais.

Diante da emergência de uma nova ordem sociocultural, houve uma maior circularidade de experiências e referências identitárias (SETTON, 2005). Este novo universo cultural plural e diversificado requer a busca de contribuições que deem conta da interdependência entre indivíduo e sociedade e da especificidade cultural moderna.

Nessa direção, Abrantes (2011a, p. 130), afirma ser um equívoco conceber a socialização como uma imposição da sociedade sobre o indivíduo. O autor chama essa perspectiva de "uma colonização das almas":

> [...] o princípio funcionalista (Durkheim, 1973; Parsons & Bales, 1955) de que a socialização corresponde à transmissão de pautas de comportamentos e valores das gerações mais velhas às mais novas corresponde a uma situação típica de sociedades tradicionais, em que a idade é *per si* uma fonte de poder. Na sociedade contemporânea, em que a mudança ocorre a grande velocidade e a infância, a juventude, a democracia e a inovação são valores importantes, estas relações são mais complexas.

Abrantes (2011b, p. 174) não se restringe a criticar a concepção clássica, pois amplia o conceito de socialização para além das concepções da construção da identidade e como produto de socializações sucessivas, apresentando a noção de socialização como transação: "La noción de socialización como transacción también es útil, sobre todo al no encerrar la formación de la identidad en la infancia y adolescencia, prolongándolo a lo largo de la vida". A concepção de Abrantes é dialética, pois se baseia numa relação entre organismos biológicos e contextos socioculturais, em que os indivíduos produzem a sociedade e são produzidos por ela. Diante disso, define socialização como um:

> [...] *processo de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projetos identitários-biográficos, numa dialética entre organismos biológicos e contextos socioculturais*. Desta forma, os indivíduos vão produzindo a sociedade e sendo produzidos por ela (ABRANTES, 2011a, p. 135, grifos do autor).

Conforme o autor (2011a, p. 132), focar a relação entre socialização e identidade é pertinente, contudo, chama a atenção para um duplo reducionismo decorrente dessa perspectiva:

> [...] esta perspectiva corre o risco de desvirtuar o conceito de socialização, através de um duplo reducionismo: nem a socialização é apenas construção das identidades, implicando o desenvolvimento de disposições, linguagens, competências [...]; nem as identidades são apenas o produto de sucessivas socializações (incluindo também fatores genéticos e condições materiais). Esta dupla redução está vinculada a um aparelho metodológico de recolha de dados, baseado em entrevistas biográficas a adultos, geralmente em países ou classes socialmente favorecidos. Além disso, ao atender às narrativas biográficas, não se deve olvidar que os indivíduos percorrerem trajetos objetivos no espaço social. Assim, defendemos que a construção identitária é uma dimensão importante do processo de socialização, sobretudo nas sociedades modernas, mas não a única.

Abrantes destaca que a socialização, a formação da identidade e a mudança social são processos entrelaçados sendo difícil compreendê-los separadamente. Para o autor, a identidade não é pura consequência da socialização – ao contrário do que defende Dubar –, nem esta é o resultado direto da mudança social. Há uma relação dialética entre eles, pois também as identidades construídas pelo sujeito reorganizam reflexivamente suas experiências

passadas, além disso, definem seu possível "campo de aprendizagem" e participam nos processos de mudança social.

Bourdieu construiu uma teoria que relaciona socialização, identidade e mudança social a partir do conceito de *habitus*. Segundo Abrantes (2011b, p. 169), essa noção é útil, pois:

> [...] si concebimos este sistema interno de sentir, racionalizar y reaccionar en el mundo como resultado de la incorporación de una sucesión de experiencias sociales (y relaciones de poder) vividas a lo largo de una trayectoria social —como presenta Bourdieu en sus obras principales— y no solamente como resultado directo de un origen social (materializado en la socialización primaria) o de un lugar de clase (objetivado por la posición presente en el campo socio-profesional), como pretenden algunas interpretaciones más superfciales de su obra.

Em outras palavras, Abrantes defende uma visão mais ampla do conceito de socialização.

Outros autores fundamentais para a análise sobre os processos de socialização profissional e de construção das identidades profissionais na atualidade são François Dubet (1996, 1998, 2001, 2004, 2012) e Bernard Lahire (1997, 1998, 2004, 2006, 2015).

Dubet (1996, 1998) constrói seu arcabouço teórico tomando como ponto de partida uma crítica à sociologia clássica (Durkheim e Parsons, principalmente), a qual concebe o ator individual como definido pela interiorização do social, isto é, há um vínculo de inclusão entre ator e sistema, baseada na ideia de identificação do ator com o sistema, concebendo a sociedade como um organismo "natural".

Em resposta a essa concepção, Dubet (1996, p. 15, grifo do autor) traz a noção de experiência, a qual "[...] *designa as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade*".

A noção de experiência evidencia três características essenciais, quais sejam: 1) a heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organizam as condutas; 2) a distância subjetiva que os indivíduos mantêm em relação ao sistema; e 3) a construção da experiência coletiva substitui a noção de alienação no centro da análise sociológica.

Para o autor, não existe uma socialização total, pois ocorre a separação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade de seu papel. A experiência do indivíduo está inscrita em registros múltiplos e não congruentes.

As instituições sociais, na sociedade industrial, estão perdendo a capacidade de definir subjetividades, daí que o indivíduo não seja totalmente socializado, pois a experiência social é algo inconcluso. O conjunto social atual – mudanças nos valores e condutas na nova

configuração social – decompõe a imagem clássica dos papéis, da ação e da subjetividade, daí Dubet trazer a noção de *experiência social*. Nesse contexto, a identidade dos indivíduos deixa de assentar sobre qualquer princípio fulcral, pois o princípio passa a ser a experiência "autêntica" do sujeito, vivida como a expressão de uma personalidade.

Nessa perspectiva, o Eu é tido como um trabalho que o ator exerce sobre si mesmo, como uma atividade e como uma subjetividade. O sujeito aparece menos como uma essência que como um trabalho (*face work*). A distância construída deste modo, muito mais do que a adesão aos valores de um outrem generalizado, é o que constitui a subjetividade. Cada objeto da experiência é sucessivamente percebido a partir destes três pontos de vista, quais sejam: integração, estratégia e definição do sujeito.

Isto porque, atualmente, ator e sistema se separam, pois os atores não atuam mais conforme uma lógica única e determinada, isto é, não há uma identificação total entre ator e sistema. O indivíduo possui a capacidade de iniciativa e escolha. O indivíduo faz escolhas em função de oportunidades que se oferecem[6]. Nesse sentido, os jovens participam de todas as condutas, mas nenhuma os define totalmente. A experiência deles não tem centro: "eles oscilam de uma conduta para outra ao sabor das circunstâncias e das oportunidades, como se não fossem sustentados por orientações autônomas, mas levados pelas circunstâncias" (DUBET, 1996, p. 195). Essa concepção é de extrema importância para a análise das escolhas profissionais dos aprendizes, como mostrarei mais à frente nesse estudo, pois os dados que construí através do questionário e entrevistas apontam para trajetórias de jovens que foram "levados pelas circunstâncias", não se constituindo, necessariamente, em uma escolha o fato de participarem do Programa de aprendizagem, mas sim aproveitarem como uma oportunidade que se ofereceu.

Nesse sentido, outro autor que concede peso maior às experiências do indivíduo é Bernard Lahire, o qual estuda o indivíduo como uma construção singular do social, por meio de diferentes contextos de socialização, incorporando distintas formas de agir, crer e sentir que são os produtos de suas experiências socializadoras múltiplas. Nesse sentido, os atores são *multisocializados* e *multideterminados*.

Lahire se afasta da análise macroscópica e se interessa pelas complexidades disposicionais e pelas variações interindividuais ou intra-individuais de indivíduos socialmente situados, mudando a escala da contextualização do grupo social para o indivíduo mais singular:

---

[6] Aqui identifico um diálogo com a noção *campo de possibilidades* de Velho (2003), a qual apresentarei mais à frente nesse texto.

> Quando temos necessidade de compreender as "razões" pelas quais tal indivíduo particular agiu do modo como fez, não podemos mais nos contentar em recorrer apenas às grandes determinações de grupo, classe ou campo. A investigação exige então que o conjunto dos espaços de modelagem social (familial, escolar, profissional, cultural, político, religioso, esportivo, etc.) por que o indivíduo passou sejam levados em conta (LAHIRE, 2013, p. 24).

Lahire propõe uma teoria do ator[7] plural, onde o ator não é socializado por uma única forma geradora ou princípio único de todas as práticas, diferentemente do pensamento bourdiesiano. Há, na realidade, uma pluralidade de mundos sociais com distintos e até contraditórios princípios de socialização. Os esquemas de ação consistem em sínteses de experiências sociais constituídas e incorporadas em uma socialização passada, em diferentes contextos.

O autor compartilha com Dubet a concepção de heterogeneidade de experiências socializadoras, pois acredita que estas experiências não são sistematicamente coerentes, homogêneas e compatíveis.

A posição sociológica de Lahire sofre influência principal da teoria da prática e do *habitus* de Pierre Bourdieu (2007). Diante disso, o autor aponta que sua obra convida a pensar "com e contra" Bourdieu, realizando uma releitura crítica do trabalho deste último.

De acordo com a teoria bourdieusiana, existe um único princípio gerador aplicável e transferível para os diferentes contextos de socialização do indivíduo. Lahire, por sua vez, pensa que o mais adequado seria falar em disposições e não em sistema de disposições (uma crítica à noção de *habitus* de Bourdieu) e em princípios geradores (e não um único princípio gerador).

> Lahire afirma que entre a família, a escola, os amigos e/ou as múltiplas instituições culturais com quem ou em que a criança e o jovem são levados a conviver, apresentam-se situações heterogêneas, concorrentes e às vezes contraditórias, no que se refere aos princípios da socialização (SETTON, 2005, p. 344).

Para Lahire, é preciso acentuar o fato de que os atores não são todos feitos no mesmo molde. As teses da unicidade e da homogeneidade (da cultura ou do ator) não têm evidência alguma. Lahire questiona como é possível interiorizar (incorporar) uma "estrutura social" na forma de "estruturas mentais". Conforme o autor, os indivíduos, na verdade, não incorporam "estruturas sociais", mas hábitos corporais, cognitivos, avaliadores, apreciativos etc., ou seja,

[7] Em relação ao uso do termo "ator", Lahire ressalta seu objetivo de usar uma rede relativamente coerente de termos, tais quais: "ator", "ação", "ato", "atividade", "atuar", "reatuar".

esquemas de ação, formas de fazer, pensar, sentir e dizer adaptadas a específicos contextos sociais e, por isso, não concorda com a concepção clássica.

É possível distinguir duas grandes tendências entre as teorias da ação e do ator, quais sejam: 1) os modelos que consideram determinante e decisivo o passado do ator (especificamente todas as primeiras experiências da primeira infância), onde as experiências passadas estão no princípio das ações futuras; e 2) os modelos que não se preocupam com o passado dos atores, onde estes não possuem passado, guiados apenas pela lógica da situação presente.

Diante disso, Lahire posiciona sua reflexão científica, qual seja, tratar teoricamente a questão do passado incorporado, das experiências socializadoras anteriores, sem deixar de lado ou anular o papel do presente. Se os atores são plurais, o "presente" tem peso maior na explicação dos comportamentos, práticas ou condutas. A situação presente desempenha papel central na reativação de parte das experiências passadas incorporadas. Mesmo que a situação em si nada explique, ela é responsável por abrir ou deixar fechados, despertar ou deixar em estado de vigília, mobilizar ou não os hábitos incorporados pelos atores.

Os momentos de rupturas biográficas e identitárias (como divórcio, separação, morte etc.), grandes momentos no ciclo de vida (adolescência, aposentadoria etc.) são circunstâncias favoráveis para aparecer leituras deste tipo. Os "choques biográficos" implicam que o ator reconstrua seu passado a partir de sua nova visão de mundo. Como destaca Lahire (2004), é importante dar a palavra aos momentos de "rupturas biográficas", de mudanças ou modificações nas trajetórias porque nesses momentos as disposições podem entrar em crise ou ser reativadas, deixando o estado de vigília. Passeron (1991) chama isso de "nós" ou "bifurcações". Nesse sentido, Abrantes (2011b, p. 171-172) relaciona, nos casos de Bolívar e Juárez, o falecimento precoce dos pais como fundamental para a abertura de sua socialização primária. Destaca também as mudanças geográficas na juventude.

> Esta breve incursión en la socialización de los tres personajes [quais?] nos permite observar cómo la formación del *habitus*, sin dejar de ser marcada por el origen social de los individuos, es principalmente de sus trayectos de movilidad social (y geográfca), moldados por cambios sociales (en particular, generando movimientos educativos novedosos), sucesos biográfcos (más o menos, inesperados) y, a partir de cierta edad, estrategias de (re)construcción de la identidade.

Como o autor a define, a *tradição disposicionalista* leva em consideração o passado incorporado dos atores individuais para analisar as práticas ou comportamentos sociais, utilizando-se de noções como disposição, inclinação, propensão, hábito ou tendência, e apresenta-se como uma alternativa teórica para minha pesquisa. Esta tradição procura

desvelar as disposições que orientam as ações dos indivíduos em diferentes contextos sociais. Apreender *o* ou *os* princípios que geram as diferentes práticas.

Uma *disposição* corresponde a "[...] uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões etc." (LAHIRE, 2004, p. 27). A noção de disposição consiste em um produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada.

> A ação (a prática, o comportamento...) é sempre o ponto de encontro das experiências passadas individuais que foram incorporadas sob forma de esquemas de ação[8] (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de avaliação, de apreciação, etc.), de hábitos, de maneiras (de ver, de sentir, de dizer e de fazer) e de uma situação social presente. Diante de cada situação "nova" que se apresenta a ele, o ator agirá "mobilizando" (sem necessária consciência dessa mobilização) esquemas incorporados chamados pela situação (LAHIRE, 2004, p. 69).

Na tentativa de apreensão dos princípios geradores, Lahire (1997) destaca o caráter experimental de seu procedimento metodológico e afirma ter consciência dos limites de validade e do seu campo de pertinência. O autor deixa claro que não pretende que a compreensão de configurações sociais singulares permita uma aproximação com a complexidade do real, isso porque, segundo ele, consiste em um nível de análise de um ponto de vista particular a respeito da realidade: "[...] nossa única ambição é mostrar que é possível, de maneira totalmente experimental, e com um número pequeno de casos, pensar sociologicamente casos particulares, em sua ordem de complexidade específica" (LAHIRE, 1997, p. 42).

Em suma, optei pela sociologia contextual-disposicionalista como um dos caminhos teóricos desse estudo porque a complexidade da experiência social, em diálogo com Dubet, implica reconhecer a sociedade como construída pelas práticas dos indivíduos, por meio das relações sociais, das experiências sociais dos atores. Essa tradição procura levar em consideração o passado incorporado dos atores individuais, na análise das práticas ou comportamentos sociais, ou seja, evoca a socialização passada dos atores. Isso é fundamental para apreender as características disposicionais dos indivíduos, pois as experiências socializadoras passadas sedimentam e se convertem em formas mais ou menos duradouras de ver, sentir e agir. Interessante será observar como essa perspectiva se apresenta quando pensamos as identidades social e profissional.

---

[8] Jean Piaget definia "esquemas de ação" como aquilo que existe de comum às distintas repetições ou aplicações da mesma ação.

2.3 AS IDENTIDADES SOCIAL E PROFISSIONAL

> A construção da identidade é problema universal da sociedade (VELHO, 2004).
>
> Por ter se tornado um bem raro, o **emprego** condiciona a construção das identidades sociais (DUBAR, 2005).

A abordagem sociológica das identidades busca elucidar as formas de identificação socialmente pertinentes em uma esfera de ação determinada. "É pelo fato de as identidades 'atribuídas' não serem as únicas e os mecanismos de identificação serem cada vez mais complexos que a identidade pessoal se torna um desafio social e sociológico" (DUBAR, 2009, p. 236).

Dubar (2005, p. 135) denomina essas formas de identificação como "formas identitárias" (termo preferido pelo autor no lugar de "identidade"), a qual articula dois sentidos dos termos "socialização" e "identidade": a socialização "relacional" – socialização das atividades, em interação em um contexto de ação – e a socialização "biográfica" – socialização dos indivíduos, as identidades "para si" –, sendo que a identidade para si e identidade para o outro são inseparáveis e ligadas de maneira problemática.

> Essas formas identitárias podem ser interpretadas a partir de modos de articulação entre transação objetiva e transação subjetiva, como resultados de compromissos "internos" entre identidade herdada e identidade visada mas também de negociações "externas" entre identidade atribuída por outrem e identidade incorporada por si (DUBAR, 2005, p. 323-324).

Dubar traz as noções de atos de atribuição (*identidade para o outro*) e atos de pertencimento (*identidade para si*). A *identidade para si* é herdada das origens do indivíduo e projetada em um futuro inapreensível, enquanto que a *identidade para o outro* é atribuída com base na atividade profissional e nos *status* oficiais (a divisão do Eu como expressão subjetiva da dualidade social).

Nesse aspecto, podemos identificar que a concepção de identidade social (*identidade para si* e *para o outro*) de Dubar sofre influência do pensamento de Georg Mead (1963), pois ratifica que o reconhecimento de si mesmo necessita do reconhecimento do "outro". Aqui se apresenta o debate acerca da relação entre o "eu" e o "outro", onde diante da tensão *Eu-Mim* (MEAD, 1963) não é possível conceber a identidade como algo estático ("multiplicidade identitária").

Diante dessa concepção, é possível constatar que ao mesmo tempo em que afirma haver uma "crise das identidades", Dubar defende o papel significativo das instituições (do "outro") na constituição da identidade social.

Dubar ressalta a possibilidade de conflitos ou desacordos entre instituição e indivíduo, o que de certa forma o afasta da perspectiva clássica, na qual o indivíduo é moldado pelas instituições (a personalidade está por trás do "papel", pois o ator individual se define pela interiorização do social).

Apesar das críticas que sofre nesse sentido, Dubar (2005, p. 143) afirma que nenhuma instância simbólica reguladora pode assegurar a necessária continuidade entre as identidades: "[...] a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto não podemos prescindir dos outros para forjar nossa própria identidade". A citação a seguir é fundamental para ilustrar a ruptura e ao mesmo tempo continuidade em relação à concepção da sociologia clássica:

> No primeiro caso, há uma instituição que legitima a identidade visada pelo indivíduo: seja a empresa ou a organização profissional que estão na base de seu modelo identitário ou de competência, seja a instituição escolar ou o organismo de formação que estão na base do diploma possuído ou dos saberes adquiridos. No segundo caso as pretensões ao reconhecimento não são alcançadas: o futuro da instituição não coincide com o futuro do indivíduo seja ele construído em continuidade a seu passado, seja construído em ruptura com ele. Em termos interacionistas, o reconhecimento é o produto de interações positivas entre o indivíduo que visa sua identidade "real" e o outro significativo que lhe confere sua identidade "virtual"; o não-reconhecimento resulta, ao contrário, de interações conflituosas, de desacordos entre identidades "virtuais" e "reais" (DUBAR, 2005, p. 324).

Perante a situação de instabilidade ou "deriva", um ingresso dos jovens comumente marcado pela precariedade, baixos salários e falta de qualquer perspectiva de carreira atualmente, ressaltada no tópico anterior, segundo Dubar (2012, p. 353), muitas pessoas "não veem o trabalho que desenvolvem ou o emprego que ocupam como uma boa definição de si mesmos".

No entanto, as atividades que possibilitam uma identificação positiva são: escolhidas (ou assim entendidas), autônomas e abertas para carreiras (DUBAR, 2012). Tais atividades não se resumem à questão econômica, mas possuem uma dimensão simbólica relacionada à realização de si e reconhecimento social. Garantem também uma continuidade de trajetória.

Dubar (2012, p. 355) ressalta que, embora experimentem a precariedade, os jovens procuram por "bons empregos", devido ao que chama de "imperativo de profissionalização":

> Ainda que uma grande proporção de jovens experimente a precariedade e a desqualificação quando de sua inserção profissional, eles procuram "bons empregos", isto é, "ofícios" (OSTY, 2003) que lhes agradem, nos quais possam ser reconhecidos e que lhes abram perspectivas de futuro. Esse imperativo de profissionalização agrupa, portanto, dois fenômenos diferentes que é preciso distinguir bem sociologicamente: a injunção dos dirigentes no "profissionalismo" e a aspiração dos assalariados à "profissionalidade", isto é, ao acesso a um verdadeiro ofício reconhecido (DUBAR, TRIPIER, BOUSSARD, 2011). Apoiando-se nesse duplo registro – injunção dos

> empregadores e aspiração dos assalariados – construiu-se uma norma coletiva dirigida principalmente aos jovens: construir a própria identidade profissional mediante o percurso de atividades. O fato de muitos não conseguirem e não terem acesso ao reconhecimento que esperavam constitui um dos elementos mais preocupantes de uma crise de identidades particularmente dolorosa (DUBAR, 2011).

A questão do reconhecimento é bastante recorrente nas respostas ao questionário e nas falas dos aprendizes entrevistados, como mostrarei nos capítulos IV e V. A teoria dos capitais desenvolvida por Bourdieu (1987, 1990, 2003, 2006, 2013) se mostrou fundamental para tal reflexão e análise.

O conceito de *capital* é utilizado por Bourdieu (1987, 2004) em seus estudos sobre as desigualdades escolares. Para Bourdieu, a origem social dos alunos acarreta desigualdades escolares. O autor se refere ao termo *capital* não somente em sua forma econômica, mas amplia seu sentido ao se referir a sua forma cultural e social.

Bourdieu (1987) concebe o espaço social como um campo de lutas entre indivíduos e grupos, os quais se utilizam de estratégias para manter ou melhorar sua posição social. Tais estratégias se relacionam com tipos distintos de *capital*. Nesse sentido, o mundo social consiste num espaço "multi-dimensional" construído por meio da identificação de poderes sociais de diferenciação, quais sejam: a) o *capital econômico* (renda, salários, imóveis); b) o *capital cultural* (capital informacional, ou seja, saberes e conhecimentos reconhecidos através de diplomas e títulos); c) o *capital social* (contatos e participação em grupos); e d) o *capital simbólico* (prestígio, honra, autoridade). O autor realiza, então, uma "análise das espécies de capital".

A expressão *capital cultural* foi criada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade, embora se equivale e destaque de outros recursos, como os recursos econômicos. Bourdieu aponta a importância da cultura na formação e na luta de classe. Essa espécie de capital diz respeito à posse de certas informações, gostos e atividades culturais.

A dimensão cultural não está subordinada à dimensão socioeconômica, pois tal concepção considera a cultura como outra forma de poder, mesmo podendo estar relacionada com as demais.

Capital cultural e *capital social*, por exemplo, reforçam-se mutuamente, isso porque a cultura pode ser utilizada como mecanismo de mobilidade social, através de "deslocamentos verticais" e "deslocamentos transversais".

Segundo Bourdieu, o *capital cultural* (educação escolar, principalmente) consiste em um recurso tão útil quanto o *capital econômico* no que diz respeito à determinação e

reprodução das posições sociais. Na concepção bourdieusiana o *capital cultural* existe em três estados: *incorporado, objetivado* e *institucionalizado*.

Em seu estado *incorporado* (disposições duráveis no organismo), os principais elementos são os gostos, o domínio da língua culta e as informações sobre o mundo escolar. Sua acumulação ocorre através de um trabalho de inculcação e assimilação, através dos membros da família que possuem um forte *capital cultural*. Diante disso, sua internalização necessita de um investimento de longa duração, o que torna essa espécie de capital parte integrante do indivíduo, isto é, um *habitus*. E, consequentemente, não pode ser transmitido por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca (BOURDIEU, 2005).

O estado *objetivado* consiste na posse de bens culturais, como esculturas, pinturas, livros, dicionários etc. Por fim, o estado *institucionalizado* ou capital educacional, diz respeito aos títulos, diplomas e demais credenciais educacionais. Esse estado é essencial para a análise da passagem dos jovens pelos Programas de aprendizagem, como apresentarei no capítulo V desta Tese.

O *capital social*, por sua vez, diz respeito ao:

> [...] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, *à vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis (BOURDIEU, 2005, p. 67, grifos do autor).

Bourdieu aponta que há uma tendência para a transformação deste capital em *capital econômico* ou *cultural*. As possibilidades que os indivíduos têm de acumular ou reproduzir *capital social* estão ligados à posição que ocupam dentro do sistema de estratificação.

O autor indica três aspectos da noção de *capital social*: 1) os elementos constitutivos (as redes de relações sociais e a quantidade e qualidade de recursos do grupo). As redes de relações sociais são importantes, pois são relações baseadas em trocas materiais e simbólicas. Essas redes sociais (família, clube, escola etc.) proporcionam ao indivíduo um sentimento de pertencimento a um determinado grupo. O volume de *capital social* depende da extensão da rede de relações como do volume das diferentes formas de capital (econômico, cultural ou simbólico); 2) os benefícios conseguidos pelos indivíduos por meio de sua participação em grupos ou redes sociais; e 3) as formas de reprodução desse tipo de capital.

A última espécie de capital é denominada de *capital simbólico*, o qual é uma medida de prestígio e de carisma que um grupo ou instituição possui no interior de um campo. É uma

espécie de capital que permite o reconhecimento imediato e, assim, funciona como o instrumento principal da violência simbólica.

Diante disso, o *capital simbólico* pode ser convertido em *capital cultural* ou *econômico*, pois permite o acesso a estes últimos em decorrência da valorização do indivíduo possuidor desse capital.

> Operação fundamental da alquimia social, a transformação de uma espécie qualquer de capital em capital simbólico, possessão legítima fundada na natureza de seu possuidor, supõe sempre uma forma de trabalho, um gasto visível (sem ser necessariamente ostentatório) de tempo, de dinheiro e de energia, uma redistribuição que é necessária para assegurar o reconhecimento da distribuição, sob a forma do reconhecimento prestado pelo que recebe àquele que, mais bem colocado na escala, tem a possibilidade de dar, reconhecimento de dívida que é também reconhecimento de valor (BOURDIEU, 2013, p. 114-115).

Nessa direção, de acordo com Bourdieu, o *capital simbólico* consiste no *capital econômico* ou *cultural* quando conhecido ou reconhecido. Os títulos escolares (nominação oficial e certificados escolares) representam títulos de propriedade simbólica que garantem vantagens de reconhecimento, pois consiste em um capital simbólico reconhecido e garantido de forma universal, sendo válido em todos os mercados.

A entrada em uma "especialidade" técnica ou disciplinar é bastante significativa para a identidade virtual, nos termos de Dubar (2005). Tal aspecto também é considerado por Abrantes (2011a), o qual afirma que a educação formal pode ser um espaço central de construção de identidades e representações de mundo.

> Com a diversificação dos pertencimentos das trajetórias profissionais, a identidade torna-se cada vez menos coletiva e cada vez mais singular, vindo a experiência substituir a determinação da posição em organização ou da categoria sócio-profissional, de onde deriva uma pesquisa intensa de uma coerência pessoal (DAHAN-SELTZER, 2008, p. 31).

Diante disso, os cursos de aprendizagem são espaços de legitimação nesse sentido, pois "o espaço de reconhecimento das identidades é indissociável dos *espaços de legitimação dos saberes e competências* associados às identidades" (DUBAR, 2005, p. 155).

Estudos realizados por Dubar (2005, p. 267) apontam uma significativa relação entre o acesso ao emprego e a definição da identidade básica do indivíduo: "atentar contra o emprego é atingir a integridade de seus ocupantes".

Outro resultado interessante dos estudos de Dubar (2005, p. 271) consiste em constatar a exclusão como a primeira experiência profissional de muitos jovens e: "[...] tendia a se incorporar à identidade deles sob a forma de uma precarização duradoura da vida profissional".

Ainda sobre a identidade profissional, Dubar destaca que para se definir a identidade profissional é preciso investigar a interseção dos três campos a seguir: o "mundo vivido do trabalho", a trajetória socioprofissional e, principalmente, os movimentos de emprego e a relação dos assalariados com a formação e, especificamente, como aprenderam o trabalho. "A construção das identidades se realiza, pois, na articulação entre os sistemas de ação, que propõem identidades virtuais, e as 'trajetórias vividas', no interior das quais se forjam as identidades 'reais' às quais os indivíduos aderem" (DUBAR, 2005, p. 140-141).

Diante disso, a experiência de trabalho se mostra como fundamental para a subjetividade do indivíduo:

> A identidade é então o fruto de uma auto-reflexividade, graças à qual o indivíduo consegue manter uma narração sobre si. A condição moderna restringe os indivíduos a transformarem-se por meio de um projeto reflexivo. Pela produção de uma narrativa sobre si, a pessoa torna-se, portanto, um projeto explícito permanente, de construção da confiança, de construção das relações e das redes (DAHAN-SELTZER, 2008, p. 27-28).

A incorporação da identidade pelos próprios indivíduos só pode ser analisada no interior das **trajetórias** sociais nas quais os indivíduos constroem "identidades para si". Para Dubar, a chance do processo de construção das identidades sociais está na articulação entre as duas transações ("interna" e "externa").

> [...] as identidades sociais e profissionais típicas não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais nem produtos de estruturas ou de políticas econômicas impostas de cima, mas sim construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, de trabalho e de formação (DUBAR, 2005, p. 330).

Em suma, Dubar dá ênfase à investigação da trajetória do indivíduo como fator essencial para a construção de uma identidade autônoma. Nesse sentido, no tópico a seguir retomo o debate acerca da trajetória individual, a qual atualmente é marcada pela insegurança e precariedade, principalmente no que diz respeito à população jovem.

2.4 A QUESTÃO DA TRAJETÓRIA INDIVIDUAL: insegurança, precariedade e trajetórias estremecidas

> [...] a trajetória individual e a biografia tornam-se cada vez mais centrais na visão de mundo moderno-ocidental (VELHO, 2001).

Segundo Leccardi (2005, p. 42), a modernidade se caracteriza por uma dimensão de *riscos globais*, tais como: crise ambiental, terrorismo internacional, ameaças econômicas, novas modalidades de desigualdade social e novas formas de subocupação, refletindo significativamente no plano existencial dos indivíduos.

A autora (2005, p. 43, grifos da autora) destaca a mudança ocorrida em relação à concepção de futuro: "se o futuro que a primeira modernidade observava era o *futuro aberto*, o futuro da modernidade contemporânea é o futuro *indeterminado e indeterminável*, governado pelo risco". Um futuro marcado pelo risco acaba por impedir a construção de narrativas biográficas. Isso traz consequências negativas, principalmente, para a população jovem. Para caracterizar esse contexto, Leccardi (2005, p. 45) traz a noção de "presente estendido":

> Também nesse caso os jovens são um termômetro particularmente sensível dessas transformações. Já nos anos de 1980, as pesquisas sobre o tempo dos jovens registravam, por exemplo, a passagem do futuro para o presente, em particular para o "presente estendido", como área de governo potencial do tempo social e individual.
> Com o termo "presente estendido" entende-se o espaço temporal que bordeja o presente, adquirindo um valor crescente, paralelamente à aceleração temporal contemporânea, favorecida pela velocidade dos tempos tecnológicos e pela exigência de flexibilidade que é seu corolário.

Nessa direção, Dubar (2009, p. 226) traz uma questão fundamental: "como construir projetos profissionais quando nos arriscamos a ficar expostos a eventualidades permanentes e os comportamentos oportunistas podem tornar-se os mais gratificantes?". Nesse sentido, como ficará claro, a participação dos jovens no curso de aprendizagem pode ser tomada como um tipo de "comportamento oportunista".

Isso ocorre devido às descontinuidades brutais entre os estudos e a profissão, por exemplo:

> As descontinuidades brutais, do tudo ou nada, entre os estudos e a profissão, a profissão e a aposentadoria, cedem o lugar a passagens por evoluções insensíveis e infinitesimais (que se pense em todas as ocupações temporárias ou semipermanentes, frequentemente assumidas por estudantes no fim dos cursos, que envolvem as posições estabelecidas da pesquisa científica ou do ensino superior ou, numa outra ordem, na aposentadoria progressiva oferecida pelas empresas de "vanguarda"). [...] enquanto o antigo sistema

> tendia a produzir identidades sociais bem definidas – deixando pouco lugar ao onirismo social – e também confortáveis e inspiradoras de confiança na própria renúncia que exigiam, sem concessões, a espécie de *instabilidade estrutural* da representação da identidade social e das aspirações que aí se encontram legitimamente incluídas tende a remeter os agentes, por um movimento que nada tem de pessoal, do terreno da crise e da crítica sociais para o terreno da crítica e da crise pessoais (BOURDIEU, 2005, p. 174-175, grifos do autor).

Nesse sentido, ocorre uma defasagem estrutural entre as aspirações e as oportunidades, o que causa uma desilusão coletiva. Aqui é possível identificar um diálogo com as noções de *projeto* e *campo de possibilidades*, de Gilberto Velho (2001, 2003, 2005, 2006), o qual estuda a relação entre a subjetividade e a sociedade, na perspectiva de uma *Antropologia Social*.

De acordo com Velho (2001, p. 15), uma das principais características das sociedades complexas é a coexistência de estilos distintos de vida e visões de mundo. O autor destaca as "[...] crescentes heterogeneidade sociocultural, especialização da divisão do trabalho, diversificação e fragmentação de papéis sociais, especialmente nas grandes metrópoles da sociedade moderno-contemporânea". Essa heterogeneidade, para o autor, acarreta a possibilidade de jogo de papéis e identidade, o que corresponde a uma das marcas fundamentais das sociedades complexas. Na atualidade, a identidade é permanentemente posta em xeque e sofre constantemente alterações drásticas (VELHO, 2003).

Gilberto Velho desenvolve noções como *projeto, identidade* e *campo de possibilidades*. As noções de *projeto* e *campo de possibilidades,* influência principal de Alfred Schutz (1979), ajudam na análise de trajetórias e biografias, como afirma o próprio autor:

> *Projeto,* nos termos deste autor [Schutz], é a *conduta organizada para atingir finalidades específicas*. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de *projetos*. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de *projeto* e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sociohistórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades (VELHO, 2003, p. 40, grifos do autor).

Os projetos individuais estão em constante interação com outros dentro de um *campo de possibilidades*. Autores como Raymond Firth (1974) e Simmel (1971) são importantes para a construção da noção de *campo de possibilidades* de Velho. Os indivíduos podem ter projetos diferentes e contraditórios. Nesse sentido, as trajetórias individuais se desenvolvem por meio do delineamento de projetos com objetivos específicos, porém, sua realização

dependerá do jogo e da interação com outros *projetos* individuais ou coletivos (*campo de possibilidades*). O projeto não é um fenômeno puramente subjetivo: “a ideia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual ‘puro’, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 2004, p. 26).

> Os *projetos*, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus *projetos*. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos (VELHO, 2003, p. 48, grifos do autor).

Em contrapartida, Leccardi (2005, p. 36) discorda de Velho em relação à noção de *projeto*. Ela acredita em um esgotamento da ideia de *projeto*, pois a questão fundamental da autora é refletir se a noção de projeto ainda pode ser considerada válida em um contexto de incerteza no mundo contemporâneo.

Embora seja bastante relevante o questionamento de Leccardi acerca da pertinência ou não, da ideia de *projeto*, optei em seguir a perspectiva de Gilberto Velho por entender a relação entre *projeto* e *campo de possibilidades* como dialética e, portanto, como ressalta o próprio autor, a tendência à fragmentação não anula de vez certas âncoras fundamentais que, em momentos estratégicos, podem ser acionadas. Em suma, a relação entre projetos e campo de possibilidades é dinâmica e dialética: “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos” (VELHO, 2003, p. 48). A biografia sofre constantes revisões e reinterpretações. Ou seja, Velho não desconsidera a dinamicidade dessa relação.

Nesse sentido, Dahan-Seltzer (2008, p. 25) destaca que: “[...] as trajetórias profissionais não são mais tão ascensionais e previsíveis quanto costumavam ser”. E aponta cinco tipos de trajetórias, quais sejam: 1) de mobilidade (vertical, horizontal, mudança de profissão, setor ou empresa); 2) de profissão (identidade que tem como fundamento os saberes cognitivos e experimentais ligados a uma profissão); 3) de criação (desvio, bifurcação, projeto pessoal); 4) de comprometimentos pontuais ou não (pausa na trajetória); e 5) de retirada (devido à esgotamento ou não-reconhecimento).

Castel (2005, p. 528) ressalta o desemprego recorrente como um aspecto importante em relação à situação dos jovens:

> O desemprego recorrente constitui, pois, uma importante dimensão do mercado do emprego. Toda uma população, sobretudo de jovens, aparece como relativamente empregável para tarefas de curta duração, alguns meses ou algumas semanas, e mais facilmente ainda passível de ser demitida. A expressão “interino permanente” não é um mau jogo de palavras. Existe uma

> mobilidade feita de alternâncias de atividade e de inatividade, de virações provisórias marcadas pela incerteza do amanhã. É uma das respostas sociais apresentadas à exigência de flexibilidade.

Essa passagem ilustra muito bem o que é o contrato de aprendizagem profissional: um emprego de curta duração e que oferece "facilidade" para a demissão, como discutirei no capítulo seguinte.

Em contrapartida, vale ressaltar uma observação importante realizada por Castel (2005): a mobilidade não necessariamente é sinônimo de precariedade, pois os jovens procuram experimentar, através de mudanças frequentes de emprego. Alguns aprendizes entrevistados (Fábio, perfil 1; Larissa, perfil 9) ilustrarão bem essa situação de experimentação em relação a uma profissão.

Dubar (2009) apresenta "um novo modelo educativo" surgido na França, qual seja, "fazer de cada aluno um sujeito que aprende", o que se configura tanto como um modelo de aprendizagem quanto um modelo identitário.

Para analisar esse "sujeito que aprende", Dubar se utiliza dos termos "aprendizagem experiencial" e "identidade subjetiva", os quais compõem esse "novo modelo educativo".

Na aprendizagem experiencial o indivíduo extrai saberes de sua experiência por meio do contato direto do *self* com o outro, com o mundo e com o si mesmo.

> Esse processo de aprendizagem parte da ação para voltar a ela; permite a construção pessoal de saberes reconhecidos a partir de uma experiência compartilhada. É organizado em torno de um vaivém entre ação e reflexão que permite, pela verbalização, tomar consciência dos saberes adquiridos para formalizá-los e fazê-los reconhecer. É assim que gerações de "pessoas de ofício" aprenderam a trabalhar, no seio de um modo de socialização "não-escolar" que permite a construção de uma identidade coletiva reconhecida (DUBAR, 2009, p. 213).

A aprendizagem experiencial parte de uma relação específica com os saberes, envolvendo a subjetividade baseada em atividades significativas. Ou seja, os saberes são de ação, pois são experimentados em uma prática significativa, com um envolvimento pessoal, como paixão pessoal, uma prática social, um projeto pessoal ou curiosidade intelectual. "Só a aprendizagem experiencial permite a utilização da reflexividade, isto é, a construção de uma identidade reflexiva que dá sentido a uma prática na qual se tem sucesso" (DUBAR, 2009, p. 217).

Em suma, é fundamental que a prática esteja ligada a uma prática social ou a uma "paixão" intelectual ou pessoal, um "projeto de vida para si". Daí é possível contrastar com os casos em que os aprendizes fazem o curso por questões meramente instrumentais (experiência, currículo e dinheiro) o que, consequentemente, não se constitui como uma

aprendizagem experiencial. Vale destacar que alguns aprendizes relataram situações de precariedade em suas práticas na empresa, o que não lhes proporcionava uma aprendizagem experiencial (atividades significativas) e ia de encontro aos princípios do instituto da aprendizagem profissional, os quais apresentarei no capitulo a seguir.

3 A APRENDIZAGEM PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

> O Sr. Gamfield sorriu também, lendo o cartaz, porque eram justamente as cinco libras de que ele precisava; e quanto à criança, como conhecia o regime do asilo, suspeitou que devia ser assaz magra para subir a uma chaminé. Releu o cartaz e, descobrindo respeitosamente a cabeça, aproximou-se do sujeito do colete branco.
>
> - Há aqui um menino que a paróquia deseja fazer aprendiz de alguma coisa? — disse ele.
>
> - Sim — respondeu o sujeito do colete branco com um benévolo sorriso. — Que me quer?
>
> - Se a paróquia quiser que ele aprenda um ofício agradável como o de limpador de chaminés, por exemplo — disse o Sr. Gamfield —, preciso de um aprendiz e estou disposto a encarregar-me dele.
>
> - Entre — disse o sujeito do colete branco.
>
> Quando o Sr. Gamfield expôs ao conselho o que queria, disse o Sr. Limbkins, presidente:
>
> - O ofício de limpador de chaminé é bem porco.
>
> - Tem-se visto morrerem as crianças nas chaminés — disse outro sujeito.
>
> O Sr. Gamfield dissipou esta dúvida, alegrando muito ao sujeito do colete branco, que aliás ficou sério depois de um olhar do presidente. O conselho entrou a deliberar durante alguns minutos, mas em voz tão baixa que só se ouviam estas palavras: "Diminuição de despesa; sejamos econômicos; pode-se fazer um bom relatório". Estas mesmas palavras só se ouviam porque eram energicamente repetidas.
>
> Falou enfim o presidente:
>
> - Examinamos o seu pedido e não podemos dar-lhe o que deseja.
>
> - Repelimo-lo completamente — disse o sujeito do colete branco.
>
> - Sem hesitação — acrescentaram outros membros do conselho.
>
> O Sr. Gamfield tinha sobre si a acusação frívola de ter morto três ou quatro crianças a cacete; lembrou-se de que o conselho, por um capricho singular, teria em vista esta circunstância de segunda ordem. Não quis aludir a ela e tratou de retirar-se.
>
> - Não querem dar-me o pequeno? — disse ele na soleira da porta.
>
> - Não — disse o presidente —, salvo se diminuirmos a recompensa.
>
> Depois de alguma discussão ficou assentado que só se dariam três libras e dez shillings.
>
> Mandaram buscar Oliver, que estava na prisão. Vestiram-lhe uma camisola lavada e deram-lhe uma tigela de mingau acompanhada de duas onças de pão, como nos dias de festa (DICKENS, 2012).

No presente capítulo apresentarei e discutirei os propósitos e princípios do instituto da aprendizagem profissional (Lei 10.097/2000) e suas posteriores alterações e, a partir dos dados da presente pesquisa, construídos mediante as respostas ao questionário e às duas entrevistas (face a face e via *whatsapp*), realizarei um contraponto com o que, de fato, ocorre na realidade da aprendizagem profissional no Brasil (formações teórica e prática). Também neste capítulo apresento os Programas de Aprendizagem investigados, atentando para o que há em comum e as especificidades das formas como esses Programas estruturam seus cursos de aprendizagem, o que se mostrou fundamental para realizar uma análise crítica acerca das condições de aplicabilidade da Lei e suas consequências para a subjetividade dos jovens aprendizes.

3.1 A LEGISLAÇÃO SOBRE A APRENDIZAGEM NO BRASIL: um olhar crítico

> A diversidade e a descontinuidade das formas de emprego estão em via de suplantar o paradigma do emprego homogêneo e estável. [...] Começa a tornar-se claro que precarização do emprego e do desemprego se inseriram na dinâmica atual da modernização (CASTEL, 2005).

No que se refere às políticas públicas referentes ao domínio do emprego, Castel (2005) identifica uma mudança nas formas de intervenção do Estado, qual seja, a mudança de políticas de integração para políticas de inserção.

As políticas de integração (com vocação universal e homogeneizadora), consistem em políticas:

> [...] que são animadas pela busca de grandes equilíbrios, pela homogeneização da sociedade a partir do centro. São desenvolvidas através de diretrizes gerais num quadro nacional. É o caso das tentativas para promover o acesso de todos aos serviços públicos e à instrução, uma redução das desigualdades sociais e uma melhor divisão das oportunidades, o desenvolvimento das proteções e a consolidação da condição salarial (CASTEL, 2005, p. 538).

Por outro lado, as políticas de inserção consistem em "[...] um conjunto de empreendimentos de reequilíbrio para recuperar a distância em relação a uma completa integração (um quadro de vida decente, uma escolaridade "normal", um emprego estável etc.)" (CASTEL, 2005, p. 538).

Porém, Castel ressalta que a população público-alvo dessas políticas são *inintegráveis*. Tais políticas tinham, em seu início, caráter provisório, entretanto, consolida-se progressivamente numa situação de *instalação no provisório como modo de existência*. A inserção não funciona como *uma etapa*, mas como *um estado,* assim como ocorre com os jovens aprendizes, como mostrarei nessa Tese. O autor se refere a essa situação mediante termos tais quais: "estado transitório-durável", "posição de interino permanente", "inserido vitalício" e "candidato à inserção":

> É também a situação dos jovens que andam de estágio em estágio, às vezes com pequenos trabalhos antes de se desesperarem e abandonarem esse insuportável trajeto do candidato à inserção. Querem, dizem eles, um "verdadeiro trabalho" (CASTEL, 2005, p. 556).

Dahan-Seltzer (2008, p. 25) compartilha dessa perspectiva, denominando-a como um "sentimento de vertigem" em um "movimento perpétuo": "[...] no mundo atual, os indivíduos vivenciam um sentimento de vertigem, de perda de sentidos e ficam em busca de marcos de referência, em busca de redes e recursos, como que em um 'movimento perpétuo'". Em um sentido próximo ao de Bourdieu (2005), quando este autor se refere às "descontinuidades

brutais". Acrescento, perante os resultados da presente pesquisa, os quais apresentarei mais à frente, também a existência de uma situação "de aprendizagem em aprendizagem", no que diz respeito a esse "movimento perpétuo" destacado pela autora, pois para alguns jovens entrevistados o curso de aprendizagem não era sua primeira experiência, pois alguns (cerca de 27%) já haviam sido aprendizes, principalmente em áreas diferentes das quais atuavam na época da pesquisa, como indicado no Quadro 1:

Quadro 1 – Aprendizes e suas experiências de aprendizagem profissional

Aprendizes	Área da primeira experiência de aprendizagem	Área da segunda experiência de aprendizagem
Diana (perfil 7)	Logística	Administração
Everton (perfil 13)	Mecânica	Administração
Fábio (perfil 1)	Administração	Mecânica
Flora (perfil 15)	Seguros	Mecânica

Fonte: Elaboração própria

No Brasil, o trabalho de menores de 16 anos é proibido pela Constituição Federal da República de 1988, exceto na condição de aprendiz aos maiores de 14 anos. Pode ser aprendiz o jovem entre 14 e 24 anos que esteja matriculado e frequentando a escola (ou que tenha concluído o ensino médio) e inscrito em programa de aprendizagem.

A aprendizagem, no caso brasileiro, sempre foi regulada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), sendo posteriormente alterada pelas Leis nº 10.097/2000, nº 11.180/2005, nº 11.788/2008 e nº 13.420/2017. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por meio dos Arts. 60 a 69, também trata do regime de aprendizagem, destacando como princípio a proteção integral à criança e ao adolescente.

O instituto da aprendizagem consiste em um contrato de trabalho especial de, no máximo, dois anos. Como definida pelo Manual da Aprendizagem (BRASIL, 2014b, p. 11), elaborado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE):

> A aprendizagem é um instituto que cria oportunidades tanto para o aprendiz quanto para as empresas, pois prepara o jovem para desempenhar atividades profissionais e ter capacidade de discernimento para lidar com diferentes situações no mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, permite às empresas formarem mão-de-obra qualificada, cada vez mais necessária em um cenário econômico em permanente evolução tecnológica.

A Lei da Aprendizagem (nº 10.097/2000) incluiu os incisos I e II ao Art. 430 da CLT, definindo que são obrigadas a contratarem aprendizes as empresas de qualquer natureza, que tenham no mínimo sete funcionários. A cota de aprendizes deve ser de 5% a 15% do quadro de funcionários.

De acordo com o ECA, em seu Art. 62, a aprendizagem consiste na formação técnico-profissional ministrada ao adolescente ou jovem segundo as diretrizes e bases da legislação de

educação em vigor, implementada por meio de um contrato de aprendizagem. Embora seja um contrato de trabalho especial, o Art. 65 assegura aos aprendizes os mesmos direitos dos demais trabalhadores, como: receber o salário mínimo-hora, levando em conta, caso exista, o piso estadual, podendo também o salário estar acima do mínimo; descanso semanal remunerado e dos feriados; a alíquota do FGTS, por sua vez, será de apenas 2%. O contrato de aprendizagem, por ser de natureza especial, tem como objetivo principal a formação profissional do aprendiz e deve conter informações como: o curso, a jornada diária e semanal e o início e término do curso de aprendizagem.

Vale ressaltar, portanto, que esse contrato não gera vínculo empregatício com a empresa. Após o fim do contrato de aprendizagem o adolescente/jovem poderá ser contratado por tempo indeterminado.

O empregador não pode formalizar novo contrato de aprendizagem com o mesmo aprendiz após o término do anterior, pois a finalidade primordial do contrato de aprendizagem estaria sendo frustrada, em vez de capacitá-lo a ingressar no mercado de trabalho. Como ficará claro no capítulo V, na prática, o aprendiz acaba seguindo "de aprendizagem em aprendizagem" diante das dificuldades de inserção no mercado de trabalho (ou da "descontinuidade das formas de emprego" nas palavras de Castel, 2005), mesmo com a conclusão do curso de aprendizagem.

O aprendiz que concluir o curso, com aproveitamento, obrigatoriamente receberá um certificado de qualificação profissional. Cabe à empresa oferecer uma formação técnico-profissional metódica. As atividades devem ser compatíveis com o desenvolvimento físico, moral e psicológico do jovem aprendiz. No caso de Kaio (perfil 10), por exemplo, esse aspecto não era respeitado, pois o expunha a constantes riscos de acidentes; além de não contribuir com o seu desenvolvimento moral e psicológico, pois, como será visto, as difíceis condições de trabalho decorrentes da "crise estrutural do trabalho" afetaram não só a materialidade (forma de ser), mas também a subjetividade (como valores e ideário) do trabalhador (ANTUNES, 2011).

A formação deve ser composta de teoria e prática o que, na maioria dos casos dos aprendizes do Senai, não ocorre, muitas vezes restringindo a formação à instituição formadora, as quais devem ser ministradas concomitantemente dentro do contrato de aprendizagem. Essa concomitância entre teoria e prática não acontece no caso de algumas empresas, o que, além de descumprir a Lei, prejudica a formação do aprendiz, como no caso de Júnior (perfil 2).

As atividades teóricas são aquelas desenvolvidas na entidade formadora, sob orientação desta: “a entidade formadora deverá fornecer à empresa o respectivo plano de curso e orientá-la para que ela possa compatibilizar o desenvolvimento da prática à teoria ministrada” (BRASIL, 2014b, p. 13-14). Isso não acontece, pois a prática na empresa na maioria das vezes é desvinculada da teoria, como os próprios aprendizes relatam em algumas falas.

As atividades práticas não podem ser realizadas exclusivamente na instituição qualificadora, uma vez que isso frustraria uma das funções da aprendizagem, que é colocar o aprendiz em contato com o ambiente de trabalho. A ida para a empresa apenas no final do contrato de aprendizagem também frustra essa função de conhecer o ambiente de trabalho.

O acompanhamento do aprendiz na prática dentro do estabelecimento deve ser realizado por um monitor designado pela empresa, que ficará responsável pela coordenação de exercícios práticos e acompanhamento das atividades, garantindo seu desenvolvimento integral e os conteúdos estabelecidos pelo curso de aprendizagem. Júnior (perfil 2) se refere ao monitor como “padrinho”, o qual teve papel importante para sua não permanência na empresa, pois não deu o suporte necessário para a seleção para permanência na empresa. Enquanto que Flora (perfil 15) diz ter sido efetivada na empresa devido à influência de seu “padrinho”, que era coordenador.

Ao jovem aprendiz cabe executar com zelo e diligência as incumbências **necessárias à sua formação**. Grifo esse trecho por entender que seja fundamental na questão da relação entre formação e produção, pois a Lei da Aprendizagem restringe a esfera de atividades que podem ser desempenhadas pelos aprendizes, não deixando margens para a realização de atividades que não tenham como foco o aprendizado por parte do jovem trabalhador. Como veremos mais adiante nessa Tese (e que vai ao encontro de resultados anteriores, SILVA FILHO, 2014), alguns aprendizes, como Kaio, Diana e Pettros (perfis 10, 7 e 3, respectivamente), por exemplo, afirmaram fazer atividades que não lhes competiam no ambiente de trabalho, o qual deveria ser, em princípio, essencialmente formativo.

Inicialmente, as instituições qualificadas para ministrarem os cursos de aprendizagem eram: os Serviços Nacionais de Aprendizagem (como SENAI e SENAC); as Escolas Técnicas de Educação, inclusive as agrotécnicas; e as Entidades Sem Fins Lucrativos (ESFL). Através da Lei nº 13.420, de 13 de março de 2017, o inciso III foi incluído ao Art. 430 da CLT, acrescentando as entidades de práticas desportivas das diversas modalidades filiadas ao Sistema Nacional do Desporto. Tais entidades passaram a poder cadastrar seus programas

pedagógicos ofertando cursos na área do esporte e afins e a gozar de igualdade de tratamento em relação às demais entidades.

Esta Lei alterou a CLT com o intuito de: "[...] incentivar a formação técnico-profissional de adolescentes e jovens em áreas relacionadas à gestão e prática de atividades desportivas e à prestação de serviços relacionados à infraestrutura, à organização e à promoção de eventos esportivos".

Diante disso, qualquer empresa pode destinar sua cota de aprendizagem à formação de atletas, o que em minha interpretação, caracteriza-se como um subterfúgio para que as empresas não mais se responsabilizem pela formação profissional do jovem trabalhador, seguindo assim, os princípios da acumulação flexível, a qual passa para o indivíduo a responsabilidade quanto à sua qualificação: "maximização de si" (DUBAR, 2005).

O Projeto de Lei 742/2011 foi criado visando aos eventos esportivos que seriam sediados no Brasil em 2013, 2014 e 2016 (Copa das Confederações da FIFA, Copa do Mundo da FIFA e Olimpíadas, respectivamente), porém, foi vetado em alguns pontos no que diz respeito às atividades de aprendizes na construção, ampliação, recuperação e manutenção de instalações esportivas, o que ia de encontro à proibição desse tipo de atividade aos menores de 18 anos de idade. Em outras palavras, tal medida visava à exploração de mão-de-obra barata para o trabalho nos eventos esportivos, o que, posteriormente, acabou se concretizando com a utilização da força de trabalho dos "voluntários[9]".

Embora seja destacada pelo MTE a possibilidade de as empresas formarem mão-de-obra qualificada através do instituto da aprendizagem, na prática, isso não se concretiza devido ao baixo índice de efetivação de jovens aprendizes por parte das empresas, após o fim do contrato de aprendizagem, o que indica falta de interesse das empresas em absorver esses trabalhadores "qualificados". Dos 11[10] aprendizes entrevistados que consegui retomar o contato, apenas uma jovem havia sido efetivada, ou seja, menos de 10%.

Conforme Castel (2005), há uma dualização do mercado do trabalho, formada por dois segmentos, quais sejam, um mercado "primário" (com indivíduos qualificados, com melhores salários, melhor protegidos e com maior estabilidade) e um mercado "secundário" (composto por indivíduos menos qualificados, em condições de precariedade). É possível enquadrar os aprendizes no mercado "secundário", diante das falas de alguns aprendizes (Kaio, Júnior e

[9] Apenas com a Copa do Mundo de 2014, por exemplo, a FIFA atingiu o maior resultado financeiro de sua história: cerca de US$ 5,7 bilhões (ou R$ 18,6 bilhões na época), mas ainda assim se utilizou de "voluntários".

[10] Embora eu tenha efetivamente realizado dez entrevistas por telefone, conto com um dos aprendizes (Henrique, perfil 12) que não consegui realizar a segunda entrevista pois de antemão eu sabia que o jovem não poderia ser efetivado, pois trabalhava em uma empresa na qual o ingresso se dá através de concurso público.

Pettros, por exemplo), os quais relataram situações de precariedade em suas práticas de trabalho.

Nesse sentido, Castel (2005, p. 519-520) afirma ocorrer uma falha por parte da empresa no que diz respeito a sua função integradora:

> [...] a empresa falha igualmente em sua função integradora em relação aos jovens. Elevando o nível das qualificações exigidas para a admissão, ela desmonetariza uma força de trabalho antes mesmo que tenha começado a servir. Assim, jovens que há vinte anos teriam sido integrados sem problemas à produção acham-se condenados a vagar de estágio em estágio ou de um pequeno serviço a outro. Porque a exigência de qualificação não corresponde sempre a imperativos técnicos. Muitas empresas têm tendência a se precaver contra futuras mudanças tecnológicas contratando jovens superqualificados, inclusive em setores de *status* pouco valorizados.

Quanto à aprendizagem profissional, o Manual da Aprendizagem (BRASIL, 2014b, p. 16) define que "[...] o empregador dispõe de total liberdade para selecionar o aprendiz, observados os dispositivos legais pertinentes à aprendizagem [...]". Porém, um dado importante a esse respeito me foi revelado pela coordenadora de uma das instituições formadoras investigadas. Segundo a informante, existia o hábito de algumas empresas exigirem que a instituição utilizasse como principal critério para a inscrição de jovens em seu curso de aprendizagem a matrícula em um curso superior, tendo em vista que os jovens universitários teriam mais capital cultural do que os não-universitários, e, consequentemente, poderiam contribuir mais com a empresa, o que, claramente, vai de encontro ao princípio do processo de aprendizagem que é priorizar a formação do jovem e não a produção. É nesse sentido que "é assegurada aos adolescentes na faixa etária entre 14 e 18 anos prioridade na contratação para o exercício da função de aprendiz [...]" (BRASIL, 2014b, p. 14).

Embora no plano do discurso se propague a ideia de que a empresa seja importante para a formação dos jovens, na prática, essa contribuição não se constata em boa parte dos casos analisados, principalmente quando identifiquei a falta de interesse por parte da empresa no aspecto formativo da aprendizagem profissional. A empresa falha em seu papel de "preparar o jovem para desempenhar atividades profissionais e ter capacidade de discernimento para lidar com diferentes situações no mundo do trabalho", como já citado, devido à lógica de mercado que expressa: "[...] buscar a salvação por meio da empresa é enganar-se de registro. A empresa expressa a lógica do mercado, da economia [...]" (CASTEL, 2005, p. 523).

O emprego condiciona a construção das identidades sociais. Entretanto, de acordo com Dubar e Tripier (1998), os processos de construção de identidades são influenciados significativamente não apenas pelos fatos profissionais, mas também pelas diferenças de

trajetórias individuais e de mundos sociais, pelos sistemas de crenças e práticas, pelo *habitus* e pelos projetos de vida.

Interessam-me aqui as implicações da passagem desses jovens pela atividade de aprendizagem para sua trajetória profissional e, consequentemente, para a produção de sua identidade profissional. Isto porque, como já afirmei, tenho a hipótese de que há uma relação significativa entre as condições de trabalho decorrentes da experiência de socialização profissional (aprendizagem) e a identificação ou não com a área de atuação à qual o jovem aprendiz está vinculado.

Dubar (2005, p. 205) destaca a importância do reconhecimento por parte dos poderes públicos (Estado) e da população (consumidores) para que se possam produzir identidades profissionais, pois "só é possível o indivíduo manter sua auto-identificação como pessoa de importância em um meio que confirma esta identidade".

O Estado tem papel fundamental nesse sentido, pois "[...] pode pressionar os empregadores a participar da formação de seus assalariados e a reconhecer os diplomas escolares por ele emitidos" (DUBAR, 2005, p. 212). Os organismos de gestão do emprego de diferentes Estados vêm aumentando sua atuação para garantir a qualidade da "transição profissional", o que Dubar (2005, p. 240) denomina como *assunção dos "excluídos"*.

Daí a relevância deste estudo acerca da aprendizagem como uma forma de socialização que possibilita a inserção no mercado de trabalho e das condições de trabalho dos jovens aprendizes, pois, acredito, a questão do reconhecimento da profissão é fundamental para a construção da identidade do jovem aprendiz. Diante disso, questiono: como se dá a construção de identidades em jovens aprendizes quando sua formação e qualificação não estão necessariamente vinculadas a uma categoria profissional reconhecida?

Tal problemática é pertinente, pois o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) utiliza o termo *ocupação* para designar e classificar as diversas atividades profissionais em todas as áreas, enquanto que o termo *profissão* diz respeito ao trabalho ou atividade especializada dentro da sociedade, exercida por um profissional competente.

Elaborada em 1977 – sendo a versão atual a de 2002 – tendo como base a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO de 1968), a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), consiste em um "[...] documento normalizador do reconhecimento (no sentido classificatório), da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro" (BRASIL, 2010, s/p).

Neste documento as ocupações são organizadas e descritas por famílias. A família (grupo de base ou família ocupacional) é composta por um grupo de ocupações similares referentes a um domínio de trabalho mais amplo que o da ocupação.

O MTE, para sua elaboração, contou com

> [...] a colaboração voluntária de sindicatos de trabalhadores, patronais, empresas e sete mil trabalhadores que participaram dos painéis de descrição das 607 famílias ocupacionais que compõem o documento, cobrindo 2.511 ocupações e 7.419 títulos sinônimos (BRASIL, 2010, s/p).

A CBO parte da premissa de que aqueles que podem melhor descrever são os que exercem a ocupação de forma efetiva, um método comumente utilizado em países como Canadá, EUA, entre outros, adaptando-o à realidade brasileira.

O documento define:

> **Ocupação** é um conceito sintético não natural, artificialmente construído pelos analistas ocupacionais. O que existe no mundo concreto são as atividades exercidas pelo cidadão em um emprego ou outro tipo de relação de trabalho (autônomo, por exemplo).
> Ocupação é a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas (BRASIL, 2010, s/p, grifo do autor).

É através da CBO que o MTE integra e controla suas políticas públicas:

> A CBO é ferramenta fundamental para as estatísticas de emprego-desemprego, para o estudo das taxas de natalidade e mortalidade das ocupações, para o planejamento das reconversões e requalificações ocupacionais, na elaboração de currículos, no planejamento da educação profissional, no rastreamento de vagas, e dos serviços de intermediação de mão-de-obra (BRASIL, 2010, s/p).

Vale destacar um aspecto da concepção da CBO, qual seja, a garantia da flexibilidade necessária para a empregabilidade – articulação dos currículos com o mundo do trabalho, decorrente da orientação de agências financeiras internacionais, como o Bird e o BID (CUNHA, 2007, 2011) –, como fica clara no trecho a seguir:

> Assim, ao invés de se colocar a lupa de observação sobre os postos de trabalho, agregando-os por similaridades de tarefas, como era a tônica da CIUO 68 e CBO 82 e CBO 94, a CBO 2002 amplia o campo de observação, privilegiando a amplitude dos empregos e sua complexidade, campo este que será objeto da mobilidade dos trabalhadores, em detrimento do detalhe da tarefa do posto (BRASIL, 2010, s/p).

Cabe aqui ressaltar que o reconhecimento se limita apenas em classificar as ocupações e não as regulamentar, isto é, mesmo havendo o reconhecimento da atividade no CBO, não há necessariamente um reconhecimento como profissão legítima e regulamentada. É legítimo pensar nas consequências disso para os cursos de aprendizagem e sua posterior certificação. O

certificado garante algum tipo de reconhecimento à atividade desenvolvida pelo aprendiz ao longo do curso de aprendizagem?

Outro documento relevante é o Catálogo Nacional da Aprendizagem Profissional (CONAP), o qual segue a agregação utilizada pela CBO, organizada por famílias ocupacionais, e enumera as atividades realizadas, apresenta requisitos de idade e escolaridade para exercer a ocupação, a carga horária total do programa etc. Este define:

> Arcos são agrupamentos de ocupações relacionadas, que possuem base técnica próxima e características complementares. Cada um dos Arcos pode abranger as esferas da produção e da circulação (indústria, comércio, prestação de serviços), garantindo assim uma formação que amplie as possibilidades de inserção ocupacional do aprendiz ao término do programa, seja como assalariado, autônomo ou em atividades da economia solidária (BRASIL, 2015, p. 2).

Em outras palavras, visa garantir uma formação multifuncional que garanta a "empregabilidade", tornando o aprendiz um trabalhador flexível e multifuncional.

Conforme o CONAP (BRASIL, 2015, p. 2), a metodologia utilizada é a mais adequada para quem inicia sua trajetória profissional, baseada em "[...] vivências práticas dos beneficiários em mais de uma ocupação dentro da mesma organização, enriquecidas pela troca de experiências entre os aprendizes contratados por diferentes empresas". Isso se configura como um tipo de "rotação do trabalho", como destaca CUNHA (2007, 2011). Esse aspecto foi ressaltado por aprendizes como Paula, Henrique e Flora (perfis 11, 12 e 15, respectivamente).

A partir da análise dos principais documentos utilizados como referências para a elaboração dos cursos de aprendizagem no Brasil, pude perceber dois elementos fundamentais por trás de suas concepções: a noção de "empregabilidade" e a rotatividade. Nesse caso me parece pertinente questionar: como se dá o processo de construção da identidade profissional dos jovens que participam desses cursos de aprendizagem, baseados na noção de Ocupações e Arcos Ocupacionais? Os quais não estão diretamente vinculados a uma profissão reconhecida tanto pelo Estado quanto pela população, pois o simples fato de possuir um curso de formação não constitui o jovem como um profissional da área, no caso dos cursos de aprendizagem.

Essa relação "dispersa" com o ramo de atividade à qual o trabalhador pertence se torna um agravante, pois os cursos de aprendizagem apresentam uma variedade de atividades relacionadas à área à qual o jovem aprendiz está dedicado (Arcos Ocupacionais).

Daí surgem as seguintes questões: é possível criar uma identificação com a atividade a qual se dedica quando esta não está necessariamente ligada a uma "profissão" devidamente reconhecida? Como é afetada a construção da identidade profissional desses jovens ao se

inserirem em atividades laborais precárias? As condições de trabalho são determinantes para uma possível identificação com a atividade realizada? Ou outros elementos são preponderantes?

Como apresentarei ao longo desta Tese, os dados indicaram que a forma como os jovens se inserem no mercado de trabalho trazem consequências para sua futura e possível trajetória profissional, embora não seja algo determinante. Caso essa inserção seja realizada em boas condições de trabalho, pode trazer ganhos para a trajetória laboral desses jovens. Por outro lado, se essa entrada for realizada em condições precárias, pode trazer prejuízos a uma potencial trajetória dos aprendizes. Mais à frente apresentarei dados que corroboram tal afirmação, principalmente diante das falas dos jovens aprendizes entrevistados e da análise de suas trajetórias, tanto passadas quanto após o fim do contrato de aprendizagem.

Atualmente, segundo Antunes (2011, p. 184), "há um enorme incremento do subproletariado fabril e de serviços, o que tem sido denominado mundialmente de trabalho precarizado. São os *terceirizados*, subcontratados, *part-time*, entre tantas outras formas assemelhadas, que proliferam em inúmeras partes do mundo".

Diante do exposto, posso acrescentar a essas modalidades de trabalho o contrato de aprendizagem, pois os aprendizes são um tipo de subproletariado fabril (SENAI) e de serviços (CIEE). Não é à toa que os cursos de aprendizagem se concentram nos setores secundário e terciário, como apresentarei no tópico seguinte.

Os dados de admissão de aprendizes são divulgados trimestralmente pelo MTE, através do Boletim da Aprendizagem Profissional. Segundo o último Boletim divulgado até o fechamento da presente pesquisa, referente ao período de janeiro a junho de 2018, foram contratados 3.460.904 aprendizes desde o Decreto 5.598/2005 até junho de 2018. A princípio pode parecer um número expressivo de contratações, porém essa quantidade está muito aquém do potencial de contratações, como pode ser visto na Tabela 1:

Tabela 1: quantidade de aprendizes admitidos de janeiro a junho de 2018 e potencial de contratação

Aprendizes admitidos de JAN a JUN 2018			
UF	**Potencial***	**Admitidos**	**%**
Acre	1.708	395	23,13
Alagoas	8.655	1.366	15,78
Amapa	1.402	208	14,84
Amazonas	11.299	2.933	25,96
Bahia	39.717	9.393	23,65
Ceará	27.612	7.969	28,86
Distrito Federal	18.827	4.958	26,33
Espírito Santo	16.927	4.640	27,41
Goiás	27.124	7.897	29,11
Maranhão	11.013	1.637	14,86
Mato Grosso	17.409	3.486	20,02
Mato Grosso do Sul	13.034	2.539	19,48
Minas Gerais	93.973	21.198	22,56
Para	17.457	4.491	25,73
Paraíba	8.936	3.056	34,20
Paraná	60.953	13.985	22,94
Pernambuco	31.443	6.031	19,18
Piaui	6.895	1.534	22,25
Rio de Janeiro	82.638	21.746	26,31
Rio Grande do Norte	9.433	2.091	22,17
Rio Grande do Sul	65.662	18.724	28,52
Rondônia	5.145	1.561	30,34
Roraima	1.122	424	37,79
Santa Catarina	51.091	16.643	32,58
São Paulo	313.212	65.634	20,96
Sergipe	6.909	2.077	30,06
Tocantins	4.125	1.010	24,48
Total	**953.721**	**227.626**	**23,87**
Fonte: CAGED JAN a JUN 2018 com ajustes			

Fonte: Boletim da Aprendizagem Profissional – janeiro a junho de 2018

Em média, o potencial de contratação, referente à cota mínima de 5% que as empresas devem cumprir, era de apenas 23,87%. Roraima (37.79%) e Paraíba (34.20%) eram os estados com melhores índices. O estado de Pernambuco, foco de minha pesquisa, é um dos que apresentaram os piores índices de contratação (19,18%), ficando à frente apenas do Amapá (14,84%), Maranhão (14,86%) e Alagoas (15,78%).

Quanto à atividade econômica da empresa contratante[11], conforme o CAGED[12] de janeiro a junho de 2018, havia o predomínio dos setores de Indústrias de Transformação (58.768 ou 25,82%) e Comércio (57.789 ou 25,39%).

De um total de 227.626 aprendizes contratados entre janeiro e junho de 2018, a maior parte (52,07%) era do sexo masculino. Pernambuco, por sua vez, havia admitido mais aprendizes do sexo feminino (52,71% dos 6.031).

As ocupações com os maiores índices de contratação[13] no mesmo período foram *auxiliar de escritório* (40,08%), *assistente administrativo* (17,26%) e *vendedor de comércio*

[11] A tabela se encontra no Anexo 1.

[12] Criado através da Lei nº 4.923, de 23 de dezembro de 1965, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) é utilizado pelo MTE para o acompanhamento da situação da mão-de-obra formal do país, criando dados de geração de emprego e desemprego no Brasil.

varejista (5,76%), enquanto que a ocupação de *mecânico de manutenção de máquinas, em geral* representava 3,91%. O que demonstra que os cursos de aprendizagem investigados (*técnico em mecânica industrial*, *ocupações administrativas* e *comércio e varejo*) eram representativos da realidade da aprendizagem profissional no Brasil.

A seguir apresentarei mais detalhadamente os Programas de Aprendizagem investigados: *Aprendiz Legal*, do CIEE-PE, e *Aprendiz Industrial*, do SENAI-PE. Em seguida realizarei uma análise comparativa entre os dois Programas, identificando as semelhanças e especificidades, principalmente, quanto aos aspectos formativos (socialização profissional), o que interfere de forma significativa na subjetividade dos jovens aprendizes atendidos pelas entidades formadoras.

3.2 OS PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM INVESTIGADOS

3.2.1 O *Programa Aprendiz Legal* (CIEE-PE)

O CIEE-PE é a instituição responsável pelo *Programa Aprendiz Legal* no estado de Pernambuco. O Programa foi criado em 2007, a partir da parceria entre o CIEE e a Fundação Roberto Marinho[14] (FRM), sendo implementado nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia e posteriormente alcançando todo o Brasil.

A FRM foi responsável pelo desenvolvimento dos materiais educativos do módulo básico, do ambiente virtual e do sistema de monitoramento do programa, enquanto que o CIEE cuida da formação teórica, a certificação e o processo educacional.

Na ocasião de lançamento do Programa no estado de Pernambuco, em outubro de 2009, o então superintendente do CIEE-PE destacou as principais vantagens do instituto da aprendizagem profissional, apresentando-o, em seu discurso, como uma panaceia para os principais males sociais que atingem a população juvenil:

> Qualifica o jovem, na cultura da empresa. Abre perspectivas de absorção imediata pela empresa ou a perspectiva de contratação futura uma vez que seu nome ingressa no banco de dados. Estanca a evasão escolar. Prolonga a permanência do jovem na escola, fortalecendo a formação da mão-de-obra nacional. Promove a inclusão social. Diminui o número de jovens em situação de risco. Viabiliza a prevenção social do crime e da violência. Faz da empresa, como as corporações medievais, escolas de especialização e

[13] A tabela se encontra no Anexo 2.

[14] Criada em 1977, pelo jornalista Roberto Marinho, essa instituição pretende mobilizar pessoas e comunidades, por meio da comunicação, de redes sociais e parcerias, em torno de iniciativas educacionais que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira.

> qualificação de sua mão-de-obra (entrevista ao *site* do *Programa Aprendiz Legal*, em 25/07/10).

O público-alvo do Programa são jovens entre 14 e 24 anos incompletos, com prioridade para aqueles entre 14 e 18 anos, que ainda estudem ou que concluíram o nível médio e que se encontrem em situação de vulnerabilidade social. O propósito maior do Programa consiste em: "levar formação técnico-profissional a jovens socialmente vulneráveis" (CRUZ et al., 2006a, p. 43).

O Quadro 2 apresenta os cursos oferecidos pelo Programa, os quais se concentram nas áreas de comércio e prestação de serviços.

Quadro 2 – Cursos oferecidos pelo *Programa Aprendiz Legal*

Cursos	**Faixa etária**
Auxiliar de Produção Industrial	(18 a 22 anos)
Comércio e Varejo	(14 a 22 anos)
Logística	(14 a 24 anos)
Ocupações Administrativas	(14 a 22 anos)
Práticas bancárias	(14 a 18 anos)
Telemática	**(**18 a 24 anos)
Telesserviços 11 meses/ 6h	(18 a 23 anos)
Turismo e Hospitalidade	(18 a 24 anos)

Fonte: Elaboração Própria

Os cursos do Programa são organizados em Ocupações que fazem parte de Arcos Ocupacionais, como nos quadros a seguir:

Quadro 3 – Arcos ocupacionais e códigos CBO *Ocupações administrativas*

ARCO OCUPACIONAL	**OCUPAÇÕES**	**CÓDIGO CBO**
Administração	Arquivista/arquivista	4151-05
	Almoxarife	4141-05
	Auxiliar de escritório/administrativo	4110-05
	Contínuo/Office-boy/Office-girl	4122-05

Fonte: BRASIL, 2015 (adaptado)

O Quadro 4 apresenta como se estrutura o curso de *Comércio e varejo*[15] do *Programa*:

Quadro 4 – Arcos ocupacionais e códigos CBO *Comércio e varejo*

GRANDE GRUPO/FAMÍLIA	**OCUPAÇÕES**	**CÓDIGOS CBO**
Operadores do comércio em lojas e mercados	Vendedor em comércio atacadista	521105
	Vendedor de comércio varejista	521110
	Promotor de vendas	521115
	Demonstrador de mercadorias	521120
	Repositor de mercadorias	521125
	Atendente de farmácia – balconista	521130
	Assistente de vendas	354125

Fonte: BRASIL, 2015 (adaptado)

[15] O curso de *Comércio e varejo* do Programa investigado contempla a ocupação de Vendedor de comércio varejista (código 521110).

O Programa é dividido em dois Módulos: o Básico (comum a todas as formações) e o Específico (voltado para a atividade desempenhada na empresa). O Módulo Básico possui carga horária de 200 horas e apresenta três Unidades divididas entre 50 encontros.

Enguita (1993, p. 219-220) destaca que: "vimos afirmando que na escola se aprendem as relações sociais de produção dominantes na sociedade. A forma mais comum de se compreender isto costuma ser prestando atenção ao conteúdo do currículo. Isto é algo tão óbvio que não precisa comentários". O Quadro 5 apresenta as temáticas trabalhadas nas três unidades do Módulo Básico:

Quadro 5 – Temáticas das Unidades 1, 2 e 3 do Módulo Básico

Unidade	Temáticas
Unidade 1	• Identidades; • Ideologia e ética; • Trabalho e cidadania; • Preconceito; • Educação fiscal; • Língua portuguesa; • Matemática.
Unidade 2	• Trabalho e empresa; • Direitos do trabalhador; • Culturas juvenis; • Língua portuguesa; • Matemática.
Unidade 3	• Alternativas de geração de trabalho e renda; • As tecnologias da comunicação e informação; • A mídia e o texto; • Projetos; • Língua portuguesa; • Matemática.

Fonte: Elaboração própria

A concepção curricular do módulo básico é fundamentada no seguinte princípio ético: "**o reconhecimento do outro**, manifestado na **cidadania multicultural**" (CRUZ et al., 2006a, p. 19). Além disso, afirma que nenhuma dos temas do programa está desvinculado da ética (CRUZ et al., 2006a, p. 15). Essa perspectiva define que o aprendiz deve tomar o processo de aprendizagem como um "novo momento de sua vida" (CRUZ et al., 2006a, p. 22), ou seja, uma nova socialização. Diante disso, é possível perceber o enfoque nos aspectos ético-disciplinares da formação oferecida pela entidade formadora.

O CIEE-PE organiza seus cursos de aprendizagem de forma *concomitante*, sendo um dia da semana de aula teórica na entidade formadora e os demais dias de prática profissional

em suas respectivas empresas. No início do curso de aprendizagem os jovens têm apenas aulas teóricas antes de irem à empresa.

O material chama a atenção para a complexidade da implementação da Lei 10.097/2000, a qual considera que a forma mais adequada de condução é a *gestão compartilhada*, pois a integração deve ser uma característica presente em todas as etapas do programa e necessita do comprometimento de todos os agentes: o(a) próprio(a) aprendiz, seus responsáveis, a instituição formadora, a empresa, a escola e os órgãos públicos, ilustrado pela imagem no anexo 3.

O *Programa Aprendiz Legal* estrutura-se em três conceitos: *identidade* (por meio do estímulo à autonomia e ao protagonismo do aprendiz), *linguagens* (através da utilização de diversas linguagens) e *trabalho* (como uma fonte de realização pessoal e social), buscando colaborar para a "formação de cidadãos mais autônomos e mais felizes" (CRUZ et al., 2006a, p. 7). Ou seja, é uma política de inserção, nos termos de Castel (2005), pois visa à inclusão de jovens por meio da qualificação profissional.

A formação oferecida é mais ampla, no intuito de aumentar as chances dos aprendizes de entrarem e permanecerem no mercado de trabalho. Essa formação "mais ampla" e que aumenta as "possibilidades de inserção ocupacional do trabalhador" nada mais é que outra forma de se referir à noção de "empregabilidade". Em outras palavras, o recurso de se utilizar de Arcos Ocupacionais é uma ferramenta utilizada para legitimar uma formação do trabalhador polivalente, multifuncional ou flexível, o que leva a uma situação de precariedade: "[...] elaboramos um currículo pautado na **flexibilidade**, concretizada no **desenvolvimento de competências**" (CRUZ et al., 2006a, p. 52). O material afirma que "ao participar deste programa, o(a) aprendiz intensifica de modo concreto suas chances de inserção no mundo do trabalho" (CRUZ et al., 2006a, p. 22), o que não se concretiza, como já indiquei.

Cruz (2006b, p. 26) afirma que "muito mais que formação de mão-de-obra produtiva, este programa deve ser visto pela empresa como um processo educativo centrado no desenvolvimento de valores e atitudes". De acordo com o site do Programa, "ao ingressar no Aprendiz Legal, a empresa assume o papel de agente transformador, fomentando a formação profissional e cidadã de jovens autônomos, que saibam fazer novas leituras de mundo, tomar decisões e intervir de forma positiva na sociedade". Para a empresa, implementar a Lei da Aprendizagem "é, acima de tudo, firmar-se como socialmente responsável" (CRUZ et al., 2006a, p. 29). Diante disso, a empresa deve "oferecer condições adequadas para a prática

profissional curricular, quando for o caso, responsabilizando-se pela segurança e higiene nos ambientes de Aprendizagem" (CRUZ et al., 2006a, p. 30).

Uma das dicas para favorecer o aprendizado, encontrada no Manual do Aprendiz (CRUZ et al., 2006b, p. 37), é a seguinte: "procure relacionar o que aprende no curso com as atividades desenvolvidas na empresa. Leve questões e observações de um espaço para o outro". Isso porque a articulação entre teoria e prática deve ser compreendida como a possibilidade de proporcionar aos jovens aprendizes condições de usufruírem desses diferentes e complementares espaços de aprendizagem que compõem o programa, seguindo o que Dubar (2009) denomina como "aprendizagem experiencial".

3.2.2 O *Programa Aprendiz Industrial* (SENAI-PE)

O SENAI oferece a oportunidade de aprendizagem através do *Programa Aprendiz Industrial*, o qual se constitui, conforme o *site* da instituição, como o "primeiro passo para jovens e adolescentes terem acesso ao primeiro emprego". As unidades do SENAI oferecem aulas teóricas e práticas, além de encaminhar os jovens às empresas parceiras, nas quais "os alunos vivenciam o mundo real de trabalho", constituindo-se como uma "oportunidade de começar a trajetória para construção da carreira".

Os cursos de aprendizagem são gratuitos e oferecidos em diversos segmentos industriais, como apresentado no Quadro 6:

Quadro 6 – Cursos oferecidos pelo *Programa Aprendiz Industrial*

Cursos	Faixa etária
Encanador Industrial	(14 a 24 anos e zero mês)
Mecânico de Manutenção de Máquinas Industriais	(14 a 24 anos e zero mês)
Mecânico Montador	(14 a 24 anos e zero mês)

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o *site* da instituição, "para a experiência profissional, os estudantes assinam um contrato especial de até dois anos com carteira assinada. As chances de ser efetivado são grandes". Contudo, como apresentarei mais adiante nessa Tese, diante da análise dos dados referentes às entrevistas, pude perceber que a chance de permanência nas empresas é mínima e nos poucos casos em que ocorre os jovens são efetivados em áreas diferentes da sua formação, como no caso de Flora (perfil 15).

Para fazer parte do Programa é preciso passar por um processo seletivo. Caso seja aprovado, o jovem pode se matricular no SENAI e ser contratado como aprendiz na empresa.

Além disso, a própria empresa pode indicar candidatos para fazer parte do processo seletivo, contratando aqueles que forem aprovados.

Como já destaquei, vale retomar um diferencial importante em relação aos cursos oferecidos pelo SENAI: "indústrias com mais de 20 aprendizes podem solicitar ao SENAI que oferte cursos desenvolvidos sob medida, atendendo às necessidades da organização", o que a instituição denomina "cursos customizados de Aprendizagem Industrial". Esse trecho mostra que a preocupação da aprendizagem profissional gira em torno das necessidades da empresa e não do aprendiz: produção em detrimento da formação. "Além de cumprir a lei, a empresa que contrata aprendizes tem a vantagem de, após a conclusão dos cursos, contratar profissionais que atendem às especificidades da organização". Em outras palavras, o propósito da aprendizagem não é a formação e preparação do jovem para o mercado de trabalho, mas sim adequar o jovem à necessidade imediata da empresa, a qual, na maioria das vezes, nem mesmo tem a intenção de efetivá-lo ao término do contrato, como ficará claro mais adiante. Aí surge a questão: qual é o impacto dessa experiência de aprendizagem (teórica e prática) na trajetória profissional desse jovem?

Por outro lado, o Manual de Orientações às Empresas do Programa Aprendiz Industrial (SENAI, 2017, p. 3) ressalta o caráter educativo da experiência de aprendizagem:

> A Prática Profissional na Empresa é uma oportunidade de inserção do(a) aprendiz no ambiente de trabalho e de aprimoramento de suas competências profissionais. Não se trata de produção, mas de um período de realização de atividades profissionais no espaço industrial da empresa, que o(a) contrata na condição de aprendiz. Em decorrência desse caráter educacional, é necessário que o(a) aprendiz seja orientado(a) e acompanhado(a) por um(a) empregado(a) da empresa, formalmente designado para a função de supervisor(a) ou de monitor(a).

O manual também destaca a impossibilidade de uniformizar a prática dos aprendizes nas diferentes empresas devido à complexidade operacional, colocando as necessidades do jovem como centrais nesse processo de flexibilização: "quando necessária, a realização dessa etapa deve ser flexível e individualizada, ajustada às condições de cada aprendiz e negociada entre a empresa e o SENAI" (SENAI, 2017, p. 3).

Na prática profissional o aprendiz não pode assumir responsabilidades de um profissional, mas ser seu auxiliar, contando com a orientação de um monitor ou supervisor, o qual será responsável por no máximo cinco aprendizes.

Estão previstas três possibilidades de práticas profissionais, quais sejam: 1) *concomitante* (no mesmo período ocorrem a fase escolar e a fase empresa); 2) *intercalada* (fase escolar/fase empresa); e 3) *sequencial à fase escolar* (primeiro ocorre toda fase escolar e

depois a fase empresa). Dentre as três turmas do Senai investigadas, duas (S1 e S2) funcionavam de forma *intercalada*, pois os aprendizes tinham ido à empresa entre duas e três vezes (normalmente por um período de 15 a 30 dias) e voltavam para as aulas teóricas por alguns meses; enquanto que a terceira turma (S3) funcionava de forma *sequencial à fase escolar* (no momento da primeira entrevista os aprendizes ainda não tinham a experiência prática na empresa). Acredito que este último modelo seja bastante prejudicial ao desenvolvimento e aprendizado dos jovens, pois não há a possibilidade da reflexão teoria-prática e prática-teoria, o que diminui a qualidade da formação, pois a formação "perde qualidade quando as competências em desenvolvimento e os conhecimentos construídos na instituição formadora não mantêm correspondência com o que está sendo aprendido na empresa, obedecendo à transição gradual do simples para o complexo" (CRUZ et al., 2006a, p. 57). Isso ficará claro através das falas de aprendizes como Júnior (perfil 2) e Flora (perfil 15).

Além disso, não há espaço para que o aprendiz tire dúvidas na instituição formadora. Os aprendizes do SENAI tinham, portanto, seu aprendizado prejudicado, devido ao curto período de prática na empresa. Algo que aconteceu com Júnior (perfil 2), pois como seu "padrinho" não deu o suporte necessário que ele precisava, o aprendiz poderia ter recorrido aos professores do SENAI em busca de orientações, o que não foi possível.

Em última instância, quem decide o modelo de prática profissional é a própria empresa, o que mais uma vez demonstra que o foco da aprendizagem não é o aprendiz, muito menos sua formação profissional: "[...] sempre há um processo ao longo do qual tende a se produzir um ajuste entre o que a escola dá e o que a produção pede" (ENGUITA, 1993, p. 231).

Dentre as obrigações da empresa estão: "cumprir o disposto nas normas de saúde e segurança" e "proporcionar ao(a) aprendiz experiências práticas em atividades profissionais correlatas a sua área de formação". Mostrarei, por meio dos dados, que essas obrigações, dependendo da empresa, não são seguidas.

As três turmas investigadas eram do curso *técnico em mecânica industrial*, o qual forma o jovem para "atuar no desenvolvimento de projetos; controlar processos de produção mecânica e realizar a manutenção mecânica de máquinas e equipamentos segundo normas técnicas, considerando padrões de qualidade, de saúde e segurança no trabalho e meio ambiente"[16].

---

[16] Disponível em: < http://www.pe.senai.br >. Acesso em: 01 dez. 2016.

Os pré-requisitos para fazer o curso são: ter concluído ou estar cursando o 2º ou 3º ano do ensino médio. Por isso, a maior parte dos aprendizes do SENAI já havia concluído o nível médio ou já estavam no ensino superior. Por outro lado, essa exigência, de certa forma, exclui os jovens de 14 e 15 anos, os quais devem ser tidos como prioritários (SENAI, 2017).

O Quadro 7 mostra o conteúdo programático do curso:

Quadro 7 – Conteúdo programático do curso técnico em mecânica industrial - SENAI

Conteúdo	**Temáticas**	**Carga horária**
Informática	Conceitos; Sistema Operacional; Editor de textos; Planilha eletrônica; Navegação, etc.	40h
Fundamentos Mecânicos	Metrologia; Tecnologia Mecânica.	212h
Fundamentos de Usinagem	Fundamentos de física aplicada; Máquinas Operatrizes e Manuais; Ferramentas de corte; Parâmetros de corte.	68h
Gestão de Pessoas e Qualidade	Gestão de Pessoas; Liderança; Tomada de Decisão; Comunicação; Qualidade Ambiental; Qualidade; Ética; Virtudes profissionais.	40h
Gestão de Segurança e Produção	Segurança no Trabalho; Parâmetros de processos mecânicos; Planejamento; Sistemas de produção; Implementação de melhoria; Análise de Variáveis de processo.	40h
Desenho Assistido por Computador	Arquivos (new, open, save, save-as); CAD.	40h
Processos de Fabricação Convencional	Acabamento superficial; Tecnologia dos Materiais e Ensaios; Processo Produtivo; Operações de Usinagem; Processos primários de fabricação mecânica (reconhecimento das características e das aplicações); Processos de Soldagem (Tipos e Características); Sistemas de Segurança em máquinas-ferramenta; Metrologia.	200h
Manutenção de Máquinas e Equipamentos Mecânicos	Lubrificação; Ferramentas portáteis elétricas usadas na mecânica (tipos e aplicações); Ferramentas; Instrumentos de manutenção; Normalização; Equipamentos (tipos e aplicações); Manutenção Aplicada; Tratamentos de superfície; Técnicas de Proteção e Prevenção.	220h

Conteúdo	Temáticas	Carga horária
Automação de Processos Industriais	Automação eletropneumática; Automação eletrohidráulica; Instalações elétricas; CLPs; Segurança.	140h
Gerenciamento da Manutenção	Tipos de manutenção (Objetivo e aplicação); Gerenciamento da Manutenção; Planejamento, programação e controle da manutenção.	80h
Resistência e Ensaio dos Materiais	Resistência dos materiais; Técnicas de monitoramento e diagnose (Princípios básicos do método e equipamentos utilizados); Metalografia.	120h
Desenvolvimento de Projetos Mecânicos	Negociação; Padrão de competitividade no setor industrial brasileiro; Técnicas de negociação; Projetos; Conjuntos mecânicos.	160h
Processos de Fabricação CNC	Manuais de máquinas CNC; Cuidados na operação de máquinas CNC; Estrutura básica de máquinas CNC; Operação; Programação; Características de ferramentas para produção de peças em CNC; Cálculo de potência de máquinas; Programação de máquina CNC via CAM; Planejamento do processo; Riscos de saúde e ambientais; Ferramentas da qualidade; Ética; Equipes de trabalho; Trabalho e profissionalismo.	80h
Práticas Profissionais	Estratégia pedagógica que visa articular situações de aprendizagem e trabalho com o perfil profissional de conclusão: estágio em empresas, TCC, participação na Olimpíada do Conhecimento Senai, monitoria, experiência profissional reconhecida, entre outras atividades.	200h

Fonte: *Site* do SENAI (Elaboração Própria).

Diante disso, é possível perceber a predominância de conteúdos técnicos na formação oferecida pelo Senai, diferentemente do foco em aspectos ético-disciplinares por parte da formação do CIEE. A disciplina *Fundamentos Mecânicos* é uma disciplina técnica e, por isso, possui uma das maiores cargas horárias (212h), assim como a de *Manutenção de Máquinas e Equipamentos Mecânicos* (220h) – a que possui maior carga horária de todo o curso de aprendizagem. Por outro lado, a disciplina de *Gestão de Pessoas e Qualidade*, que tem um foco maior em aspectos ético-disciplinares (ligados à socialização e formação da

personalidade) tem uma das menores cargas horárias (apenas 40h). A exceção nesse sentido é a disciplina de *Desenvolvimento de Projetos Mecânicos*, a qual, embora não seja predominantemente técnica, tem uma grande carga horária porque trata sobre a questão do empreendedorismo, tema fundamental no discurso da acumulação flexível.

Quando pesquisei a palavra-chave "aprendiz" na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), no site do MTE os únicos resultados foram: Aprendiz de macarroneiro (código 8483-15), Aprendiz de mecânica de manutenção (código 9113-05) e Aprendiz de mecânico ajustador (código 7250-10). Ou seja, o curso de aprendizagem de mecânica de manutenção é reconhecido pelo MTE, enquanto que os cursos de aprendizagem do CIEE não possuem o mesmo nível de reconhecimento por parte do MTE, sendo apenas reconhecido através do seu Catálogo Nacional da Aprendizagem Profissional (CONAP).

Pelo menos teoricamente, são amplas as possibilidades de áreas de atuação no mercado de trabalho mediante a formação nesse curso: "indústria de petróleo e gás, no setor automotivo, em usinas de geração de energia elétrica, em mineradoras, na indústria eletrônica, em fábricas de máquinas, equipamentos e componentes mecânicos, em laboratórios de controle de qualidade, e manutenção e pesquisa e, ainda, em empresas prestadoras de serviço". Apesar disso, aprendizes como Júnior (perfil 2) e Everton (perfil 13) afirmaram posteriormente encontrar dificuldades para conseguir emprego na área de mecânica.

Um dos objetivos de minha pesquisa, como já expus, foi identificar em que medida a experiência de aprendizagem fortalecia ou não a identidade profissional. De acordo com Kozinets (2014), o método escolhido para realizar sua pesquisa depende da natureza e do âmbito de sua(s) questão(ões) de pesquisa. Diante disso, a fim de atingir aos meus objetivos no capítulo seguinte apresento os procedimentos metodológicos que adotei neste estudo.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo indico as escolhas metodológicas que fiz para atingir aos objetivos inicialmente propostos, justificando minhas escolhas quanto aos métodos e técnicas utilizadas. além de apresentar uma descrição densa sobre minha pesquisa de campo, desde a primeira ida a campo até a realização das etapas de pesquisa, a apresentação dos contextos das aplicações do questionário, os critérios de escolha dos entrevistados e a realização das duas entrevistas (face a face e via *whatsapp*).

4.1 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

A primeira parte da presente pesquisa consistiu em uma fase exploratória por meio da aplicação de um questionário[17] socioeconômico com os objetivos de: 1) conhecer o perfil das turmas que estavam no final do processo de aprendizagem, turmas escolhidas pelo fato de os aprendizes já terem passado por quase todas as experiências de aprendizagem (teóricas e práticas) e, consequentemente, já possuírem uma visão mais detalhada e crítica sobre o processo de aprendizagem profissional; e 2) selecionar os jovens a serem entrevistados, através dos critérios que apresentarei a seguir nesse tópico.

O campo de pesquisa que selecionei foram as instituições formadoras SENAI[18]-PE e CIEE[19]-PE, devido a ambas possuírem reconhecida experiência no que diz respeito ao ensino profissional e terem uma abrangência nacional.

Os sujeitos da pesquisa foram os(as) jovens beneficiários(as) dos Programas de Aprendizagem das instituições supracitadas, por serem os atores sociais que possuíam uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado.

No total, apliquei 121 questionários, distribuídos em cinco turmas do CIEE – sendo três do curso de *ocupações Administrativas* e duas de *comércio e Varejo* – e em três turmas do SENAI – todas do curso de *técnico em mecânica industrial* –, as quais eram as únicas que se encontravam em seu final nas respectivas instituições. Em seguida, fiz uma análise

---

[17] O modelo de questionário está no Apêndice A.

[18] Segundo o site da instituição, "O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) é um dos cinco maiores complexos de educação profissional do mundo e o maior da América Latina. Seus cursos formam profissionais para 28 áreas da indústria brasileira, desde a iniciação profissional até a graduação e pós-graduação tecnológica", formando milhões de trabalhadores em todo território nacional, desde 1942.

[19] É uma instituição filantrópica, fundada em 1964, mantida pelo empresariado nacional, com o objetivo de encontrar, para os estudantes de nível médio, técnico e superior uma oportunidade de estágio que os auxiliem a colocar em prática tudo o que aprenderam na teoria.

predominantemente quantitativa[20] com o intuito de construir um perfil socioeconômico dos jovens atendidos pelos Programas. Elementos como sexo, idade, origem étnica ou social do entrevistado também determinam fortemente o seu tipo de discurso, daí a importância do questionário com perfil socioeconômico.

A partir dos dados construídos, selecionei 15 jovens, com os quais realizei uma entrevista biográfica[21], a qual "[...] pode visar a um aspecto específico, temporal e relacionado a algum tópico da biografia do informante" (FLICK, 2009, p. 165). No caso da minha pesquisa, como já indiquei, o foco se dá em aspectos das grandes matrizes socializadoras ou grandes universos de socialização (esfera de atividade ou um domínio de práticas), quais sejam: a *família* (infância, vida conjugal e paterna), a *escola* (toda a carreira escolar) e o *universo de trabalho* (todo o percurso profissional).

Isso porque esses universos de socialização contribuem significativamente para a formação de disposições que podem se manifestar de maneira constituída (renúncia de si diante de exigências/influências externas) ou requisitadas (voluntárias, espontâneas). A influência dos pais (nível de escolaridade, profissão, incentivo educacional, por exemplo), ou diante das necessidades financeiras ("ajuda em casa") podem ser elementos significativos.

Diante disso, os critérios para a escolha dos entrevistados foram baseados em rupturas em suas trajetórias familiar, escolar e profissional e/ou diversos deslocamentos sociais:

Quadro 8 – Critérios para seleção dos entrevistados

Universo de socialização	Critérios
Família	Jovem que mora com os pais e/ou familiares; Jovem já casado[22]; Ajuda financeiramente em casa; Escolha pela profissão dos pais; Indicou muita influência dos pais em fazer o curso de aprendizagem.
Escola	Jovem que ainda estuda (níveis fundamental, médio ou superior); Matriculado em escola da rede pública; Passou por várias escolas ao longo da trajetória escolar; Faz/fez parte de grupos, entidades ou associações;
Trabalho	Tinha experiências anteriores de trabalho (formal ou informal); Tinha realizado trabalho voluntário; Definiu a profissão que quer seguir; Fez outro(s) curso(s) (qualificação, técnico, aprendizagem) além do de aprendizagem atual; Possui outra(s) fonte(s) de renda, além do salário como aprendiz.

Fonte: Elaboração própria

[20] Os resultados dessa análise estão no capítulo IV desta Tese.
[21] Os guias de entrevistas correspondem aos Apêndices B e C.
[22] Utilizei como critérios tanto morar com pais e/ou familiares quanto ser casado, pois, em alguns casos, as duas características estavam presentes. Alguns aprendizes viviam em união estável e moravam com o(a) companheiro(a) na casa dos pais.

Num segundo momento, a pesquisa foi realizada a partir de duas entrevistas de caráter biográfico, pois o problema da natureza e organização do patrimônio individual das disposições precisa, também, ser estudado através do trabalho empírico:

> [...] uma disposição só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, mais ou menos coerentes ou contraditórios, da atividade do indivíduo estudado, sejam eles produto da observação direta dos comportamentos, do recurso ao arquivo, ao questionário ou à entrevista sociológica (LAHIRE, 2004, p. 22).

Nesse sentido, as *entrevistas biográficas* são formas de questionar os modelos de personalidade coerente e estável, associados a modelos de decisão sem incertezas. A investigação empírica é fundamental para a validação ou não dos conceitos disposicionalistas.

Além disso, as entrevistas biográficas são importantes, pois a escolha final dos indivíduos resulta da interação entre a pluralidade das "influências" externas e as competências, apetências e disposições internas (LAHIRE, 2004).

Os critérios escolhidos para as entrevistas foram baseados no grau de extensão e heterogeneidade dos universos, grupos ou indivíduos frequentados pelo pesquisado, isto é, conforme Lahire (2004), é preciso identificar se o pesquisado sofreu alguma exposição a contextos socializadores ou a indivíduos com princípios de socialização diferentes.

Estas entrevistas podem captar essas pluralidades das "influências" e das competências. É possível dar palavra aos momentos de "rupturas biográficas", ou seja, mudanças ou modificações nas trajetórias ou carreiras, pois nestes momentos as disposições podem *entrar em crise* ou ser *reativadas* e sair do *estado de vigília*. Por meio da entrevista biográfica pude identificar a relevância da experiência de aprendizagem nas escolhas e projetos futuros profissionais dos aprendizes.

A apreensão da pluralidade dos princípios de socialização entre os membros significativos do meio social dos aprendizes é fundamental, pois as influências externas têm papel importante. Conforme Lahire (2004, p. 38), por meio desse procedimento é possível "[...] analisar com maior precisão do que a usual as microtensões, as pequenas diferenças que o 'meio' podia exercer sobre a pessoa durante sua infância, adolescência e vida adulta (o pesquisado podia expressar as diferenças de atitude e comportamento de seu pai e sua mãe, por exemplo)".

Dentro dos critérios que já expus, baseado nas rupturas significativas nas trajetórias familiar, escolar e profissional ou de deslocamentos sociais por que passaram os jovens aprendizes, fiz uma primeira seleção de potenciais entrevistados(as). Essa seleção prelimitar possuía 40 jovens, o que se constituía como um número bastante elevado para minhas

pretensões e possibilidades. Diante disso, procurei restringir ainda mais a amostra, a qual sempre foi intencional. Selecionei os aprendizes que possuíam o maior número de características correspondentes aos meus critérios e subdividi o grupo em dois: 1) o *grupo principal*, contendo os aprendizes que atendiam ao maior número de critérios selecionados; e 2) o *grupo secundário*, constituído pelos demais aprendizes pré-selecionados. Os jovens desse segundo grupo seriam acionados caso houvesse um número significativo de recusas ou impossibilidades de participar da entrevista por parte dos aprendizes do grupo principal.

Fui antecipadamente às instituições formadoras e falei diretamente com os selecionados a fim de saber se poderiam conceder a entrevista e informá-los das datas.

O grupo principal, em um primeiro momento, era composto por 15 aprendizes, sendo oito do CIEE-PE e sete do SENAI-PE. Entretanto, entre o dia que falei com uma jovem aprendiz do CIEE-PE sobre a realização da entrevista e a semana de sua realização, essa jovem foi convocada para assumir uma vaga em um concurso público no qual havia sido classificada e, por isso, não estava presente na instituição no dia marcado por haver desistido do curso.

Em seu lugar selecionei um aprendiz do SENAI, o qual fazia parte do grupo secundário, permanecendo assim, o número de 15 entrevistados, sendo sete do CIEE e oito do SENAI. Os quadros 17 e 18 nos apêndices D e E apresentam os aprendizes selecionados e os critérios que atendiam.

Quanto à análise dos dados construídos, principalmente em relação às questões abertas contidas no questionário e às duas entrevistas, optei pelo uso da técnica de *análise de conteúdo*, a qual é bastante aplicada, seja de modo exclusivo ou em combinação com outras técnicas. Segundo Amado (2014, p. 300), a análise de conteúdo é:

> [...] uma técnica que aposta claramente na possibilidade de fazer inferências interpretativas a partir dos conteúdos expressos, uma vez desmembrados em "categorias", tendo em conta as "condições de produção" desses mesmos conteúdos, com vista à explicação e compreensão dos mesmos.

Minha opção se deu pelo fato de que o método é principalmente utilizado para a análise de pontos de vista subjetivos coletados em entrevistas, isto é, a *análise de conteúdo* é relevante na tradução de "[...] visões subjetivas do mundo, de modo a que o investigador possa '*assumir o papel do ator e ver o mundo do lugar dele*'" (BLUMER, 1982, p. 35, grifo do autor).

O aspecto mais importante da *análise de conteúdo*, conforme Amado; Costa; Crusoé (2014, p. 304-305), "[...] é o fato de ela permitir, além duma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos das mensagens, o avanço fecundo, à custa de inferências interpretativas

derivadas dos quadros de referência teóricos do investigador, por zonas menos evidentes que constituem o referido 'contexto de produção'".

Sob essa perspectiva, o primeiro objetivo é realizar uma descrição objetiva, sistemática e até quantitativa. Tal descrição pretende ir além e alcançar as condições de produção das comunicações em análise (BERELSON, 1954). Essa primeira etapa foi realizada, principalmente, com as questões abertas do questionário, que será exposta no capítulo seguinte.

Aqui é possível destacar o caráter "artesanal" do trabalho sociológico ressaltado por Lahire (1997), considerando-o como um processo de constante reflexão, idas e vindas, avanços e retrocessos, dinâmica essa que faz parte do processo de pesquisa científica e, especificamente, sociológica, indo além da interpretação final.

De acordo com a análise de conteúdo, o estudo pode ser de natureza: 1) *estrutural* (análise das ocorrências, evidenciando a regularidade dos fenômenos e/ou de suas características); 2) *diferencial* (saber em que medida o fator x influencia o fenômeno y, por exemplo); ou 3) *funcional* (estudo comparativo das narrativas) (AMADO, 2000). Minha perspectiva está baseada em um estudo *diferencial*, pois pretendo relacionar a experiência de aprendizagem com a construção da identidade profissional dos aprendizes entrevistados e também é um estudo *funcional*, pelo fato de realizar uma comparação entre as narrativas dos aprendizes.

Segui os passos da categorização e codificação explicitados por Amado (2000, p. 55), quais sejam: 1) Definição de objetivos do trabalho; 2) Explicitação de um quadro de referência teórico; 3) Constituição de um "corpus" documental; 4) Leituras atentas e ativas; 5) Formulação de hipóteses; e 6) Codificação.

A codificação consiste em "[...] um processo de esquartejamento do texto e do seu sentido imediato, visível, com o objetivo de se descortinarem outros sentidos" (AMADO, 2000, p. 55-56). Um ponto de vista próximo é o de Pais (1993, p. 86), quando este afirma que "[...] é o estilhaçar dessa unidade encadeada; é um desvendar de sentido mas ao mesmo tempo um despedaçar desse mesmo sentido; é uma sequência de fragmentos cortados, o esquartejamento de uma unidade de sentido que dá lugar, sub-repticiamente, a outros sentidos (interpretativos)".

De acordo com Flick (2009), os documentos podem ser "naturais" (pré-existentes à análise) ou "provocados" (resultado do processo de investigação). No caso da minha pesquisa, os documentos utilizados são "provocados", pois são decorrentes da investigação, como o questionário e a transcrição das entrevistas.

Algumas categorias que construí a partir da análise dos questionários e entrevistas estarão presentes nos capítulos IV e V da Tese, como: *O desenvolvimento pessoal e profissional*; *Adquirir experiências*; *A questão financeira/salarial, O reconhecimento*; *O peso da família*; *A ausência da experiência*; *Entre o sonho e a realidade*; *Uma experiência negativa*; *Uma experiência positiva*; entre outras. Ressalto que tais categorias foram criadas e utilizadas para agregar os perfis sociológicos que apresentavam elementos e características mais próximas, embora alguns pontos perpassem por mais de uma categoria.

Lahire (2004) ressalta que um dos erros epistemológicos mais comuns nas ciências sociais é o de generalizar casos ou contextos particulares. Nesse sentido, é necessário focar na análise empírica de práticas singulares e só permitir generalizações prudentes e limitadas e, por isso, a presente pesquisa não busca ser representativa. É possível que o pesquisador, por meio de uma *sociologia da experiência*, descubra dimensões e aspectos de pesquisas que não se manifestam nas situações sociais comuns.

4.2 A DESCRIÇÃO DO CAMPO

Minha pesquisa de campo pode ser dividida nas seguintes etapas: 1) o primeiro contato com as instituições formadoras; 2) a oficialização da permissão de fazer a pesquisa; 3) a coleta de informações a respeito das turmas de aprendizagem; 4) a aplicação do questionário; 5) a análise das respostas do questionário e seleção dos aprendizes para as entrevistas; 6) a realização das entrevistas; e 7) conversas informais com as gestoras dos Programas de aprendizagem.

A princípio fiz um primeiro contato com as instituições pesquisadas, CIEE-PE e SENAI-PE, com o intuito de me apresentar e explicar os propósitos, objetivos e métodos da minha pesquisa a fim de saber se a pesquisa poderia ser realizada, quais seriam os requisitos para oficializar a autorização e a quem deveria ser encaminhado o ofício de apresentação do estudante.

Num segundo momento, com esses documentos em mãos, fui às instituições para deixar os respectivos ofícios e aguardei os andamentos dos processos, os quais se deram em tempos e estágios diferentes. Isso ocorreu, principalmente, pela organização e estruturação dos cursos de aprendizagem das instituições serem diferentes. No SENAI os aprendizes tinham aulas teóricas de segunda a sexta, apenas no turno da tarde, das 13h às 17h, enquanto que no CIEE os aprendizes só tinham aula teórica uma vez por semana, pela manhã, das 8h às 12h, o que dificultou o contato com os jovens desta instituição, pois quando um deles faltava,

eu só poderia entrar em contato na semana seguinte e como as turmas estavam na reta final do curso, meu calendário ficou um pouco apertado. No caso do SENAI, a princípio, pensei que esse contato seria mais fácil, porém, a instituição tinha um controle mais rígido em relação à realização das etapas da pesquisa, mesmo atendendo minhas necessidades com bastante préstimo.

Embora boa parte das etapas da pesquisa tenha sido realizada concomitantemente, por uma questão didática, descreverei separadamente o campo das duas instituições.

A resposta mais rápida que obtive foi do SENAI. No momento em que deixei o ofício fui orientado a ligar na semana seguinte para saber a resposta do meu pedido. Quando liguei a resposta foi positiva para a realização da pesquisa e me foi indicada a Analista de Educação Profissional da instituição para me atender.

Marquei um encontro com essa pessoa, a qual foi bastante solícita e me deu todas as informações que precisava quanto às turmas, dias, horários e quantitativos de alunos que estavam no fim do processo de aprendizagem. Enviei antecipadamente por *e-mail* as informações que necessitava para que quando houvesse nosso encontro os dados já estivessem disponíveis. Na ocasião, existiam três turmas finalizando o curso de aprendizagem, todas do mesmo curso de aprendizagem profissional: *técnico em mecânica industrial*.

Diante disso, perguntei à Analista de Educação Profissional quais os dias e horários mais adequados, do ponto de vista da organização do SENAI e da dinâmica das aulas dos aprendizes, para aplicar o questionário socioeconômico nas turmas disponíveis. Aguardei alguns dias até receber a resposta. Os dias e horários disponíveis me foram passados.

No SENAI, embora os aprendizes tivessem aula de segunda a sexta, os dias e horários disponibilizados eram bastante restritos e, diante disso, percebi um maior cuidado por parte desta instituição em não atrapalhar as dinâmicas e atividades em sala de aula, embora bastante solícita em contribuir com nossa pesquisa.

A partir dessa fase da pesquisa fui encaminhado para o Estagiário em Coordenação Pedagógica do SENAI, o qual ficou responsável por realizar o contato com os professores e aprendizes de cada turma, para me acompanhar no deslocamento dentro da instituição e na aplicação do questionário. Este também foi bastante prestativo ao me acompanhar e atender minhas necessidades.

Na mesma semana de abril de 2017 (entre os dias 18 e 20) apliquei o questionário nas três turmas, totalizando 51 questionários.

No caso do CIEE-PE, a resposta foi um pouco mais demorada, pois a pessoa do Departamento Operacional responsável pela aprendizagem solicitou mais esclarecimentos

acerca dos objetivos e métodos da pesquisa. Após um primeiro contato via *e-mail*, marcamos um encontro na instituição para me apresentar pessoalmente e para obter as informações necessárias.

Essa pessoa foi bastante prestativa e disponibilizou as informações desejadas. No momento, existiam cinco turmas no final do curso de aprendizagem, sendo duas do curso de *comércio e varejo* e três de *ocupações administrativas*. Apesar de haver mais turmas, diferentemente do SENAI, no CIEE há uma maior evasão por parte dos aprendizes ao longo do processo de aprendizagem, o que se refletiu na pequena quantidade de aprendizes nas turmas disponíveis. Acredito que isso ocorra devido à área de concentração das atividades entre as duas instituições (SENAI com foco no setor secundário; e um foco no setor terciário por parte do CIEE, setor bastante precarizado, de baixa remuneração e grande rotatividade, o que faz com que os jovens busquem, ao longo do curso, oportunidades mais vantajosas em outras áreas). Além disso, percebi uma menor assiduidade dos aprendizes do CIEE, pois apliquei 70 (64%) questionários de um total de 108 matriculados nas cinco turmas disponíveis.

Os aprendizes do SENAI eram mais presentes, tanto que consegui um bom número de questionários respondidos em cada turma (51 respostas de um total de 56 aprendizes matriculados, ou seja, 91%). Isso talvez seja reflexo da própria estruturação e organização da instituição. Um dado interessante, pois embora o CIEE-PE tenha um foco maior nos aspectos ético-disciplinares na formação oferecida, há uma menor assiduidade se comparado ao SENAI, o qual tem um enfoque maior nos conhecimentos técnicos, como já expus.

Por fim, cabe ressaltar que esta pesquisa se deu através de um processo de constante reflexão, idas e vindas, avanços e retrocessos, dinâmica essa que faz parte do processo de pesquisa científica e, especificamente, sociológica, trabalho este que chega a ser artesanal, como observa Lahire (1997). Nesse sentido, destaco algumas dificuldades que encontrei ao longo da minha inserção no campo de pesquisa.

Uma dificuldade que encontrei foi o pouco tempo que tive entre a aplicação do questionário e a realização da primeira entrevista, pois, como já expus, as turmas investigadas estavam nas últimas semanas dos cursos de aprendizagem, o que fez com que eu tivesse pouco tempo para realizar a primeira entrevista com os 15 aprendizes, pois eu pretendia realizá-las ainda enquanto estes estivessem na instituição formadora, o que facilitaria o encontro com os jovens, pois se tornaria mais difícil após o término dos cursos.

Esta dificuldade ocorreu na ocasião do segundo contato com os aprendizes, pois a passagem de aproximadamente um ano entre os dois contatos trouxe algumas dificuldades

para que eu conseguisse retomar o contato com os 15 jovens, o que não foi possível por diferentes razões, como apresentarei mais a frente neste trabalho.

4.3 OS CONTEXTOS DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E DA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

> [...] embora a ideia possa parecer perfeita, pura e rápida, a realização empírica sempre é imperfeita, impura e lenta (LAHIRE, 2004).

O questionário foi aplicado nas turmas disponíveis durante o horário das aulas teóricas nas respectivas instituições formadoras, sendo que no caso do CIEE-PE, uma das turmas tinha aula no prédio da FAFIRE[23].

O SENAI foi a primeira instituição em que apliquei o questionário. Antes da aplicação em si, me apresentei e expliquei, de forma breve e clara, quais os objetivos da pesquisa. Solicitei a colaboração dos jovens para responderem as perguntas, dei algumas instruções básicas quanto ao preenchimento e tirei dúvidas ao longo da aplicação. A recepção por parte dos educadores e aprendizes foi muito positiva. Todos os jovens do Senai se disponibilizaram em responder ao questionário e alguns, inclusive, demonstraram interesse pela pesquisa. Também expliquei que daquele questionário, selecionaria alguns aprendizes para posteriormente entrevistá-los.

Quanto ao CIEE-PE, não me deparei com a mesma rigidez do SENAI e, por isso, fiquei mais livre na aplicação do questionário. A única condição que me foi imposta era a de avisar com pelo menos um dia de antecedência, via *e-mail*, que eu iria visitar as turmas.

Segui o mesmo protocolo de apresentação da pesquisa e solicitação de colaboração em participar da pesquisa, sempre deixando livre essa escolha por parte dos jovens aprendizes. De forma geral, a recepção por parte deles foi muito boa, pois apenas três entre todas as turmas não quiseram participar (dois se recusaram e um pegou o questionário, mas o deixou em branco).

A pesquisa de campo foi mais longa no CIEE-PE justamente pela dificuldade em encontrar todos os aprendizes na instituição. Diante disso, no momento seguinte, qual seja, o da entrevista, senti a necessidade de ir antecipadamente não só pelo fato de perguntar se o

---

[23] O CIEE-PE possui três espaços para distribuir as turmas de aprendizes: o Centro de Desenvolvimento de Competências (CENDECOM) e o Espaço Aprendiz, pertencentes à própria instituição, além de contar com um núcleo de aprendizagem na FAFIRE, Faculdade Frassinetti do Recife, criada em 1940, através de uma parceria firmada com essa instituição de ensino.

jovem poderia ou gostaria de me conceder a entrevista, mas também pelo fato de marcá-las e confirmá-las com uma semana de antecedência para não dar viagem perdida.

As primeiras entrevistas foram realizadas no SENAI. A instituição disponibilizou uma sala climatizada para a realização da entrevista, a qual era afastada das demais salas de aula, o que permitiu a privacidade e silêncio necessários para conduzir as entrevistas de forma adequada.

Foram disponibilizados três dias seguidos para a realização das entrevistas. A ordem e a quantidade de entrevistas em cada dia ficaram a meu critério. Porém, um dos aprendizes (Fábio, perfil 1) não pôde conceder a entrevista na data marcada, pois devido a uma prova acabou deixando a instituição mais cedo. Diante disso, tive que voltar na semana seguinte para concluir as entrevistas.

No CIEE as entrevistas levaram mais tempo, pois como os aprendizes só estavam uma vez por semana na instituição, precisei de mais tempo para realizá-las, pois não foi possível entrevistar todos os aprendizes no mesmo dia, como o horário era das 8h às 12h, eu tinha pouco tempo e, para manter a qualidade da entrevista, às vezes era necessário deixar de fazer outra entrevista para deixar a vontade o entrevistado do momento.

Em geral, as entrevistas duraram entre 25 e 50 minutos, sendo que a maior parte durou 30 minutos. Alguns jovens, naturalmente, se mostraram mais desinibidos do que outros diante da situação de entrevista. Iniciamos as entrevistas com alguns esclarecimentos acerca dos objetivos desta e sobre a sua dinâmica, isto é, como a entrevista seria conduzida, além de solicitar a autorização para gravação. Todos os entrevistados concordaram com a utilização do gravador.

Optei pelo uso do gravador devido à praticidade e, consequentemente, pela maior possibilidade de conduzir mais livremente a entrevista, só anotando o que parecia mais interessante no momento e ficando livre para elaborar outras perguntas ou pedir esclarecimentos quando julgava necessário. Em todas as entrevistas realizei anotações etnográficas acerca de como se deu o contato com o aprendiz entrevistado, o local onde ocorreu e como se desenvolveu a entrevista.

Por fim, realizei uma segunda entrevista com 10 aprendizes, pois foram os que consegui retomar contato dentre os 15 já entrevistados, com o objetivo principal de identificar o percurso biográfico e as experiências socializadoras dos jovens aprendizes, ou seja, "[...] a questão das influências socializadoras heterogêneas e de seus efeitos sobre a constituição dos patrimônios de disposições individuais" (LAHIRE, 2004, p. 26). Diferentemente da primeira

entrevista, que foi face-a-face, esta segunda entrevista foi realizada por telefone, mais especificamente pela rede social *whatsapp*.

A técnica de entrevista por telefone permite a comunicação interpessoal sem encontro face-a-face. O método é utilizado desde os anos 1960, diante dos avanços tecnológicos (GONÇALO; BARROS, 2014). Optei pelo seu uso devido às dificuldades em encontrar pessoalmente com os jovens aprendizes, pois estes possuíam pouca ou nenhuma possibilidade de tempo para um encontro presencial, ou seja, funcionou como uma efetiva alternativa à entrevista face-a-face.

Nesse sentido, Velho (2004, p. 107) aponta que a entrevista deve "[...] captar tendências dominantes dentro de universos particulares", pois nela os indivíduos expressam seus pontos de vista e visão de mundo. Para o autor, visão de mundo, biografia e experiência são aspectos fundamentais.

A entrevista é importante no sentido de captar a tentativa dos indivíduos em dar sentido a sua experiência fragmentada, através da construção de projetos (VELHO, 2004).

Em suma, Velho (2004, p. 106) sugere buscar na *trajetória* a explicação ou base para comportamentos, preferências e aspirações, tendo em vista a percepção da trajetória como expressão de um *projeto*: "ou seja, a trajetória tem um poder explicativo mas deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa trajetória particular e não outra. É aí que parece que a noção de *projeto* pode ser útil".

Para apreender a relação entre trajetória e projeto realizei a análise de conteúdo, a qual desenvolverei no tópico a seguir.

4.4 A ANÁLISE DOS DADOS

> É certo que o gênero de resultados obtidos pelas técnicas de análise de conteúdo, não pode ser tomado como prova inelutável. Mas constitui, apesar de tudo, uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente, os pressupostos em causa (BARDIN, 1977).

Como destaquei anteriormente, para realizar a análise dos dados construídos na presente pesquisa, optei pela utilização da técnica de *análise de conteúdo*, na perspectiva de Laurence Bardin (1977, p. 42, grifo da autora), a qual define como:

> *Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens*.

De acordo com a autora (1977), a formação do pesquisador em análise de conteúdo se faz pela prática. Em sua concepção, o método mais fácil, mais conhecido e mais útil na primeira fase de abordagem do material é o uso das técnicas do tipo *temático* e *frequencial*.

A análise de conteúdo é organizada através de três fases, quais sejam: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise consiste na fase de organização, embora seja um período de intuições, busca operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais.

É nessa fase que ocorre a escolha dos documentos que serão analisados, a formulação de hipóteses, dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Antes de agrupar por classificação, é preciso reunir as palavras idênticas, sinônimas ou próximas no nível semântico.

Posteriormente, é preciso classificar as unidades de significação criando categorias. Bardin (1977) destaca que um sistema de categorias só é válido caso possa ser aplicado de forma precisa ao conjunto da informação e seja produtivo no plano das inferências.

A análise, de acordo com Bardin (1977), é: 1) essencialmente *temática* (criação de índices formais); 2) *frequencial* e *quantitativa* (a unidade de registro é o objeto); e 3) *transversal* (entrevistas recortadas em torno de cada tema-objeto).

O procedimento de repartição pode ser feito: "do geral para o particular: determinam-se em primeiro lugar as rubricas de classificação e tenta-se em seguida arrumar o todo" ou "inversamente: partimos dos elementos particulares e reagrupamo-los progressivamente por aproximação de elementos contíguos, para no final deste procedimento atribuirmos um título à categoria", entre outras formas (BARDIN, 1977, p. 61-62). Esse último procedimento foi o que adotei para a análise dos dados, isto é, uma análise de tipo classificatório às respostas abertas do questionário e às falas dos entrevistados. Vale ressaltar que as categorias temáticas precisam ser exclusivas umas das outras, dando conta das diversas possibilidades de aquisição do objeto.

Bardin (1977) destaca o aspecto de "vai vem", muitas vezes um processo "moroso", da análise de conteúdo, entre teoria e técnica, hipóteses, interpretações e métodos de análise.

É nesse sentido que Gilberto Velho (2006, p. 20) aponta para o papel de "demiurgo" que o pesquisador assume em relação à interpretação: "[...] como autor do texto assumo, sem dúvida, um papel de *demiurgo*, cortando falas, agrupando-as segundo meus critérios, resumindo, sintetizando, intervindo. O próprio fato de destacar temas e conteúdos específicos

imprime a marca de interventor". Ideia próxima a de "esquartejamento" (AMADO, 2000) ou "estilhaçar" (PAIS, 1993).

A proposta de análise de Bardin (1977, p. 75) propõe, em um primeiro momento, uma "leitura flutuante" (intuitiva, aberta a ideias, reflexões e hipóteses) na qual podem surgir intuições que se transformarão em hipóteses.

Para a autora, é preciso realizar: a) leitura "flutuante"; b) a escolha dos documentos (constituição de um *corpus*, isto é, conjunto de documentos que serão analisados); c) a formulação de hipótese e dos objetivos; d) a referenciação dos índices e elaboração de indicadores; e) a preparação do material.

Após a escolha dos índices, constroem-se indicadores precisos e seguros. As informações fornecidas pela análise são condensadas em quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos.

No capítulo seguinte, apresentarei quadros e gráficos de resultados da análise das respostas ao questionário.

Diante de resultados significativos, é possível propor inferências e interpretações a respeito dos objetivos propostos ou descobertas inesperadas. A inferência é um tipo de interpretação controlada, conforme Bardin (1977), funcionando como um procedimento intermediário entre a descrição (enumeração das características do texto) e a interpretação (significação).

A análise de conteúdo, em outras palavras, é "[...] o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano" (1977, p. 41). Para Bardin (1977, p. 103), "tratar o material é codificá-lo", sendo a codificação uma transformação dos dados brutos do texto através de recorte, agregação e enumeração.

A organização da codificação compreende três escolhas: 1) o recorte (escolha das unidades); 2) a enumeração (escolha das regras de contagem); e 3) a classificação e a agregação (escolha das categorias).

Quanto à unidade de registro, é necessário executar alguns recortes que podem ser: a) a nível semântico, isto é, o "tema" ou b) em um nível linguístico, a "palavra" ou "frase", por exemplo.

Nesse sentido, construí as unidades temáticas (ou unidades de codificação) diante da análise dos dados a partir de critérios referentes à teoria. Isso porque "fazer um análise temática, consiste em descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido" (BARDIN, 1977, p. 105).

Optei por realizar uma análise temática pelo fato de o tema ser:

> [...] geralmente utilizado como unidade de registo para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não directivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são frequentemente, analisados tendo o tema por base (BARDIN, 1977, p. 106).

O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas), sintático (verbos e adjetivos), léxico (classificação das palavras conforme o sentido) e expressivo (perturbações da linguagem). Adotei o critério semântico quando, por exemplo, reagrupei respostas como "*ter meu próprio dinheiro*", "*pelo salário que contribuiu para minha permanência na Universidade*", "*o salário*" para criar a categoria "a questão financeira" na análise das respostas ao questionário. Ou para criar a categoria "adquirir experiências", reagrupei as seguintes respostas: "*ter mais experiências*", "*adquirir novas experiências*", "*adquirir mais experiências*" etc.

A categorização conta com duas etapas: 1) o inventário (isolar os elementos); e 2) a classificação (procurar ou impor certa organização das mensagens).

Para Bardin (1977), um conjunto de categorias boas deve possuir as seguintes qualidades: 1) a exclusão mútua (inexistência de ambiguidades); 2) a homogeneidade (único princípio de classificação); 3) a pertinência (ideia de adequação ótima); 4) a objetividade e a fidelidade (definição clara das variáveis); e 5) a produtividade (resultados férteis).

Em suma, dentre as técnicas de análise de conteúdo, a análise por categorias, além de ser a mais antiga também é a mais utilizada. Baseia-se em operações de desmembramento ("esquartejamento", "estilhaçamento") do texto em unidades, criando-se categorias mediante reagrupamentos analógicos.

No próximo capítulo apresento os principais resultados das respostas do questionário e as categorias temáticas que construí a partir da técnica de análise de conteúdo.

5 OS PERFIS SOCIOECONÔMICOS DOS JOVENS APRENDIZES

Nesta seção apresento os principais resultados da análise do questionário, o qual foi aplicado nos meses de abril e maio de 2017, nas turmas disponíveis no momento da pesquisa que estavam próximas ao fim do curso de aprendizagem profissional. No CIEE-PE estavam nessa situação cinco turmas, sendo três do curso de *ocupações administrativas* e duas de *comércio e varejo*, as quais ainda teriam entre 7 e 15 dias de curso. No SENAI-PE estavam disponíveis três turmas, todas do curso de *técnico em mecânica industrial*, que já estavam na última semana de aulas teóricas, faltando a última ida à empresa de aproximadamente três meses.

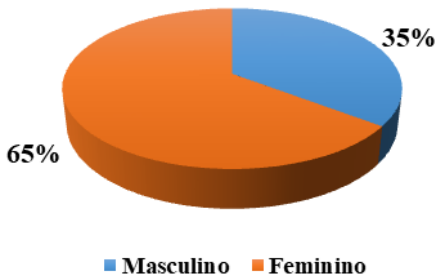
Em um primeiro momento, faço as análises por turmas e em seguida realizo uma análise comparativa entre as instituições do meu campo de pesquisa. Começo pelas turmas do CIEE-PE e em seguida apresento as turmas do SENAI-PE. Por questões éticas alterei os códigos das turmas de ambas as instituições.

5.1 OS APRENDIZES DO CIEE-PE

5.1.1 Turma C1 – Ocupações administrativas

A turma C1 do curso de *ocupações administrativas* do CIEE-PE era formada por 17 jovens, sendo a maioria do sexo feminino, como mostra o Gráfico 1.

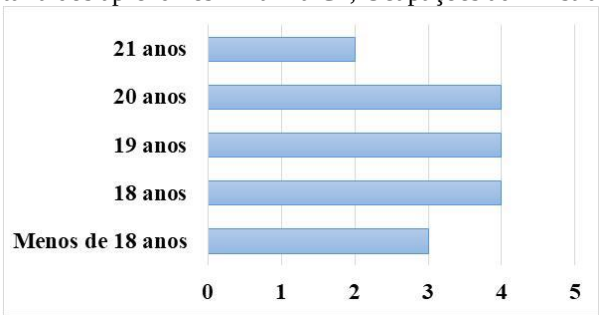
Gráfico 1 – Composição por sexo da turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Os aprendizes tinham idades entre 15 e 21 anos, apresentando uma média de 18,7 anos de idade. No Gráfico 2 é possível perceber que as idades dos aprendizes se concentravam na faixa entre 18 e 20 anos. Cabe ressaltar a presença do jovem aprendiz mais novo dentre os 121 respondentes, embora estivesse na reta final do processo de aprendizagem, possuía apenas 15 anos de idade.

Gráfico 2 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



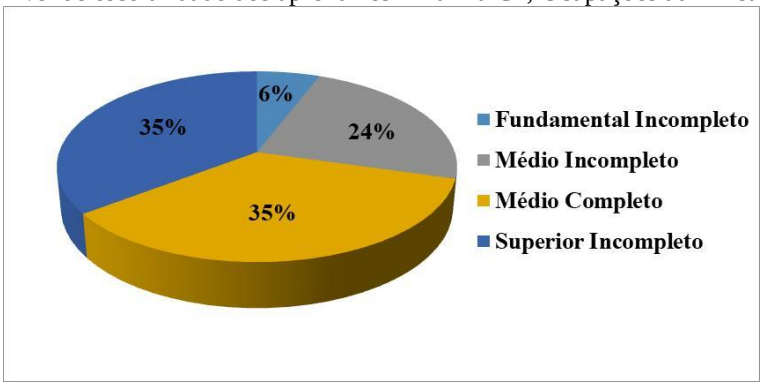
Fonte: Elaboração própria

Dentre os 17 jovens, 13 se denominaram *solteiros*, enquanto que um se declarou em *união estável* e três não quiseram ou souberam responder. Nenhum possuía filhos.

Todos os jovens moravam na Região Metropolitana do Recife[24] (RMR), sendo que a maior parte morava em Recife (10), dois em Jaboatão do Guararapes, dois no Cabo de Santo Agostinho, um em Olinda e outro em Camaragibe. Já haviam morado em outro bairro ou cidade oito aprendizes, enquanto que nove sempre moraram no mesmo local. Os jovens moravam com uma média de quatro pessoas e, predominantemente, ainda com o *pai e a mãe* (10), enquanto que três afirmaram morar com *outros parentes*, dois apenas com a *mãe* e um *sozinho*. Possuíam uma média de dois irmãos e majoritariamente moravam em casa própria (13).

O Gráfico 3 ressalta o número significativo de aprendizes no ensino superior (6), mesma quantidade de jovens que possuíam o nível médio completo. Os cursos superiores eram: *administração* (2), *gestão de RH*, *fisioterapia*, *enfermagem* e *pedagogia.*

Gráfico 3 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Dos 17 aprendizes que responderam ao questionário, apenas três já fizeram ou faziam curso de nível técnico no momento, tais quais: *workplus-RH*; *técnico em*

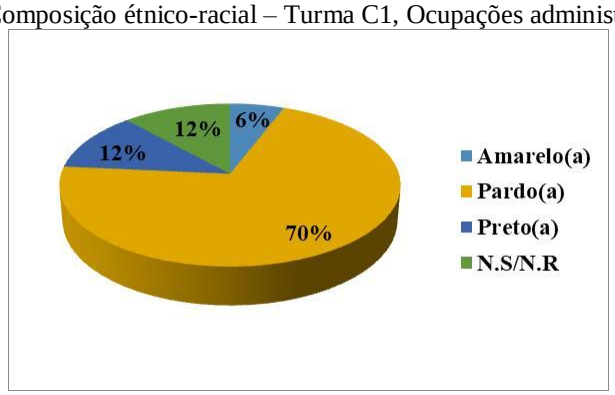
[24] A Região Metropolitana do Recife, também conhecida como Grande Recife, é composta por 14 municípios: Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata.

logística/comércio/design de interiores; *recondicionamento e suporte; novas tecnologias;* e *informática básica*.

Dentre os aprendizes, 11 ainda estudavam ou haviam estudado na rede pública, enquanto que sete na rede privada (principalmente aqueles que faziam o ensino superior). Todas as turmas do CIEE-PE investigadas eram no período da manhã e, por isso, boa parte dos jovens estudava no período da tarde (5) ou à noite (6). Em média, estudaram ao longo de sua trajetória escolar em 3,5 escolas diferentes.

Em relação à cor/raça, o Gráfico 4 indica que 70% dos aprendizes se declararam pardos(as). Mas ao agregar as respostas *preto(a)* e *pardo(a)*, 82% dos aprendizes se auto identificaram como negros. Enquanto que nenhum se declarou como *branco(a)* nesta turma.

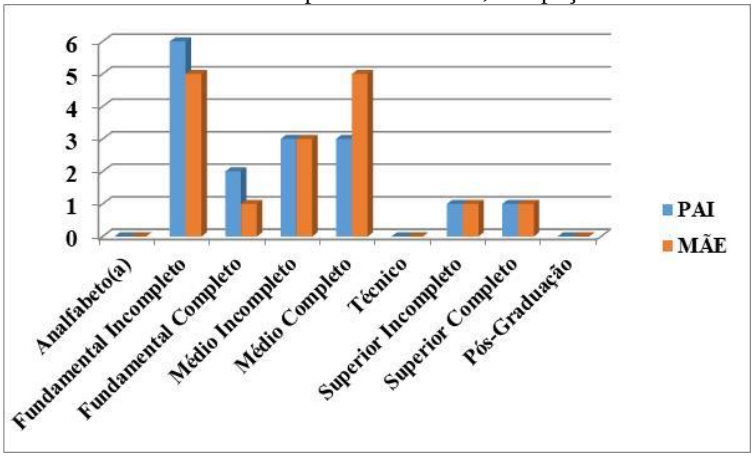
Gráfico 4 – Composição étnico-racial – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à escolaridade do pai e da mãe, o Gráfico 5 apresenta os seguintes dados: até o nível médio incompleto, há uma leve superioridade da escolaridade do pai em relação à mãe. Porém, quando analisamos a partir do nível médio até o superior completo, a mãe passa a ter uma escolaridade maior que o pai, e é justamente nesse nível onde há a diferença mais significativa, só perdendo essa vantagem quando se chega na pós-graduação, o que revela, de forma geral, um maior nível de escolaridade das mães em relação aos pais.

Gráfico 5 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C1, Ocupações administrativas- CIEE



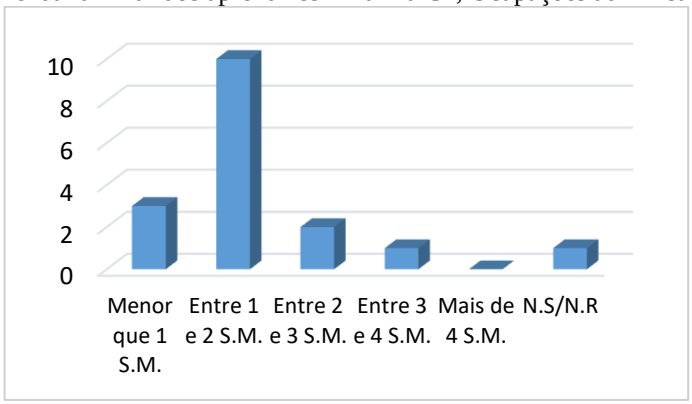
Fonte: Elaboração própria

A baixa escolaridade dos pais se reflete na atividade profissional, pois quanto às profissões do pai, surgiram respostas como: *marceneiro, motorista* (2), *porteiro, zelador, pedreiro* etc. Merecem destaque também profissões como: *empresário, gerente de RH, gerente de segurança* e *engenheiro*. Enquanto que as mães eram: *empregada doméstica* (3), *comerciante, assistente administrativo, serviços gerais, cabeleireira, cuidadora de idosos* etc. Também eram: *gerente de supermercado*, *promotora de eventos, pedagoga* e *técnica em enfermagem*. Um aprendiz não sabia quais eram as profissões do pai e da mãe.

A principal fonte de renda dos aprendizes era o *salário como aprendiz* (16). Um também recebia *bolsa de estudos ou pesquisa* e outro recebia *mesada*.

A renda familiar dos aprendizes estava concentrada em até dois salários mínimos, sendo que três afirmaram ser menor que um salário mínimo (R$ 937,00 no momento da pesquisa), como mostra o Gráfico 6:

Gráfico 6 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



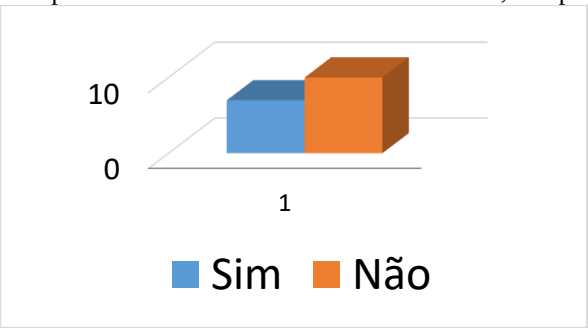
Fonte: Elaboração própria

Quanto à contribuição financeira, as respostas foram divididas: nove contribuíam financeiramente com a família e oito não. Os que colaboravam, afirmaram contribuir com: *contas, água, luz, internet, metade da faculdade, alimentação* e *despesas*. Dez aprendizes não possuíam plano de saúde e sete o possuíam.

Dos jovens que frequentavam algum tipo de grupo, entidade ou associação, oito iam à igreja e dois pertenciam a torcidas organizadas.

Conforme o Gráfico 7, 58% dos aprendizes nunca haviam trabalhado antes da experiência de aprendizagem. Os demais já haviam trabalhado em atividades como: *aprendiz em vendas*; *aprendiz em operações de supermercados; ajudando na empresa dos meus pais*; *estágio*; *em produções de eventos voluntários*; *ajudante de pedreiro;* e *educador*.

Gráfico 7 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE

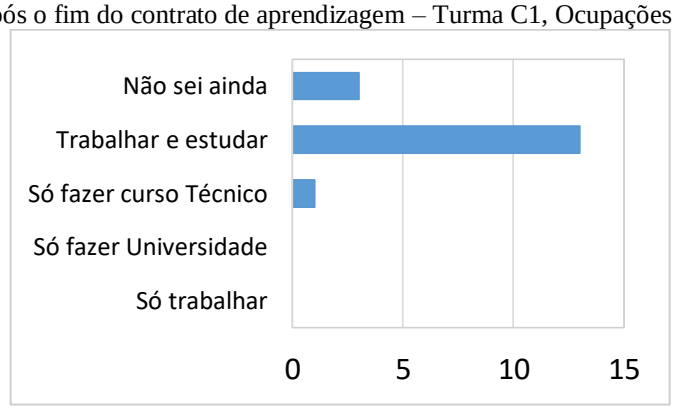


Fonte: Elaboração própria

A respeito de trabalho voluntário, 68% nunca fizeram qualquer tipo e os que o fizeram foram atividades como: *doações*; *visita a asilos e lares de crianças para doar materiais*; *eventos beneficentes*; e *trabalho voluntário em biblioteca pública*.

Após concluir o curso de aprendizagem, 76% dos jovens pretendiam *trabalhar e estudar* e três não sabiam ainda o que fariam como mostra o Gráfico 8:

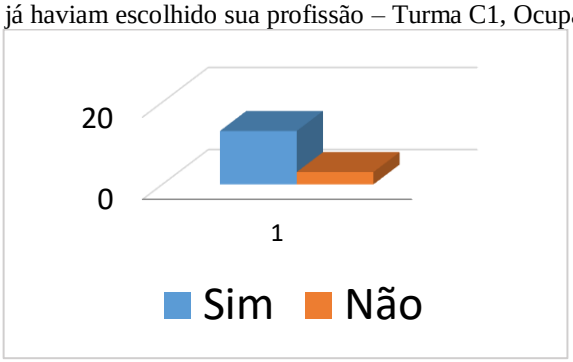
Gráfico 8 – Planos após o fim do contrato de aprendizagem – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 9 aponta que 81% dos aprendizes já haviam decidido a profissão que pretendiam seguir. Nessa questão surgiram respostas como: *administração* (2 respostas); *quero ser advogada*; *recursos humanos (psicologia)*; *fisioterapeuta*; *mecânico*; *gestor de TI ou RH*; *carreira militar*; *arquiteta*; *enfermeira pediátrica*; *pedagogia*, *almoxarifado;* e *pretendo atuar na área criminal*. Cabe ressaltar que dentre aqueles que já haviam escolhido a profissão, apenas dois pretendiam seguir na mesma área do curso de aprendizagem, qual seja, a área administrativa, além de recursos humanos, a qual se constitui como uma área afim.

Gráfico 9 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Os aprendizes afirmaram conhecer o programa de aprendizagem, principalmente por meio de amigos (5), da empresa na qual trabalhavam (3), de familiares (2) e por meios de comunicação, como *internet* e televisão (2). Merecem destaque respostas como:

> *Através da empresa quando fui contratada* (mulher, 21 anos).
>
> *Pela* internet *e comentários de amigos* (mulher, 19 anos).
>
> *Pela Tv, através de comercial* (homem, 19 anos).
>
> *Através de amigos e conheci principalmente dentro da instituição CIEE com as aulas* (mulher, 19 anos).
>
> *Pela Funase*[25] (homem, 20 anos).
>
> *A empresa foi obrigada a contratar filhos dos funcionários* (homem, 15 anos).

Os pais tiveram *muita influência* na participação no curso de aprendizagem de 64% dos aprendizes, quatro afirmaram ter *pouca influência* e dois *nenhuma influência*.

No que se refere à principal motivação de participar do programa de aprendizagem posso destacar respostas como:

Quadro 9 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C1, Ocupações administrativas-CIEE

Categoria temática	Respostas
O desenvolvimento pessoal e profissional	*Aprender a agir na vida profissional e pessoal também* (mulher, 21 anos). *Se profissionalizar* (homem, 19 anos). *Realização profissional, pois através do CIEE entrei no mercado de trabalho* (mulher, 20 anos). *A vontade de superação e de desenvolvimento seja pessoal ou profissional* (mulher, 18 anos).

[25] Esse jovem aprendiz, Henrique, posteriormente foi selecionado para a entrevista, correspondendo ao perfil 12.

Categoria temática	Respostas
Adquirir conhecimento/aprendizado	*Oportunidade de agregar novos conhecimentos e a renda traz um pouco de independência* (mulher, 20 anos). *Ter mais conhecimento, me preparar pra minha vida profissional e ter meu próprio dinheiro* (mulher, 19 anos). *Adquirir conhecimento* (mulher, 19 anos).
Adquirir experiência	*Ter mais experiências* (mulher, 18 anos). *Prática de desenvolvimentos em relação ao trabalho, adquirir novas experiências.* (homem, 16 anos). *Adquirir mais experiências* (mulher, 21 anos).
A questão financeira/salarial	*Ter meu próprio dinheiro* (homem, 15 anos). *Aprender sobre a área administrativa e principalmente pelo salário que contribuiu para minha permanência na Universidade.*(mulher, 19 anos).

Fonte: Elaboração própria

Em contrapartida, surgiram respostas negativas quanto à motivação em participar do Programa: "*infelizmente não sou motivado a participar do programa"* (homem, 18 anos). Os pais desse jovem eram da área e tiveram muita influência em fazer o curso e ele escolheu seguir na área. Estava no 3º período do curso de administração, mas mesmo assim não encontrava motivação no curso.

Outra resposta que merece destaque foi a do jovem aprendiz que cumpria medida socioeducativa na instituição, quando disse que sua principal motivação era "*distrair minha mente"* (homem, 20 anos).

O curso de aprendizagem atendeu às expectativas de 82% dos aprendizes, devido a:

> *Consegui ter mais responsabilidades e perdi timidez em público* (mulher, 19 anos).
>
> *Pois aqui cresci e estou adquirindo conhecimentos e experiências* (mulher, 21 anos).
>
> *Me trouxe bastante conhecimento, seja profissional ou pessoal* (mulher, 18 anos).
>
> *Me motivou e me incentivou a buscar novos caminhos para minha formação profissional (*mulher, 20 anos).
>
> *Aprendi bastante e me fez ter vontade/curiosidade de crescer profissionalmente* (mulher, 18 anos).

Os que responderam que suas expectativas não foram atendidas justificaram da seguinte forma:

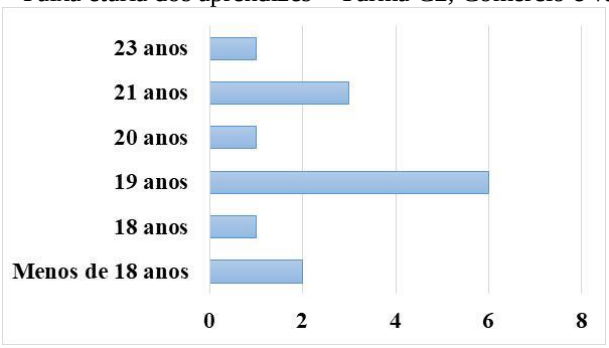
> *Muito repetitivo e pouca prática, não consegui identificar nas minhas atividades na empresa algo relacionado nas atividades do programa* (homem, 18 anos).
>
> *Esperava mais* (homem, 17 anos).

Em relação à turma C1 do curso de *ocupações administrativas*, vale destacar que apresentou um número relevante de jovens no ensino superior (6), a mesma quantidade que ainda frequentava o ensino médio. Outro ponto importante é que nenhum jovem se declarou branco(a), havendo a predominância de pardos. Um jovem vivia em uma união estável, enquanto os demais se declararam solteiros.

5.1.2 Turma C2 – Comércio e varejo

A turma C2, do curso de *comércio e varejo*, possuía 14 aprendizes, sendo oito do sexo feminino e seis do sexo masculino, com uma média de 19,2 anos de idade, variando entre 16 e 23 anos, como indicado no Gráfico 10:

Gráfico 10 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Em relação ao estado civil, 78% dos aprendizes se declararam *solteiros*, dois estavam em *união estável* e um se declarou *casado*. Nenhum dos jovens possuía filho.

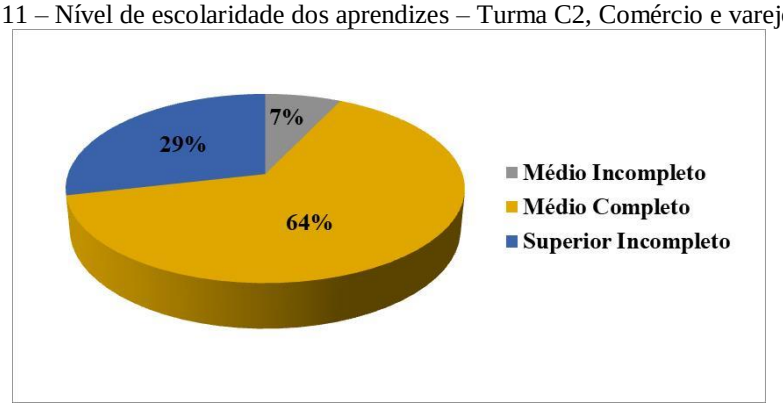
Todos moravam na RMR, sendo que a maior parte dos aprendizes morava em Recife (6), três moravam em Jaboatão dos Guararapes, dois em Olinda, outros dois em Camaragibe e um em Paulista. Dos 14 aprendizes, 50% já haviam morado em outro bairro ou cidade. Moravam em sua casa 3,6 pessoas, em média, e 57% ainda moravam com *pai e mãe*, enquanto que três moravam com o *cônjuge*, dois com apenas a *mãe*, dois com *outros parentes*, um com apenas o *pai* e um com *os avós*. Os jovens possuíam uma média de 1,5 irmãos e 85% moravam em casa própria.

Em relação ao nível de escolaridade, nove aprendizes haviam concluído o ensino médio, quatro estavam no ensino superior e um possuía o nível médio incompleto, como

ilustrado pelo Gráfico 11. Os que estavam no ensino superior frequentavam os seguintes cursos: *gastronomia*, *administração*, *direito*.

Seis aprendizes eram da rede pública de ensino e três da rede privada (Faculdades) e estudaram em três escolas, em média.

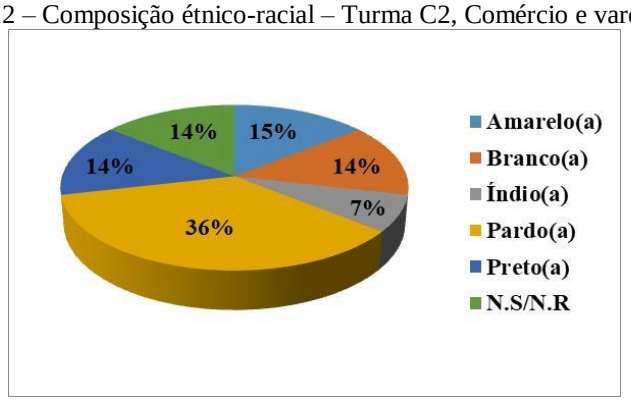
Gráfico 11 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Quanto à raça/cor, cinco se autodenominaram *pardos(as*), dois *brancos(as)*, dois *amarelos(as)*, dois *pretos(as)* e um se considerava *índio(a)*, como no Gráfico 12. Metade dos aprendizes se declarou negra, quando somados os percentuais de pardos(as) e pretos(as).

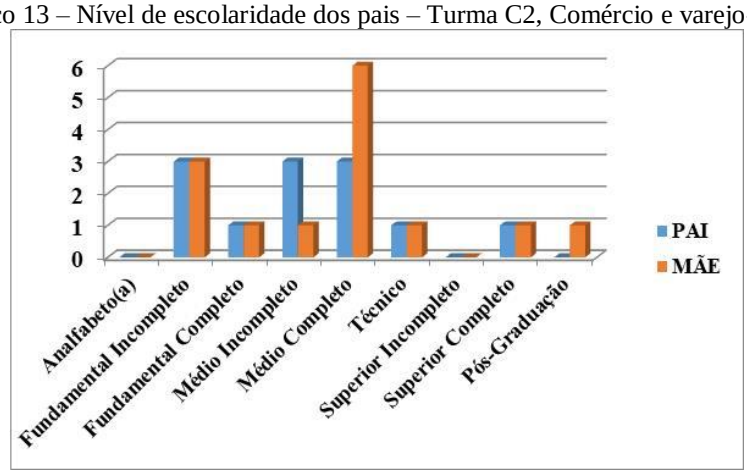
Gráfico 12 – Composição étnico-racial – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Em relação à escolaridade dos pais é possível perceber certo equilíbrio. A diferença mais significativa aparece no nível médio completo, no qual a mãe possui maior vantagem em relação ao pai.

Gráfico 13 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C2, Comércio e varejo- CIEE

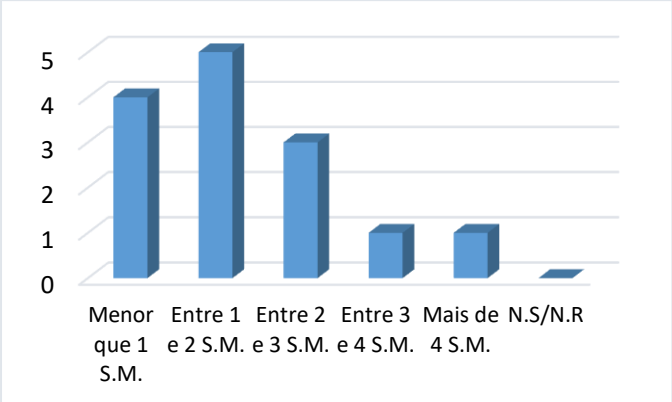


Fonte: Elaboração própria

A profissão do *pai* apresentou respostas como: *beneficiado, motorista, zelador, auxiliar de cozinha, segurança, auxiliar de manutenção, policial militar, auxiliar de construção civil* etc. A *mãe* tinha como ocupação: *dona de casa* (4 respostas), *cuidadora, professora, RH, recepcionista, técnica em enfermagem, funcionária pública, pedagoga, comerciante*, entre outras.

A principal fonte de renda de 86% dos aprendizes era o *salário como aprendiz*. Um assinalou que recebia *mesada* e outro, *aposentadoria ou pensão* (provavelmente dos pais). A renda familiar dos aprendizes se concentrava em até 2 salários mínimos (64%), como ilustra o Gráfico 14. Um jovem marcou a opção entre 3 e 4 salários e um com mais de 4 salários. Contribuíam financeiramente com a família 71% dos jovens, com faculdade, feira, contas, parte da renda, vale alimentação etc.

Gráfico 14– Renda familiar dos aprendizes – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

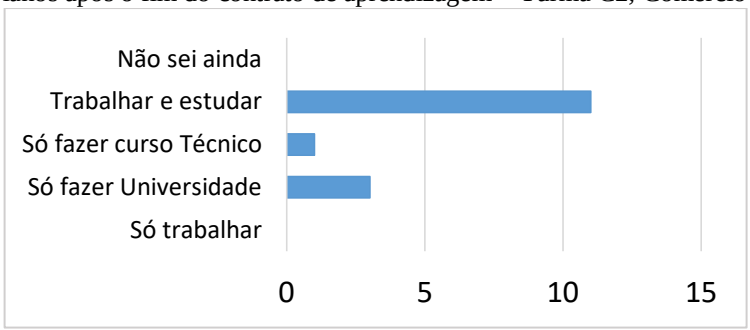
Oito aprendizes não possuíam plano de saúde e seis o possuíam.

O grupo, entidade ou associação mais frequentada pelos aprendizes era a igreja (5 respostas) e um participava de partido político.

Apenas 42% dos jovens já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem em atividades como: *aprendiz*; *estágio*; *loja de cerâmica, vendedor*; *mais educação, professor de educação física*; *em uma quitanda de verdura de um amigo*; e *auxiliar de educação especial*. Somente 35% já tinham trabalhado voluntariamente nas seguintes atividades: *Arrecadar alimentos para instituições carentes*; *Em uma ONG de cachorros*; *Doação de comida*; *Distribuir comida e roupas para pessoas de rua*; *Partido político*.

De acordo com o Gráfico 15, onze aprendizes pretendiam *trabalhar e estudar* após concluir o curso de aprendizagem; três, *só fazer faculdade* e um *só fazer curso técnico*.

Gráfico 15 – Planos após o fim do contrato de aprendizagem – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Apenas um jovem ainda não havia decidido a profissão que queria seguir. Os demais apontaram as seguintes escolhas: *licenciatura: história/letras*; *médica cientista (para fazer estudos)*; *advogada*; *odontologia*; *esteticista*; *administração*; *área administrativa*; *professor* (este fazia graduação em educação física)[26]; *fazer a EsSa – Escola de Sargentos das Armas – Exército*; *nutrição*; *nutricionista*; *chef de cozinha*[27]; *contabilidade ou engenharia química*.

Identifiquei quatro jovens que faziam ou já haviam feito curso técnico em áreas como: *técnico em nutrição*; *bombeiro civil*; e *técnico em administração*.

Os aprendizes afirmaram ter conhecido o programa, principalmente, através de: *veículos de comunicação* (5), *amigos* (4) e *a própria empresa* (2). Surgiram respostas como:

> *Conheci através da empresa* (mulher, 20 anos).
>
> *Escola* (homem, 19 anos).
>
> *Por uma amiga que trabalhava e fazia parte do programa* (homem, 16 anos).
>
> *Indicação de familiares e entrega de currículo na loja* (mulher, 21 anos).
>
> *Amigos e anúncios* (homem, 19 anos).

[26] Esse jovem foi selecionado para a entrevista, correspondendo ao perfil 4 (Fernando).
[27] Essa jovem aprendiz também foi entrevistada (Aryane, perfil 8).

Para oito aprendizes os pais tiveram *muita influência* em sua participação no curso de aprendizagem, quatro afirmaram ter *nenhuma influência* e dois, *pouca influência*.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem, as respostas se concentraram nas seguintes categorias:

Quadro 10 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C2, Comércio e varejo-CIEE

Categoria temática	Respostas
Adquirir experiência	*Experiência* (mulher, 19 anos). *Adquirir experiência* (mulher, 20 anos). *Adquirir experiência no mundo do trabalho* (mulher, 21 anos). *Ter a experiência de trabalhar, oportunidade, se tornar responsável* (mulher 21 anos).
Adquirir conhecimento/aprendizado	*Mais conhecimentos* (mulher, 18 anos). *Ter mais oportunidade no mercado de trabalho e ter conhecimento* (mulher, 19 anos). *Aprender sobre o mercado de trabalho* (mulher, 19 anos).
A questão financeira	*Queria conhecer na prática os valores de participação em empresa e queria já ganhar meu próprio dinheiro, pois nunca gostei de depender dos meus pais* (homem, 16 anos). *Minha própria renda* (homem, 19 anos). *Salário* (homem, 23 anos).
Independência	*Ser independente, mostrar meu interesse pelo trabalho* (homem, 16 anos).

Fonte: Elaboração própria

O curso de aprendizagem atendeu as expectativas de 75% dos aprendizes, principalmente:

> *Porque nos ajudam a se desenvolver e se comunicar melhor e também a se portar e se expressar em ambiente de trabalho* (mulher, 21 anos).
>
> *Porque ajuda a desenvolver o desempenho do jovem no trabalho* (mulher, 21 anos).
>
> *Pois aprendi muitas coisas que não sabia e pude botar em prática o que sabia* (homem, 16 anos).
>
> *Porque foi uma experiência a mais na minha vida profissional e pessoal* (mulher, 18 anos).

Outras respostas indicaram que o curso não tinha atendido completamente as expectativas dos aprendizes:

> *Em parte, pois esperava aprender coisas a mais* (homem, 19 anos).
>
> *De certa forma, quando entrei estava bastante empolgado, mas depois percebi que não era tão proveitoso. Mesmo assim não tenho muito o que reclamar. Tudo por uma experiência no meu ver* (homem, 16 anos).

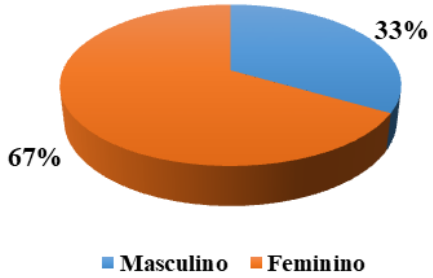
> *Não, porque tinha expectativa que fosse contribuir mais para o dia a dia na empresa* (mulher, 20 anos).

A turma C2 do curso de *comércio e varejo* possuía dois jovens que viviam em união estável e um(a) casado(a), enquanto os demais se declararam solteiros. Quanto à escolaridade, diferentemente da turma anterior (C1) havia predominância de jovens com o ensino médio completo. Além do salário como aprendiz um dos jovens recebia mesada dos pais.

5.1.3 Turma C3 – Ocupações administrativas

A turma C3, do curso de *ocupações administrativas* do CIEE-PE, era composta por 12 aprendizes, sendo a maioria do sexo feminino como aponta o Gráfico 16:

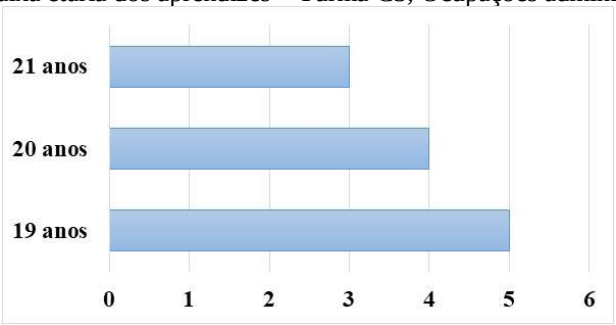
Gráfico 16 – Composição por sexo da turma C3, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

A faixa etária variava entre 19 e 21 anos, de acordo com o Gráfico 17, configurando-se como a turma com maior média de idade, qual seja, 19,8 anos. Definiram-se como solteiros 91% dos aprendizes e apenas um se declarou casado. Nenhum dos aprendizes possuía filhos.

Gráfico 17 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

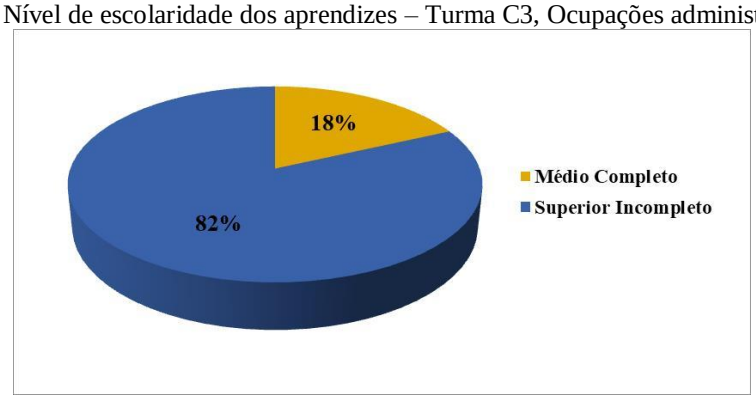
Moravam na RMR 91% dos aprendizes: cinco em Jaboatão dos Guararapes, três em Recife, um em Paulista, um em São Lourenço da Mata e um no Cabo de Santo Agostinho. Apenas um morava fora da RMR, no município de Escada[28]. Sete aprendizes já haviam

[28] Localizado na Zona da Mata pernambucana, a 63 km de distância de Recife.

morado em outro bairro ou cidade, enquanto que quatro, não. Os aprendizes moravam com uma média de 3,4 pessoas. Cinco moravam com *pai e mãe*, outros cinco apenas com a *mãe*, um com os *avós*, um com *cônjuge* e um com *outros parentes*. A média de irmãos era de 1,6. Apenas um morava em casa alugada.

Quanto ao nível de escolaridade, 82% dos aprendizes frequentavam o ensino superior – maior índice encontrado na aplicação do questionário –, enquanto os demais possuíam o nível médio completo. Quanto ao nível técnico, cinco aprendizes faziam ou tinham concluído nas seguintes áreas: *administração*; *informática*; *logística (incompleto)*; *segurança do trabalho*; *petroquímica/meio ambiente*.

Gráfico 18 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE

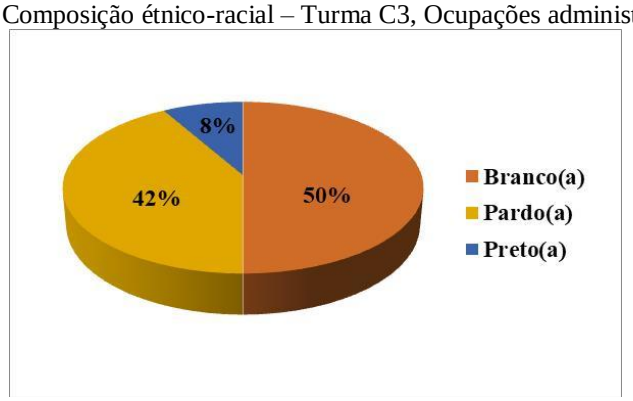


Fonte: Elaboração própria

Em relação à instituição de ensino, apresentaram um equilíbrio, pois 50% frequentavam a rede pública e 50% a rede privada. A maior parte (5) estudava no turno da noite, enquanto três estudavam a tarde e um pela manhã. Em média, ao longo de sua trajetória, os jovens estudaram em 4,1 escolas.

Quanto à raça/cor, ao agregar pardos(as) e pretos(as), metade era composta por brancos(as) e a outra metade por negros(as), como ilustrado pelo Gráfico 19:

Gráfico 19 – Composição étnico-racial – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE

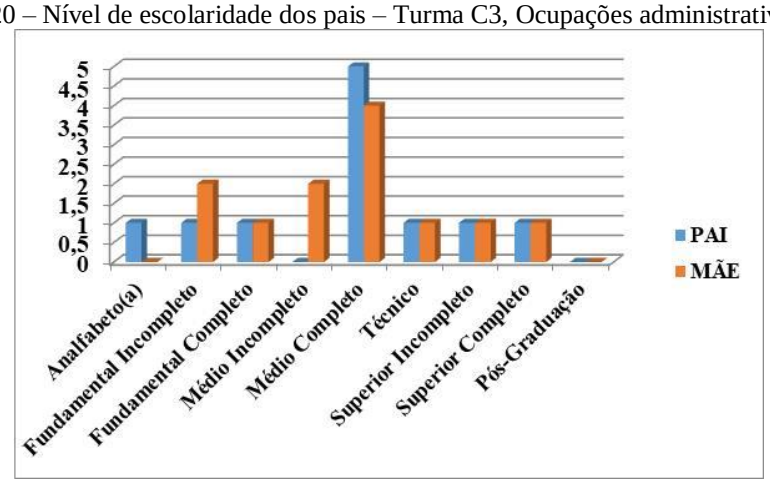


Fonte: Elaboração própria

Ao analisar o Gráfico 20, é possível perceber certo equilíbrio em relação à escolaridade dos pais dos aprendizes da turma C3. Entretanto, diferentemente das turmas

anteriores (C1 e C2), a mãe possuía uma maior escolaridade em relação ao pai até o nível do ensino médio incompleto. O pai tem certa vantagem quanto ao nível médio completo e nos níveis seguintes há um equilíbrio.

Gráfico 20 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C3, Ocupações administrativas- CIEE

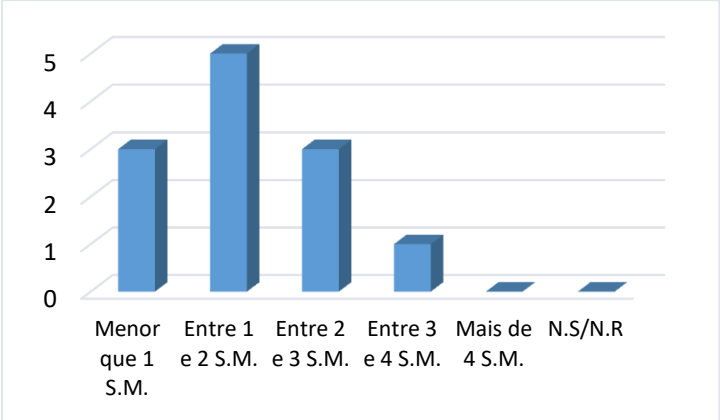


Fonte: Elaboração própria

Em relação às profissões, consegui os seguintes dados sobre o pai*: funcionário da CBTU, gerente, auxiliar administrativo, balconista, soldador* e *porteiro*. Também houve respostas como *técnico em refrigeração*, *analista de sistemas* e "*não existe".* Em relação à mãe, as respostas foram: *dona de casa* (2), *cabeleireira, serviços gerais, digitadora, operadora de telemarketing, professora e manicure, secretária, empregada doméstica e diarista*.

A principal fonte de renda de todos os jovens era o *salário como aprendiz* e sua renda familiar estava concentrada em até dois salários mínimos (67%), como indicado no Gráfico 21. Contribuíam financeiramente com a família sete jovens, principalmente com despesas da casa, contas e *internet*, enquanto que cinco não o faziam. Possuíam plano de saúde 58% dos aprendizes.

Gráfico 21 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE



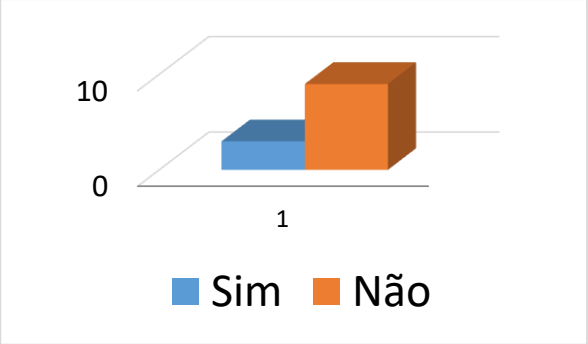
Fonte: Elaboração própria

Sete aprendizes frequentavam a igreja e um participava de uma ONG.

Afirmaram já ter trabalhado antes do curso de aprendizagem apenas 25% dos jovens nas seguintes atividades: *como autônoma, ajudando minha mãe*; *auxiliar administrativo em transporte*; *doces e salgados com minha mãe/professora de violão*.

Apenas cinco aprendizes já haviam trabalhado voluntariamente como: *visitando orfanatos, hospitais para brincar com as crianças*; *ONG comunitária*; *faça uma criança feliz (organizar donativos numa instituição)*; *ONG*; *ação social, doação de brinquedos e alimentos*.

Gráfico 22 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Planejavam *trabalhar e estudar* após o fim do processo de aprendizagem 91% dos jovens, enquanto que um pretendia *apenas fazer Universidade*.

Vale ressaltar que todos os aprendizes da turma C3 já haviam escolhido sua profissão. Surgiram respostas como: *militar* (2 respostas); *nutricionista*; *psicóloga*; *professora de história*; *enfermagem*; *engenharia ambiental*; *geógrafo*; *gestora de recursos humanos*; *1º ciências biológicas (concluir), 2º medicina*; e *fisioterapeuta*.

Os aprendizes afirmaram ter conhecimento do programa de aprendizagem principalmente por amigos (6), pela *internet*/redes sociais (5) e familiares (3).

Quanto à influência dos pais em participar do curso de aprendizagem, as respostas foram divididas: seis consideravam *pouca influência* e outros seis, *muita influência*.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem as principais respostas estão indicadas no Quadro 11.

Quadro 11 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C3, Ocupações administrativas-CIEE

Categoria temática	Respostas
Adquirir experiência	*Experiência no mercado de trabalho* (homem, 20 anos). *Buscando novos caminhos e novas experiências e aprendizados* (mulher, 19 anos). *Experiência no âmbito profissional* (mulher, 21 anos). *Adquirir experiência* (mulher, 19 anos).

Categoria temática	Respostas
A questão financeira	*Remuneração.* (homem, 20 anos).
Ingresso no mercado de trabalho	*Necessidade de começar a ingressar no mercado de trabalho* (mulher, 19 anos). *"O salário" e a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho* (homem, 19 anos). *Ter acesso ao mercado de trabalho para conhecer o ambiente* (homem, 20 anos). *Ser contratada pela empresa* (mulher, 19 anos).
Tempo para estudar	*Porque é meio expediente e dá para estudar e por ser o primeiro emprego* (mulher, 21 anos).

Fonte: Elaboração própria

Além dessas destacamos uma resposta que englobava três das categorias supracitadas, qual seja:

> *Experiência profissional, flexibilidade no horário para poder estudar para faculdade e o salário que me ajuda nas contas básicas* (mulher, 21 anos).

As expectativas de 75% dos aprendizes foram atendidas, devido aos seguintes fatores:

> *Porque ajudou bastante no desenvolvimento profissional* (homem, 20 anos).
>
> *A boa dinâmica e a experiência boa* (mulher, 19 anos).
>
> *No geral sim, entretanto, sinto que as empresas não nos aproveitam como deveriam* (mulher, 21 anos).
>
> *Conheci amigos e me abriu a mente profissionalmente* (homem, 19 anos).
>
> *Pois me deu novas perspectivas tanto pessoais quanto profissionais* (homem, 20 anos).
>
> *Um privilégio, oportunidade única. Satisfação total para o meu futuro caminho profissional e na vida* (mulher, 19 anos).
>
> *Com ele posso ter noções básicas de administração* (mulher, 19 anos).

Vale destacar a resposta de uma aprendiz que apresentou uma visão bastante crítica e um linguajar rebuscado, a qual era licencianda em ciências biológicas na UFPE:

> *Sim, tendo em vista sua basicidade e o público que o programa atende. Porém, para mim não é suficiente para se construir um pensamento holístico acerca das coisas* (mulher, 21 anos).

Os que responderam negativamente justificaram das seguintes formas:

> *Porque na empresa que estou não tive muitas oportunidades de aprender, fiquei sempre fazendo a mesma coisa o tempo todo* (mulher, 21 anos).
>
> *Não é a área que pretendo seguir* (homem, 20 anos).

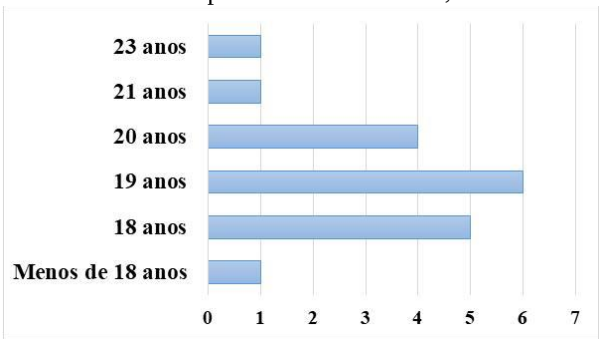
> *Não é dinâmico e os conteúdos não são técnicos entre outras coisas* (homem, 20 anos).

A turma C3 do curso de *ocupações administrativas* possuía, dentre os 12 aprendizes, nove jovens no ensino superior. Outro ponto importante é que metade dos jovens se declarou branco(a), enquanto a outra metade era negra. Um(a) jovem já era casado(a), enquanto os outros eram solteiros.

5.1.4 Turma C4 – Comércio e Varejo

A turma C4, do curso de *comércio e varejo*, era composta por nove jovens do sexo masculino e nove do sexo feminino, totalizando 18 aprendizes, com as idades variando entre 17 e 23 anos, como no Gráfico 23 abaixo, apresentando uma média de 19,1 anos, com concentração na faixa entre 18 e 20 anos.

Gráfico 23 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

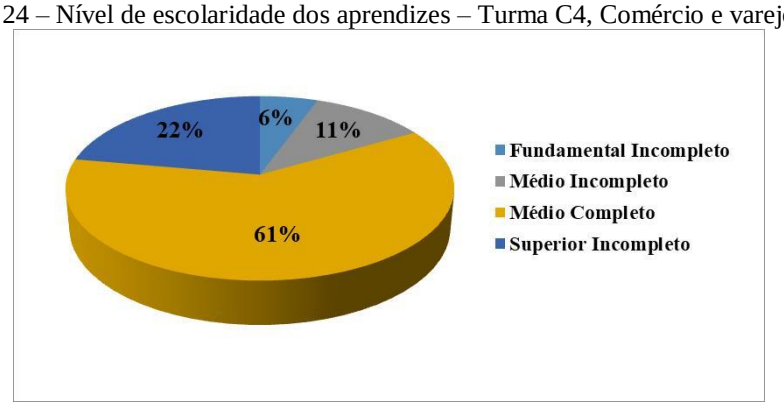
Em relação ao estado civil, 77% dos jovens se declararam solteiros; dois, *casados;* um em *união estável*; e um não quis ou não soube responder. Cabe ressaltar que essa foi a única turma que apresentou aprendizes com filhos (três respostas). Todos moravam na RMR: Recife (6), Olinda (2), Camaragibe (2), Abreu e Lima (2), Jaboatão dos Guararapes (2), Paulista (2), Igarassu (1) e São Lourenço da Mata (1). Seis aprendizes já haviam morado em outro bairro ou cidade, enquanto 11, não. Moravam na casa dos jovens uma média de quatro pessoas. Ainda moravam com *pai e mãe* 55% dos aprendizes, dois moravam com o *cônjuge*, três com *outros parentes*, um com o *pai*, um com a *mãe* e um com os *avós*. Os respondentes possuíam uma média de 2,2 irmãos.

Quanto à escolaridade, como é possível ver no Gráfico 24, 61% possuía o nível médio completo, quatro eram universitários, dois ainda cursavam o ensino médio e um ainda cursava o fundamental, principalmente na rede pública (9) e apenas quatro na esfera privada. Cinco estudavam a noite, dois pela manhã, dois a tarde e um em tempo integral.

Os quatro jovens universitários faziam os cursos de: *letras* (2); *fisioterapia* (2); *letras e teologia (on line)*; e *psicologia*.

Durante a trajetória escolar os aprendizes passaram, em média, por 4,8 escolas. Vale destacar que uma aprendiz[29], a qual se mudava frequentemente, afirmou ter passado por 17 escolas, o que fez a média subir.

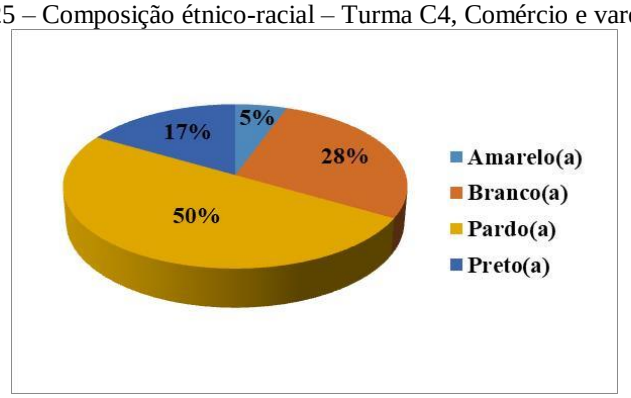
Gráfico 24 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à cor/raça, 67% dos aprendizes se consideravam pardos (9) ou pretos (3), cinco se declararam brancos e um amarelo. Mais uma vez a maioria dos aprendizes se denominava negra, como no Gráfico 25.

Gráfico 25 – Composição étnico-racial – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE



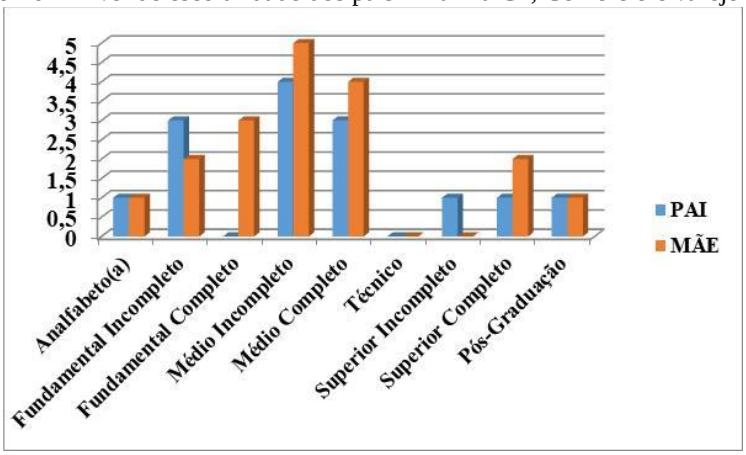
Fonte: Elaboração própria

Em relação ao nível de escolaridade do *pai* e da *mãe*, o Gráfico 26 mostra que a mãe possuía certa vantagem sobre o pai, principalmente entre os níveis fundamental completo e o médio completo. O pai possuía maior escolaridade apenas nos níveis fundamental incompleto e superior completo, o que corresponde aos resultados anteriores, os quais demonstram que, de forma geral, a mãe tem um nível de escolaridade maior que o pai, principalmente quando consideramos a educação básica, embora tal superioridade não se repita no que diz respeito

[29] Selecionei essa jovem para a entrevista, porém, ela frequentemente faltava às aulas teóricas e devido ao pouco tempo para o fim do curso e às aulas ocorrerem apenas uma vez por semana, não foi possível entrar em contato com ela.

aos níveis superior e de pós-graduação. Vale ressaltar também o surgimento de respostas apresentando pais analfabetos.

Gráfico 26 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C4, Comércio e varejo- CIEE

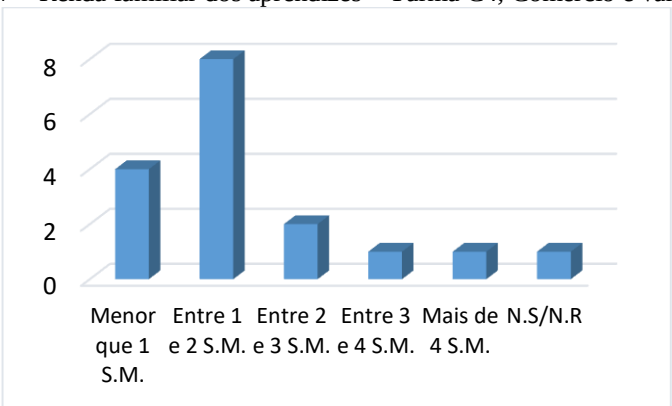


Fonte: Elaboração própria

Quanto à profissão do *pai*, surgiram respostas como: autônomo (3), vigilante (2), serralheiro, pasteleiro, biscateiro, auxiliar de cozinha, policial, supervisor de produção, administrador, farmacêutico. Em relação à mãe: autônoma (4), doméstica (2), funcionária pública, professora, empregada doméstica, enfermeira, serviços gerais, chefe de cozinha, dona de casa, farmacêutica.

A principal fonte de renda de 94% dos jovens era o *salário como aprendiz*, embora um também tenha indicado a *mesada* e outro, *trabalho autônomo*. A renda familiar dos aprendizes estava concentrada em até dois salários mínimos (70%), como podemos visualizar no Gráfico 27; dois assinalaram entre 2 e 3 salários, um entre 3 e 4, um marcou mais de 4 salários e um não quis ou não soube responder. Dentre os 18 aprendizes, 64% contribuíam financeiramente com a família, principalmente com feira; contas; energia; cartão alimentação e parte do salário; alimentos etc.

Gráfico 27 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE

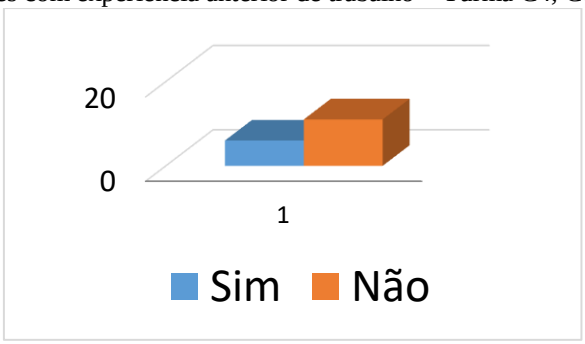


Fonte: Elaboração própria

Seis aprendizes frequentavam a igreja e um fazia parte de uma *equipe de carros e motos*.

Apenas seis jovens já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem em atividades como: *frentista e jovem aprendiz (2014); autônoma; setor de ADM; administrativa*; *demonstradora (Ação);* e *setor ADM*. Vale ressaltar que, embora a turma C4 fosse do curso de *comércio e varejo*, três jovens que já haviam trabalhado antes do curso tiveram experiências na área administrativa, enquanto apenas dois tinham experiências na área de comércio e prestação de serviços.

Gráfico 28 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE

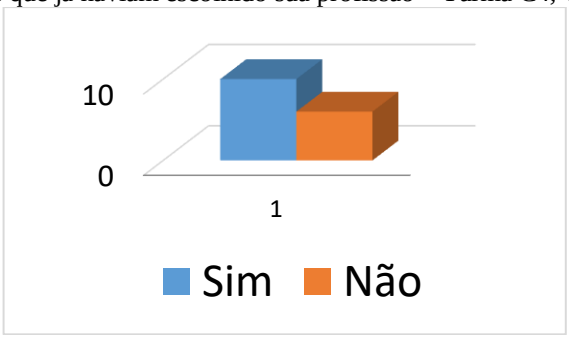


Fonte: Elaboração própria

Apenas quatro aprendizes já haviam realizado algum tipo de trabalho voluntário, tais quais: *vendendo trufas, ovos de páscoa, produtos naturais*; *projeto mãos que ajudam*; e *reflorestamento.*

Haviam decidido a profissão que queriam seguir dez aprendizes. As respostas foram *fisioterapeuta* (2)*; psicóloga* (2)*; empreendedor; professora e escritora; gastrônomo; nutricionista; cantor e mecânico; e farmácia*.

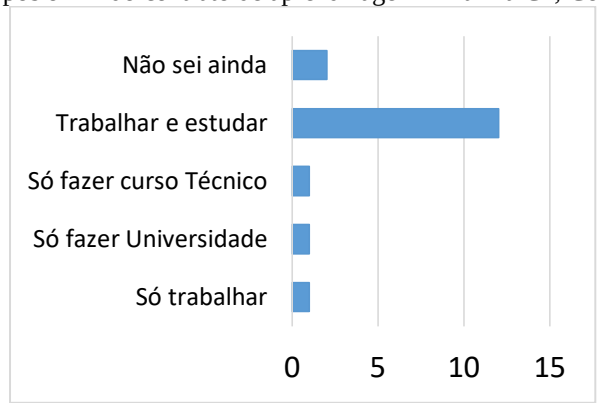
Gráfico 29 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Doze jovens pretendiam, após o curso de aprendizagem, *trabalhar e estudar*. Como mostra o Gráfico 30:

Gráfico 30 – Planos após o fim do contrato de aprendizagem – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Possuíam formação técnica três aprendizes nas áreas de: *segurança do trabalho*; *logística*; e *design de moda.*

Os aprendizes conheceram o programa de aprendizagem através dos meios de comunicação (TV, *internet* e páginas como *Facebook*) (7); amigos (3) e indicação de terceiros (3). Destacamos as seguintes respostas:

> *Através de uma amiga que trabalhava em uma empresa privada* (homem, 19 anos).
>
> *Através de uma página no* Facebook *que fornece vagas de emprego. E assim que passei na seleção a empresa me encaminhou pro local do curso* (mulher, 19 anos).

Quanto à influência dos pais, seis afirmaram ter tido *pouca influência*, cinco tiveram *muita influência*, quatro *nenhuma influência* e dois não souberam responder.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem, as respostas foram bastante divididas:

Quadro 12 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma C4, Comércio e varejo-CIEE

Categoria temática	Respostas
Adquirir conhecimento/aprendizado	*Conhecimento e qualificação* (homem, 20 anos). *Obter conhecimento profissional* (mulher, 18 anos). *Interesse em aprender novas atividades, relacionadas ao mercado de trabalho* (mulher, 23). *Realizar meu desejo "ser autônomo". Aqui estarei buscando conhecimentos* (homem, 19 anos).
Independência	*Ser uma pessoa independente* (mulher, 17 anos). *Ser independente* (mulher, 21 anos). *Independência e conhecer melhor o mercado de trabalho* (homem, 19 anos).
Adquirir experiência	*Poder adquirir experiência profissional e estar no mercado de trabalho, com o benefício de ter também um curso profissionalizante* (mulher, 19 anos). *Primeiro trabalho na Carteira Profissional* (homem, 20 anos).

Categoria temática	Respostas
Oportunidade de trabalhar	*Trabalhar* (homem, 20 anos). *Trabalhar* (mulher, 20 anos).
A questão financeira	*Dinheiro* (mulher, 19 anos). *O custo de vida na Federal* [UFPE] *ser alto e eu precisar de dinheiro pra me manter lá dentro* (mulher, 19 anos).

Fonte: Elaboração própria

Apenas oito aprendizes responderam a questão referente a se suas expectativas foram atendidas pelo curso de aprendizagem. Porém, todos afirmaram que sim.

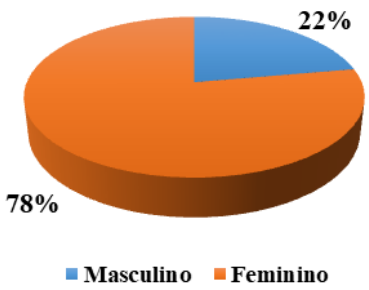
> *Porque abriu meus olhos pro mercado e mostrou-me que tudo deve ser calculado* (homem, 19 anos).
>
> *Queria trabalhar e ter mais conhecimentos* (homem, 20 anos).
>
> *Porque eu aprendi a me portar em todas as áreas da empresa* (mulher, 19 anos).
>
> *Porque eu cresci muito profissionalmente* (mulher, 18 anos).
>
> *Porque é um bom acompanhamento para o amadurecimento profissional* (mulher, 21 anos).
>
> *Porque me capacita para o mercado, principalmente dentro da área de comércio e varejo onde atuo* (mulher, 19 anos).

Metade da turma C4 do curso de *comércio e varejo* era composta por mulheres e a outra metade por homens, enquanto que nas turmas anteriores havia predominância do sexo feminino. Havia dois jovens casados(as) e um em união estável, sendo os demais solteiros. Além disso, três aprendizes dessa turma tinham filhos. Outro ponto importante relevante é a presença de uma resposta com a renda familiar acima de 4 salários mínimos, o que saía do padrão das respostas das turmas anteriores.

5.1.5 Turma C5 – Ocupações administrativas

A turma C5 do curso de *ocupações administrativas*, era formada por poucos aprendizes, o que era normal no CIEE-PE, pois ao longo do curso de aprendizagem é bastante comum nessa entidade formadora os jovens encontrarem outras oportunidades de trabalho ou cursos os quais propiciem melhores condições de trabalho e, principalmente, maior remuneração. Esta turma era composta por sete jovens do sexo feminino e dois do sexo masculino, como no Gráfico 31:

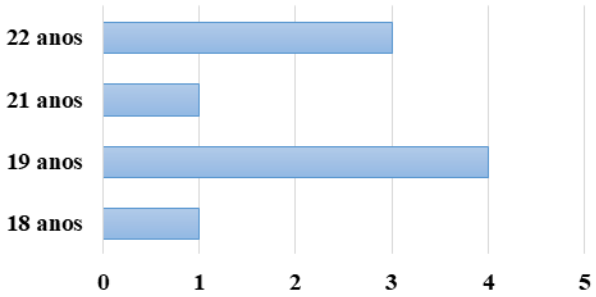
Gráfico 31 – Composição por sexo da turma C5, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

As idades variavam entre 18 e 22 anos, com uma média de 20,1 anos de idade. A maior parte dos jovens possuía 19 anos de idade e, diferentemente das turmas anteriores havia uma quantidade significativa de aprendizes com 22 anos, como ilustra o Gráfico 32:

Gráfico 32 – Faixa etária dos aprendizes – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE



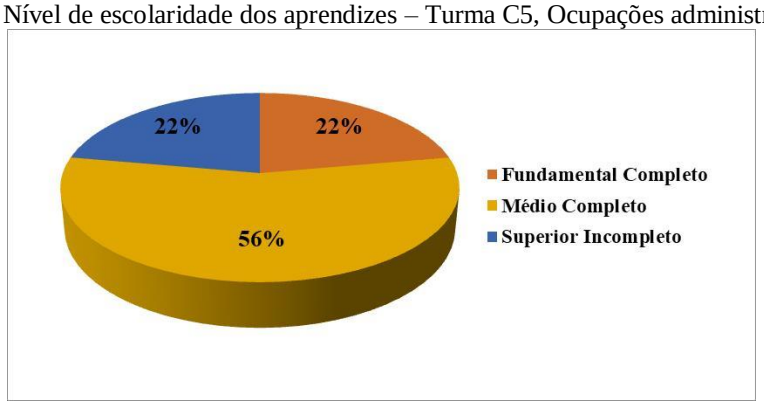
Fonte: Elaboração própria

Todos se declararam solteiros e nenhum possuía filhos. Moravam em Recife sete jovens, dois em Camaragibe e um em Olinda. Apenas três aprendizes nunca moraram em outro bairro ou cidade. Moravam em média com 3,7 pessoas na mesma casa. A maioria (67%) ainda morava com *pai e mãe*, dois moravam apenas com a *mãe* e um com os *avós* e possuíam uma média de 2,3 irmãos. Apenas três aprendizes moravam em casa alugada.

Quanto à escolaridade, a maior parte dos jovens tinha o ensino médio completo, dois eram universitários (Os cursos superiores eram: *ciências contábeis* e *administração*, ambos na esfera privada) e dois tinham o *fundamental completo*, como no Gráfico 33. Apenas um possuía um curso técnico (em *comunicação visual*).

No decorrer de seus estudos básicos, passaram, em média, por 5,3 escolas.

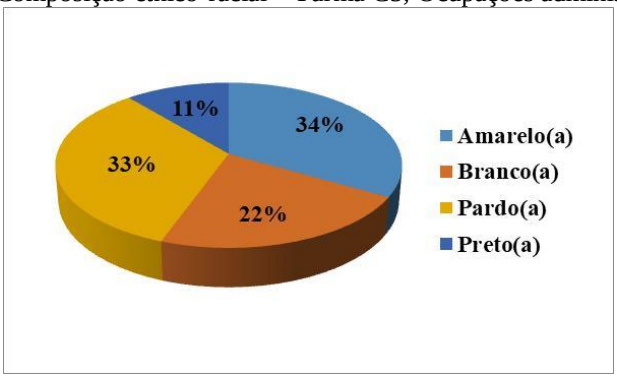
Gráfico 33 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito à raça/cor, houve certo equilíbrio nas respostas: três pardos, três amarelos, dois brancos e um preto, embora agregando mais uma vez pretos(as) e pardos(as), a maior parte era formada por negros(as), como podemos visualizar no Gráfico 34.

Gráfico 34 – Composição étnico-racial – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE

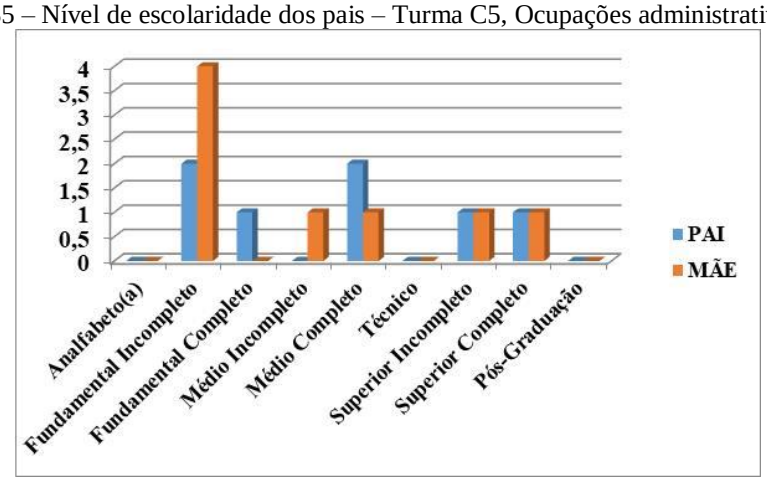


Fonte: Elaboração própria

Sobre a escolaridade dos pais, na turma C5, encontrei resultados diferentes das turmas anteriores do CIEE-PE analisadas. O padrão das demais turmas mostrava uma concentração maior da escolaridade do pai no nível fundamental, enquanto que a mãe ganhava destaque no nível médio e, posteriormente, voltava à inferioridade escolar a partir do nível superior.

Entretanto, por meio da análise do Gráfico 35, pude perceber que no nível básico a mãe se sobressaía no ensino fundamental, enquanto que no pai havia uma concentração no ensino médio. Quanto ao ensino superior, havia um equilíbrio, sendo tal equilíbrio desfeito a partir da pós-graduação, a qual havia vantagem por parte da mãe.

Gráfico 35 – Nível de escolaridade dos pais – Turma C5, Ocupações administrativas- CIEE



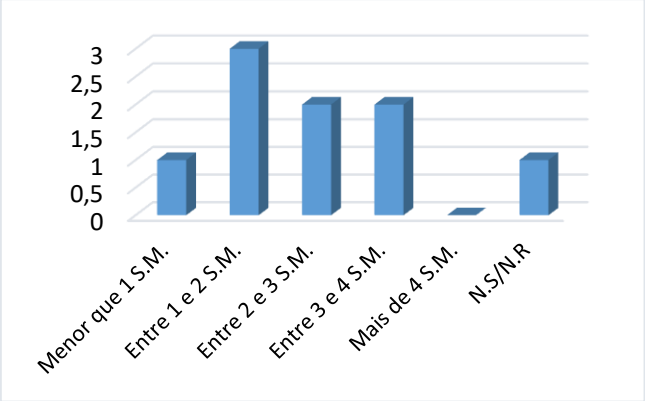
Fonte: Elaboração própria

As profissões/ocupações do pai eram: empilhador, gari, serviços gerais, comerciante, encarregado, autônomo, funcionário público e professor. A mãe era: diarista, faxineira, doméstica, caixa, chefe de cozinha, atendente, serviços gerais e professora.

A principal fonte de renda de todos os aprendizes era o *salário como aprendiz* e um dos jovens marcou também a opção *trabalho autônomo*.

A renda familiar ficou em torno de 1 e 4 salários (77%). Seis aprendizes contribuíam financeiramente com a família: gás, *internet*, pão, água potável etc. Apenas dois não tinham plano de saúde.

Gráfico 36 – Renda familiar dos aprendizes – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

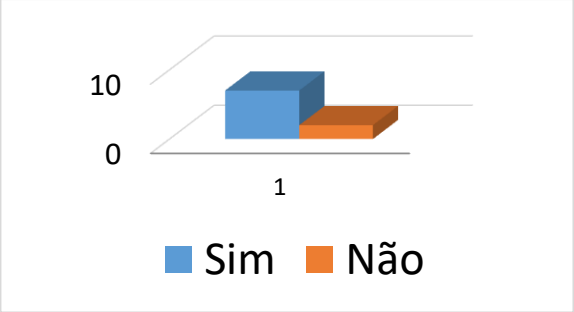
Dois aprendizes frequentavam a igreja e um integrava um fã-clube.

Apenas três já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem em atividades como: *call-center*; *estágio da prefeitura do Recife*; e *ajudando meu pai no caixa*. Nenhum havia feito trabalho voluntário. Todos pretendiam *trabalhar e estudar* quando terminassem o curso de aprendizagem.

Vale ressaltar que 77% dos aprendizes já haviam decidido a profissão que queriam seguir. Surgiram respostas como: *contador*; *fotografia e educação física*; *educador físico*; *TI*;

professor de educação física; *psicologia*; *talvez professora*. Merece destaque também o fato de que, embora uma jovem aprendiz fizesse o curso superior em administração, ainda não havia decidido a profissão que queria seguir.

Gráfico 37 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma C5, Ocupações administrativas-CIEE



Fonte: Elaboração própria

Os jovens conheceram o programa de aprendizagem principalmente através de meios de comunicação como a *internet*, por meio de familiares e amigos.

Para quatro aprendizes os pais tiveram *pouco influência* em sua participação no programa, três marcaram *nenhuma influência* e dois acreditaram ter *muita influência*.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem as respostas giraram em torno de questões como *experiência*, *aprendizado/conhecimentos adquiridos* e *a questão financeira*, tais quais:

> *Ter sua própria renda* (mulher, 22 anos).
>
> *Aprender sobre o mundo do trabalho e adquirir experiência* (homem, 22 anos).
>
> *A aprendizagem e o dinheiro* (homem, 21 anos).
>
> *Ter o meu primeiro emprego de forma remunerada e com uma boa carga horária* (mulher, 18 anos).
>
> *Saber como se comportar na empresa, aprender no que posso melhorar e trabalhar com pessoas que também estão começando* (mulher, 19 anos).

As expectativas de todos os aprendizes foram atendidas, devido:

> *Pois esperava mudar o meu comportamento dentro da empresa e isso foi possível* (mulher, 22 anos).
>
> *Através dele aprendi coisas importantes que vão me ajudar daqui pra frente* (homem, 22 anos).
>
> *Muita informação que vai acrescentar no meu futuro profissional* (homem, 21 anos).
>
> *Porque eu pude aprender o suficiente sobre o mundo do trabalho e pude perceber que os meus educadores me davam uma boa estrutura*

> *comportamental e como eu deveria lidar com os problemas/desafios que surgem ao longo do tempo* (mulher, 18 anos).
>
> *Porque tem profissionais capacitados para trabalhar minhas habilidades* (mulher, 19 anos).
>
> *Superou as minhas expectativas porque eu não imaginava que eles se importassem tanto com os aprendizes* (mulher, 19 anos).
>
> *Me desenvolvi bastante, com meu conhecimento de mundo junto com o aprendizado do CIEE, mudei bastante minha visão sobre o mercado de trabalho* (mulher, 19 anos).

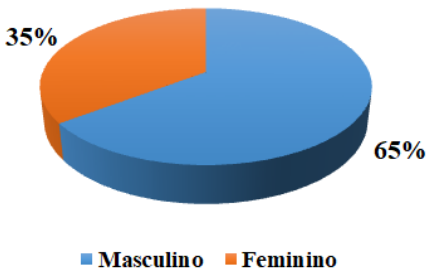
A turma C5 do curso de *ocupações administrativas* era a que tinha o menor número de aprendizes, apenas nove, e apresentava o perfil geral das turmas do CIEE-PE investigadas: predominância do sexo feminino, todos jovens eram solteiros, a maioria era negra, moravam com os pais e tinham o ensino médio completo. Retomarei esse perfil médio mais à frente neste capítulo.

5.2 OS APRENDIZES DO SENAI-PE

5.2.1 Turma S1 – Técnico em mecânica industrial

A turma S1 do curso de *técnico em mecânica industrial* do SENAI era constituída por 17 aprendizes, sendo 11 do sexo masculino e seis do sexo feminino, como no Gráfico 38 a seguir:

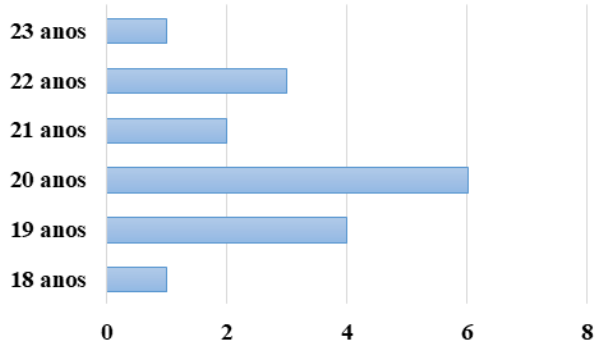
Gráfico 38 – Composição por sexo da turma S1, Técnico em Mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

As idades variavam entre 18 e 23 anos, com média de 20,2 anos. Todos se declararam solteiros e sem filhos.

Gráfico 39 – Faixa etária dos aprendizes – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI

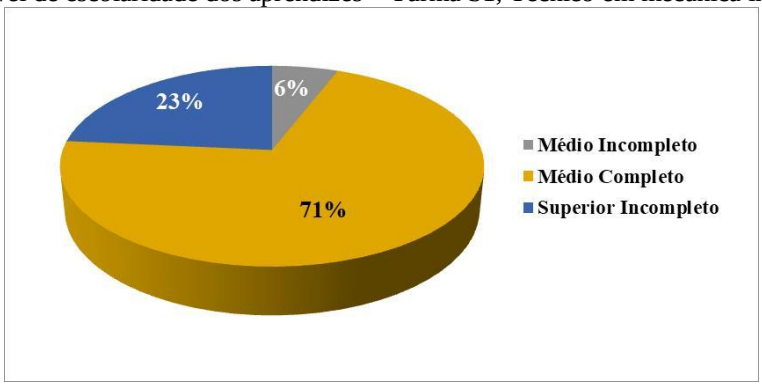


Fonte: Elaboração própria

Todos também moravam na RMR: Igarassu (8), Recife (6), Jaboatão dos Guararapes (2) e Olinda (1) e apenas seis já haviam morado em outro bairro ou cidade. Moravam em suas casas uma média de quatro pessoas. A maior parte (76%) ainda morava com *pai e mãe*, dois apenas com a *mãe*, dois com *outros parentes* e um com os *avós*. Apresentavam uma média de 1,6 irmãos e todos moravam em casa própria.

Quanto à escolaridade, a maior parte (71%) possuía o ensino médio completo, quatro eram universitários dos cursos de: *administração*; *tecnólogo em mecatrônica*; *educação física;* e *licenciatura em ciências biológicas*, sendo três em instituições particulares e uma na rede pública. Um ainda cursava o nível médio. Os aprendizes haviam passado por três escolas, em média.

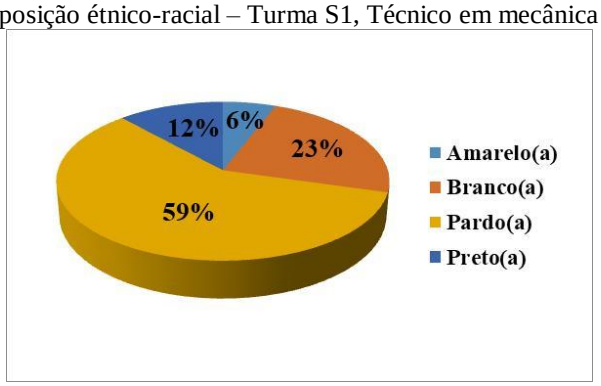
Gráfico 40 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Em relação à cor/raça, 71% se auto identificava como pardo(a) ou preto(a), isto é, eram negros(as), quatro como brancos e um como amarelo (Gráfico 41).

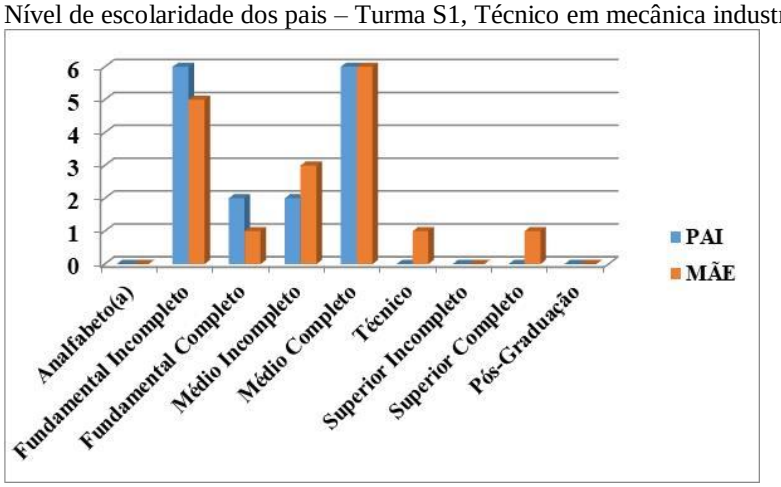
Gráfico 41 – Composição étnico-racial – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Quanto à escolaridade do pai e da mãe, é possível perceber, através da análise do Gráfico 42, certo equilíbrio. Entretanto, visualizamos certa vantagem escolar por parte do pai até o nível médio, ou seja, na educação básica. Enquanto que a mãe superava a escolaridade do pai a partir do nível técnico até o superior. Diante disso, posso afirmar que, em média, a mãe possuía um nível de escolaridade superior ao do pai, pois as respostas se concentraram principalmente no nível superior.

Gráfico 42 – Nível de escolaridade dos pais – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

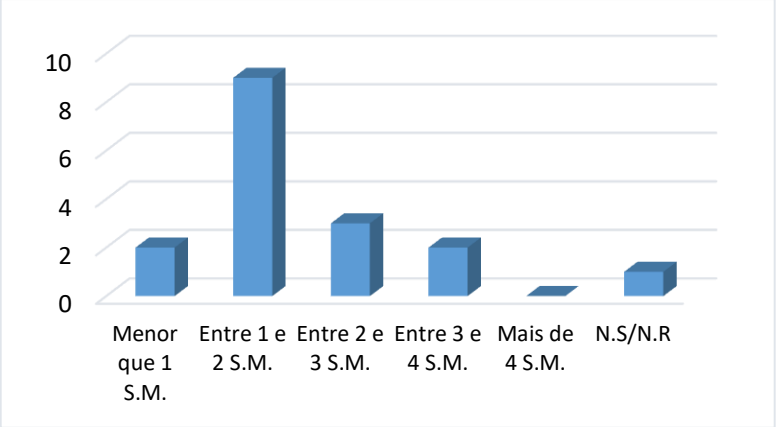
Em relação à profissão/ocupação do pai, obtive respostas, como: motorista (4), pedreiro (2), aposentado, motorista-empilhador, autônomo, funcionário público, mecânico, empilhador, vendedor, promotor de vendas e padeiro. Sobre a mãe: dona de casa (5), servidora pública (2), vendedora, autônoma, balconista, merendeira, supervisora, operadora de caixa e advogada.

Todos os jovens assinalaram o *salário como aprendiz* como sua principal fonte de renda e um aprendiz acrescentou que trabalhava como garçom nos fins de semana[30].

[30] Esse aprendiz foi um dos selecionados para a realização da entrevista, correspondendo ao perfil 5 (Breno).

A renda familiar dos aprendizes estava concentrada entre 1 e 3 salários mínimos (70%), como ilustrado no Gráfico 43. Contribuíam financeiramente com a família 82% dos aprendizes com: contas, faculdade, ¼ do salário, feira etc.

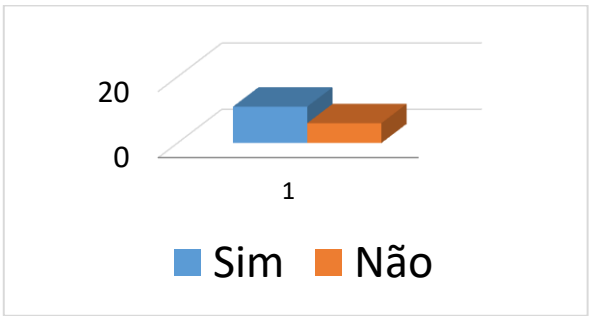
Gráfico 43 – Renda familiar dos aprendizes – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Oito aprendizes frequentavam a igreja e um era integrante de torcida organizada. Já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem 11 jovens, em atividades como: *Bompreço* (2 respostas); *professora, recepcionista, servidor público*; *lanchonete (restaurante)*; *ação de natal em um lar de idosos*; *auxiliar administrativo, técnico em urnas*; *entregador de pizza*; *empresa – analista de laboratório*; *repositor de supermercado*; e *garçom*.

Gráfico 44 – Aprendizes com experiência anterior de trabalho – Turma S1, Técnico em mecânica industrial, SENAI



Fonte: Elaboração própria

Apenas seis aprendizes já tinham realizado trabalho voluntário, tais quais: *ação de natal em um lar de idosos*; *apanhar lixo na praia*; *projeto social Clave*[31] *e alimentar famintos*; *viagem pela igreja e ações sociais nas comunidades próximas*; *efetuamos as doações de almoços todos os domingos*; e *vacinação e sopão comunitário*.

Pretendiam *trabalhar e estudar* após o curso de aprendizagem 88% dos jovens e dois iriam *apenas trabalhar*.

[31] CLAVES Brasil é um projeto social voltado para a prevenção de maus tratos e violência sexual na infância e adolescência, buscando a redução da situação de vulnerabilidade através do fortalecimento pessoal, familiar e comunitário.

Quanto à escolha profissional, 70% dos aprendizes já haviam escolhido a profissão que queriam seguir. Surgiram respostas como: *mecânica* (3); *engenheiro* (2); *mecânico industrial/superior*; *mecânica – analista*; *área jurídica ou administrativa*; *fisioterapia; engenharia mecânica*; *professor de educação física*; *mecânico, com especializações*. Vale ressaltar que uma jovem aprendiz fez o curso superior de *administração*, mas não concluiu e não havia escolhido a profissão. Vale ressaltar que as escolhas giravam em torno da mecânica e áreas afins, diferentemente do que visualizei nas respostas dos aprendizes do CIEE-PE.

Embora o curso de aprendizagem já fosse de nível técnico, dois aprendizes já haviam feito outro curso técnico, como: *computação* e *técnico em química*.

Os jovens conheceram o programa de aprendizagem principalmente através de amigos, por meios de comunicação (TV e *internet*), cursos que faziam (Cefopi[32]), de amigos ou pela própria empresa.

Para 70% dos jovens os pais tiveram *muita influência* em sua participação no curso de aprendizagem, quatro afirmaram ter *pouca influência* e um definiu como *nenhuma influência*.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem, as respostas trouxeram as seguintes categorias: *Adquirir aprendizado/conhecimento*; *Adquirir experiência*; *Ter um curso Técnico*; *Ter uma profissão* e *Pela questão financeira*.

Quadro 13 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma S1, Técnico em mecânica industrial-SENAI

Categoria temática	Respostas
Adquirir aprendizado/conhecimento	*Como o próprio nome já diz, aprender, e achar uma área que tenha o meu perfil, e buscar independência financeira.* (homem, 19 anos) *Adquirir conhecimentos e experiências além de ter a carteira assinada.* (mulher, 19 anos) *Capacitação para o mercado de trabalho* (mulher, 22 anos) *Qualificar para o mercado de trabalho* (homem, 22 anos)
Adquirir experiência	*Já esperando uma piora na crise a qual o Brasil sofre aproveitei o gancho para me qualificar vendo que apenas somaria no meu currículo.* (homem, 20 anos) *Adquirir experiência e ter minhas responsabilidades.* (mulher, 19 anos)
Ter um curso Técnico	*Ter um curso técnico em uma área diferente. Obter mais conhecimento profissional.* (mulher, 23 anos) *Ser um técnico*. (homem, 20 anos) *Trabalhar como técnico* (homem, 18 anos)

[32] Centro de Formação Profissional de Igarassu Jurandi Bezerra.

Categoria temática	Respostas
Ter uma profissão	*Poder ter uma profissão, para me manter no futuro.* (homem, 20 anos) *Foi achar a profissão certa* (mulher, 21 anos)
Pela questão financeira	*Foi a bolsa do curso de mecânica.* (homem, 20 anos) *Adquirir conhecimento e ter uma estabilidade financeira.* (homem, 20 anos)

Fonte: Elaboração própria

As expectativas de 94% dos aprendizes foram atendidas pelo curso de aprendizagem:

> *Porque eu sempre tive vontade de entrar na Indústria* (homem, 20 anos).
>
> *Porque me proporcionou um conhecimento que eu não tinha* (homem, 18 anos).
>
> *Pois atende todas as formas que um profissional precisa para se tornar um grande profissional no mercado de trabalho* (homem, 21 anos).
>
> *Porque no começo não pensava em seguir na área de mecânica e por hora é o que eu quero* (homem, 20 anos).
>
> *Pois tive uma experiência muito satisfatória agregando muito conhecimento em minha bagagem profissional* (homem, 20 anos).
>
> *É uma área no qual me identifiquei e pretendo seguir* (mulher, 22 anos).
>
> *Eu estou fazendo um curso que sempre quis fazer e a cada dia que se passa mais conhecimento é adquirido* (homem, 20 anos).

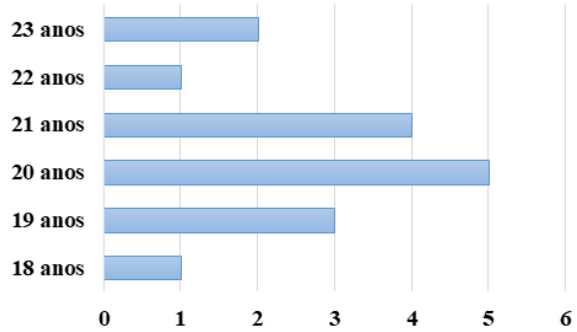
Apenas um aprendiz respondeu de forma negativa: "*Não, porque teve pouca prática*" (homem, 22 anos).

A turma S1 do curso de *técnico em mecânica industrial* era predominantemente masculina, com uma média de idade maior e possuía mais jovens (11 dentre os 17) que já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem, diferentemente das turmas do CIEE, as quais eram formadas por jovens ainda sem experiência no mercado de trabalho.

5.2.2 Turma S2 – Técnico em mecânica industrial

A turma S2 do curso de *técnico em mecânica*, do SENAI, era composta por 16 aprendizes, sendo apenas uma do sexo feminino e com as idades variando entre 18 e 23 anos, como no Gráfico 45, apresentando uma média de 20,4 anos de idade. Todos os jovens eram solteiros e não possuíam filhos.

Gráfico 45 – Faixa etária dos aprendizes – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI

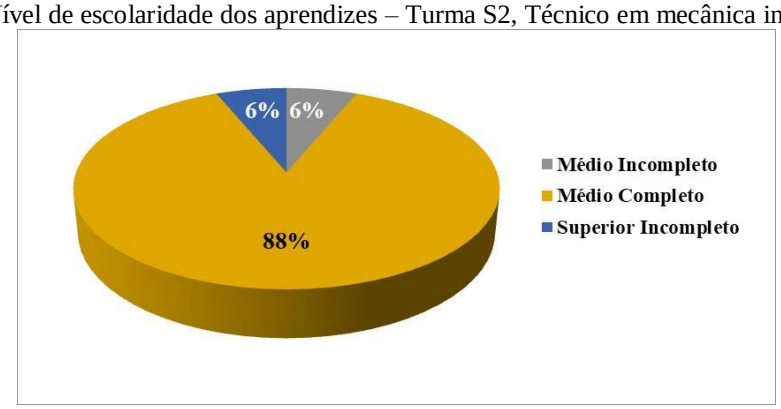


Fonte: Elaboração própria

Todos moravam na RMR, havendo uma concentração maior no litoral norte de Pernambuco, devido à localização da empresa em que trabalhavam: Igarassu (9), Abreu e Lima (2), Paulista (1), Recife (2) e Olinda (2). Apenas cinco aprendizes já haviam morado em outro bairro ou cidade, morando com uma média de 4,3 pessoas. Metade dos aprendizes morava com *pai e mãe*, quatro moravam apenas com a *mãe*, dois apenas com o *pai*, um com os *avós* e dois com *outros parentes*. Os jovens possuíam uma média de 1,8 irmãos. Moravam em casa própria 68% dos aprendizes.

Quanto à escolaridade, 82% possuíam o ensino médio completo, como é possível visualizar no Gráfico 46; um tinha o fundamental incompleto, um estava cursando o nível médio e um era universitário (engenharia mecânica em uma faculdade particular). Fora o curso de aprendizagem, o qual era de nível técnico, apenas um aprendiz já havia feito um curso técnico (técnico em eletromecânica). A maior parte estudava na rede pública (85%) e no turno da tarde (75%). Os aprendizes haviam estudado, em média, em três escolas.

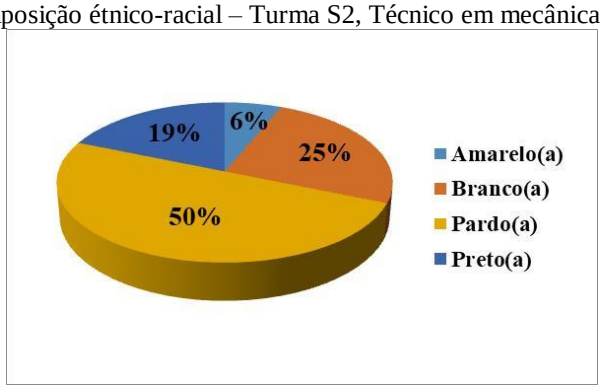
Gráfico 46 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Em relação à raça/cor, 69% se declararam pretos(as) ou pardos(as), ou seja, negros(as), quatro se consideravam brancos(as) e um(a) amarelo(a).

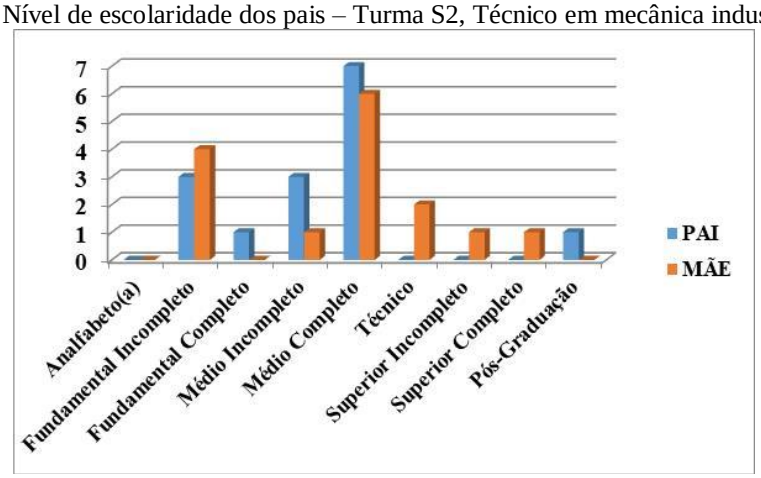
Gráfico 47 – Composição étnico-racial – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Em relação à escolaridade dos pais dos aprendizes, é possível identificar, por meio do Gráfico 48, de forma geral, um maior nível de escolaridade por parte da mãe em relação ao pai, pois apenas nos níveis fundamental completo, médio incompleto e pós-graduação é que o pai apresenta certa vantagem.

Gráfico 48 – Nível de escolaridade dos pais – Turma S2, Técnico em mecânica industrial- SENAI



Fonte: Elaboração própria

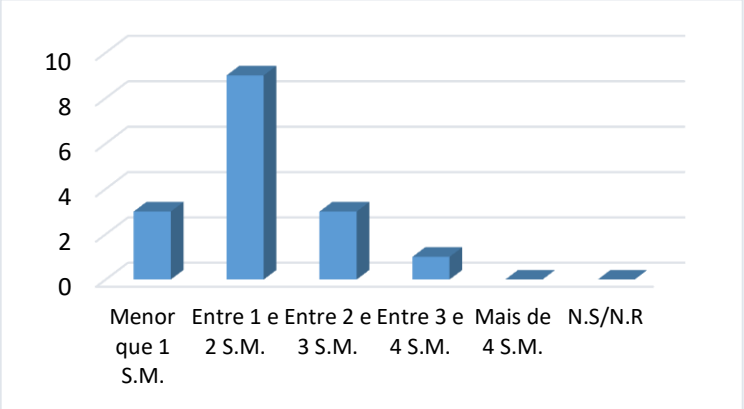
Quanto às profissões/ocupações do pai, surgiram respostas como: motorista (3), instrumentista, policial militar, cabeleireiro, carpinteiro, porteiro, ferreiro, caldeireiro, caminhoneiro e pedreiro. Já em relação à mãe: doméstica (3), técnica em enfermagem (2), enfermeira, costureira, serviços gerais, professora, auxiliar de produção e operadora.

Todos os jovens tinham como principal fonte de renda o salário como aprendiz, embora um jovem tenha destacado que também trabalhava em *marketing de rede*[33].

A renda familiar dos aprendizes estava concentrada na faixa entre 1 e 2 salários mínimos; e um jovem tinha entre 3 e 4 salários, como no Gráfico 49 a seguir:

[33] Este jovem foi um dos entrevistados (Kaio, perfil 10).

Gráfico 49 – Renda familiar dos aprendizes – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Apenas dois jovens não contribuíam financeiramente com a família. Os que contribuíam, o faziam principalmente ajudando com as despesas, contas, ajuda no aluguel, luz, *internet*, parcela da TV, metade do salário etc. Somente dois aprendizes possuíam plano de saúde.

Participavam da igreja nove aprendizes.

Já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem 56% dos jovens, em atividades tais quais: *empacotador* (2)*; manutenção automotiva*; *assistente administrativa*; *LAN house/cartão de crédito*; *estagiário em mecânica*; *pedreiro*; *aprendiz como auxiliar administrativo*; *como ajudante*.

Apenas quatro aprendizes já haviam realizado algum tipo de trabalho voluntário em atividades como: *aluno colaborador de uma escola*; *alimentar mendigos*; *arrecadação de alimentos para instituições*; *aulas de* tae-kwon-do.

Pretendiam *trabalhar e estudar* após o fim do curso de aprendizagem, 81% dos aprendizes, enquanto três pretendiam *só fazer Universidade*.

Quanto à escolha profissional, as respostas foram equilibradas: nove já haviam decidido a profissão que queria seguir e sete ainda não. Os que haviam escolhido responderam: *mecânico* (3); *segurança do trabalho*; *marketing de rede/network marketing*; *engenharia*; *engenheiro técnico*; *engenharia mecânica*; *mecânico industrial*.

A maioria dos jovens aprendizes conheceu o programa de aprendizagem através dos meios de comunicação (principalmente a *internet*) e outros por meio de amigos e familiares.

Para oito aprendizes os pais tiveram *muita influência* em sua participação no curso de aprendizagem, três afirmaram ter *nenhuma influência*, dois consideraram *pouca influência* e três não souberam responder.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem encontramos respostas como ilustrado no Quadro 14:

Quadro 14 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma S2, Técnico em mecânica industrial-SENAI

Categoria temática	Respostas
Adquirir conhecimento/aprendizado	*A aprendizagem* (homem, 23 anos). *Conhecimento* (mulher, 21 anos). *Buscar maiores conhecimentos para me tornar um profissional bem qualificado* (homem, 20 anos). *Aprender novas habilidades e qualificar para o mercado de trabalho* (homem, 18 anos). *Aumentar o meu nível de estudo, minha aprendizagem e enriquecer meu currículo* (homem, 19 anos).
Obter um curso Técnico	*Ter mais um curso técnico e ter a oportunidade de fazer prática na empresa* (homem, 20 anos). *Ter uma qualificação técnica pra ajudar no mercado de trabalho* (homem, 20 anos). *Ter uma formação técnica* (homem, 21 anos).
Adquirir experiência	*Ter experiência e pela oportunidade* (homem, 23 anos). *Conseguir um bom emprego* (homem, 19 anos).
A questão financeira	*A bolsa e o estudo podendo adquirir conhecimento e investir em outra atividade* (homem, 20 anos). *Poder estudar ganhando algo para ajudar a se sustentar e construir uma carreira profissional* (homem, 21 anos).

Fonte: Elaboração própria

As expectativas de 93% dos aprendizes foram atendidas em relação ao curso de aprendizagem, pelos seguintes motivos:

> *Pelos métodos de ensino* (homem, 23 anos).
>
> *Porque aprendi bastante coisas, que me incentiva a procurar mais conhecimento na área* (mulher 21 anos).
>
> *Pois o ensino é excelente* (homem, 20 anos).
>
> *Ensino de qualidade e recurso financeiro* (homem, 20 anos).
>
> *Porque sempre foi um sonho estudar nesta instituição, e sem dúvidas superou minha expectativa* (homem, 19 anos).
>
> *Além de ter os conhecimentos técnicos na teoria, podemos fazer na prática quando for à empresa* (homem, 20 anos).
>
> *Pois consigo aplicar algumas experiências de sala na empresa e vice-versa, vendo a realidade de cada uma delas* (homem, 21 anos).

Para me qualificar e ter uma profissão (homem, 21 anos).

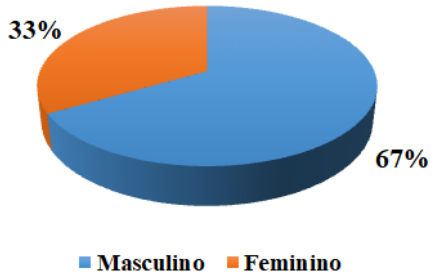
Apenas um(a) aprendiz não teve suas expectativas atendidas, pelo seguinte fato: "*Pensei que teríamos mais prática*" (homem, 18 anos).

A turma S2 do curso de *técnico em mecânica industrial* só possuía uma jovem do sexo feminino e um aprendiz que não dependia exclusivamente do salário como aprendiz, pois trabalhava na atividade de marketing de rede. Assim como a turma anterior, a S2 possuía nove jovens que já haviam trabalhado antes do curso de aprendizagem. Três aprendizes pretendiam apenas fazer faculdade após concluírem o curso no SENAI.

5.2.3 Turma S3 – Técnico em mecânica industrial

A turma S3, do curso de *técnico em mecânica industrial* do SENAI, era formada por 18 aprendizes, doze do sexo masculino e seis do sexo feminino, como no Gráfico 50:

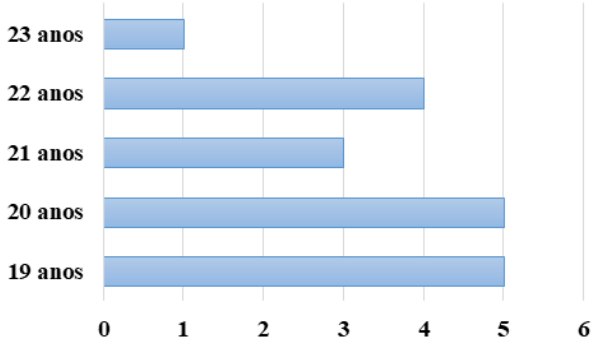
Gráfico 50 – Composição por sexo da turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

As idades dos aprendizes variavam entre 19 e 23 anos, com uma concentração maior na faixa entre 19 e 20 anos, apresentando também uma quantidade significativa de jovens com 22 anos de idade, diferentemente do observado nas turmas anteriores. Além de não possuir jovens com 18 anos ou menos.

Gráfico 51 – Faixa etária dos aprendizes – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI

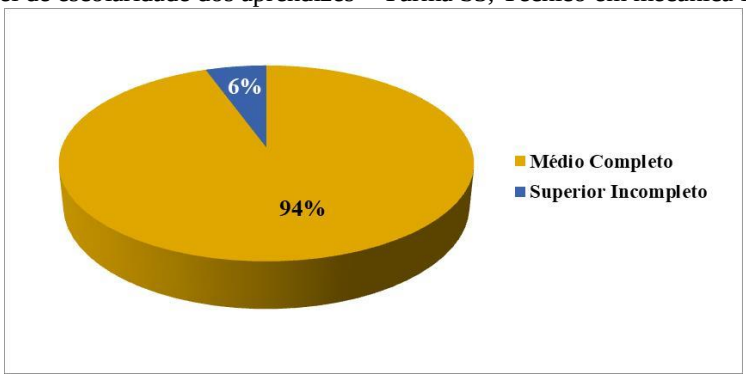


Fonte: Elaboração própria

Todos eram solteiros, não tinham filhos e moravam na RMR: Jaboatão dos Guararapes (6), Cabo de Santo Agostinho (4), Paulista (3), Igarassu (3) e Recife (2). Apenas quatro jovens já moraram em outro bairro ou cidade. A maior parte morava ainda com *pai e mãe* (61%), 33% moram com apenas a *mãe* e dois moravam com *outros parentes*. Moravam na mesma casa com uma média de 3,8 pessoas. Apenas um aprendiz morava em casa alugada.

Quanto à escolaridade, 94% dos jovens tinham o ensino médio completo e apenas um estava no ensino superior. Os jovens estudaram, em média, em 3,5 escolas. Vale ressaltar que um dos aprendizes estudou na mesma escola durante toda sua trajetória escolar.

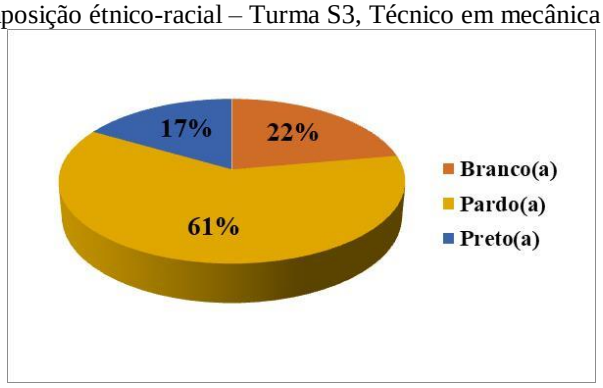
Gráfico 52 – Nível de escolaridade dos aprendizes – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Em relação à cor/raça, 78% se declararam negros(as) – pardo(a) ou preto(a) – e quatro se auto definiram como brancos(as), como no Gráfico 53 abaixo:

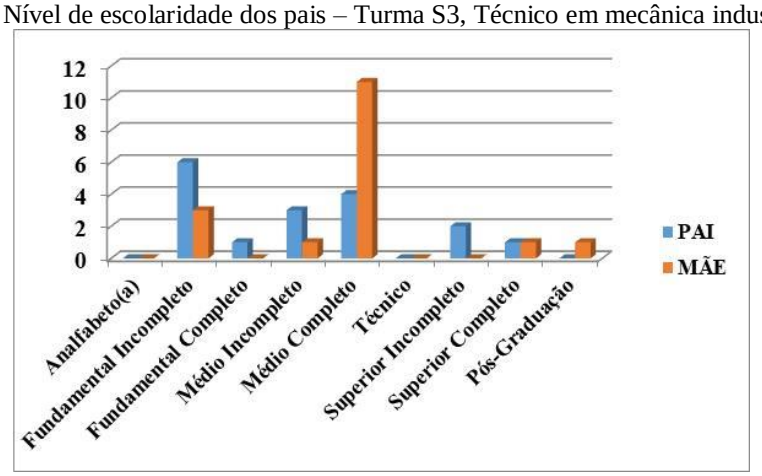
Gráfico 53 – Composição étnico-racial – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

De forma geral, o pai possuía vantagem no nível escolar em relação à mãe. Esta apenas superava a escolaridade do pai em dois níveis, quais sejam: médio completo (onde se apresenta a diferença mais significativa das médias) e pós-graduação, como ilustra o Gráfico 54:

Gráfico 54 – Nível de escolaridade dos pais – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI

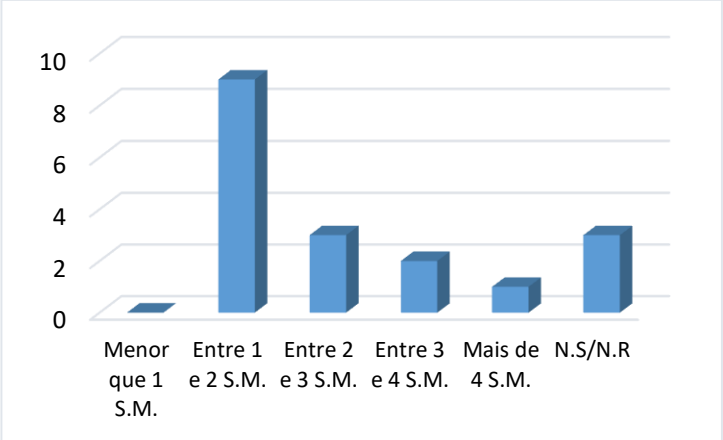


Fonte: Elaboração própria

As principais profissões/ocupações do pai foram: autônomo (2), mestre de obra (2), músico, comerciante, assistente em manufatura, policial militar, químico aposentado, motorista, mecânico (autônomo), pedreiro, servente e funcionário público (aposentado). Em relação à mãe: empregada doméstica, dona de casa (6), autônoma (3), professora, assistente social, técnica em segurança e recepcionista.

A principal fonte de renda para 94% dos jovens era o salário como aprendiz. Alguns também acrescentaram atividades como: músico, benefício e aluguel de casas, como fontes de renda. A renda familiar estava na faixa entre 1 e 2 salários mínimos, dois assinalaram entre 3 e 4 salários, um marcou mais de 4 salários (Gráfico 55). Apenas três aprendizes não contribuíam financeiramente com a família. Os demais contribuíam com: contas de água, luz, gás, vale alimentação etc. Todos os aprendizes tinham plano de saúde.

Gráfico 55 – Renda familiar dos aprendizes – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Sete jovens frequentavam a igreja. Apenas seis aprendizes já tinham trabalhado antes do curso de aprendizagem, em atividades como: *outro jovem aprendiz*; *atendente de padaria*,

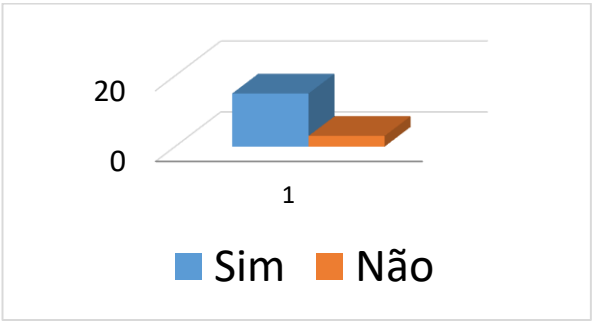
panfletista; *carga e descarga*[34] *(em loja de eletrodomésticos)*; *em áreas industriais (plataforma e refinaria)*; *menor aprendiz, cotadora de uma corretora de seguros*[35]; *operador de* telemarketing.

Dentre os 18 jovens, sete já haviam trabalhado de forma voluntária nas seguintes atividades: *EJC* (Encontro de Jovens com Cristo); *atividades dentro do SENAI*; *alimentos para um abrigo de idosos*; *arrecadações de alimentos para asilos*; *doando roupas para um abrigo de crianças*; *ajudar pessoas carentes*; *arrecadei alimentos para um abrigo de crianças*.

Após o fim do curso de aprendizagem 88% pretendiam *trabalhar e estudar* e dois queriam *apenas trabalhar*.

Somente três aprendizes ainda não haviam decidido sobre a profissão que pretendiam seguir (Gráfico 56). Os que responderam *sim* citaram profissões como: *engenheiro de produção/mecânico*; *engenharia mecânica* (7); *mecânico industrial*; *direito*; *policial militar ou engenheira mecânica*; *mecânico*; *engenharia de produção* (2); e *PCM* (Planejamento e Controle da Manutenção). As escolhas giram em torno da mecânica e áreas afins, exceto as respostas *direito* e a possibilidade da carreira como policial militar, todas as outras se referem à mecânica e áreas próximas.

Gráfico 56 – Aprendizes que já haviam escolhido sua profissão – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI



Fonte: Elaboração própria

Além do curso técnico de aprendizagem em que estavam matriculados, três jovens já possuíam um curso técnico em áreas como: *tubulação industrial*; *técnico em segurança do trabalho e técnico em logística*.

Os jovens conheceram o programa de aprendizagem por meio de amigos (10), familiares (4) e meios de comunicação (2). Cerca de 88% dos aprendizes afirmaram ter *muita*

[34] Este aprendiz foi um dos entrevistados (Júnior, perfil 2).
[35] Flora, perfil 15.

influência dos pais em fazer o curso de aprendizagem profissional, um assinalou ter tido *pouca influência* e um não soube responder.

Em relação à principal motivação em participar do programa de aprendizagem, surgiram respostas no sentido de *adquirir aprendizados/conhecimentos* (11), pela *questão financeira* (3) e pela *experiência* (2), tais como:

Quadro 15 – Motivação em participar do Programa de Aprendizagem – Turma S3, Técnico em mecânica industrial-SENAI

Categoria temática	Respostas
Adquirir aprendizados/conhecimentos	*Buscar adquirir conhecimentos e entrar no mercado de trabalho* (homem, 21 anos). *Preparação para o mercado de trabalho e ter uma experiência quando eu for para a empresa* (homem, 20 anos). *A motivação que nunca o conhecimento é demais, sempre se tem algo para aprender ou inovar* (homem, 20 anos).
Questão financeira	*É uma grande oportunidade para que eu consiga ser alguém e tenha um bom trabalho e porque posso ajudar minha família* (homem, 19 anos). *É poder dar uma boa vida a minha família, e uma boa base para minha vida profissional* (homem, 21 anos). *Aprendizagem e renda* (mulher, 19 anos). *Por uma vida mais tranquila futuramente* (homem, 22 anos).
Experiência	*Com ele todas as portas para o início da minha carreira profissional foram abertas* (mulher, 19 anos). *De aprender e ter uma carreira* (homem, 23 anos) *Para poder ter experiência e conhecimento para o mercado de trabalho relacionado à área* (mulher, 19 anos).
Curso técnico	*Futuro promissor, ser um técnico de renome e mais na frente um engenheiro* (homem, 22 anos). *Ter um curso técnico e entrar no mercado de trabalho* (homem, 20 anos).

Fonte: Elaboração própria

Cerca de 94% dos aprendizes tiveram suas expectativas atendidas quanto ao curso de aprendizagem por motivos como:

> *Pois desenvolvi muitas habilidades e competências ao longo dele* (homem, 20 anos).
>
> *Nunca tinha feito curso, esse me proporcionou muito conhecimento técnico* (homem, 22 anos).
>
> *Porque está oferecendo experiências com pessoas que já trabalharam em indústria e me prepararam para que eu possa dar meu melhor na empresa em que trabalho* (homem, 20 anos).
>
> *Porque aprendi muita coisa. Faltou prática dentro do curso, mas tudo em seu conforme* (homem, 20 anos).

> *Porque eu aprendi coisas que nunca imaginava que existia e que sei que agora posso ser um bom profissional* (homem, 19 anos).
>
> *Os professores sempre nos ajudando a crescer para sermos bons profissionais* (homem, 20 anos).
>
> *Pois consegui suprir minhas curiosidades em relação ao curso, e aprendi coisas que nunca tinha visto* (mulher, 19 anos).

Um(a) jovem aprendiz respondeu que sim e não: "*Sim, pois é um curso muito interessante. Não, pois deixa a desejar na prática*" (homem, 20 anos).

A turma S3 do curso de *técnico em mecânica industrial* foi a turma que apresentou a maior média de idade dentre entre as duas entidades formadoras (20,5 anos). Apenas um jovem estava no nível superior e os demais tinham concluído o ensino médio. Além do salário como aprendiz, três jovens indicaram outras atividades como: músico, benefício e aluguel de casas. Dentre as turmas do SENAI, a S3 foi a única que continha um jovem com renda familiar acima de quatro salários mínimos. Pretendiam apenas trabalhar após o fim do contrato de aprendizagem dois jovens.

5.3 CIEE X SENAI: uma breve síntese

Diante dos resultados da análise do questionário, é possível identificar alguns elementos e características em comum aos jovens aprendizes das distintas entidades formadoras, além de certos aspectos que apontam diferenças entre os perfis dos aprendizes das instituições.

Identifiquei mais mulheres do que homens, exceto nas turmas do SENAI, devido ao curso ser de uma área ocupada predominantemente pelo sexo masculino. A idade mínima dos que responderam ao questionário era de 15 anos, além de três jovens com 16 anos e dois com 17 anos, todos do CIEE. A maior parte se declarou parda, mas quando agreguei as respostas *preto(a)* e *pardo(a)*, a grande maioria dos aprendizes era negra.

A grande maioria morava na RMR e com os pais e/ou familiares ou apenas com ou o pai ou a mãe. Apenas três aprendizes tinham filhos (coincidentemente, todos da mesma turma do CIEE). O grupo, entidade ou associação mais frequentada pelos aprendizes era a igreja, embora a porcentagem fosse baixa.

A maior parte dos aprendizes estudou ou estudava na rede pública nos ensinos fundamental e médio, enquanto que os universitários estudavam, predominantemente, em faculdades privadas (apenas dois aprendizes estudavam em universidades públicas).

As mães apresentaram um maior nível de escolaridade do que os pais, embora não seja uma diferença muito grande. A baixa escolaridade do pai e mãe acabava se refletindo nas ocupações e/ou profissão destes.

A renda familiar dos aprendizes se concentrava em até dois salários mínimos, sendo sua principal fonte de renda o salário como aprendiz. A grande maioria contribuía financeiramente com a família: a) dando um valor fixo mensal (em dinheiro ou vales alimentação e refeição, por exemplo); b) responsabilizando-se mensalmente pelo pagando de contas como água, luz, *internet*; ou c) colaborando com os pais e/ou familiares quando necessitavam de ajuda financeira, mas sem possuírem uma contribuição fixa.

A maior parte dos aprendizes nunca havia trabalhado antes ou feito trabalho voluntário e pretendia estudar e trabalhar ao término do curso de aprendizagem.

Embora a maioria dos aprendizes já tivesse escolhido a profissão que queria seguir, foi rara a afinidade desta com a área do curso de aprendizagem. Os pais tiveram muita influência em sua participação no curso de aprendizagem.

De forma geral, os jovens apresentavam essas características em comum, porém, é possível criar um "perfil médio" dos jovens aprendizes por entidade formadora.

O perfil do(a) jovem aprendiz do CIEE era: do sexo feminino, com média de idade de 18,9 anos, negra, solteira, não tinha filhos e ainda morava com os pais e/ou parentes na RMR, com uma renda familiar de até dois salários mínimos, tendo como principal fonte de renda o salário como aprendiz e ainda contribuía financeiramente com a família. A aprendizagem profissional era a sua primeira experiência de trabalho e nunca havia realizado trabalho voluntário.

Quanto ao nível de escolaridade, a mãe possuía, em média, um nível de escolaridade maior que o do pai. Esse dado vai ao encontro das estatísticas oficiais no Brasil, pois de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (BRASIL, 2016a, p. 2), "os últimos anos consolidaram a vantagem das mulheres em relação aos homens no campo educacional".

Entretanto, tal vantagem não se reflete no mercado de trabalho, pois tal superioridade não se repercute nas ocupações/profissões declaradas nos questionários:

> Se no caso do campo educacional, as mulheres encontram-se, em geral, em melhor posição que os homens, esta vantagem não se reflete no mercado de

> trabalho, onde a maior parte dos indicadores mostra uma hierarquia estanque, na qual o topo é ocupado pelos homens brancos e a base pelas mulheres negras (BRASIL, 2016a, p.2).

Diante de tais informações é possível constatar que o perfil do público atendido pelo Programa de aprendizagem do CIEE é justamente a base da hierarquia do mercado de trabalho: mulheres negras.

No Brasil, ainda segundo o IPEA, as mulheres continuam sendo as responsáveis pelo trabalho doméstico não remunerado. Nessa direção, no capítulo seguinte, apresentarei a fala de Flora (perfil 15), que era uma das poucas aprendizes que faziam o curso de mecânica, quando relata que sua mãe a questionava no início do curso por acreditar que a área era para homens por trabalhar "pegando peso", por exemplo.

De acordo com Antunes (2011, p. 184), "vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho nos países avançados, e que tem sido preferencialmente absorvido pelo capital no universo do trabalho precarizado e desregulamentado". Os dados do questionário vão ao encontro dessa tendência, pois entre os 70 aprendizes das cinco turmas do CIEE, 43 eram do sexo feminino, isto é, o equivalente a 61% do total. No caso do SENAI, esse índice estava abaixo do dado oficial, devido, principalmente, ao fato de a área de mecânica ainda ser predominantemente masculina. Mesmo com essa ressalva, encontramos um índice de 25% de mulheres nas três turmas do SENAI (13 em um total de 51). Quando agregamos os dados das duas instituições, temos 46% de aprendizes do sexo feminino, o que se aproxima bastante das estatísticas oficiais.

O curso de aprendizagem do CIEE tinha atendido às expectativas da maior parte dos jovens, principalmente por questões como o desenvolvimento profissional e/ou pessoal proporcionado, pelo conhecimento/aprendizado adquirido, pela experiência e pela mudança de comportamento no ambiente de trabalho. Os aprendizes do CIEE reproduziam com certa frequência a importância do curso de aprendizagem no sentido de saber se comportar ou se comportar melhor e adequadamente na empresa ("*ter mais responsabilidade*", "*nos ajudam a se desenvolver e se comunicar melhor e também a se portar e se expressar em ambiente de trabalho*", "*meus educadores me davam uma boa estrutura comportamental*"), o que ilustra mais uma vez o foco em aspectos ético-disciplinares na formação oferecida pela instituição. Os que não tiveram suas expectativas atendidas indicaram o fato de o curso ser repetitivo e não relacionar teoria e prática.

Por outro lado, o perfil dos aprendizes do SENAI, embora tenha muitas características semelhantes, apresentava algumas diferenças, quais sejam: era do sexo masculino, tinha uma

média de idade maior do que a apresentada pelos jovens do CIEE, 20,3 anos, era negro, solteiro e sem filhos.

Também morava com os pais e/ou parentes na RMR, com uma renda familiar de até dois salários mínimos, tendo como principal fonte de renda o salário como aprendiz e ainda contribuía financeiramente com a família.

Diferentemente dos aprendizes do CIEE, para boa parte dos jovens do SENAI, a aprendizagem profissional não era a primeira experiência de trabalho, embora a maioria também nunca tivesse realizado trabalho voluntário.

Foram recorrentes as queixas de alguns aprendizes do SENAI a respeito da pouca prática ao longo do curso de aprendizagem, algo que será retomado em algumas falas dos jovens entrevistados no capítulo seguinte desta Tese.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, os dados eram bastante próximos dos aprendizes do CIEE, apresentando a mãe com um nível médio de escolaridade maior que o do pai.

A maioria dos jovens do SENAI havia tido suas expectativas atendidas quanto ao curso de aprendizagem devido a questões como: o conhecimento adquirido, a experiência, o desenvolvimento profissional e à qualidade do ensino oferecido. Os que se manifestaram em sentido oposto, justificaram sua opinião pela pouca prática oferecida pelo curso.

Realizando uma comparação entre os perfis, identifiquei algumas características distintivas entre os jovens das duas instituições formadoras.

As turmas do SENAI não tinham jovens com menos de 18 anos, o que acontecia em algumas turmas do CIEE.

Em relação ao ensino superior, encontrei um dado significativo: a maioria dos jovens universitários era do CIEE, enquanto que os do SENAI, em sua maioria, tinham o nível médio completo. Dos 70 jovens do CIEE que responderam ao questionário, 26 eram universitários (37%), enquanto que dentre os 51 aprendizes do SENAI, apenas seis estavam no ensino superior, o que correspondia a 11%.

O SENAI exigia como pré-requisito que o jovem estivesse no 2º ou 3º ano do ensino médio para ingressar no curso de aprendizagem, enquanto que o CIEE não fazia tal exigência. Além disso, o fato de o curso de aprendizagem do SENAI ter o nível técnico e, consequentemente, este diploma (credencial educacional, nas palavras de Bourdieu) garantir o reconhecimento como um profissional da área, fazia com que os aprendizes não buscassem, pelo menos por hora, o ensino superior, já que ao adquirirem uma profissão ("*poder ter uma profissão, para me manter no futuro*"), teoricamente, estariam garantindo sua

"empregabilidade". Os jovens do CIEE, por sua vez, buscavam o ensino superior pelo fato de o curso de aprendizagem da instituição possuir apenas o nível de qualificação profissional e, por conseguinte, não ser tido como suficiente para conseguir um bom nível de "empregabilidade" (credenciais educacionais insuficientes). Em outras palavras, no atual modelo de acumulação flexível, o mercado de trabalho é mais amplo para aqueles que têm um curso técnico do que para os que têm apenas um curso de qualificação profissional, embora, como já exposto, não haja uma relação direta entre qualificação e emprego.

Quanto aos aprendizes do CIEE, observei que as áreas e cursos de graduação, em geral, pouco ou nada tinham a ver com as áreas dos cursos de aprendizagem nos quais estavam matriculados, salvo algumas exceções (como Paula, perfil 11, por exemplo, como apresentarei no capítulo seguinte), o que demonstra um peso pouco significativo da experiência de aprendizagem nas escolhas e projetos profissionais dos jovens dessa instituição. No caso desses aprendizes fica mais claro o aspecto da passagem pelo Programa de aprendizagem profissional como uma "alavanca" ou "trampolim" dentro do mercado de trabalho ou para conseguir um capital (principalmente financeiro, mas social também) necessário para o investimento em uma real área de interesse (como, por exemplo, nos casos de Diana, Maria e Larissa, perfis 7, 6 e 9, respectivamente).

Em contrapartida, os aprendizes do SENAI me pareceram ter um maior "compromisso" ou "engajamento" com a área de mecânica, pois boa parte pretendia seguir pelo menos áreas afins, como as entrevistas ilustrarão muito bem.

Utilizando os termos de Bourdieu (2005), posso afirmar que os jovens do CIEE buscavam mais o capital cultural em seu estado institucionalizado, isto é, para eles, parece-me, a obtenção de títulos, diplomas, credenciais educacionais era mais importante, enquanto que para os do SENAI, para além desse estado, o capital cultural em seu estado incorporado (conhecimentos adquiridos) era mais importante devido aos planos de seguir a profissão de mecânico.

No que diz respeito à principal motivação em participar do Programa de aprendizagem, após *análise de conteúdo* das respostas abertas do questionário, por turma e por instituição, posso destacar as seguintes categorias temáticas que apareceram com maior frequência, quais sejam:

1) *Adquirir conhecimento/aprendizado*: essas respostas se referiam tanto ao aspecto do desenvolvimento/crescimento pessoal (*"grande oportunidade para que eu consiga ser alguém"*) quanto à esfera profissional (*"saber como se comportar na empresa"*), sendo esta

última mais presente nas respostas dos aprendizes do CIEE, devido ao foco nos aspectos ético-disciplinares da formação;

2) *Adquirir experiência*: as respostas nesse sentido mostraram o quanto é importante para os jovens adquirirem experiência profissional ("*todas as portas para o início da minha carreira profissional foram abertas*"), tanto no que diz respeito ao capital cultural no estado institucionalizado, quanto no estado incorporado. Principalmente, como expus anteriormente, na atual era da acumulação flexível se propaga o discurso da necessidade de uma melhor qualificação para conseguir garantir a "empregabilidade";

3) *A questão financeira/salarial*: algumas respostas dos jovens destacaram a relevância de conseguir independência financeira em relação aos pais ("*nunca gostei de depender dos meus pais"*), por exemplo, e também conseguir dinheiro para investir em outra área profissional (*"investir em outra atividade"*), principalmente em relação aos aprendizes do CIEE, como ficará mais claro nas falas de alguns entrevistados;

As três categorias supracitadas são comuns aos aprendizes de ambas as instituições formadoras, porém, cabe ressaltar duas categorias que apareceram com certa frequência, especificamente, nas respostas dos aprendizes do SENAI:

4) *Obter um curso técnico*: na concepção de boa parte dos aprendizes o fato de adquirirem um curso de nível técnico acaba "garantindo" a tão almejada "empregabilidade", isso porque tal formação lhes proporciona ter uma profissão, reproduzindo a visão otimista da "crise", a qual acredita que a qualificação funciona como um "antídoto" contra a "não-empregabilidade", porém os dados indicam o contrário, como ficará claro mais à frente;

5) *Ter uma profissão*: a profissão de técnico em mecânica é muito bem definida e reconhecida, o que garante o capital simbólico, para além do capital cultural (estados incorporado e institucionalizado). Além disso, o capital cultural em estado institucionalizado também funciona como um reforço, devido ao reconhecimento que o diploma de uma instituição como o SENAI, de abrangência nacional e vasta experiência em qualificação profissional proporcionada ao aprendiz (como Everton, perfil 13, por exemplo, o qual havia tentado por diversas vezes ingressar na instituição).

Essas duas categorias surgiram, obviamente, pelo fato de o curso de aprendizagem do SENAI ser de nível técnico, o que, no entendimento desses jovens lhes garantia uma "profissão reconhecida", o que se constituía como algo mais difícil por parte dos aprendizes do CIEE, devido aos cursos serem de qualificação profissional e estarem ligados a Arcos Ocupacionais, os quais muitas vezes tornam mais complicada a definição/atribuição de uma profissão a essa atividade, como por exemplo, o curso de *ocupações administrativas*, o qual

não necessariamente torna o jovem um administrador, o que, em meu ponto de vista, tem repercussão direta na questão identitária desses jovens, como mostrarei ao longo do capítulo a seguir, através das entrevistas.

6 ENTRE O SONHO E A REALIDADE: perfis sociológicos

> As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando. Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei, por assim dizer, por todo o mundo.
> E a geografia, é claro, me serviu muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. É muito útil, quando se está perdido na noite (SAINT-EXUPÉRY, 2018).

> Eu estava com dezoito agora, já completos. Dezoito já não era mocidade. Com dezoito o velho Wolfgang Amadeus tinha escrito concertos e sinfonias e óperas e oratórios e aquela quel toda, não, quel não, música celestial. E tinha também o velho Félix M . com a sua Ouverture para o Sonho de uma Noite de Verão. E tinha outros. E tinha assim aquele poeta francês musicado pelo velho Benjy Britt, que tinha feito toda a sua melhor poesia aos quinze, ó meus irmãos. Arthur era o primeiro nome. Dezoito, portanto, não era tão mocidade assim. Mas, o que é que eu ia fazer? (BURGESS, 2004).

No presente capítulo exponho os resultados de cada uma das entrevistas realizadas com os(as) jovens aprendizes das instituições formadoras selecionadas. Em um primeiro momento realizei um total de 15 entrevistas face a face com jovens aprendizes do CIEE e do SENAI que estavam no final dos cursos de aprendizagem das suas respectivas instituições formadoras. Posteriormente, consegui retomar o contato com 10 desses jovens e realizei uma segunda entrevista mediante *whatsapp*.

O capítulo tem o objetivo de destacar o que de mais significativo se apresentou nas entrevistas, tendo como foco os aspectos ligados às questões que guiaram minha pesquisa, referentes à socialização, à identidade profissional e à trajetória individual dos(as) jovens aprendizes. Seleciono os temas mais recorrentes e mais relevantes que apareceram nas falas dos(as) entrevistados(as).

6.1 A CONSTRUÇÃO DOS PERFIS: a primeira entrevista

> [...] o que podemos captar, dentro da precariedade de nosso conhecimento, sempre é uma aparência ou, pelo menos, um lado, uma versão de um todo muito mais complexo, cujos mistérios se sucedem ininterruptamente, à medida que temos a ilusão de tê-los desvendado (VELHO, 2003).

A primeira entrevista foi realizada com 15 aprendizes, sendo sete do CIEE e oito do SENAI, entre os meses de maio e junho de 2017, nas respectivas instituições formadoras. Os

quadros 17 e 18, que correspondem aos apêndices D e E, respectivamente, apresentam os jovens aprendizes selecionados e os critérios que me levaram a escolhê-los.

A partir da análise da primeira entrevista construí as seguintes categorias temáticas: 1) *O reconhecimento*; 2) *O peso da família*; 3) *A ausência da experiência*; 4) *Entre o sonho e a realidade*; 5) *Uma experiência negativa*; e 6) *Uma experiência positiva*. Vale ressaltar que embora alguns perfis apresentem elementos que perpassam mais de uma categoria, busquei agregá-los tendo em vista o fator preponderante no conteúdo de cada entrevista e que apresentaram elementos e características mais próximas. Além disso, para manter o anonimato dos(as) entrevistados(as) criei nomes fictícios para cada perfil.

6.1.1 O reconhecimento

No presente tópico agreguei a análise e os resultados de duas entrevistas de jovens aprendizes do SENAI, quais sejam, Fábio e Júnior, os quais apresentaram com certa frequência e ênfase em suas falas a importância do reconhecimento profissional em seus planos, metas e projetos futuros. Não por mera coincidência os dois jovens eram aprendizes do SENAI, pois, como já expus, o curso de aprendizagem desta instituição tinha o nível técnico e estava ligado a uma profissão socialmente reconhecida, o que, para eles em alguma medida contribuiria para alcançarem o tão esperado reconhecimento no interior da profissão de mecânico.

6.1.1.1 Perfil 1: Fábio (SENAI) – o mecânico superespecializado

> [...] Hoje em dia o profissional bom é aquele profissional que tem conhecimento em várias áreas, né? Eu quero ter essa visão ampla de tudo que é mecânica.
>
> Minha meta sempre foi ser reconhecido profissionalmente. Sempre foi, tipo, ter o nome reconhecido no mercado de trabalho. Seja ela de qualquer forma. Agora positivo, né? Sempre reconhecimento positivo. Sempre minha meta foi essa. Sempre (FÁBIO, 20 anos) .

Fábio era um jovem de 20 anos matriculado no curso de aprendizagem de *técnico em mecânica industrial* no SENAI e fazia sua prática em uma fábrica de produtos como: papéis higiênicos, guardanapos, toalhas de papel e caixas para embalagens, localizada na cidade de Igarassu-PE.

Além dos critérios pré-estabelecidos (apêndice E), o aspecto que mais me chamou a atenção foi o fato de, apesar de ser bastante jovem, possuir um acúmulo de capital cultural

(diplomas e credenciais educativas) bastante significativo, principalmente na área industrial, como apresentarei no Quadro 16 mais à frente.

A entrevista aconteceu em junho de 2017, a qual teve que ser remarcada, pois na data em que ocorreria Fábio havia feito uma prova e largado mais cedo e, por isso, não pôde ficar para me conceder a entrevista. Porém, no dia remarcado ele se mostrou bastante solícito, aguardando sua vez de ser entrevistado, pois antes dele havia dois aprendizes.

Ele me pareceu um jovem bastante tímido, reservado e bastante organizado no que se refere a seus projetos e objetivos, como ficará mais claro a seguir. Apesar disso, não encontrei dificuldades em obter respostas por parte dele.

Ele se autodeclarava-se branco, era solteiro, sem filhos e morava com os pais em uma casa própria, na cidade de Igarassu desde que nasceu. Ao longo da entrevista tive que, em alguns momentos, estimular o entrevistado a refletir e a responder às perguntas, com o intuito de retirar suas lembranças do estado de vigília, no sentido de Lahire (2004), por este ser bastante sucinto nas respostas.

O jovem considerava sua relação com os familiares como "*reservada*", pois para além dos pais, sempre teve pouco contato com os demais parentes. Quando nasceu, morou na casa da avó junto com os pais e outros familiares. Posteriormente, seu pai comprou uma casa, mas Fábio permaneceu com a avó, a qual pediu para criá-lo, ficando com ele até aos cinco anos de idade, quando Fábio finalmente foi para a casa dos pais.

Definia a relação com os pais como "*ótima*" e não identificou qualquer mudança nessa relação em sua passagem para a fase adulta.

Seus pais e familiares sempre o incentivaram a seguir os estudos, mas nunca em seguir uma carreira específica: "*siga a linha do estudo que é o futuro*". Assim como consideravam ótimo o fato de Fábio fazer o curso de aprendizagem, pois "*além de ter o curso técnico eu já tenho a prática agregada a ele. Isso aí cresce valendo o profissional*". Embora tenha me parecido que o que o jovem apresentou como opinião dos pais fosse reflexo de suas próprias opiniões. Minha impressão se reforçou quando posteriormente Fábio afirmou que eles "não entendiam muito" sobre a área que o filho estudava: "*não acham nada, que eles não entendem muito* (risos). *Só meu pai que tem um pouco de ideia, mas de mecânica de... automotiva, né? Não tem muita de mecânica industrial, não*". Os pais o apoiavam em sua escolha pela profissão de engenheiro mecânico.

A namorada de Fábio, que fazia *curso técnico em enfermagem* e no mês seguinte ao da realização da entrevista começaria um estágio, também o apoiava: "*Ela sempre fala, tipo, em*

hora... tempo de prova ela diz: 'Não se preocupe comigo, não. Estude. Faça seu futuro'. Ela sempre me incentivando desse tipo".

A trajetória escolar de Fábio teve início na escolinha da tia, onde aprendeu a ler. A partir da alfabetização foi para uma escola privada, na qual estudou até a 5ª série por ser a última série oferecida pela escola. Até a 8ª série estudou em outra escola particular e o ensino médio cursou em escola pública. Fábio se considerava um bom aluno na época da escola, pois *"sempre tava comprometido a fazer as atividades, prestar atenção, nunca fui de, tipo, tá faltando a escola, essas coisas*".

A fim de estimular mais Fábio a falar sobre sua trajetória escolar perguntei qual seria a melhor lembrança que tinha da época da escola. Porém, não conseguiu destacar algo de positivo. Por outro lado, quando indaguei sobre uma lembrança negativa, sua resposta foi quase imediata:

> *Uma negativa teve. Uma discussão no meu 2º ano de ensino médio. Aí teve uma discussão lá com a menina, aí fui pra diretoria, que eu nunca tinha ido pra diretoria na minha vida. Fui chamado e tal. Mas não foi... só foi essa mesmo. Essa aí ficou na história* (risos).

Segundo Fábio, sempre teve um incentivo por parte dos pais para estudar. Tal incentivo era predominantemente financeiro desde quando era muito criança, pois durante os anos que morou com a avó, ia aos fins de semana para a casa dos pais e sua mãe o ajudava nas tarefas escolares: "*Aí quando eu fazia as lição certinho, ela me dava um saquinho de moedas. Aí eu ia pra casa feliz da vida pra botar no miaeiro*[36]". Na época da entrevista ainda recebia o apoio dos pais em relação aos estudos:

> *Eu brinco com minha mãe, eu digo: "Mainha, vou desistir da faculdade. Tá muito puxado". Ela diz: "Tá doido, é, menino? Desiste não. Tá vendo aí que teu pai tá desempregado e tal. Tá vendo que teu pai tá sofrendo por não ter estudo, tal". Ela sempre me incentiva desse tipo.*

Alguns professores da faculdade sabiam que Fábio fazia um curso técnico em mecânica, embora não soubessem que era também um curso de aprendizagem. Segundo ele, os professores achavam ótimo, pois acreditavam que fazer o curso superior em engenharia tendo um curso técnico na área é ainda melhor, pois "*sai com bem mais informações no final*". Interessante destacar que os colegas de faculdade de Fábio achavam legal o fato de ele fazer o curso de aprendizagem, pois essa possibilidade era mais restrita quando eram mais jovens, pois, segundo Fábio, seus colegas eram mais velhos que ele, tendo entre 23 e 25 anos.

---

[36] Minhaeiro, o mesmo que cofrinho.

Cabe ressaltar o quanto Fábio achava a área de mecânica importante: *"é uma área boa, né? Mecânica. Tipo, o mundo se move com a mecânica. Se não existisse a mecânica, tanto automotiva quanto industrial, não rodava nada, não teria nada".*

Antes de ingressar no Programa de aprendizagem, Fábio já havia feito o curso técnico em *eletromecânica*[37], por meio do Pronatec[38], inclusive no mesmo SENAI em que era aprendiz. Por estudar em escola pública e ter visto uma propaganda sobre a abertura de vagas no Pronatec, matriculou-se no curso de *eletromecânica* por pensar que seria voltado para a parte elétrica de carros. Com o decorrer do curso, percebeu a diferença, mas passou a gostar da área. Vale ressaltar que, segundo Fábio, os dois cursos (*eletromecânica* e *mecânica industrial*) consistiam basicamente na mesma formação e via "*a oportunidade de rever o curso todo de novo*". Para além de retomar os conhecimentos do curso anterior, essa nova experiência era interessante para Fábio pelo fato de ter uma nova oportunidade de conseguir um estágio, pois até o momento da primeira entrevista não havia conseguido concluir o estágio para conseguir o diploma de *eletromecânica*. Porém, como o curso de aprendizagem do SENAI era de nível técnico, era possível conseguir um estágio na área, para além da própria experiência de aprendizagem na empresa.

Em suma, na época da entrevista, Fábio fazia o curso de aprendizagem (consistindo nas aulas teóricas no SENAI e nas práticas na empresa) e fazia estágio em outra empresa a fim de conseguir finalizar o curso anterior e ter o diploma. O curso de *eletromecânica* não teve prática na empresa e, por isso, o estágio era obrigatório:

> *Meu curso de eletromecânica não tinha esse convênio já com a empresa. Aí eu terminei o curso em 2014 e tô correndo o risco de perder o curso porque eu não fiz o relatório de estágio. Não consegui estágio. Aí eu consegui o estágio através do programa Jovem Aprendiz. Consegui em outro curso. Aí por isso que agora eu vou... porque bate, né, a carga horária do curso.*

Foi a partir dessa experiência que teve o primeiro contato com a área de mecânica e, consequentemente, decidiu ingressar na faculdade de engenharia mecânica: "*Foi ele que me optou* (sic) *pelo caminho da engenharia mecânica*".

A sua escolha pela engenharia mecânica não foi pautada apenas pelo fato de ter gostado da área de mecânica diante da experiência no primeiro curso, mas também pela questão de gostar de "*lidar com pessoas*".

---

[37] É uma área que combina conhecimentos da eletrotécnica e da mecânica, ocupando-se de sistemas e dispositivos que possuem em seus mecanismos componentes mecânicos e elétricos.

[38] Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), criado em 2011 pelo Governo Federal, através da Lei nº 12.513, objetivando ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira.

Na época da entrevista, Fábio cursava o 6° período de engenharia mecânica em uma faculdade privada, no período da noite. O aprendiz disse que estava gostando do curso superior, principalmente pelo fato de cursar disciplinas mais específicas da área: "*eu tô gostando do curso, né? Tá entrando nas específicas agora. Tipo, agora eu tô em* Elementos de Máquina, Processo de Fabricação. *Tô gostando do curso. Até então eu tô gostando do curso. Mas... não pretendo desistir, não*".

Em relação às ocupações/profissões dos pais, Fábio as considerava ótimas, tendo em vista a escolaridade dos pais:

> *Minha mãe é... ela é operadora. Acho legal também. Operadora de telemarketing. E meu pai é motorista munckeiro*[39]*. Ele eu acho... assim... pra escolaridade deles, acho ótimo. Minha mãe só teve o 2º grau, né, que era o ensino médio antigamente e meu pai não teve nem a 4ª série. Aí eu acho eles vitorioso por conseguir essa profissão deles.*

Ele não identificou qualquer tipo de influência das profissões dos pais sobre sua escolha profissional. Antes do curso de aprendizagem no SENAI, já havia trabalhado na condição de estagiário na área de mecânica e nunca havia feito trabalho voluntário.

O salário como aprendiz era sua principal fonte de renda e contribuía financeiramente com a família, sendo sua renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos. A contribuição financeira de Fábio consistia em pagar a *internet*, não pedir aos pais para comprar suas coisas e, eventualmente, quando havia uma despesa extra, como a falta de um botijão de gás, ele pagava. Ou seja, além da conta de *internet*, não possuía nenhuma contribuição financeira fixa. Na opinião de Fábio, todos deveriam contribuir com as despesas domésticas: "*se eu tô ganhando eu posso ajudar em alguma coisa, por mínimo que seja. Tipo, eu ajudo na* internet, *numa conta de luz. O mínimo. Dá pra ajudar".*

Fábio gastava a maior parte do salário como aprendiz com a manutenção da sua motocicleta, a qual utilizava tanto para ir ao SENAI quanto para a faculdade. Cabe ressaltar que ele tinha a motocicleta havia dois anos, tempo em que estava no curso de aprendizagem, pois havia comprado a moto já com o salário de aprendiz.

Conheceu o curso de aprendizagem através do SENAI e sua principal motivação foi "*ter mais um curso técnico e ter a oportunidade de fazer a prática*". Tal resposta fica mais

---

[39] Ele era Operador de Caminhão Munck, também conhecido como Guindauto. Consiste em "um tipo de caminhão que conta com um sistema hidráulico e braço articulado com um gancho que realiza atividades de carga e descarga. Atualmente o uso deste tipo de equipamento é bem amplo e vai desde o uso florestal até o içamento de grandes volumes, porém é mais comumente utilizado na movimentação de contêineres, suporte na montagem de estruturas metálicas e de concreto" <http://www.dbguindastes.com.br/qual-a-diferenca-entre-guindaste-e-guindauto/>.

clara a partir da entrevista, quando o jovem ressalta a importância da prática, inclusive para conseguir seu diploma em um curso anterior.

O curso de aprendizagem havia atendido suas expectativas, pois "*além de ter os conhecimentos técnicos na teoria, podemos fazer na prática quando for à empresa*".

Diferentemente do que ocorria em relação aos estudos, os pais de Fábio nunca o incentivaram a trabalhar: *"Nunca me incentivaram a trabalhar, não. Até eu queria trabalhar, mas eles não deixavam: 'Não, foque no estudo. Deixe o trabalho pra lá'"*.

Fábio soube do curso de aprendizagem através da empresa, consultando a *internet*. Ele enviou seu currículo para a empresa e em cerca de um mês e meio foi chamado.

Até o momento da primeira entrevista ele havia ido à empresa em três oportunidades: a primeira durou cerca de um mês, a segunda, 15 dias e a terceira foi de apenas uma semana e estava prestes a ir à empresa por aproximadamente três meses, a fim de finalizar o curso. As atividades que desempenhava quando estava na empresa consistiam em: "*Manutenção com bombas centrífugas. A gente faz manutenção, tipo, lubrificação dos rolamentos, é... verificações nos eixos das bombas. Se tem alguma deformação e tal. E... alinhamento, nivelamento das bombas. Somente isso".* Considerava "*ótimo*" o convívio com os funcionários da empresa, pois eram "*tudo gente boa*".

A princípio, Fábio encontrou bastante dificuldade em responder sobre o que é ser aprendiz: "*Boa pergunta* (risos). *Deixa eu ver. Sei lá, bicho. Acho que é você ter a oportunidade de... de conciliar a teoria com a prática. Acho que é isso. Tipo, você tá vendo na teoria, expondo em prática. É... e tá sempre aprendendo, né, com os profissionais lá da área".*

Embora Fábio tenha dado uma resposta vaga, vale destacar um aspecto que ele pontuou, qual seja, o de aprender com os profissionais mais experientes: "*a gente já vai pra empresa com esse nome "aprendiz", então eles se esforçam o máximo pra passar o que eles sabem pra gente*".

Para Fábio, o curso de aprendizagem atendeu suas expectativas principalmente por causa da prática.

Durante o curso de *eletromecânica*, Fábio conseguiu um estágio em uma lavanderia, porém, durou apenas 15 dias, devido à repentina demissão que a empresa fez justificando-a pela crise. Mesmo sendo breve a experiência, por não ter prática no curso, Fábio afirmou que foi bastante significativa, pois aprendeu com o mecânico da empresa: *"o mecânico de lá também me ensinou muita coisa sobre as máquinas de lavanderia. Deu pra aprender um bocado"*.

Fábio identificava a importância da prática na empresa para seus planos futuros, pois pretendia fazer uma Pós-Graduação na faculdade em que estudava, na área de manutenção, foco do curso de aprendizagem. Assim como também considerava que a teoria estivesse contribuindo para seus planos.

Como Fábio já tinha estudado no SENAI, já conhecia brevemente o processo de aprendizagem:

> *Quando eu fazia eletromecânica aqui tinham sempre algumas pessoas que já eram de empresa, que essas pessoas não precisava fazer relatório. Aí eu me sentia até com inveja* (risos)*: "Oxe, eles já têm a empresa, já. Recebe pra estudar e tal". Aí eu já tinha esse conhecimento, já.*

Interessante ressaltar o fato de mesmo conhecendo outros aprendizes do SENAI, estes não tiveram nenhuma influência ou incentivo em sua participação no Programa. Fábio justificou sua resposta pelo fato de alguns aprendizes que conhecia nem sequer terem ideia de como era o processo para ingressar no Programa:

> *Uma menina que mora lá perto de casa, ela falou que conseguiu assim: fez o edital, a prova do Senai, passou, aí quando chegou aqui pra fazer a matrícula já tinha uma empresa já... já... pedindo as documentação pra ser contratado já como jovem aprendiz. Aí nem ela sabia como tinha sido.*

Quanto a planos futuros em relação à profissão, a resposta de Fábio foi bastante interessante: *"Minha meta sempre foi ser reconhecido profissionalmente. Sempre foi, tipo, ter o nome reconhecido no mercado de trabalho. Seja ela de qualquer forma. Agora positivo, né? Sempre reconhecimento positivo. Sempre minha meta foi essa. Sempre"*.

Fábio ressaltou o reconhecimento para sua realização profissional e para atingir essa meta, para ele, seria necessário estudar e dar o seu melhor. Nessa direção, disse o seguinte: *"Eu já tô pensando em fazer o meu curso de inglês"*, pois achava fundamental *"ter o inglês"*, principalmente *"quem trabalhar com pessoas"*.

Fábio acreditava que não seria efetivado na empresa, pois não seria possível devido ao estágio pela manhã na empresa de empilhadeiras, uma autorizada da marca Toyota. Ele não pretendia abrir mão dessa experiência pelo fato de desejar ter uma visão ampla da área de mecânica, ressaltava a experiência como importante, como fica claro no trecho a seguir:

> *Hoje em dia o profissional bom é aquele profissional que tem conhecimento em várias áreas, né? Aí, tipo, como eu já tenho seis meses... vou botar dois anos de experiência na* [empresa da aprendizagem] *com bombas, eu posso ter mais um ano de experiência com empilhadeiras, que lá é máquinas empilhadeiras. Em Jaboatão. Uma autorizada da Toyota. Pronto, aí por isso que eu não queria ficar na* [empresa da aprendizagem]*, porque eu quero ter essa visão ampla de tudo que é mecânica.*

Caso não permanecesse em alguma das duas empresas, pretendia colocar currículos *"em tudo que é lugar"*, nas áreas de mecânica ou administração. Esta última área foi a de seu primeiro curso de aprendizagem, durante um ano, pelo SENAC, sendo seis meses de teoria e seis meses de prática (divididas de forma intercalada: três meses de aulas teóricas, três meses de práticas, mais três meses de teoria e, por fim, mais três meses de prática). Mais um fato que mostra o quanto Fábio conhecia o processo de aprendizagem, mesmo sendo por outra instituição.

Fábio não conseguiu identificar um momento ou fato que o tenha levado a decidir sobre a profissão que iria seguir:

> *Porque sei lá, desde de pequeno, sempre eu quis ser... não que eu não sabia que existia essa profissão, engenheiro, né? Eu era pequeno demais, mas eu sempre quis exercer um cargo assim, ser reconhecido feito eu falei antes. Eu sempre quis ter um reconhecimento profissional. Ter um cargo bom. Aí... foi isso que me incentivou, aí com o curso de eletromecânica incentivou mais ainda.*

Mais uma vez, Fábio retoma a questão do reconhecimento profissional como um objetivo de sua vida, o que mostrava o quanto o capital simbólico era importante em seu processo de socialização e identidade profissional. A experiência na empresa também teve papel importante na questão do reconhecimento, pois, de certa forma, Fábio se espelhava no engenheiro da empresa: *"quando eu vejo o engenheiro lá trabalhando, botando a mão na massa, aí me incentiva mais ainda. Eu digo: 'Poxa, eu quero ser um desse na minha vida'"*.

Fábio afirmou que indicaria o curso de aprendizagem para outra pessoa, pois, segundo ele, era *"muito legal"*: *"Não estuda quem não quer, porque além de você se formar técnico, você ter um curso técnico, você vai ter experiência no mercado e ainda vai receber pra estudar. Aí assim, é bom demais"*. O jovem pretendia trabalhar e estudar após o término do curso.

Por fim, diante da grande quantidade de cursos feitos por Fábio, construí um quadro para facilitar o entendimento de sua trajetória de formação profissional:

Quadro 16 – Cursos de formação profissional de Fábio

Cursos	Instituição	Período
Técnico em Eletromecânica	SENAI (Pronatec)	2012-2014
Curso de aprendizagem em Administração	SENAC	2015-2016
Curso de aprendizagem Técnico em Mecânica Industrial	SENAI	2015-2017
Estágio de Mecânica (manhã)	Empresa de empilhadeiras	2015-2017
Engenharia Mecânica (6° período, noite)	Faculdade privada	2015-2019

Fonte: Elaboração própria

No período em que ocorreu a primeira entrevista, a dinâmica diária de Fábio era a seguinte: pela manhã fazia o estágio na empresa de empilhadeiras (com o propósito de concluir a carga horária do curso de eletromecânica, entregar o relatório de estágio e conseguir o diploma pelo SENAI); no período da tarde frequentava as aulas teóricas do curso de aprendizagem no SENAI (ou ia à empresa) e à noite fazia a graduação em engenharia mecânica em uma faculdade privada.

Diante das falas de Fábio, é possível destacar alguns pontos que me pareceram mais relevantes no que diz respeito à sua socialização, identidade e trajetória profissional.

O primeiro ponto está relacionado ao incentivo que Fábio recebia, pois tanto seus pais quanto a namorada o incentivavam a estudar, fazer o curso de aprendizagem e a faculdade, o que demonstra a posse de certo capital social por parte do jovem, no que diz respeito, especificamente, ao apoio dos familiares mais próximos. Isso é bastante significativo, pois, diferentemente de casos que apresentarei mais à frente neste capítulo (como Pettros e Júnior, perfis 3 e 2, respectivamente), nos quais a família não apoia as escolhas do aprendiz, isso funciona como um obstáculo ao desenvolvimento social e profissional do jovem.

No caso de Fábio há um incentivo que reforça seus planos. O incentivo é predominantemente financeiro, pois sua mãe sempre utilizava as dificuldades que o pai de Fábio enfrentava por "não ter estudo". Nesse sentido, seu pai funciona como um modelo a não ser seguido, um contraponto a sua postura de dedicação aos estudos.

O mesmo incentivo ocorria por parte dos professores e colegas de faculdade, os quais pensavam no aspecto positivo de agregar os conhecimentos do curso técnico (que seria mais voltado para a prática) com a graduação (com foco na teoria).

A escolha de Fábio pela engenharia mecânica como profissão se deu a partir da experiência no curso de eletromecânica. Vale destacar que sua opção também aconteceu pelo fato de Fábio gostar de "*lidar com pessoas*", o que se mostrará fundamental na segunda entrevista.

O convívio com os colegas de trabalho na empresa era tido como "ótimo", o que se configurava como mais um reforço para seguir a área, além de afirmar aprender bastante na empresa com os profissionais mais experientes, pois, segundo ele, pelo fato de ser aprendiz, os funcionários procuravam compartilhar os conhecimentos que tinham com os jovens aprendizes, diferentemente da realidade de outras empresas. O mesmo aconteceu na rápida experiência de estágio que teve em uma lavanderia, como mecânico. Diferentemente das experiências de outros aprendizes (como Kaio, perfil 10), Fábio afirmou aprender bastante com os funcionários mais experientes da empresa, o que indica uma experiência mais positiva do que outros jovens tinham no momento, o que também reforça sua escolha profissional pela área de mecânica.

Segundo Dubar (2009), os grupos de pertencimento são tidos como fontes "essenciais" de identidades. Daí a importância da interação com os funcionários mais experientes da empresa, o que contribuía para desenvolver o sentido de pertencimento (denominadas *formas comunitárias* por Dubar) ao mundo da mecânica.

Fábio vivia uma situação de *aprendizagem experiencial*, nas palavras de Dubar (2009), na qual o indivíduo extrai saberes de sua experiência por meio do contato direto do *self* com o outro, com o mundo e com o si mesmo, pois parte da ação para voltar a ela, permitindo a construção pessoal de saberes reconhecidos através de uma experiência compartilhada, ancorada em atividades significativas: "saberes de ação experimentados numa prática significativa, isto é, ligada a um envolvimento pessoal" (DUBAR, 2009, p. 216).

Nessa direção, é fundamental que a prática esteja ligada a uma prática social ou a uma "paixão" intelectual ou pessoal, um "projeto de vida para si". "A aprendizagem experiencial é a única que permite a utilização da reflexividade, isto é, a construção de uma identidade reflexiva a qual dá sentido a uma prática na qual se tem sucesso" (DUBAR, 2009, p. 217).

A segunda questão que enfatizo é o destaque dado por Fábio a sua meta profissional: ser reconhecido dentro da área de mecânica. Para alcançar tal objetivo, buscava se qualificar cada vez mais e adquirir mais experiência na área, o que vai ao encontro do que já era destacado por Castel (2005, p. 601):

> Não basta mais saber trabalhar, é preciso saber, tanto quanto, vender e se vender. Assim, os indivíduos são levados a definir, eles próprios, sua

> identidade profissional e a fazer com que seja reconhecida numa interação que mobiliza tanto um capital pessoal quanto uma competência técnica geral.

Dubar (2009, p. 136) destaca o trabalho como utilização de competências: a empresa deixa de ser responsável pelas competências de seus assalariados, tornando cada assalariado responsável pela manutenção e aquisição de suas competências, em outras palavras, a "empregabilidade": "cabe a eles adquiri-los e serão eles que sofrerão com isso se não o forem".

O jovem investia bastante em capital cultural, pois possuía vários cursos de formação profissional e, por isso, não via problema no fato de que os currículos do curso técnico em mecânica que fazia como aprendiz e o curso técnico em eletromecânica anteriormente cursado fossem praticamente iguais, pois dava muito valor ao capital cultural (na forma de conhecimentos) adquirido e retomado no novo curso.

Em outras palavras, Fábio buscava adquirir um elevado capital simbólico (na forma de reconhecimento) através da obtenção de um capital cultural (credenciais educacionais: "*estudar e dar o meu melhor*", "*eu quero ter essa visão ampla de tudo que é mecânica*") em uma instituição reconhecida. Nesse mesmo sentido, pretendia fazer curso de Inglês, o que acreditava ser essencial para lidar com pessoas.

Fábio vivia uma situação denominada por Dubar (2009, p. 152) como *precariedade identificante*, a qual possui uma conotação positiva, pois consiste em uma "conduta de exploração incessante de um meio profissional, por meio de experiências curtas, mas cada vez mais enriquecedoras". O curso de eletromecânica acabou por reforçar seu desejo/meta de adquirir reconhecimento profissional, o que foi ainda mais estimulado pela experiência na empresa atual, na qual se espelhava na figura do engenheiro.

Sainsaulieu (1977), em suas entrevistas, identificou que as pessoas mostravam que eram muito sensíveis ao reconhecimento, à manutenção do prestígio. Dubar (2009, p. 117-118), por sua vez, afirma que "as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas, de os indivíduos se identificarem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego". Ou seja, o auto-reconhecimento pelos parceiros é um elemento importante das identidades profissionais para o que Dubar (2009) denomina "sentido do trabalho".

Um terceiro e último ponto que considero importante é a organização de Fábio em relação aos planos e projetos pessoais e profissionais. Isso porque com o salário que recebia como aprendiz, pagava as mensalidades da faculdade e havia comprado uma motocicleta (o que ilustra o quanto era metódico e organizado em relação a seus planos). Esse último ponto será mais enfatizado na análise da segunda entrevista realizada com este jovem aprendiz.

6.1.1.2 Perfil 2: Júnior (SENAI) – o que sonha em ser mecânico da Ferrari

> Minha avó, ela diz: "Meu filho, logo engenheiro? Uma coisa tão complicada". Eu fiz: "Não, mas é uma coisa que até agora eu não consegui deixar de lado". Desde pequeno que eu tenho essa coisa de gostar de carro, aí eu pretendi fazer engenharia mecânica. Que eu gosto muito dessa área, aí espero em Deus conseguir chegar no meu objetivo (JÚNIOR, 21 anos).

Júnior estava matriculado no curso de *técnico em mecânica industrial* no SENAI e estava vinculado a uma empresa multinacional britânica-neerlandesa de bens de consumo, mas ainda não tinha realizado a prática na empresa. Diferentemente de Fábio, Júnior respondeu às perguntas com mais fluência, não necessitando de muitos estímulos, o que fez com que a entrevista fosse mais dinâmica.

O fato de já ter outras experiências de trabalho e ter feito outro curso de formação profissional foram preponderantes para ter sido selecionado para a entrevista.

A entrevista ocorreu em junho de 2017. Júnior falou bastante durante a entrevista e sempre pensava um pouco antes de responder às perguntas. Um fato curioso e que ficou ainda mais notório quando posteriormente fiz a transcrição da entrevista era o fato de o jovem, na maioria das vezes, iniciar suas respostas ou terminá-las com a expressão "meu amigo".

Júnior tinha 21 anos, considerava-se preto, era solteiro, sem filhos e morava com mais cinco pessoas em uma casa própria na cidade do Cabo de Santo Agostinho, há 20 anos.

Ele não participava de grupos, entidades ou associações no momento. Nunca havia feito trabalho voluntário, mas já havia tido experiência anterior de trabalho, em uma loja de eletrodomésticos, na atividade de carga e descarga de mercadorias. Sua escolha profissional era a engenharia mecânica.

Na sua fase de infância e adolescência, o convívio familiar era muito difícil, pois ainda vivia com seu pai e sua mãe e aconteciam brigas constantes, devido ao pai de Júnior ser alcoólatra. Antes da separação dos pais o jovem já havia chegado a passar fome. Mesmo assim, disse que aprendeu muita coisa com o pai, que havia falecido.

> *Atualmente, graças a Deus, tá dando tudo certo na minha família. A maior parte é mulher. Só eu de homem na família. Um pouco difícil, mas, graças a Deus tá dando tudo certo. Tanto na minha vida profissional, que tô começando agora, tanto na minha vida familiar.*

Júnior morava apenas com a mãe, porém, "*as casas são tudo junto, eu posso dizer que moro com a família inteira".*

Embora seu pai tivesse problemas com o alcoolismo, Júnior afirmou que sempre teve maior afinidade com ele do que com a mãe:

> *Eu tinha mais afinidade com meu pai. Mais afinidade eu acho que porque... por ser homem, né? Homem. Não é dizer que mãe não entende filho, mas eu acho que mãe entende mais mulher, as mulheres se comunicam mais do que pai com filho homem, né? Como é que se diz?... eu tinha mais afinidade com meu pai, me abria mais com meu pai. Porque até hoje eu não consigo me abrir que nem eu me abria com meu pai, com a minha mãe. Tem coisas que eu não consigo conversar com minha mãe ainda hoje, tá entendendo?*

Júnior definia sua relação com a mãe como muito boa, mesmo destacando que não se sentia bem em conversar certos assuntos com ela. O que havia mudado na sua fase adulta eram o pensamento e obrigação de querer ajudar financeiramente em casa por ela ter *"feito muito"* por ele.

Júnior tinha o ensino médio completo, enquanto seus pais tinham o nível fundamental incompleto. Segundo o jovem, sua trajetória escolar não tinha sido muito boa. Ele havia passado por três escolas e sempre teve muita dificuldade e deficiência na área de cálculo. Disse que no tempo de escola não tinha sido *"flor que se cheire"*, mas que só teve consciência dessa sua dificuldade quando passou a fazer o curso de aprendizagem:

> *Antes você gosta de brincar, gosta de jogar bola. Eu sou um fã de bola, de jogar. Sempre deixava de estudar pra tá jogando bola e hoje eu vejo que é uma coisa que você não pode brincar é com os estudos. Então, hoje se eu pudesse voltar atrás... não me arrependo da minha trajetória. Agora se eu pudesse voltar atrás eu mudaria algumas coisas, principalmente o foco nos estudos. Acho que... acho, não, tenho certeza que iria me ajudar muito no que eu tô precisando agora que é na parte de cálculo. Eu tenho uma deficiência muito grande.*

Além da sua falta de interesse, credita essa dificuldade também à falta de professores qualificados, por sempre ter estudado em escolas públicas, onde os professores faltavam com certa frequência, o que prejudicava seu aprendizado. Júnior se considerava um aluno "razoável" na época da escola, pois *"um aluno razoável pra mim é que, tipo, ele estuda, mas também ele gosta muito de brincar, tá entendendo? Aí por isso que eu digo, um aluno razoável, porque ele brinca, mas também ele estuda".*

A melhor lembrança que tinha da escola era o apoio e os conselhos que recebia de um professor de geografia durante seu ensino médio: "*você é um rapaz inteligente. Agora você precisa abrir o olho, que você não abriu o olho ainda"; "Olha, não brinca. Você vai chegar no meu lugar. Você vai ver o que é que eu tô lhe dizendo".* Júnior relacionava esse tipo de conselho ao fato de ter deficiência na área de cálculo e, por isso, o professor o alertava que no futuro isso causaria maiores dificuldades em sua carreira profissional. *"É como se eu tivesse*

vendo ele, pô, falando, pô. [...] Hoje em dia, né brincadeira, não. A indústria não brinca, não".

O que levou Júnior a despertar para as consequências negativas de não levar os estudos a sério durante a escola foi a experiência profissional que teve na atividade de carga e descarga de caminhões em uma empresa de eletrodomésticos: *"eu comecei a ter uma noção dentro das indústrias que vê, tipo, tanto convivência, tanto conhecimento e formação. Se você não tiver nenhum desses três atributos, você é um 'peão'".*

Segundo Júnior, seu pai o incentivava a estudar, tomando as dificuldades que tinha como exemplo: *"meu filho, não queira ser o que eu tô sendo agora, não. Porque... é uma coisa que você não quer levar pra sua vida, não".* E isso o motivava até a época da primeira entrevista, pois não queria chegar à mesma situação de seu pai. A mãe, por sua vez, também o apoiava, principalmente o incentivando a não desistir quando estava cansado, o que o estimulava a chegar ao seu objetivo: *"estuda. É o melhor pra você. Pense direitinho. Force mais um pouquinho que você vai chegar lá".*

Ele despertou o interesse pela mecânica através de uma professora de biologia da escola, que estimulava os alunos a seguirem aquilo que gostassem. Diante de tal estímulo passou a pesquisar mais sobre a mecânica automotiva: *"eu nem sabia que tinha essa área. Uma área específica. Pensei que a mecânica era em geral, tá entendendo? Só a mecânica em geral, mas tem as áreas específicas. Aí foi daí que eu gostei muito da mecânica automotiva".* O curso de aprendizagem do SENAI era voltado para a mecânica industrial, ou seja, de âmbito mais geral, apresentando, através das disciplinas, as mais variadas subáreas.

Júnior também tinha um amigo da época da escola, que considerava como um irmão, que o incentivava bastante a seguir a área e não desistir. Destaca também a disciplina de sociologia a qual o estimulou a buscar atingir seus objetivos quanto à profissão:

> *Me incentivou me abrindo o olho. Abrindo... não é abrindo o olho totalmente porque quem abre o olho é o mundo que você... ao passar do tempo você vai conhecendo. Mas foi dali que eu comecei a ter um raciocínio, abrir o raciocínio: "Rapaz, se eu não estudar... eu não vou chegar no meu objetivo". Foi daí que eu comecei a pensar, aí daí eu já comecei a escolher a área que eu queria.*

Outra experiência significativa para a trajetória de Júnior foi o curso de *tubulação industrial* que fez no SENAI da cidade do Cabo de Santo Agostinho. Ele considerava o curso como muito bom, mas que poderia ter sido melhor, por ter aprendido apenas "*o básico do básico*": *"eu acho que o professor só ensinou pra gente 50%, ou seja, ensinou o 'peão'. Ensinou algumas coisas errada, tá entendendo? Eu tenho pra mim que ele poderia ter*

ensinado muito mais a gente". Conseguiu realizar o curso durante o ensino médio, quando foi aprovado em uma seleção do Pronatec. Embora tenha gostado da área, achava que o curso tinha sido *"muito fraco"*. A experiência de fazer esse curso contribuiu bastante para seus planos futuros: "*contribuiu, tipo, que... você não só pode aprender na sala de aula, não. Você tem que buscar também porque senão você não... hoje eu sei que se você não buscar também você não aprende nada, não. Aprende o mínimo. E o mínimo hoje a gente sabe que não é nada".*

Nenhum de seus familiares já o incentivou a seguir uma carreira específica, mas sempre o influenciaram a não deixar de estudar: *"estude pra conseguir chegar aonde você quer".* Nesse sentido, achavam muito bom Júnior fazer o curso de aprendizagem, pois *"jovens da minha idade hoje em dia não tem a mesma oportunidade que eu tô tendo aqui, agora. Aí dizem pra eu aproveitar o máximo".* Em contrapartida, o mesmo apoio não acontecia em relação à área de mecânica, como expôs Júnior: "*rapaz* (risos), *muita gente já falou pra mim pra desistir, visse? 'Rapaz, tu vai se melar muito, não sei o quê. É um trabalho que não dá muito lucro. Você trabalha demais e hoje em dia você sabe que acaba trabalhando em oficina de carro e é pouco remunerado'".* Apesar disso, Júnior respondia dizendo que gostava de mexer com carros e, por isso, desejava ser mecânico. Consequentemente, a mesma falta de incentivo ocorria em relação à escolha profissional de Júnior: engenharia mecânica. Seus familiares e, principalmente, sua avó o desestimulavam a seguir a área:

> *Minha avó, ela diz: "Meu filho, logo engenheiro? Uma coisa tão complicada". Eu fiz: "Não, mas é uma coisa que até agora eu não consegui deixar de lado. Desde pequeno que eu tenho essa coisa de gostar de carro", aí eu pretendi fazer engenharia mecânica. Que eu gosto muito dessa área, aí espero em Deus conseguir chegar no meu objetivo.*

O pai de Júnior "*sabia trabalhar com muita coisa",* mas *"não tinha uma profissão específica".* Já sua mãe tinha apenas um *"curso de costura"*, pois ambos não tiveram a oportunidade de concluir os estudos, como Júnior e sua irmã conseguiram. "*Os dois não tinham uma profissão certa, não. Até agora. Minha mãe até agora não tem uma profissão certa".* O fato de seus pais não concluírem os estudos nem terem uma profissão não influenciou a escolha profissional de Júnior, mas o incentivou bastante porque:

> *Eu vi que você ter várias profissões e não ser formado em nenhuma não adianta. Não adianta. Aí isso é que me motiva mais ainda. É o que faz eu sempre olhar pra frente, olhar pro meu objetivo, querer chegar no meu objetivo. É isso. Também que eu falo com ela, porque eu não queria ver minha mãe sem profissão, nenhum filho quer, aí isso me motiva muito. Quando eu olho pra ela, pergunto. Faz as perguntas pra mim, o que eu*

> *quero ser, eu digo mesmo: "Quero ser engenheiro", se Deus quiser eu vou chegar lá.*

Sua mãe, no momento, estava desempregada. Sua principal fonte de renda era o salário como aprendiz e sua renda familiar estava entre 1 e 2 salários mínimos. Júnior ajudava financeiramente sua mãe, pagando algumas contas, não só a ela, mas a *"família em peso"*, como a avó e a irmã. Isso porque, segundo ele, só *"duas pessoas e meia"* trabalhavam na família. Embora afirmasse que a ideia de contribuir tinha partido de si mesmo, Júnior ressaltou o fato de, quando tinha cerca de 17 anos, ter sido cobrado por parte da família e começar a trabalhar, principalmente pelo fato de ser o único homem da casa: *"há uns 3-4 anos atrás eu fui muito cobrado. Tinha meus 17 anos, aí como a família é de mulher, puxava muito: 'Não vai trabalhar? Não sei o quê'".* Tal cobrança o levou a começar a trabalhar na atividade de carga e descarga de mercadorias.

Diante dessa experiência, fez uma autoavaliação e percebeu a necessidade de ajudar nas despesas domésticas. Concebia o ato de contribuir com as despesas como *"uma atitude muito madura"* e se sentia obrigado a retribuir tudo que fizeram por ele.

O salário que recebia como aprendiz gastava, primeiramente com despesas de casa, como eletrodomésticos, e nas despesas. O restante gastava consigo, com roupas e calçados, por exemplo.

O pai de Júnior o incentivava a trabalhar, principalmente dizendo que ele só conseguiria o que queria por meio do trabalho. Diante disso, arranjou um trabalho para ele em uma *"oficina de beira de pista"* para ganhar 15 reais por semana: *"foi daí que eu tive o... a... vamo dizer assim... saber como o dinheiro é importante. Não é pra se gastar de qualquer jeito".* Essa foi sua primeira experiência profissional, embora ele não considerasse, devido a não ter adquirido tanta experiência.

Sua mãe também o incentivava, sempre o lembrando das coisas que Júnior queria conquistar: *"incentiva me mostrando as coisas que eu quero, porque meu sonho, meu amigo, é ter minha casa, ter o meu carro. Então, ela sempre me lembra isso: 'Olha, você não quer tal coisa?'. 'Quero'. 'Então, se esforce pra chegar até lá. Trabalhe'. Aí é isso que me motiva".*

No trabalho na oficina de automóveis, Júnior limpava a oficina, auxiliava nos serviços de lanternagem e, embora o mecânico tentasse lhe ensinar a fazer serviços como uma solda

por vareta[40], disse que nunca conseguiu aprender. Outra atividade que desempenhava era lixar chassis manualmente: *"outra coisa que eu não aconselho pra ninguém, que né brincadeira, não. Hoje em dia tem máquinas, né, pra fazer isso. Eu lixava manualmente, era na mão e é uma coisa muito ruim".*

Júnior considerava a experiência de trabalho em carga e descarga como algo que *"foi bom e foi ruim"*. O lado bom era a questão salarial, que era muito boa e, por isso, conseguiu atingir alguns objetivos dele e da família, pois ganhava 50 reais por dia, mas sem ter qualquer tipo de vínculo ou contrato com a empresa. O aspecto ruim era que não havia equipamentos de proteção, o que aumentava os riscos de acidentes:

> *É uma profissão que eu não aconselho pra ninguém, que você pega muito peso, muito peso. Quando você é acostumado, que você sabe dividir o peso, tudo bem. Mas quando você não é acostumado você pega geladeira, que nem eu pegava. Pegava geladeira* frostfree *nas costas, da grande. Pegava guarda-roupa que é pra pegar duas pessoas, tá lá específico, duas pessoas, mas às vezes não vai você e outra pessoa. Só vai você e o motorista. O motorista não vai querer pegar peso, então você vai ter que se "torar" todinho lá.*

Diante da pressão que estava sofrendo em casa para que arranjasse um emprego, procurou um amigo e relatou as dificuldades por que passava então o pai desse amigo ofereceu a oportunidade de trabalhar com carga e descarga.

Segundo Júnior, essa experiência bastante precária o incentivava a estudar:

> *Se você quiser trabalhar no "molezinho" você tem que estudar de qualquer jeito. Você tem que estudar porque se você quiser ganhar muito, trabalhar pouco, rapaz, ou você tem que ser muito inteligente ou tem que nascer numa família... tá entendendo? Uma coisa que até hoje... porque quando eu trabalhava lá eu sempre pensava. Quando eu passei um ano lá, quando eu completei um ano eu tava pedindo a Deus pra sair, bicho: "Meu Deus eu não aguento, não, trabalhar aqui mais, não, porque, oxe, eu vou acabar ficando... tendo alguma coisa na coluna" e isso daí é o que me motiva... uma das coisas que me motivam. É nunca querer voltar pelas coisas que eu passei. É sempre querer ir pra frente, nem olhar pra trás porque isso não é trabalho pra ninguém, não. Não aconselho de trabalho pra ninguém. Ganha bem, mas não compensa, não.*

Conheceu o Programa por meio da "*indicação de amigos*" e seus pais tiveram *muita influência* no seu estímulo em participar do Programa. A principal motivação em participar foi, segundo ele, "*poder dar uma boa vida a minha família, e uma boa base para minha vida profissiona*l". O curso atendeu suas expectativas "*porque lá na frente poderei ser um bom profissional dentro ou fora da empresa*".

---

[40] A soldagem consiste na união permanente de duas partes metálicas através de uma fonte de calor, sendo considerada a forma mais econômica e eficiente.

Júnior conseguiu o curso de aprendizagem quando ainda estava trabalhando com carga e descarga, através de uma *"prima de consideração"* que trabalhava na empresa e que levou seu currículo e de sua irmã. A princípio, Júnior não tinha muitas expectativas de conseguir a vaga, mas foi contatado e chamado para participar de uma seleção com um total de 50 pessoas:

> *Eles fizeram algumas perguntas como essas daqui abertas e eu sempre fui uma pessoa que não trabalho com mentira. Eu sempre trabalho com a verdade. Aí eu disse a ele lá, o que eu queria seguir, que era a carreira mecânica, que eu gostava de fazer, até que gostaram de mim [...]. Até que um dia ligaram pra mim. Eu tava trabalhando, ligaram pra mim dizendo que eu fui selecionado, graças a Deus. E hoje eu tô aqui.*

Júnior era um dos aprendizes entrevistados que ainda não tinham ido à empresa para a prática de trabalho. Diante disso, perguntei quais eram suas expectativas quanto à prática, que aconteceria ainda no mês em que ocorreu a primeira entrevista. A única expectativa que tinha sobre a experiência na empresa era a de exercer a sua função de mecânico: *"porque é muito ruim você passar dois anos estudando e chegar na empresa e não saber... chegar e não exercer o que você vai fazer, tá entendendo?".*

Júnior teve bastante dificuldade em definir o que, para ele, era ser aprendiz: *"me pegasse agora porque ninguém nunca fez uma pergunta assim pra mim* (risos). *Nunca pensei sobre isso, não. Agora que eu pensei* (risos)*".* Depois de refletir, conseguiu responder: *"a única coisa que eu tenho em mente é... que você ainda é um aluno, você ainda não é um profissional, você ainda tá passando na fase de aprendizagem ainda. Você ainda tá sendo preparado pra exercer a função desejada".*

Quanto às aulas teóricas no Senai, acreditava serem fundamentais para seus planos futuros profissionais, principalmente no que se referia aos conselhos que recebia por parte dos professores:

> *"Pessoal, vamos se esforçar. Vocês tão na reta final. Vamos se esforçar. Aqui não é escola de ensino médio. Aqui é uma escola pra formar profissionais, vocês aqui são profissionais. Então, vamos parar de brincar. Vamos levar isso a sério". Aí isso daí você vai despertando a vontade de querer conhecer mais na frente, querer ser um bom profissional, né? Porque ninguém quer chegar na empresa e não saber exercer sua função.*

Quanto a planos futuros, Júnior tinha como meta *"trabalhar numa fábrica de carros 'de nome'"*, como a *Porsche* ou *Ferrari*, trabalhar viajando. Para atingir essa meta, ele pretendia se preparar nos aspectos familiar, psicológico e profissional: *"porque eu sei que isso vai, vai puxar muito de mim porque é uma profissão que requer muita*

responsabilidade". Também pensava em, futuramente, trabalhar como professor, ensinando a outras pessoas aquilo que sabia.

Apesar de tomar a experiência na oficina mecânica como negativa, foi lá que despertou seu interesse pela mecânica e, consequentemente, decidiu-se pela profissão de engenheiro mecânico: *"foi quando eu mexi na primeira vez em um carro"*. Segundo Júnior, quando os carros dos clientes chegavam à oficina, ele ficava próximo ao mecânico e aprendeu muito sobre o funcionamento dos carros, o que despertou sua curiosidade para a área. Diante disso, passou a pesquisar nos computadores da escola sobre carros e motores.

Quanto a atividades esportivas, praticou capoeira por um ano, até que precisou largar para poder trabalhar. O mestre de capoeira o incentivava bastante a estudar:

> *Olha, graças a Deus, parece até mentira, em todos os trabalhos que eu passei sempre teve alguma pessoa que falou pra mim, pra eu estudar: "Olha, meu amigo, estuda aí que... é melhor, pô. É melhor você estudar pra chegar ao objetivo porque se você... se você quiser chegar ao seu objetivo, meu amigo, eu não sei o que..", ele dizia, "eu não sei o que você quer ser, mas se esforce que você é inteligente, você vai chegar lá".*

Na época da primeira entrevista, Júnior jogava futsal três vezes por semana, por um time da região onde morava: *"me ajuda a relaxar muito e a refletir. Só relaxante, a parte mais de relaxar, que jogar me relaxa muito. Às vezes eu tô estressado com os estudos, às vezes eu tô com muita coisa na cabeça, eu vou jogar. Jogo, volto tranquilo, abro o livro de novo e vou estudar"*.

Júnior participava de um grupo de *whatsapp* formado por aprendizes do SENAI do Cabo de Santo Agostinho, onde tinha feito o curso de *tubulação industrial*, no qual compartilhavam experiências e oportunidades de trabalho. Para ele, a participação nesse grupo era fundamental para sua carreira profissional, pois considerava alguns de seus amigos mais inteligentes do que a si mesmo e isso funcionava como um motivador para que atingisse suas metas em relação à profissão:

> *Eu vejo muito amigo meu lá que tem a capacidade, vamos dizer assim, é o Q.I., né? Tem um Q.I. um pouco elevado, aí eu fico reparando. Poxa, eu pra aprender uma coisa, que é a questão de cálculo mesmo, as pessoas lá dizem às vezes, a gente tá debatendo, aí eu: "Ó, pô, isso daí eu resolvi em tantos minutos", já eu pra resolver demorei que só a poxa, aí a gente fica rindo, brincando lá. Isso é questão de estudo. É isso que eu tô dizendo. Tem gente que tem facilidade de aprender. Aí isso daí me motiva muito a querer chegar no mesmo nível dos meus amigos.*

Considerava a aprendizagem como um *"leque de oportunidades"*. Antes de participar do curso de aprendizagem, Júnior desejava entrar logo na empresa e fazer faculdade na área. Os amigos que conhecia e que eram aprendizes, embora o incentivassem a participar,

acreditavam que ele não iria gostar, pois não seria possível atingir esses seus objetivos. Porém, Júnior afirmou que mesmo assim estava gostando do curso.

Júnior afirmou que indicaria o curso de aprendizagem a outra pessoa, pois acreditava que *"a única porta pra você ter uma vida... vamos dizer... estável, do jeito que você quer, querer ter as coisas que você quer, é estudando, entendesse? É fazendo curso, é buscando porque se você quiser esperar coisa do céu não cai, não. Só cai chuva e de vez em quando avião* (risos)".

Ele pretendia estudar e trabalhar ao final do Programa de aprendizagem.

Diante do exposto, posso destacar três aspectos bastante significativos para entender a socialização, a construção da identidade e a trajetória socioprofissional de Júnior.

O primeiro aspecto se refere à falta de incentivo por parte dos familiares quanto à sua escolha pela área de mecânica e pela profissão de engenheiro: "*meu filho, logo engenheiro? Uma coisa tão complicada!*". A família sempre o incentivou a estudar, mas o apoio não era o mesmo em relação às escolhas profissionais. Não havia incentivo familiar como acontecia com outros entrevistados, como Fábio, por exemplo.

Por outro lado, seu maior incentivo vinha de exemplos de sua família. Um dos estímulos de Júnior era sustentar a família. Assim como Fábio, Júnior tinha o pai como exemplo de trajetória "fracassada", devido à falta de estudos e, consequentemente, de um bom emprego. O fato de seus pais terem pouco estudo e não possuírem uma profissão definida também funcionava como um estímulo para Júnior buscar atingir seus objetivos.

O segundo elemento que destaco é a existência de dois pontos de ruptura biográfica (LAHIRE, 2004) que identifiquei na trajetória de Júnior, quais sejam:

1) o falecimento do pai, que o levou precocemente a ingressar no mercado de trabalho em condições adversas (sem uma melhor qualificação e experiência profissionais) e em condições de precariedade.

Embora o pai de Júnior fosse alcoólatra, sua morte foi uma ruptura biográfica em sua vida, pois, com 17 anos de idade, passou a ser o único homem na família e, devido à divisão sociossexuada do trabalho, passou a sofrer uma pressão por parte dos familiares para começar a trabalhar e sustentar a casa. Tal cobrança o fez aceitar trabalhar em uma atividade em condições precárias.

2) as péssimas experiências em trabalhos precários: a) lixando chassis manualmente na oficina; e b) na carga e descarga, carregando peso sem equipamentos adequados; o que, novamente, mudou o rumo de sua trajetória.

Apesar disso, o fator decisivo que o levou a escolher a profissão de engenheiro mecânico foram os primeiros contatos com os carros na experiência de trabalho que teve na oficina, embora tenha considerado uma experiência negativa. Mesmo ressaltando a dureza do trabalho, aproveitava as oportunidades que tinha para matar sua curiosidade e aprender sobre os carros.

A experiência negativa que teve com a atividade de carga e descarga também funcionava como um estímulo a seguir seus objetivos, pois o tirou de certo "comodismo" com o trabalho em condições precárias para procurar estudar para conseguir uma profissão e, consequentemente, um trabalho melhor (apropriação dos capitais cultural e econômico); *"a única porta pra você ter uma vida... vamos dizer... estável, do jeito que você quer, querer ter as coisas que você quer, é estudando, entendesse? É fazendo curso, é buscando porque se você quiser esperar coisa do céu não cai, não. Só cai chuva e de vez em quando avião* (risos)".

Uma motivação que tinha em relação à experiência negativa em carga e descarga era "*nunca querer voltar pelas coisas que eu passei, é sempre querer ir pra frente, nem olhar pra trás*".

O terceiro ponto que ressalto é a existência de um hiato entre seu projeto e o campo de possibilidades (VELHO, 2004): trabalhar em uma fábrica automobilística de reconhecimento internacional e, futuramente, ser professor da área de mecânica. Para atingir o primeiro objetivo não seria preciso apenas possuir capital econômico, mas também cultural (credenciais educacionais) e, principalmente, social.

Júnior possuía certo capital social (BOURDIEU, 2005), mas não o suficiente para concretizar seu projeto. Alguns fatos de sua trajetória indicam a posse dessa espécie de capital. O jovem conseguiu: 1) o trabalho na oficina (conseguido pelo pai); 2) o trabalho com carga e descarga (através do pai de um amigo) e; 3) o curso de aprendizagem (através de uma prima).

Por fim, vale ressaltar que, durante a primeira entrevista, Júnior exteriorizou algo que temia em relação à prática na empresa: "*ninguém quer chegar na empresa e não saber exercer sua função*". Foi exatamente isso que houve com Júnior na empresa, segundo seu ponto de vista, como será visto na segunda entrevista.

6.1.2 O peso da família

Nesse tópico agrupei os perfis de Pettros, Fernando e Breno, os quais tinham em comum o papel da família em suas trajetórias e escolhas profissionais, a qual acabou influenciando suas decisões no que diz respeito às esferas formativa e laboral. Embora buscassem justificar suas escolhas por meio de questões pessoais e individuais, identifiquei que o consentimento e/ou apoio de familiares tinha um peso bastante significativo em suas aspirações, como ficará mais claro à medida que apresento cada perfil.

6.1.2.1 Perfil 3: Pettros (CIEE) – o ator frustrado que pretende ser farmacêutico

> É uma relação de um amor muito forte que eu tenho por ela [avó]. Posso dizer que a minha vida eu daria a ela, entendeu?
>
> Ela [avó] diz que agradece, né? Por eu ter desistido do teatro porque ela nunca me apoiou (PETTROS, 20 anos).

Para além dos critérios que estabeleci presentes no apêndice D, optei por entrevistar Pettros por ter me chamado a atenção a sua resposta sobre o que gostava de fazer em seu tempo livre: "*escrever minha obra"*, e pude esclarecer os sentidos dessa afirmativa durante a entrevista, como apresentarei mais à frente.

A princípio pensei que essa entrevista seria provavelmente descartada, pois quando procurei Pettros para saber se ele poderia me conceder a entrevista, ele disse que não tinha levado muito a sério o questionário, o que posteriormente se mostrou um engano, porque a primeira entrevista, realizada em maio de 2017, foi bastante rica para minha pesquisa, mesmo as respostas ao questionário sendo um pouco desencontradas.

Pettros tinha 20 anos, era solteiro, não possuía filhos e morava com a avó e o marido dela em uma casa alugada na cidade de Recife fazia três meses no momento que ocorreu a primeira entrevista. Esse foi o jovem aprendiz que demonstrou maior facilidade de falar e que aparentava estar bastante à vontade durante a realização da entrevista, o que fez com que esta fosse a mais longa dentre todas que realizei.

A renda familiar de Pettros girava em torno de 2 e 3 salários mínimos e sua principal fonte de renda era seu salário como aprendiz, o qual tinha o valor de R$ 400,00. Ele contribuía financeiramente com sua família.

Quanto à escolaridade, o jovem marcou no questionário que tinha concluído o nível médio na rede pública de ensino, o que somente na entrevista é que descobri não ser verdade.

Pettros foi criado pela avó, considerando-a como sua mãe, enquanto sua mãe biológica era considerada por ele como uma "tia". Esse fato levou o jovem a responder ao questionário tomando sua avó como mãe, isto é, as questões referentes aos dados sobre a mãe, foram respondidas com as informações referentes à avó.

Após esse esclarecimento, posso dizer que sua mãe (leia-se avó) tinha o ensino superior completo e era farmacêutica aposentada.

Na ocasião da primeira entrevista estava apenas matriculado no curso de aprendizagem em *comércio e varejo* do CIEE-PE. Vale ressaltar que no questionário colocou o nome do curso como *atacado e varejo*. Pettros trabalhava em uma farmácia no Recife e afirmou ter tido muita influência dos pais em fazer o curso de aprendizagem, o que ficará claro a seguir. Suas principais motivações em participar do Programa foram "*conhecimento e qualificação*" e acreditava ter suas expectativas atendidas, pois o Programa "*me qualificou*".

Pettros afirmou mudar de casa "*praticamente de ano em ano*". Ele morava com a avó e o pai era falecido. Sua mãe tinha mais dois filhos além dele e a avó o pegou para criar para ajudá-la. Daí afirma ter se acostumado com a avó e, por isso, a chamava de mãe. Devido à mãe biológica morar distante, não teve contato com ela até os 12 anos de idade, embora sempre soubesse que tinha uma mãe viva.

Classificava sua avó como "*meio perturbada*", mas não em sentido pejorativo:

> *Ela gosta muito de se mudar sempre. Ela tem 68 anos, ela é bem feliz, gosta de dançar, de curtir... essas coisas. É uma senhora já. Já teve três casamentos... tipo uma Dercy Gonçalves, sabe? Aí ela é muito feliz, ela gosta sempre de se mudar.*

Disse que ela sempre arranjava um defeito no lugar para poder se mudar. Para ele, o único aspecto negativo disso era o fato de mudar constantemente de escola. "*minha relação com ela é perfeita. Tem uma harmonia dentro da nossa casa, moro eu, ela e o marido dela, é tranquilo*".

Sua relação com a mãe biológica é "*tipo de tia*" e às vezes vai a sua casa. Pettros afirma abrir mão de certos aspectos de sua vida, como relacionamentos, para ficar com sua avó/mãe:

> *Minha relação com minha vó, minha mãe, eu tenho muito amor a ela e é um dos motivos por eu... hoje eu tenho 20 anos e eu já tive namorada que queria algo sério, entendeu? E eu vejo minha mãe como uma pessoa que eu quero tá ali até o fim da vida dela. Que ela pode tá perto de já morrer e eu quero tá ali cuidando dela, que ela só tem a mim mesmo.*

Os filhos de sua avó já eram casados e alguns costumavam perturbá-la e ela só tinha a ele. Por isso, dedicava muita atenção a ela, principalmente por ter sido uma "*mulher sofrida*".

"*É uma relação de um amor muito forte que eu tenho por ela. Posso dizer que a minha vida eu daria a ela, entendeu?*".

Entretanto, nem sempre sua relação com a avó foi assim tão próxima, pois quando ainda era "*molequinho*" não dava tanto valor. Só por volta dos 12-13 anos é que percebeu sua importância: "*às vezes a gente aprende as coisas na vida, a vida ensina a gente muita coisa. E eu vi que era a única pessoa que eu tinha mesmo era ela*".

Antes, Pettros estudava em uma escola técnica, em tempo integral, mas a avó gostaria que ele trabalhasse "*porque ela não dá muito valor a curso técnico*" e ao mesmo tempo ele estava insatisfeito com o ensino oferecido pela instituição:

> *Eu tava reclamando com ela porque é mais teoria, não tem... se eu for trabalhar como técnico tem que ter muita prática. E eu não tinha prática e eu via que aquilo não ia pra lugar nenhuma, tanto é que eu aprendi com os alunos passados, que terminaram faz três anos e nenhum tá empregado. Isso eu falando com minha mãe, ela disse: "Você vai sair e eu vou arrumar um trabalho pra você numa farmácia, pelo CIEE".*

Afirmou que a princípio não gostou da ideia, mas que logo se acostumou e viu que "*estava progredindo*". Para ele, o ensino técnico prejudica aqueles que querem ingressar no mercado de trabalho, pois é voltado mais para quem quer seguir o ensino superior e como nesse período não estava interessado em ingressar em uma faculdade e sim queria trabalhar, acabou aprovando a mudança.

> *Ela acha legal aqui a experiência e ela queria que eu continuasse de novo pra fazer outros cursos, mas eu vou ser efetivo* (sic) *na farmácia, eu já vou ano que vem começar a trabalhar, normal como... carteira assinada, horário normal, sem ser jovem aprendiz. Efetivado mesmo.*

Pettros considerava sua trajetória escolar como legal, embora mudasse de escola "*de ano em ano*". Na escola técnica foi onde passou mais tempo: dois anos. Ressaltou que sempre foi um menino "*elétrico, para a parte boa*", porque não chegava a perturbar na sala de aula, mas queria saber de tudo, sempre gostou de discutir com os professores, algo que o tornou chato:

> *Se ela dizia alguma coisa e eu não entendia, eu quero que ela volte. Se ela entrar em outro assunto, eu quero que ela acrescente o que ela tinha falado que eu não entendi. É como se eu quisesse saber de tudo presente ali, de fato.*

Isso porque afirmou que não sabia interromper uma pessoa durante as discussões, brigava constantemente com professores e demais alunos, mas com o tempo mudou sua postura nos debates. Durante sua trajetória foi reprovado duas vezes: a primeira na 5ª série, devido a questões de saúde, uma suspeita de câncer bucal, o que para Pettros foi bastante

difícil, pois não podia falar nem ir à escola. A segunda reprovação foi devido a uma briga de família e, consequentemente, mudança de casa, o que o fez perder metade do ano letivo e ser reprovado.

Sempre foi incentivado a estudar pela sua avó e familiares:

> *Meu pai quando era vivo, ele morreu quando eu tinha sete anos, ele sempre disse pra minha mãe, minha vó no caso, que era pra me colocar em colégio particular, que ele não queria eu ter o fim dele, porque ele sempre estudou em colégio do governo. Aí minha mãe disse: "Nada a ver. Você procurou esse lado por causa do seu caráter. Porque a mesma educação que eu dei, eu vou dar a Pettros. E eu tenho certeza que ele vai seguir...".*

Pettros considerava que a avó tenha buscado consertar os erros que cometeu na criação do filho (pai de Pettros) na educação que deu ao neto. Sempre procurou incentivá-lo aos estudos, dizendo que o "*colégio do governo*" era bom, "*quando eu não trabalhava, me interessava nos livros, ela comprava, sentia prazer de comprar. Ela preferia comprar um livro do que brinquedo, essas coisas... é... isso, ela me incentivou*".

Inclusive afirma ter se matriculado no curso de logística na escola técnica que estudava por escolha da sua avó, mesmo não gostando da área:

> *Só que eu não gostava do curso. Minha mãe queria que eu estudasse numa escola boa, queria que eu dissesse assim pra... "Meu filho passou na prova", um exemplo, né? Porque ela disse: "O Etepam[41] é uma escola boa. Eu quero que você estude lá", entendeu? Ela queria, eu passei. Aí eu fiz. Aí ela me matriculou no curso de logística. Eu não escolhi o curso. Eu podia escolher comunicação visual, que era o curso de design lá, eu acho mais interessante. Ela que colocou lá.*

Não gostou da área porque era um curso muito teórico e quase não tinha aula prática, o que considerava indispensável para um curso técnico. Creditava isso ao fato de o curso ser recente na instituição, pois sua turma era a segunda a ser formada e achava que com o tempo ficará melhor.

Seu professor de inglês também era professor de teatro em sua escola e o incentivava a seguir a carreira de ator, mas dizia que ele deveria fazer "*faculdade de teatro*", porém Pettros não queria ingressar no curso da UFPE por sua duração ser de quatro anos e ele achar muito tempo. Diante disso, conseguiu um curso de dois anos, no qual se frustrou.

---

[41] Criada em 1910 como escola de artífices e posteriormente inaugurada em 1928 no formato original, a Escola Técnica Estadual Professor Agamenon Magalhães (ETEPAM) foi a primeira escola estadual do Brasil voltada para o ensino técnico. É uma instituição que possui o ensino integrado, com os seguintes cursos: Manutenção e Suporte em Informática, Logística, Mecânica (somente a partir de 2017) e Mecatrônica (em 2018). Segundo consta em seu *site*: "Qualificar profissionais e desenvolver competências é o nosso objetivo para modificar histórias e transformar vidas!".

Outra professora que o incentivou foi a de geografia, que o incentivou a ser geógrafo. Essa professora era israelense:

> *Eu gostava muito dela porque ela me contava muita cultura de outros cantos. Aí eu gostava muito dela lá. "Eu quero viajar muito, como é que eu faço?". "Faça geografia, faça o estudo das rochas"... eu não sei como se chama... geologia. Aí eu gostava muito dela, ela me incentivava também.*

Pettros destacou as disciplinas de história, sociologia e filosofia como importantes para sua escolha profissional, indiretamente, no sentido de suas contribuições na construção de seu caráter: "*foi uma questão de caráter também, absorvendo o estudo da sociologia, filosofia, entender é uma questão de caráter também. Eu construí um caráter muito bom*".

Quanto à participação em grupos, ele foi o único dos entrevistados que marcou duas opções: *Igreja* e *Partido Político*.

Pettros havia se matriculado em uma graduação *online* em letras em uma faculdade, mas trancou o curso. Também *online* ele concluiu o curso de teologia de duração de dois anos, pois sempre pensou em fazê-lo. Chegou a frequentar algumas igrejas, mas não conseguiu aquilo que queria porque não queria algo "*puxando pra uma ideia*" e conseguiu isso nesse curso *online*: "*eles ensinam mesmo, verdadeiramente, sem nenhuma instituição pra desviar o pensamento, entendeu?*".

Pettros afirmou gostar da área de teologia porque:

> *Eu creio bastante em Deus e eu não cria em Deus... eu acho que quando a gente começa a estudar, eleva os seus pensamentos, vai estudando, vai estudando, a pessoa deixa de acreditar em Deus pelo fato de... o que a gente tá estudando tem mais coerência do que o que a gente vê nas igrejas, na Bíblia, só que eu era ateu que eu não posso dizer assim tão... Eu não acreditava em Deus pelas coisas que aconteciam nas igrejas, pelo que acontece no mundo. Mas eu era um ateu tão merda, que eu nunca abri a Bíblia. Pô, se eu quero falar de alguma coisa eu tenho que estudar aquilo, criticar.*

O fato de ter lido a Bíblia e gostar de história foram fundamentais para Pettros:

> *Eu consegui ligar as duas coisas. Aí eu consegui acreditar em Deus. Não por entrar numa igreja, por eu tá desempregado, por eu tá... a minha vida tá uma merda, pra acreditar em Deus. Foi porque, de fato, eu me senti um idiota por não ter acreditado antes. Minha mãe sempre me deu uma educação cristã, mas era só o básico, então comecei a gostar de teologia e eu quero muito mais.*

Pretendia fazer outros cursos de teologia e tinha planos futuros para a área. Já a escolha por letras estava ligada à escrita de seu livro, saber mais sobre o que estava escrevendo. O livro tratava de uma reflexão sobre a religião: "*é uma obra que eu tava escrevendo sobre um mundo totalmente diferente*". Pettros fazia o curso *online* de letras, mas

parou para fazer primeiro o de teologia, pois os dois cursos, para ele, seriam fundamentais para a escrita de seu livro.

O curso de teologia contribuiu para seus planos futuros, pois pretendia ser professor daqui a 20-30 anos, quando já estivesse estabilizado na profissão de farmacêutico, pensava em lecionar teologia nas horas vagas, em uma igreja, em aula dominical. "*Porque quando eu tiver já estabilizado eu quero sim ser professor também, dar aula. Quem sabe pastor. É porque eu penso numa coisa assim. Eu pensar no futuro".*

Em certo trecho da entrevista, Pettros demonstrou bastante empolgação ao falar sobre a Bíblia:

> *Eu acho que a bíblia, ela tem... é aquele livro magnífico que ninguém abre pra entender... muita coisa boa, muita coisa magnífica que... é indizível, não tem como falar. Eu acho que se as pessoas soubessem disso, como eu. Eu vejo jovens como eu era antes, entendeu? Que gosta de estudar, que quer ser... tá ali, quer ser ativista em alguma coisa, em alguma causa do mundo, só que a Bíblia ela dá onde você tem que ir realmente. Ela mostra porque, de fato, existe tudo. É como se você zerasse a vida, entendesse? Como se você soubesse de tudo através dali, você entendesse tudo.*

Assim, acreditava que podia ajudar outros jovens a conhecerem o quanto a Bíblia "*é magnífica*". Diante de tamanho entusiasmo, questionei se ele se identificava como uma pessoa religiosa. Sua resposta foi a seguinte:

> *Eu acho que eu não me considero religioso, mas eu me considero apologista da Bíblia. Eu acho que, de fato, Deus existiu, Jesus existiu e eles não foram religião. E o homem que vem com essa ideia de religião há muito tempo, usou, de fato, Jesus pra criar uma religião, que, no caso, ele veio pra ser contra a religião. E as pessoas inverteram tudo e hoje as pessoas vivem religião, mas não faz o que ele fazia que era ajudar com amor. Eu acho que o amor é a maior coisa que existe e as pessoas não amam. Na própria igreja existe isso. Então, não me considero religioso de forma alguma.*

O trecho acima é fundamental para nossa análise sobre identidade, pois apesar do discurso bastante religioso e considerar a religião com algo fundamental na vida das pessoas, Pettros não se identificava com qualquer denominação religiosa e, por isso, não se considerava religioso, inclusive apresentarei a seguir outro aspecto relevante, qual seja, o fato de apenas frequentar as atividades sociais desenvolvidas pela igreja, o que mostra aquilo que Dubar caracteriza como "privatização das crenças e práticas religiosas", isto porque ele tem uma interpretação e atuação bastante pessoal do aspecto religioso. Embora isso tenha mudado na época de realização da segunda entrevista, pois a religião havia ganhado mais relevância em sua vida.

A ligação afetiva entre Pettros e sua avó acabou por influenciar sua escolha profissional. Por sua avó ser farmacêutica aposentada e outros de seus parentes também serem

da área, ela queria que Pettros seguisse a mesma carreira. Consequentemente, devido ao capital social adquirido por sua avó, o jovem conseguiu uma vaga de aprendiz em uma grande rede de farmácias, o que o levou a desejar fazer o curso superior em farmácia.

Contudo, antes de chegar a essa decisão/escolha, Pettros teve que passar por uma experiência anterior bastante frustrante:

> *No começo eu tive um sonho, desde os meus sete anos, que era ser ator. Aí esse sonho foi frustrado por eu tá dentro de um curso, entendeu? Eu via muita coisa lá dentro que eu não concordava. E eu vi que aquilo ali não era pra mim, tanto... num país... eu acho que num país a gente tem que passar por muita coisa. E eu acho que quando a gente quer ter um emprego a gente tem que realmente se sacrificar por aquilo. Só que vai muito contra meus princípios, entendeu? Aí eu vi que não era aquilo que eu queria mesmo. Aí eu decidi fazer farmácia.*

Pettros disse ter escolhido farmácia por também gostar de física e biologia e iria fazer pela primeira vez a prova do Enem, pois nunca tinha pensado em fazê-la. Não havia se interessado em fazer devido a sua dedicação ao curso de teatro e como foi frustrado, estava decidido a fazer o Enem para ingressar no curso de farmácia.

Nesse sentido, também merece destaque que além do apoio da avó em ser farmacêutico, ela não o apoiava a seguir seu sonho de ser ator:

> *Esse é o apoio, que ela sempre quis que eu fosse farmacêutico e não que eu fosse ator. Tanto é que agora eu... ela diz que eu finalmente escutei ela. Mas na verdade foi por mim mesmo, entendeu? Eu me frustrei e aí foi por mim mesmo. E agora eu quero ser farmacêutico*.

Mesmo Pettros afirmando que a decisão de ser farmacêutico foi sua, é possível perceber a significativa influência de sua avó nessa decisão. Embora, para ele, parecesse ter sido uma escolha própria, de certa forma sua avó o direcionou para essa área: o fato de ter conseguido a vaga de trabalho na área, a ausência de estímulo (mesmo ciente de que era um sonho desde a infância) em seguir a profissão de ator e o estímulo a fazer o curso superior em farmácia são indicativos de sua influência na escolha profissional de Pettros. Obviamente que esse apoio por si só não seria suficiente para determinar sua escolha, porém mais à frente tratarei de outro fator relevante para tal decisão.

A avó gostava do fato de ele fazer o curso de aprendizagem, por estar trabalhando. No início apoiava apenas pelo fato de ele ganhar dinheiro, mas quando foi conhecendo mais sobre o curso viu que ele aprendia muita coisa, além de, ao final, sair com um certificado.

Embora não conhecesse muito sobre a área de *comércio e varejo*, a partir de sua experiência como balconista em farmácia, sua avó lhe dava muitas dicas para vender produtos, "*ela acha uma área legal*".

Sobre a opção por farmácia, sua avó, obviamente, "*está achando o máximo, me apoiando 100%*":

> *Ela diz que foi por causa dela, né? Ela diz: "Graças a Deus que você queria" porque ela diz que se tivesse a minha idade com o tanto de... como eu posso falar? Oportunidade que a gente tem hoje, não tinha na época dela. Isso é muito bom e ela diz que agradece, né? Por eu ter desistido do teatro porque ela nunca me apoiou.*

Pettros afirmou ser frustrado antes por não ter o apoio da família em ser ator. Mesmo sabendo que ele gostava de atuar, a avó não o apoiava, pois ela era entendida de política e o aconselhou a não seguir a área:

> *Ela dizia: "Você vai conhecer coisa ali que você não vai gostar", porque ela é metida nessas coisas de política e ela entende esse lado. Aí eu disse: "Beleza, mas eu vou tentar". Aí mesmo assim eu fui e quebrei a cara. Ela me avisou. Mãe é mãe, né?*

Sobre a profissão da avó, ele achava cansativa, mas legal, pela possibilidade de construir uma família dentro da farmácia, inclusive com os próprios clientes, os quais são fidelizados, embora não fosse "*uma farmácia tão popular*". Mas que "*eu acho que todo balconista farmacêutico tem essa experiência junto com se familiarizar com o cliente e com o local de trabalho".*

O salário de Pettros como aprendiz era de R$400,00 e o aluguel da casa onde morava custava R$ 700,00. Sua contribuição financeira consistia em dar R$ 100,00 para o pagamento da conta de energia e o mesmo valor para o pagamento da água, ou seja, destinava 50% do que ganhava para contribuir em casa, enquanto que o aluguel era dividido entre a avó e o marido. Da outra metade restante, ele ainda pagava a conta de *internet*, a qual era de R$ 50,00:

> *Então eu fico com 150 no mês, mas também não tenho muito luxo de querer uma coisa. 150 é mais pra... alguma coisinha que eu queira fazer. Mas minha vida é só assim: casa, escola, trabalho, só isso. Sou mais de ficar na* internet*, ler livro, estudar.*

Ele afirmou que nunca quis o dinheiro só para si, sempre pensou em ajudar, "*até porque pra não falar também se caso acontecer de ter briga em família*". A opção por contribuir financeiramente, segundo Pettros, partiu da experiência que ele teve com seus tios (filhos de sua avó), os quais quando moravam com ela não ajudavam e isso causava muita confusão. Por gostar muito da avó e por achar que "*era o certo*" e:

> *Eu acho que é também um treinamento pra um futuro... vou ser um... eu vou ser um pai de família um dia e eu acho que toda mãe tem que educar o filho dessa forma. Por mais que seja milionário, que já é uma aprendizagem pra você saber separar as coisas: o que é de casa e o que não é, entendeu?*

Em suma, ele disse que a decisão partiu dele, mas que foi incentivado pela situação que sua avó viveu com os filhos. A parte que lhe restava do salário, afirmou gastar principalmente com livros: "*livro de História, gosto de ficção, tipo Game of Thrones. Mas o... é... história, livro de história, sociologia, filosofia eu gosto muito*". As roupas geralmente quem lhe dava era a avó. Comprava livros porque quando descobria que não sabia de algo buscava aprender e deu o seguinte exemplo:

> *No começo eu não gostava de biologia e física... e matemática... Exatas eu não gostava. E eu comecei a gostar, aí eu disse: "Pô, eu vou fazer farmácia, mas eu não gosto". Aí eu comecei a me interessar e gostei pra poder fazer. Aí eu gosto de saber de tudo. Porque se tem uma coisa que eu não sei, aí eu vou lá buscar pra saber.*

Pettros também costumava assistir palestras, "*para discutir*" e já pensou em ser professor de história: "*quem sabe um dia, né?*".

Pettros nunca havia trabalhado antes, mas já havia realizado trabalho voluntário. Sua avó sempre o apoiou a trabalhar "*'Pra ser alguém na vida, pra poder conseguir, porque eu não vou tá aqui sempre', ela sempre fala isso. 'Eu não vou tá aqui sempre. Você tem que seguir seu caminho'".*

Pettros já realizou trabalho voluntário através de uma igreja localizada na cidade de Olinda. Ele "*não curtia muito"* ir aos cultos, porque "*não queria tá naquele meio*", mas participava das atividades sociais. Aos domingos havia a atividade de servir um sopão para moradores de rua no Marco Zero[42], no Recife: "*todo domingo eu ia com a turma. Eu comprava as coisas pra turma também, juntava, a gente fazia o sopão, ia pro Marco Zero, falava um pouco de Jesus, dava a comida às pessoas que precisavam. Ajudar as pessoas da rua".*

Essa atividade, segundo Pettros, contribuiu com seus planos futuros na medida em que gostaria de continuar desempenhando esse trabalho voluntário. Porém, no período da primeira entrevista não estava com tempo suficiente, nem "*grana*" para continuar na atividade, pois se fosse milionário, acreditava que gastaria seu dinheiro ajudando as pessoas (cita as regiões da África e Israel, por exemplo, pois já pensou em projetos de ir a tais lugares). Essa experiência foi bastante marcante para ele, principalmente por um fato que aconteceu durante o tempo em que se dedicou a essa atividade. No momento da entrevista pediu permissão para contar essa

[42] Como é conhecida popularmente a Praça Barão do Rio Branco, pois abriga o marco zero da cidade, é um espaço público localizado no bairro do Recife, capital de Pernambuco.

história, que considera a "*melhor coisa*" na sua vida, "*uma experiência impressionante*" e que contava para todas as pessoas.

Foi através de sua tia, que trabalhava na farmácia em que ele era aprendiz, que Pettros chegou ao Programa. Disse que sua tia falou com sua avó que havia uma vaga de aprendiz na farmácia e ele só fez "*o que ela mandava*" em relação aos documentos, "*eu não corri atrás, entendeu? Foi, de fato, ela que me disse pra eu fazer as coisas, porque já tava certo de eu entrar. Porque ela já tinha um conhecimento dentro do escritório lá dentro, pra eu poder entrar*". Ou seja, o ingresso no Programa se deu por meio da própria empresa.

Como já mencionado, Pettros era aprendiz em uma farmácia, na qual considerava que existia uma "*relação de família*" e só tinha coisas boas para falar da empresa. Afirmava fazer, mesmo sendo aprendiz, até mais atividades que os demais funcionários, pois os outros tinham uma função específica e bem definida enquanto que ele desenvolvia várias tarefas:

> *Eu faço alguma coisa no caixa, alguma coisa no balcão, faço um pouco de cada. E não é tanto, não me cansa em nada, não. Eu vou, quando eu posso fazer, arrumar a seção. Porque não tem ninguém pra arrumar a seção. Aí eu sou aprendiz, aí eu arrumo a seção todinha. Deixo arrumado, quando o supervisor vem, dia dele vim, aí eu já sei que ele vem, aí eu já arrumo, deixo tudo arrumado pra ele ver, entendeu? É tranquilo lá*.

Para Pettros ser aprendiz era "*aprender o máximo possível*", pois a experiência no Programa estava sendo muito importante para conhecer o mundo do trabalho e dizia que tanto ele quanto seus colegas de turma aprenderam bastante durante o curso e a prática na empresa. Destaca também a questão financeira como importante. Em relação a sua trajetória, comparou como poderia ter sido sua vida se ainda permanecesse na escola técnica: "*se eu tivesse continuado [...], não tivesse trabalhado, eu acho que hoje eu taria... eu acho que eu taria mais pra baixo do que pra cima, entendeu? Hoje eu tô pra cima na questão, assim, ampla do mundo, entendeu?*". Ou seja, essa sua fala aponta o quanto a experiência de passar pela aprendizagem foi relevante, para além do currículo, inclusive para sua autoestima e até mesmo, posso arriscar, para a construção de sua identidade pessoal:

> *Eu acho que eu sou um trabalhador. A gente trabalha como carteira assinada, eu acho que eu faço tudo, velho. Eu acho que eu posso me considerar um empregado. Acho que tem um preconceito, um certo preconceito, né? Que é aprendiz, não, porque ele é menor, mas não. Lá na farmácia, eu vejo na farmácia, que eu tenho um papel fundamental dentro da farmácia, que sem mim ela não anda, entendeu? Sem a função aprendiz a farmácia não anda, [...] porque é sempre o quebra-galho, sempre o que vai fazer alguma coisa, entendesse? Sempre fica ali pra ajudar. Eu acho que é fundamental.*

Sua resposta é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que acredita que o aprendiz é fundamental para o desenvolvimento do trabalho na empresa, diz que o aprendiz funciona como um "*quebra-galho*", "*o que vai fazer alguma coisa*", isto é, a partir do seu relato, aquele faz tarefas simples, corriqueiras e que não exigem qualificação (precariedade). Em outras palavras, atividades que qualquer pessoa pode fazer.

Nesse sentido, acreditava que o curso de aprendizagem foi além do que ele imaginava, pois pensava que ficaria sentado diante de um computador e a experiência que teve foi muito diferente. Ressaltou que "o *único lado ruim é que eu trabalho pouco e ganho pouco. Eu acho que essa é a única parte ruim".*

Embora Pettros não "*mexa com remédio*", gostou do que o farmacêutico do trabalho falou:

> *Ele ajuda as pessoas de uma forma... ele ajuda as pessoas, ele tira a pressão, ele dá conselho. Ele fica com a batinha dele lá dentro da sala e os idosos entra pra conversar. Eu acho muito legal. Como eu falei no começo a você, eu gosto muito de idoso, eu gosto de ajudar as pessoas, então... uma coisa que eu quero fazer também, que eu gosto de química, biologia e já junta. Junta tudo.*

As aulas teóricas no CIEE, segundo ele, de forma geral, contribuíam para seus planos profissionais apenas indiretamente, pois "*acho que tudo é válido, né?*", no sentido de adquirir uma visão mais ampla da área de *comércio e varejo*, pois só algumas aulas tratavam de temas relacionados a suas atividades na farmácia. Citou o exemplo da temática de distribuição, logística, a qual tem relação com o que fazia no trabalho. Ressaltou também os três meses iniciais do curso de aprendizagem, os quais foram dedicados à uma formação humanística (aspectos ético-disciplinares), posso dizer: "*os três meses foi só aula mais do caráter, social e tal. Isso contribuiu, mas tem aulas que não contribui*". Os seis meses de aulas sobre *atendimento ao cliente* também foram importantes para o desempenho de seu trabalho na farmácia.

A visão que Pettros tinha antes de conhecer o Programa era diferente daquela que tinha quando passou pela experiência, pois "*a gente tem um preconceito intrínseco, né? Dentro*". Acreditava que ficaria em frente ao computador durante quatro horas e, inclusive, já planejava o que iria fazer durante esse tempo. Porém, a realidade se mostrou bastante diferente, porque "*não consigo ficar parado, porque a farmácia é pra lá e pra cá".*

Antes de ingressar no Programa, Pettros não conhecia outros jovens que eram ou tinham sido aprendizes, o que, segundo ele, contribuiu para manter tal preconceito sobre o processo de aprendizagem.

Quanto a planos futuros, Pettros pretendia fazer o Enem com o intuito de tentar uma vaga no ProUni[43] e ingressar em uma faculdade particular no curso de farmácia, pois no momento desconhecia a existência dessa graduação na UFPE. Pretendia estudar no período da noite, pois trabalharia pela manhã e tarde na farmácia, durante os cinco anos de graduação, pois "*fico trabalhando na área e estudando na área. Isso vai me alimentar muito"*. Isso tudo com o fim de se "*estabilizar*". Nesse sentido, destacava que o salário de um farmacêutico era muito bom:

> *O salário é muito bom. Trabalha muito pouco pra ganhar muito dinheiro. Tenho que trabalhar cinco horas pra ganhar três mil reais. Muito dinheiro. E você pode trabalhar em duas farmácias. Fora os bônus, fora tudo.* Ticket *alimentação, muita coisa. E daqui pra lá o salário aumenta, né? Enfim, dá pra você viver tranquilo, numa boa.*

O que motivava Pettros a seguir esses planos era a possibilidade de adquirir estabilidade, a qual, em sua visão, é indispensável para que os seres humanos realizem seus sonhos.

> *Porque se eu tá estabilizado eu vou poder ajudar as pessoas, eu vou poder viajar pros cantos que eu quero ir, eu vou poder aprender alguma coisa, digamos, exemplo, tem livros aqui que não existem aqui, só existe lá fora. Então, como é que eu vou poder? Outras línguas também eu quero aprender, entendeu? Isso é muita coisa que eu quero fazer e isso tudo que eu quero fazer é... pra eu aprender e levar conhecimento pra quem não sabe. Eu não quero só aprender pra ficar pra mim. Quero levar conhecimento pra muita gente. Abrir a mente de muita gente é... é... ajudar outras pessoas, entendeu? Tá estabilizado é melhor, né?*

A passagem pelo Programa influenciou significativamente os planos futuros de Pettros, pois:

> *Eu só pude pagar o meu curso de teatro quando eu comecei a trabalhar. Quando eu comecei a trabalhar aqui eu pude pagar meu curso de teatro. Por pagar meu curso de teatro eu me frustrei. Por tá dentro de uma farmácia, eu escolhi ser farmacêutico. Então, influenciou. Eu acho que se eu continuasse na [Escola Técnica] eu acho que eu ia me frustrar e... no teatro e eu ia buscar fazer uma faculdade de história, eu acho. Tenho certeza que eu ia... se eu não tivesse entrado na farmácia eu não queria ser farmacêutico.*

Nesse trecho ele destaca o quanto foi relevante a experiência na farmácia para sua escolha por seguir na área, mesmo que em outros momentos a influência de sua avó parecesse ser mais decisiva. Pettros também expõe um desejo que ficou de lado que é o de fazer o curso

[43] O Programa Universidade para Todos (ProUni) foi criado em 2005 pelo governo federal, visando a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições de ensino superior privadas.

de história. Talvez esse fosse seu real desejo, porém, fica em "estado de vigília" (Lahire, 2004), devido à sua vontade de corresponder às expectativas, desejos e aspirações de sua avó.

Pettros destacou dois momentos ou situações que foram decisivos para sua escolha em seguir farmácia. Em um primeiro momento, ressaltou a questão financeira, mas em seguida disse que esse foi o segundo motivo (embora tenha vindo primeiro em seu pensamento e fala). Outro motivo era o fato de, diferentemente de sua avó, não gostar de mudanças: "*eu odeio até mudar de emprego. Por mim eu morria na [farmácia], entendesse? Não gosto de mudar de função. Pô, eu quero trabalhar como... minha vida é aqui, eu me sinto bem aqui e eu quero ajudar as pessoas".*

Diante disso, pautava sua escolha em ser farmacêutico a essa possibilidade de trabalhar ajudando as pessoas. Nessa direção, afirmava que não trabalharia em uma fábrica de cigarro, por exemplo, por ser contra o ato de fumar e compara o exemplo com sua situação no curso de teatro: "*foi por isso que eu desisti do teatro também".* Considerava que dentro das funções em uma farmácia, o farmacêutico é aquele que pode ajudar mais as pessoas: "*o farmacêutico é o principal, que ele lida direto com o cliente, ele ajuda muito a pessoa, ele é ... como se fosse um médico dentro de uma farmácia. É uma das áreas de saúde mais difíceis também".*

E para atingir esse objetivo precisava superar suas dificuldades com as matérias de química e biologia: "*eu quero me testar, eu quero fazer química e biologia, porque eu não gosto e eu vou ter que gostar agora. É a única matéria que eu não gosto e eu tenho que querer gostar e eu comecei a gostar. Eu tô gostando. É chato, mas eu tô gostando".*

Quanto ao aspecto salarial, procurou se informar quanto ganhava aproximadamente um farmacêutico: "*eu disse: 'Mas e aí, o salário, como é que eu vou fazer? Vou ver se esse salário é bom'. Vi que o salário era bom, então: 'Oxe, então tá aí, eu quero fazer'".*

Pettros indicaria o curso de aprendizagem para outras pessoas, pois via muitos jovens pedindo um emprego nas redes sociais e "*eu acho que muita gente quer um emprego e eu queria que essas pessoas tivessem a mesma experiência que eu".* Definia a aprendizagem como uma área ampla que "*abre leques para a vida*" e pela questão financeira: "*porque tem muita gente que quer dinheiro. E eu me peguei de surpresa, eu também só queria dinheiro, aqui na farmácia, entrando aqui, me pegou de surpresa".*

Próximo ao final da entrevista consegui explorar um pouco mais os motivos que o levaram a se frustrar e desistir do teatro. O principal motivo foi a divergência político-ideológica com o grupo que fazia parte. Inclusive atuou em uma peça na qual não se sentiu a vontade, pois:

> *Eu só podia atuar dessa forma, se eu pensasse como eles. E eu não pensava como eles. E eu até tentei, eu fiz uma peça... é... e eu fiz de boa, mas também me senti mal, entendeu? Porque aquelas pessoas que pensam daquela forma, quem tava me aplaudindo, se soubesse o que eu realmente penso, não taria me aplaudindo, taria me vaiando.*

Pettros se sentia um hipócrita por transmitir uma mensagem através das peças de teatro com a qual não concordava.

> *E eu gosto muito disso, de trocar ideias. E meu erro foi esse, de querer trocar ideias. Eu podia ficar calado, aguentar tudo calado, mas eu não quero aguentar tudo calado, eu quero fazer o que realmente eu quero, me sentir bem, quero me sentir bem. E eu tando calado eu ia me sentir mal. E se eu falasse eu ia me sentir mal. Então, é melhor eu sair e eu saí. Então, sempre quando eu debatia, eu era sempre menosprezado.*

Exemplificou algo nesse sentido com o fato de ter sido excluído de um grupo de uma rede social que tratava de vestibular após escrever um comentário pessoal acerca da política. "*Eu vejo muita notícia, muita gente que diz ser democrático e não é. Então isso me frustra bastante".*

> *A gente tem o direito de votar em quem a gente quer. A gente tem o direito da gente querer o que a gente quer. E no teatro era muito isso, muito isso. Se eles respeitassem, eu tava tranquilo, mas eles não respeitavam. Aí eu me senti pra baixo. Eu até pensei um dia aí, fazer novela gospel lá na Record* (risos). *Aí eu desisti do teatro, me frustrou bastante, eu acho que sempre vai ter isso.*

Ainda na época da entrevista, quando via TV ou cinema ainda sentia vontade de seguir a profissão de ator. Os colegas e a professora do curso ainda o chamavam para retomar as aulas, pois ele havia desistido sem explicar o porquê de sua saída.

Na época da entrevista havia trocado o número do seu celular e não fazia parte de grupos de *whatsapp*, porém, conversava com os colegas de turma na sala de aula sobre as expectativas com o fim do processo de aprendizagem:

> *Na sala, acho que tem muito isso. A gente tava conversando... toda terça-feira a gente conversa sobre isso. Como vai ser as férias, nossa rescisão, já pensando no dinheiro e tal. O que vai fazer com a rescisão. A gente tem esse tipo de conversa na sala. Na hora do recreio, principalmente. Intervalo.*

Após concluir o curso de aprendizagem pretendia trabalhar e estudar, como assinalou no questionário.

É importante destacar algo ligado a sua socialização que é bastante significativo para entendermos a trajetória de Pettros: o fato de que ele foi criado pela avó e só conheceu a mãe biológica aos 12 anos de idade. Diante disso, chamava a avó de "mãe" e disse considerar sua mãe biológica como uma "tia".

Posto isso, pude identificar três momentos que funcionaram como rupturas (LAHIRE, 2004) na biografia de Pettros, quais sejam:

Em primeiro lugar, a saída do curso médio-técnico, estimulado pela avó, embora ele também procurasse justificar sua saída por vontade própria.

Foi sua avó quem o incentivou a estudar no Etepam e quem escolheu o curso que Pettros faria, mesmo ele não se interessando pela área de logística. Entretanto, pelo fato de sua avó não dar valor a curso técnico, Pettros acabou saindo da escola técnica, porém, creditava tal decisão a uma escolha pessoal, devido ao nível não satisfatório do ensino oferecido. Mesmo a princípio não gostando da ideia, fez o gosto da avó e, posteriormente, percebeu que "*estava progredindo*": "*você vai sair [da escola técnica] e eu vou arrumar um trabalho pra você numa farmácia, pelo CIEE*".

Vale ressaltar, a respeito de sua trajetória profissional, que ao longo da entrevista, Pettros por duas vezes comparou sua situação atual com a possível situação caso permanecesse na escola técnica: "*eu taria mais pra baixo do que pra cima*". Acreditava que buscaria fazer faculdade de história e não pensaria em fazer farmácia, o que reforça meu argumento de que se configura como uma ruptura biográfica significativa em sua trajetória pessoal e profissional.

Segundo, a experiência na área de farmácia, contando com "*100%*" de apoio da avó. Sua avó sempre desejou e o incentivou a seguir a área de farmácia e foi através do capital social adquirido por ela ao longo de sua trajetória profissional como farmacêutica que conseguiu uma vaga para Pettros em uma farmácia, como aprendiz. A vaga foi conseguida através da tia de Pettros a qual já trabalhava na farmácia, isto é, graças ao capital social que os familiares de Pettros possuíam: "*ela já tinha um conhecimento dentro do escritório lá dentro, pra eu poder entrar*".

Da mesma forma que Pettros buscava justificar sua saída da escola técnica por uma decisão pessoal, também tentava fazer com a "escolha" pela área de farmácia. Pettros creditava sua escolha não à influência de sua avó, mas ao fato de gostar das áreas de física e biologia. "*ela diz que eu finalmente escutei ela. Mas na verdade foi por mim mesmo, entendeu? Eu me frustrei e aí foi por mim mesmo. E agora eu quero ser farmacêutico*".

Através da profissão de farmacêutico, Pettros destacava a possibilidade de construir uma "*família*" dentro da farmácia, pois considerava bastante importante o relacionamento construído com os clientes. Nesse sentido, queria ser farmacêutico para ajudar as pessoas e, principalmente, aos idosos: "*eu gosto muito de idoso*". Além disso, destacava que o salário

era muito bom, pois "*trabalha muito pouco pra ganhar muito dinheiro*. *Dá pra viver tranquilo, numa boa*".

Achei interessante o ponto de vista de Pettros para destacar a importância de seu trabalho como aprendiz dentro da dinâmica da farmácia, pois ao mesmo tempo em que denomina a figura do aprendiz como um "*quebra galho*", afirma que "*sem a função aprendiz a farmácia não anda*".

Por fim, a frustração que teve com a experiência no curso de teatro, pelo qual não recebia apoio da avó.

Importante destacar que, no início, Pettros começou a pagar o curso de teatro com o salário de aprendiz, o que mostra que, à princípio, buscava a passagem pelo Programa para investir em outra área, assim como faziam outros aprendizes do CIEE. A diferença é que se frustrou no teatro e "*por tá lá dentro de uma farmácia, eu escolhi ser farmacêutico*". Mas ele só estava lá dentro por causa da avó, como ficou claro.

Em suma, diante dessas três rupturas, é possível perceber que há em comum o apoio ou falta de apoio por parte de sua avó, a qual, para Pettros, era tida como uma mãe e pela qual "*daria a vida a ela*". Pettros, por exemplo, afirmou abrir mão de um relacionamento amoroso mais sério para poder se dedicar mais aos cuidados da avó.

Mesmo não gostando parecia se sentir obrigado a seguir a área. Outras atividades talvez pudessem proporcioná-lo a satisfação em ajudar as pessoas, como a atividade voluntária na igreja, entretanto, pareceu-me que Pettros assumiu um compromisso internamente de seguir essa área para atender aos anseios de sua avó, como se a experiência com o teatro fizesse com que ele desse mais valor à opinião de sua avó, chegando ao ponto de sacrificar aquilo que gostava para se tornar aquilo que sua avó aspirava para o futuro dele. Como é possível estar gostando de algo tido por você mesmo como chato? "*É chato, mas eu tô gostando*".

Essa fala de Pettros ilustra muito bem que há uma tensão entre as formas identitárias (DUBAR, 2009): a identidade por e para outrem, no caso sua avó paterna o estimulava a seguir a área de farmácia e a identidade por e para si, na qual Pettros desejava ser ator. Entretanto, a pressão por parte da avó havia prevalecido, no final das contas.

Parece-me que suas escolhas e decisões quanto à esfera profissional eram significativamente pautadas nas opiniões de sua avó. Sua dedicação, afetividade e preocupação faziam com que ele buscasse não contrariá-la ou decepcioná-la, principalmente após a frustração que teve com a experiência no teatro, o qual sempre foi criticado por sua avó. Depois dessa experiência, parece buscar sempre satisfazer as vontades da avó, em

detrimento de suas próprias vontades. Porém, esse aspecto havia sofrido uma alteração significativa na ocasião da segunda entrevista.

6.1.2.2 Perfil 4: Fernando (CIEE) – entre a educação física e o varejo

> E quando eu via aquela união, [...] o professor [de educação física] dominando a turma, passando a experiência dele, eu me apaixonei pela área.
>
> E hoje eu me considero um promotor. Eu peguei muita coisa, sei fazer muita coisa, aprendi muita coisa dentro de loja, certo? Foi muito bom. Muito gratificante essa experiência (FERNANDO, 23 anos).

Fernando foi selecionado porque considerei sua idade como um fator significativo, pois tinha 23 anos na época da entrevista, ou seja, estava no limite etário para ser aprendiz e estava próximo do fim de um curso superior, o que me levou à seguinte questão: o que motivava/levava esse jovem a estar em um curso de aprendizagem profissional? Diante disso, resolvi entrevistá-lo, o que posteriormente me pareceu uma decisão acertada, pois trouxe dados bastante significativos para minhas reflexões, como mostrarei a seguir.

Fernando foi o aprendiz mais velho a ser entrevistado. Apesar de parecer um pouco tenso no início da entrevista, aos poucos foi ficando mais a vontade e a entrevista se desenvolveu muito bem.

Estava matriculado no curso de *comércio e varejo* e trabalhava em um supermercado como promotor. A entrevista ocorreu em maio de 2017.

Era um jovem que se identificava como branco, era solteiro, sem filhos, com três irmãos e morava em Olinda havia quatro anos com a mãe e o padrasto, em uma casa própria.

A renda familiar de Fernando estava entre 2 e 3 salários mínimos. Sua principal fonte de renda era o salário como aprendiz e contribuía financeiramente com sua família.

Na ocasião da entrevista não participava de qualquer grupo, entidade ou associação. Havia tido uma experiência anterior de trabalho como professor de educação física pelo Programa Mais Educação[44], porém, nunca tinha feito trabalho voluntário.

Fernando considerava seu convívio familiar como "*excelente*". Seus pais se separaram quando ele era pequeno e a mãe "*teve que se desdobrar*" para criar Fernando e o irmão. Ela teve que procurar emprego e voltar a estudar para dar uma melhor condição aos filhos, pois era muito dependente do marido, o qual "*colocava tudo dentro de casa*". Fernando ressaltou esse aspecto de sua infância como ruim, porque teve inclusive que morar com os avós e chegou a dormir com eles no chão. Mesmo assim, diz que sua mãe conseguiu "*vencer na*

[44] Criado pelo Ministério da Educação em 2007, como uma estratégia de ampliação da jornada escolar nas redes públicas através de atividades optativas em áreas como: educação ambiental, esporte e lazer, cultura e artes etc.

vida", pois era formada em gestão de pessoas/RH, era gerente de empresa e dava "*uma condição muito boa*" a Fernando: "*graças a Deus, hoje eu tenho tudo, graças à minha mãe que ela sempre buscou dar o melhor pra mim*".

Fernando ainda morava com sua mãe e o padrasto, o qual considerava como seu pai. Seu irmão já era casado e tinha um filho. Embora afirmasse gostar do pai biológico, não possuía muito contato com ele, tanto que na época da entrevista fazia aproximadamente um ano que não se falavam: "*mas considero do mesmo jeito, meu pai. Gosto dele como se fosse... tivesse passado minha infância toda com ele"*.

Ele destacou o papel fundamental que sua mãe teve em seu desenvolvimento, principalmente no aspecto profissional:

> *Minha mãe sempre me dando um auxílio. Me colocando no caminho certo, assim, né? Dizendo que é pra fazer e o que não é pra fazer. E é isso que eu consigo desempenhar minhas atividades. Eu estudo e trabalho hoje. Consigo desempenhar minhas atividades bem... eu acho que eu desempenho bem, né? Na minha opinião. Graças a ela porque ela tem uma base, me deu uma base muito boa... coisa... que eu venha desempenhar um bom serviço, essas coisas.*

Considerava sua relação com seus pais como "*excelente*", pois "*minha mãe é tudo pra mim. Ela nunca me deixou faltar nada, graças a Deus".* Nesse sentido, dá um exemplo em relação a seus estudos, pois sempre estudou em escolas particulares, mesmo com todas as dificuldades, graças ao esforço da mãe. Vale destaca que Fernando quando se referia aos pais, focava as respostas mais em sua mãe: "*eu cito muito minha mãe assim porque ela é a base de tudo. Ela foi minha base pra tudo, tá entendendo?".* Considerava seu padrasto como um "*anjo*" na sua vida, mas destacava o papel de sua mãe: *"mas mãe é mãe, né? Quem tem mãe sabe como é, né?".*

Na época da entrevista, frequentava o 6º período do curso de educação física em uma faculdade privada no turno da tarde. Fernando já havia feito um curso de bombeiro civil. Sua mãe possuía o nível superior completo e trabalhava no setor de recursos humanos, enquanto seu pai tinha o nível técnico e era autônomo.

No que diz respeito a sua trajetória escolar, Fernando afirmou que sua alfabetização foi iniciada em uma escola e o restante de seus estudos (12 anos) foi em outra instituição escolar. Ele ressaltou que sua base foi bastante "*fraca*", por ter sido realizada em uma "*escola de bairro*". Posteriormente, quando foi para uma escola "*melhorzinha*", teve que refazer a 1ª série:

> *Eu tive que fazer outra série. Não reprovei, mas a diretora conversou com minha mãe dizendo que eu passei só que com dificuldades, aí ela indicou a minha mãe que eu voltasse, minha mãe conversou comigo, com meu pai.*

> *Meu pai no início não aceitou, certo? Porque: "é um ano a menos, não sei o quê". Mas depois ele entendeu que ia ser melhor pra mim, e foi, certo?*

Depois disso nunca foi reprovado e sempre passou por média e a nova escola lhe ofereceu uma *"base muito boa",* pois tinha *"professores excelentes".* Fernando se considerava um bom aluno apenas no aspecto de respeitar a escola e os professores, mas não em relação a "*pegar o livro pra ler, pra estudar".*

Seus pais (e, novamente, sua mãe em destaque) sempre o incentivavam a estudar:

> *Minha mãe pesquisa muito curso pra mim: "Olha, vê esse curso de inglês, esse curso de espanhol. Tem na Upe ali de graça, não sei quê. Seis em seis meses o primeiro módulo". Ela sempre tá pesquisando muita coisa pra mim e mandando, me incentivando a fazer curso de informática, excel que usa muito na empresa que eu tô hoje [...]. Ela sempre me incentiva. Meu irmão também. Ela pesquisa pra meu irmão fazer cursos também. Porque ela disse que o mercado tá muito difícil, que você tem que ter o diferencial, né? Ela incentiva.*

Conforme Fernando, nenhum professor ou colega de escola o incentivou diretamente a seguir qualquer profissão. Por outro lado, a disciplina de educação física, obviamente, o incentivou bastante: "*nunca faltei* (risos)". Nesse sentido, cita uma professora de educação física que teve, a qual, indiretamente, o incentivou a fazer o curso, devido à metodologia diferenciada que usava que não consistia apenas em aulas práticas, mas também aulas teóricas em sala de aula:

> *Com essa professora era muito diferente. Era... era duas aulas na semana, certo? E uma das aulas, ela fazia dentro da sala... sala de aula, porque é muito difícil um professor de educação física fazer isso. Ela ficava dentro da sala passando a parte teórica. As regras do jogo, passava trabalho. [...] eu fui pesquisando jogos, brincadeiras, até pra deficientes mesmo, pra idosos, certo? Ginástica. E que isso veio despertar em mim um interesse da educação física, da aula de jogos. Eu comecei a praticar esporte, musculação. Eu tive uma professora muito boa nesse aspecto, certo?*

Segundo Fernando, o que o incentivou a seguir a área de educação física foi a escola. Atribuía essa escolha ao fato de sempre ter gostado bastante de praticar esportes e referiu-se novamente à professora que teve na época da escola. Diante disso, afirmou ter lido bastante e ter buscado informações com amigos que já atuavam na área:

> *Tenho muitos amigos como professor de educação física. Eu procurei saber como é a área, com eles: "E aí, como é que tá a área de educação física?". Eles: "Rapaz, é uma área muito boa, você tem várias categorias pra trabalhar. Tem academia, tem escola, tem clubes". E foi isso que veio abrir esse interesse, essa curiosidade de conhecer a área, certo? Tive uma amizade muito boa com minha professora de escola também, Tereza. Até hoje eu falo com ela. E ela me incentivou muito, certo?*

Também fez estágio no Programa Academia da Cidade[45], no qual conseguiu bastantes dicas e informações dos professores acerca das possibilidades da profissão de educador físico. Fernando estava gostando muito da área de *comércio e varejo*, mas pretendia seguir a área de educação física, com o objetivo de adquirir "*estabilidade*", através da aprovação em concursos públicos.

Os pais de Fernando sempre o incentivaram a trabalhar. Inclusive foi sua mãe quem mandou as informações sobre o curso de aprendizagem em que estava matriculado e foi quem enviou seu currículo para a empresa em que trabalhava, assim como costumava fazer em outras empresas. Sua mãe também conseguiu o trabalho pela prefeitura e a vaga na escola: "*ela sempre me incentiva*".

Fernando disse sempre ter sido apoiado pela mãe em sua trajetória profissional, deixando-o livre para fazer suas escolhas. A mãe o incentivava a sempre melhorar sua carreira profissional dentro da área que ele escolheu, educação física, sempre o incentivando a fazer minicursos e ler mais livros, por exemplo.

Por sua mãe ser gestora de RH, ela acabava "gerenciando" sua carreira profissional, quase fazendo o papel de uma profissional de *coach*[46], pesquisando cursos e oportunidades para os dois filhos. Por meio da fala de Fernando, pude perceber que ela possuía grande capital social, o que é bastante comum na área de sua atuação, inclusive foi ela quem indicou a oportunidade de aprendizagem na empresa em que Fernando trabalhava:

> *Foi ela primeiro que me indicou, certo? Eu achei muito bom. Como eu estudo, não atrapalha meus estudos na faculdade, certo? Porque eu tô na reta final, tô no 6° período, aí tem TCC, tudinho. Se eu tivesse numa empresa, tipo... trabalhando oito horas, né? Que é um trabalho normal... oito horas. Eu não ia conseguir desempenhar... ter um desempenho bom na faculdade. Ia me atrapalhar muito, certo? E ela, quando me indicou, eu abracei logo essa ideia dela porque quatro horas não é muito pesado, é uma empresa excelente, certo? Não deixa faltar nada.*

Além disso, a mãe de Fernando o incentivava a seguir a área de *comércio e varejo*, mesma área em que trabalhava seu irmão mais velho, o qual era promotor de uma empresa de refrigerantes. Segundo Fernando, ela o apoiava por ver que a empresa oferecia oportunidades de crescimento e o CIEE, através do curso, "*abre um leque*" de opções dentro da área do curso, pois antes ficava restrito a dar aulas em escolas e, através do curso, estava conhecendo

---

[45] Criado em 2002, pela Prefeitura do Recife, busca incentivar a prática de esportes e exercícios físicos, oferecer espaços públicos de lazer e veicular informações sobre alimentação saudável, contando com cerca de 42 polos.

[46] Nome dado ao profissional "que utiliza das ferramentas presentes na metodologia de desenvolvimento e maximização de performance humana, conhecida como *coaching*. O papel do *coach* é apoiar o cliente (*coachee*) durante o processo de *coaching* para que possa alcançar as metas determinadas por ele, desde o início do projeto". Disponível em:<https:// www.slacoaching.com.br >. Acesso em: 04/10/2018.

a área de *comércio e varejo*, a qual considerava "*interessante*" e "*extensa*". "*Ela pede pra que eu faça o meu melhor pra ver se eu continuo na empresa*".

Seu irmão mais velho, por sua vez, por ter a experiência prática de atuação na atividade de promotor, embora o apoiasse na área, considerava:

> *que era uma área boa, mas era pesado, era... "promotor você sabe que carrega muito peso, não sei o quê". Mas ele sempre me apoiou e disse: "Veja lá, você vai passar um ano e seis meses e veja se você gosta. Caso você goste você dá seu máximo. Mesmo se não gostar dê seu máximo pra que a empresa veja seu esforço, tudinho. E seja recompensado no futuro". Ele sempre me apoiou mesmo*.

Em relação a sua escolha profissional, os pais de Fernando queriam que ele seguisse a área de direito, porém, leu livros da área e não gostou. Mesmo ressaltando a diferença salarial entre a carreira de direito e a de educação física, disse que ao iniciar a graduação, já no 1º período se "apaixonou" pelo curso e, por isso, sua mãe o apoiava: "*quando eu me apaixonei ela [...] me ajudou de várias formas, tipo, pagando curso pra mim, minicursos. Me apoiou sempre, né? Ela me apoia até hoje, certo? Aí eu tô apaixonado por essa área também".*

Sobre a profissão dos pais, Fernando disse que a área do padrasto proporcionava uma *"renda legal"* em sua casa. Seu padrasto era autônomo e possuía uma pequena empresa na área de construção (pintura e reforma, principalmente). Quanto ao trabalho de sua mãe o considerava como "*tranquilo*", mas "*exigente como toda empresa é*", pois, segundo ele, era uma mulher que trabalhava em meio aos homens, pois trabalhava em uma empresa de coleta de lixo, lidando diretamente com os garis. As profissões deles não tiveram qualquer influência em sua escolha profissional.

Fernando contribuía financeiramente em casa. A empresa em que trabalhava oferecia auxílios alimentação e refeição com valores relativamente altos (o auxílio refeição era "*mais que meio salário*"). Ele dava o *ticket* alimentação à mãe para fazer a feira e o *ticket* refeição vendia para pagar a própria faculdade, que sempre pagou com o salário que recebia em suas atividades anteriores. A ideia de contribuir partiu dele mesmo, pois achava que por ter 23 anos era obrigação ajudar e não queria se sentir um "peso":

> *Eu via minha mãe assim... com um momento de dificuldade porque as coisas aumentaram muito: a conta de luz, de água, tá entendendo? E paga condomínio lá em casa também, aí eu via muito pesado, ela muito sobrecarregada. E partiu de mim de... assim que eu recebesse o [auxílio] alimentação, eu dar a ela pra ajudar.*

O salário como aprendiz Fernando gastava com roupas, lanches, ou seja, suas "*necessidades*".

Por Fernando trabalhar em uma empresa multinacional, seus colegas de faculdade se interessavam em participar do curso de aprendizagem e sempre o questionavam sobre como fariam para ter a mesma oportunidade e Fernando os indicava o CIEE. Além disso, seus colegas tinham curiosidade acerca da atividade de promotor, a qual, segundo Fernando, era "*correria*" e era "*pesado*".

Antes de ingressar no curso de aprendizagem, Fernando havia feito um curso técnico de bombeiro civil, o qual considerava como "*uma experiência que eu tive excelente".* Destacou as aulas extraclasse, realizadas em um sítio, no qual havia atividades como salvamento em um rio, construção de armadilhas, aulas de primeiros socorros etc. O curso teve a duração de quatro meses mais um mês de curso de *heliponto*, totalizando 5-6 meses. Conheceu o curso através de uma conversa em um shopping com um amigo de seu pai que o indicou quando Fernando havia concluído o ensino médio. Embora no início não tenha sido ideia sua fazer o curso, gostou muito de fazê-lo: "*toda vez que eu entro num curso eu entro de cabeça. Se eu aceitei aquele desafio eu vou fazer até o final".* Fernando chegou até mesmo a trabalhar como bombeiro civil em eventos e shows, mas não havia gostado da experiência, pois:

> *Não gostei, assim, da paga, do dinheiro, porque você trabalhava muito e recebia pouco. Eu passava seis horas, oito horas trabalhando pra receber 60 reais, eu num... isso que veio me desgostando do trabalho como bombeiro civil. Aí eu deixei de lado. Mas como experiência foi ótimo.*

Fernando tinha uma visão mais ampla acerca do conhecimento prático adquirido no curso, isto é, para além da questão profissional, enxergava a experiência como significativa para sua vida. Interessante ressaltar que Fernando considerava a experiência na área de bombeiro civil como muito interessante, inclusive para sua vida privada, devido às aulas de primeiros socorros: "*foi excelente o curso, eu indico pra todo mundo. Você, assim, aprende a fazer os primeiros socorros, até pra dentro da sua casa. Se todo mundo soubesse como era bom, faria. Pra não ficar naquele desespero quando a pessoa tiver passando mal, né? Você saber o que fazer. Agir na hora exata".*

Em relação ao curso de educação física, embora se considerasse apaixonado pela área, disse que a reta final em que se encontrava estava bastante desgastante, devido às provas e TCC, por exemplo. Ressaltava a grande quantidade de áreas de atuação que o curso abrangia, mas enfatizava sua experiência de um ano como professor em uma escola: "*é correria porque aquelas crianças você sabe pra... entender várias cabeças, várias mentes ali é muito difícil, mas você se apaixona. Eu me apaixonei. Meu curso... eu tô apaixonado pelo meu curso e não vou abandonar, não. Vou terminar*".

Fernando considerava que suas experiências anteriores de trabalho tinham influenciado suas escolhas e planos futuros:

> *Quando uma pessoa começa a trabalhar, quando ela começa a ganhar o seu dinheiro, a não depender dos seus pais pra, tipo, fazer um lanche, uma roupa, não sei o quê... falando, na minha opinião, eu não quero mais deixar de trabalhar, certo? Eu não quero depender da minha mãe, certo?*

Afirmou que trabalhando não se sentia "*um inútil*" e o fato de querer ajudar financeiramente sua mãe o levou a sempre procurar oportunidades e estar trabalhando.

Foi professor de educação física em uma escola por um ano, sendo dois contratos de seis meses com um intervalo também de seis meses entre os dois vínculos:

> *Eu saí da escola porque o contrato acabou na escola, são seis meses aí... quando... foi em 2012 se não me engano, 2013, trabalhei na escola. Quando acabou os seis meses eu tive que esperar mais seis meses pra ser chamado de novo porque o governo só dava direito a seis meses, certo? Aí trabalhei um ano. E durante esse um ano eu não pedia nada à minha mãe, certo?*

Na ocasião da entrevista Fernando já tinha decidido qual a profissão que queria seguir, qual seja, a de professor de educação física. Afirmou ter conhecido o Programa de Aprendizagem através da *internet*. Sua resposta sobre a principal motivação de participar do Programa foi bem sucinta: "*salário*", embora considerasse que seus pais tinham "*muita influência"* em sua participação. Para ele, o curso havia atendido suas expectativas.

Fernando conseguiu a vaga na empresa devido ao fato de:

> *Minha mãe tem um conhecimento, como eu falei, dentro da* [empresa]*, certo? E ela falou: "A pessoa lá dentro disse que não podia colocar direto, mas podia colocar pelo CIEE. Veja só, tente pelo CIEE. Vá no* Aprendiz Legal*, não sei o quê, no* site*. E coloque, vai que dá certo". Aí quando minha mãe colocou, eu coloquei também, eu fui, mandei vários currículos, certo? Não coloquei um e fiquei esperando, não. Foi vários, foram vários currículos, eu lembro. E com isso eu recebi a oportunidade. Graças a Deus veio essa oportunidade.*

Na empresa, Fernando trabalhava como repositor, trazendo as mercadorias do depósito para dentro da loja, abastecendo gôndolas e prateleiras. Considerava seu trabalho como "*pesado*" e que era uma "*correria*", pois trabalhava dentro de um supermercado de bastante movimento e, além disso, definia a marca da empresa em que trabalhava como "*muito forte*": "*sempre eu tô abastecendo, sempre eu tô na correria, sempre tá aquele corre-corre dentro de loja, não para nenhum minuto, é... complicado, mas eu vou dizer a você que a empresa dá um auxílio muito grande, certo?".*

Nesse ponto, Fernando ressaltou o aprendizado que adquiria com os promotores com quem trabalhava, principalmente no que diz respeito à sua identidade profissional, pois se identificava como promotor, como fica claro no trecho a seguir:

> *Os promotores de lá são muito bons, eles tão sempre pegando assim, tipo, quando vão abastecer, eles me chamam: "Fernando, faz assim, porque isso e aquilo". Quando, tipo, pra diferenciar um leite do outro: "Olha, esse leite tem aqui uma composição de soja, esse aqui não tem". Sempre me ensinando, certo? E hoje eu me considero um promotor. Eu peguei muita coisa, sei fazer muita coisa, aprendi muita coisa dentro de loja, certo? Foi muito bom. Muito gratificante essa experiência.*

A partir desse trecho percebi que a experiência de Fernando na empresa estava repercutindo diretamente em sua identidade profissional, o que não ocorria, por exemplo, em relação a sua escolha e planos profissionais, pois embora se identificasse e considerasse como um promotor, pretendia seguir a carreira de educador físico. Isso indica que as experiências no campo da educação física agiam de forma mais efetiva em seus planos profissionais. Mais à frente, Fernando afirma que as experiências (teoria e prática) do curso de aprendizagem não tiveram qualquer influência em suas metas e escolhas profissionais, as quais estavam voltadas para a área de educação física. Nesse caso, a experiência era positiva e, consequentemente fazia com que ele se identificasse com a área, diferentemente de experiências negativas (Kaio, perfil 10) ou inexistentes (Flora, perfil 15) de outros aprendizes.

Na época da entrevista, havia a possibilidade de Fernando ser efetivado na empresa (talvez devido à influência da mãe) e ele tinha interesse em permanecer.

Para Fernando, ser aprendiz era "*buscar conhecimento, ter nova aprendizagem dentro daquela área, certo? E despertar um interesse seu em novas áreas, ter um conhecimento".* Nesse sentido, cita sua experiência na qual ingressou sem conhecer a área e a partir da vivência passou a gostar: "*foi o dia a dia que me ensinou*". Diante disso, Fernando acreditava que o curso tinha atendido suas expectativas devido a ter-lhe proporcionado "*novas experiências*" e conhecimento quanto aos seus direitos como aprendiz (direito a férias, por exemplo).

Fernando identificava a contribuição do curso de aprendizagem apenas na eventualidade de nada dar certo na área de educação física, pois considerava essa atividade como uma alternativa caso não conseguisse seguir a profissão escolhida:

> *É dessa forma que ele [o curso] contribui. Quando eu for entrar, tipo, não der certo a minha área, certo? Tiver muito difícil o ramo e aparecer outra oportunidade na área de* comércio e varejo*, de promotor, eu não vou entrar sem saber de nada, eu já vou saber o que me espera, o que tem na frente, o que eu vou enfrentar.*

O mesmo ocorria com Diana (e a área de logística) e Breno (com a área de mecânica), pois este último enxergava a possibilidade de combinar as áreas de biologia e mecânica, ou de utilizar a mecânica como um "escape", caso a área de biologia não desse certo, assim como usava a mecânica para ter um retorno financeiro mais imediato enquanto ainda estava estudando ciências biológicas.

A visão de Fernando em relação à aprendizagem mudou após a vivência no Programa, pois, como não conhecia o processo de aprendizagem, acreditava que o curso seria "*igual escola*", porém, na prática viu que era *"muito diferente"* do que imaginava, não era uma "*rotina chata*", pois tirava muitas dúvidas com os professores sobre questões vivenciadas no ambiente de trabalho (o que não era possível com os aprendizes do SENAI que não iam para a empresa).

Fernando era o mais velho de sua turma de aprendizes e, por isso, em sua opinião, considerava-se mais "*cabeça aberta*": "*eu tenho 23 anos, já... sou acho que o mais velho da minha turma, minha cabeça é aberta, você suga mais, certo? Tudo que o professor passa ali dentro da sala você vai sugar, vai adquirindo mais conhecimento, você tira várias dúvidas que eu tinha".*

Fernando possuía como planos futuros em relação a sua carreira profissional: primeiramente, terminar a faculdade e fazer um concurso público. Outros objetivos que tinha era montar seu próprio negócio, o qual consistiria em uma academia com venda de materiais de educação física e trabalhar como professor. Esses planos tinham como base a garantia de sua "*estabilidade*": *"quando eu vi que eu tinha uma chance, uma oportunidade de continuar na minha área e ter uma estabilidade financeira com concurso, aí foi que eu corri atrás, foi que eu tracei esse objetivo, certo? De continuar nessa linha de pensamento".*

Caso surgisse a oportunidade de permanecer na área do curso de aprendizagem, Fernando gostaria de continuar, tanto pela questão financeira, quanto por ter gostado da área. Além disso, destacou que caso não permanecesse na empresa, precisaria procurar outro emprego para poder pagar sua faculdade.

Fernando ressaltou vários momentos ao longo de sua trajetória de vida que contribuíram de alguma forma para sua escolha profissional, mas enfatizou sua vivência na época escolar como decisiva, creditava principalmente sua decisão a partir da atuação de seus professores de educação física, os quais trabalhavam em conjunto. A professora já citada teve papel importante, assim como outro professor, o qual era responsável pelas aulas extraclasse. O fato que o fez decidir a profissão foi uma viagem à cidade de Fortaleza-CE para disputar um campeonato com o professor de educação física:

> *O momento específico foi aquele que ele conseguia dominar o grupo, tipo, era uma família ali, certo? Quando a gente saía pra viajar, disputar algum campeonato, aí é uma família, todo mundo ajudava, é isso. Aí eu acho que o momento específico foi nessa viagem que eu fiz pra Fortaleza, pra Fortaleza com a escola pra disputar um campeonato. E a gente... eu via... os atletas chegavam até a chorar quando conquistava algum jogo, quando uma vitória assim, vinha medalhas, certo? Aí foi aquele momento ali que eu vi: "poxa, eu quero ser professor".*

Fernando indicaria o curso de aprendizagem a outras pessoas, devido às novas experiências adquiridas no Programa, *"você pode: 'Não, pô, mas eu não gosto de fazer isso, aquilo', mas você vai aprender a gostar, certo?",* assim como Fernando aprendeu a gostar da área de *comércio e varejo*.

Além disso, ressaltou o suporte oferecido por parte dos professores: "*quando eu tenho alguma dificuldade na loja, aí eu converso com meus professores, eles me ajudam também".* E considerava sua turma de aprendizagem como *"uma segunda família".* Os aprendizes de sua turma interagiam também em grupos de *whatsapp*, no qual tinham dois grupos: o "*da empresa*" (no qual só falavam assuntos relacionados ao curso e ao trabalho) e o "*da bagunça*" (utilizado mais para diversão e lazer).

Na época da entrevista Fernando participava de um time de futebol no bairro onde morava e considerava essa experiência como relevante para seus planos profissionais.

Após o término do curso de aprendizagem em *comércio e Varejo* no Ciee, pretendia estudar e trabalhar.

Ao longo da entrevista, Fernando ressaltou o papel importante de sua mãe em seu desenvolvimento pessoal e profissional (capital social nos termos de Bourdieu, 2005): "*minha mãe sempre me dando um auxílio. Me colocando no caminho certo*"; "*eu cito muito a minha mãe assim porque ela é a base de tudo*". Por não ter muito contato com o pai, Fernando respondia às perguntas se referindo principalmente à mãe. A mãe agia como uma profissional de *coach*, orientando e estimulando a carreira profissional de Fernando, devido ao acúmulo de capital social no exercício da profissão de gestora de RH: "*minha mãe tem um conhecimento, como eu falei, dentro da empresa*".

A mãe reproduz o discurso da "empregabilidade", devido principalmente à área em que trabalha: "*ela disse que o mercado tá muito difícil, que você tem que ter o diferencial, né?*". Próximo à ideia de "vender e se vender" de Castel (2005).

O fato de sempre ter gostado de praticar esportes e, consequentemente, das aulas de educação física na escola, mais o incentivo que recebia de sua professora foram decisivos para sua escolha profissional.

A princípio sua escolha por participar do Programa de aprendizagem se deu pela questão financeira, pois no questionário Fernando foi bem direto na resposta sobre a principal motivação em participar do Programa: "*salário*". Além da orientação e apoio por parte da mãe, Fernando também era estimulado em seguir a área de *comércio e varejo* pelo irmão que também trabalhava na área. Esse apoio em ambos os lados (educação física e varejo) é que talvez o deixasse na dúvida entre uma área e outra, mesmo afirmando ser "apaixonado" pela educação física.

Contudo, por ter uma experiência positiva na empresa (aprendizagem experiencial, de Dubar, 2009), acabou por gostar da área. Ao mesmo tempo em que queria ser professor de educação física, identificava-se como promotor, tanto que tinha em mente continuar na empresa caso esta tivesse interesse após o fim do contrato de aprendizagem. Assim como Fábio, Fernando aprendia bastante com os funcionários mais experientes da empresa, os quais sempre o estavam ensinando no ambiente de trabalho, ou seja, ele passava pelo processo de aprendizagem experiencial, a qual parte da ação para voltar a ela, por ter um caráter de reflexividade. Isso porque além da experiência de trabalho ser bastante positiva, o ambiente da instituição formadora também funcionava como um estímulo a seguir na área de *comércio e varejo*, pois Fernando destacou que tirava muitas dúvidas com os professores do Programa de aprendizagem sobre situações do ambiente de trabalho: "*quando eu tenho alguma dificuldade na loja, aí eu converso com meus professores, eles me ajudam também*", o que o direcionava a também seguir a atividade de promotor, daí o subtítulo de seu perfil, pois ao mesmo tempo em que era "apaixonado" por educação física, também era estimulado (pela mãe, irmão e colegas de trabalho) a seguir a profissão de promotor. Isso acontecia porque Fernando recebia estímulos em ambas as áreas e possuía experiências significativas, isto é, uma aprendizagem experiencial (DUBAR, 2009).

Embora os perfis de Pettros e Fernando estejam na mesma categoria temática "o peso da família", é preciso frisar que o nível de estímulo ou influência dos pais e/ou familiares sobre suas escolhas e projetos profissionais apresentava uma diferença significativa. Isso porque enquanto Pettros era fortemente guiado pela opinião de sua avó, ou seja, orientado pelas vontades dela, Fernando, não seguiu a área de direito desejada por seus pais, por exemplo. Ainda tentou ler sobre a área, mas não gostou. Entretanto, ainda assim identifico o peso da família em suas decisões, pois o jovem era orientado por sua mãe quanto aos estudos e trabalho.

Outro ponto que merece destaque é que tanto Pettros quanto Fernando buscavam a tão sonhada "estabilidade" financeira, porém, por vias diferentes. O primeiro, através de um

investimento na profissão de farmacêutico, que, em sua visão já seria suficiente para atingir a estabilidade; enquanto que o segundo, para além da formação em educação física e o acúmulo de experiências na área que já tinha, enxergava a estabilidade somente a partir da aprovação em um concurso público, pois apresentou como planos: concluir a graduação e fazer concurso público para, posteriormente, montar o próprio negócio.

Por fim, destaco que a segunda entrevista seria bastante relevante para identificar qual das duas áreas (educação física ou varejo) teve mais peso em seus projetos profissionais, pois veria a influência que cada uma teve em sua trajetória profissional, o que, infelizmente não foi possível, devido à impossibilidade de retomar o contato com Fernando, como já mencionei.

6.1.2.3 Perfil 5: Breno (SENAI) – o biólogo-mecânico que é garçom de fim de semana

> Se nós queremos ter uma qualidade de vida legal, a gente tem que se esforçar pra ter uma profissão legal, uma profissão prazerosa que você não veja apenas o lucro. Porque se você fizer isso, você vai ser eterno escravo do dinheiro. Isso não traz felicidade.
>
> A sua inexperiência, ela não é um fator que te atrapalha. Ela é um fator que te ajuda porque você tá aberto a mudanças. Mas isso é importante a gente ter introduzido que ser corrigido faz parte do processo de aprendizagem, que ser perfeito tá fora de cogitação já que estamos iniciando ainda (BRENO, 20 anos).

Optei por entrevistar Breno porque, assim como no caso de Fernando, ele era universitário (ele concluiria a graduação e o curso de aprendizagem ainda em 2017) e mesmo assim participava de um curso de aprendizagem profissional que não era na mesma área de sua graduação, embora na entrevista ele tenha identificado um diálogo entre as duas áreas, como mostrarei em seguida. Além disso, não dependia exclusivamente do salário como aprendiz, pois trabalhava como garçom aos fins de semana.

Breno tinha 20 anos, autodeclarava-se branco, era solteiro, sem filhos, morava na cidade de Igarassu havia três anos em uma casa própria com os pais (mais a irmã e uma tia) e tinha três irmãos. A princípio, morava em Igarassu, depois se mudou para Itapissuma e, por fim, voltou a viver em Igarassu.

A entrevista ocorreu em junho de 2017. No início, Breno me pareceu estar um pouco nervoso com a realização da entrevista, dando respostas mais sucintas, porém, aos poucos foi relaxando e se soltando, apresentando respostas mais detalhadas. Ele fazia o curso de *técnico em mecânica industrial* do SENAI e trabalhava em uma fábrica de vidros planos na cidade de Goiana, em Pernambuco.

Embora passasse pouco tempo em casa, Breno considerava seu convívio com os pais, a irmã e a tia como *"prazeroso e amigável"*, assim como o convívio com sua noiva.

Breno considerava a relação com seus pais como uma "*relação comum*" entre pais e filhos, na qual *"a gente troca experiências, a gente... é... eu peço muitos conselhos aos meus pais. À minha mãe, principalmente"*. Para ele, o que mudou na relação com os pais após sua idade adulta foi a *"crescida* (sic) *de responsabilidades"*, pois havia começado a fazer faculdade e a trabalhar cedo. Já no 1º período começou a trabalhar como garçom nos fins de semana e no 2º período integrou o Programa de Iniciação Científica no Laboratório de Genética da UFPE, porém, em caráter voluntário, o que o levava a trabalhar para se manter.

Os pais de Breno sempre o incentivaram em relação a sua carreira profissional, inclusive custeando cursos nas áreas de interesse dele, mas nunca o estimularam a seguir uma área específica (embora mais à frente veremos que a opção por ciências Biológicas não tenha sido exclusiva de Breno): *"eu sempre tomei minhas decisões quanto a profissionalismo* (sic)*"*.

Quanto ao curso de aprendizagem, também tinha o apoio dos pais, os quais nutriam esperanças de uma possível contratação por parte da empresa e estavam *"satisfeitos quanto ao meu desempenho. Eles dizem que foi conquistado através de mérito pessoal. Todos os meus esforços pra construir um bom currículo e assim ter sido selecionado"*.

Breno tinha *"apoio total"* por parte da família para seguir na mecânica, pois *"minha família já é bem introduzida na área de mecânica. Meu avô foi mecânico, meu tio é mecânico"*. Estes eram da área de mecânica automotiva diesel, enquanto que Breno era da mecânica industrial.

Ainda no início da entrevista, Breno deixou claro os seus projetos profissionais. Embora tenha colocado no questionário que gostaria de seguir a mecânica como profissão, pretendia seguir ambas as profissões, mecânica e biologia. Porém, com enfoque em mecânica pela questão financeira:

> *Conciliar ambas as profissões e, se possível, dar um* mix, *porém no enfoque de mecânica. Por ela, de primeiro impacto, remunerar bem. Aí enquanto eu tiver atuando na área de mecânica, eu pretendo fazer uma pós-graduação na área de ciências biológicas e começar a atuar em ensinos superiores.*

Quanto à escolha profissional de Breno, os pais eram *"bem neutros"*, apenas perguntando se ele tinha certeza a respeito da sua escolha e o apoiavam.

A noiva de Breno o apoiava a estudar e trabalhar, principalmente no que diz respeito à compreensão quando ele estava ocupado com demandas da faculdade ou do trabalho, assim como afirmava apoiá-la quanto aos estudos, pois a incentivou a entrar na faculdade de direito: *"nós compartilhamos o incentivo mútuo"*. Ela trabalhava três dias por semana *"dando auxílio em uma loja de adereços"* para complementar a renda.

A mãe de Breno tinha o nível superior completo e era advogada, mas não trabalhava diretamente na área. Tinha um cargo na Secretaria da Mulher do município de Igarassu e trabalhava com casos de *"Maria da Penha"*, nos cuidados com mulheres vítimas de violência doméstica. Para Breno, pelo fato de sua mãe ser *"superprotetora"*, ela se identificava bastante com o trabalho e, por isso, afirmou ser *"fascinado"* pela mãe: *"quase todos os meus espelhos eu tiro dela, pela dedicação, tudo. Então, tenho um respeito imenso"*. O pai, por sua vez, não havia concluído o ensino médio e estava desempregado, mas havia sido motorista de ônibus, carreta, táxi: *"também é um cara batalhador que me serve como um grande espelho. Espelho de dedicação"*.

Na época da entrevista fazia licenciatura em ciências biológicas em uma faculdade particular, no turno da noite.

Em relação a sua trajetória escolar, Breno estudou em três escolas: duas da rede privada, onde fez o ensino fundamental, e uma da rede pública, escola de referência. Afirmou ter sido *"um aluno um pouco rebelde"* durante seu ensino fundamental, principalmente até a 7ª série, período em que ficava em recuperação frequentemente. Porém, a partir de sua 8ª série mudou seu pensamento: "*eu soube que aquilo ali era um ponto decisivo, ou passava ou não, eu decidi mudar. Então essa mudança eu carrego até hoje. Dou o meu máximo pra passar em tudo que eu faço e vejo que isso tem surtido muito efeito".* Durante o ensino médio desenvolveu projetos na área de química, robótica e biologia.

A mudança da rede privada para a pública, segundo Breno, se deu por duas razões: 1) a recomendação quanto ao ensino por parte de uma tia que era professora na escola de referência; e 2) levou em conta os *"benefícios quanto à cota, quanto a programas do governo que eu poderia participar. Achei bem mais atraente"*. Considerava-se um bom aluno "*quanto a notas*" na época da escola, pois era um aluno que se dedicava aos estudos, mas passava um pouco dos limites na hora de brincar.

Suas melhores lembranças do período estavam ligadas aos projetos que fez parte, dando ênfase a um sobre o uso fitoterápico das plantas, o qual durou oito meses:

> *O projeto que eu mais me engajei foi quanto ao uso fitoterápico das plantas. Então foi prazeroso ao extremo. Foi um projeto longo, de oito meses. Passamos idealizando, pesquisando, consultando a população, então foi bem* show. *Marcou muito.*

Para Breno, essa experiência foi fundamental para sua escolha profissional: "*na escala de zero a dez eu acho que ele levou um sete. Porque o desejo por conhecer e ajudar as pessoas foi despertado instantaneamente".* Além disso, teve outra experiência durante a graduação que reforçou ainda mais seus projetos profissionais na área de ciências biológicas*:*

> *Tive a possibilidade de entrar em contato com o Laboratório de Farmacologia da Federal* [UFPE] *também. Passei três meses lá. Desenvolvemos um excelente projeto em anti-hipertensivo e foi, tipo, só agregando valores. Mesmo com pouca experiência na área superior, mas os valores agregados eu carrego até hoje.*

Vale destacar que Breno não tinha qualquer lembrança negativa de sua experiência escolar. Nesse sentido, seus pais sempre o incentivaram a estudar:

> *Eles pegavam no meu pé, me puniam, me botavam de castigo por justamente eu não dar a atenção devida aos estudos. Mas com o passar do tempo começaram a parar essas práticas e me chamar na real pra ter um papo cabeça. Então me explicaram realmente como é que funcionava a vida, me mostravam exemplos. Então isso afetou bastante minhas tomadas de decisões.*

Os pais ainda o incentivavam a estudar, principalmente através do apoio às decisões de Breno e de conselhos, sempre o deixando livre para tomar suas próprias decisões.

Uma tia, que é professora de Biologia, sempre o incentivou a seguir as áreas de medicina ou engenharia, mas nunca quis que ele seguisse biologia: *"e eu fui contra o conselho dela* (risos)*"*. Teve colegas de escola que, junto com ele, idealizavam carreiras, mas que não influenciaram diretamente sua escolha profissional. Isso porque:

> *Eu creio que a profissão, ela seja apenas um degrau pra você alcançar sua meta posterior. Então, se nós queremos ter uma qualidade de vida legal, a gente tem que se esforçar pra ter uma profissão legal, uma profissão prazerosa que você não veja apenas o lucro. Porque se você fizer isso, você vai ser eterno escravo do dinheiro. Isso não traz felicidade. Aí tentamos unir ao máximo* (risos).

A matéria de biologia foi o que despertou seu interesse pela área e, consequentemente, sua escolha profissional: *"pelos conhecimentos diversos, diversas áreas de aplicação, versatilidade".* Disse nunca ter sido *"fã"* de língua portuguesa ou matemática e quanto à biologia disse que foi *"conhecendo um pouco mais a fundo e vi que era uma coisa linda trabalhar voltado à natureza e seus benefícios"*. Quanto à mecânica disse *"ter caído de paraquedas"* na área, embora tenha se identificado bastante com o curso. Antes, enxergava a profissão de Mecânico como desvalorizada, onde os funcionários *"não recebiam o mérito devido"*. Após a vivência na aprendizagem viu que *"um mecânico ele é tão... se faz tão necessário dentro de uma planta quanto um engenheiro. E que ambos trabalham juntos, são respeitados no mesmo nível. Têm responsabilidades diferentes, mas é uma profissão excelente"*.

Seus professores da faculdade tinham conhecimento que Breno fazia o curso de aprendizagem e o apoiavam nesse sentido. Breno afirmou que tinha um bom "conhecimento"

(capital social) nas áreas de biologia e mecânica, devido às boas recomendações de ex-chefes e ex-orientadores:

> *Eles comentam que a partir do momento que eu precisar de uma vaga em laboratório ou qualquer coisa, minha vaga tá aberta por justamente já conhecerem meus passados. Então, conheceram quem foram meus chefes, meu orientador, minha co-orientadora e por eu ter sido bem solicitado por eles e bem recomendado também. Então disseram que na hora que eu quiser as portas da biologia também tão abertas e se eu precisar de contatos pra mecânica eles também têm bons amigos. Recebo apoio de todos os lados.*

Quanto à área de mecânica, seus professores da graduação tinham uma imagem estereotipada acerca da profissão, pois comentavam que achavam *"uma área um pouco suja. Por costumarem trabalhar de jaleco. E por eu já ter experiência com jaleco. Mas isso eu relevo. Por falta de conhecimento mesmo. Porque mecânico pra ser mecânico não precisa se sujar necessariamente".*

Em relação à sua escolha profissional, seus professores da graduação consideravam a área bem diversificada, pois, a princípio não identificavam relação entre as áreas. Porém, quando Breno expõe as subáreas da biologia e da mecânica que dialogam, eles entendiam sua opção. Perguntei qual seria essa relação entre as áreas. De acordo com Breno, a biologia e a mecânica têm pontos em comum:

> *Principalmente na análise de materiais. Composição, extração, uso, descarte. Então a gente analisa os impactos ambientais, possíveis causas, efeitos futuros, a longo prazo. A curto também. Contaminação. Tudo isso a gente pode tratar, dentro de um mecânico de utilidades e a biologia praticamente. Tem uma especialização em biomecânica, que ela faz em desenvolvimento também de algumas partes científicas, como órgãos mecanizados, tudo. Mas também tem essa parte da biomecânica voltada aos cuidados com a biodiversidade.*

Na época da entrevista, Breno disse que possuía apenas quatro amigos na faculdade, com os quais fazia suas atividades em grupo com frequência, pois achava sua turma *"um pouco dispersa"*. Estes achavam a área de mecânica *"meio pesada"*, mas acreditavam que a área combinasse com Breno, por considerarem-no *"pouco agitado"* e *"precisando gastar energia"* e o apoiavam *"100%"*.

O curso de ciências biológicas, segundo Breno, era bastante amplo, pois embora fosse uma licenciatura, permitia uma formação voltada também para atividades em laboratórios, campo e pesquisa. Breno gostou do curso desde o 1º período e se considerava *"como um profissional bem capacitado e... apto a qualquer eventualidade, qualquer necessidade"*.

Nesse ponto da entrevista, Breno revelou que tanto a mecânica quanto a biologia, num primeiro momento, não foram escolhas dele, pois a mãe foi quem *"conseguiu uma*

graduação" pra ele. A princípio ele não quis, mas por insistência da mãe aceitou fazer o curso e na metade do 1° período *"já não queria mais outro curso"*.

> *Ela nunca me impôs nada, porém, foi quando eu conclui meu 3º ano, ela disse: "Eu consegui uma graduação pra tu". Eu fiz: "Não, mas eu não quero". "Então, tenta. Cursa o 1º período. Se tu não gostar, tu desiste". Eu: "Tranquilo". Aí no 1º período ela me auxiliou no pagamento, foi meio a meio as parcelas e... na metade do 1º período eu já não queria mais outro curso. Então ela me influenciou dessa forma. Me auxiliou.*

Sua mãe o ajudou porque acreditava que "*tempo parado era tempo perdido"* e não queria que Breno esfriasse a cabeça do 3º ano antes de entrar no ensino superior. Além disso, ela tinha uma visão bastante estereotipada acerca de cursinhos pré-vestibulares:

> *Eu ia acabar como outros jovens, levados a noites de farra, bebedeiras, saída com a galera do cursinho, que a gente sabe que isso é comum. Então ela me pediu. Pediu por favor, eu não tivesse essas atitudes. E até eu tinha passado no pré-vestibular Portal*[47]*, da Universidade Federal, já ia fazer minha matrícula, ela fez: "Não, faça matrícula da faculdade". Eu: "tranquilo". Eu comecei e tô até hoje.*

Ou seja, sua mãe temia que Breno se dispersasse dos estudos se demorasse muito tempo a ingressar no nível superior e, por isso, o incentivou e ajudou financeiramente a ingressar em uma faculdade privada e não esperar para que ele fizesse um cursinho e entrasse em uma Universidade pública.

A opção pelo curso de ciências biológicas também não foi intencional por parte da mãe de Breno, pois foi uma oportunidade que surgiu e que ela abraçou. Na verdade, Breno pretendia prestar vestibular para a área de direito, levando em consideração a questão financeira, mas abraçou a biologia *"por já me identificar com a matéria e que bateu 100%"*. Embora tenha destacado que a escolha profissional não deveria ser pautada pela questão financeira, Breno pretendia prestar vestibular para o curso de direito, pelo retorno financeiro.

Antes do curso de aprendizagem, Breno havia feito vários cursos. Um deles foi o curso profissionalizante de *conferente de cargas*, pelo SENAI, na área de logística. Consistia nas atividades de conferência e estocagem de materiais, isto é, em atividades de almoxarifado. Breno fez o curso pelo fato de ser profissionalizante e conseguir uma profissão, mas acabou percebendo *"que o mercado tava lotado"* e que *"precisava de mais qualificação"*.

Breno também tinha um curso de *petróleo e gás*, o qual se unia às suas profissões de biólogo e mecânico, porque *"uma plataforma é simplesmente magnífico pra um biólogo-mecânico"*.

---

[47] É um pré-vestibular gratuito para alunos de escolas públicas, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da UFPE, com o objetivo de promover educação como transformação social.

Diante disso, considerava que os cursos que tinha feito tinham lhe agregado *"bastante valor"* (ideias de "vender e se vender" e "maximização de si").

Breno, no questionário, não soube responder qual era sua renda familiar e contribuía financeiramente com sua família. Já havia trabalhado antes da experiência com a aprendizagem e já tinha realizado trabalho voluntário: *"vacinação e sopão comunitário"*.

Para seus pais, Breno só deveria trabalhar como último recurso. Ele começou a trabalhar para pagar a faculdade por opção própria, para adquirir maior independência e estar perto de atingir a maioridade. Entretanto, "*eles dizem que se tiver pesado, atrapalhando meus estudos, que eu pare. Mas... orgulho próprio não deixa, não* (risos)*".* Isso porque consideravam os estudos como prioridade tanto de Breno quanto de sua irmã mais nova, que cursava o 2º ano do ensino médio.

Breno teve algumas experiências de trabalho voluntário ao longo de sua trajetória. A primeira foi sua Iniciação Científica, na qual não recebeu bolsa; a outra foi no Hospital do Câncer de Pernambuco, através de visitas, arrecadação e distribuição de cestas básicas, junto com sua noiva, e, por fim, a participação em eventos, pelo curso de ciências biológicas, voltados para a conscientização acerca do descarte de lixo. Também lecionou biologia em uma escola pelo período de quatro meses para ajudar um amigo de laboratório. Breno gostou de desenvolver tais atividades, pois pôde tirar experiências *"únicas"*, como conhecer pessoas, novos pontos de vista e realidades distintas. Tais experiências o ajudaram em suas tomadas de decisões, na questão de medir as consequências de seus atos: *"influenciaram diretamente. Assim, digamos, na pessoa que eu sou hoje. Alguns velhos hábitos eu corrigi após o primeiro contato com essas pessoas. Então vêm me moldando"*.

Há quatro anos, desde o começo de sua graduação, Breno trabalhava nos fins de semana como garçom no bar do avô, auxiliando sua tia, que era a gerente. Considerava o trabalho como *"cansativo"*, pois trabalhava bastante, mas gostava por conhecer novas pessoas e por ser remunerado. O trabalho como garçom, para Breno, não havia influenciado seus projetos futuros profissionais, pois o considerava como um *hobby*, um *"passatempo"*, o qual lhe proporcionava um acréscimo em sua renda mensal enquanto concluía seu curso superior. Breno ressaltou que, como experiência, esse trabalho o ensinou *"a conviver com pessoas distintas*", isto é, destacou que desenvolveu alguns aspectos ético-disciplinares durante essa prática de trabalho, os quais são essenciais para sua carreira profissional:

> *A partir do momento que você tá servindo a alguém, você tem que ter uma postura ética, ter um comportamento adequado pra saber falar e não ser invasivo a privacidade de ninguém. Então, me ensinou a moderar a voz, a ter mais paciência. Que na adolescência, tipo, eu era muito explosivo.*

> *Tomava decisões bruscamente, então eu vi que isso, se eu levasse pra minha vida profissional, iria me atrapalhar bastante. Então a profissão me ajudou. Ajudou a... controlar, digamos assim.*

Breno conheceu o Programa de aprendizagem através de uma seleção de emprego. Seus pais tiveram, segundo ele, pouca influência no seu estímulo a participar do curso de aprendizagem profissional.

Sua principal motivação de participar era *"adquirir conhecimento e ter uma estabilidade financeira"*. O curso de aprendizagem tinha atendido suas expectativas: *"me fez enxergar a mecânica de forma fascinante"*.

Breno contribuía mensalmente com a feira, mediante o salário que recebia como aprendiz. E metade do que ganhava, a cada fim de semana, como garçom, dava aos pais para ajudar no pagamento das contas, como a *internet*. Além disso, pagava a própria faculdade.

A ideia de contribuir foi opção de Breno e seus pais o deixavam livre para manter ou não a contribuição. Disse que sempre pensou que precisava trabalhar para contribuir em casa *"até mesmo porque depois que meu pai ficou desempregado as coisas deram uma apertadinha, mas a gente tá conseguindo driblar"*. Breno conseguia administrar bem o seu dinheiro, pois, além de ajudar em casa conseguiu fazer um consórcio e comprar algumas *"coisas"* para si.

A maior parte do salário Breno afirmou utilizar para investir em capital cultural, o que chamava de *"investimento pessoal"*, pois: *"invisto em cursos, palestras. Tô sempre focado nisso: crescimento"*.

O interesse de Breno pela mecânica só ocorreu a partir da experiência de aprendizagem *"porque na minha lista de profissões ela era uma das últimas. Mas tornou-se a primeira"*.

Interrompeu a Iniciação Científica por causa do curso de aprendizagem, provavelmente pela questão financeira, já que o PIBIC era voluntário e na aprendizagem ganharia um salário.

Breno deixou claro os seus projetos profissionais:

> *A princípio, eu não almejo ser nem mecânico pra o resto da vida, nem professor pro resto da vida. Pretendo prestar um concurso público e concursos a níveis superiores são bem atraentes quanto à remuneração. E a gama de áreas deles são excelentes. Então, um dos concursos que eu viso sempre é o de perito. Área de perícia criminal, por remunerar bem e por ser uma atividade que eu gosto de fazer. Então biologia conseguiu unir.*

Conseguiu entrar no Programa de aprendizagem quando estava procurando emprego para complementar sua renda. Foi quando surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma

empresa de *telemarketing*. Um dia antes de levar sua documentação, recebeu uma ligação e o chamaram para uma entrevista de emprego, pois tinha colocado seu currículo na empresa de vidros planos após fazer o curso de *conferente de cargas*. Na seleção havia 30 candidatos a nove vagas e Breno foi um dos selecionados.

Até a época da entrevista, Breno tinha ido três vezes à empresa, sendo um período de um mês e dois períodos de 15 dias cada. Embora tivesse ido poucas vezes, considerava as *"experiências proveitosas ao extremo. Porque conseguimos arrecadar uma gama de conhecimentos inexplicáveis, que apenas a sala de aula, ela não nos traz isso. Apenas a vivência propriamente dita nos possibilita conseguir. Foi bem proveitoso"*.

Na empresa, Breno atuava na manutenção e cuidados com a linha de produção, aprendendo bastante sobre o vidro: *"temos uma troca de experiência com os profissionais da área bem legal"* (uma *aprendizagem experiencial* nos termos de Dubar, 2009).

A experiência na empresa mudou sua visão sobre a profissão de mecânico: *"eu aprendi realmente o valor que a profissão tinha para o mercado e o impacto que a ausência dos profissionais de mecânica no mercado acarretaria. Então, mudei bastante".*

Segundo Breno, aquilo que o levou a fazer o curso de aprendizagem em mecânica, mesmo não conhecendo bem a área, foi o fato de ser desafiado, pois:

> *Quando eu fui desafiado pra esse algo novo, me interessei e busco ser bom. Então... digamos assim, a mudança brusca acaba me atraindo porque novas experiências profissionais, novos contatos, novas vivências realmente soa bastante desafiador e eu acho proveitoso isso. Esses desafios contribuem bastante pra nossa formação profissional. Desenvolvimento pessoal também.*

Suas expectativas tinham sido atendidas pelo curso, pois, a única que tinha era conhecer a área de mecânica: *"me revelou um novo mercado e me mostrou o leque de oportunidades que eu teria com o curso. Então, pra mim foi satisfatório, principalmente por saber que minha renda, ela pode aumentar consideravelmente atuando na área".*

Breno percebia maior motivação em continuar na área através da prática na empresa. Quanto às aulas teóricas, identificava que algumas disciplinas motivavam enquanto outras o desestimulavam. Isso porque:

> *Temos bons professores, mas também temos professores aqui que são bons, porém... é... não são dedicados a passar conhecimento. Alguns buscam até prejudicar o aluno, porque acabam causando um pouco de discórdia entre a sala, uma competição desnecessária entre os alunos e como somos uma turma de aprendizes... minha turma tem 20 aprendizes, aproximadamente, de empresas distintas. Acaba criando certa rivalidade por sermos profissionais ocupados e empregados, atualmente contratados, né? Então, alguns incitam essa disputa por margem salarial, por benefícios*

> *empresariais, por níveis de empresa. Eu acho isso desnecessário. Mas temos excelentes professores e que são bem capacitados.*

Sua visão sobre o que era o processo de aprendizagem havia mudado desde a sua entrada no Programa, pois via a aprendizagem:

> *Como uma oportunidade ímpar pra jovens adquirirem uma profissão e moldarem completamente seu caráter, porque a partir do momento que você é introduzido no ambiente industrial você adquire características pertinentes aos profissionais que lhe rodeiam, as pessoas que lhe transmitem conhecimento, então você acaba tendo respeito mútuo. Você também é respeitado por eles. A sua inexperiência, ela não é um fator que te atrapalha. Ela é um fator que te ajuda porque você tá aberto a mudanças. Mas isso é importante a gente ter introduzido que ser corrigido faz parte do processo de aprendizagem, que ser perfeito tá fora de cogitação já que estamos iniciando ainda.*

Esse trecho de fala ilustra bem a relevância do reconhecimento pelos pares.

Antes de participar do Programa já conhecia *"por alto"* a aprendizagem, pois tinha primos que tinham sido aprendizes em mecânica, mas que não haviam seguido a carreira. A decisão em fazer o curso de aprendizagem não teve influência de seus familiares por ter sido uma decisão mais restrita a seus pais, embora tenham ficado felizes quando tiveram conhecimento.

Quanto a planos profissionais futuros, Breno foi bem objetivo "*eu planejo crescer*", adquirir conhecimentos diversos e fazer novos cursos. Nesse sentido, cita:

> *Uma extensão pós-técnico, então foi bem atrativo pra mim. Principalmente pelo fator de remuneração, que hoje em dia na nossa sociedade é uma sociedade que necessitamos disso. Então, eu procuro sempre melhorar minha margem salarial dentro das minhas aptidões. Então se há possibilidade de crescer e ser bem mais remunerado eu vou atrás.*

Na época da entrevista, Breno tinha expectativas de ser efetivado na empresa, mesmo eles dizendo que não haveria essa possibilidade. Entretanto, tinha sido informado por um mecânico da empresa que quando fosse para lá seria treinado de forma intensiva durante um mês a pedido do chefe, junto com outro aprendiz, dentre os nove que a empresa possuía. Mesmo com essa informação, Breno disse que não tinha criado expectativas, pois havia se preparado *"pra um mercado bem competitivo"*. Caso a informação fosse verdadeira, Breno tinha interesse em ser efetivado. Se não fosse efetivado, procuraria outro emprego na área de mecânica ou na licenciatura desde que não ficasse parado, pois, para ele, seria perda de tempo:

> *Eu pretendo trabalhar agora, mantendo a qualidade de vida pra mais na frente poder aproveitar. Então, jovens que tem planos imedia... digamos, assim, de imediato, pretendem curtir a juventude, acabam se esquecendo um*

> *pouco que a área que a gente mais precisa de atenção é a velhice. Então eu pretendo curtir mais ou menos a minha fase adulta por um bom tempo.*

Também cogitava a possibilidade de lecionar biologia:

> *Meu contato com a educação... também não tenho nada, tipo, pra dizer que não quero seguir na área. Alguns profissionais não indicam seguir na área por ser uma área que não é valorizada. Mas eu creio que quem valoriza a área é o profissional. Dizem que não é um ambiente prazeroso, mas eu discordo disso. Quem faz um bom ambiente de aprendizagem é o professor, então se ele consegue atrair, é... captar a atenção dos alunos, trazer coisas novas, então você nunca cai numa rotina e as aulas são prazerosas.*

O que levou Breno a escolher a profissão foi a busca pelo *"equilíbrio financeiro"*. Embora no início tenha destacado que o fator financeiro não fosse fundamental na escolha da profissão, ao longo da entrevista sempre retomou o fato de melhorar a remuneração: *"a área que melhor me remunerar é a área que eu vou trabalhar"*. Breno pretendia seguir na área de mecânica pelo fato desta remunerar melhor do que a licenciatura que fazia, ou seja, o fator financeiro era o determinante.

Breno indicaria *"com certeza"* o curso de aprendizagem para outra pessoa, pois considerava a aprendizagem uma experiência muito válida:

> *Pelo fato de simplesmente ele adquirir novas experiências, novos contatos, novas vivências e quando eu entendo que realmente um curso, ele pode influenciar sim na mudança de uma pessoa. Então a forma que ele age dentro de casa, ajuda sua família. Todas as experiências adquiridas são válidas.*

Nesse sentido, perguntei se Breno identificava alguma mudança em si após a passagem pelo curso de aprendizagem. Ele acreditava ter mudado quanto à sua organização pessoal: "*eu era um jovem, assim, 'largado', não ligava muito pra minha organização, organização do meu quarto, e após a vivência dentro da empresa, necessidade de se manter limpo, manter organizado, refletiu no meu dia a dia. Meus pais agradecem por isso* (risos)". Esse trecho mais uma vez deixa claro que a experiência na empresa foi mais determinante do que no SENAI, ou seja, a prática foi mais relevante, para Breno, do que a teoria. "*tenho que adquirir o máximo de experiências positivas pra ser um profissional bem sucedido*".

Embora Breno tenha, a princípio, dado uma resposta um pouco vaga quanto aos seus planos futuros *("crescer"*) próximo do final da entrevista apresentou metas bastante claras e metódicas em relação a aspectos pessoais e profissionais:

> *Venho sempre conversando com meus pais. Até meus 25 anos eu preciso ter casa própria, carro e família constituída. Isso bem constituído. Então, eu preciso correr atrás pra atingir minha meta de até meus 25 anos. Até meus 30 anos eu já tenho outros planos pra desfrutar tudo que eu conquistei e assim gradativamente. Vou fazendo planos de acordo com o que eu posso*

> *alcançar. Então, tendo em vista que eu acabo minha faculdade com 21 anos, eu tenho quatro anos aí pra lutar, melhorar a margem salarial, me qualificar melhor pra poder alcançar meus objetivos.*

Breno frequentava a igreja e já havia lecionado para crianças de 2-3 anos sobre a Bíblia: *"vi como captar a atenção deles e, como eu vejo, sempre falar de Deus é uma coisa que sobressai qualquer experiência"*.

Breno praticava vôlei e chegou a conquistar títulos pelo seu município. Depois passou a lutar *tae-kwon-do* e parou por falta de tempo e na época da entrevista fazia apenas musculação. Essas atividades tiveram apenas caráter de lazer, não influenciando seus planos e metas futuras.

Pretendia trabalhar e estudar após o fim do curso de aprendizagem.

Sobre a trajetória de Breno, destaco uma primeira ruptura biográfica significativa, qual seja, ter começado a estudar e trabalhar cedo, por opção própria, aos 18 anos. Segundo Breno, seus pais reconheciam seus esforços em construir um "*bom currículo*", ou seja, a busca pelo capital cultural (credenciais educacionais, nas palavras de BOURDIEU, 2005), embora considerassem como prioridade os estudos, em detrimento do trabalho.

Nesse sentido, Breno investia a maior parte do salário como aprendiz com cursos, palestras etc., em suas palavras, "*investimento pessoal*" (aqui retomo a ideia de "vender e se vender", de Castel, 2005), pois estava focado em seu "*crescimento*". Ou seja, seu foco maior era adquirir capital cultural (conhecimentos técnico e escolar) visando crescer profissionalmente: "*tenho que adquirir o máximo de experiências positivas pra ser um profissional bem sucedido*". Na visão de Breno é possível perceber a reprodução do discurso da "empregabilidade" o qual atribui culpa ao indivíduo em relação ao fracasso, quando o jovem destaca a necessidade de se esforçar para ter uma profissão legal e prazerosa:

> Como todas as precondições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar o indivíduo produtivo e competitivo em todas as esferas da vida simplesmente não são percebidas, o fracasso dos indivíduos das classes não privilegiadas pode ser percebido como "culpa" individual (SOUZA, A., 2012, p. 24).

Em suma, a apropriação dos capitais cultural e econômico era o grande foco de Breno para, posteriormente, adquirir o capital simbólico (ser um "*profissional bem sucedido*").

Outro ponto de ruptura foi o fato de, embora o jovem afirmar que "*eu sempre tomei minhas decisões quanto a profissionalismo*", foi sua mãe quem o estimulou a ingressar no ensino superior, temendo que o filho se dispersasse dos estudos. Apesar de Breno gostar da área de biologia desde a escola, a escolha pela licenciatura em ciências biológicas não foi inicialmente sua. A mãe de Breno foi quem conseguiu a graduação para ele em uma faculdade

privada. Tanto que, a princípio, não gostou da ideia, mas por insistência de sua mãe, que, segundo ele, era "*superprotetora*", acabou aceitando essa "*mudança brusca*", que como ele mesmo falou: "*a mudança brusca acaba me atraindo porque novas experiências profissionais, novos contatos, novas vivências realmente soa bastante desafiador e eu acho proveitoso*". Essa fala de Breno ilustra bem a situação denominada por Dubar (2009) como "precariedade identificante", pois o jovem vê como positivas a "*mudança brusca*", "*novas experiências*", "*novas vivências*" em detrimento da "estabilidade", as quais contribuíam bastante para a sua formação profissional e pessoal.

Por insistência da mãe e sua ajuda de 50% na mensalidade durante o 1º período, Breno começou a fazer o curso e gostou. Para justificar essa "escolha", creditava sua escolha pela biologia à experiência que teve em um projeto da escola sobre o uso fitoterápico das plantas, pois foi onde teve despertado o desejo de conhecer a área e ajudar às pessoas. Após ingressar no nível superior teve a experiência no PIBIC na UFPE que acabou reforçando sua escolha.

Interessante que Breno tinha uma tia que era professora de biologia, mas que não o incentivava a seguir a profissão, mas sim medicina ou engenharia.

Outra ruptura (LAHIRE, 2004) importante foi o fato de que ele "*caiu de paraquedas*" na mecânica. Antes tinha uma visão negativa quanto à profissão de mecânico, visão esta que mudou após a experiência do curso de aprendizagem e acreditava ser uma "*profissão excelente*". A expressão "cair de paraquedas" ilustra bem a situação de deriva ou trajetória estremecida vivenciada pelo jovem.

Essa sua concepção acerca da mecânica ("*uma profissão excelente*"), assim como a visão contrária de Kaio (perfil 10), é um reflexo da experiência que tinha na empresa. Pelo ambiente da empresa ser propício para a aprendizagem, era uma experiência rica e positiva, o que reforçava sua escolha pela mecânica juntamente com a biologia, a qual era também uma área onde Breno tinha experiências positivas e enriquecedoras. Devido a tais experiências, Breno tinha dificuldade em optar por uma área ou outra, encontrando como a melhor solução conciliar ambas, isto é, ser um biólogo-mecânico.

Embora tivesse ido poucas vezes à empresa, Breno destacava o quanto havia aprendido: através de expressões como "*conhecimentos inexplicáveis*" e "*experiências proveitosas ao extremo*", o que mostra a relevância da experiência prática na empresa: aprendizagem experiencial, pois aprendia bastante com os profissionais da área.

Afirmou que novos desafios decorrentes de novas experiências profissionais eram importantes para sua formação profissional e para seu desenvolvimento pessoal, isto é, uma situação de "precariedade identificante" (DUBAR, 2009).

Alguns familiares de Breno (avô e tio) eram mecânicos e, por isso, ele tinha "*apoio total*" por parte da família em seguir a área.

Breno apresentou projetos bem definidos quanto à sua vida pessoal e profissional, mas destacou: "*vou fazendo planos de acordo com o que eu posso alcançar*", ou seja, nos termos de Velho (2004) seus projetos vão se moldando a partir do campo de possibilidades que se apresenta para ele.

Vale ressaltar que Breno identificava um diálogo entre a biologia e a mecânica e, por isso, queria seguir ambas, porém, tendo maior foco nesta última devido ao retorno financeiro mais imediato. Embora ressalte ao longo da entrevista que não se deve escolher a profissão só pela questão financeira, na pergunta sobre se conseguia identificar o momento que escolheu a profissão, não conseguiu identificá-lo e ainda respondeu ter levado em consideração a profissão que melhor lhe remunerasse entre mecânica e biologia. Antes de ingressar nessas áreas, Breno chegou a cogitar seguir a área de direito, devido ao retorno financeiro.

Durante a entrevista, Breno afirmou ter as "*portas abertas*" (capital social) da biologia e da mecânica, devido às experiências anteriores, o que lhe proporcionara boas recomendações por parte de ex-chefes e ex-orientadores.

No final das contas, pareceu-me que a balança, que apresentava bastante equilíbrio entre as áreas, pesaria mais para a biologia do que para a mecânica e a questão financeira seria determinante para seus projetos profissionais. Pois, embora ao longo da entrevista, Breno mantenha em equilíbrio as duas áreas como sua escolha profissional, próximo ao fim da entrevista, define sua principal meta como um concurso público na área de perícia criminal, a qual está ligada à biologia, mas nada tem a ver com a mecânica.

Porém, só a partir do segundo contato é que seria possível identificar qual área foi preponderante em seus projetos profissionais, mas, infelizmente, não consegui contatá-lo mais uma vez.

6.1.3 Entre projetos e possibilidades

No presente tópico apresento os perfis de Maria, Aryane, Diana e Larissa, os quais têm em comum a relação entre seus projetos pessoais referentes aos estudos e ao trabalho e o campo de possibilidades para a realização desses planos. Em suas falas ficou clara a existência de uma tensão entre o que era por elas planejado e as condições (principalmente materiais) de realização desses planos, o que, em alguns casos as levavam a não seguir a área que desejavam, tendo a questão financeira como prioritária, pelo menos no atual momento de

suas vidas, deixando o desejo de seguir uma profissão em suspensão, enquanto se dedicavam a outra área devido ao retorno financeiro mais imediato.

6.1.3.1 Perfil 6: Maria (SENAI) – a que tem a irmã como "orientadora" profissional

> A minha irmã que me incentivou a fazer [o curso de aprendizagem]. Ela que conseguiu pra mim. Ela me incentiva em tudo. Se eu quiser fazer um curso e eu não tiver trabalhando ela vai e paga. Sempre ela me incentivou, essa minha irmã.
>
> Tem muita escola, tem muito cursinho, né? Preparatório na área de matemática. Então eu posso dar aula, trabalhar e através disso ter recurso, né? Pra investir na minha carreira (MARIA, 22 anos).

Para selecionar Maria, o que me chamou mais atenção foi o fato de o curso de aprendizagem em *técnico de mecânica industrial* do SENAI já ser o terceiro curso técnico que Maria estava cursando. Ela estava vinculada a uma multinacional de bens de consumo, como alimentos, bebidas, produtos de limpeza e higiene pessoal, mas ainda não tinha experiência prática na empresa (a mesma de Júnior).

A entrevista aconteceu em junho de 2017 e fluiu muito bem, pois ela era uma jovem que gostava de falar, apresentando respostas bem detalhadas sobre as questões que fiz, necessitando de pouco estímulo de minha parte.

Maria tinha 22 anos de idade no momento que a entrevistei. Era solteira, declarava-se preta, não possuía filhos, tinha seis irmãos, morava com a mãe e outros parentes havia 17 anos, na cidade do Cabo de Santo Agostinho, em uma casa própria.

Sua renda familiar, apesar de morarem quatro pessoas em sua casa, estava entre 1 e 2 salários mínimos. A principal fonte de renda de Maria era seu salário como aprendiz e ainda ajudava financeiramente sua família.

Ela não frequentava qualquer grupo, entidade ou associação, nunca tinha trabalhado antes do curso de aprendizagem, porém, havia realizado trabalho voluntário: "*arrecadei alimentos* [não] *perecíveis para um abrigo de criança*".

Maria nasceu em Pernambuco, mas foi morar em São Paulo ainda muito nova e acabou sendo registrada lá. Na época, morava com os pais e mais quatro irmãos (sendo três meninas e um menino). Voltou para Pernambuco quando tinha cinco anos de idade. Quando seus pais se separaram, passou a morar com o pai. Posteriormente, foi morar com a mãe e logo em seguida seu pai faleceu. Na ocasião da entrevista morava com a mãe e o padrasto.

Segundo Maria, teve uma criação boa por parte dos pais e considerava seu convívio com os familiares como amigável: *"eu acho que amigável, tudo, a gente tava numa situação,*

passando pela situação de dificuldade, a gente sempre tava junto". Aspecto que, para ela, não havia mudado durante sua fase adulta.

Ela nunca foi incentivada a seguir uma determinada carreira por parte dos pais e familiares. Cabe ressaltar que Maria disse não saber o que seus familiares achavam sobre ela fazer o curso de aprendizagem. Ela concentrou sua resposta no que pensava uma de suas irmãs mais velhas, a qual a incentiva quanto à esfera profissional e que conseguiu colocá-la no Programa: *"a minha irmã que me incentivou a fazer. Ela que conseguiu pra mim. Ela me incentiva em tudo. Se eu quiser fazer um curso e eu não tiver trabalhando ela vai e paga. Sempre ela me incentivou, essa minha irmã".* Ao longo da entrevista, ficou claro o papel central que essa sua irmã tinha em relação aos estímulos e incentivos referentes às escolhas formativas e de profissão de Maria. Essa irmã funcionava como a mãe de Fernando, como um tipo de *coaching*. A diferença é que a mãe de Fernando tinha formação na área de recursos humanos, o que lhe conferia certo capital social no mundo do trabalho.

A mãe de Maria, por sua vez, apenas *"achava bom"* sua participação no Programa pelo fato da filha trabalhar, o que demonstrava não haver um acompanhamento, estímulo ou incentivo mais efetivo por parte de seus pais, sendo função exclusiva da irmã mais velha. Outro indício nesse sentido é a resposta de Maria sobre o que pensavam seus pais e familiares acerca da área de mecânica: *"a minha mãe não entende nada, mas minha irmã, ela acha uma área boa, de mecânica. Ela vê lá, sempre me diz fonte de... tipo, um* site *que ela vê que... da mecânica, se atualizou alguma coisa, ela sempre tá por dentro e me dizendo"*. E mais uma vez, Maria quando perguntada sobre a opinião dos pais e familiares a respeito de sua escolha profissional por engenharia de produção, concentra sua resposta na figura da irmã: "*é uma área que eu acho que vem crescendo, né? E eu acho... não eles, mas minha irmã, ela sempre incentiva fazer engenharia porque... tipo, eu domino um pouco a matemática, né? Aí ela acha bom eu fazer".*

Além da irmã, Maria recebia incentivo por parte do namorado, o qual também era mecânico: *"quando eu tô com uma dificuldade do tipo, aí ele me incentiva a estudar, buscar. Sempre tá trazendo material de lá da empresa dele pra mim ver como é o mercado de trabalho"*.

A mãe de Maria sempre foi dona de casa, enquanto o pai "*sempre trabalhou de... o que aparecia ele trabalhava, de ajudante, ele já trabalhou em almoxarifado, aí... só isso mesmo".* Não achava legal o trabalho do pai, pelo fato de ele não ter uma profissão e trabalhar "*do que aparecia*". Ela acreditava que isso acontecia porque *"naquela época o povo num... num ia tanto estudar, querer estudar, né? Tipo, ele estudou só até o ensino fundamental I.*

Meu pai só estudou até a 4ª série". Quanto ao trabalho da mãe no lar, achava que ela deveria ter buscado mais para construir um futuro melhor, mas compreendia que ela teve um papel importante na criação dos filhos e no desempenho destes na época da escola:

> *Também foi bom que ela incentivou muito na criação, tava acompanhando sempre na escola, essas coisas, a gente. Tinha uma pessoa, né? Imagina se os dois trabalhassem e deixasse a gente, os filhos dela na mão de alguém? Aí pra tá na escola, alguma coisa na escola, sempre ela tava lá em reuniões, tudo. Sabendo as notas, essas coisas.*

Quanto à escolaridade, Maria havia concluído o ensino médio em escola pública. Seus pais tinham o ensino fundamental incompleto.

A trajetória escolar de Maria teve início em Pernambuco aos cinco anos de idade, já na alfabetização, sem passar pelo pré-escolar:

> *Eu fui pra alfa porque eu era muito avançada e, tipo, o pré ensinava coisa de... como é que eu posso dizer? Coisa bem infantil mesmo, conhecer as vogais, essas coisas, né? Que é o início de tudo. Mas eu tava muito avançada porque sempre a gente brincava de escolinha em casa, meus irmãos tudo, aí minha irmã sempre tava ensinando a gente. Aí quando eu fui pra escola eu já sabia o alfabeto, as vogais tudo, já soletrava tudinho, aí fui pra alfa, comecei na alfa.*

Mais uma vez aqui surge a irmã como a pessoa responsável pela esfera educacional não só de Maria, mas dos demais irmãos.

Maria assim que começou a alfabetização se destacou das demais crianças pelo fato de que *"já sabia tirar do quadro"* e, por isso, foi promovida para a 1ª série. Entretanto, começou a apresentar dificuldades e a diretora da escola orientou aos pais de Maria que ela voltasse para a alfabetização.

Durante sua trajetória escolar, Maria sempre se identificou com a matemática, inclusive indo bem nas Olimpíadas da Matemática[48], na qual, em uma oportunidade, chegou à terceira fase, mas desistiu. Diante disso, considerava-se uma aluna boa na época escolar, pois só tirava *"nota boa"*.

Embora a irmã figurasse como a principal incentivadora de Maria, seus pais, segundo ela, também sempre a incentivavam a estudar, principalmente pagando cursos para ela, como o de informática, por exemplo. Também a estimulavam a ler e a estudar. E mais uma vez destacou a presença recorrente de sua mãe nas escolas em que estudou: *"tudo ela tava*

[48] Criada em 2005, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), segundo seu *site*, "é um projeto nacional dirigido às escolas públicas e privadas brasileiras, realizado pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada - IMPA, com o apoio da Sociedade Brasileira de Matemática – SBM, e promovida com recursos do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC", com o objetivo de estimular o estudo da matemática e identificar talentos na área.

perguntando como tava. Quando menos esperava ela tava na frente da escola, sempre foi assim".

Nessa parte da entrevista Maria disse que sua irmã, a qual tinha 26 anos na ocasião, a ajudava quanto aos estudos por ter concluído seu percurso escolar primeiro e por ser mais velha.

Incentivada pela irmã, Maria, na época da escola, havia sido aprovada na prova para sargento do exército da "*ASA*"[49], para cursar o ensino médio na instituição, mas o pai não a deixou ir.

Durante a escola teve uma professora de matemática que a incentivava a seguir a área, inclusive quando acabou o ensino médio, pensava em fazer licenciatura em matemática, mas como não estava trabalhando na época, desistiu de fazê-la.

No momento da entrevista, não pensava com tanta frequência em seguir a matemática. Pretendia fazer engenharia, que poderia ser de segurança, mecânica, mas preferencialmente de produção, devido aos três cursos técnicos que tinha. A matemática era tida por Maria como uma área que a possibilitaria conseguir um emprego com maior facilidade:

> *Possa ser que... pelo mercado que eu vejo, possa ser que eu faça mais um pouco na frente porque já é um... licenciatura eu posso trabalhar pelo governo, pela prefeitura e daí eu vou ter recurso pra pagar uma faculdade, entendeu? Aí eu penso assim. Tipo, ano que vem eu vou começar uma faculdade, aí se eu não conseguir eu ganho uma bolsa pagando 203 reais de licenciatura em matemática. Aí, tipo, vou ver se eu faço.*

Durante o ensino fundamental, gostava da disciplina de ciências e pensava em fazer medicina, porém, quando chegou ao ensino médio decidiu fazer engenharia e a matemática teve bastante influência nessa escolha, pois *"na engenharia tem muita matemática. A base é matemática, né?"*.

Como ressaltei, antes de ingressar no Programa já havia feito dois cursos técnicos, quais sejam: *técnico em segurança do trabalho* e *técnico em logística*, ambos pelo SENAI.

Em 2012, conseguiu uma vaga pelo Pronatec no curso de *segurança do trabalho* e, apesar de ter gostado muito da área, não a seguiu porque *"é muito difícil encontrar emprego nessa área"*. No final do ensino médio, em 2013, passou na prova do SENAI para o curso de logística, mas já no primeiro período, percebeu que não se identificava com a área e não queria segui-la, embora tenha concluído, pois *"eu peguei e disse: 'Ah, não vou desistir, não. Não tenho nada pra fazer, tipo, vou continuar'"*. Vale ressaltar que Maria não citou a falta de

[49] Na verdade, a sigla correta é EsSA, Escola de Sargentos das Armas, instituição de ensino superior (nível tecnólogo) do Exército Brasileiro, responsável por formar Sargentos Combatentes de Carreira das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações.

emprego na área de logística como um empecilho para seguir a área, como citado por outros jovens, mas sim a não identificação com a atividade. Já em relação à *segurança do trabalho*, a falta de oportunidades de trabalho foi o fator decisivo para não segui-la. Para Maria, esses cursos não influenciavam seus projetos profissionais futuros, mas contribuíam apenas quanto à *"aprendizagem e o conhecimento mesmo da área"*.

Os pais de Maria não a incentivavam a trabalhar. Maria já havia decidido a profissão que seguiria: engenheira de produção. Seus pais tiveram muita influência em seu estímulo a participar do Programa.

A experiência que Maria teve com trabalho voluntário foi durante uma disciplina de Projeto no curso de *segurança do trabalho*. Os alunos arrecadaram alimentos na comunidade e levaram para um abrigo de crianças próximo ao SENAI onde fazia o curso. Maria afirmou ter gostado muito da atividade, mas não havia identificado qualquer influência em seus projetos futuros, apenas quanto à *"cidadania"*, isto é, *"prestar mais serviços sociais, essas coisas. As pessoas necessitadas, né? Contribuir assim, né? Porque eu mesmo futuramente quando eu tiver condição, eu quero tá ajudando essas pessoas, entendeu? É isso"*.

Maria ajudava a mãe pagando as contas da *internet*, da energia e entregava o cartão alimentação para contribuir com a feira, além de colaborar quando acabava o gás, por exemplo. A atitude de contribuir financeiramente partiu de Maria por achar importante ajudar nas despesas de casa.

O salário de Maria como aprendiz estava sendo gasto principalmente com o pagamento de um preparatório para concursos. Porém, há pouco tempo antes da época da entrevista ela havia parado o curso para investir na construção de sua casa e pretendia voltar ao curso quando esta estivesse pronta.

Maria chegou ao Programa de aprendizagem por intermédio de sua irmã, a qual havia levado seu currículo para a empresa duas vezes. Na primeira vez, ela não tinha tempo de conciliar a escola e o curso técnico que fazia com a aprendizagem. Porém, na segunda oportunidade conseguiu ser aprovada na seleção da empresa.

Maria era um dos aprendizes que ainda não tinham ido realizar a prática na empresa. Os aprendizes dessa empresa só haviam ido até lá para a realização de exames (incluindo Júnior e Flora, perfil 15). Quanto às expectativas que tinha em relação à prática na empresa que começaria na semana seguinte ao da realização da entrevista, esperava *"oportunidade, né? Eu espero que eu coloque tudo aquilo que eu aprendi aqui no SENAI na teórica, teoria... o que eu aprendi na teoria, colocar em prática e ver se eu consigo, né, uma vaga lá na área, na mecânica"*.

Para Maria, ser aprendiz, além de *"aprender"*, era *"buscar conhecimento na parte teórica. Pra quando tiver a oportunidade, adquirir, né? Na prática, ter o conhecimento. É isso. Pra mim é isso".*

Sua principal motivação foi "*ter uma carreira profissional, conhecimentos para colocar em prática tudo aquilo que foi adquirido no decorrer do Programa*". As expectativas de Maria em relação ao curso de aprendizagem, não tinham sido atendidas, pois *"eu esperava mais da rede de ensino do SENAI. Algumas disciplinas... é... deu pra superar, né, as minhas expectativas, mas algumas, não. Tinha... eu esperava mais, tipo, de aula prática. Mais de tudo, aula teórica"*. Porém, na resposta ao questionário afirmou que suas expectativas tinham sido atendidas: "*porque adquiri o conhecimento necessário para colocar em prática em uma indústria como aprendiz*".

E acrescentou que o curso de aprendizagem teve poucas aulas práticas, inclusive só havia utilizado a oficina para aulas práticas em 3 ou 4 disciplinas ao longo de aproximadamente um ano e meio. Ou seja, nem todas (ou a grande maioria) das disciplinas não realizaram aulas práticas na instituição formadora, o que no caso de Maria, Júnior e Flora era ainda mais prejudicial tanto para a formação quanto para a questão identitária, pois não tinham a prática na empresa. Os aprendizes que frequentavam suas respectivas empresas ainda tinham a possibilidade de aprender na prática (como vimos em algumas entrevistas – Breno e Fábio, por exemplo) aquilo que viam na teoria, enquanto que esses três só haviam tido formação teórica. Maria exemplifica o quanto a prática na instituição formadora seria importante para seu aprendizado: *"tem uma disciplina de lubrificação*[50]*, a gente poderia ver mais, ter mais. Aqui tem oficina, tem tudo, mas a gente não viu nada de lubrificação. A gente não chegou a fazer uma lubrificação numa peça, numa máquina aqui. Só teoria".*

Cabe ressaltar que Maria, quando questionada acerca da contribuição das aulas teóricas para seus projetos futuros profissionais, apenas conseguiu relacioná-las com seu gosto específico pela matemática, mas não pela engenharia propriamente dita:

> *Tem uma disciplina que a gente trabalhou com matemática, aí é a disciplina que eu* (risos) *mais gostei, né? Aí, tipo, coisa nova, né? Que eu não sabia, que trabalhar com matemática, aí na área de mecânica trabalha com milímetro, aí tinha milímetro pra transformar pra polegada. Polegada fracionada, essas coisas. Aí pra mim foi uma novidade. A disciplina foi... Metodologia*[51].

[50] A disciplina é *Manutenção de Máquinas e Equipamentos Mecânicos*, com carga horária de 220h.
[51] Na verdade, o nome da disciplina é *Metrologia*, que consiste no estudo das medições e suas aplicações.

Maria via a aprendizagem de forma diferente de antes de participar do curso, pois, como já havia feito dois cursos técnicos no SENAI do Cabo de Santo Agostinho, imaginava que o ensino na instituição do Recife seria do mesmo nível, o que para ela, foi frustrante: *"o ensino de lá é totalmente diferente do ensino daqui. Aqui eu esperava mais, eu achei que tava no mesmo patamar de lá, por ser uma rede SENAI, né? Mas não é, eu não achei".*

Quanto a planos futuros, Maria apresentou um a curto prazo, qual seja, *"arrumar um emprego fixo"*. Em relação aos estudos, afirmou ter conseguido no ano anterior um curso de logística em nível tecnólogo, mas não quis cursá-lo por não ter gostado da área e por um tempo não pensou mais em ingressar no nível superior, devido à falta de condições financeiras. Entretanto, pretendia no ano seguinte (2018) *"fazer uma faculdade"* na área de matemática ou engenharia.

Mais uma vez, Maria expôs seu pensamento em relação à matemática como uma área onde poderia conseguir *"emprego fixo"* com mais facilidade do que a engenharia e, por isso, tinha essa dúvida entre um curso ou outro: *"tem muita escola, tem muito cursinho, né? Preparatório na área de matemática. Então eu posso dar aula, trabalhar e através disso ter recurso, né? Pra investir na minha carreira".*

Maria não enxergava uma carreira na área de matemática, apenas a concebia como uma área próxima da engenharia e que podia proporcioná-la maiores chances de permanecer no mercado de trabalho (nada mais do que a concepção de "empregabilidade") e recursos financeiros para investir em sua carreira. Maria conseguia informações sobre as duas áreas através de pesquisas na *internet* e por meio de um vizinho que trabalhava como engenheiro civil.

Nesse sentido, a passagem pelo Programa de aprendizagem também tinha influenciado os projetos futuros de Maria, pois caso fosse efetivada pela empresa e atuasse na mecânica poderia da mesma forma investir em seu curso de engenharia, não necessitando da "ponte" construída pela matemática. Ela contava com essa possibilidade por ter o desejo de continuar na área de mecânica: *"eu gostei muito da área. Eu não passei um ano e seis meses aqui no SENAI à toa, não, né? Adquiri um conhecimento, aí eu quero colocar em prática e... através disso ter recurso, como eu falei, pra pagar a universidade"*.

Embora não tenha gostado da área de logística, foi através de um professor do curso técnico, que estudava engenharia de produção, que despertou seu interesse e sua escolha pela profissão, pois constantemente: *"falava muito da faculdade dele, tudinho, comigo. Aí eu quis ter o conhecimento, busquei saber. Através dele, né? Desse professor e também pela* internet,

pesquisei". Esse exemplo mostra o quanto as experiências sociais podem influenciar nas decisões, escolhas e projetos profissionais dos aprendizes.

Embora tenha dito que suas expectativas não tinham sido atendidas, Maria afirmou que indicaria o curso de aprendizagem para outra pessoa, pois era:

> *Uma forma mais fácil de você buscar um conhecimento teórico, né? E, tipo, aprendiz já diz que é quem... como eu posso dizer? É uma pessoa, assim, que não tem experiência, né? Justamente é os jovens que participam, que quer entrar no mercado de trabalho. Então, esse é o meio mais... fácil que tem, tipo, não é fácil entrar, né? Mas, tipo assim, mas de você ganhar, tipo, um curso, receber por aquilo que você tá estudando, ainda de ter um conhecimento teórico que você vai ter, vai chegar na empresa e adquirir quem sabe um... você não recebe uma oportunidade da empresa e comece... e goste da área, né, e seguir em frente.*

No momento da entrevista, Maria tinha expectativa de ser efetivada pela empresa, mesmo não tendo ainda trabalhado lá, isso porque a empresa costumava oferecer oportunidades. Com o fim do curso, pretendia trabalhar e estudar.

O primeiro aspecto que destaco sobre a trajetória de Maria é o fato de que, no decorrer da entrevista, ficou bastante claro o papel fundamental que a irmã mais velha tinha em sua vida, a qual parece ser mais presente nas orientações referentes à sua vida acadêmica e profissional.

Percebi que por seus pais serem pessoas bastante simples, com baixo capital cultural, a irmã de Maria era quem cumpria a função que geralmente é atribuída aos pais.

Essa foi a tônica da entrevista: "*a minha mãe não entende nada, mas minha irmã...*". Boa parte das perguntas referentes aos pais foi respondida por Maria com referência a sua irmã mais velha. Desde criança Maria era estimulada por parte de sua irmã a estudar, a qual a ensinou a ler ainda em casa, antes mesmo de frequentar a escola. Também por incentivo da irmã, Maria foi aprovada no exame para sargento do exército, mas o pai, que ainda era vivo na época, não havia a deixado ir para outro estado, o que mostra que, para o pai, o crescimento escolar não era uma prioridade. Os pais parecem ser alheios a esse aspecto, embora ela destaque a forte presença da mãe na sua trajetória escolar.

Embora a irmã merecesse destaque em relação ao estímulo aos estudos, a sua mãe também acompanhava seu desempenho na época da escola, estando sempre presente e se informando quanto ao desempenho de Maria. Além da irmã, Maria era incentivada a seguir a área de mecânica pelo namorado, que também era mecânico. Aqui fica clara a pluralidade das "influências" externas, nas palavras de Lahire (2004).

Sua irmã então assumia esse papel. Por exemplo, a irmã foi quem conseguiu o curso de aprendizagem para Maria, pois trabalhava na empresa em que surgiu a vaga.

Outro ponto que merece ênfase é o investimento que Maria fazia na apropriação de capital cultural, pois, além de o curso de aprendizagem ser o terceiro de nível técnico que fazia, até pouco antes da realização da entrevista estava pagando um curso preparatório para concursos, o qual teve que suspender para investir na construção de sua casa. Para Maria, as experiências nesses cursos técnicos não tiveram relação direta com sua escolha profissional, mas foram importantes apenas no sentido de conhecer as áreas.

Maria esperava mais do curso de aprendizagem do SENAI, tanto no que diz respeito às aulas teóricas, quanto práticas, por comparar com as experiências anteriores ("*o ensino lá [Senai do Cabo de Santo Agostinho] é totalmente diferente do ensino daqui*"), as quais por não serem de aprendizagem talvez tenham oferecido mais aulas práticas na oficina, diferentemente do curso de aprendizagem, o qual focava mais na teoria, deixando a prática para a empresa e, no caso de Maria, não havia acontecido ainda essa prática, o que provavelmente a frustrava: "*a gente não chegou a fazer uma lubrificação numa peça, numa máquina aqui. Só teoria*".

O terceiro e último aspecto está relacionado a seus planos profissionais. Maria desde cedo demonstrou aptidão para a matemática. Ao fim do ensino médio, ela cogitou fazer licenciatura em matemática, mas desistiu da ideia, pois não estava trabalhando nesse período. Cabe ressaltar que Maria não cogitava ao longo da entrevista cursar uma Universidade pública, o que ficou claro também em outras entrevistas e no questionário, que apresenta apenas dois aprendizes universitários da rede pública. Durante um tempo Maria não mais pensou em cursar o nível superior por não ter condições financeiras.

Na ocasião da entrevista, Maria não tinha como foco a matemática, mas sim a engenharia, preferencialmente de produção, área que tinha maior relação com os cursos técnicos que possuía. Era nessa profissão que Maria teria a possibilidade de linkar os diversos conhecimentos (capital cultural) adquiridos nos três cursos técnicos (*segurança do trabalho*, *logística* e *mecânica industrial*).

Afirmou ser muito difícil encontrar emprego na área de *segurança do trabalho* e, por isso, não seguiu a profissão. Quanto à logística, o fator que a afastou foi a falta de identificação, a qual havia ficado clara, para ela, já no 1º período do curso. Ainda pensou em seguir a área de direito, mas durante o ensino médio, a matemática a direcionou para a área de engenharia.

Interessante perceber que Maria via a matemática como um caminho mais curto para conseguir um emprego e investir na engenharia, daí a relação entre projeto e campo de possibilidades.

> As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (VELHO, 2003, p. 47).

Maria tinha o projeto de ser engenheira de produção, porém, na ocasião da entrevista não via a possibilidade de atingir esse objetivo por não ter condições financeiras de pagar uma faculdade, isto é, o campo de possibilidades que se apresentava a ela não oferecia condições de realização desse projeto, daí pensar em usar a matemática como uma "ponte" para atingir sua meta.

Nessa direção, a matemática, para Maria, não era vista como uma opção de carreira, mas uma área (capital cultural) que lhe garantiria uma maior "empregabilidade" para posteriormente possuir condições financeiras (capital econômico) para investir na engenharia (novo capital cultural).

Assim como fazia Breno, que buscava juntar duas áreas com as quais se identificava – mecânica e biologia –, Maria via a engenharia como uma área na qual poderia conciliar duas áreas que gostava, quais sejam: a matemática e a mecânica: "*na engenharia tem muita matemática. A base é matemática, né?*".

Por fim, acho relevante pontuar o fato de tanto Júnior quanto Maria, em suas falas, exteriorizarem o desejo e a expectativa de conseguirem uma vaga na área de mecânica quando fossem à empresa, o que mostrava que não necessariamente os aprendizes dessa empresa faziam sua prática ligada aos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas, o que ficou até mais claro nas segundas entrevistas de Júnior e Flora.

6.1.3.2 Perfil 7: Diana (CIEE) – entre o bolso e o coração (logística ou psicologia?)

> Minha mãe diz: "Não sei por que tu tá fazendo logística se a gente vê que tu é louca por psicologia".
>
> Eu entrei em logística nessa esperança de conseguir pagar minha faculdade de psicologia (DIANA, 19 anos).

Em relação à Diana, além dos critérios no apêndice D, o que me chamou a atenção e me fez selecioná-la foi a diferença entre as áreas em que era aprendiz, o curso tecnólogo que fazia e a área que desejava seguir profissionalmente. Por meio da entrevista, busquei entender um pouco essa particularidade de escolhas por parte da aprendiz.

A entrevista ocorreu em maio de 2017. Diana era uma jovem que se expressava muito bem e que gostava de falar, o que enriqueceu bastante a entrevista. Ela estava matriculada no curso de *ocupações administrativas* do CIEE-PE e trabalhava em uma empresa de diagnósticos por imagem, como tomografia e ressonância.

Na ocasião da entrevista, Diana tinha 19 anos de idade, era solteira, sem filhos e possuía três irmãos. Seus pais eram separados desde os seus dois anos de idade. Morava com a mãe em uma casa alugada, na cidade de Jaboatão dos Guararapes havia sete anos. Antes morava no município de São Lourenço da Mata.

A renda familiar de Diana estava entre 1 e 2 salários mínimos, sua principal fonte de renda era o salário como aprendiz e contribuía financeiramente em casa.

Diana afirmou estar um pouco afastada dos familiares, pois estes moravam na cidade de São Lourenço enquanto ela morava com sua mãe em Jaboatão dos Guararapes. Afirmou ter sido muito "*paparicada*" desde criança. Nunca presenciou brigas de família e aos 15 anos teve que sair de junto dos familiares e acreditava que isso tenha afetado seu "*psicológico*": "*pra mim, pela idade, mexeu um pouquinho com meu psicológico e eu não moro com meus pais, meus pais são separados desde que eu tinha dois anos".*

E disse que isso foi confirmado nas escolas em que passou, embora considerasse sua relação com a família "*muito tranquila*", "*um bom convívio*" e os encontrasse sempre nos fins de semana.

Considerava a relação com os pais como "*ótima*", embora a separação entre eles tenha sido, segundo ela, "*de uma forma feia*" e, por isso, a mãe, por muitos anos, não a quis próxima ao pai. A aproximação só havia acontecido recentemente, a partir dos seus 18 anos "*foi que eu vim a me juntar mais com ele, até porque agora eu tô trabalhando próxima a ele também, aí eu tô tendo mais contato, mas quando eu era criança eu não tinha muito contato com ele, não".*

Afirmava inclusive contar mais coisas de sua vida para o pai e ter mais confiança nele, características já presentes em sua relação "*maravilhosa*" com a mãe.

Ela recebia bastante incentivo por parte dos familiares e de sua mãe em seguir seu sonho de ser psicóloga, embora fizesse graduação em logística. O mesmo incentivo não ocorria por parte do pai, "*porque ele é meio afastado pra essas coisas".* A mãe "*acha legal*" Diana fazer o curso de aprendizagem principalmente pela possibilidade de a filha ter mais responsabilidade quanto a horários, pois antes estudava à tarde e não tinha hora para acordar, passou os três anos após o fim do ensino médio sem ter "*regra de horário*", sem esse tipo de preocupação:

> *Eu nunca tive pelo menos responsabilidade de acordar cedo e tudo mais pela manhã. Então ela viu que tinha essa necessidade de eu começar a aprender principalmente isso: ter responsabilidade com meus horários, principalmente se eu quisesse trabalhar, né? Arrumar um emprego, porque querendo ou não, eu tenho uma regra lá. Eu tenho que chegar as oito e eu não tinha essa visão. Aí ela acha importante principalmente por isso.*

A mãe gostava da área administrativa, também porque ela era da mesma área. Entretanto, "*o negócio dela é um pouco menos conviver com o cliente, como eu não convivo muito com cliente ela não acha tão estressante, então ela gosta".* Acreditava que se sua atividade como aprendiz lidasse com atendimento direto ao cliente, talvez sua mãe não a apoiasse. Isso devido às experiências negativas que tinha com os clientes de seu restaurante *self-service*.

A mãe a apoiava em sua escolha pela área de psicologia e "*às vezes ela brinca: 'tu é muito estressada, como tu quer ser psicóloga?'. 'Não, mãe, mas eu vou ter um acompanhamento psicológico, até', mas ela apoia. Ela apoia bastante. Ela gosta".*

Seu namorado também a incentivava a estudar, principalmente a área de psicologia. No momento da entrevista, Diana estava em dúvida quanto a seu futuro: "*se eu terminar o que que eu faço? Se eu tento entrar em Psicologia ou eu tento fazer um MBA*[52]*? Porque eu sei que não vale a pena ter só o tecnólogo de logística".* E nesse sentido, seu namorado a apoiava em seguir seu sonho e começar o mais rápido possível a graduação em psicologia. No momento, ele fazia o curso de engenharia mecânica na mesma faculdade que ela.

Diana estava no 1° período do curso *tecnólogo em logística* em uma faculdade privada, no turno da noite. Seu pai possuía o ensino médio completo e trabalhava como auxiliar administrativo. Sua mãe tinha o nível superior completo e era autônoma.

Antes do curso de aprendizagem, Diana afirmou já ter trabalhado "*como autônoma ajudando minha mãe*". E nunca havia feito trabalho voluntário. Já havia feito um curso técnico na área de logística pelo SENAI, mas não o concluiu.

Sobre a época da escola, ela disse não se lembrar muito do início de sua trajetória escolar, mas a considerava "*tranquilo*" por ter estudado na mesma escola até a 5ª série. Principalmente porque foi uma escola pela qual passaram vários de seus familiares e ela já estava familiarizada com o ambiente.

A partir do ensino médio ingressou em uma escola pública, o que não era sua vontade:

---

[52] Sigla de *Master in Business Administration*, consiste em uma especialização com o objetivo de aprimorar conhecimentos na área gerencial ou administrativa e adquirir uma visão mais aprofundada sobre o mundo corporativo.

> *E como eu sempre estudei em escola particular, eu não queria de jeito nenhum porque na realidade não era tão boa, talvez até hoje esteja pior, mas, assim, como eu vinha de escola particular eu não sabia que a realidade era totalmente diferente, daí eu tinha medo de ir pra escola do governo.*

Essa mudança ocorreu por motivos financeiros, pois a pensão alimentícia dada por seu pai passou a não ser suficiente para arcar com as mensalidades da escola: "*minha mãe: 'Agora é o momento de tu ir pra uma escola pública porque não tá dando'. Aí eu saí da escola particular e fui pra pública. Não queria, tava meio revoltada, mas eu entendia que era necessário".*

Contudo, quando conheceu o ensino público, uma escola de referência com ensino integral, viu que não era "*aquele monstro de sete cabeças*" que imaginava e acabou gostando: "*o ensino realmente me impressionou*".

De forma geral, disse que não tinha motivos para reclamar das suas escolas, pois sempre teve bons professores, bons estudos e se considerava uma boa aluna.

Os pais sempre a incentivaram a estudar. Seu pai tinha curso superior em *petróleo e gás* em uma faculdade privada, mas não atuava na área. Ele possuía carro e apartamento e dizia:

> *"Eu tenho isso porque eu consegui com meu suor, porque eu estudei, porque eu tive dinheiro, eu tentei buscar". Então, às vezes eu até entendo o fato de a contribuição dele não ser tão grande. Talvez ele não possa, ou talvez seja só um empurrão: "Se eu consegui, então porque tu não consegue? Tu tem tanta coisa na tua mão aí, melhor que eu e eu consegui. Por que que você não vai conseguir?".*

Considerava essa forma de incentivo de seu pai como "*meio bruta*", mas que não deixava de ser um incentivo.

A mãe, por sua vez, incentivava principalmente ajudando financeiramente Diana em seus planos de estudo, como: "*tem Enem, faça. Se não tiver dinheiro, se não for isentada da taxa, por exemplo, eu pago. Se tiver vestibular, eu pago".*

A maioria de seus professores a incentivavam profissionalmente, porém, Diana destacou que por ter um tio biólogo e ser "*apaixonada*" por ciências tinha o sonho de fazer o curso de ciências biológicas. Contudo, no 2º ano do ensino médio foi frustrada por um professor que expôs a limitação quanto às áreas de atuação profissional para o(a) biólogo(a) no estado de Pernambuco: "*ele me desestimulou totalmente. Ele disse que eu, no mínimo, tinha que ser contratada por Roberto Marinho*[53]*, porque se eu não fosse contratada pela*

[53] Aqui Diana se refere à Fundação Roberto Marinho.

Fundação, não tinha nem sonho de eu ser bióloga aqui em Pernambuco". Isso, para ela, foi um total desestímulo, embora outros professores a apoiassem.

Diante disso, passou a pesquisar e partiu para a psicologia e percebia que havia até mais incentivo, por saberem "*que é realmente o que eu quero".*

A disciplina de biologia influenciou tanto a sua primeira escolha por ciências biológicas quanto a posterior escolha por psicologia. Ressaltou que preferia seguir a área de Psicologia voltada para a saúde e não para as ciências humanas:

> *Eu não tenho uma visão de entrar na Federal porque eu sei que psicologia lá é muito tratada como Humanas e não é o que eu quero. Eu quero Saúde realmente porque biologia é meu* love*, minha paixão. Então, assim, tanto que qualquer curso... eu digo à minha mãe qualquer curso na área de Saúde que me botassem pra fazer eu faria. Eu faria fisioterapia, eu faria psicologia, até educação física se eu tivesse a oportunidade de fazer, eu faria.*

Assim que Diana concluiu o ensino médio, foi aprovada no *curso técnico em logística* no SENAI. Esse foi seu primeiro contato com a área e tal experiência fez com que ela se matriculasse no *tecnólogo em logística*. No início, achava que não iria gostar do curso, mas sua opinião mudou após conhecer mais da área. Porém, quando estava finalizando o 1º módulo, segundo ela, o Brasil começou a sofrer os efeitos da crise econômica o que afetou o movimento do comércio em geral e, consequentemente, prejudicou o restaurante de sua mãe. Nesse período, Diana trabalhava como aprendiz pelo SENAI e utilizava seu salário para pagar o curso técnico: "*o dinheiro que eu comecei a pagar o meu curso eu vi que tava fazendo falta em casa. Então, aí eu desisti de fazer o curso pra ficar ajudando na minha casa, aí nisso eu passei, acho, que um ano e meio só ajudando ela".*

Nessa época, Diana começou a fazer um pré-vestibular através do qual conseguiu uma bolsa para fazer o curso de logística. Diante disso, não podia mais contribuir "*100%*" com a mãe. Ao invés disso, "*agora eu ajudo... se tem uma conta de água, eu pago. Tem a conta de* internet*, eu pago, pra também não ficar tão pesado pra ela*". Isso porque dividia a mensalidade de "*quase mil reais*" da faculdade com a mãe.

Os professores da faculdade não sabiam que Diana fazia o curso de aprendizagem, mas alguns colegas de classe sim. Muitos deles não conheciam o CIEE e outros diziam: *"Ah, só trabalha quatro horas e diz que trabalha... que não sei quê".* Mas também a incentivavam, principalmente quando ela pensava em faltar o CIEE, devido a alguma atividade da faculdade, eles a aconselhavam a ter mais *"responsabilidade".* Quanto à área administrativa, eles gostavam, pois *"a maioria também é do setor administrativo".* Os colegas de faculdade

achavam "*totalmente diferente*" a área em que ela atuava e a profissão que pretendia seguir. Diana afirmava que desde o início do tecnólogo em logística, deixou claro que:

> *Eu tô fazendo logística porque eu vi como se fosse um cano de escape mesmo pra fazer aquilo que eu quero, porque, na minha visão, logística é um campo bem mais aberto do que psicologia. Eu acho a área de psicologia um campo bem fechado do que o lado daqui. Então possa ser... eu entrei em logística nessa esperança de conseguir pagar minha faculdade de psicologia. Então eu vejo que tem muita gente na minha sala que também tá por esse caminho. Então eles incentivam, porque logística também não é aquilo que alguns realmente querem. Mas como é quase a mesma situação, então um incentiva o outro.*

Diana considerava o SENAI como a melhor instituição de ensino pela qual havia passado, tanto pelo ensino (capital cultural/credenciais educativas) quanto pelos contatos (capital social) que mantinha com os docentes e coordenação do curso que fez. Destacou bastante esses contatos que mantinha, inclusive acabou conseguindo seu primeiro curso de aprendizagem devido ao contato efetivo que tinha com um de seus professores (novamente o capital social):

> *Tanto que o primeiro "Aprendiz" que eu consegui foi por causa do meu professor, que no SENAI as empresas têm o costume de pedirem estagiários, aprendizes de lá do SENAI, então eles mesmos indicam. Então eu fui indicada e por isso que eu comecei a... a princípio eu fui aprendiz pelo SENAI.*

Esse curso contribuiu "*com certeza*" para os planos futuros de Diana, pois foi a partir dessa experiência que ela começou a conhecer a área de logística e se decidiu por fazer o tecnólogo na área. Ou seja, para ela foi "*importante*" porque:

> *Eu sei que talvez se eu não tivesse entrado no SENAI, talvez se eu não tivesse sido a aluna que, não me gabando, mas que eu sei que eu fui, eu não tivesse despertado o olho do meu professor e ele: "Não, eu vou indicar essa menina aqui. Ela vai começar a trabalhar". Talvez se eu não tivesse entrado lá eu não estivesse aqui hoje, né? Talvez eu tivesse em casa, não tivesse trabalhando ainda. Então eu acho que foi importante.*

Considerava o tecnólogo de logística como "*puxado*": "*é puxado como eu imaginei que fosse, inclusive hoje eu tenho trabalho, um seminário de 40 minutos pra apresentar que eu não sei como vai ser* (risos). *Então, é puxado".*

Como ainda estava no 1º período do curso, a faculdade havia reunido os alunos de três cursos: *logística*, *comércio exterior* e *relações internacionais*. Então, estava cursando disciplinas que não eram específicas de logística e estava ansiosa pelo 2º período, no qual haveria disciplinas mais voltadas à área.

Diana estava gostando da instituição de ensino e os professores eram bastante "*dedicados*". A opção por fazer logística se deu porque:

> *Eu tô fazendo logística justamente por isso. Porque é o que eu gosto, mas é também o que dá pra fazer agora, o que dá pra eu pagar, porque eu sei que minha mãe tem muita responsabilidade e eu não quero que seja mais uma responsabilidade dela. Então por isso que eu tô fazendo logística também. A maior parte é por conta de... financeira mesmo.*

A mãe de Diana a incentivava mais a estudar e não tanto a trabalhar. Ela preferia que a filha se dedicasse mais aos estudos, inclusive se dispunha a arcar com todos os gastos da casa e da faculdade para que Diana pudesse estudar.

O pai de Diana, por seu turno, a incentiva mais a trabalhar, inclusive foi ele quem descobriu que a empresa na qual ela estava trabalhando precisava de aprendizes. Embora ela tivesse cadastro no CIEE, nunca conseguiu um emprego através da instituição. A própria empresa da qual era aprendiz foi quem a encaminhou para entidade formadora.

O pai de Diana trabalhava como auxiliar administrativo e ela não via problema, mas sua mãe era comerciante, tinha um restaurante *self-service*, e considerava este "*um trabalho bem puxado*" e a admirava por isso, pois percebia que sua mãe se sentia realizada nesse trabalho e não o tomava como uma obrigação, "*pra mim, ela gostando do que ela trabalha, eu também apoio*". Diana não identificou influência das profissões dos pais em sua própria escolha profissional.

Há oito anos, desde que se mudou para Jaboatão dos Guararapes, a mãe de Diana tinha um *self-service* e, no início, trabalhava sozinha e Diana teve que ajudá-la, mesmo não gostando porque "*não é sempre que o cliente é bom. Tem muito cliente estressado e eu sou muito temperamental, então muitas coisas me afetavam".* No período da manhã, que era quando a mãe mais precisava, pois era quando preparava as comidas e arrumava o estabelecimento para receber os clientes, Diana a ajudava, pois só estudava pela tarde. Na ocasião da entrevista, ainda dava "*uma ajudinha*" à mãe quando tinha tempo.

No curso de aprendizagem do SENAI não chegou a ter a prática na empresa, pois seriam seis meses no SENAI e seis na empresa, ou seja, adotava o modelo *sequencial à fase escolar*, porém só cursou três meses até surgir a oportunidade na empresa atual. Era um curso de *logística*, operador de máquinas e carregamento, o que permitiu que "*o ensino que eu já tinha no curso técnico, que eu já tinha à noite, eu pude transferir pro ensino que eu tava tendo à tarde. Então foi praticamente a mesma coisa pra mim".*

A ideia de contribuir financeiramente partiu de Diana, pois, a princípio, a mãe não queria que ela saísse do SENAI: "*tudo que ela pôde fazer pra eu não desistir do curso ela fez,*

mas a gente via que não tava dando e eu tava saindo mais por conta... por parte de mim". Diana achava importante o fato de contribuir, pois a mãe "*não deve carregar tudo sozinha*" e, por isso, quando percebia a necessidade, contribuía com a conta de energia ou com a feira por ser muito custo para uma pessoa que sustentava a casa sozinha. Em outras palavras, Diana gastava seu salário como aprendiz principalmente com a faculdade e com as contas.

Ela trabalhava como aprendiz em uma empresa de diagnóstico por imagem, em Recife. Conheceu o Programa através de amigos e da *internet*. Seus pais tiveram muita influência no seu estímulo em participar do Programa. No questionário, apontou como principal motivação em participar do Programa a "*necessidade de começar a ingressar no mercado de trabalho*" e o curso havia atendido suas expectativas, devido "*a boa dinâmica e a experiência boa*".

Diana era aprendiz no setor de faturamento da empresa e, por isso, não tinha contato direto com os clientes (o que agradava sua mãe, como já dito). Considerava o convívio com os colegas de trabalho como "*legal*" e destacava a constante colaboração entre os diferentes setores da empresa.

A resposta de Diana sobre "o que é ser aprendiz" foi bastante significativa, principalmente pela sua dupla experiência nessa atividade. Segundo ela, "*na minha realidade, é fazer o trabalho de praticamente um funcionário".* Isso porque no momento em que ocorreu a entrevista, por exemplo, ela estava "*tirando as férias*" de outro funcionário em uma atividade diferente da sua e, por isso, não via diferença entre um aprendiz e um funcionário, embora esteja clara a distinção entre formação e produção na Lei da Aprendizagem. Em suma, em sua visão, aprendiz era "*tipo um faz-tudo mesmo*", "*O que precisar, se alguém precisar: chama o aprendiz! chama o aprendiz! chama o aprendiz! Então, aprendiz, pra mim, pelo menos na minha realidade, é sinônimo de fazer tudo".*

O curso de aprendizagem tinha atendido suas expectativas, principalmente no que diz respeito à questão da responsabilidade e, mais especificamente, quanto ao cumprimento de horários. Um aspecto ético-disciplinar, o qual é o foco dos cursos de aprendizagem do CIEE e que pode ser ilustrado nesse trecho: "*em relação a cumprir horário, eu tô sempre em cima, eu tenho horário pra fazer tal coisa, eu sei que eu não posso faltar porque acaba me afetando, acaba me prejudicando"*.

Diana não identificava qualquer tipo de incentivo por parte da empresa para que os funcionários se dedicassem aos estudos. Porém, percebia que o curso de logística que fazia lhe permitiria talvez trabalhar nessa mesma empresa:

> *Pelo menos lá eu sei que, pronto, eu posso estagiar lá como membro, assim, de logística, porque lá tem farmácia, tem tudo, então eu posso... pode ser que eles precisem de mim, então, tipo, eu também vi logística como um campo de visão lá, eu posso ficar aqui por causa disso. Então, meio que me incentivou o trabalho lá.*

Não identificava influência ou incentivo por parte das aulas teóricas em seus planos e escolhas profissionais pelas aulas terem muitas dinâmicas (Pettros também cita as dinâmicas e suas limitações), embora "*quando tem relação à empresa, a curso, à administração me incentiva, sim".* As aulas do final do curso estavam voltadas para a administração, o que *"tá me empurrando, me encaminhado cada vez mais pra área de logística".*

Na pergunta sobre planos futuros, deu uma resposta vaga: "*eu não tô vendo tanto além, não, mas por enquanto minha visão é só essa mesmo: terminar [o tecnólogo] e ver se eu consigo alguma coisa melhor; e se eu decido continuar no ramo de logística ou se eu parto de vez pra psicologia".*

Diana pretendia continuar na área de sua experiência de aprendizagem, ou seja, a área administrativa, pois estava ligada ao seu curso, o qual a "*impulsiona a isso*", seguir na área.

Ela afirmou já ter terminado o ensino médio com a certeza que queria seguir alguma profissão na área de saúde e destacava um fato que ocorreu que a fez decidir pela psicologia. Sua escolha se deu por causa de sua "*visão do mundo*", pois "*as pessoas não olham muito pra situação precária do país que a gente vive".* A partir desse seu pensamento decidiu querer trabalhar como psicóloga, com pacientes em reabilitação quanto ao uso de drogas ou com câncer, *"porque eu sei que é uma área que tem uma certa carência, que é uma área que muita gente fecha os olhos"*.

Essa decisão surgiu quando Diana participou de um evento ocorrido no CIEE chamado Papo de Universitário, no qual uma faculdade privada montou um *stand* e apresentou, entre outras, a área de psicologia: *"na palestra eles começaram a falar que trabalhavam com criança com câncer, com criança debilitada. E ali foi a certeza que eu tive".* Ressaltou seu desejo de trabalhar em uma área que *"tenha uma certa carência e muita gente não liga".*

Afirmou que indicaria o curso de aprendizagem para outra pessoa e, inclusive, já incentivava outros jovens a participar do Programa. Entendia a importância dessa experiência para "*alavancar*" sua carreira profissional.

O único grupo frequentado por ela era a Igreja Católica, em atividades como: "*EJC [Encontro de Jovens com Cristo], eu tô dentro. Tá tendo apresentação de alguma coisa, eu tô dentro. Vai ter visita, exemplo, no... como é que diz? Em alguma clínica de repouso, eu tô dentro. Então, eu procuro sempre o que tiver que der pra eu ir eu vou".* A escolha por

psicologia a influenciava a sempre participar de atividades sociais da Igreja. Assim como tais atividades acabavam também por reforçar sua escolha pela profissão "*porque cada vez eu vou mais atrás, vou mais a fundo, eu vejo que é realmente aquilo que eu gosto. Então, uma coisa impulsiona a outra".*

O único espaço onde interagia com os colegas aprendizes fora da sala de aula era nas redes sociais, onde possuíam um grupo no *whatsapp*, no qual discutiam questões a respeito do trabalho:

> *Principalmente porque muita gente que tá saindo é porque: "Ah, eu encontrei alguma coisa melhor" ou "Ah, me efetivaram". Ah, o caso da outra menina*[54] *mesmo que passou em concurso. Então a gente fica: "Minha gente, tal, apareceu vaga de tal coisa". Então, a gente conversa muito sobre isso.*

Diana pretendia trabalhar e estudar quando acabasse o curso de aprendizagem.

Em relação à trajetória de Diana, identifiquei três momentos significativos, que funcionaram como rupturas em sua biografia (LAHIRE, 2004).

A primeira ruptura foi a mudança de cidade e o afastamento dos familiares. Para Diana, a mudança da cidade de São Lourenço da Mata e, consequentemente, ter se afastado dos familiares havia mexido com seu "*psicológico*", isto é, para ela, havia sido uma ruptura biográfica, pois sempre tinha sido "*paparicada*" pelos familiares. Entretanto, cabe questionar essa sua afirmação: essa seria uma análise real das escolas por que passou (como ela havia dito) ou fruto de sua psicologia de senso comum? Ou seja, em que medida essa sua análise tinha fundamento? Para além de ser verdade ou não, o que importa, em meu entendimento, é que essa mudança funcionou como um ponto de ruptura de sua trajetória na compreensão de Diana.

Uma segunda ruptura ocorreu diante da experiência no curso técnico em logística, pois foi através dele que decidiu fazer o tecnólogo em logística.

Diana encarava o tecnólogo como um "*cano de escape*" para fazer o curso que queria: "*é o que eu gosto, mas é também o que dá pra fazer agora, o que dá pra eu pagar*". Embora a Psicologia fosse seu projeto, o campo de possibilidades na época só apresentava a possibilidade de fazer o curso que queria (enfoque em saúde) na rede privada e Diana não tinha como pagá-lo. Via a logística como uma forma mais fácil de garantir a

[54] Diana se refere à jovem aprendiz que eu havia selecionado para a entrevista, mas que foi convocada para tomar posse de uma vaga em um concurso público e, por isso, não pude mais entrevistá-la por ter abandonado o curso de aprendizagem.

"empregabilidade" para conseguir capital econômico suficiente para investir na psicologia (capital cultural).

> [...] os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar garante, dependem também de sua raridade, pode ocorrer que os investimentos (em tempo e esforços) sejam menos rentáveis do que se previa no momento em que eles foram realizados (com a modificação, *de facto*, da taxa de convertibilidade entre capital escolar e capital econômico) (BOURDIEU, 2005, p. 79).

Diana também tinha em mente a possibilidade de conseguir uma vaga na área de logística na própria empresa em que era aprendiz. Ela aponta um aspecto bastante relevante, qual seja, o fato de muitos de seus colegas estarem na mesma situação que ela: fazendo o curso tecnólogo de logística visando uma inserção no mercado de trabalho mais fácil, devido à maior oferta de emprego nessa área, o que, provavelmente interferia na construção identitária dela e de seus colegas.

Por fim, a terceira ruptura foi o estímulo negativo de um professor na época da escola quanto à área de biologia, o que acabou levando Diana à escolha da área de psicologia.

Por ter um tio que era biólogo, a princípio Diana pensou em seguir a área, mas foi dissuadida por um professor que mostrou a ela as dificuldades encontradas por um profissional da área em conseguir emprego.

Diante dessa frustração, passou a se interessar pela psicologia, na qual recebia até mais incentivo, principalmente por parte da mãe, por ser seu sonho. A mãe a incentivava a estudar, mas não tanto a trabalhar. Já o pai a incentivava mais a trabalhar. Foi ele quem disse a Diana que a empresa estava precisando de aprendizes. Outra forma de incentivo de sua mãe era o ato de pagar metade da mensalidade da faculdade de Diana ("*quase mil reais*"). O pai de Diana, por sua vez, incentivava a filha a alcançar suas metas a partir de seu próprio exemplo, pois afirmava que os bens materiais que tinha eram fruto de seu "*suor*". Esses aspectos funcionaram como "influências" externas (LAHIRE, 2004) em relação a suas escolhas e trajetória profissionais.

A opção pela psicologia se deu também pela possibilidade de trabalhar com pessoas carentes, principalmente na reabilitação de pacientes usuários de drogas ou com câncer: "*é uma área que muita gente fecha os olhos*". Havia uma relação dialética entre a escolha pela psicologia e as atividades sociais da igreja, as quais se reforçavam.

Ela teve a certeza que queria seguir a área a partir de um evento no qual a psicologia lhe foi apresentada com mais detalhes.

Na verdade, Diana afirmou que a área de saúde, de forma mais ampla, é que era seu "*love*", sua "*paixão*". Diante disso, preferia a psicologia com enfoque na área de Saúde, e não em Ciências Humanas, daí não cogitar fazer a graduação na UFPE.

Ou seja, a partir desse trecho é possível notar que a "verdadeira" escolha profissional de Diana é a biologia. Porém, a revelação que teve por parte do professor sobre a escassez de trabalho na área, fez com que dirigisse sua atenção para áreas afins, mas que tivessem um campo de atuação mais ampla. Tanto que estaria disposta a seguir outras carreiras, desde que ligadas à saúde.

Em suma, Diana fazia o tecnólogo em logística por gostar da área e era o que podia pagar no momento, mas sonhava em fazer psicologia. Em outras palavras, Diana tinha uma relação pragmática/instrumental (questão financeira e de inserção no mercado) com a logística, enquanto que possuía com a Psicologia uma relação de afetividade (meu "*love*", minha "*paixão*"), realização pessoal e utilidade social. Ela tinha a possibilidade de postergar sua inserção na área de psicologia, vivendo o que Leccardi (2005) chama de "presente estendido".

Diante desse caso de Diana e outros entrevistados (casos de Maria, Larissa, por exemplo), posso afirmar que os jovens aprendizes utilizam o curso de aprendizagem profissional como um "atalho" para o mercado de trabalho, tanto no sentido de conseguir abrir uma "brecha" nas portas desse mercado tão competitivo, quanto adquirir a tão exigida experiência, de no mínimo seis meses, para alcançar uma vaga futura em outras áreas.

6.1.3.3 Perfil 8: Aryane (CIEE) – a que sonha em ser *chef*, mas com os "pés no chão"

> Foi uma coisa que eu tava fazendo direto, era mais cozinhando, que era pra mim mesma, aí foi que eu gostei.
>
> Quando eu tava morando só, que eu vi que eu sabia fazer, que eu poderia, vendo receita, fazer o que eu quisesse, que ia dar certo e que é uma área que você só faz se você gostar. E é o que eu gostei (ARYANE, 21 anos).

O fator mais relevante para minha escolha por entrevistar Aryane foi o fato de, diferentemente dos demais aprendizes, ser casada, universitária e ainda assim estar em um curso de aprendizagem, o qual, em um primeiro momento, pareceu-me ter pouco a ver com sua graduação. O que levava uma jovem universitária e já casada a participar de um curso que pagava tão pouco? Essa foi a pergunta que me fiz ao analisar seu questionário.

A entrevista foi em maio de 2017. Dentre os aprendizes entrevistados, Aryane tinha sido a mais tímida, o que repercutiu nas respostas dadas às questões de pesquisa. Suas

respostas eram bastante sucintas e monossilábicas, o que me fez, constantemente, refazer algumas perguntas ou tentar aprofundar mais suas respostas, ou seja, tive que utilizar meios de extrair respostas mais detalhadas e superar a superficialidade de suas respostas, o que se tornou um desafio para mim, como pesquisador.

Aryane era uma jovem de 21 anos, identificava-se como amarela[55], estava em uma união estável, sem filhos e morava com o cônjuge e a sogra em uma casa própria, na cidade de Recife. Ela estava matriculada no curso de *comércio e varejo* do CIEE e trabalhava em uma farmácia.

O salário como aprendiz era a principal fonte de renda de Aryane. A jovem marcou no questionário que sua renda familiar era menor que um salário mínimo. Acredito que estava se referindo a seu salário como aprendiz, pois seu companheiro também trabalhava o que levaria a uma renda maior que um salário mínimo. Por ter uma união estável, contribuía financeiramente em casa.

Segundo Aryane, quando era criança, seus familiares eram bem próximos, costumavam fazer churrasco, em um clima *"bem família"*. Ela sempre morou no mesmo lugar, próximo aos familiares. Tinha se mudado apenas uma vez, quando tinha três anos de idade, quando sua avó cedeu um terreno atrás de uma casa que alugava para o pai de Aryane construir sua casa.

Considerava a relação com os pais como boa e identificou uma mudança em sua fase adulta apenas quando saiu de casa e se casou, pois percebeu um certo afastamento natural em relação aos pais, os quais eram separados, mas disse que não havia perdido o contato com eles: *"mas sempre a gente tá se comunicando, por celular, final de semana, a gente se vê".*

Os pais de Aryane nunca a estimularam a seguir uma carreira específica, mas sempre a apoiaram a fazer o que gostava, assim como seu esposo: *"ela* [a mãe] *incentiva muito, eu queria já desistir, ela: 'Não, você não vai desistir. Você vai continuar. Você tá pagando. Você vai fazer. Você tem que se formar'. Aí fica conversando. Se precisar de ajuda, ela ajuda. Dá um jeito"*.

Seus familiares e companheiro achavam bom o fato de Aryane fazer o curso de aprendizagem, tanto pelo fato de estar trabalhando quanto pelo aprendizado adquirido através dessa experiência:

> *Porque é um trabalho e a gente aprende mais a se desenvolver no ambiente mais... assim... como eu posso dizer? Mais rígido, né? Porque jovem*

[55] Embora não apresentasse qualquer fenótipo oriental.

> *aprendiz é bem mais tranquilo, que quando você tá na realidade mesmo é bem diferente. Aí você aprende a conversar, a se comunicar direitinho.*

Pareceu-me que a resposta dada por Aryane foi mais de caráter pessoal do que realmente o que seus parentes achavam ou comentavam. Já sobre a área do curso de aprendizagem, *comércio e varejo*, disse que os parentes não comentavam sobre e que achavam que era *"mais pra vender"*.

No que diz respeito à sua escolha pela profissão de *chef* de cozinha, Aryane ressalta o quanto seus parentes e cônjuge se referiam à profissão com certo tom de brincadeira: *"acham bem legal, né?* (risos)*. Porque fica todo mundo: 'Ah, é a* chef*, que não sei o quê. Vai cozinhar pra gente', aquelas brincadeiras e eles gostam"*, o que indica o caráter simbólico (reconhecimento do *status* que acompanha a profissão) que envolve a profissão.

O incentivo a estudar e trabalhar que recebia do cônjuge era principalmente quando Aryane pensava em faltar o curso de aprendizagem: *"num dia que eu tô cansada, assim, às vezes, ele: 'Tem que ir. Não pode faltar, porque a empresa desconta e é falta, não sei o quê'"*.

Quanto às profissões dos pais, Aryane achava que eles estavam *"estáveis"*, isso porque sua mãe havia passado muito tempo desempregada até surgir a oportunidade de trabalhar como cuidadora: *"enquanto ela tiver bem, acho bom"*. Enquanto seu pai era zelador e, segundo ela, gostava da profissão. Já seu companheiro trabalhava como auxiliar de serviços gerais, atividade que para ela, era bastante cansativa: *"no momento ele tá procurando uma coisa melhor. Só que tá difícil, né? Aí quando... acho bom, mas não é tão bom assim. Dá pra encontrar coisa melhor"*. Para Aryane, as profissões dos pais e do companheiro não influenciaram a sua escolha profissional nem seus projetos futuros.

Na época da entrevista, Aryane morava com o marido e a sogra. Ela contribuía financeiramente em casa, dividindo as contas com eles "*pra não ficar pesado pros três lados, né?*". A maior parte do seu salário como aprendiz, gastava com as mensalidades da faculdade, as quais dividia com o companheiro, e com gastos domésticos.

A trajetória escolar de Aryane teve início em um hotelzinho, pois sua mãe trabalhava fora de casa. Posteriormente, estudou em uma escola particular da alfabetização à 5ª série. Porém, quando sua irmã nasceu, a situação financeira de sua família ficou mais complicada e Aryane passou a estudar na rede pública. Para ela, foi *"mais fácil"* estudar na escola pública do que na escola privada: *"o ensino é bem diferente"*. Aryane se considerava uma boa aluna na época da escola, pois *"eu não era de tá bagunçando, sempre fazia as atividades. Quando, assim, quando eu tirava nota baixa era quando eu tinha mais dificuldade em alguma coisa,*

alguma disciplina, mas o restante era tranquilo". As melhores lembranças que tinha da escola eram relacionadas às amizades, inclusive mantinha ainda contato com amigos da escola, pois, como estudou em uma *"escola de bairro",* todos moravam próximos, o que facilitava os contatos. Por outro lado, não conseguiu recordar de alguma lembrança negativa da época escolar.

Os pais de Aryane, ao longo de sua trajetória escolar, sempre a incentivaram a estudar, principalmente acompanhando suas atividades escolares, pois ajudavam nas tarefas e a estudar para as provas, por exemplo. Na época da entrevista, eles ainda a incentivavam: *"se eu tiver faltando na faculdade, no trabalho, essas coisas, fica no meu pé, fica puxando: 'Tem que ir'. Mas também eu não sou muito de faltar, mas quando eu falto, aí minha mãe já dá um puxãozinho de orelha. Pergunta se eu tô bem na faculdade, se tô desenvolvendo bem"*.

Aryane não identificou qualquer influência ou incentivo por parte de professores e colegas da escola no sentido de escolher qualquer profissão, assim como não identificou a influência de qualquer disciplina em sua escolha. Segundo ela, sua escolha por gastronomia se deu a partir de um *hobby*: *"foi mais um hobby, quando eu morei um tempo só. Aí eu comecei a fazer as coisas em casa, eu comecei a gostar, aí comecei a me aprofundar mais"*.

Na época da entrevista, estava cursando o 2º período de gastronomia em uma faculdade privada. Sua mãe tinha o ensino médio completo e trabalhava como cuidadora. Seu pai era zelador e tinha o nível fundamental incompleto.

Ou seja, sua escolha profissional se deu a partir da experiência que teve de morar sozinha por um tempo e da consequente necessidade de cozinhar, o que acabou gostando de fazer, primeiramente como um *hobby* e, posteriormente, decidiu seguir a atividade como profissão: "*quando eu tava morando só, que eu vi que eu sabia fazer, que eu poderia, vendo receita, fazer o que eu quisesse, que ia dar certo e que é uma área que você só faz se você gostar. E é o que eu gostei".*

Na época da entrevista, Aryane estava gostando do curso de gastronomia, embora este não estivesse atendendo suas expectativas:

> *A gente pensou que a gente ia na cozinha, fazer todas as preparações, que ia ser mais na cozinha, mas é mais teórico. A gente tem mais aulas teóricas do que práticas. As práticas são só algumas receitas que eles passam e as teóricas é sobre todo conteúdo. A história, o* marketing*, muita coisa.*

Como os pais de Aryane sempre a incentivaram a seguir aquilo que ela gostasse e que fosse agradável de fazer, ela optou pela área de gastronomia justamente pelo fato de que cozinhar era o que mais gostava de fazer até então: *"no momento é o que eu mais gosto de fazer"*.

Antes de participar do curso de aprendizagem, Aryane nunca havia trabalhado ou feito trabalho voluntário, ou seja, esta era sua primeira experiência no mundo do trabalho. Conheceu o Programa através da "*indicação de familiares e entrega de currículo na loja*", ou seja, por meio da oportunidade que surgiu na farmácia em que trabalhava.

Em certo trecho da entrevista, Aryane expõe a possibilidade de mudar de opinião quanto a sua escolha pela profissão de *chef* de cozinha:

> *Porque quando a gente era criança a gente pensa uma coisa e quando vai crescendo é outra, né? Totalmente diferente. Aí quando eu era pequena eu gostava... gosto muito de bicho até hoje, aí sonhava ser veterinária e também já gostei muito de criança, aí cheguei até a cuidar de uma... uma pessoa da família, uma criança da família. Aí queria ser ou veterinária ou pediatra. Só que depois eu fui crescendo, aí eu fui mais me afastando mais. Fui crescendo, não tava brincando nem nada dessas coisas, aí terminei mudando. Foi uma coisa que eu tava fazendo direto, era mais cozinhando, que era pra mim mesma, aí foi que eu gostei.*

Os pais de Aryane nunca a incentivaram a trabalhar, apenas quando ela concluiu o ensino médio que houve uma discreta cobrança por parte deles, mas *"mesmo assim nem ficaram muito no meu pé. Tranquilo".* Mesmo na época da entrevista não era pressionada a trabalhar, nem pelos pais nem pelo companheiro: *"ele também não liga se eu trabalhar ou se eu não trabalhar, pra ele tanto faz. É que eu fiquei dois anos parada, ele nunca disse: 'Não, vai procurar emprego'. Não, nunca. Foi tranquilo"*. Por isso, ela passou tanto tempo sem trabalhar após o término do contrato de aprendizagem, como será visto na segunda entrevista.

Segundo Aryane, seus pais tiveram *nenhuma influência* em sua participação no Programa. Sua principal motivação em participar foi "*ter a experiência de trabalhar, oportunidade, se tornar responsável*". As suas expectativas foram atendidas "*porque nos ajudam a se desenvolver e se comunicar melhor e também a se portar e se expressar em ambiente de trabalho*". Ressalto que todos os motivos são aspectos ético-disciplinares.

Aryane chegou ao Programa de aprendizagem por meio da empresa. Ela estava à procura de emprego e sua mãe tinha uma amiga que trabalhava na farmácia e que a informou sobre a vaga de aprendiz. Essa amiga disse que Aryane deveria enviar seu currículo para a empresa. Aryane foi selecionada, passou por uma entrevista e o setor de recursos humanos a encaminhou ao CIEE para realizar sua inscrição no Programa.

No começo, Aryane teve 25 dias de formação inicial no CIEE, antes de ir para a prática na empresa. Segundo ela, sua prática na empresa era mais voltada para a atividade de atendimento aos clientes e ao abastecimento de mercadorias, pois *"a gente é limitado de fazer certas coisas".* Aqui ela se refere às restrições das atividades do aprendiz, devido ao caráter formativo, em detrimento da produtividade, o que, em muitos casos não é respeitado. Diante

de dados de minha pesquisa anterior (SILVA FILHO, 2014), percebo que tais limitações são relativas, pois dependem do setor e/ou atividade desempenhada pelo aprendiz na empresa. O trabalho na farmácia, por exemplo, lida diretamente com a saúde dos clientes e, por isso, as atribuições, responsabilidades e atividades dos jovens aprendizes são mais restritas e limitadas. O mesmo, acredito, não ocorre em empresas de outros ramos de atividade nas quais os aprendizes trabalham como atendentes, repositores ou vendedores. Nesse caso, são, muitas vezes, submetidos às cobranças por produtividade e alcance de metas, por exemplo.

Na época da primeira entrevista, Aryane estava gostando de seu trabalho na farmácia. Para ela, ser aprendiz era *"uma oportunidade de você crescer, de aprender a saber escutar, se comunicar, a... aprender a como fazer as coisas, quando deve fazer, pra que fazer"*. Aqui percebo o quanto a formação centrada em aspectos ético-disciplinares está presente na concepção de o que é ser aprendiz por parte de Aryane. Isto é, nesse trecho fica claro o quanto os aspectos comportamentais são profundamente trabalhados e reiterados na formação oferecida pelo CIEE, na qual, como já destaquei, oferece-se uma formação mais geral, superficial e ampla, voltada para aspectos comportamentais (saber ser), em detrimento de conteúdos técnicos (saber fazer) referentes às atividades desempenhadas pelos aprendizes, diferentemente do que ocorre no SENAI. Outro indício nesse sentido é quando Aryane justifica como o Programa tinha atendido suas expectativas: *"como eu nunca trabalhei, não sabia nada sobre o trabalho, ele me ajudou muito a saber qual é os meus direitos, quando devo falar e não devo falar"* (aspectos comportamentais).

Aryane identificou a contribuição de sua experiência de trabalho na farmácia para seus projetos futuros, apenas na questão da organização e limpeza do ambiente de trabalho *"porque farmácia é muito organizada, tem que ser muito limpo, dedicado".*

Pude perceber que as contribuições tanto no que se refere à prática de trabalho e às aulas teóricas identificadas por Aryane estavam relacionadas ao seu projeto profissional maior, qual seja, montar seu próprio restaurante. Isso porque os aspectos que destacou não estavam diretamente ligados ao desempenho de uma futura atividade como *chef* de cozinha, mas sim com a atividade de uma dona de restaurante, como fica explícito no trecho a seguir, quando se refere à importância das aulas teóricas no CIEE: *"principalmente você saber falar com o cliente, vender, é... como você ter a sua carreira praticamente"*. Diante disso, posso identificar o quanto essa formação ético-disciplinar, no caso de Aryane e de suas aspirações profissionais, era significativa, pois se ela pretendia ter um restaurante, consequentemente lidaria com o atendimento ao cliente e essa formação com foco comportamental, aliada à sua prática de atendimento ao cliente na farmácia seriam essenciais.

Mais uma vez, toca nos aspectos comportamentais quando fala sobre a diferença entre a visão que tinha sobre a aprendizagem antes e depois da passagem pelo Programa: *"eu pensava que eles iam ensinar a gente como... o que a gente ia fazer na loja. Mas eles preparam a gente pra... pra não ficar parado, saber questionar quando deve ser questionado, a se comunicar e acho que a ter disciplina, como falar com as pessoas. Mais essa parte".*

Alguns colegas de faculdade sabiam que Aryane fazia o curso de aprendizagem. Para eles, era muito bom pelo fato de trabalhar apenas quatro horas diárias. Porém, Aryane ressalta uma questão bastante significativa no que se refere às "vantagens" de ser aprendiz:

> *Eles acham que é só as quatro horas, assim, né? As quatro horas que a gente trabalha. "Ah, é bom, então. Quatro horas tá tranquilo". Só que a gente não tira só pelas quatro horas. A gente tira pelo salário que a gente ganha, essas coisas. Aí pra gente que faz o curso de aprendizagem é... como eu já sou casada, eu acho pouco. Procurar... agora tenho que procurar um emprego mesmo, não de aprendizagem.*

Os planos futuros de Aryane eram: em primeiro lugar concluir seu curso de gastronomia, ter *"uma vida estável"*, terminar de construir sua casa e casar (pois vivia em uma união estável). Em relação especificamente à profissão, Aryane sabia da necessidade de, além de estágios, especializar-se ainda mais na área, pois só a graduação não seria suficiente e, por isso, pretendia fazer cursos na área de gastronomia.

Mais uma vez ela relaciona a contribuição da passagem pelo Programa para seus projetos profissionais: *"o modo de você falar, atender cliente é... comprar o* marketing*, as coisas que você compra pro restaurante, como você fazer negócio, essas coisas"*.

Aryane não pretendia continuar na área de atuação do seu curso de aprendizagem, pois, a princípio não desejava trabalhar em uma farmácia, mas foi a oportunidade que surgiu. Entretanto, indicaria o curso de aprendizagem à outra pessoa, porque, segundo ela, *"é bom, principalmente pra quem nunca trabalhou, que nunca trabalhou nem sem ser carteira assinada, porque ia ter muitas vantagens pra dentro da empresa"*.

Com o fim do curso em *comércio e varejo* no CIEE, ela planejava estudar e trabalhar.

A respeito da trajetória de Aryane, posso ressaltar que ela recebia apoio por parte da família a respeito de suas escolhas profissionais, pois tanto os pais quanto o esposo a incentivavam a fazer o curso de gastronomia e o curso de aprendizagem. Em sua fala, ficou claro que gostava do reconhecimento (capital simbólico) decorrente do status de *chef* adquirido por meio do curso, quando se referiu às brincadeiras dos familiares.

Os pais de Aryane eram bastante presentes na vida escolar da filha, acompanhando as atividades escolares e estudos para as provas. Embora se referisse aos pais, ficou claro que a

mãe era mais presente nesse sentido, pois a citava constantemente: "*minha mãe já dá um puxãozinho de orelha*".

Aryane já havia pensado em ser veterinária ou pediatra, por gostar bastante de animais e crianças. Teve a experiência de cuidar de uma criança da família, o que despertou seu interesse pela pediatria.

Interessante que a escolha de Aryane pela área de gastronomia surgiu, primeiramente, como um *hobby*. A partir da experiência de morar sozinha e ter que cozinhar, acabou gostando da atividade e procurou se aprofundar na área. Diante disso, essa experiência teve o papel de uma ruptura em sua biografia (LAHIRE, 2004).

A partir de estudos anteriores (RIBEIRO; MARQUES; FLORES FILHO, 2016; RAMOS, 2014), acredito que Aryane encontrará bastante dificuldade em atingir seus objetivos, pois precisará de oportunidades e experiências as quais estão bastante difíceis pelo que me parece em seu campo de possibilidades. O *chef* de cozinha é um artista moderno, por ser produtor de arte. O ato de planejar os cardápios é um processo criativo baseado em fatores como a proposta do restaurante e a vivência pessoal e profissional do *chef* (RIBEIRO; MARQUES; FLORES FILHO, 2016). Diante disso, posso afirmar que o campo de possibilidades (VELHO, 2004) de Aryane não a permitia ter as vivências pessoal e profissional para desenvolver a intuição e sensibilidade necessárias para criar, pois ela não tinha os capitais social e econômico (BOURDIEU, 2005) para isso. Essa vivência na verdade está atrelada aos contatos com outras realidades, pois o "mundo da gastronomia" está associado ao desenvolvimento do mercado de luxo e sintonizado com a dinâmica do circuito globalizado (RAMOS, 2014).

Aryane tinha ciência da dificuldade em ser um *chef* reconhecido, mas disse que já se sentiria satisfeita em conseguir o próprio restaurante: *"é uma área que é difícil de você chegar a ser, vamos dizer, famoso. A ser reconhecido, mas você estuda bastante, você tem seu restaurante. Eu pelo menos tendo a minha cozinha, meu restaurante, fazendo a coisa pra mim, eu já tô satisfeita".*

Se sua meta for apenas abrir o próprio restaurante ficará mais fácil, porém, se sonha ser uma *chef* de renome, fica muito complicado pelo estreito campo de possibilidades (VELHO, 2004) que apresentava na época da entrevista. Em outras palavras, para ser uma *chef* reconhecida é preciso ter um investimento não só de capital econômico, mas também de capital social para, finalmente, conseguir o capital simbólico (reconhecimento dentro da profissão).

Para ela atingir o capital simbólico para progredir na profissão de *chef* era mais difícil do que adquirir o capital econômico através da profissão (embora também fosse difícil enriquecer através da atividade), pois sua meta era apenas ter o próprio restaurante. Tal meta singela estava relacionada ao provável conhecimento sobre a progressão dentro da carreira e de seus obstáculos (a maior parte deles financeiros, devido à necessidade de investir bastante na formação), isto é, Aryane tinha conhecimento do restrito campo de possibilidades que estava disponível para ela, devido, principalmente, a suas limitações financeiras (capital econômico, além do capital social, obviamente) e de seu companheiro para um melhor investimento financeiro para adquirir o capital simbólico e social necessários para progredir na carreira.

Em suma, ela não apresentava uma visão romântica quanto a suas possibilidades dentro da profissão, diferentemente de Júnior, o qual tinha um sonho que, embora não possa ser tido como impossível ou irrealizável, estava bastante difícil de ser alcançado dentro do campo de possibilidades que se apresentava a ele na época da entrevista (o que se confirmará na segunda entrevista).

Boa parte do salário como aprendiz era utilizada para pagar a mensalidade da faculdade, a qual dividia com o marido.

Embora os colegas de faculdade achassem "*tranquilo*" Aryane fazer o curso de aprendizagem por trabalhar apenas quatro horas diárias, esta fez uma observação interessante quanto ao salário: "*como eu já sou casada, eu acho pouco*".

Esse aspecto é bastante importante, pois, como vimos nas respostas ao questionário e em outras entrevistas, o fator financeiro é significativo para a participação dos jovens no Programa de aprendizagem.

Embora o propósito da aprendizagem profissional seja a formação do jovem e não a produção, esse salário também não tem o objetivo de garantir o sustento da família do aprendiz, mas sim servir como um tipo de ajuda de custo. Nesse sentido, esse valor deve ser relativizado, pois uma coisa é o salário de aproximadamente R$ 400,00 que recebem quando, na maioria dos casos, são jovens solteiros, sem filhos e que moram com os pais e/ou familiares (que se constitui como um perfil geral dos aprendizes, como indiquei através dos dados do questionário), porém, tem outro peso quando o jovem é casado e/ou tem grandes responsabilidades quanto aos gastos domésticos, como no caso de Aryane, que além de pagar metade da mensalidade da faculdade, divide os demais gastos domésticos com o companheiro e a sogra.

Aryane se apresentou como mais um caso onde o campo de possibilidades (VELHO, 2004) havia oferecido a oportunidade de trabalhar na farmácia e fazer o curso de aprendizagem. Ela optou por aproveitar a oportunidade, embora não fizesse parte de seus projetos antes, durante ou posteriormente ao curso, ou seja, ela não pretendia seguir a área de farmácia, mesmo tendo gostado da experiência e aprendido muito.

Aryane, ao longo da entrevista, destacou os aspectos ético-disciplinares adquiridos através da experiência de aprendizagem profissional: "*se comunicar melhor*", "*se portar*", "*se expressar*", "*saber escutar*", "*saber questionar*", "*ter disciplina*". Aryane identificou também uma contribuição bastante pontual de sua experiência na farmácia para seus projetos futuros: a questão da organização e limpeza do ambiente de trabalho. Já na segunda entrevista, ela fará um link muito mais significativo.

Em suma, no caso de Aryane, a experiência de morar sozinha e ter que cozinhar foi mais relevante que a experiência de trabalho na farmácia, na escolha de sua profissão, funcionando como uma "influência" externa (LAHIRE, 2004). O peso da passagem pelo Programa de aprendizagem foi relativamente menor do que a necessidade de cozinhar.

Outro aspecto importante é que não havia cobrança por parte dos pais ou marido para que Aryane trabalhasse, tanto que na ocasião da segunda entrevista ela estava sem trabalhar desde o fim do curso de aprendizagem, aguardando uma oportunidade de trabalho na área de gastronomia, ou seja, não havia uma pressão para que ela encontrasse um trabalho qualquer para ajudar em casa, como será visto posteriormente, o que Leccardi (2005) denomina como "presente estendido".

6.1.3.4 Perfil 9: Larissa (CIEE) – a pedagogia como vocação

> Eu sou evangélica e no ambiente que eu convivo, nos finais de semana mais, eu sempre ensinava as crianças sobre a palavra bíblica, sobre a aprendizagem na área de educação e eu acho que isso me incentivou, sabe? A gostar da área do ensino (LARISSA, 19 anos).

Uma característica que merece destaque em relação à Larissa era o fato de ela ser uma estudante universitária da rede pública, diferentemente dos demais jovens entrevistados matriculados no ensino superior, os quais estudavam na rede privada. Além disso, sua fonte de renda não se restringia ao salário como aprendiz, pois também recebia uma bolsa da universidade, o que me chamou a atenção. Por fim, não havia relação entre o curso de aprendizagem que fazia e sua graduação.

A entrevista ocorreu em junho de 2017. Larissa era uma jovem bem articulada e, por isso, a entrevista ocorreu de forma tranquila, apresentando respostas detalhadas e pedindo para que eu repetisse a pergunta nas poucas vezes que não a entendeu ou teve alguma dúvida. Por também ser universitária, ela demonstrou bastante interesse acadêmico pela minha pesquisa, solicitando mais detalhes desta.

Quando a entrevistei, Larissa tinha 19 anos, era solteira, autodeclarava-se parda, não tinha filhos, morava com o padrasto e a mãe em uma casa alugada no Recife, havia três anos. Antes havia morado em Camaragibe e Paulista. Ela fazia o curso de *ocupações administrativas* e trabalhava em uma empresa estadunidense especializada no tratamento e remoção de lixo e resíduos industriais.

A sua renda familiar encontrava-se entre 1 e 2 salários mínimos. Quanto a fontes de renda, como já expus, Larissa foi uma dos dois entrevistados (o outro era Kaio, perfil 10) que não dependia exclusivamente de seu salário como aprendiz, pois recebia uma bolsa de manutenção acadêmica da universidade. Ela contribuía financeiramente com sua família.

Segundo Larissa, sempre teve uma boa relação com seus familiares, embora tenha ressaltado uma maior relação com a mãe: *"eu não me lembro assim, muita coisa, tipo, da minha infância, mas eu me lembro que era uma época muito boa"*. O padrasto trabalhava durante o dia todo e a irmã estava morando com a avó, pois haviam mudado de cidade e a casa de sua avó era mais próxima da escola que a irmã não queria deixar. Diante disso, moravam a mãe, o padrasto e Larissa na mesma casa. Na época da primeira entrevista, considerava a relação com seus pais *"mais difícil"*, pois devido às atividades no curso de aprendizagem e na universidade passava o dia fora de casa: pela manhã estava no CIEE ou na empresa e à tarde estava na UFPE e só chegava à noite em casa, o que dificultava a comunicação com a mãe e o padrasto:

> *Eu só vejo minha mãe, meu padrasto pra dizer: "Oi, boa noite", só pra dormir. Então, assim, hoje em dia tá bem complicado, assim, a nossa relação, até pra comunicação, só isso. Mas aí, antes, eu conseguia ter uma boa relação também.*

Os pais de Larissa eram separados desde que ela era criança e, por isso, tinha pouco contato com o pai: *"assim, dificilmente. Acho que só uma vez no ano e muito mal. Eu não tenho tanta ligação com ele, tanto afetiva, né? Por mais que seja o pai biológico"*. Já a relação com a mãe e o padrasto era tida como muito boa, pois considerava a mãe como uma amiga:

> *Minha mãe hoje ela até fala pra mim, ela nunca deixou eu presenciar nenhuma briga, porque sempre ela falava: "Olha, se você quiser falar*

> *comigo, você fale quando* [o padrasto] *não estiver em casa" e ela fala isso pra mim e realmente eu nunca presenciei uma briga com meus pais, porque ela sempre foi uma pessoa, assim, muito reservada em questão a isso.*

Larissa afirmou que embora sempre tenha sido incentivada pelos pais a estudar, nunca a influenciaram a seguir uma profissão específica:

> *Minha mãe sempre me incentivou a estudar, a buscar novos horizontes, sabe? Ela sempre me deixou aberto quanto à minha escolha profissional. Ela disse: "Olha, eu não vou interferir na sua vida, não, porque isso é você que vai construir. Eu vou dar a base pra você, né?". Que no caso é ajuda de custo, até pra me manter, passagem...*

Sua mãe ficou bastante feliz por Larissa conseguir ingressar no curso de aprendizagem, pois este era um desejo de Larissa desde o ensino médio, quando por várias vezes tentou uma vaga e não conseguiu. Sua mãe a apoiava: "*depois que eu consegui minha mãe ficou muito feliz, porque ela sabe que é um momento de aprendizagem, né, do primeiro contato com o meio profissional, meio mais formal, né? Ela me incentivou bastante a participar do programa".* Já o padrasto era mais reservado quanto a esse aspecto de sua vida.

Seus pais aprovavam a área do curso de aprendizagem que Larissa estava matriculada, *ocupações administrativas*, pelo fato de conviver com outras pessoas e a contribuição para sua formação.

Quanto à sua escolha profissional, sua mãe considerava a área difícil:

> *Porque hoje em dia tá... a educação hoje não é prioridade, né? Então, ela fala isso, mas mesmo tendo toda dificuldade ela me incentiva a terminar o curso, a fazer minha Pós, a trabalhar também. Ela me incentiva, ela não fala, tipo: "Ah, você deveria fazer isso, outra área porque essa área não vai dar futuro pra você", não. Ela sempre me apoia.*

O namorado de Larissa, que estudava *sistema de informações* e trabalhava na área de varejo, a incentivava a estudar, abrindo mão dos finais de semana, quando necessário:

> *Eu só vejo ele no domingo. Então, esse final de semana mesmo a gente não vai se ver porque eu vou tá fazendo prova e ele também. Então, eu acho que isso é uma forma de me incentivar, tipo: "Ah, ela tá estudando, não vou atrapalhar ela. Eu também vou tá estudando, vou tá...", sabe?*

Larissa considerava sua trajetória escolar como boa, entretanto, ressaltou ter tido muitos problemas devido às constantes mudanças, pois já havia morado em Camaragibe, Paulista e no momento morava em Recife. Apesar dessas mudanças, sua mãe sempre a matriculava na escola e Larissa nunca foi reprovada. Considerava-se uma boa aluna no tempo escolar, pois:

> *Acho que foi no 1º e no 2º ano [do ensino médio] eu cheguei a receber como se fosse um certificado de aluna estrela, uma coisa assim. Então... é, no 3º ano não tinha uma coisa assim, porque é como se fosse uma forma de... eu*

> *acho que é... incentivar os alunos a se dedicar no ambiente escolar. Tinha um bom resultado lá.*

A melhor lembrança que tinha da escola eram os professores, os quais a incentivavam bastante quanto aos estudos e oportunidades:

> *Inclusive foi a partir deles, um deles, uma professora minha de matemática que me informou sobre um pré-vestibular que é gratuito, que é o Prevupe[56], no qual eu participei, né, por um ano. E aí, graças a ele, eu também consegui estudar mais pra passar na faculdade, porque quando eu terminei o ensino médio eu não consegui passar na faculdade. E aí eu fiquei estudando, me dedicando, pra poder conseguir passar agora em 2016.*

Larissa cursava o 2º período de pedagogia na UFPE. Seus pais tinham o ensino fundamental completo, sendo sua mãe *autônoma* e seu pai zelador.

Ela tinha escolhido o curso de pedagogia na 1ª entrada e o de letras na 2ª entrada. Por fim, havia sido aprovada em 1º lugar em pedagogia e não atingiu a pontuação necessária para o curso de letras, mas ressaltou que essa segunda opção era apenas um plano B, caso não fosse aprovada em pedagogia, que seria o curso que desejava realmente.

Sobre a escolha por pedagogia, Larissa afirmou estar inicialmente indecisa entre esta e o curso de letras, mas se decidiu após buscar informações com profissionais da área de pedagogia:

> *Sabe quando você fala com alguns profissionais que já é da área e você diz: "Nossa, eu quero ser igual àquele profissional. Quero dar o meu melhor ali". Então eu escolhi pedagogia porque eu sei... eu sei que é uma área difícil, mas eu sei que eu posso contribuir positivamente com ela, sabe? Pra ser reconhecida, porque hoje em dia muitos pedagogos não são reconhecidos como deveriam ser, né? E aí eu acho que eu posso ter uma contribuição nessa área, dar minha contribuição.*

Larissa sempre foi incentivada pelos pais a estudar, não com palavras, mas através de suas atitudes, como exemplifica a seguir:

> *Como eu estudei no ensino integral eu passava o dia todo fora de casa e quando eu chegava minha mãe sempre me ajudava. Ela sempre tava lá dizendo: "Olha, Larissa, é... como foi seu dia? E aí, foi bom?". Ela sempre perguntava isso e eu via isso como uma forma de é... "Nossa, ela tá se preocupando comigo, mesmo eu passando o dia todinho fora". É isso.*

Até o momento da entrevista, a mãe de Larissa a incentiva a estudar. A mãe sempre destacava a importância dos estudos, pois, como tanto sua mãe quanto seu padrasto não

---

[56] Criado em 1999, o Pré-Vestibular da Universidade de Pernambuco (Prevupe) é um cursinho gratuito que consiste em um projeto patrocinado pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Educação, em parceria com a UPE.

tiveram oportunidade de estudar (ambos tinham o nível fundamental incompleto), entendiam os estudos como uma oportunidade de Larissa *"crescer"*.

Segundo Larissa, sua escolha profissional foi de caráter individual, sem a influência de professores ou colegas da escola, por exemplo. Estes sempre a estimularam no sentido de "*que era importante a gente escolher o que a gente gosta, né, uma coisa que a gente se identifica. Eu não tive, tipo, essa opressão de: 'Ah, você precisa ser isso e aquilo', não. Eu não tive isso".*

Por outro lado, destacou as disciplinas como filosofia, sociologia e língua portuguesa, como importantes para a escolha de sua profissão, por se identificar mais com essa área de humanas, em detrimento da área de ciências exatas.

Apenas uma professora da Universidade sabia que ela fazia um curso de aprendizagem, por morarem próximas. Para a professora, essa era uma experiência muito boa e incentivava Larissa a permanecer e aproveitar a oportunidade, por essa fase de experiências passar rápido. As *"amigas mais próximas"* da Universidade também tinham conhecimento que Larissa fazia o curso de aprendizagem e a incentivavam:

> *Nossa, elas falam assim: "Larissa, como é que tu tem tempo de conciliar o trabalho de manhã e a faculdade de tarde?". Porque principalmente agora como tá finalizando o período, tem muito trabalho, muito trabalho acadêmico e aí elas falam assim, elas: "Olha, a gente tem que te ajudar, visse? Qualquer coisa se tu precisar, conta com a gente". Elas me incentivam, sabe?*

Na época da primeira entrevista, Larissa estava gostando muito do curso de pedagogia, por ser um curso *"bem amplo"* e, principalmente, por perceber a importância da teoria para a sua prática como pedagoga:

> *A gente vai começar a estagiar no 3º período, mas, assim, não remunerado, né? Você vai pra uma escola pública, vai uma vez por semana pra gente fazer análise, observação dos alunos e eu acho que essa é uma parte que tá tendo agora, parte teórica, vai contribuir pra isso, pra observar futuramente o comportamento dos alunos.*

Na época da primeira entrevista, a mãe de Larissa estava desempregada e o padrasto trabalhava há 15 anos como zelador de um prédio próximo de onde residiam e embora não conhecesse muitos detalhes de seu trabalho, considerava-o bom pelo fato de ajudar em casa. O pai biológico trabalhava como mecânico de automóveis em uma oficina. Diante disso, Larissa não identificava qualquer tipo de influência das profissões dos pais em sua escolha profissional.

Larissa contribuía financeiramente em casa, através do pagamento da conta de energia ou da água (pagava a conta que fosse mais cara no mês) e dava *"um valor x"* a sua mãe para

ajudar na feira. O restante do salário usava para suas despesas decorrentes da faculdade, como livros e cópias.

A ideia de contribuir partiu de Larissa, diante das dificuldades que via em casa e queria retribuir tudo o que a mãe tinha feito por ela:

> *Eu ajudo em casa, né? Eu faço como se fosse um tipo de retribuição do que ela fez pra mim, às vezes em casa porque eu sei que a situação é bem difícil. E tá chegando agora o término do contrato, mas eu já tô em busca de um estágio da minha área, pedagogia, na área de educação pra poder já, né, não perder, assim, a questão financeira porque contribui. E a aprendizagem também. Eu digo que os dois se complementam.*

Larissa achava que se tornava mais responsável, independente e realizada quando contribuía financeiramente. A maior parte do seu salário como aprendiz, gastava com cópias na faculdade, além de produtos de higiene pessoal ou roupas. Além do salário como aprendiz, recebia uma bolsa de Assistência Estudantil pela Universidade no valor de 300 reais[57], a qual a ajudava a permanecer na Universidade e a contribuir em casa:

> *Ela me ajuda. É Bolsa Assistência Estudantil. Eu consegui. Foi bem criteriosa essa seleção também. Tive que fazer entrevista, porque é toda uma questão socioeconômica, né? Tem que levar a comprovação da renda realmente. E como minha mãe, ela não tá trabalhando, isso auxiliou bastante pra eu receber.*

Fazia pouco tempo que Larissa passara a receber a bolsa e, como estava no fim do curso de aprendizagem, era esta bolsa que a ajudaria a se manter na Universidade, enquanto não arranjasse um estágio ou emprego.

O curso de aprendizagem profissional foi sua primeira experiência de trabalho, pois antes não havia trabalhado nem realizado trabalho voluntário, embora a atividade na escolinha bíblica o fosse.

Conheceu o Programa "*através de amigos*" e "*principalmente dentro da instituição CIEE com as aulas*". Seus pais tiveram muita influência em sua participação no Programa e sua principal motivação era "*aprender sobre a área administrativa e principalmente pelo salário que contribuiu para minha permanência na Universidade*".

Sua mãe a incentivava a fazer o curso de aprendizagem, devido não só às vantagens financeiras, mas também pelo desenvolvimento pessoal durante o Programa: *"porque eu era mais tímida"*. Segundo a mãe, *"agora tá mais desinibida"*. Isto é, Larissa ressaltou que

---

[57] Denominada como Bolsa-Nível, de acordo com o *site* da UFPE, consiste em um "auxílio financeiro cuja finalidade é a de ampliar as condições de permanência dos estudantes, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, regularmente matriculados na Universidade, de modo a concluírem os cursos da graduação presencial; observando-se os critérios da Política de Assistência Estudantil da UFPE". As bolsas variam entre R$100,00 e R$400,00, dependendo da faixa de renda familiar "per capita" do estudante.

contribuiu para sua *"formação humana também, porque eu tinha medo de falar até em público, eu tinha vergonha, ficava toda vermelhinha, então isso aí contribui pra mim"*. Larissa disse que ao longo do curso, pensou algumas vezes em desistir, mas sua mãe sempre a incentivou a continuar.

Antes de participar do Programa de aprendizagem, buscou uma vaga pela *internet* por cerca de um ano e, como não teve sucesso, parou de procurar. Posteriormente, surgiu na *internet* a notícia de uma seleção que aconteceria no dia seguinte para trabalhar em uma empresa como aprendiz. Larissa participou do processo seletivo e com duas semanas foi contatada por parte da empresa com a notícia de que tinha sido aprovada:

> *Eu fiquei muito feliz, né? E aí eu vim pra cá pra o CIEE durante 25 dias, que é o período de aprendizagem. Eu tive aulas teóricas aqui e na FAFIRE, então depois dos 25 dias corridos aqui, a gente passou a ir na empresa. E pra cá uma vez na semana e na terceira terça do mês também, pra aula complementar.*

Em relação à prática na empresa, Larissa considerava ter um bom relacionamento com o pessoal do seu setor:

> *Eles sabem que eu faço faculdade, né, eles me incentivam, principalmente na parte de aprendizagem de lá, porque eles falam que lá é o momento de pôr em prática tudo que eu aprendi no CIEE. Então, eles passam pra mim atividade, eles pedem pra eu me relacionar com os outros setores, porque no ambiente de trabalho isso é muito importante. Principalmente o meu setor que é comercial da empresa, ele tá interligado com as áreas de... meio ambiente porque é uma empresa voltada para coleta de resíduo ambiental. Então eu consegui me desenvolver lá, ter bom relacionamento com os participantes da empresa.*

Suas atividades na empresa consistiam em: trabalhar no computador, digitalizando documentos, mandando e-mails; solicitar materiais de escritório, sendo sempre supervisionada pela assistente administrativa do setor.

Para Larissa, ser aprendiz era um momento de aprender coisas e temáticas novas:

> *Eu aprendi muita coisa aqui sobre o ambiente de trabalho que eu nunca tinha... que eu nunca tive acesso, nunca ouvi falar, sabe? Principalmente dos direitos e das garantias que a gente tem como um profissional, como uma pessoa que tá entrando no mercado de trabalho. A importância de ter um currículo bom pra entrar, porque hoje em dia o mercado tá cada vez mais competitivo, né?*

Nesse sentido, destacava a importância do Programa para adquirir experiência e ter um bom currículo:*"hoje em dia, no mínimo, você tem que ter seis meses de experiência pra trabalhar em algum local e aqui, como nosso contrato foi de um ano e seis meses, a gente já tem uma... já tem um passo à frente, né, pra conseguir uma outra área se caso, por ventura, a gente quiser"*.

O curso de aprendizagem tinha atendido as expectativas de Larissa, pois ela já sabia que o processo de aprendizagem poderia ajudar em seu desenvolvimento *"como pessoa"* e não só *"como profissional"*:

> *Aqui proporciona as relações humanas entre um jovem aprendiz e outro, porque dentro de uma sala você vê que tem alunos diferentes, claro, mas que essa diferença entre eles, entre nós, né, ajuda na contribuição do Programa. A gente consegue ter um relacionamento bom, né, os professores também contribuem com a gente de alguma forma, nas atividades. E essa relação de grupo eu gosto bastante, porque por mais que se tenha conflitos no grupo, a gente consegue respeitar o próximo, né? Eu acho que isso contribuiu.*

A atividade prática na empresa, concentrada na área industrial, na opinião de Larissa, não contribuía para seus planos futuros profissionais na área de educação, mas caso não seguisse a área de pedagogia e voltasse para a área administrativa, acreditava que tal experiência seria importante. Ou seja, enxergava a área administrativa como uma alternativa caso não seguisse carreira na educação. A empresa incentivava os funcionários a se especializarem na área administrativa, por meio de convênios com faculdades privadas e acreditava que se seguisse essa área teria bastantes possibilidades de crescimento profissional.

Ao ser questionada sobre a contribuição das aulas teóricas para seus planos profissionais, ficou bastante claro o foco da formação oferecida pelo CIEE nos aspectos ético-disciplinares:

> *As aulas teóricas aqui, elas falam muito sobre a questão de nossa aprendizagem hoje e a nossa questão do futuro, né? Da gente tentar ser uma pessoa melhor pra sociedade, né, desde temas aqui como meio ambiente, a cidadania, a... recursos humanos. Eu acho que as temáticas aqui são bem elaboradas já pra gente ter uma noção quando a gente for sair daqui, né, a gente vai levar essa aprendizagem pra gente, pro nosso dia a dia, nosso cotidiano.*

Nessa direção, como Larissa não conhecia o Programa antes de seu ingresso, acreditava que o curso focaria apenas temáticas relacionadas ao trabalho, o que não aconteceu, devido aos temas transversais que extrapolavam o meio profissional.

Larissa afirmou, a partir da experiência que teve, que quando o jovem aprendiz passa pelo Programa, volta para a sociedade com outra perspectiva: mudar a sociedade.

Antes de fazer parte do Programa, Larissa tinha amigas que eram aprendizes do SENAC e que a incentivavam a participar do programa dessa instituição e de outras oportunidades, embora não tenha conseguido através de outras pessoas uma vaga. Como já dito, conseguiu por conta própria em um anúncio na *internet*. Em relação às vagas via *internet*, Larissa chamou a atenção para a existência de divulgações de vagas de aprendizagem que não eram verdadeiras: "*tem muita coisa de vaga lá na* internet *hoje em dia*

que não é verdade, tipo, é mais curso pra você pagar e se depois você conseguir concluir o curso, que você vai participar de uma seleção pra ver se você vai conseguir ficar na vaga. Então, tem uma burocracia muito grande".

Quanto a projetos futuros, Larissa apresentou uma lista bastante geral e a longo prazo, quais sejam: terminar a faculdade, sair de casa, constituir sua própria família, ter uma casa própria, um carro, ajudar financeiramente a mãe e fazer uma pós-graduação na área de educação.

O que a motivou a traçar esses planos foi o fato de pretender ser reconhecida na sociedade através de seu crescimento profissional. Para ela, o Programa de aprendizagem foi fundamental para esse crescimento profissional, para sua *"vivência em sociedade"*, mas não teve influência em seus planos futuros quanto a sua profissão.

No momento da entrevista, Larissa afirmou ter um desejo de continuar na área administrativa, embora achasse complicado continuar como funcionária efetiva da empresa ou trabalhar em outra empresa, pois estudava à tarde e dificilmente encontraria um emprego só pela manhã e que não fosse como aprendiz.

Larissa identificou dois fatos ou momentos que a levaram a escolher a profissão de pedagoga: 1) uma professora que teve no ensino fundamental e que a inspirou: *"eu me espelhava nessa professora do meu ensino fundamental e eu vi que eu poderia, né, tá contribuindo também de alguma forma pra ensinar"*; e 2) o fato de sempre ter gostado de ensinar, atrelado à experiência que teve de ensino com as crianças na igreja que fazia parte:

> *Eu sou evangélica e no ambiente que eu convivo, nos finais de semana mais, eu sempre ensinava as crianças sobre a palavra bíblica, sobre a aprendizagem na área de educação e eu acho que isso me incentivou, sabe? A gostar da área do ensino, que eu sempre aprendia com ela, sempre ensinava pra elas algumas coisas. Acho que foi esse momento. Esses dois momentos.*

O único grupo, entidade ou associação que Larissa frequentava era a igreja e sua participação estava restrita aos finais de semana. Aos sábados participava de um curso de música (violão) e aos domingos contribuía na escola dominical trabalhando com as crianças e frequentava o culto bíblico à noite. Na escola dominical contava com as orientações de uma professora formada em pedagogia: "*ela sempre me ensina a fazer as lições com as crianças".* Eventualmente participava do teatro bíblico na igreja, mas no momento da primeira entrevista não participava.

Larissa fazia parte de um grupo de *whatsapp* no qual os aprendizes tiravam dúvidas sobre direitos e onde trocavam informações a respeito do Programa.

Ela indicaria o curso de aprendizagem para outras pessoas, pois a partir dessa experiência, deixou de ser mais tímida, desenvolveu-se como pessoa e aprendeu a respeitar mais ao próximo: "*eu antes respeitava, agora a questão de, por exemplo, as pessoas que eram homossexuais, eu era muito assim ligada à: 'Ah, eu sou contra isso. Não'. E hoje eu respeito, sabe?".*

Pretendia trabalhar e estudar após o término do curso de aprendizagem.

A escolha de Larissa pela profissão de pedagoga se deu a partir de dois momentos: 1) uma professora que a inspirou no ensino fundamental; e 2) a experiência de ensino na igreja.

Larissa teve uma professora que, por meio do seu desempenho em sala de aula, havia a inspirado a seguir a área de educação: "*eu me espelhava nessa professora do meu ensino fundamental*". Essa foi a "influência" externa (LAHIRE, 2004) mais significativa que identifiquei na trajetória de Larissa.

Mas a experiência que mais tinha sido decisiva em seguir a área pedagógica foi a atividade como professora na igreja evangélica da qual fazia parte, a qual funcionou como uma aprendizagem experiencial (DUBAR, 2009). No questionário, disse que não havia trabalhado antes do curso de aprendizagem nem realizado trabalho voluntário. Porém, desempenhava a atividade de professora na escola bíblica da igreja que frequentava, experiência que teve papel crucial na sua escolha em seguir a profissão de pedagoga. Essa experiência era fundamental para sua formação, pois Larissa era orientada por uma professora já formada em pedagogia, com a qual aprendia bastante sobre o ensino-aprendizagem de crianças.

A opção pela pedagogia se deu por uma questão mais social do que financeira: "*eu vi que eu poderia, né, tá contribuindo também de alguma forma pra ensinar*". O curso estava contribuindo com os planos futuros de Larissa, mesmo estando há pouco tempo na graduação, pois já estava pensando na área de concentração de sua pós-graduação.

Larissa também ressaltou uma meta profissional que era ser reconhecida pela sociedade por meio do seu crescimento profissional e sua contribuição na área de pedagogia, ou seja, ela buscava através do acúmulo de capital cultural (diploma, credenciais educacionais) adquirir certo capital simbólico (prestígio, reconhecimento) dentro da profissão de pedagoga.

Vale ressaltar que após fazer a prova do Enem em 2016, Larissa, ao se inscrever no SiSU[58], colocou como 1ª opção o curso de pedagogia (que era seu principal desejo) e letras como 2ª opção, caso não passasse em pedagogia, o que não aconteceu. Cabe aqui destacar a relação entre projetos e campo de possibilidades, pois nesse momento de sua trajetória, Larissa possuía dois projetos e seguiria aquele que apresentasse melhores condições de ser concretizado dentro do campo de possibilidades (VELHO, 2004) que se apresentava a ela. No final das contas, o campo de possibilidades permitiu que seu projeto principal (pedagogia) fosse concretizado, porém, caso tivesse acontecido o contrário, sua trajetória provavelmente seria completamente diferente.

Embora reconhecesse as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação no Brasil, sua mãe a incentivava a concluir o curso de pedagogia. A mãe e o padrasto de Larissa tinham o nível fundamental incompleto e, por isso, tomavam os estudos como uma oportunidade de crescimento para Larissa. Sua mãe sempre a incentivou a estudar, principalmente demonstrando interesse quanto ao desempenho de Larissa na escola. Quanto ao curso de aprendizagem, Larissa também recebia incentivo por parte da família.

Já no questionário, Larissa deixou claro que a principal motivação em participar do curso de aprendizagem era o salário, o qual era fundamental para sua permanência na Universidade. Mais uma vez identifico a relação entre projetos e campo de possibilidades: a oportunidade de ser aprendiz surgiu em seu campo de possibilidades e Larissa aceitou participar do Programa para se manter na Universidade e, assim, realizar seu projeto que era ser pedagoga.

A importância do curso de aprendizagem, para Larissa, girava em torno dos aspectos ético-disciplinares que desenvolveu, como: responsabilidade e a perda da timidez. Larissa também percebia as contribuições do Programa em seu desenvolvimento profissional e também pessoal: "*aqui proporciona as relações humanas entre um jovem aprendiz e outro [...] a gente consegue respeitar o próximo*"; "*eu antes respeitava, agora a questão de, por exemplo, as pessoas que eram homossexuais, eu era muito assim ligada à 'ah, eu sou contra isso. Não'. E hoje eu respeito, sabe?*".

A fala dela sobre "o que é ser aprendiz" tanto ilustra as respostas óbvias ("*aprender*") como a questão de fazer o curso para adquirir experiência e melhorar o currículo: "*hoje em dia o mercado tá cada vez mais competitivo, né?*". Além disso, achava importante adquirir

[58] O Sistema de Seleção Unificada (SiSU) é o sistema informatizado do Ministério da Educação através do qual as instituições públicas de ensino superior disponibilizam vagas a estudantes que participaram do Enem.

experiência: "*hoje em dia no mínimo, você tem que ter seis meses de experiência pra trabalhar*" (noção de "empregabilidade").

Esse trecho é bem esclarecedor, pois como a experiência de aprendizagem geralmente é de dois anos, cumpre essa exigência destacada por Larissa de, no mínimo, seis meses, para um jovem ter oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. É como se a aprendizagem funcionasse como um subterfúgio para preencher esse pré-requisito exigido pelas empresas para dar oportunidade aos jovens trabalhadores (esse mesmo ponto é destacado por Fábio).

Pela descrição de Larissa, na prática na empresa, ela aprendia bastante: "*eles passam pra mim atividades*", o que se caracteriza como uma aprendizagem experiencial (DUBAR, 2009). A área administrativa, para Larissa, era tida como uma alternativa caso não conseguisse seguir na área de educação.

Na época da primeira entrevista, com a proximidade do fim do contrato de aprendizagem, Larissa já estava em busca de um estágio em sua área (o que ela conseguiu, como será visto na segunda entrevista).

Nenhum dos projetos futuros apresentados por Larissa tinha sido atingido até a segunda entrevista, por serem de médio a longo prazo.

6.1.4 Uma experiência negativa

Reservei um tópico com apenas um perfil pela relevância da experiência que Kaio considerava como ruim em sua prática na empresa. Tanto a questão da experiência negativa quanto a falta de qualquer tipo de prática (seja ela boa ou ruim) me pareceu afetar consideravelmente aspectos como planos, escolhas profissionais e a construção da identidade profissional dos jovens aprendizes que passavam por essa situação.

Diante disso, acredito que relacionar os perfis dos dois próximos tópicos será de extrema importância para as análises que aqui me proponho.

6.1.4.1 Perfil 10: Kaio (SENAI) – dotado de vários dons, mas nenhum dá dinheiro

> "Você é dotado de muitos dons", mas infelizmente nenhum dá dinheiro (risos), que é o que eu preciso.
>
> Desde pequeno eu sempre me deparei com a palavra 'dinheiro'... a falta dele, no caso (KAIO, 20 ANOS).

A escolha por Kaio se deu pelo fato de Kaio ser mais um aprendiz que pretendia seguir uma profissão diferente da área em que fazia a aprendizagem profissional. Esse caso em

particular me chamou a atenção porque a grande maioria dos aprendizes do SENAI, que responderam ao questionário, pareceram se identificar com a área de mecânica e, por conseguinte, desejavam seguir pelo menos uma área afim. Kaio, porém, ia de encontro a essa tendência. Ao longo da entrevista ficou bastante claro o porquê dessa escolha: a experiência de trabalho que ele tinha na empresa era bastante negativa, o que fazia com que não desejasse seguir a profissão.

A entrevista com Kaio foi bastante rica e significativa para minha pesquisa, pois ele apresentava uma visão bastante crítica acerca de sua experiência de aprendizagem profissional, além de falar bastante, sempre respondendo satisfatoriamente às perguntas.

Kaio, na época da primeira entrevista, junho de 2017, tinha 20 anos de idade, era solteiro, não possuía filhos, considerava-se pardo, tinha quatro irmãos e morava há dez anos em uma casa própria com a mãe e o irmão, na cidade de Olinda. Kaio estava matriculado no curso de *técnico em mecânica industrial* do SENAI e era aprendiz de uma empresa do ramo de papel e derivados.

Vale ressaltar que Kaio foi um dos dois aprendizes entrevistados que indicaram possuir outro meio de renda além do salário como aprendiz, qual seja, a atividade de *marketing* de rede. Sua renda familiar estava entre 2 e 3 salários mínimos e o jovem contribuía financeiramente em casa.

Kaio considerava seu convívio com a família como "*tranquilo*". Sua mãe sempre trabalhou fora e, por isso, conviveu mais com a tia, pois esta morava "*em uma casa meio que colada*". Porém, na época em que ocorreu a entrevista sua tia morava longe e ele convivia mais com a mãe. Seus pais eram separados. Kaio já havia morado em Recife, mas devido à construção de um terminal de ônibus onde era sua casa, teve que se mudar para outro local designado pela prefeitura de Olinda.

Considerava como "*tranquilo, boa*" sua relação com seus pais. A separação dos pais ocorreu quando Kaio ainda era muito novo e, por isso, não tinha lembranças de como era o seu relacionamento com o pai antes da separação. Ainda tinha contato com seu pai, "*pouco, mas tenho*", enquanto que a relação com a mãe "*sempre foi a mesma*".

Sua mãe o incentivava a seguir a atividade de *marketing* multinível, na qual trabalhava há seis meses no período em que ocorreu a primeira entrevista. Antes disso, a mãe já o incentivou a seguir a carreira de direito: "*ela falou que era uma área muito boa e disse que se eu precisasse de alguma coisa em relação a isso eu poderia contar com ela*". Já pensou na área, mas na ocasião da entrevista não mais, devido à experiência que tinha na empresa de *marketing* de rede, a qual o despertou para a área de gestão de pessoas, onde desenvolveu uma

"*paixão*" por trabalhar com liderança. O pai, por sua vez, nunca o incentivou na questão profissional, pois "*eu não tenho muito contato com ele, então sobre minha vida profissional assim... quando eu vejo ele é só: 'Oi, tudo bom? Como o senhor tá?' e somente isso".*

Os pais de Kaio acharam "*bastante interessante*" a oportunidade de participar do curso de aprendizagem. Principalmente sua mãe, pois era a área que Kaio sempre quis, embora no início acreditasse que seria o curso de mecânica automotiva e não industrial. Sua mãe sempre o incentivou a quando terminasse o ensino médio, começasse um curso técnico, "*arranjar trabalho e fazer [um curso] superior*".

Sobre a mecânica, sua mãe gostava da área, pois, segundo ela, é uma área que vinha "*crescendo muito*" e, por isso, acreditava ter muito emprego e não ficava preocupada em relação a desemprego.

Em relação a sua escolha profissional – *marketing* de rede –, Kaio tinha o incentivo de sua mãe que o estimulava a fazer faculdade na área de gestão de pessoas. Seu irmão trabalhava junto com ele nessa área e também trabalhava na área de *telemarketing*. Na empresa em que o irmão trabalhava *"ele já consegue curso mais barato na área lá e já disse que ia me indicar".*

A namorada de Kaio o incentivava a trabalhar, principalmente no que diz respeito aos projetos de vida que eles tinham em comum. O incentivava tanto no curso de aprendizagem, quanto em seu trabalho em *marketing* de rede. Na época da entrevista, ela não trabalhava e havia concluído o nível médio e, por isso, estava "*no período de transição 17-18 anos, que é o momento que a empresa não pega porque ainda não é de maior e aí ela tem que procurar uma área em jovem aprendiz ou alguma coisa do tipo*".

Kaio considerava sua trajetória escolar como "*tranquila*" e não se definia como um "*mau aluno*", pois nunca foi reprovado ou suspenso e raras vezes ficou em recuperação.

> *Primeiramente, eu era bastante esforçado em relação a notas, então eu nunca fui de dar problema pra minha mãe em relação a notas. Segundo, confusão. Nunca fui aluno de fazer confusão, sempre tava evitando brigas. Assiduidade no começo do meu ensino médio foi bastante pouca. Confesso que eu faltei um bocado. Mas fora isso era um aluno que, em sala, eu tentava fazer a diferença pra o meu grupo em relação à matéria.*

Embora tenha destacado que quando era "*pequeno*" tenha dado trabalho à sua mãe, devido à dificuldade que possuía em ler. Assim que concluiu o ensino médio, ingressou no curso técnico (aprendizagem) e pretendia após o fim do curso, entrar no ensino superior.

Ele possuía o ensino médio completo, passando por apenas duas escolas durante sua trajetória escolar. Na primeira, que era particular, cursou desde a educação infantil até o nível fundamental e na segunda, que era pública, fez todo o ensino médio.

A mãe, que era técnica em enfermagem, possuía o nível superior incompleto e seu pai, o fundamental completo, sendo cabeleireiro.

As melhores lembranças que tinha do tempo da escola eram os amigos e os professores, com os quais ainda mantinha contato e tinha "*bastante amizade*". As piores lembranças que tinha da época foi, primeiro, o interessante fato de ter quebrado os dois braços durante os jogos internos da escola, em pleno período de natal, 23 de dezembro de 2010, quando tinha 13-14 anos: "*um professor disse que a gente só ia ganhar nota se a gente participasse. Eu acabei participando, acabei quebrando os dois braços".* Kaio se chateou com o professor por este dizer que ele havia feito "*corpo mole*" e acabou perdendo as provas do final de ano. A segunda lembrança foi "*uma coordenadora extremamente chata*" que "pegava no seu pé", devido aos constantes atrasos por ele morar distante da escola. Inclusive, de acordo com Kaio, essa lembrança surgiu durante a entrevista, pois não lembrava mais dessa coordenadora: "*você me lembrou até um fato muito* (risos)*... que eu não tinha lembrança. Uma coordenadora muito chata que eu tinha no meu ensino fundamental".*

Seus pais, e principalmente a mãe, sempre o incentivaram a estudar:

> *Ela falou que ela só encontrou saída pra vida financeira dela com os estudos. Que ela passou em concurso público, em dois. Ela consegue hoje, ela é concursada. Enfermagem. E ela me incentivou sempre, sempre, sempre a também tá saindo da dificuldade financeira da gente através dos estudos.*

Inclusive a mãe nunca deixou faltar qualquer material escolar dos filhos. Ela ainda o incentivava até o momento da entrevista.

No período escolar, destacou um professor que o incentivava a seguir a área de desenho artístico: "*desde pequeno ele me incentivou muito a seguir a carreira artística, pintura, essas coisas*". Na época da primeira entrevista ganhava um dinheiro extra com encomendas de desenhos: "*o pessoal manda foto, dependendo do tipo da foto, eu calculo o tempo que eu vou demorar pra fazer o desenho e aí eu digo o valor*". Afirmou receber pedidos toda semana por ser "*um presente diferente*".

Kaio já havia trabalhado antes do curso de aprendizagem, em atividades como: *LAN house*[59], cartão de crédito, na feira etc., assim como já tinha realizado trabalho voluntário na

[59] *LAN (Local Area Network) house*, ou casa-da-rede em português, é um estabelecimento comercial semelhante a um cybercafé, onde os usuários pagam para utilizar um computador com acesso à internet para obter informações e/ou entretenimento.

alimentação de moradores de rua. Ele já havia escolhido a profissão que queria seguir: trabalhar com *marketing* de rede (*network marketing*).

No momento da entrevista, Kaio apenas se dedicava à aprendizagem, porém, em seu tempo livre trabalhava com *marketing* de rede.

Sobre as profissões dos pais, Kaio afirmou que a profissão da mãe o havia ajudado bastante durante sua vida, pois era técnica em enfermagem e pelo fato de conhecer sobre a área de saúde, passou pouco tempo em hospitais. Quanto à profissão do pai, cabeleireiro, admirava o grande número de contatos e amizades que esta atividade proporcionava por trabalhar em uma rede de salões.

Kaio contribuía financeiramente em casa com o que ganhava como aprendiz e com o *marketing*, pagando, às vezes, as contas de luz, água, feira e a *internet*, por exemplo. A ideia de contribuir partiu dele próprio por considerar um "*alívio*" para sua mãe: "*eu vi que quanto mais pessoas trabalham numa casa, mais leve fica pra todos. E aí partiu de mim a iniciativa pra tanto sobrar pra mim como sobrar pra ela também".* A maior parte do dinheiro que ganhava com as duas atividades gastava "*com as coisas dentro de casa*" já citadas e o restante para "*roupa*" e "*lazer*", mas sempre dava prioridade aos gastos de casa.

Kaio afirmou que seus pais sempre o incentivaram a trabalhar, principalmente através do exemplo de sua mãe. Sua mãe trabalhava quando Kaio era criança e quando a avó morreu de câncer sua mãe teve que cuidar dos filhos. Em seguida seus pais se separaram: "*eu tive o exemplo dela desde pequeno trabalhando. Então eu comecei a trabalhar muito cedo". "então eu vi pelo exemplo da minha mãe. O incentivo dela foi esse, o exemplo dela".*

Começou a trabalhar aos 12 anos de idade em uma *LAN house* por mais de um ano. Ele considerava ter se tornado "*profissional*" a partir dessa experiência:

> *Foi basicamente onde eu fui me criando como um profissional. Eu comecei a criar responsabilidade. Foi basicamente o primeiro emprego realmente do meu esforço, que eu ganhei dinheiro fixo fazendo determinado trabalho e eu me tornei como profissional. Foi ali o pontapé inicial pra minha carreira profissional. Então foi basicamente onde eu aprendi muita coisa. Disciplina, horário, essas coisas*.

Kaio teve que sair do emprego devido à necessidade de ganhar mais dinheiro e o dono da empresa não poderia pagá-lo.

Seu pai, por sua vez, também sempre o incentivou porque ele sempre trabalhou. Considerava que a mãe o incentivou diretamente, enquanto que o incentivo do pai foi indireto, pelo fato de sempre trabalhar.

Outra experiência que teve foi um estágio de aproximadamente um ano, na época da escola, em uma empresa de cartão de crédito, lançando os dados dos clientes no sistema para aprovação de crédito. Esse trabalho foi uma indicação de um colega de sala que já trabalhava na empresa.

Também havia trabalhado vendendo frutas e verduras na feira, ajudando seu primo e ganhando R$ 20,00 por dia, por três meses, aproximadamente.

Já realizou trabalho voluntário por meio de um projeto social da igreja que fazia parte, entregando sopão a moradores de rua, uma vez por mês. Mas na época da entrevista não estava mais participando da atividade. Kaio gostou da atividade, pois "*ajudar pessoas é bastante gratificante".* Ele considerava que essa experiência tinha contribuído para seus planos profissionais, pois, segundo ele, o *marketing* de rede ajudava as pessoas que precisavam de algum tipo de renda: *"a sensação que nós temos quando a gente ajuda alguém, me ajudou a pesquisar alguma profissão futura que fosse ajudando pessoas".* Entretanto, pude perceber que o fator determinante para sua escolha foi o retorno financeiro da área e não esse sentimento ou compromisso de altruísmo para com o próximo. Isso se confirma mais à frente, quando disse que seus dons (desenho e música) não davam dinheiro e, por isso, não investia nessas áreas.

Foi através de um amigo que Kaio conheceu o trabalho com *marketing* de rede. Seu amigo estava desempregado e conseguiu adquirir uma renda nessa atividade e o indicou:

> *Eu disse que a gente tava passando por algumas dificuldades em casa, eu disse que eu vou tentar arrumar. E aí, graças a Deus, minha mãe, além de ser incentivadora, ela sempre trabalhou junto comigo nisso. A gente conseguiu tirar um dinheiro extra bastante interessante e aí foi na hora que eu percebi se eu investisse na área eu poderia ganhar bem mais. E aí ela me incentiva. Continua me incentivando.*

Segundo Kaio, o *marketing* de rede[60] consiste em trabalhar na divulgação da empresa:

> *A comissão que a gente ganha é divulgando a empresa, então a gente trabalha vendendo produtos e conseguindo novos distribuidores. Então a empresa em vez de pagar a uma televisão ou um rádio propaganda, pra ter uma propaganda, ela paga diretamente pra gente, quando alguém compra algum produto diretamente a gente, a gente ganha um valor extra desse produto. A empresa dá. Quando a gente chama alguém pra ser distribuidor junto com a gente a empresa dá uma comissão bastante alta também pra gente.*

[60] O *marketing* de rede "é um modelo de vendas diretas para o cliente final sem a intermediação de lojas ou de mercados. Você vende o produto direto de fábrica e recebe uma comissão por isso". "Além de baratear o produto, esse modelo permite ampliar a rede de negócios e diminuir os custos das vendas". <https://marketingdeconteudo.com/marketing-de-rede/>.

O *marketing* de rede é mais uma das atividades surgidas no contexto do modelo de acumulação flexível, barateando os custos das vendas, pois não necessita da intermediação de lojas ou mercados.

Interessante ressaltar que Kaio tinha aptidão para a atividade de desenho artístico, mas esta era tida apenas como um *hobby*. Já havia pensado em seguir a profissão, mas identificava as mudanças decorrentes da passagem da adolescência para a fase adulta como um fator para desistir da área como profissão, além de ter conhecido a atividade de *marketing* de rede, o que considerava como "*o emprego dos sonhos*":

> *Eu não sei se é pelo fato de eu tá saindo da adolescência pra fase adulta, que aí começa a mudar muito, muito, muito a mente. E aí a área eu encontrei, basicamente o que eu queria, o emprego dos sonhos, que é a área de* marketing *de rede. E aí eu entro em desenho como um* hobby. *Sempre continuo. Nunca parei de desenhar.*

Assim como vários de seus colegas de escola também o incentivavam a seguir a área artística, por ser "*popular*" em relação à área de desenho. Kaio chegou a considerar seriamente a possiblidade de ser artista, inclusive pensou em fazer um curso de desenho e sua mãe era uma grande incentivadora, buscando um curso para ele "*e depois que fazer o curso, trabalhar em relação à* youtube. *Fazer desenho no* youtube *pra ganhar dinheiro com vídeo, desenho*".

Creditava à sua falta de compromisso com esse projeto o fato de não ter seguido a área artística. Nesse sentido, chegou até a comprar uma câmera, mas não conseguiu organizar seu tempo para se dedicar a essa atividade: "*mudou foi a falta de organização do meu tempo. Apesar de ter os materiais, ter tudo pra fazer e eu não dei o toque pra frente. E agora virou um* hobby*, não virou aquele foco de 'Ah, caramba. Eu vou viver disso'".* Nesse sentido, Leccardi (2005) traz a noção de diferimento das recompensas, implicando a presença de um horizonte temporal estendido.

Kaio conheceu o Programa através da *internet* e seus pais tiveram "*nenhuma influência"* em sua participação no Programa. Afirmou que a sua principal motivação em participar foi "*a bolsa e o estudo, podendo adquirir conhecimento e investir em outra atividade*". Esta outra atividade a que se refere era o *marketing* de rede, a qual necessitava de constantes investimentos para adquirir um retorno financeiro significativo. O trabalho como aprendiz garantia esse capital de giro.

Sempre gostou da área de mecânica automotiva e acabou encontrando a oportunidade em uma comunidade de emprego. No princípio, acreditava que a oportunidade era na área automotiva, descobrindo depois que era na área industrial. Ou seja, Kaio já tinha interesse na

mecânica antes mesmo de conhecer a área. A vontade de "*construir alguma coisa*" desde criança foi o que o levou a se interessar pela mecânica:

> *Desde pequeno, principalmente menino, a gente sempre trabalha construindo, querendo fazer alguma coisa. Então acho bastante interessante conseguir fazer o que eu quiser com a máquina. Deixar ela do jeito que eu quero e ela funcionar como eu quiser.*

Até o momento da primeira entrevista tinha ido à empresa "*umas 3-4 vezes*" por cerca de um ou dois meses cada vez. Sobre a prática de trabalho, apresentou alguns problemas que enfrentava e que já tinham sido motivos de queixa com a coordenação do curso de aprendizagem, pois, segundo Kaio, os aprendizes não faziam atividades referentes à área. Afirmava fazer todo tipo de trabalho na empresa (marcenaria, serviços gerais etc.), menos mecânica. Sua prática não estava relacionada com a teoria que via no curso. Os aprendizes haviam solicitado à coordenação para mudar de setor na empresa.

Além disso, outro ponto negativo era o fato de a empresa ser bastante perigosa:

> *Organização lá é bastante precária, é complicada e o risco de acidente lá é muito alto. Então minha atividade lá é basicamente não causar acidente. Tentar não causar algum acidente. Sair de lá inteiro* (risos).*Como a gente trabalha com máquinas enormes, a gente tá sempre com algumas manutenções, que a gente chama lá de paliativas, que é aquela manutenção via gambiarra*[61]*. Então é aquela manutenção que é feita pra funcionar na hora, não é aquela manutenção pra máquina funcionar, é aquela manutenção que dê certo na hora. Então a chance de risco, também na hora, é muito alto. Tanto o nosso coordenador lá, supervisor, ele já teve dois acidentes lá. Perdeu o movimento do dedão... do dedo mindinho, é duro, e recentemente, em dezembro, quando a gente estava lá, também teve outro acidente, que ele levou três pontos na mão, porque outra corrente pegou na mão dele.*

Diante dessa experiência negativa, não queria seguir na área industrial, mas sim na área automotiva, justamente por ter receio de se acidentar e perder um dedo, o que seria prejudicial para seu trabalho artístico.

Apenas durante o curso de aprendizagem foi que identificou uma disciplina que tinha influenciado seus planos e escolhas profissionais, qual seja, a de *Desenho Técnico*[62], na qual viu a possibilidade de unir o desenho artístico aos conhecimentos técnicos e inclusive ainda

[61] Solução para um problema feita de forma improvisada, com peças alternativas.
[62] Segundo o site do SENAI, é uma disciplina voltada para a elaboração de desenhos definitivos de peças e conjuntos mecânicos (máquinas, motores etc.) através da utilização de técnicas de acordo com as normas técnicas e representações normalizadas.

planejava estudar o CAD[63]. Mas ressaltou que para isso precisaria focar na área, organizar seu tempo: "*eu não sou muito legal em utilizar o tempo livre* (risos)*".*

A resposta de Kaio sobre o que é ser aprendiz foi bastante vaga: *"é estar... no momento, numa fase de aprendizado em uma área. Eu sou aprendiz quando eu estou em determinado momento aprendendo aquela coisa, então eu sou um aprendiz naquela área".*

Kaio identificava uma diferença entre os aprendizes e os funcionários no sentido de uma maior cobrança em relação ao serviço por parte da empresa: "*como eles são funcionários, o peso maior é neles, pra eles conseguirem fazer o serviço e não a gente. Então a demora do serviço cai sobre eles e não sobre a gente*".

Isso trazia consequências negativas para o processo de aprendizagem dos jovens, pois nesse contexto de cobrança os funcionários não tinham tempo de explicar muita coisa ou acompanhar os aprendizes, pois tinham muito serviço para dar conta. Nesse contexto, a aprendizagem experiencial (DUBAR, 2009) não acontecia.

Suas expectativas em relação ao curso de aprendizagem foram atendidas, devido ao "*ensino de qualidade e recurso financeiro*". Ele destacou o fato da "*pessoa receber pra estudar*" e o conhecimento vasto de todas as áreas da mecânica: "*eu me deparei que dentro do curso técnico tem várias matérias, várias matérias que dentre essas matérias a gente pode escolher alguma pra seguir carreira. Então supriu bastante a expectativa em relação ao estudo".*

Para Kaio, a atividade prática na empresa "*foi um incentivo pra não trabalhar na área*", devido aos constantes riscos de acidentes, "*é uma área que eu achei bastante perigosa pra mim. E aí eu tô querendo mudar pra automotiva, que já é mais tranquila em relação a acidente. Um acidente não é tão perigoso".*

Já em relação às aulas teóricas, identificava que algumas disciplinas ligadas ao desenho técnico influenciavam seus planos futuros, referentes a profissões futuras. Antes de conhecer o curso de aprendizagem não possuía qualquer expectativa, mas foi surpreendido com algumas disciplinas, pois não sabia como seria o curso.

Mesmo não conhecendo a aprendizagem, o que fez Kaio optar por fazer o curso foi a oportunidade de poder contribuir mais em sua casa: "*eu consegui ver uma oportunidade enorme de estudar e ao mesmo tempo ganhar dinheiro*".

---

[63] É a sigla para *Computer Aided Design* (CAD) ou Desenho Assistido por Computador (DAC), em português. É um *software* criado para facilitar o projeto e o desenho técnico, comumente utilizado nas áreas de engenharia, geologia, geografia, arquitetura, mecânica, *design*, entre outras.

Kaio possuía vários objetivos futuros "*todos traçados*": 1) fazer um curso superior na área de gestão, mas ainda não sabia qual; e 2) fazer um curso na área de desenho, buscando se aperfeiçoar tanto em sua atividade de *marketing* quanto em seu *hobby*: "*minha profissão futura vai ser alguma coisa em relação à liderança e, como* hobby*, desenho*".

Segundo Kaio, as chances de os aprendizes serem efetivados eram "*quase nulas*", devido aos cortes financeiros realizados pela empresa. Além disso, afirmou não ter interesse em continuar na empresa e o seu plano imediato seria investir em sua renda extra com *marketing*. Nessa parte da entrevista ficou claro porque ele denominava essa atividade como o "*emprego dos sonhos*": ganhava cerca de R$ 800,00 por mês trabalhando apenas três horas por dia.

Não pretendia continuar na área industrial, mas sim na automotiva, inclusive planejava fazer o curso pago de mecânica automotiva no SENAI, utilizando o dinheiro que ganhava com *marketing*.

Kaio conseguia identificar um fato que o levou a decidir seguir a área de *marketing*, qual seja, uma dívida "*extremamente alta*" de sua mãe:

> *É a pergunta que eu fiz pra minha mãe, foi que eu decidi: "Eu vou seguir essa carreira", que foi quando eu perguntei pra ela há quanto tempo ela trabalhava. Ela disse há 30 anos já que ela trabalha, no público, e eu perguntei se ela tinha algum dinheiro, 250 reais extras sobrando pra gente entrar no negócio e ela disse: "Não". Foi aí que eu notei que tem alguma coisa errada. A gente não trabalha pra pagar conta. A gente trabalha pra comprar o que a gente quer.*

Esse fato fez com que Kaio se decidisse em seguir a área de *marketing*, pois "*depois da oportunidade que eu vi nesse emprego, foi nesse momento que eu decidi. Eu não quero tá jogando meu tempo fora pra outra pessoa tá ganhando bastante em cima de mim, com meu trabalho*".

Quanto à participação em grupos, Kaio tinha bastante envolvimento com o grupo de louvor da igreja que frequentava e se considerava "*bastante influente*", pois tocava bateria, baixo, guitarra, teclado e violão.

Nesse sentido, disse que já teve interesse em seguir a carreira musical. Começou a tocar guitarra aos 13 anos de idade e sonhava em ter uma banda de *rock* e fazer sucesso, porém a questão financeira teve um peso importante para não seguir em frente:

> *Não sei se é a fase que eu tô passando, que a gente vê o melhor momento da gente em relação a ganhos, porque é o que a gente mais precisa no momento. Então desde pequeno eu sempre me deparei com a palavra dinheiro... a falta dele, no caso. "Mãe, eu quero comprar alguma coisa". "Meu filho, a gente não pode porque a gente não tem... dinheiro"* (risos).

> *"Mãe, o caderno de... figurinha é legal". "Mas a gente não pode porque a gente não tem dinheiro".*

Inclusive gostaria de comprar uma guitarra e uma bateria para poder tocar melhor na igreja, mas não tinha dinheiro suficiente para isso. Disse que procurava a melhor oportunidade de ganhar dinheiro com aquilo que gostava e só encontrou essa possibilidade no *marketing* de rede.

> *A vida de música é bastante complicada, não sei se você sabe. Um músico nem consegue se sustentar, quanto mais sustentar a família. E desenho também. Desenho é horas que eu passo desenhando. Eu já cheguei a ficar sete horas de um dia desenhando e não consegui concluir o desenho e aí vai pro outro dia e eu passo 30 horas desenhando, 24 horas desenhando pra poder ganhar o que eu ganho na empresa de* marketing *em alguns minutos, conseguindo vender algum produto.*

Em suma, a música era tida por Kaio também como um *hobby*. Ele também tinha o desejo de fazer faculdade de música, devido à sua atividade no grupo de louvor, visando o cargo de ministro de louvor[64] e ser reconhecido como artista, "*mas aí o que realmente dá dinheiro e que eu gostei de trabalhar na área, com gestão foi o* marketing*. E música e desenho, os dois é como um hobby*".

Pretendia fazer um curso de desenho para ser reconhecido como artista:

> *Eu sempre quis evoluir, sempre evoluir, porque eu não quero me tornar um bom desenhista, eu quero me tornar um dos melhores desenhistas pra que meu nome seja realmente lembrado. E aí isso me leva a investir na profissão de desenho. Então eu tenho que comprar material, tenho que comprar várias coisas, então realmente influencia. Não tanto, mas influencia um pouco.*

Kaio considerava o curso de aprendizagem "*perfeito*" para quem gosta da área de mecânica industrial: "*eu acho que é uma das melhores coisas que já fizeram na vida de alguém*", uma concepção próxima a de Flora (perfil 15), como mostrarei mais adiante neste capítulo.

Ele identificava algumas mudanças em si após a experiência de aprendizagem profissional, como o aumento da responsabilidade e havia melhorado seu trabalho em equipe. Embora já trabalhasse em equipe na igreja, Kaio ressaltou uma diferença fundamental entre as esferas religiosa e de trabalho:

> *Na igreja nós temos* [trabalho em equipe]*, mas aí é voluntário, então a gente não tá trabalhando... gente que tá trabalhando empurrado ou alguma coisa do tipo. Todo mundo gosta de tá ali. Já no trabalho, não. Então, trabalho em equipe, em trabalho, é gente indo trabalhar porque tem que trabalhar. E aí é meio complicado trabalhar com gente assim. Gente que não tá tão feliz, com*

[64] Ministério de Louvor é o departamento eclesiástico encarregado da música litúrgica ou conjunto musical, em igrejas protestantes e católicas, com o objetivo de realizar o louvor e adoração durante cultos, missas e reuniões.

> *a gente tá trabalhando. E aí a gente tem que melhorar em relação a isso. Trabalho em equipe, a gente tem que melhorar bastante*.

Kaio pretendia trabalhar e estudar após o fim do curso de aprendizagem.

A situação de privação e dificuldades econômicas pelas quais Kaio passou durante a infância e adolescência fez com que utilizasse o retorno financeiro como principal critério para sua escolha profissional: "*desde pequeno eu sempre me deparei com a palavra 'dinheiro'... a falta dele, no caso. '*

Kaio vivia em situação difícil quanto a sua trajetória profissional, pois as áreas que mais gostava (desenho artístico e música) não lhe permitiam o retorno financeiro que esperava. Diante disso, buscava encontrar uma área onde pudesse se sentir realizado profissional e financeiramente.

A princípio via a mecânica automotiva como uma possibilidade de alcançar esse objetivo. Fica clara a questão da divisão sociossexuada do trabalho quando Kaio explica o porquê de seu interesse na área de mecânica: "*desde pequeno, principalmente menino, a gente sempre trabalha construindo, querendo fazer alguma coisa*".

Assim, quando surgiu a oportunidade de fazer o curso de aprendizagem de *técnico em mecânica industrial* pelo SENAI abraçou a oportunidade, devido "*a bolsa e o estudo, podendo adquirir conhecimento e investir em outra atividade*". Apesar de desconhecer o que e como era o processo de aprendizagem, Kaio optou por fazer o curso pela possibilidade de estudar (capital cultural) e ganhar dinheiro (capital econômico) para contribuir financeiramente em casa e investir no *marketing* de rede.

A mãe de Kaio achava que a área de mecânica vinha "*crescendo muito*". Ela o incentivava a concluir o ensino médio, começar um curso técnico, arranjar trabalho e fazer curso superior, como se fosse uma trajetória natural, linear e sem obstáculos. Além disso, ela tinha a ideia de que a área de mecânica oferecia muito emprego e, por isso, não se preocupava quanto ao desemprego.

Esse discurso ilustra bem a crença em que o curso técnico garante, necessariamente, o acesso ao mercado de trabalho, enquanto Castel (2005) já aponta o sentido contrário: a possibilidade de *não-empregabilidade* dos qualificados, pois não há uma relação direta entre qualificação e emprego, o que foi constatado nos casos de Everton (perfil 13) e Júnior, por exemplo, os quais afirmaram que estava muito difícil conseguir emprego na área de mecânica, tanto que não conseguiram emprego após o fim do curso de aprendizagem.

É interessante perceber o quanto era significativo o estímulo aos estudos e/ou trabalho por parte dos pais e/ou familiares a partir da utilização de familiares como exemplos, seja de

"sucesso" ou "fracasso". A mãe de Kaio o incentivava a estudar e utilizava sua própria trajetória como exemplo, pois havia se formado em enfermagem e passado em dois concursos públicos.

Diferentemente de outros aprendizes (com o futuro estendido), Kaio sempre foi incentivado a trabalhar: "*eu tive o exemplo dela, desde pequeno, trabalhando*", o que se constituía como uma "influência" externa (LAHIRE, 2004) significativa. Por isso, aos 12 anos de idade já trabalhava em uma *LAN house*. Embora a experiência de aprendizagem tivesse sido seu primeiro emprego formal, Kaio atribuía à atividade na *LAN house* onde tinha se tornado "*profissional*", pois foi onde desenvolveu responsabilidade, disciplina e horário, por exemplo.

Kaio, ao ingressar no SENAI acabou passando por duas frustrações em relação ao curso e à área. A primeira frustração foi descobrir que a área de mecânica industrial não era exatamente a que desejava, mecânica automotiva, mas, mesmo assim, seguiu no curso.

Ao fazer a prática na empresa, veio a segunda frustração: a experiência estava sendo muito negativa para ele, devido ao grande risco de acidentes e por não estar efetivamente na prática da mecânica. Era tão negativa que Kaio nem cogitava a possibilidade de trabalhar na área até mesmo em outra empresa, pois já havia criado um estigma em relação à área. Tal fato demonstra meu argumento sobre as consequências negativas de uma inserção no mercado de trabalho em condições precárias. Neste caso, a impossibilidade de aprender na prática com os mais experientes e os constantes riscos de acidentes. Em suma, a experiência de aprendizagem havia sido importante para a trajetória profissional de Kaio, mas no sentido oposto, isto é, funcionou como um "*incentivo para não trabalhar na área*", o que acabou o direcionando para o empreendedorismo: primeiro no *marketing* de rede e segundo na perfumaria, como ficará claro na segunda entrevista.

Na empresa, Kaio não passava por uma situação de aprendizagem experiencial (o contrário do que acontecia com Breno e Fábio, por exemplo), pois os funcionários não tinham como ensiná-lo devidamente por estes serem constantemente cobrados por produtividade.

Kaio tinha uma visão extremamente positiva em relação ao curso de aprendizagem profissional, embora as condições de prática na empresa não fossem agradáveis: "*eu acho que é uma das melhores coisas que já fizeram na vida de alguém*". Acredito que pelo fato de possibilitar experiência e renda para os jovens, os quais encontram mais dificuldades para consegui-los.

Ao mesmo tempo em que começou a aprendizagem no SENAI, passou a desenvolver a atividade de *marketing* de rede, a qual havia proporcionado o retorno financeiro que Kaio desejava, chegando a considerá-la como o "*emprego dos sonhos*".

Embora ao longo da entrevista Kaio tenha se mostrado um jovem bastante crítico, quando se referia ao trabalho com *marketing* de rede, expunha uma visão romântica, principalmente quando relacionava a atividade a ajudar as pessoas que precisam obter uma renda. Talvez por, na época, ser tido como o "*emprego dos sonhos*", o que mudará na ocasião da segunda entrevista, como mostrarei mais à frente nesta Tese.

No caso de Kaio, além de adquirir o capital cultural (conhecimentos técnicos) ele também visava o capital econômico, o qual era necessário para sua atividade com *marketing* de rede, pois nessa atividade é necessário um constante investimento financeiro, porque quanto mais dinheiro se investe, maiores são os lucros.

A mãe de Kaio já o havia incentivado a seguir a área de direito. Ele chegou a considerar a possibilidade, mas a experiência com *marketing* de rede havia o direcionado para a área de gestão de pessoas, pois estava bastante interessado no trabalho com liderança.

Quanto à área de desenho artístico, mesmo gostando muito, pensava nela apenas como um *hobby*, pois o retorno financeiro nessa área era muito pouco. O capital simbólico, para Kaio, também era importante em relação à área de desenho, pois tinha como projeto aperfeiçoar suas técnicas de desenho através de um curso, visando ser um artista reconhecido: "*eu não quero me tornar um bom desenhista, eu quero me tornar um dos melhores desenhistas pra que meu nome seja realmente lembrado*". A descrição que kaio fez de seu *hobby* em desenho se aproxima da concepção de Sennett (2008) sobre o orgulho do trabalho "bem feito" de um artífice:

> *Desenho é horas que eu passo desenhando. Eu já cheguei a ficar sete horas de um dia desenhando e não consegui concluir o desenho e aí vai pro outro dia e eu passo 30 horas desenhando, 24 horas desenhando pra poder ganhar o que eu ganho na empresa de marketing em alguns minutos, conseguindo vender algum produto.*

Na época, pretendia seguir como profissão algo que envolvesse liderança, sendo o desenho um *hobby* importante.

Já na primeira entrevista, Kaio apresentou certa disposição (nos termos de Lahire) ao empreendedorismo ao indicar o fator decisivo que o levou a seguir o *marketing* de rede: quando sua mãe, embora trabalhasse há 30 anos como enfermeira concursada, não tinha R$ 250,00 para o investimento inicial no *marketing* de rede: "*eu não quero tá jogando meu tempo fora pra outra pessoa tá ganhando bastante em cima de mim, com meu trabalho*".

Entretanto, na segunda entrevista disse estar frustrado em ter que "*liderar*" ou "*depender*" do trabalho de outras pessoas, ou seja, o emprego em *marketing* de rede havia deixado de ser o de seus sonhos. Diante disso, havia mudado seu interesse da área de gestão de pessoas para ser empreendedor, como será visto mais à frente.

6.1.5 Uma experiência positiva

Neste tópico apresento os perfis onde identifiquei que a experiência de aprendizagem tinha sido positiva no que diz respeito às escolhas, projetos profissionais e à construção da identidade profissional de Paula, Henrique, Everton e João.

Diferentemente da experiência de Kaio, esses jovens aprendizes passavam por uma prática que trazia contribuições significativas para seus projetos, o que reforçava suas escolhas ou, nos casos de Paula e João, configurava-se como uma oportunidade de conhecer e optar por uma área profissional até então desconhecida, mas que os "conquistaram".

6.1.5.1 Perfil 11: Paula (CIEE) – da aprendizagem profissional ao ensino superior

> A experiência que eu tive [no curso de aprendizagem] eu queria que outra pessoa tivesse. Oportunidade única. É uma experiência maravilhosa. Pena que é muito pouco, mas é uma experiência, assim... pra vida, pra você levar pra vida inteira (PAULA, 19 anos).

Um ponto relevante das respostas de Paula ao questionário foi o fato de que as áreas do curso de aprendizagem, da graduação e da sua escolha profissional eram as mesmas, o que merece destaque, pois, diferentemente de outros jovens selecionados, havia sintonia entre esses aspectos, o que se mostrou muito importante para minha análise.

Paula estava bastante gripada no dia da primeira entrevista, em maio de 2017, mas mesmo assim fez questão de me conceder a entrevista. Ela fazia o curso de *ocupações administrativas* do CIEE e trabalhava em uma empresa do ramo de laticínios, em Jaboatão dos Guararapes.

Paula tinha 19 anos de idade, era parda, solteira, não tinha filhos e morava com os pais em uma casa própria, em Jaboatão dos Guararapes desde que nasceu. Na época que a entrevistei, cursava o 1º período do *tecnólogo em gestão de recursos humanos* em uma faculdade privada, no turno da noite.

A renda familiar era, segundo ela, menor que um salário mínimo, embora ela e o pai trabalhassem, o que indica um provável equívoco em sua resposta. Sua principal fonte de renda era o salário como aprendiz e contribuía financeiramente em casa: "*pago a* internet".

Paula morava com os pais e o irmão em uma casa próxima à casa dos avós. Definia o seu ambiente familiar como bem igualitário: *"sempre aquela união, carinho e amor"*. Já havia morado em outro bairro de Jaboatão dos Guararapes, mas quando sua mãe ficou grávida do irmão mais novo de Paula, tiveram que se mudar. Em suma, Paula definia sua relação com os pais como uma *"comunhão"*, desde sua infância até a fase adulta.

Paula recebia incentivo por parte dos pais e demais familiares para estudar e trabalhar, mas nunca para seguir uma carreira específica, pois a estimulavam *"com palavras pra que eu nunca desista nunca dos meus objetivos, dos meus sonhos. Sempre estudar, trabalhar. Eles sempre falam: 'faça o que você gosta, porque você estudar uma coisa que você não gosta pode lhe prejudicar no futuro, né?'"*.

Sobre a participação no Programa de aprendizagem, seus pais gostaram e ao mesmo tempo ficaram surpresos com a notícia, porque assim que Paula concluiu o ensino médio, conseguiu uma entrevista e entrou no Programa.

Por seus pais a apoiarem a fazer aquilo que Paula gostava, achavam que se sua escolha profissional era boa para ela, era bom para eles também. Paula já havia escolhido a profissão de gestora em recursos humanos.

A mãe de Paula tinha o nível médio completo e estava de licença do trabalho, enquanto que seu pai tinha nível técnico e trabalhava como porteiro em uma empresa privada.

Paula considerava sua experiência na escola em que fez o ensino médio como marcante:

> *Marcou a minha vida. Até hoje eu encontro os professores, falo com eles, a gente vai lá, visita lá. Minha mãe fala que eu tô estudando na faculdade. "Eu sabia que Paula tinha futuro". Eu nunca fui de ter problema na escola, brigar, gazear aula, sempre fui estudar, frequentava as aulas e também meus pais sempre viviam lá, sempre tavam lá pra saber se eu tava faltando, estudando. Todos os professores conheciam eles. Assim... foi bom. Foi uma experiência pra eu ir para o mundo do trabalho, dos estudos, da faculdade e trabalho, foi assim... eu acho que foi muito bom.*

Seus pais sempre a incentivavam a estudar. Além disso, serviam de exemplo para ela, pois:

> *Além de incentivar, eu observava, porque o espelho dos filhos é os pais, né?, como as pessoas falam. Assim... meu pai sempre estudou, ele gosta de estudar, de ler. Aí eu sempre ficava observando ele: "O senhor tá lendo o quê, painho?" "Eu tô lendo esse livro". Eu buscava na* internet, *pesquisava. Minha mãe também sempre me incentivou a estudar, falava: "Não, Paula,*

> *estude, vai ser importante para você" e agora eu tô vendo a importância, que o que ela falou tá sendo muito importante porque tudo que ela falou eu tô vendo agora. A importância do estudo.*

Na época da escola teve um professor de filosofia que a incentivava a ser professora de música*: "eu disse: 'não, professor, eu gosto de música, mas eu também gosto de tecnologia, de trabalhar com pessoas'. Aí ele disse: 'mas você pode ser os dois'. Aí eu disse: 'É, professor, mas quem sabe, né? Deixa eu estudar, me organizar pra que eu possa ser o que eu...'"*

A sua escolha profissional foi influenciada pela disciplina de língua portuguesa, porque *"a professora incentivava muito"*. Os professores da faculdade tinham ciência que Paula fazia o curso de aprendizagem e, por já terem outros alunos que eram aprendizes, a incentivavam a fazer o curso até o fim e consideravam boa a área administrativa. Já os colegas de faculdade tinham interesse em participar do curso de aprendizagem e Paula os incentivava a participarem:

> *Eu sempre falo: "Não, é muito bom. É uma experiência maravilhosa. Pena que é muito pouco, mas é uma experiência, assim... pra vida, pra você levar pra vida inteira". Muitos querem entrar, aí eu sempre falo: "Olha, se inscreve, tem que correr atrás, não vai chegar, assim, na porta de casa, tem que correr atrás de seus objetivos".*

Na época da primeira entrevista, Paula estava iniciando o 2º período do curso de *tecnologia em gestão de recurso humanos* e estava gostando de conhecer pessoas novas, trocar ideias com os professores e estava aprendendo bastante a respeito de empreendedorismo e lidar com seu dinheiro e, por isso, considerava uma experiência muito boa.

A princípio, Paula estava em dúvida entre as áreas de administração e recursos humanos, mas optou pela segunda porque, segundo ela, era uma área mais ampla e com um maior diálogo com outras áreas, como psicologia e direito, o que contribuiria mais com o fato de lidar com pessoas. Ela já percebia resultados do que aprendia na graduação no próprio negócio de encomendas de doces e salgados que sua mãe tinha*: "tá ajudando também porque minha mãe, a gente tem um negócio em casa. As dicas que eu já dei pra ela. Ela tava conversando comigo essa semana: 'Paula, o que tu falasse pra mim, pra eu poder anotar, eu guardei e tô vendo resultado'. Então isso aí eu tô vendo que tá trazendo resultado".*

Paula também era incentivada pelos pais a trabalhar, embora deixassem claro que a prioridade eram os estudos. Afirmavam que caso o trabalho atrapalhasse seus estudos, que deixasse de trabalhar.

Ela fez um trabalho voluntário na cidade onde morava, durante a época da escola, arrecadando alimentos e roupas pelas casas e levando a um abrigo de idosos. Paula gostou de desenvolver a atividade e esta contribuiu no sentido de seu desejo de querer ajudar outras vezes mais.

O pai de Paula era porteiro na mesma empresa de laticínios em que ela trabalhava e, por isso, admirava seu trabalho devido à grande responsabilidade que o pai tinha: *"saber quem pode entrar na empresa, quem não pode sair, quem pode deixar alguma coisa. Assim... eu acho muito interessante a área que ele faz".* A mãe, por sua vez, estava afastada do trabalho por problemas de saúde, mas trabalhava em uma empresa na fabricação de lâmpadas: *"eu achava também muito interessante porque ela fabricava aquelas pecinhas da lâmpada. Isso eu achava também muito interessante".* Segundo Paula, as profissões dos pais não influenciaram sua escolha profissional, mas, indiretamente, a postura dos pais em relação às suas atividades teve papel importante: *"a vontade, a dedicação deles, o que eles passavam assim sempre buscando, eu fui aprendendo. Então sempre eu dizia: 'pai, quando eu crescer eu quero ser igual ao senhor porque vocês são muito esforçados, vocês se dedicam ao trabalho'".*

Como apenas seu pai estava trabalhando, Paula além de pagar a *internet* mensalmente, ajudava aos pais quando era preciso comprar algo para casa: *"quando precisa: 'tem 20 reais, 30 reais, 50 reais?', eu sempre dou. Sempre tem que ser economista* (sic) *com meu dinheiro. Eu nunca gasto com besteira, sempre separo, pergunto se tá faltando alguma coisa. Eu gosto muito de contribuir".* Enquanto estava afastada do trabalho sua mãe trabalhava fazendo doces e salgados por encomenda, o que ajudava na renda da família.

A contribuição foi ideia de Paula, pois seus pais sempre disseram que a ajuda seria bem-vinda, mas se ela precisasse do dinheiro não teria problema: *"é pouca coisa, mas pra ela é muita coisa, né? Porque pra filha tá ajudando a família é muita coisa"*.

A contribuição de Paula se resumia ao pagamento da conta de *internet* e ajudava quando necessário, pois gastava a maior parte do seu salário pagando a própria faculdade (algo em torno de RS 450,00 e R$ 470,00).

Durante o período do curso de aprendizagem Paula desenvolvia atividades paralelas como ajudar a mãe nas encomendas de doces e salgados: *"eu ajudo ela, às vezes fico na parte financeira, organizo os dinheiros, eu faço outras coisas... tipo... eu trabalho com ela assim... além de trabalhar com ela, ela aprende também. Isso tá sendo... assim... é bom"*. Além de ser professora de violão de um garoto de 12 anos de idade: *"gosto porque o que eu aprendi eu quero passar pra ele".* A única influência que essas atividades tiveram em seus projetos

futuros foi o exemplo da mãe, que mesmo com problemas de saúde, continuava com as encomendas para não ficar parada e ganhar algum dinheiro: *"influenciou a nunca desistir"*.

Ela afirmou que seus pais tiveram *muita influência* em seu estímulo em participar do Programa e havia conhecido o Programa de aprendizagem através de "*divulgações*" e "*amigos*".

Sua principal motivação de participar do Programa se deu pala busca de "*novos caminhos e novas experiências e aprendizados*". Assim como suas expectativas foram atendidas, pois foi "*um privilégio, oportunidade única. Satisfação total para o meu futuro caminho profissional e na vida*".

Paula há muito tempo tinha o desejo de entrar no CIEE. Em 2013 havia feito seu cadastro no *site* da instituição e em 2014 surgiu uma vaga de trabalho, porém, como era menor de idade e sua mãe estava ocupada com as burocracias relativas a seu afastamento do trabalho, não pôde acompanhá-la e, por isso, perdeu a oportunidade. Quando concluiu o ensino médio soube, por intermédio do pai, que a empresa estava pegando currículo para jovem aprendiz. Paula levou o currículo, foi selecionada e orientada a procurar o CIEE, onde já possuía o cadastro, sendo necessário apenas atualizá-lo. Paula tinha amigos que eram aprendizes no CIEE e, por isso, *"sempre queria saber, tinha a curiosidade de ser aprendiz"*.

Segundo Paula, a experiência de trabalho na empresa estava sendo maravilhosa: *"uma experiência única"*. Havia passado por todos os setores da empresa, atingindo todos os objetivos. Na época da entrevista estava no setor comercial, realizando pedidos de produtos. Quanto ao convívio com os demais funcionários, disse que, por ser bastante comunicativa, falava com todos, inclusive os gestores:

> *Eu sou comunicativa. Eu dou bom dia, eu falo sempre, gosto de ter a comunicação, eu não gosto de passar pela pessoa e não falar. Todo mundo me conhece. Eu troquei de setor e fui pro escritório. Aí meu pai trabalha lá, aí todo mundo perguntando: "Cadê ela? Ela saiu? Terminou já?". "Não, ela trocou de setor". Sempre perguntam, porque eu falo com todo mundo. Minha relação com os gestores também é muito boa, eles falam.*

Inclusive os gestores costumavam pedir que ela tocasse nos eventos da empresa, como homenagens nos dias dos pais e das mães e, diante disso, acreditava que *"lá eu sou valorizada"*.

Entendia que ser aprendiz é um *"preparo pra ser um bom profissional futuramente"*. Isso porque acreditava que a cada dia havia algo novo para aprender, então ser aprendiz era *"um renovo. Você se renovar cada dia mais"*.

O curso de aprendizagem tinha atendido às expectativas de Paula:

> *Porque eu tirei todas as minhas dúvidas. Eu fui pra empresa aí tinha uma dúvida, aí eu perguntava aos professores. Todos atenderam meu... meu... as minhas dúvidas. Sempre tirando minhas dúvidas. Eu tirava minhas dúvidas e eles me ensinavam mais coisas. Tiravam minhas dúvidas e ensinavam mais coisas.*

Mais uma vez (assim como no caso de Breno) a prática de trabalho na empresa teve papel fundamental para a escolha profissional da jovem aprendiz. No caso de Paula, um ano antes da entrevista ocorrer não pretendia fazer faculdade. Entretanto, após a experiência de três meses no setor de recursos humanos da empresa, escolheu a área de atuação profissional: *"eu disse: 'já sei o que eu quero estudar'"*, o que mostra o peso da prática.

Uma inquietação que Paula tinha desde o início do curso de aprendizagem era encontrar uma área que se identificasse e que pudesse seguir como profissão. Diante disso, as aulas teóricas tiveram uma importância para seus projetos futuros, no sentido de esperar até encontrar essa área:

> *O professor [falava]: "Calma, tu vai achar tua área também". Ele sempre falava isso. "Professor, eu não sei o que eu vou fazer, eu não sei". Ele: "Não, mas calma, você vai rodar. A sua empresa tem a demanda de tá sempre rodando os aprendizes. Você vai achar a sua área". Ele sempre passava as dinâmicas, trabalhos pra eu ter paciência e tal, aí eu consegui.*

Antes de fazer o curso, tinha sido incentivada a participar do Programa por pessoas que conhecia e que eram aprendizes:

> *Eu sou curiosa. Sempre pergunto como é que é. Me incentivaram, eles falavam: "Não, Paula, porque é bom, porque é um preparo pra você ir pro mundo realmente do trabalho. Você enfrentar as barreiras que têm da área profissional". Aí eu disse: "Não, eu vou buscar, eu vou conseguir, eu vou atrás pra entrar nesse Programa também".*

Cabe ressaltar que, embora Paula já tivesse escolhido a área e profissão que queira seguir e, inclusive ter ingressado no curso superior, não possuía planos futuros, apenas deu uma resposta bastante geral e de longo prazo, sem estabelecer metas para atingir tal objetivo: *"ser uma pessoa bem-sucedida, ter uma profissão que eu possa alcançar meus objetivos que eu quero"*.

Por um lado, Paula identificava a contribuição da passagem pelo Programa para seus planos futuros, mas por outro, não apresentava qualquer plano e justificou isso da seguinte maneira: *"influenciou. É que você planeja, planeja, planeja, mas no final é tudo diferente. Mas assim... eu tenho uma visão"*. Paula pretendia permanecer na área de atuação do curso de aprendizagem *"porque é uma área que eu gostei. Uma área que eu me dei bem. E que eu tô conseguindo... assim... quando você faz o que você gosta você vai ter sucesso no final"*.

Como já tinha dito ao longo da entrevista, decidiu seguir a profissão de gestora de recursos humanos a partir da experiência que teve na empresa. As atividades que desempenhava eram:

> *Lidar com cliente, telefone, falar, saber falar, saber ouvir, saber ter paciência porque lidar com cliente, com vendedores, não é fácil. Então como sempre tive essa paciência, sempre observava, sempre fui uma pessoa muito observadora da minha área de trabalho, eu sempre busquei... assim... saber fazer o certo e não fazer nada de qualquer jeito. Sempre fazer certo. Então o que eu fazia lá era isso.*

Paula indicaria o curso de aprendizagem para outra pessoa, pois *"a experiência que eu tive eu queria que outra pessoa tivesse"*. Considerava essa experiência como uma *"oportunidade única"*.

Na época da entrevista, Paula frequentava a igreja aos domingos de manhã e à noite. Aos sábados ia ao culto jovem. Nas quartas e sextas tinha ensaio, pois tocava aos domingos à noite no grupo de louvor da igreja: *"é bom, eu gosto. Eu me sinto bem"*.

Planejava estudar e trabalhar após o fim do curso de aprendizagem em *ocupações administrativas* do CIEE.

O caso de Paula ilustra muito bem o quanto experiências positivas (aprendizagem experiencial) no ambiente de formação e de trabalho podem ser significativas para a identificação do jovem com a área de atuação. Mais um ponto relevante que demonstra o peso que a prática tem para os projetos e escolhas profissionais dos jovens aprendizes foi o fato de antes da experiência de aprendizagem Paula não cogitar a ideia de cursar o ensino superior. Porém, a experiência positiva, principalmente na empresa, fez com que ela mudasse de ideia e escolhesse sua profissão a partir do trabalho no setor de recursos humanos da empresa: "*já sei o que eu quero estudar*".

Isso demonstra a importância da prática de trabalho na empresa para a formação e construção identitária dos aprendizes. Paula, assim como outros aprendizes, destacou a relevância da experiência na empresa para seu aprendizado. Quando essa prática não ocorre ou não se dá de forma positiva, propiciando um aprendizado experiencial, baseado em experiências significativas para o jovem aprendiz, pode trazer consequências negativas para a identificação com a área. No caso de Paula, havia relação entre teoria e prática, diferentemente das experiências de outros aprendizes.

Paula queria ser gestora de recursos humanos e fazia curso superior tecnólogo na área, em uma faculdade particular e com o salário como aprendiz arcava com a mensalidade da

faculdade. Ela não dependia apenas do salário como aprendiz, pois era professora de violão para crianças, além de ajudar a mãe com a venda de doces e salgados.

No curso superior, estava aprendendo bastante sobre empreendedorismo e como lidar com seu dinheiro. Inclusive afirmou conseguir colocar em prática o que aprendia na graduação no negócio de encomendas da mãe.

Os pais a incentivavam a estudar e trabalhar, mas priorizavam os estudos. Seus pais eram bastante presentes na vida escolar de Paula, indo com frequência à escola: "*sempre viviam lá, sempre tavam lá pra saber se eu tava faltando, estudando*".

Os pais de Paula eram dois exemplos de "*dedicação*" e "*vontade*" em relação ao trabalho: "*o espelho dos filhos é os pais, né?*". O fato de sua mãe mesmo afastada do trabalho por questões de saúde continuar trabalhando com encomendas havia influenciado Paula a "*nunca desistir*".

Paula há muito tempo tinha o desejo de entrar no CIEE, devido ao reconhecimento que a entidade formadora possuía em relação ao ensino profissional.

> A característica pertinente do sistema de ensino no que diz respeito à relação que mantém com o aparelho econômico reside não no fato de que produz produtores dotados de uma certa competência técnica (da qual não tem o monopólio), mas no fato de que dota seus produtos, providos ou não de uma competência técnica, tecnicamente mensurável, de diplomas dotados de um valor universal e relativamente intemporal (BOURDIEU, 2005, p. 131).

Segundo ela, a aprendizagem profissional "*era uma experiência pra vida, pra você levar pra vida inteira*". Para a jovem, ser aprendiz era "*um preparo pra ser um bom profissional futuramente. Um renovo. Você se renovar cada dia mais*".

Paula definia como maravilhosa a experiência na empresa, na qual já havia passado por todos os setores. Considerava-se valorizada na empresa, principalmente por interagir com todos, inclusive os gestores e, vez ou outra, ser convidada a tocar violão nos eventos da empresa, o que fazia com que se sentisse integrada e pertencente à empresa. Isso funcionava como um reforço para que se identificasse com a área.

O curso de *ocupações administrativas* havia atendido suas expectativas, principalmente por oferecer condições de Paula tirar dúvidas em relação às experiências na empresa: "*eu fui pra empresa, aí tinha uma dúvida, aí eu perguntava aos professores. Eu tirava minhas dúvidas e eles ensinavam mais coisas*". No caso de Paula, havia uma aprendizagem experiencial, que acontecia no sentido teoria-prática e prática-teoria, ou seja, partia "da ação para voltar a ela", uma experiência interior e reflexiva.

Vale ressaltar que mesmo no ensino superior, a jovem não possuía planos e projetos futuros bem delimitados. Isso porque "*você planeja, planeja, planeja, mas no final é tudo diferente*". Esse pensamento de Paula mostra o quanto ela era consciente de que sua trajetória era marcada por mudanças constantes ou governada pelo risco, como diria Leccardi (2005), indo ao encontro do que Sennett (2008) denomina como "experiência com a deriva no tempo" ou a ideia de "descontinuidades brutais" de Bourdieu (2005). Na ocasião da segunda entrevista Paula ainda não havia construído projetos mais concretos acerca de sua trajetória profissional.

6.1.5.2 Perfil 12: Henrique (CIEE) – do mundo do crime ao mundo do trabalho

> Eu fui muito cabeça dura, nunca... fui pela onda dos outro... na onda dos outro, não, né, eu também errei, né, não vou culpar ninguém, né? Mas agora eu tô tentando consertar as coisa que eu fiz, né, no passado. Só não pode permanecer no erro, né? (HENRIQUE, 20 anos).

Escolhi entrevistar Henrique devido ao fato dele vir de uma medida socioeducativa, mediante uma parceria entre o CIEE-PE e a FUNASE[65]. Diante disso, acreditei que seria bastante significativo para a presente pesquisa entrevistá-lo a fim de conhecer o quanto a experiência de aprendizagem era importante para sua "ressocialização" e, também, que peso a experiência na Funase tinha em suas escolhas e projetos profissionais futuros. Outros fatores determinantes foram o fato de ser casado e ainda frequentar o ensino médio, pois até então os jovens entrevistados que ainda estudavam estavam no nível superior.

Após selecioná-lo, fui ao CIEE e a princípio tive dificuldade de encontrar Henrique para perguntar se ele poderia me conceder a entrevista. Isso porque ele havia omitido no questionário seu primeiro nome[66] por não gostar dele, assinando com o sobrenome. Tanto a coordenadora do Programa de aprendizagem quanto o educador responsável pela turma, em um primeiro momento, não sabiam identificar o aprendiz que tinha preenchido o questionário que eu havia selecionado. Somente quando citei o fato de o respondente ser oriundo de medida socioeducativa é que o educador me indicou Henrique.

---

[65] A Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE) é o órgão responsável pelo atendimento de adolescentes sob medida socioeducativa de restrição e/ou privação de liberdade.

[66] Vale lembrar que Henrique é um nome fictício.

A entrevista ocorreu em junho de 2017. Henrique era um jovem de 20 anos, amarelo[67], em união estável, sem filhos e morava em uma casa alugada com a companheira na cidade de Olinda, onde morou sua vida inteira. Ele estava matriculado no curso de *ocupações administrativas* do CIEE e trabalhava em uma farmácia.

Embora tenha assinalado a opção *outras* na questão acerca de sua principal fonte de renda, ao longo da entrevista ficou claro que o salário como aprendiz era a principal. Sua renda familiar era menor que um salário mínimo (recebia cerca de R$ 400,00, mais o salário de sua companheira). Quanto à contribuição financeira com a família, Henrique marcou *Não*, porém, na entrevista deixou claro que tinha responsabilidades em casa. Acredito que deu tal resposta pensando em seu pai e sua mãe.

Henrique considerava seu ambiente familiar muito bom, pois sempre estiveram o apoiando e ajudando nos *"piores momentos da minha vida, da juventude, que eu fiz muita coisa errada"*.

Na época da entrevista, Henrique morava em uma casa alugada com a companheira, com a qual tinha um relacionamento há quatro anos. No início, haviam morado com a mãe de Henrique por um ano. Eram três anos de união estável, ou seja, que moravam juntos e apenas dois anos que moravam sozinhos. Afirmou que a companheira também sempre esteve ao seu lado nos momentos difíceis:*"'o que tu fizesse já passou, vai melhorar'. Ela incentiva muito eu a fazer minhas coisas"*.

Os pais de Henrique moravam perto dele e definia o relacionamento com os pais como excelente:

> *Tem muitas aí que não têm esse convívio assim que a pessoa tem com a família. Não conversa muito. Eu converso com minha mãe o que eu faço. Eu chego pra minha mãe e converso com ela se eu vou fazer alguma coisa hoje de noite, quando vou sair pra algum canto. Mesmo não morando com ela, não tando assim a mesma coisa de que tá na casa dela, e ter a responsabilidade que era, mas eu tenho a mesma responsabilidade tando longe. Sempre converso com ela: "Vou fazer isso e isso hoje. Vou sair, vou não sei aonde".*

Henrique identificava uma mudança no relacionamento com os pais a partir de sua fase adulta, devido, principalmente, ao fato de que os pais sabiam que "*eu tô grande, já sei as coisa como é, né, aí sempre tem a mesma responsabilidade".* Ele saiu de casa aos 19 anos e a atenção de seus pais se voltaram para a educação do seu irmão mais novo que tinha 13 anos de idade.

---

[67] Henrique autodeclarou-se amarelo, porém é importante problematizar que ele não apresentava qualquer traço oriental. Os traços que compunham seu fenótipo eram, predominantemente, negroides.

Por ter servido ao Exército, seu pai durante muito tempo o incentivou a entrar no quartel, mas Henrique não conseguiu ingressar na carreira militar. Posteriormente, seu pai passou a incentivar Henrique a fazer o curso de vigilância para seguir sua profissão, mas Henrique sempre recusou, pois pretendia *"ser pra negócio de moto, mecânica de moto"*.

Os familiares de Henrique gostavam do fato de ele fazer o curso de aprendizagem, pois sua participação era decorrente de um Projeto criado a partir de um convênio entre a FUNASE e o CIEE-PE, pois Henrique havia cumprido medida socioeducativa.

Henrique chegou ao Programa de aprendizagem através do convênio entre a instituição formadora CIEE e a FUNASE, com o *Projeto Vida Aprendiz*, o qual foi lançado em 2016 pelo governo do estado de Pernambuco, com o intuito de capacitar jovens socioeducandos e egressos da FUNASE, entre 14 e 22 anos, para a inserção no mercado de trabalho, na condição de aprendizes, em instituições e órgãos públicos e empresas privadas, visando evitar a reincidência de atos infracionais.

Após cumprir um ano e seis meses, Henrique deveria cumprir mais seis meses, segundo o relatório que fizeram sobre ele, porém, por ter bom comportamento, foi encaminhado para o Programa:

> *Eu tava passando, eu já passei já invocado porque tinha pegado mais tempo, aí eu já passei, eu e outros menino, já chamou a gente e já perguntou, aí já perguntou a gente:"Vocês se interessaria de... ir pra rua trabalhar? Eu vou perguntar como tá o convívio de vocês aqui dentro, se tá bom". Aí perguntaram, a gente tava bem lá dentro, não perturbava. Aí já botaram a gente pra trabalhar na rua, passamos uma semana trabalhando, aí já liberou a gente, mandou a gente pra casa ficar cumprindo assim o resto, um ano e seis mês que era pra ser três ano, cumprir assim desse jeito.*

Em seguida, Henrique e outros socioeducandos foram transportados da FUNASE para o CIEE-PE para a realização da entrevista, na qual foi aprovado.

Segundo Henrique, seus pais achavam que a participação no Projeto:

> *Ajudou foi muito. Porque eu mudei mais, né, como eu era antes, não tô a mesma pessoa. A mentalidade da pessoa vai mudando, né? Vai crescendo mais, vai querendo que a pessoa faça outras coisas, né, que eu podia tá na mesma coisa, ainda na rua se não tivesse aqui, né? Podia tá agora de manhã agora na rua fazendo alguma coisa, não sei. Aí a mentalidade da pessoa vai mudando com outras pessoas que vai conversando coisas melhores, né? Aí a pessoa vai mudando, assim, cada vez mais.*

Quanto à área do curso de aprendizagem, seus pais o incentivavam a segui-la, inclusive sua mãe queria que Henrique fizesse uma graduação em administração, porém, ele não queria seguir a área.

A companheira fazia curso técnico em enfermagem e trabalhava como recepcionista em um hospital. Ela o incentivava a estudar

> *Porque é o futuro da gente, né, de eu e ela junto. Do filho da gente quando chegar a gente vai ter que dar uma vida boa pra ele, né? E com o salário que eu vivo, que eu não vou poder viver pra sempre com esse salário, né, 400 reais. Eu não vou poder, não dá pra sustentar, né? Não dá nem pra me sustentar, imagina se eu tiver um filho. Ela me incentiva muito a estudar.*

Na época da entrevista estava matriculado no 2º ano do ensino médio em uma escola pública, no período noturno, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Vale ressaltar que foi o único dos entrevistados que não soube responder acerca do nível de escolaridade dos pais.

Não considerava sua trajetória escolar muito boa. Havia parado de estudar aos 13 anos de idade e só voltou por exigência do Projeto, pois acreditava que se não fosse por isso, nem teria voltado para a escola.

Segundo Henrique, sempre foi inteligente, inclusive aos 13 anos de idade já estava no 1° ano do ensino médio, mas:

> *Desbandei (sic), assim, aí fui, parei de estudar e pá, fui fazendo as coisa errada, fui e parei de estudar até 18 ano, 19 ano parei de estudar. Passei o quê? 5 ano... 5 ano sem estudar. Podia tá fazendo um bocado de coisa. Eu com 13 ano, eu 1º ano, eu tinha... é... terminado com 16, eu terminava. Podia tá fazendo um bocado de coisa, né, se eu seguisse certo.*

Seus pais sempre o incentivavam a estudar, principalmente indo à escola para ver se ele estava lá e muitas vezes não o encontravam e, por isso, quando chegava em casa apanhava. Isso porque: *"eu fui muito cabeça dura, nunca... fui pela onda dos outro... na onda dos outro, não, né, eu também errei, né, não vou culpar ninguém, né? Mas agora eu tô tentando consertar as coisa que eu fiz, né, no passado. Só não pode permanecer no erro, né?".*

A mãe e a companheira ainda o incentivavam a estudar, pois sempre que não queria ir à escola, sua companheira ligava para sua mãe que ligava pra Henrique: *"'Vá pra escola, não sei o quê'. 'Eu tô indo'".* Henrique terminaria o ensino médio ainda no mês em que a entrevista foi realizada (junho de 2017).

Nesse sentido, considerava o Projeto muito bom, pois "*ajudou muito também, né? Voltei a estudar, eu tô fazendo um bocado de coisa, tô fazendo já curso, esse curso [de aprendizagem], né? Trabalhando e estudando, né?".*

Henrique recebia incentivo por parte de seu professor a seguir a área de matemática por se destacar na matéria, *"mas eu não gosto muito de estudar, não, né?"*. O interessante é

que mesmo admitindo que não gostava de estudar, desejava ter um *"trabalho bom, que eu ganhe bem"*, mas que não tenha que *"estudar muito pra ter um trabalho bom assim"*, o que é algo contraditório. Henrique admitiu gostar muito de matemática e já chegou a considerar a área como profissão, mas disse que *"*não se dá muito com estudo*"*.

Henrique sempre estudou na mesma escola e seus professores, por conhecerem sua trajetória de vida, o incentivavam bastante a permanecer no curso de aprendizagem. Sempre que ia buscar a declaração de frequência na secretaria da escola, para apresentar ao Projeto, recebia apoio: *"eles fala: 'Continue, não vá... não faça as mesma coisa que você tava fazendo'. Me incentiva muito os professores de lá, que tudinho gosta de mim, viu eu crescendo, né? E tudo mora lá perto de mim".*

Tanto os professores quanto seus colegas da escola não sabiam que Henrique fazia o curso de *ocupações administrativas*, mas sabiam que ele trabalhava em uma farmácia e tinham curiosidade sobre seu trabalho.

Os pais de Henrique também o incentivavam a trabalhar, inclusive na época da entrevista seu pai estava distribuindo seu currículo nas empresas com frequência, devido à proximidade do fim de seu contrato de aprendizagem. Acredito que tinham receio que Henrique voltasse para a vida de antes: *"desde o começo do ano ele já tá pra lá e pra cá, doidinho, botando currículo, já pra eu não sair do trabalho, sair já daqui com outro trabalho, já pra seguir a mesma coisa, não parar, né, ficar parado dentro de casa".*

Henrique já havia trabalhado como ajudante de pedreiro antes do curso de aprendizagem, mas não havia feito trabalho voluntário. Ainda não havia decidido a profissão que iria seguir, embora tenha apresentado na entrevista sua área de interesse.

Quanto às profissões dos pais, achava ótimas, pois, para ele, seus pais eram "*guerreiro*". Sua mãe, a qual tinha 47 anos na época da entrevista, também era técnica em enfermagem e há cerca de 7-8 anos havia começado a trabalhar fora de casa. Há muitos anos tinha a formação técnica, mas não atuava na área, pois se dedicava a cuidar dos filhos: *"ela não falta uma vez. Ela pode tá doente, o que for, mas ela sempre vai, que ela gosta de trabalhar. Ela nunca trabalhou, aí arranjou um trabalho e parece que é a vida dela o trabalho. Ela gosta muito de trabalhar".* Antes era seu pai quem sustentava a casa através de seu trabalho como vigilante.

O salário de Henrique como aprendiz era usado principalmente para as despesas domésticas: "*não gasto assim, com besteira, não. Boto pra dentro de casa, compro as coisas"*. A mãe o ajudava a pagar o aluguel e os demais gastos ficavam com ele.

Henrique conheceu o curso de aprendizagem através da FUNASE. Seus pais tiveram muita influência em sua participação no Programa e sua principal motivação foi: "*distrair minha mente*".

Henrique trabalhava em um laboratório farmacêutico que desenvolve, produz e comercializa medicamentos e óculos a baixo custo, desempenhando as seguintes atividades: "*eu arquivo as coisa no computador. Faço esses óculos aí* [apontando para os meus óculos], *vejo o grau dele, a armação, o tamanho da... o centímetro da película, assim, da película do vidro. Essas coisa eu faço lá".*

Segundo ele, o convívio com os funcionários da empresa era muito bom, pois todos gostavam dele por ele ser rápido. Vale ressaltar a empolgação demostrada por Henrique na descrição minuciosa e empolgada que faz de seu trabalho com os óculos, inclusive conseguia relacionar esse ofício com a matemática, pois conseguia aplicá-la na prática, como no trecho a seguir: *"esse negócio de óculos mexe muito com matemática. É... é... 3,25 grau, aí o outro também, aí tem que já somar pra ver, dividir pra ver quanto é que vai dar".*

Para Henrique, ser aprendiz era poder errar agora, para não errar no futuro, pois em sua concepção, na fase de aprendizagem era possível errar, mas ao longo da carreira como profissional não se poderá errar como quando aprendiz.

Quanto às expectativas, no questionário Henrique tinha respondido que suas expectativas não tinham sido atendidas, porém, durante a entrevista revelou que no início não queria participar do Programa, mas após uma semana de trabalho mudou de ideia:

> *A mente já foi mudando, aí eu já vi que era isso mesmo que eu queria pra minha vida, que eu não ia querer ficar naquela mesma coisa. Aí eu fiquei assim... vi que isso aqui ia melhorar minha vida, né? Se eu continuasse aqui eu poderia melhorar, poderia sair de lá, né? Se eu não viesse pra cá eu ia tá lá ainda. Isso que eu vi assim pra minha vida.*

Diante de tal revelação, é possível perceber que o fator decisivo para que Henrique aceitasse participar do Programa foi, pelo menos a princípio, sair da FUNASE e só posteriormente percebeu o benefício que o Projeto trazia para sua vida.

O Programa não foi a primeira experiência de trabalho de Henrique, pois antes já havia trabalhado com o pai na função de ajudante de pedreiro. Porém, essa atividade não teve qualquer influência em seus planos profissionais, pois trabalhou com o pai devido à falta de alguém que pudesse ajudá-lo e, além disso, *"ganhava um dinheirinho"*.

Por outro lado, a atividade na empresa tinha influenciado seus planos profissionais. Henrique expôs seu desejo de continuar na empresa, mas não seria possível sua permanência, pois o ingresso na empresa é mediante concurso público. Nessa direção, descreveu com certa

empolgação e orgulho a confecção de óculos, algo próximo ao "trabalho bem feito" na concepção de Sennett (2008):

> *Eu gosto muito. É muito legal, pô, a pessoa fazer um óculos. É... a pessoa pensa que é difícil que só o caramba. Quando eu cheguei lá: "Porra, negócio difícil do caramba, pá". Mas, oxe, é muito fácil, a pessoa vê assim...a pessoa... tu vê ele assim, mas é difícil a pessoa montar ele assim, a pessoa que não sabe. Mas a pessoa aprendendo depois de um tempo fica tão fácil, aí você já vai gostando de fazer. Do jeito pra ele ficar aí, oxe, é uma onda do caramba, que ele vem uma bola assim* [faz a forma de um círculo com as mãos]*, o vidro, a lente. Vem uma bola, a pessoa já bota na máquina, aí tem que acertar mesmo a fórmula dele. Aí eu gosto muito de lá, mas tem que ser concursado lá.*

Considerava ter aprendido muito com as aulas teóricas no CIEE. Nesse momento ficou claro que havia uma diferença entre as aulas teóricas e o que Henrique fazia na prática de trabalho na empresa. Vale ressaltar que mesmo havendo essa diferença, a experiência de trabalho era bastante significativa para Henrique. Porém, não havia relação entre teoria e prática, o que poderia ter enriquecido ainda mais a experiência na empresa, principalmente se levarmos em consideração o fato de não ser possível sua efetivação. Pois diante de tal impossibilidade a formação oferecida a Henrique era para ter um peso ainda maior para a garantia de sua "empregabilidade", preocupação que não me pareceu existir por parte da entidade formadora.

Ao longo do curso de aprendizagem, Henrique passou por três setores da empresa: 1) o controle; 2) o setor de recursos humanos; e, por fim, 3) a fábrica da ótica, sendo que esta última "*foi a mais que eu me adaptei. Foi a mais que eu gostei de tá lá fazendo as coisa*", embora só as duas primeiras tivessem maior relação com a área administrativa, setor do curso que ele fazia.

Quanto a projetos futuros, Henrique apresentou dois, porém, ambos muito superficiais e gerais: *"arrumar um trabalho bom"* e construir uma família. A noção de um "*trabalho bom*" de Henrique estava pautada na condição de sustentar sua companheira e futuros filhos: "*eu sei que eu não vou arrumar um trabalho bom, mas eu posso arrumar um trabalho assim que me sustente, sustente minha família, minha mulher, meu filho, se eu tiver futuramente".*

Após o fim do curso de aprendizagem, pretendia, com a conclusão do ensino médio, fazer um curso de mecânica, pois *"sempre quis fazer"*. Apenas no final da entrevista é que Henrique disse já ter definido sua profissão. Tal escolha se deu:

> *Porque eu sempre gostei de moto, de carro assim, aí eu sempre gostei de tá mexendo em bicicleta, essas coisa. Sempre gostei de... desmontar. Eu pegava lá a moto do meu tio, pegava, lavava, ajeitava um negocinho, aí*

> *pegava minha bicicleta, ajeitava, aí sempre gostei de tá assim, aí eu quero seguir essa carreira.*

Henrique nunca havia participado de qualquer atividade artística, mas gostava de jogar futebol e praticava todo dia. Inclusive já chegou a considerar seguir a carreira de jogador de futebol quando mais novo: *"eu jogava muita bola, eu já joguei no Sport, já joguei no Santa"*. Na época da entrevista não cogitava mais essa possibilidade, devido à idade que já tinha.

Ele indicaria o curso de aprendizagem para outra pessoa, pois, o curso mudava a vida e o desenvolvimento das pessoas, inclusive indicava aos demais socioeducandos*: "os meus amigos mesmo que tava lá comigo, falava a eles direto: 'Olha, se a mulher perguntar aí, chegar do Projeto, pede, pô, pra ir. Vai melhorar lá, é uma melhora pra pessoa, pô, pra sair dessa'. Falava muito pros pirraia*[68] *lá".*

Conforme Henrique, a passagem pelo Programa de aprendizagem tinha mudado bastante sua mente (*"minha mente evoluiu")* e não era mais o mesmo menino que era antes. Entretanto, acreditava que podia mudar ainda mais, mesmo não pensando mais nas coisas que pensava antes.

Vale destacar que tanto os colegas de sala quanto os de trabalho não sabiam de sua passagem pela FUNASE, apenas a gestora de recursos humanos da empresa e os responsáveis do CIEE-PE. Henrique não contava para os colegas para não ser tratado de forma diferente: *"eu não digo por isso mesmo, pra não sentir... porque eu não vou gostar se me tratarem mal. Aí eu vou responder. Se me tratar mal eu vou responder, por isso que eu não falo nada"*.

No sistema capitalista a prisão tem uma função repressiva e estigmatizadora, pois segundo Julião (2011, p. 144), "vários estudiosos, dentre eles Antonio García-Pablos y Molina, defendem a tese de que a pena não ressocializa, mas estigmatiza, não limpa, mas macula". Por isso que Henrique evitava contar aos colegas de curso e de trabalho sobre sua condição de socioeducando: para não o *"tratarem mal"*.

Penso que se a proposta do Projeto é realmente a ressocialização e a reintegração do jovem na sociedade e, especificamente. no mundo do trabalho, a passagem do aprendiz pela medida socioeducativa deveria ser revelada para os colegas de turma e do trabalho. Só assim seria possível mensurar a aceitação e real reinserção do socioeducando, seguindo a tendência moderna da reinserção social de humanizar, além de punir (JULIÃO, 2011).

Essa havia sido a quarta vez que Henrique cumpria medida socioeducativa, todas pelo mesmo motivo, qual seja, tráfico de drogas (Artigo 33 do Código Penal), e acreditava que

---

[68] Mesmo que menino pequeno, criança ou alguém com atitudes de criança.

apenas nessa última vez, que foi a que passou mais tempo apreendido (um ano e meio), é que tinha aprendido a lição:

> *Não sei se eu ia aprender se eu continuasse mais lá, né, eu não sei como eu ia sair, mas eu saí já com o curso, aí já aprendi mais, vi que não... não ia dar certo se eu continuasse nessa direto. Se eu continuasse nessa seria pior, né, que agora eu tô de maior. Podia ser uma coisa pior pra mim. Passei um ano e seis mês lá, podia passar o que agora? Uns seis ano lá preso, né? Eu pensei nisso pra minha vida, vi que não queria isso pra mim. Vi que minha família ia sofrer direto.*

Questionei Henrique sobre o que teve maior peso em sua decisão em aceitar participar do Programa de aprendizagem. Segundo ele, foi a possibilidade de conseguir um trabalho, pois sabia que quando terminasse a medida socioeducativa, teria muita dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. Assim, viu a possibilidade de superar tal obstáculo com a oportunidade de inserção por meio da aprendizagem profissional:

> *Eu ia sair de lá com 21 ano, não ia ter estudo... com 21 ano eu ia fazer o quê? Quase com 23 eu ia acabar o 3° ano. Não ia conseguir um trabalho nem tão cedo, né? Saí de lá mais novo. Com 22 ano, 23 ano, eu já posso tá bem melhor, né, do que se eu saísse de lá com 21 pra seguir, fazer, estudar, fazer as coisa. Daqui a quatro ano eu posso tá melhor de vida, né, se Deus quiser.*

Na época da aplicação do questionário, Henrique não sabia o que faria após o fim do curso de aprendizagem, embora durante a entrevista tivesse apresentado alguns planos.

Henrique disse que estava "*tentando consertar as coisas"* que havia feito *"no passado"* e que *"só não pode permanecer no erro, né?*". Foi o que acabou acontecendo e que pôs fim à sua trajetória de vida.

A trajetória de Henrique era marcada por três principais rupturas em sua biografia: 1) a saída da escola para se dedicar ao tráfico de drogas; 2) a saída da FUNASE para fazer o curso de aprendizagem profissional; e 3) o término do curso de aprendizagem sem qualquer perspectiva de permanência no mercado de trabalho.

Com 13 anos de idade Henrique já estava no ensino médio, mas abandonou a escola para se dedicar ao tráfico de drogas. Entre os 13 e 18 anos havia parado de estudar e começado a fazer "*as coisa errada*" por ter ido "*pela onda dos outros*".

Ela havia voltado a estudar por uma exigência do Projeto, mas achava que se não fosse por isso, não teria voltado. Mesmo dizendo que a esposa e a mãe "pegavam no pé" para que não faltasse à escola, deu um exemplo de uma fala do professor de matemática, na qual deixou escapar que havia faltado uma semana seguida: "*o professor fala direto: 'Menino, tem*

vez que tu passa uma semana sem vim pra escola, aí quando tu vem é prova"" . Ou seja, ele estudava apenas pela exigência do *Projeto Vida Aprendiz*.

Assim como Maria, Henrique tinha aptidão para a matemática, porém, enquanto Maria encontrava um papel para a matemática em seus projetos, Henrique afirmou gostar muito de matemática, mas não pretendia seguir a área porque não gostava de estudar: "*não se dá muito com estudo*".

O que havia pesado em sua escolha (ou foi falta de escolha?) em participar do Programa foi conseguir um emprego, pois tinha consciência que encontraria dificuldades em entrar no mercado de trabalho após o cumprimento da medida socioeducativa. Acreditava que tinha mudado com a passagem pelo curso de aprendizagem, pois sua mente tinha "*evoluído*".

Henrique era o aprendiz que mais havia se aproximado de um trabalho artesanal, descrevendo com muita empolgação a confecção e a colocação de lentes em óculos. É possível relacionar com a perspectiva de Sennett (2008), pois fica claro em sua fala o quanto se orgulhava de dominar a técnica e o conhecimento (porque podia colocar em prática a matemática que tanto gostava) da confecção das lentes de um óculos.

A fábrica da ótica era predominantemente composta por trabalho manual, embora também exigisse um trabalho intelectual, pois era atrelado à aplicação prática da matemática que era uma área que Henrique gostava, enquanto que o controle e o setor de recursos humanos exigiam um trabalho mais intelectual: "*eu não gosto de estudar, não*". Por isso, Henrique acabou se identificando mais com a experiência de aprendizagem na ótica: "*foi a mais que eu me adaptei. Foi a mais que eu gostei de tá lá fazendo as coisa*".

Por outro lado, vale ressaltar que este "ofício" nada tinha a ver com a área administrativa, o que mostra a amplitude do processo de aprendizagem, o qual não se restringe ao curso/formação específico oferecido.

Como estava próximo ao fim do contrato de aprendizagem, o pai de Henrique estava distribuindo os currículos do filho em várias empresas. Acredito que temia que Henrique voltasse a se envolver com o tráfico de drogas: "*ele já tá pra lá e pra cá, doidinho, botando currículo*". O pai sempre quis que o filho fosse do quartel ou vigilante, mas Henrique, pretendia ser mecânico, pois sempre gostou de mexer em bicicletas, motos e carros, inclusive planejava fazer um curso na área em breve. Henrique tinha consciência que dificilmente ia "*arrumar um trabalho bom*".

A iniciativa do *Projeto Vida Aprendiz* é baseada em uma concepção próxima à noção de que o indivíduo deixe de ser "improdutivo e parasitário", destacada por Velho (2004, p. 63, grifo do autor): "O *trabalho* constitui o outro tema crucial para a criação de áreas perigosas e

comportamentos disruptivos. O *drogado* é visto como o indivíduo que foge às suas obrigações ou as cumpre mal, sendo, portanto, um elemento improdutivo e parasitário".

Julião (2011) analisa a efetividade da educação e do trabalho na reinserção social de detentos. Segundo o autor, o objetivo da Lei de Execução Penal, em seu Art. 1º, é propiciar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado. O direito à instrução é um dos principais direitos de índole constitucional.

Entretanto, um relatório divulgado em 2006 pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, destacou, entre outros problemas, a insuficiência de programas de trabalho e ressocialização. É nesse contexto que surge o *Projeto Vida Aprendiz*, em 2016, pois busca "a redução do índice de reincidência nas trajetórias infracionais".

Julião (2011) faz uma observação importante quando afirma que não é somente com a capacitação profissional que se consegue a entrada no mercado de trabalho, pois este está cada vaz mais seletivo, diante do número significativo de profissionais qualificados que estão desempregos.

Mais um motivo para o Projeto ter um cuidado maior com os jovens, garantindo, de alguma maneira, a efetiva inserção profissional do egresso de medida socioeducativa, quando o que aconteceria com Henrique é que ao fim do Programa, não haveria um acompanhamento para garantir sua inserção, pois sua efetivação na empresa não seria possível. Esse acompanhamento é fundamental, pois estudos (JULIÃO, 2011) apontam que há maiores chances de reincidência nos cinco primeiros anos de liberdade.

Por fim, ressalto que o educador responsável pela turma de aprendizes da qual Henrique fazia parte fez um comentário negativo sobre o jovem, dando a entender que ele não havia "melhorado". Talvez sua visão estivesse enviesada pelo fato de saber que Henrique vinha de medida socioeducativa, ou poderia ser a realidade e as palavras de Henrique fossem propositais para passar a imagem de regeneração.

6.1.5.3 Perfil 13: Everton (SENAI) – a experiência de aprendizagem como reforço da escolha profissional

> É uma área que eu quero seguir. Não é pelo dinheiro. É porque eu gosto. Quando a gente faz o que gosta o reconhecimento vem gradativamente. Vem automático (EVERTON, 20 anos).

Optei por entrevistar Everton pelo fato de seu padrasto também ser mecânico, o que me levou a querer investigar em que medida a escolha do jovem em fazer o curso de

aprendizagem e seguir a área de mecânica era motivada ou influenciada pelo parente. A entrevista ocorreu em junho de 2017, no período da tarde.

Everton era um jovem tímido e que, a princípio apresentou respostas sucintas. Diante disso, tive que estimular em alguns momentos para que ele me desse respostas mais detalhadas.

Everton tinha 20 anos, era solteiro, pardo, sem filhos, tinha um irmão e morava com a mãe e o padrasto em uma casa própria na cidade de Recife desde que nasceu. O jovem fazia o curso de *técnico em mecânica industrial* do SENAI e era aprendiz de mecânica em um jornal de grande circulação no estado de Pernambuco. Ele apresentou respostas curtas e objetivas e tive que estimulá-lo a desenvolver mais as respostas.

Sua principal fonte de renda era o salário como aprendiz e sua renda familiar estava entre 1 e 2 salários mínimos. Everton contribuía financeiramente com a família com ¼ do seu salário.

Everton morava com a mãe e o padrasto e afirmou que seu ambiente familiar sempre foi harmonioso e agradável, no qual sempre teve o apoio em qualquer decisão que tomasse, inclusive na esfera profissional. Ele percebia apenas uma mudança *"natural das coisas"* como a questão da responsabilidade, depois de se tornar adulto.

Segundo ele, o padrasto, que era mecânico, sempre o incentivou a seguir a mesma área: *"meu padrasto, ele é mecânico. Sem ele pressionar, eu acabei vendo e acabei gostando da área. Incentivou, sim, ele mostrou o lado bom, né? Mas nunca obrigou, certo? Mas sempre me incentivou"*.

Seus pais e familiares achavam uma boa oportunidade o fato de ele fazer o curso de aprendizagem, principalmente pela oportunidade de desenvolver os aspectos ético-disciplinares tidos como fundamentais para permanecer no mercado de trabalho, o que se caracterizava como uma reprodução do discurso da "empregabilidade": *"eles acham uma boa oportunidade de conhecer o mercado de trabalho e também de... de poder já... já aprender como lidar na área de trabalho. Como se comportar, as responsabilidades".* Seus pais e familiares gostavam da área de mecânica, muito pelo fato de o padrasto de Everton ser da área, obviamente. Quanto à escolha pela profissão de mecânico, eles acreditavam que era *"uma profissão boa e que nunca cai. Crise. Ela nunca... nunca deixa de existir. Sempre vai precisar de mecânico*". E completou com o porquê de sua escolha pela área: *"é uma área que eu quero seguir. Não é pelo dinheiro. É porque eu gosto".*

Apenas a profissão do padrasto que influenciou a escolha profissional de Everton, enquanto a da mãe, que era balconista, não havia o influenciado. Ele achava ótimas as profissões dos pais.

A contribuição financeira de Everton consistia em dar o seu *ticket* alimentação, o que correspondia a ¼ do seu salário como aprendiz. A ideia de contribuir partiu dele mesmo, pois achava importante colaborar em casa: *"é importante, né? Porque traz responsabilidade e deveres, tipo, na sociedade não temos direitos e deveres? A mesma coisa"*. A maior parte de seu salário gastava com *"artefato que usa no dia a dia"*, como roupas, perfume, transporte etc.

Ele possuía o ensino médio completo e havia estudado em três escolas ao longo de sua jornada escolar. Sua mãe tinha o nível médio incompleto e trabalhava como balconista, enquanto que seu padrasto tinha o fundamental completo e era mecânico.

Quanto à trajetória escolar, Everton estudou na mesma escola até a 8ª série. Posteriormente, foi aprovado no Etepam (mesma escola que Pettros frequentou) e passou a fazer o nível médio-técnico, com o curso de logística, porém, não gostou do curso (o mesmo que aconteceu com Pettros) e foi para uma "escola de bairro". Durante o ensino médio tentou por algumas vezes ingressar no curso de mecânica do SENAI, mas não conseguia passar na prova. Por fim, surgiu a oportunidade de fazer o curso de aprendizagem na área de mecânica.

Everton se considerava um aluno razoável na época da escola, pois não era "*nem bom, nem péssimo*", pois não se dedicava muito, fazendo apenas o que era pedido. As melhores lembranças que tinha da escola eram atividades como feira de conhecimento e jogos interclasses. As lembranças ruins eram as idas à diretoria, pois *"quando ia eu não gostava, não. Tá levando chamada é muito chato"*.

Segundo Everton, seus pais sempre o incentivaram a estudar, através de atitudes como: *"comprando... em vez de filme, comprava gibi. Pra incentivar a leitura. E... dando exemplo, né, de gente que estudaram e hoje em dia é bem sucedido".* Na época da entrevista ainda o incentivavam destacando exemplos de pessoas que, por meio dos estudos e da inteligência, eram bem-sucedidos.

Ao longo de seu percurso escolar, Everton ressaltou alguns professores que o incentivaram na questão profissional, dando ênfase a um professor que teve na 8ª série que o estimulava a seguir a área de direito, porém, nunca se interessou pela profissão. Também destacou um professor do SENAI que na época da entrevista o incentivava bastante na área de mecânica.

Ou seja, sua escolha profissional não teve relação direta com a experiência que teve na escola.

Quanto ao trabalho, os pais de Everton o incentivavam, mas sempre priorizaram os estudos e, na ocasião da entrevista, estavam esperando que ele concluísse o curso de aprendizagem. Porém, o padrasto, de certa forma, o incentivava a trabalhar, pois nos finais de semana dos últimos cinco a seis meses levava Everton para trabalhar com ele: *"no final de semana eu também trabalho com meu padrasto. Trabalho com ele. [...] ele trabalha numa oficina e dia de sábado ele faz serviço por fora. Aí eu ajudo ele"*. Com essa atividade, Everton ganhava um dinheiro extra do padrasto.

Everton desenvolvia uma atividade voluntária havia cinco ou seis meses era pela igreja que fazia parte: *"no domingo tem um... lá, pela igreja, a gente sai da Guabiraba*[69] *pro centro [do Recife], pra praça do diário, praça do trabalho e fornece almoço"*. Everton gostava da atividade e conseguia perceber a contribuição dessa experiência para seus projetos futuros:

> *Contribui porque lá a gente vê bastante profissionais que foram pelo dinheiro e não deram certo, né? Então, só pelo dinheiro não vale a pena. Lá a gente já viu fotógrafo, até advogado mesmo que não deram certo e agora tá lá agora na rua. Então quando a gente faz o que gosta o reconhecimento vem gradativamente. Vem automático.*

A primeira experiência de trabalho de Everton tinha sido em uma pizzaria durante cerca de 3 a 4 meses como entregador no bairro onde morava. Ele conhecia o dono da pizzaria, o qual estava precisando de alguém para realizar as entregas de motocicleta. Sobre a atividade: *"é 'osso' também, mas é bom. Tem dia de glória e tem dia de... tem dia que é difícil. Tem dia que não acha o endereço, tem dia que atrasa. Quando atrasa na cozinha, atrasa o trabalho da gente também. É que a gente depende de outros setores. Agora, se tudo anda bem, aí..".* Para Everton, a experiência tinha sido importante no sentido da compreensão da relação patrão-funcionário, mas não havia tido influência em seus projetos futuros.

Everton conheceu o Programa de aprendizagem *"por meio das comunicações via rádio, televisão e* internet". Segundo ele, seus pais tiveram muita influência em seu estímulo em participar do curso de aprendizagem, o que veremos mais à frente que é algo que se confirma.

---

[69] É o maior bairro da cidade de Recife, com 4.617 hectares e uma população aproximada de 7.318 habitantes.

A principal motivação de sua participação foi *"a qualificação profissional"* e o curso havia atendido suas expectativas, pois teve *"uma experiência muito satisfatória agregando muito conhecimento em minha bagagem profissional"*.

Everton chegou ao Programa de aprendizagem quando a empresa solicitou ao SENAI que enviasse alguns jovens para participarem de uma seleção na empresa. Como seu currículo estava no banco de dados, devido às tentativas anteriores de ingressar na instituição, seu nome foi indicado para a entrevista:

> *O meu currículo... meu... tava tudo armazenado aqui, aí a empresa entrou em contato com aqui, aí me mandaram pra lá, aí me selecionaram pra fazer entrevista. [...] Foi a empresa que entrou em contato com o SENAI, aí no banco de dados tinha o meu [currículo]. Aí foi... foi eu e mais seis pessoas fazer a entrevista, aí ficou eu e mais outro.*

Na empresa, Everton trabalhava em atividades de manutenção das máquinas que imprimem o jornal: *"a gente limpa as máquinas que imprime jornal, conserta tudo. É mais uma... uma... manutenção mesmo lá".* Quanto ao convívio, Everton destacou o incentivo que recebia por parte dos funcionários: *"lá também o pessoal é tudo gente boa, não tem ninguém querendo tá botando seu trabalho pra baixo. Lá o pessoal incentiva muito o trabalho da gente".* Nesse sentido, identifico mais uma situação em que a experiência positiva de aprendizagem na empresa funcionava como um estímulo para seguir a área do curso de aprendizagem.

Na empresa em que Everton trabalhava, os jovens aprendizes passavam um mês na prática de trabalho e depois cinco meses no SENAI. Na semana seguinte ao da realização da primeira entrevista, ele iria para a última passagem pela empresa, uma experiência de três meses.

Ser aprendiz, para Everton, era *"ter oportunidade de vivenciar empresa, indústria, estudando ainda. Como uma visão... ter uma visão mais crítica, sem ser logo de cara, né? Porque querendo ou não, ainda tem muita paciência com a gente porque é primeiro emprego. E se a gente fosse de cara já trabalhar não ia ter essa experiência".* Ou seja, mais uma vez são ressaltados por um entrevistado dois aspectos diferenciadores das condições de aprendiz e funcionário, ambos ligados ao enfoque na formação em detrimento da produção, pressuposto fundamental presente na Lei da aprendizagem: 1) a possibilidade de poder cometer erros inerentes ao desempenho e aprendizado da atividade profissional; e 2) a paciência que os gestores e funcionários tinham em relação às falhas cometidas pelos aprendizes, demostrando um entendimento de que estes eram indivíduos em processo de formação na área.

Everton apresentou um ponto de vista diferente dos demais aprendizes do SENAI entrevistados, pois, embora tenha destacado que acreditava que o curso de aprendizagem teria mais prática do que teoria, suas expectativas, segundo ele, foram até mesmo ultrapassadas pelo fato de o curso ter mais aulas teóricas do que práticas. Isso porque reconhecia que a teoria também era importante: *"a gente aprendeu muita coisa, até mais teórica, a gente aprendeu também muita coisa teórica. Eu pensei que ia ser mais prático, aí foi teórico também, aí atendeu às expectativas, até passou. Mesmo sendo mais teórico. A teoria é importante".*

Everton acreditava que a prática na empresa era importante, pois *"a gente desde já, já vê o que a gente vai enfrentar, né, daqui pra frente na área profissional".* Ou seja, para ele, a experiência na empresa era importante não necessariamente pelo fato de melhorar o currículo, mas como uma contribuição relevante para sua subjetividade como trabalhador.

Quanto à formação teórica, Everton também identificava sua influência em seus planos profissionais futuros, principalmente no que diz respeito a conhecer a área de mecânica: *"antes de entrar aqui mesmo muita gente até acha que na área superior só tem engenharia mecânica, mas a gente vê que tem engenharia de produção. Até nisso a gente antes de entrar aqui não sabia direito. A gente até conheceu mais áreas".* Dentre essa variedade de áreas, Everton se identificava mais com a área de manutenção, foco do curso de aprendizagem.

A forma como Everton enxergava a aprendizagem sofreu mudanças de antes de conhecê-la: *"é um processo que... antigamente eu pensava que a empresa, ela era obrigada a ficar com o aprendiz. Hoje em dia eu vejo que é um programa que beneficia a empresa, o aprendiz... uma forma diferente"*.

Quanto a planos futuros, Everton, em primeiro lugar, pretendia conseguir um emprego na área de mecânica e, posteriormente, ascender dentro da profissão: *"depois vim tudo gradativamente, né? Mecânico júnior, sênior".* Quando o questionei sobre ingressar no ensino superior, disse: *"a gente pensa, só não sei se vou ter condições de fazer".*

Até a época da primeira entrevista Everton não sabia se haveria a possibilidade de efetivação na empresa. Diante disso, caso não ficasse iria procurar emprego em qualquer área, pois *"mais importante é tá trabalhando, né?"*, mas, de preferência, desejava trabalhar na indústria.

Diferentemente de outros entrevistados, Everton não conseguiu identificar um momento ou fato que tenha contribuído diretamente para a sua escolha pela profissão de mecânico: *"eu avaliei mais pelo... pela qualidade de vida que... segunda à sexta, tal, bom*

salário. Eu avaliei mais por isso". Acrescento também a influência do padrasto em sua escolha.

Everton frequentava as atividades sociais (doações de alimentos, roupas e agasalhos, por exemplo) da igreja católica que fazia parte, mas não gostava de participar das missas. Ele justificou essa opção por participar apenas das atividades sociais da seguinte forma: *"porque essas atividades assim é o... o próximo, o amor ao próximo, né? E na missa eu não... eu não vejo tanto isso, né, o mais importante é a caridade com as pessoas".*

Ele fazia aulas de *jiu-jitsu* havia aproximadamente um ano e meio, pois *"é uma arte suave, né, pra desestressar. Eu gosto"*. Além disso, jogava futebol às quintas-feiras, também como lazer.

Everton indicaria o curso de aprendizagem à outra pessoa: *"indicaria. Porque é uma ótima experiência pra conhecer o que a gente vai enfrentar fora, no mercado de trabalho. Indiquei até pra dois amigos meu se inscrever no processo, hoje em dia eles estão aqui. Conseguiram entrar também"*.

Por fim, Everton conseguia perceber que havia se tornado mais responsável através de sua participação no Programa, principalmente a prática de trabalho na empresa: *"acho que mudou mais... questão de responsabilidade mesmo, que [...] na indústria a gente... a gente vê lá todas as ação da gente é importante. Tudo que a gente faz tem importância pro acontecimento das coisa lá. Das operações de trabalho, tudo e tudo mais"*.

Ao término do curso de aprendizagem, pretendia estudar e trabalhar.

Em relação a Everton é importante destacar que antes mesmo de participar do Programa de aprendizagem, ele já tinha o desejo de estudar no SENAI e fazer o curso de mecânica, o que para minha análise é essencial, pois a experiência no Programa e na empresa serviram apenas para reforçar sua escolha pela área e não para determinar essa escolha, como aconteceu com Breno e João (perfil 14), por exemplo, os quais não se interessavam pela área e apenas a partir da experiência de aprendizagem que haviam definido seguir a mecânica.

Em outras palavras, aqui se apresenta um exemplo da experiência que ratifica e/ou legitima a escolha pela profissão. A influência do padrasto, somada à experiência anterior de trabalho na área auxiliando também o padrasto é que foram mais relevantes para sua escolha profissional, a qual foi confirmada pela experiência de aprendizagem, a qual se constituía como uma aprendizagem experiencial.

Embora seu padrasto fosse mecânico e tenha apresentado "*o lado bom*" da profissão a Everton, o jovem acreditava que tinha escolhido a profissão por conta própria: "*nunca me obrigou, certo? Mas sempre me incentivou*". Diante disso, o interesse pela mecânica era

anterior à experiência de aprendizagem. Segundo ele, sua escolha se deu por gostar da área e não pelo dinheiro.

Assim como outros jovens, só participava das atividades sociais da igreja. A experiência de trabalho voluntário pela igreja também funcionava como um estímulo a seguir a profissão que gostava, independentemente do retorno financeiro, pois lá encontrava exemplos de pessoas que foram malsucedidas em suas profissões por pautarem suas escolhas pela questão financeira.

Vale ressaltar a justificativa de Everton para a escolha pela mecânica, pois, segundo ele, era uma "*profissão boa*" e que "*nunca cai*", ou seja, em sua interpretação era uma área que seria pouco afetada em momentos de crise. Entretanto, na segunda entrevista afirmou que o mercado de trabalho estava muito difícil para a área de mecânica, como será visto.

Para Everton, o reconhecimento profissional era importante e seria uma consequência de quando se faz o que gosta. Aqui aparece a questão do reconhecimento profissional como uma meta importante, embora isso não tenha aparecido constantemente na fala de Everton, pois este ressaltava mais o fato de gostar do que se faz, em detrimento da questão financeira. Ou seja, para ele, o capital simbólico traria mais satisfação quanto à profissão do que a apropriação de capital econômico decorrente dela.

Os pais sempre o incentivavam a estudar e o estimulavam a seguir os estudos, mostrando exemplos de pessoas bem-sucedidas através dos estudos. Os pais também o incentivavam a trabalhar, mas davam mais valor aos estudos. A atividade com o padrasto funcionava como um estímulo ao trabalho. Para Everton, a sua primeira experiência de trabalho, como entregador de pizzas, não havia influenciado seus projetos futuros, porém, foi mediante ela que compreendeu como se dava a relação patrão-funcionário (assim como o trabalho de kaio na *LAN house*).

Para os pais de Everton, o curso de aprendizagem era importante para garantir sua "empregabilidade" através da apropriação de aspectos ético-disciplinares essenciais para a permanência no mercado de trabalho, como "*se comportar*" e "*responsabilidade*", por exemplo. A família também via com bons olhos a área de mecânica.

Diferentemente dos outros aprendizes, os quais consideravam a pouca prática ao longo do curso como um problema (Maria e Flora, perfil 15), Everton pensava que isso era justamente um ponto positivo do processo de aprendizagem, pois reconhecia a importância da teoria. Um detalhe que me parece relevante é o fato de Everton já ter uma experiência prática por meio da atividade com o padrasto, o que não acontecia com a maioria dos aprendizes, os quais dependiam da prática na empresa. Como Everton tinha uma experiência prática maior

que os demais entrevistados, as aulas teóricas funcionavam como um complemento de sua formação, daí ele dar um peso maior às aulas teóricas pelo fato de a teoria ser mais necessária para ele, destacando que as aulas teóricas possibilitaram o conhecimento sobre outras áreas da mecânica, antes desconhecidas por ele.

Para Everton, a prática na empresa era bastante positiva, pois considerava os colegas de trabalho "*tudo gente boa*" e que "*incentivava muito o trabalho da gente [os aprendizes]*". Em outras palavras, passava por uma aprendizagem experiencial (DUBAR, 2009).

Na ocasião da primeira entrevista, Everton apresentou os seguintes planos: 1) conseguir um emprego na área de mecânica; e 2) ascender na profissão. Caso não ficasse na empresa, pretendia procurar emprego em qualquer área, mas dava preferência ao setor industrial.

6.1.5.4 Perfil 14: João (SENAI) – entre a mecânica e as artes marciais

> Eu tenho primos e tios que são mecânico industrial e sempre disseram que era uma área muito boa, vim fazer o curso e no continuar do curso eu gostei muito, aprendi muita coisa e pretendo seguir nessa área até Deus quiser (JOÃO, 19 anos).

Selecionei João por ele já ter experiência anterior de trabalho e ter escolhido a profissão que queria seguir. Na questão sobre estado civil, João havia assinalado a alternativa *casado*, o que foi importante para minha escolha em entrevistá-lo, o que logo no início da primeira entrevista se mostrou não ser verdadeiro. Segundo João, ele havia marcado a resposta errada, pois ainda era noivo. Embora tenha ocorrido isso, os dados de sua entrevista contribuíram bastante com a pesquisa. A entrevista foi realizada em junho de 2017.

Nessa época João tinha 19 anos, autodeclarava-se pardo, era noivo, não possuía filhos, era filho único e morava com os pais em uma casa própria em Jaboatão dos Guararapes desde que nasceu, mudando apenas uma vez de bairro. Ele fazia o curso de *técnico em mecânica industrial* no SENAI e trabalhava em uma empresa multinacional de origem holandesa, do ramo de tintas e revestimentos, sendo uma das principais fabricantes de especialidades químicas.

Quanto ao nível de escolaridade, João tinha o ensino médio completo. A mãe possuía o nível médio incompleto e era dona de casa, enquanto que seu pai tinha o fundamental completo e trabalhava como motorista.

João tinha como principal fonte de renda seu salário como aprendiz, sendo sua renda familiar menor que um salário mínimo. Ele contribuía financeiramente com a família.

Antes da experiência na aprendizagem profissional João já havia trabalhado em *"vários tipos de serviço"* (os quais pude destrinchar durante a entrevista), mas nunca havia trabalhado voluntariamente. Ele já havia decidido a profissão que queria seguir: mecânico.

Passou a conhecer o Programa de aprendizagem *"por amigos que tinham feito"* o curso. De acordo com João, seus pais tiveram muita influência em sua participação no curso de aprendizagem. A principal motivação em participar do Programa era a possibilidade de *"ingressar no mercado de trabalho"*, ou seja, dava ênfase à experiência profissional e ganhos no currículo decorrentes da experiência de trabalho através do Programa.

João morava com o pai e a mãe e considerava sua relação com eles como *"tranquila"*, porém, ressaltou a ocorrência de desentendimentos com alguns tios, já em sua idade adulta, o que fez com que ele não falasse muito com esses parentes, mas com os demais familiares o convívio era bom: *"teve uma discussão com meu pai e eu não... não me agradou. Aí só esse convívio aí que eu não falo muito com eles. Mas o resto da família, todo mundo* ok*, não tenho o que dizer, não".* A única mudança que identificava na relação com os pais, após alcançar a fase adulta, era referente ao aumento da responsabilidade: *"porque agora eu tenho mais responsabilidade, né? Saio. Tenho já... já sou de maior, tenho certa idade. Quando você é mais novo, tem que ter horário pra chegar. Sobre isso tudo".*

Os pais e o avô sempre o incentivaram no que diz respeito à carreira profissional, mas nunca o estimularam a seguir uma área específica: *"minha família toda bem dizer, principalmente minha mãe e meu pai, visse? Sou muito apegado a eles. Meu avô também, sempre me incentivou. O que a... a decisão que eu tomo eles me incentiva",* embora, no fim das contas, o fato de fazer o curso de aprendizagem foi decorrente do incentivo e estímulo por parte de parentes, pois até o momento não pensava nem se interessava pela mecânica.

Os pais e familiares gostavam do fato de João fazer o curso de aprendizagem, inclusive tinha alguns parentes que eram da área:

> *Todo mundo agradeceu porque eu tava já chegando a uma certa idade, não tava fazendo nada, surgiu uma oportunidade de fazer um curso de mecânica, que eu tenho primos e tios que são mecânico industrial e sempre disseram que era uma área muito boa, vim fazer o curso e no continuar do curso eu gostei muito, aprendi muita coisa e pretendo seguir nessa área até Deus quiser.*

Embora não entendessem sobre a área de mecânica, de acordo com João, seus pais gostavam da área, pois já haviam trabalhado na indústria e achavam *"legal"* tudo relacionado ao setor industrial.

A noiva de João já havia trabalhado na área de administração, tinha concluído o ensino médio e, na época da primeira entrevista, trabalhava em uma escola como auxiliar de professora porque desejava seguir a profissão. Segundo João, ela o apoiava quanto aos estudos e trabalho:

> *Incentiva muito. Oxe, me apoia, visse? Porque assim, sempre tem um dia que você não quer vim pro curso, ela: "Vai pro curso, não deixa desistir, não, a oportunidade é uma só". Ela me incentiva de várias formas, visse? Emprego. Tudo que eu digo... pronto, se eu for desistir do curso ela me apoia também, se eu não for, ela apoia, mas ela sempre tá do meu lado pra coisas boa.*

A mãe de João era dona de casa, mas fazia suas *"ôia*[70]*"*, trabalhando como cabeleireira e manicure. O pai trabalhava com vendas de extintores de incêndio. Sobre as profissões dos pais, achava que era *"muito legal, porque todo trabalho é honesto e... importante. Acho que não tenho o que falar, não, visse?"*. João não identificava algum tipo de influência dessas profissões em sua escolha profissional. Isso porque, como veremos adiante, a escolha se deu a partir da experiência de trabalho que teve ao longo do processo de aprendizagem. O incentivo por parte dos familiares foi apenas no sentido de aproveitar a oportunidade de participar do Programa, mas não especificamente em seguir a área.

João contribuía financeiramente com a família, ajudando em casa com o que podia, mas não tinha uma contribuição fixa (valor mensal ou conta que pagava):

> *Ajudo a casa, porque só meu pai também... eu gosto de ajudar, nunca... sempre, antes de eu tá nesse curso porque eu sou menor aprendiz, aí não recebia dinheiro, mas mesmo assim eu trabalhava, fazia uma coisa ou outra, aí sempre ajudava em casa, o que eu puder, uma conta de luz, uma água, comprar uma carne, o que puder eu ajudo.*

A ideia de contribuir partiu dele próprio, pois *"nunca me cobraram nada".* Considerava a contribuição como o *"dever de um filho"*: *"porque eles contribuíram minha vida toda e agora eu posso contribuir com eles também. Já é um dever de um filho... é... contribuir com o pai e com a mãe".* O salário como aprendiz, João gastava principalmente com roupas, saídas e também estava juntando dinheiro para tirar sua carteira de habilitação (CNH).

Quanto à sua trajetória escolar, João afirmou que nunca tinha sido um aluno desobediente, porém,

> *Quando fui chegando 5ª, 6ª série já fui mudando por causa de amigo, perturbando, essas coisa. Cheguei... 7ª série eu reprovei, só reprovei um ano por causa de bagunça mesmo, mas sempre fui um aluno... eu estudei, gostei*

[70] É uma gíria utilizada para designar um trabalho informal, assim como a palavra "bico".

> *muito de estudar, visse? Fazia de tudo pra passar de ano, fui chegando no 1º, 2º e 3º foi muito tranquilo.*

Segundo ele, era um aluno *"esforçado"*. A melhor lembrança da época eram as amizades, as quais ainda mantinha até o momento, tanto colegas de classe quanto professores, os quais o ajudavam inclusive no curso de aprendizagem, como na área de cálculo, por exemplo: *"professores que me ajudaram muito, até no tempo que eu entrei no curso, me ajudaram muito, me incentivaram. Pedi ajuda, matemática, alguma coisa de cálculo que entra em metodologia*[71]*, essas coisa, me ajudaram muito. Sempre tenho contato com os professores".* A pior lembrança que tinha da época era a reprovação na 7ª série, a qual deixou seus pais bastante tristes: *"quando fui reprovado, perder um ano de estudo não é brincadeira, não, né?".*

Seus pais sempre o incentivaram a estudar, principalmente a mãe, por ser dona de casa e estar mais presente na criação de João:

> *Sempre incentivaram. Incentivavam estudando, minha mãe sempre olhava caderno, ver se eu tava fazendo a atividade, colocava pra estudar. Mesmo eu não querendo* (risos)*, mas colocava. Meu pai nem tanto porque meu pai trabalhando, mas sempre meu pai cobrou do estudo meu também. Mas mais minha mãe que em casa com o filho no dia a dia cobrava muito de mim.*

Até o momento ainda o incentivavam, inclusive seus pais sonhavam que João *"fizesse uma faculdade"*.

João se lembrava de um professor de geografia que teve na época da escola que o incentivava a seguir a área de segurança, na profissão de vigilante ou policial, por João fazer aulas de artes marciais. Embora estivesse decidido em seguir a mecânica, ele já havia cogitado seguir a área de segurança, pois *"gosto muito de mecânica, quero seguir na área, mas sempre ter um curso diferenciado de outras áreas é sempre bom, visse? Porque ninguém sabe como é que tá o mercado, aí".* Nesse sentido, João encarava uma possível carreira na área de segurança apenas como uma alternativa caso não conseguisse se estabelecer como mecânico, assim como Maria fazia com a matemática. Isso pode ser relacionado com a discussão sobre projeto e campo de possibilidades, pois ambos os aprendizes possuíam dois projetos paralelos (embora percebi que a ideia de Maria fosse mais concreta do que a de João, pois fazia parte de seus planos mais próximos fazer a licenciatura em matemática, enquanto que João apresentou essa possibilidade como algo mais remoto), os quais eram dependentes de como o campo de possibilidades se apresentaria para eles, como se confirmará na segunda entrevista, pelo menos no caso de João.

---

[71] O nome correto da disciplina é *Metrologia*.

Embora João reconhecesse a importância da matemática para a área de mecânica, durante a época da escola a disciplina que mais gostava era história. Porém, não identificou algum tipo de relação entre a matéria e sua escolha profissional.

Os pais sempre o incentivaram a trabalhar, mas nunca o obrigaram. João disse que trabalhava desde os 12 anos de idade, mas sempre por vontade própria:

> *Nunca disseram isso: "Tu vai ter que trabalhar", mas quando a gente vai chegando numa certa idade, naturalmente você quer um dinheiro, você quer uma coisa ou outra e eu nunca fui daquele filho de: "Mãe, me dá isso. Pai, me dá aquilo". Nunca fui de tá pedindo dinheiro. Desde os 12 ano eu trabalho. Nunca me obrigaram a trabalhar, nada. Eu sempre, por vontade própria, eu quis fazer isso.*

Os pais ainda o incentivavam a trabalhar, pois acreditavam que só através do trabalho João atingiria seus objetivos na vida.

Ele chegou ao Programa através de um primo que o ligou quando ele estava desempregado. Esse primo quem lhe disse da vaga no SENAI para a área de mecânica industrial (*"eu nem sabia que área era essa de mecânica industrial"*), a oportunidade era para a função de aprendiz (*"eu também não conhecia menor aprendiz"*). João se candidatou à vaga por não estar ocupado no momento, mesmo sem conhecer a área. Além disso, seu primo o convenceu a participar pelo fato de fazer um curso por dois anos e receber um salário. João fez a inscrição no SENAI, participou de uma seleção, realizando uma prova e foi aprovado.

Quanto à experiência na empresa, João só fez elogios:

> *Muito legal, visse? Porque a gente chega lá, a gente é bem atencioso* (sic) *é... tem uma boa atenção dos mecânico lá, os demais. A área da engenharia. Lá os pessoal sempre apoiando, lado a lado com a gente. Todo serviço que a gente for fazer, a gente faz com eles, tem o acompanhamento dele. A gente tem plena liberdade. A empresa é ótima. Segurança total. Muito, muito legal a empresa, visse?*

João tinha ido à empresa em três oportunidades. Na primeira teve uma experiência de um mês. As duas idas seguintes foram de 15 dias cada. A última passagem pela empresa seria de aproximadamente três meses.

Quanto a ser aprendiz, João destacou os fatos de ter uma experiência de trabalho e caminhar no mercado de trabalho como importantes:

> *Ali você tá dentro da empresa, convivendo. Ruim é que você não pode fazer tudo dentro da empresa. Porque você é aprendiz, já tá dizendo, você tá aprendendo aquilo ali. Mas menor aprendiz pra menino que não tá... o que fazer, na rua, sei lá, que aparecer uma vaga de menor aprendiz é muito importante, que já vai... tendo uma experiência de trabalho, como é que vai ser, mesmo sendo de menor já vai... caminhando no mercado de trabalho. É muito bom.*

Ou seja, João achava bastante significativa a experiência na aprendizagem para conhecer e se inserir no mercado de trabalho.

As expectativas de João quanto ao curso de aprendizagem foram atendidas (só consegui essa resposta na entrevista, pois João deixou essa pergunta sem resposta no questionário), porém, em sua fala, ele deixou algumas ressalvas em relação ao que realmente esperava do curso, principalmente quanto à pouca quantidade de aulas práticas: *"eu pensava que... porque meu forte é manutenção. Manutenção total, manutenção e tem muita... eu pensava que ia ser... acho que 80% prática e 20% teórica. Mas é isso aí. Eu aprendi muita coisa no curso, que eu quero seguir. E é isso aí mesmo"*.

Antes da experiência de aprendizagem, João já havia trabalhado informalmente em atividades como: ajudante de pedreiro; "*ajudante de botar gesso, PVC*"; já vendeu relógio, bolachas: *"já vendi tanta coisa, assim, trabalhei muito na vida, trabalhei. Fazia 'ôia', não ficava parado, não".* As experiências que teve nessas atividades, segundo João, influenciaram sua escolha profissional, pois, assim como o que aconteceu com Júnior, disse que é importante estudar para não depender de trabalhar em *"serviço pesado"*, porque *"trabalhando pesado, muito pouco que se ganha. Você tem que pensar mais alto, né? Estudar pra poder ter uma renda melhor"*. Ou seja, em ambos os casos os aprendizes haviam passado por experiências precárias de trabalho informal, o que os estimulava a, através dos estudos, buscarem uma melhor colocação no mercado de trabalho. Diante disso, o curso de aprendizagem (muito pelo fato de ter nível técnico) surgiria como uma oportunidade de atingir tal ascensão social mediante o trabalho.

Como João havia escolhido a profissão de mecânico e o curso de aprendizagem era na mesma área, ele conseguia identificar a influência que as aulas teóricas tinham para sua carreira profissional: *"pra poder fazer a prática, tem que ter a teoria. Porque você tem que saber é... cálculos, você tem que saber fazer uma medição, você tem que saber ver catálogos, tem que saber ver muitas coisa. A teoria também é muito essencial".* O mesmo acontecia em relação à prática na empresa:

> *Você quer seguir aquela área, você tem que dar o melhor naquela área, né? E... resolver problemas é o essencial. Tiver uma máquina quebrada você tem que saber qual é o defeito, tem que desmontar. For fazer uma manutenção total nela, sei lá, for preciso. É muito, muito bom. Muito bom mesmo.*

A visão que João tinha antes de conhecer o curso de aprendizagem não havia mudado muito, pois tinha informações de como seria o processo através do primo que o indicou. O que o havia surpreendido era o modo como era tratado pelos demais funcionários da empresa: *"mas eu não sabia que ia ser tão bom assim, porque você é tratado como um funcionário*

mesmo da empresa, tem todos os direito, tem todas as regalia que tem na empresa... dá e você é tratado como um funcionário normal. Mesmo você sendo aprendiz".

Antes de passar pela aprendizagem, João já teve colegas da escola que tinham sido aprendizes. Ele recebeu incentivo da parte deles para participar do curso de aprendizagem, pois:

> *Primeiramente, né, que você vai ter uma profissão. Você vai ter uma profissão ali. Recebendo muito ou pouco, é uma profissão. Isso aí no futuro você pode ser um funcionário efetivado e ter um salário melhor, sei lá, assumir um cargo melhor na empresa. Isso aí incentivou muito.*

A resposta trouxe, na minha interpretação, a opinião pessoal de João e não o que ouvia de seus colegas de escola que vivenciaram a aprendizagem profissional.

Quanto a planos futuros, João destacou que pretendia ganhar experiência como mecânico na empresa e depois fazer uma graduação na área (por isso que no questionário respondeu que após o fim do contrato, planejava apenas trabalhar):

> *Seria, né, primeiro tá na empresa, sei lá; fazer uma engenharia mecânica, tudo envolvido na área de mecânica, isso é muito importante. Passar um tempo vivenciando logo a empresa, fazendo trabalho como mecânico, depois se pensar numa engenharia, sei lá, uma coisa melhor, seria também muito legal.*

Até o momento da realização da primeira entrevista, João não havia tido qualquer informação sobre a possibilidade de ser efetivado pela empresa. Caso houvesse a proposta, ele disse que aceitaria permanecer. Mas caso não fosse procurado, iria:

> *Procurar outras empresa. Fazer currículo e botar por aí. O curso que eu aprendi lá já é uma... um caminho andado, né? Porque quem termina o curso, não tem o estágio, é muito complicado. Mas quem tem seis meses de aprendizado vivenciando uma empresa, ajuda muito, né? Isso aí eu posso ter um diferencial a mais dos que estão saindo, né?*

Nesse sentido, João acreditava ter uma vantagem em relação a outros jovens pelo fato de ter *"seis meses de aprendizado vivenciando uma empresa"*.

Mais uma vez, ele destacou a importância da experiência na empresa para que tivesse esses planos em relação a sua profissão:

> *O dia a dia na empresa. Você na empresa, você vê o que há de ruim, o que há de melhor. Isso aí influenciou muito, visse? Influenciou muito. Mesmo você trabalhando quatro horas, você vê o vivenciar da empresa todinho, o dia a dia, como é que ela funciona. Isso tudo ajuda muito.*

João não conseguia identificar um momento ou fato que tenha o levado a decidir pela profissão de mecânico. Em sua fala, destacou o fato de seu pai e avô não serem dessa área: *"eu venho de uma família que meu pai nunca trabalhou como mecânico. Meu avô é*

eletricista, tudo muito diferente de mecânico". A sua escolha foi decorrente das experiências que teve ao longo do curso de aprendizagem, tanto no SENAI quanto na empresa:

> *Porque é uma área boa. Uma área boa que eu me abracei muito, porque manutenção forte, gosto de tá trabalhando, fazendo isso, resolvendo problema que tem que ser resolvido. Trabalhar com máquinas é muito bom. Tentar resolver alguns problemas que acontecem é muito bom. Gostei muito da área de mecânica por causa disso.*

Quanto a atividades esportivas, João praticava capoeira há, pelo menos, cinco anos: *"oxe* (risos)*, não tem outra coisa, não, que eu faça a não ser trabalhar de que jogar capoeira. Como tem o frevo, o samba de roda, tem o maculelê, tem várias outras artes envolvidas na capoeira".* Além disso, jogava futebol, mas só nos fins de semana, devido ao pouco tempo que tinha, pois durante a semana se dedicava à capoeira e, há um ano e meio, também treinava artes marciais:

> *Dia de semana mesmo eu pratico mais artes marciais. Esporte mesmo que eu pratico é esse:* jiu jitsu, muay thai, kickboxing*. Olhe, praticar muito tempo só foi capoeira. Já vai fazer um ano, um ano e meio que eu tô fazendo* jiu jitsu*, aí misturei todas as arte... quase todas, né?* muay thai, kickboxing *e capoeira. É um* submission[72].

Embora tenha demonstrado em sua fala o quanto a capoeira e as artes marciais eram importantes em sua vida, considerava que tais atividades não haviam influenciado seus projetos futuros, pois as tinha apenas como atividades de lazer: *"não influencia muito, não. Acho que dá mais saúde, dá mais vontade de trabalhar. Acho que ajuda muito, visse? É. Saúde, esporte... gostar. Gostar mesmo"*.

João indicaria o curso de aprendizagem à outra pessoa, pois percebia a importância da aprendizagem não só para a questão profissional, mas também pelo desenvolvimento pessoal:

> *Indicaria, porque isso aí já é um passo pra vida, né? Você aprender como é um mercado de trabalho. Isso aí ajuda muito, tirar... como tá o mundo de hoje... não fazer coisas erradas. Isso aí ajuda muito você seguir no mercado de trabalho, abrir a mente pra... pra vida, né? Abrir a mente pra vida.*

Nesse sentido, dialoga com Henrique quando ressalta a relevância da passagem pelo Programa para o jovem aprender a *"não fazer coisas erradas"*, reproduzindo o discurso do trabalho como um tipo de panaceia para os males sociais, como o envolvimento de jovens com drogas, violência e criminalidade, por exemplo.

João se dizia mais responsável e compromissado após a entrada no curso de aprendizagem:

---

[72] Também conhecido como Submission Fighting é uma modalidade de arte marcial que tem por objetivo superar o adversário através de uma submissão, utilizando-se de chaves ou finalizações, baseada, principalmente no *jiu-jitsu*.

> *Responsabilidade, porque primeira coisa é responsabilidade, chegar no horário. Isso aí conta muito. Conta muito. Você ter responsabilidade é o principal. Porque pra você não chegar num curso, numa empresa, qualquer coisa que teja um compromisso, manter compromisso com isso não... não conta, não vale, não. O que vale é muito é ter compromisso com as coisa.*

Após o curso de aprendizagem pretendia apenas trabalhar.

A trajetória de João se assemelha em certo sentido à de Paula, pois ambos antes da experiência de aprendizagem profissional ainda não haviam escolhido sua profissão e nem traçado planos quanto à esfera laboral. Entretanto, diante de uma aprendizagem experiencial (DUBAR, 2009) vivenciada tanto na instituição formadora quanto na empresa, decidiram seguir a área de seu curso de aprendizagem.

Outro aprendiz que compartilhava uma característica com João era Júnior, pois ambos haviam tido experiências anteriores de trabalho informal precário, as quais os influenciavam a estudar para não depender de trabalho "*pesado*", porque, segundo João, "*trabalhando pesado, muito pouco que se ganha. Você tem que pensar mais alto, né? Estudar pra ter uma renda melhor*".

Embora nunca tenha se interessado pela área de mecânica antes de fazer o curso e, consequentemente, não estar em seus planos (não era um projeto) entrar na área, mas a oportunidade surgiu (campo de possibilidades nas palavras de Velho, 2004) e ele entrou no curso.

Foi um primo quem o informou da vaga no SENAI. João se interessou, primeiramente, pela possibilidade de fazer um curso e receber um salário por pelo menos dois anos (tempo do contrato), embora não conhecesse a área, muito menos o que era o instituto da aprendizagem. Sua principal motivação era "*ingressar no mercado de trabalho*". Na época em que ingressou estava recebendo certa pressão por parte da família para trabalhar, pois "*já tava chegando a uma certa idade, não tava fazendo nada*", quando apareceu a chance de fazer o curso de aprendizagem. Os pais o incentivavam a trabalhar, mas, segundo João, nunca o obrigaram. Entretanto, no início da entrevista mencionou certo alívio por parte dos familiares quando conseguiu o curso de aprendizagem.

Em relação a fazer o curso de aprendizagem, João achava importante, porque "*você vai ter uma profissão ali. Recebendo muito ou pouco, é uma profissão*".

Criticou a pouca prática no SENAI, pois tinha se identificado com a área de "*manutenção total"*, a qual era extremamente prática. Essa escolha se deu porque João afirmou gostar de estar "*resolvendo problema que tem que ser resolvido*".

Como seu interesse e escolha em seguir a profissão de mecânico só surgiram após o curso de aprendizagem (*"eu me agradei muito com a área"*), teve muita dificuldade em identificar o momento ou fato que fez com que se decidisse em seguir a área.

Nesse sentido, acredito ser necessário relativizar as críticas sobre a questão financeira ser um fator essencial para que os jovens optassem por participar do Programa de aprendizagem. Isso porque o caso de João ilustra um aspecto positivo de sua participação, mesmo esta estando guiada, inicialmente, por aspectos financeiros. Antes de participar do curso, João (assim como Paula) ainda não havia desenvolvido uma reflexão mais completa e aprofundada acerca de sua carreira profissional, pois ainda achava distante a possibilidade da carreira na área de segurança/vigilância (na qual havia sido estimulado por um professor e por praticar artes marciais). Porém, a experiência de trabalho no Programa lhe apresentou um campo de possibilidades dentro da área de mecânica, fazendo com que João decidisse segui-la. Mesmo sabendo que essa escolha pode ser alterada, acredito que a experiência, no caso de João, trouxe benefícios bastante significativos para seus projetos profissionais futuros.

João tinha uma visão extremamente positiva da empresa em que trabalhava. Disse que recebia "*uma boa atenção*" por parte dos mecânicos e engenheiros: "*você é tratado como um funcionário normal. Mesmo você sendo aprendiz*". Em todas as atividades que desempenhava era acompanhado por eles e, diferentemente da experiência de Kaio, destacou a "*segurança total*" na empresa, na qual tinha "*plena liberdade*". Em sua fala, destacou a receptividade e o aprendizado que encontrava por parte dos demais funcionários, o que posso caracterizar como uma experiência que estava sendo positiva para a formação e construção da identidade profissional de João (aprendizagem experiencial), daí a opção pela carreira na área.

João destacou a importância de adquirir experiência na empresa através do curso de aprendizagem por ser um "*diferencial*", pois "*quem tem seis meses de aprendizado vivenciando uma empresa, ajuda muito, né?*". Era a soma do capital cultural (conhecimentos técnicos) com o capital social (experiência e contatos com os funcionários mais experientes da empresa).

No fim das contas, João ressaltou a importância de adquirir aspectos ético-disciplinares (saber ser) para se manter no mercado de trabalho, através do Programa, embora a formação oferecida pelo SENAI não focasse especificamente nesses aspectos e sim nos conhecimentos técnicos, ou seja, no saber-fazer. Ele foi mais um aprendiz que destacou ter desenvolvido mais responsabilidade a partir da passagem pela experiência de aprendizagem.

João achava a aprendizagem importante tanto pela questão profissional quanto pessoal e destacava a importância da oportunidade de participar da aprendizagem no sentido de ajudar a "*não fazer coisas erradas*", algo próximo às respostas de Henrique.

Na primeira entrevista parecia que João previa as dificuldades que encontraria no mercado de trabalho: "*mas sempre ter um curso diferenciado de outras áreas é sempre bom, visse? Porque ninguém sabe como é que tá o mercado, aí*". Esse comentário foi a respeito da possibilidade de fazer um curso na área de vigilância, como um plano B, caso encontrasse dificuldade em seguir a mecânica. O que acabou acontecendo, porém, utilizou o curso de barbearia que tinha como uma alternativa, abrindo o seu próprio negócio, como se verá na segunda entrevista.

A maioria dos entrevistados pretendia trabalhar e estudar após o fim do contrato de aprendizagem, mas João só queria trabalhar, o que acabou fazendo, montando sua barbearia. O plano de João era, primeiro, adquirir experiência de mecânica na empresa para posteriormente cursar uma graduação na área. Os pais sempre o estimularam a estudar e sonhavam que João "*fizesse uma faculdade*".

João também possuía uma disposição (LAHIRE, 2004) ao empreendedorismo, pois basta analisar sua trajetória laboral. Sua disposição empreendedora se confirma posteriormente, ao montar sua própria barbearia, além de apresentar uma trajetória repleta de atividades, o que mostra que sempre buscava se virar para ganhar dinheiro.

6.1.6 A ausência da prática

Neste último tópico deixei apenas um perfil, Flora, devido ao fato de que a ausência de prática na empresa me pareceu agir como um empecilho à construção de sua identidade profissional e, consequentemente, afetar suas escolhas, planos e projetos futuros em relação aos estudos e ao trabalho.

Assim como em outras falas, percebi o quanto a experiência de trabalho na empresa era relevante para as escolhas e projetos individuais e profissionais desses jovens, seja a falta de qualidade dessa prática ou a ausência dela, como no caso de Flora.

6.1.6.1 Perfil 15: Flora (SENAI) – a jovem que gosta de dinheiro

> [...] dentro de cem anos, pensei, alcançando minha própria porta de entrada, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente participarão de todas as atividades e esforços que no passado lhes foram negados. A babá carregará carvão. A dona da loja dirigirá uma locomotiva (WOOLF, 1929).

> Por mais que a gente faça praticamente a mesma coisa [que o homem], mas como é área de peso, normalmente a mulher vai pra PCM (FLORA, 19 anos).

O principal fator para que eu escolhesse Flora para a entrevista foi ter experiência de trabalho como jovem aprendiz em uma área e instituição diferentes. Diante disso, acreditei ser importante investigar o porquê de uma jovem passar novamente pela experiência de aprendizagem profissional.

A entrevista aconteceu em junho de 2017. Flora era uma jovem que gostava de falar, o que fez com que a entrevista fluísse muito bem. Ela se dedicava apenas ao curso de aprendizagem de *técnico em mecânica industrial* no SENAI e tinha vínculo com uma empresa multinacional de bens de consumo, como alimentos, bebidas, produtos de limpeza e de higiene pessoal, entre outros, embora ainda não tivesse realizado a prática de trabalho (pertencia à mesma empresa de Júnior e Maria).

Na época da entrevista, que aconteceu em 1º de junho de 2017, Flora tinha 19 anos, era solteira e sem filhos. Morava no município de Jaboatão dos Guararapes. Já havia morado em outro bairro do mesmo município.

Flora possuía o ensino médio completo, enquanto que seu pai possuía o ensino médio incompleto e sua mãe tinha o médio completo. Embora indicasse ao longo da entrevista seus planos em seguir o nível superior, até o momento da primeira entrevista, não havia ultrapassado o nível de estudo dos pais. Quanto às profissões, a mãe de Flora era "*autônoma*" (essa foi sua resposta ao questionário, mas durante a entrevista ficou claro que era dona de casa) e seu pai trabalhava em uma área próxima de seu curso: o setor de produção.

A renda familiar da jovem se concentrava na faixa entre 2 e 3 salários mínimos. Sua principal fonte de renda era seu salário como aprendiz (cerca de R$ 350,00) e contribuía financeiramente com sua família.

Segundo suas respostas ao questionário, afirmou que os pais tiveram muita influência no seu estímulo em participar do Programa de aprendizagem. As principais motivações em participar do Programa foram "*aprendizagem e renda*".

Flora vinha de uma família "*muito grande*" e que "*só faz crescer*". No início morava na casa da avó, com mais três tias e seu pai. Posteriormente foi para sua própria casa. Na casa da avó ainda moravam muitas pessoas e em sua casa havia seis pessoas: Flora, os pais, dois irmãos e uma amiga da irmã, definida por ela como uma "*agregada*". Flora definia sua vida familiar e sua relação com os pais como "*boa*". Identificava algumas mudanças na relação com os pais em sua fase adulta: "*só mais responsabilidade que eles passam pra pessoa*",

também a questão financeira (ajuda em casa) e mais confiança por parte dos pais por não ser mais "*uma menina*".

Flora não identificava qualquer apoio por parte dos pais ou familiares em seguir uma profissão específica: "*é a que eu escolher*".

Seus pais achavam "*muito bom*" ela fazer o curso de aprendizagem pela questão financeira, pelo aprendizado, por estar estudando, por não estar em casa fazendo nada e, segundo sua mãe, pela independência. Sobre esse último aspecto destacado, Dubar (2009, p. 83-84) afirma que "[...] a independência financeira é uma condição importante da autonomia pessoal das mulheres".

Quanto a seguir a área de mecânica, tinha o apoio do pai, pois ele trabalhava na área, enquanto que a mãe, no começo, achava que era uma área para homens, embora não tenha colocado obstáculos, mas "*agora ela tá com a mente mais aberta*". A mãe pensava assim porque não sabia como funcionava o curso "*eu tive que vir, presenciar e explicar pra ela*", pois achava que Flora faria o mesmo "*trabalho pesado*" que um homem, entretanto, "*por mais que a gente faça praticamente a mesma coisa, mas quando é área de peso, normalmente a mulher vai pra PCM*[73]*. Eu expliquei pra ela que tem outras áreas e não só cargo pesado*".

No questionário, Flora disse já ter escolhido sua profissão, qual seja, trabalhar na área de PCM, que seria trabalhar no "*controle da manutenção mecânica*". Isso porque:

> *Geralmente é mulher, PCM, porque ela fica como se fosse... deixa eu tentar explicar... um caixa do que entra e sai da... da mecânica. Você só vai lá, diz à PCM o que é pra comprar e ela vai fazer o balanço do preço, tudinho. É mais como se fosse uma área de escritório. Só que na área da mecânica.*

Para seguir essa área, segundo Flora, era preciso ter um curso técnico em eletrônica, mecânica ou edificações, "*porque tem que tá bem por dentro de tudo*".

A atividade de PCM é mais complexa do que definia Flora, existia um hiato entre a definição das atribuições da atividade de PCM e o que de fato esse profissional faz, o que também depende da realidade de cada empresa (o conhecimento que Flora tinha da área estava pautado, principalmente, na realidade do trabalho da irmã de uma amiga e de suas atribuições em uma determinada empresa).

---

[73] Segundo o *site* Manutenção em Foco, o Planejamento e Controle da Manutenção (PCM) é voltado para o planejamento e programação das diversas atividades do setor de manutenção de uma empresa. "Esse profissional tem que vir de uma formação técnica das áreas de mecânica, elétrica e eletromecânica e necessariamente com certa experiência de campo nessas áreas". Além disso, "deve ter a expertise de saber planejar os recursos disponíveis estabelecendo planos de manutenção e de inspeção, além de controlar as solicitações de manutenção corretiva, de pequenos projetos de melhorias, entre outras atividades pertinentes à função". Disponível em: <https://www.manutencaoemfoco.com.br/o-profissional-de-pcm/>. Acesso em: 10.10.2017.

Entretanto, vale frisar que o senso comum sobre essa área da manutenção está pautado no que Dubar (2009) denomina como "divisão sociossexuada do trabalho". Isto é, embora a mecânica seja uma área predominantemente "masculina", existem subáreas com predomínio de mulheres, as quais provavelmente são menos valorizadas social e financeiramente.

Os pais a apoiavam nessa escolha porque ela não trabalharia "*tipo peão, não vai pegar no pesado, é melhor pra mulher*". Flora afirmava não ter problema em trabalhar "*no pesado*", em atividade como fazer uma solda ou utilizar um torno[74], por exemplo.

Nessa direção, Dubar (2009, p. 18) destaca a categoria gênero como fundamental para a análise sociológica: "por exemplo, o sexo – ou melhor, o gênero – já não pode atualmente ser negligenciado pelas análises sociológicas. Uma operária não é um operário, um quadro feminino de uma empresa não é o mesmo que um quadro masculino". Por extensão, posso dizer que um técnico em mecânica, não é uma técnica em mecânica. Para Dubar (2009, p. 115), "ser um homem ou uma mulher está se tornando uma questão de história, de projeto, de percurso biográfico, de 'construção identitária ao longo da vida'".

O namorado a incentivava a fazer o curso de engenharia mecânica, isto é, que ela se especializasse mais na área e que não ficasse apenas com o curso técnico. No momento da entrevista ele cursava educação física, mas ainda não estava inserido na área, pois trabalhava em um estacionamento.

Flora achava a área de trabalho do pai muito boa, "*até porque é quase na mesma área*". Ele trabalhava em um estaleiro na cidade de Ipojuca, em Pernambuco, na área de produção, na qual, de acordo com ela,

> *Tanto você faz ficar na... conserto de máquinas, como se fosse um... uma corrente que levasse um monte de Coca-Cola. Aí é a área de produção. Aí ali você tem que ficar o mecânico da produção. Se quebrar qualquer máquina só da área de produção, você fica. Também pode trabalhar na área de produção e ficar empacotando. E assim vai. Em produção. Tem várias áreas, só que leva pra produção*.

A mãe de Flora era dona de casa, embora, como já mencionado, tenha a classificado como "autônoma" em momento algum se referiu a qualquer atividade da mãe fora do lar ou por conta própria. Ela considerava esse tipo de trabalho "*cansativo*" e afirmou não ter nascido para ser "*doméstica*" como a mãe:

> *Eu nasci... eu posso trabalhar, morrer na rua, mas trabalhar em casa é horrível. Melhor trabalhar não-remunerado, numa empresa, do que ficar*

[74] Torno-mecânico é uma máquina-ferramenta utilizada na confecção e acabamento de peças que podem ter seções circulares, como eixos, polias, pinos, cones, esferas e variados tipos de roscas.

> *trabalhando em casa, de escrava. Cuidar de filho, cuidar de casa, fazer comer, não sei o quê, cansa muito mais do que a gente que tá na rua.*

Para ela, as profissões dos pais não influenciaram sua escolha profissional. Embora a atividade doméstica da mãe, indiretamente, pelo que é possível perceber, a impulsionasse para uma atividade fora do lar.

Flora contribuía financeiramente com a família pagando a escola do irmão mais novo em colaboração com as duas irmãs, além de pagar a conta de luz, "*porque eu inventei de colocar ar-condicionado e televisão no quarto*". Antes, ela não contribuía com a conta de energia, "*só que agora tá vindo mais alta por causa desses dois aparelhos*".

Embora Flora afirmasse que já iria ajudar a pagar a escola do irmão por iniciativa própria, disse que a ideia foi de sua mãe. Desde os 15 anos que ela trabalhava e sempre ajudou a mãe. Esta quis trocar seu irmão de escola, então a contribuição de Flora era destinada ao pagamento dos estudos dele. Assim como a colaboração da energia também foi exigência de sua mãe, devido ao acréscimo na conta. Flora destacava a contribuição como algo bom, pois "*cria um hábito, querendo ou não. Aí já tenho o hábito. Meu salário eu não recebo tal, eu recebo tal, menos o de lá de casa*". Ela destinava a maior parte do salário que recebia como aprendiz com poupança e gastos do dia a dia, como comida e lanche. "*Eu sou mais de ganhar do que gastar, na verdade*".

Flora estudou da educação infantil até o 1° ano do ensino médio na mesma escola onde vários familiares também estudaram e concluiu seus estudos em uma escola de outro bairro. Para ela, a época da escola foi boa, porque se sentia em família: "*minha escola era quase, parecia ser da minha... tipo, minha vó é a dona da escola. Parecia isso, porque os filhos dela estudaram lá, meus pais, minhas irmãs, minhas primas, a família inteira era na mesma escola*". Ela afirmava que seus pais sempre a incentivaram a estudar, mas na época da entrevista não incentivavam tanto, pois sabiam que era algo que ela queria, que ela já percebia o quanto era importante se dedicar aos estudos.

Flora não identificou qualquer professor(a), colega de escola ou matéria que a tenha incentivado a seguir alguma carreira profissional específica. O que indicava pouca influência da educação básica em suas escolhas e planos profissionais.

Os pais de Flora a incentivavam a trabalhar, embora tenham se surpreendido quando ela conseguiu seu primeiro emprego aos 15 anos de idade:

> *Até porque pra eles é novo. Antigamente não tinha isso de quem era de menor trabalhar. A não ser que fosse sem ser fichado ou num mercadinho qualquer, embalando comida. Era isso o máximo que antigamente podia. Então, pra eles foi novo. Mas eu sempre gostei de dinheiro. Então, eu gosto*

> *sempre de dizer: "quem gosta de dinheiro tem que correr atrás". Aí caiu numa luva* (sic).

Ou seja, não era mais necessário um incentivo por parte de seus pais para trabalhar, pois, assim como no caso dos estudos, eles viam que havia um desejo por parte dela em trabalhar.

Através da escola, Flora desenvolveu um trabalho voluntário na arrecadação e distribuição de roupas e alimentos para um abrigo de crianças em um bairro próximo. Ela afirmava já ter esse costume antes mesmo dessa experiência, pois já doava suas roupas a uma vizinha que frequentemente passava por dificuldades: "*tudo lá na minha casa funciona com o hábito, né? A gente tem o hábito de tal coisa, aí já não é uma coisa diferente, novo*". Essa atividade contribuiu para os planos futuros de Flora no sentido de continuar mantendo o hábito de doar.

Flora entrou no curso de aprendizagem via empresa, pois uma prima que já trabalhava lá levou seu currículo e, posteriormente, foi chamada para entrevista e exames.

A turma do curso de aprendizagem de Flora era composta por jovens aprendizes de uma mesma empresa, a qual determinava que seus aprendizes passassem por toda a formação teórica e por fim iriam para a atividade prática de trabalho nos últimos três meses, ou seja, optava pelo modelo de prática *sequencial à fase escolar*. Diante disso, Flora, até o momento da primeira entrevista, ainda não tinha passado pela experiência prática de trabalho. Nesse sentido, perguntei quais eram suas expectativas em relação à prática na empresa. A resposta foi a seguinte:

> *Que eu goste mais. Não que eu goste pouco, mas é porque eu acho muito diferente você ter teórico do que prática. Às vezes você tá encantado pelo que vê no quadro e quando chega lá vê que não é aquilo que você quer. Eu costumo, quando o povo pergunta "E aí, vai seguir?", eu: "Não, eu preciso ver a prática. Preciso vivenciar pra ver se é isso que eu quero mesmo". Porque eu posso tá me enganando de achar que é uma coisa e chegar lá ser outra. Aí eu não tenho hábito de dizer que é a área que eu quero muito. Tipo, até então eu penso na área que eu quero seguir, mas eu preciso ter o concreto de vivenciar pra ver se é isso mesmo.*

Essa era a segunda experiência de Flora como aprendiz. Na primeira passagem fez cerca de dois meses de aulas teóricas seguidas e o restante do tempo foi de prática na empresa. Então, mesmo ainda não tendo a prática no curso atual, já havia vivenciado o ambiente de trabalho de uma empresa durante tempo suficiente para embasar sua reflexão sobre o processo de aprendizagem profissional.

Merece destaque sua resposta à pergunta "o que é ser aprendiz?", pois em um primeiro momento ela apresentou uma visão bastante crítica da realidade por que passa um aprendiz, apresentando como algumas empresas encaram a aprendizagem:

> *Ser aprendiz? A princípio é ser menos custos de imposto na empresa. Por mais que seja bom pra empresa, eles vão dizer milhões de coisas, mas as empresas hoje em dia só começou a ter jovem aprendiz por causa de custo, de... imposto. A gente na empresa é isso. E também... é... deixa eu ver... eles vão passar pra gente conhecimento, do que pegar gente que não tem, ou diz que tem e não tem. Aí é essa base mesmo.*

Essa fala de Flora vai ao encontro do que disseram outros aprendizes como Diana, Pettros e Kaio ao criticarem o papel do aprendiz, embora todos considerassem a experiência de aprendizagem como importante. Porém, sua resposta foi a partir da perspectiva da empresa e, por isso, questionei-a novamente sobre o que era ser aprendiz, a partir do seu próprio ponto de vista e através das experiências que teve, assim apresentou uma visão mais romantizada e até certo ponto reproduziu o discurso oficial a respeito do que é a aprendizagem profissional:

> *É como se fosse o menor ponto da empresa, que eles tão buscando que a gente cresça na empresa. A gente é como se fosse o "filho" da empresa, que eles pegam a gente criança, que acabou de sair da escola, aí vai ensinar a gente, aí a gente vai crescendo junto com a empresa. Pra ajudar a empresa, né?*

Quando perguntei novamente (a primeira foi no questionário) se o curso atendeu suas expectativas, disse mais uma vez que sim, devido à qualidade dos professores, à estrutura, embora tenha destacado que era "*um pouco ruim a oficina*", por conter "*coisas quebradas*" e:

> *Eu já esperava, mas querendo ou não, foi muito ruim pro curso da gente foi que a gente não teve qualquer um tipo de vivência na empresa, nenhuma base pra chegar lá sabendo o que vai esperar. A gente pode tá todo mundo ansioso, mas, no fundo, a gente tá receoso porque a gente não sabe o que que espera a gente. A gente só sabe o que o professor disse, isso, aquilo. Cada um professor diz uma coisa porque cada um trabalha numa empresa diferente. Então, era pra gente ter mais vivência na empresa, de pelo menos uma vez no mês ou em cada três meses pra ter uma noção de como é e a gente ainda não teve isso. Isso, querendo ou não, acho que prejudica a gente.*

Diante disso, Flora considerava a experiência anterior como "*melhor*" e falava com certa nostalgia, principalmente pelas oportunidades que tinha na seguradora e que não pôde encontrar na atual empresa, como ganhar dinheiro extra: "*eu gostei muito. Era um lugar que eu podia fazer hora extra, se eu tivesse de férias da escola. Era um lugar que eu tinha meus segurados à parte. Eu ganhava comissão, fora o meu salário, se eu fizesse seguro à parte"*. Vale ressaltar que esse fato contraria o princípio da aprendizagem, mas como Flora dava muita ênfase à questão financeira, avaliava essa experiência como melhor. Ou seja, ela dava

maior peso ao capital econômico decorrente da atividade, do que propriamente a apropriação dos capitais cultural ou social.

Para além da questão financeira, ressaltava também o ambiente de trabalho na empresa anterior, pois disse que não se sentia "*jovem aprendiz*", "*o pequeno de lá*", era "*tratamento de igual pra igual*".

Flora conseguiu o primeiro curso de aprendizagem através da sua segunda escola, a qual realizou um concurso que premiaria as 10 melhores redações do 3° ano do ensino médio com um curso no CIEE. Sua redação foi premiada e ela fez um curso de "*seguros*" por "*um ou dois meses*" e o próprio CIEE distribuiu os currículos dos alunos para diversas corretoras, sendo Flora selecionada por uma empresa. Essa experiência durou cerca de dois anos.

Quanto às aulas teóricas, Flora ressaltava sua importância para conhecer as diferentes áreas. A disciplina do curso que mais gostou foi *solda* e a que menos gostou foi a de *CNC*[75], por ser muito "*complicada*" e "*complexa*", tanto que enxergava a necessidade de uma especialização para poder trabalhar nessa área:

> *Eu acredito que quem sai como técnico tem que ser muito bom pra trabalhar na área, porque geralmente a pessoa tem que fazer especialização. Só de CNC. Como se fosse quase outro curso de novo só naquela área, porque ela é muito complexa.*

O curso de aprendizagem era como esperava que fosse:

> *Era o que eu esperava. Porque eu saí de um que era mais como se fosse só prática e eu tava ciente que eu ia vim pra um que seria um ano e meio como se eu tivesse na escola. A gente aqui só tem noção que é nosso trabalho, mas a realidade da gente é que aqui é uma escola.*

Flora acreditava que a cobrança na empresa seria maior do que no SENAI, por considerar a instituição mais como uma escola: *"porque lá a gente vai ter cada uma pessoa observando a gente. Lá eles tão com a sede de contratar. Aqui, não. Aqui já tá pago o curso. É mais tranquilo"*.

Segundo ela, o processo de aprendizagem trazia muitas vantagens para o aprendiz, pois:

> *Tem empresa que você recebe um salário mínimo pra quatro horas. Tem gente que trabalha oito e recebe um salário mínimo ou seis e recebe um salário mínimo, suado. A gente aqui é um ano e meio estudando. Então, eu vim com aquela noção de que era muita vantagem pra gente.*

---

[75] Sigla de Comando Numérico Computadorizado: "a usinagem CNC se dá através de uma máquina controlada por comandos numéricos, ou seja, é um processo de fabricação que utiliza computadores para automatizar máquinas e ferramentas em diversas etapas de produção". Disponível em: <https://www.mecanicaindustrial.com.br/689-o-que-e-usinagem-cnc/>. Acesso em: 10.10.2017.

Em relação a planos futuros, estes estavam condicionados à sua permanência ou não na empresa após o fim do contrato de aprendizagem. Caso fosse efetivada, pretendia "*fazer uma faculdade*". Isso porque caso a vivência na empresa fosse positiva, faria engenharia mecânica. Caso não fosse boa a experiência, faria outro curso. Segundo ela, a empresa possuía convênio com faculdades e costumava arcar com metade da mensalidade.

O que a motivava a ter esses planos era a possibilidade de "*crescer*":

> *Porque ou eu tinha em mente fazer outro técnico de eletrônica ou edificações ou ia ter que cortar pela raiz e ir pra onde eu pensava antes que era fisioterapia. Mas aí eu não quero perder dois anos da minha vida. Se eu já fiz o técnico eu quero continuar na área de mecânica.*

No momento da entrevista, Flora não pensava em seguir a área de fisioterapia, pois *"por enquanto o que tá vivo é a mecânica. Mas se eu vivenciar a prática ou eu ver que não é isso, aí eu volto pra pensar em fisioterapia"*. Isto é, a fisioterapia seria um "plano B", uma alternativa caso a área de mecânica não desse certo. Essa área estava em suspensão e dependente da experiência prática na empresa.

Caso não ficasse na empresa, pretendia distribuir currículos em outras empresas e fazer outro curso técnico. Ela planejava fazer o curso de edificações do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), independentemente de ficar ou não na empresa. Optou por esse curso por ser menos concorrido que eletroeletrônica, que seria sua primeira escolha: "*eu queria fazer eletroeletrônica, mas como eu já tenho mecânica, edificações é bom*". Esse plano de Flora indica que ela pretendia adquirir mais credenciais educativas (capital cultural) na área industrial.

Flora disse estar tranquila em relação à possibilidade de não permanecer na empresa, pois "*eu sempre me viro porque fora aqui eu sempre tô fazendo outras coisas: dava reforço, vendia revista, não sei o quê*". Desde cedo fazia atividades domésticas para ganhar trocados da mãe e da avó: "*eu lavo seus pratos se a senhora me der três reais*". Além disso, não tinha dívidas após o fim do contrato.

Para Flora, a passagem pelo curso de aprendizagem teve bastante influência em seus planos futuros: "*ele é a base, tanto pra eu sair de... pra ir pra outro plano, ele ainda continua sendo a base. Eu só saio pra outro plano se eu não conseguir a continuidade nele*".

Disse que pretendia seguir na área de mecânica, pois considerava uma área boa e com muitas opções de emprego devido à diversidade de áreas e à grande quantidade de indústrias, principalmente no município do Cabo de Santo Agostinho, devido ao Porto de Suape[76].

Flora decidiu a área profissional que queria seguir quando um professor apresentou a atividade de PCM para sua turma: "*aí foi a partir daí, eu fiz 'É isso. Isso aí tá bom. É uma área boa, vou ganhar bem, tudinho"*". A partir daí, ela passou a pesquisar mais sobre a área e uma colega sua tinha uma irmã que trabalhava nessa função e foi através dela que Flora conseguiu mais informações sobre a área. Segundo ela, essa sua colega também desejava seguir a área por influência da irmã. Vale ressaltar que Flora afirmou que outras meninas (Maria não era uma delas) da turma também pretendiam seguir a função de PCM, o que apontava para a divisão sociossexuada do trabalho dentro da mecânica.

Quanto à participação em grupos, Flora afirmou que frequentava a igreja, em atividades como encontros, culto jovem, para ministrar, montagem de palco etc.

Ela não estava envolvida em qualquer atividade cultural, embora tenha participado de atividades de dança, maracatu e folclore na época da escola "*pra ganhar ponto*". Quanto a práticas esportivas, no momento só frequentava "*às vezes*" a academia, "*quando não chove*" ou "*quando não dá muita preguiça*", cerca de três vezes por semana pela manhã. Entretanto, devido ao horário de trabalho na empresa, teria que ir à academia no período da tarde, pois passaria a acordar mais cedo para chegar ao trabalho: "*eu acordava pra ir pra academia umas seis horas, agora eu vou ter que acordar de quatro horas pra pegar o ônibus da empresa*". Ela passaria a percorrer mais de 60 km de trajeto entre o bairro onde morava em Jaboatão dos Guararapes até a cidade de Ipojuca, onde se localizava a empresa.

Flora havia praticado handebol na época da escola. No período em que ocorreu a primeira entrevista também participava de um grupo de corrida que existia em seu bairro, o qual costumava correr aos domingos pela manhã: "*às vezes quando tem corrida de longe, a gente se reúne, divide o dinheiro da van, divide o dinheiro pra participar da corrida. Mas é pouco*".

Flora interagia fora do SENAI com seus colegas de turma apenas através da rede social *whatsapp*, na qual possuíam um grupo e, na época da entrevista, o assunto mais recorrente era a ida à empresa: "*se vai ficar todo mundo junto, se não vai, se a gente vai se ver ainda*". No total seriam onze aprendizes da mesma empresa, distribuídos entre as filiais de

[76] Nome popular dado ao Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros, é um porto localizado no litoral sul de Pernambuco, entre os municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, sendo um dos principais portos públicos do Brasil.

Igarassu e Ipojuca que começariam ainda naquele mês de junho de 2017 sua prática de trabalho.

Quando a indaguei se indicaria o curso de aprendizagem a outra pessoa, respondeu sem nem mesmo pensar: "*com certeza*". Isso porque acreditava que:

> *É muito bom você poder estudar, você só... olha, você não quer estudar. Você vai ganhar pra estudar. Eu estudava de graça. Eu estudei treze anos da minha vida de graça, sem ganhar dez centavos. Eu agora vou estudar, saio com um diploma, saio com experiência. Tem muito... é, tipo, é só vantagem, você não vê... não tem um jovem aprendiz que diga que tem desvantagem, não. Ele pode não querer, ele pode não se identificar, pode ser... ele pode dar mil motivos, mas dizer que ele não tem... se tem um motivo pra ele dizer que é desvantagem pra ele, não tem*.

Flora comparava o trabalho de um jovem aprendiz com um trabalho comum e chegava a afirmar que preferiria, por exemplo, ao invés de trabalhar em uma empresa de *telemarketing* (devido à precariedade), trabalhar como aprendiz, mesmo sabendo que a duração máxima do contrato seria de dois anos: "*com certeza era melhor*".

Embora ao longo da entrevista Flora tenha citado a questão financeira, ela afirmava que esse não foi o principal motivo que a levou a fazer o curso de aprendizagem, mas sim:

> *Foi pela... pela noção de dizer: "Eu estudei treze anos sem receber. Eu poderia tá pagando trezentos e pouco, quase o valor de uma faculdade pra ter esse curso". Então, vou ter um curso, vou receber, vou ter plano de saúde,* ticket *alimentação... tipo, o financeiro lógico que enche a vista da gente, mas se você for parar pra pensar, a melhor parte é essa, como se a gente... como se no meu salário... eu recebo 350 que eu acho que seja o curso de mecânica aqui é mais. Só que invés de receber eu tô pagando o curso e sem sair do meu bolso*.

Em suma, ela ressaltava a obtenção de um diploma e a experiência adquiridos no Programa, mas não enfatizava a questão do aprendizado. Para ela, "*jovem aprendiz é uma coisa linda*" e disse que se fosse possível se aposentaria como aprendiz, trabalharia até os 60 anos.

Após o fim da entrevista, por meio de uma conversa informal, mas com o gravador ligado, ainda foi possível extrair de Flora um projeto futuro bastante significativo, o qual não havia surgido em sua fala ao longo da entrevista, qual seja, o de abrir um minimercado na garagem de casa. Esse espaço inicialmente seria destinado para a construção de um salão de beleza para sua irmã, a qual se encontrava desempregada há quase um ano, mas que não estava demonstrando interesse ("*botando pra frente*") e, portanto, Flora, via a oportunidade de montar seu próprio negócio.

> *Eu não suporto gente que diz que vai fazer uma coisa, aquele plano todo, depois... e eu sei que se eu botar na minha mente que eu quero fazer um*

> *minimercado ali, eu vou ter dinheiro pra fornecer, eu vou ter a renda praquilo ali, eu faço*.

O objetivo dela era deixar o negócio sob a responsabilidade de sua mãe, enquanto trabalharia fora, porém, sua mãe não queria "*se prender*". Flora ressaltou que se tivesse realmente foco nesse plano, poderia até mesmo pagar uma pessoa "*de confiança*" para ficar. A ideia do minimercado surgiu porque:

> *Onde eu moro não tem. É porque como eu digo, lá é um deserto, só tem embaixo. Pra chegar na minha casa a gente anda muito pra ir no mercadinho. Então, eu tendo todas aquelas casas que tem que andar aquilo tudo, eu sei que se eu botar pelo menos... se eu comprar um fardo de macarrão, um fardo de arroz, um fardo de feijão com certeza sai, porque todos os dias falta uma manteiga, todos os dias termina um açúcar, um café, um refresco, aí eu tô pensando. É porque eu acho que... tô vendo se sai até o fim do ano, né? É porque tem que terminar, assim, terminar... já tá com laje, tudinho, mas eu quero terminar a cerâmica e comprar prateleira. Comprar prateleira, tá pronto.*

Flora e seu pai estavam investindo juntos na construção para ajudar a irmã, porém, como não percebia interesse dela em manter o negócio, estava pensando nessa possibilidade de abrir um minimercado para si.

> *Eu ajudava porque ela não tá trabalhando, vai fazer quase um ano que ela não tá trabalhando. E eu tô recebendo, tudinho, aí eu tava ajudando meu pai:"Não, eu compro hoje dois sacos de cimento. O senhor compra amanhã a... tudinho, pra fazer o salão dela, mas ela não bota pra frente. E ela também não tem dinheiro pra investir. Então, pelo menos agora eu tenho [dinheiro] pra investir nisso, de fazer isso pra mim. Aí eu tô vendo.*

Como fim do contrato de aprendizagem, Flora pretendia estudar e trabalhar.

A trajetória de Flora exemplifica bem o quanto a ausência da experiência prática de trabalho na empresa, através da qual o(a) aprendiz pode adquirir os capitais cultural (conhecimentos técnicos) e social (troca de experiências e conhecimentos com os funcionários), pode se constituir como um obstáculo para a construção da identidade profissional e de projetos profissionais, pois Flora condicionava sua escolha profissional à experiência na empresa: "*até então eu penso na área que eu quero seguir, mas eu preciso ter o concreto de vivenciar pra ver se é isso mesmo*"; "*foi muito ruim pro curso da gente foi que a gente não teve qualquer um tipo de vivência na empresa, nenhuma base pra chegar lá sabendo o que vai esperar*".

Segundo Flora, seu pai a apoiava em seguir a área de mecânica, isso, principalmente, por trabalhar no setor de produção. A mãe, por sua vez, no início acreditava que esta era uma área para homens, mas já estava com "*a mente mais aberta*" após a filha explicar que tinha "*outras áreas e não só cargo pesado*",

Essa preocupação por parte de sua mãe, a qual não conhecia a realidade da área de mecânica, era consequência do que Dubar (2009) denomina de uma crise dos papéis masculinos e femininos, decorrente do acesso das mulheres ao mercado de trabalho.

O autor se refere ao caso das mulheres através da expressão "trajetória sociossexuada", na qual a identidade masculina é construída em torno do trabalho produtivo (homem = trabalho), enquanto a identidade feminina só pode atingir formas privadas de reconhecimento (mulher = família).

A própria escolha de Flora pela atividade de PCM era baseada nesse caráter de "cuidados especificamente femininos", pois lida com a ideia de organização do ambiente de trabalho, o qual, neste caso, é predominantemente masculino.

A fala de Flora indica o quanto sua visão na ocasião da primeira entrevista era restrita em relação à área da mecânica. Isso porque ainda não vivenciava a dinâmica da indústria. Tanto que na segunda entrevista já tinha uma visão mais ampla da área, o que a fez mudar de perspectiva, ingressando no curso de engenharia de produção, por exemplo.

A própria visão de Flora a respeito da área de PCM era bastante limitada, pois sua escolha tinha sido baseada em dois pontos essenciais para Flora: 1) era "*uma área boa*", pois não precisaria realizar "*trabalho pesado*"; e 2) oferecia uma boa remuneração: "*vou ganhar bem*".

Esse segundo aspecto merece destaque, pois, ao longo da entrevista, ficou bastante clara a relevância da questão financeira durante a trajetória de Flora e, principalmente, para suas escolhas e projetos profissionais: "*eu sempre gostei de dinheiro. Então, eu gosto sempre de dizer: quem gosta de dinheiro tem que correr atrás. Eu sou mais de ganhar do que gastar [dinheiro], na verdade*".

Um exemplo nesse sentido era o fato de já ter sido jovem aprendiz em uma seguradora. Em sua opinião, essa experiência tinha sido melhor por lhe oferecer a possibilidade de ganhar dinheiro extra, o que não acontecia no SENAI: "*era um lugar que eu podia fazer hora extra, se eu tivesse de férias da escola. Era um lugar que eu tinha meus segurados à parte. Eu ganhava comissão, fora o meu salário, se eu fizesse seguro à parte*".

Ou seja, para Flora o capital econômico adquirido por meio do curso de aprendizagem era mais importante do que o capital cultural (conhecimento e credenciais). É justamente por isso que Flora tinha uma visão bastante positiva sobre o instituto da aprendizagem (assim como Kaio), chegando a afirmar que "*jovem aprendiz é uma coisa linda*". Isso porque é "*muita vantagem*", "*eu estudei treze anos da minha vida de graça, sem ganhar dez centavos. Eu agora vou estudar, saio com um diploma, saio com experiência*".

Porém, como ficará claro na segunda entrevista, a visão que Flora tinha da área de mecânica, após a experiência prática na empresa, havia mudado de forma significativa, pois tinha sido apresentada a um leque maior de oportunidades dentro da área. Ou seja, a prática de trabalho na empresa havia expandido seu campo de possibilidades dentro da mecânica, o que, consequentemente, havia alterado seus projetos pessoais e, especificamente, profissionais, devido ao caráter dialético da relação entre projetos e campo de possibilidades (VELHO, 2003).

Flora pensava na possibilidade de fazer fisioterapia, caso não desse certo a área de mecânica. Porém, acreditava que perderia dois anos de sua vida: "*eu só saio pra outro plano se eu não conseguir a continuidade nele*". Por outro lado, se fosse efetivada, planejava "*fazer uma faculdade*", o que acabou acontecendo, como apresentarei na segunda entrevista.

6.2 UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS: a segunda entrevista

Neste tópico apresento o segundo bloco de entrevistas realizadas entre julho e outubro de 2018, ou seja, cerca de um ano após as primeiras entrevistas. Diferentemente da primeira entrevista, esta última não foi realizada presencialmente, devido às dificuldades de tempo e disponibilidade por parte dos jovens aprendizes para me encontrar. Diante disso, utilizei a entrevista via rede social *whatsapp*, pelos seguintes motivos: 1) por possibilitar que o(a) entrevistado(a) pudesse responder às questões quando tivesse tempo disponível; e 2) possuir uma ferramenta de gravação de áudio, através da qual pude realizar o trabalho de transcrição com mais facilidade.

Assim como todas as diferentes técnicas de pesquisa, esse tipo de ferramenta possui suas vantagens e desvantagens.

As principais vantagens são: baixo custo, necessidade de pequena infraestrutura, facilidade de acesso aos entrevistados (BURNARD, 1994) e obter dados em curto espaço de tempo (CASSIANI; ZANETTI; PELÁ, 1992).

Por outro lado, as limitações consistem em: impossibilidade de registrar dados referentes à linguagem corporal e expressões não ditas, respostas mais sucintas (McCOYD; KERSON, 2006), dificuldade de manter as pessoas ao telefone (casos de Flora e Maria, por exemplo), atenção parcial à entrevista, necessidade de questões curtas, em pequeno número, simples e abertas.

A princípio eu tinha a intenção de retomar os contatos com todos os 15 jovens entrevistados no primeiro momento da pesquisa. Porém, não foi possível contatar a todos por

diferentes motivos: nos casos de Diana e Breno, devido ao tempo passado, seus contatos de telefone e/ou *whatsapp* haviam mudado, o que tornou impossível o contato com eles; no caso de Maria, embora tenha sinalizado positivamente no primeiro contato, não demonstrou interesse em responder minhas perguntas, pois a procurei cerca de cinco vezes ao longo de três meses e a jovem sempre alegava não ter tempo para responder, chegando ao ponto de ignorar completamente minhas duas últimas tentativas de contato; Fernando foi outro jovem que não respondeu minhas tentativas de contato, mesmo confirmando que responderia, quando liguei para ele, não tive respostas; por fim, quanto a Henrique, ao retomar contato tive a infeliz notícia, por meio de sua mãe, que o jovem havia sido assassinado em dezembro de 2017, como trarei com mais detalhes.

Vale ressaltar que o propósito dessa segunda entrevista com os mesmos jovens, então egressos do Programa de aprendizagem profissional na época da segunda entrevista, não era refazer as perguntas do primeiro contato e comparar as respostas. O objetivo era analisar de forma mais aprofundada a trajetória profissional desses jovens após o fim do curso de aprendizagem, a fim de saber se seus planos e escolhas tinham sido ou não concretizados e se haviam mudado. Também era importante para investigar em que medida o instituto da aprendizagem profissional, como espera de socialização, influenciou a trajetória e identidade profissional desses jovens.

Em suma, neste tópico apresento uma análise das respostas de dez jovens (mais um comentário sobre a trajetória de Henrique) cerca de um ano após o fim do contrato de aprendizagem profissional, dividindo as entrevistas em três blocos, quais sejam: 1) Uma trajetória contínua; 2) Trajetória à deriva; e 3) Descontinuidade de trajetória.

6.2.1 Uma trajetória contínua

Nesse primeiro tópico agreguei os perfis de Fábio, Larissa e Flora, os quais tinham como característica em comum apresentarem um mínimo de continuidade de trajetória quando comparadas a primeira e segunda entrevistas. Quando falo em continuidade, não necessariamente me refiro à permanência na área do curso de aprendizagem (como nos casos de Fábio e Flora), mas sim a continuidade de metas, projetos e percurso quanto à esfera profissional (assim como Larissa, a qual desde a primeira entrevista já havia deixado claro que não permaneceria na área administrativa, mas tinha projetos na área pedagógica).

6.2.1.1 Fábio: galgando o reconhecimento profissional

O segundo contato com Fábio só foi possível em outubro de 2018, pois o número de contato que tinha na época havia mudado. Só consegui seu novo número de *whatsapp* com outro aprendiz, Kaio, o qual fazia parte da mesma turma que Fábio no SENAI (turma S2).

Na ocasião da segunda entrevista, Fábio estava cursando o 9º período de engenharia, com previsão de conclusão no 1º semestre de 2019 e estava trabalhando na mesma empresa de empilhadeiras, autorizada da marca Toyota, em que fazia estágio, na época da primeira entrevista: "*Hoje já sou contratado pela empresa*". Na primeira entrevista, Fábio tinha declarado seu desejo de ser efetivado não pela empresa em que era jovem aprendiz, uma fábrica de papel, mas pela empresa onde estagiava, o que se concretizou, daí a ideia de continuidade.

A mudança de função na empresa, de estagiário a contratado, promoveu também mudanças em suas tarefas dentro da empresa:

> *Durante minha trajetória como estagiário eu só fazia auxiliar o mecânico nas atividades: manutenção preventiva, corretiva, preditiva, entre outros. Depois que eu fui contratado passei a ficar mais na parte de gestão. Controlando as manutenções preventivas durante o mês, semanais... semanais e mensal.*

Fábio estava gostando da experiência na empresa: "*Eu tô gostando dessa área. Eu tô começando a lidar com mais pessoas, diretamente com pessoas. Tô gostando. Pretendo seguir nessa área*". Isso porque ele havia, em cerca de um ano, deixado de ser estagiário, para ser efetivado na atividade de manutenção e, posteriormente, passou a atuar na área de gestão da manutenção ("*eu fui tirado da manutenção em si, da mão-de-obra, e fui pra parte de gestão, né? Eu tô gerenciando pessoas agora*"), o que indicava que a empresa oferecia a oportunidade de crescimento dentro de sua hierarquia: "*Sim, sim, dá sim. Até porque entrei lá como estagiário e já subi dois degrais* (sic)".

Inclusive, vale destacar que tive que remarcar essa segunda entrevista com Fábio, pois este havia escolhido seu horário de almoço na empresa para responder minhas questões. Contudo, surgiu a necessidade de oferecer um treinamento a outro funcionário e tive que retomar o contato com o jovem na noite do mesmo dia, no período antes do início de sua aula na faculdade.

Nesse sentido, perguntei como Fábio se sentia deixando, em tão pouco tempo, de ser aprendiz, para passar a ser aquele que dava treinamentos e orientava o trabalho de funcionários na empresa. Sua resposta foi: "*Vejo que... que meus objetivos tão sendo*

alcançados aos poucos, né? Desde os meus 14 [anos] que eu tracei alguns objetivos e agora eu tô vendo que tá tendo resultado. É muito gratificante".

Essa sua fala reforça meu argumento de que Fábio é um jovem bastante metódico e organizado, seguindo suas metas e projetos quanto à sua trajetória profissional.

Até o momento da segunda entrevista, Fábio afirmou não encontrar problemas em conciliar o trabalho e a faculdade: "*Na faculdade eu já tô no 9º período. Ano que vem, em junho, eu tô acabando e... tá tranquilo. Dá pra mim conciliar o trabalho e a faculdade, tranquilo*".

Para Fábio, os conhecimentos e experiências adquiridos tanto no curso de aprendizagem profissional, do Senai, quanto na faculdade estavam contribuindo de forma significativa para seu desempenho na empresa de empilhadeiras: "*Tanto a aprendizagem, quanto a faculdade tá me ajudando na empresa"*. O acúmulo de capital cultural (conhecimento técnico e credenciais educativas) e capital social (o aprendizado que obteve em experiências anteriores de trabalho) foram reconhecidas pelos gestores da empresa em que era estagiário, o que pode ser visto através da ascensão relativamente rápida que teve em, praticamente, um ano na empresa como funcionário efetivo (deixou de ser estagiário, pra ser funcionário efetivo da manutenção e, por fim, estava gerenciando as atividades de manutenção).

Após mais de um ano do fim da experiência no *Programa Aprendiz Industrial*, a visão de Fábio a respeito da aprendizagem ainda era bastante positiva:

> *O curso de aprendizagem é de grande importância porque além de você vivenciar a parte teórica, em sala de aula, você também vivencia a prática, que é a realidade. Porque querendo ou não é diferente. A gente aprende de um jeito na escola, aí quando vai pra prática é... é algo totalmente diferente. Então... é... é de extrema importância pra quem tá começando sua jornada de trabalho.*

Em relação aos planos futuros que tinha no momento, o único projeto que não estava presente na fala de Fábio na primeira entrevista era ser aprovado em concurso público: "*Pretendo continuar estudando, fazer Pós-Graduação, mestrado, é... alcançar um cargo na empresa melhor e, futuramente, passar num concurso público*". É importante destacar o fato de que Fábio ainda possuía como meta alcançar um cargo ainda melhor dentro da empresa, o que fazia sentido, pois ainda na primeira entrevista, o jovem havia revelado sua meta: "*eu sempre quis ter um reconhecimento profissional. Ter um cargo bom*".

Em suma, é possível concluir que o fato de Fábio receber incentivo dos familiares, buscar o reconhecimento profissional (capital simbólico) via o acúmulo dos capitais cultural e

social e ser bastante metódico e organizado fazem com sua trajetória siga certa continuidade/linearidade em direção aos seus objetivos, o que aponta a relevância da escala individual, nos termos de Lahire (2004).

6.2.1.2 Larissa: acumulando experiências acadêmicas

Retomei o contato com Larissa no mês de junho de 2018. Mandei mensagem para seu número de *whatsapp* no período da tarde e obtive uma resposta rápida e marquei a entrevista para a noite do mesmo dia, quando ela estaria em casa, pois ainda passava o dia fora de casa.

Larissa estava no 4º período do curso de pedagogia na UFPE e ainda pretendia seguir a área. Também continuava recebendo a Bolsa de Assistência Estudantil da Universidade.

A empresa em que Larissa fazia a aprendizagem teve interesse em sua efetivação com o fim do contrato de aprendizagem:

> *A diretora da empresa até conversou comigo sobre essa possível efetivação, no qual eu estaria fazendo parte do quadro de funcionários, só que eu estaria trabalhando por oito horas. E aí, pra mim, eu não achei interessante porque eu teria que trancar ou desistir da minha graduação, né? Ou então colocar minha graduação para o turno da noite. E pra mim não é viável porque eu sabia que ia ficar muito corrido pra mim. E aí eu tomei a decisão de não aceitar e ir atrás de outra oportunidade, que, no caso, já apareceu, né, o estágio.*

Larissa disse não ter se arrependido dessa decisão. Isso porque havia conseguido um estágio na área de educação, em uma escola da rede privada da cidade de Recife havia cerca de um ano, ou seja, desde o término do contrato de aprendizagem. Cabe lembrar que o estágio na área de educação estava em seus planos imediatos após o fim do contrato de aprendizagem, como a jovem expôs na primeira entrevista.

Ela conseguiu o estágio através de uma amiga da graduação que fazia o mesmo curso que ela e já estava estagiando nessa escola, o que indica a posse de certo capital social dentro da área de pedagogia, o que ela conseguiu devido a sua dedicação à vida acadêmica.

O estágio, segundo ela, era especificamente na área de coordenação pedagógica:

> *Eu fico responsável por algumas atividades administrativas em relação à escola. Por exemplo, eu faço atendimento com pai de aluno, faço ligação, leio e-mail, essas questões mais administrativas mesmo de uma escola. Respondo e-mail, faço construção de planilhas de objetivos internos da escola...*

Entretanto, é possível perceber no trecho acima que as atividades desempenhadas nesse estágio estavam mais próximas à área administrativa (ao curso de aprendizagem em

Ocupações administrativas) do que propriamente pedagógica. Tal relação me parece ainda mais clara através do trecho a seguir, no qual Larissa realiza uma vinculação entre os conhecimentos adquiridos na experiência de aprendizagem e suas atividades no atual estágio:

> *Com o fim do término do contrato do Ciee, me possibilitou uma oportunidade muito grande, muito vasta de conhecimento, né? Porque alguns conhecimentos que eu aprendi lá, alguns deles eu estou colocando em prática no estágio. Por exemplo, a questão da oralidade, melhorou muito. De conhecimentos técnicos de informática básica.*

Ou seja, suas atividades são mais próximas a atividades de secretaria escolar do que à coordenação pedagógica. Ainda assim, Larissa estava gostando da experiência de estágio:

> *Sim, eu tô gostando, sim. É uma experiência nova, né? De início eu tive muita dificuldade, mas essa experiência é uma experiência muito rica. Eu tô aprendendo muita coisa, tô compartilhando muita experiência que eu já tive e tô recebendo outras experiências. Então, pra mim, como pessoa, é um crescimento, né? Um crescimento muito rico como profissional também. Porque me possibilita a abertura de novas portas de trabalho, de emprego na minha área.*

Diante dessa fala, posso afirmar que, embora haja uma diferença entre o curso de pedagogia e sua prática na escola, para Larissa, essa era uma experiência que estava lhe proporcionando uma aprendizagem experiencial, pois em suas palavras, era uma "*experiência muito rica*" e estava "*compartilhando muita experiência*" e "*recebendo outras experiências*".

Quanto a conciliar a graduação e o estágio, Larissa afirmou não enfrentar dificuldades nesse sentido:

> *Eu consigo dividir direitinho o meu tempo durante o dia pra me dedicar a ambos, né? Nos finais de semana... como durante a semana, às vezes, não dá pra fazer uma atividade, só quando eu chego à noite da faculdade, né? Eu sempre deixo pro final de semana, no sábado, específico pra ficar o dia todo assim, estudando o que eu não consegui estudar durante a semana, pra não acumular trabalhos.*

Ela ainda morava com os pais no bairro, em Recife, e ainda contribuía financeiramente com a família:

> *Normalmente eu dou um valor X pra minha mãe pra que ela possa comprar uma coisa que está precisando e faço pagamento da conta de luz e, às vezes, da conta de água. E também tô fazendo o pagamento da conta da* internet*, né? Porque é o principal meio que eu tenho de acessar informação: de fazer trabalho e pra fazer também outras coisas relacionadas ao estágio.*

Além do estágio, estava também envolvida em dois projetos de pesquisa voltados para a área de pedagogia, na própria Universidade. Em outras palavras, desde o fim da experiência de aprendizagem, Larissa passou a se dedicar quase que exclusivamente a sua vida acadêmica,

participando de atividades que agregassem mais valor (capitais simbólico e social) ao seu currículo (mesmo caso de sua escolha em participar do Programa de aprendizagem do Ciee):

> *Eu tô fazendo parte de um projeto de pesquisa com uma professora na área de educação inclusiva. Aonde, a partir de estudos sobre pessoas com deficiência, juntamente com um grupo de estudantes e a professora, a gente tenta montar estratégias que facilitem a aprendizagem de pessoas com deficiência na escola. E também tem outro projeto de pesquisa na área de avaliação da aprendizagem, na qual a gente faz uma reunião quinzenalmente no mês, onde a gente busca fazer análise de relatórios de professores que fazem avaliação dos alunos pra saber se essa avaliação está condizente com a aprendizagem do aluno ou não.*

Larissa ficou sabendo desse projeto por meio de cartazes no próprio centro que estudava (Centro de Educação) e para ingressar participou de uma seleção que constava de uma entrevista com a professora responsável e análise curricular.

O que a motivou a participar desses projetos:

> *Foi o enriquecimento no meu currículo e também porque no meu curso existe uma carga horária extra que eu tenho que cumprir de atividades não estejam direcionadas na minha graduação. Que sejam relacionadas a outras áreas pra que eu consiga me formar. Aí também que essas horas que eu tenho de dedicação aos projetos, aí eu consigo, né?*

A participação nos projetos, para Larissa, era importante: *"Vai ser pra mim uma carga de experiência muito grande, muito rica, porque eu vou tá aprendendo com uma professora que é formada naquela área que eu tô participando do projeto"*.

Após praticamente um ano do fim da experiência de aprendizagem, Larissa disse que sua visão acerca da aprendizagem não havia mudado:

> *Não mudou, né? Porque, assim, eu sempre acreditei que com a experiência de jovem aprendiz eu poderia aprender muita coisa e realmente aconteceu, né? Eu tive muitas experiências, eu tive contato com muitas pessoas que me incentivaram a continuar nessa vida acadêmica e, principalmente, um dos professores, que são instrutores do programa do Ciee, me incentivou a ingressar na faculdade e aí eu acho, assim, que eu já tinha uma visão, né, de que o Programa jovem aprendiz ia me beneficiar, contribuir na minha vida profissional, né?*

Em relação a planos futuros, Larissa pretendia: "*seguir na área acadêmica, fazer mestrado e doutorado na área de educação pra que eu possa estar cada vez mais capacitada pra atuar na área de educação, que é a área que eu escolhi".*

Uma mudança que embora não tenha sido drástica, mas que achei significativa em sua trajetória foi o fato de Larissa, na época da segunda entrevista, não mais se dedicar às aulas da escolinha bíblica, pois percebi que tal atividade tinha sido bastante relevante para a escolha de

Larissa pela atuação na área de pedagogia: *"É porque eu estou sem tempo, devido a muitas coisas relacionadas à faculdade e ao estágio"*.

Por fim, é possível relacionar a trajetória de Larissa, da aprendizagem profissional ao estágio na escola, à situação de incerteza/deriva na qual a maior parte dos jovens se encontram. Porém, como já dito, mobilidade não necessariamente significa precariedade (CASTEL, 2005). Por outro lado, posso destacar que Larissa se encontra nesse contexto enquanto cursa sua graduação. A sua situação de estudante é propícia para buscar oportunidades as quais se encaixem em suas possibilidades e disponibilidade de tempo, o que aumenta a chance dela se inserir nessas situações de "trabalho", tanto para se manter financeiramente, quanto para melhorar o currículo.

Em meu ponto de vista, esse tipo de situação só será prejudicial à sua trajetória caso se prolongue por muito tempo após o término da graduação (um dado nesse sentido é o fato de Larissa recusar a oferta da empresa onde era aprendiz para se dedicar à graduação). Em suma, Larissa vivia uma situação de precariedade identificante, nos termos de Dubar (2009), ou seja, ela estava explorando o meio profissional da pedagogia em busca de curtas experiências enriquecedoras (situação que, por exemplo, levou Fábio a ascender rapidamente na área de mecânica).

6.2.1.3 Flora: de jovem aprendiz à futura engenheira

O contato com Flora foi retomado em junho de 2018, através do seu número do *whatsapp*, que consegui através de Maria (perfil 6), que era da sua mesma turma no SENAI (turma S3).

Vale lembrar que essa turma (da qual Júnior também fazia parte) era formada por aprendizes da mesma empresa, que optava pelo tipo de prática sequencial à fase escolar. Por isso, a experiência de Flora na empresa foi nos quatro meses finais do curso de aprendizagem.

Para ela, a experiência foi positiva:

> *Assim... foi boa. Foi diferente do que eu esperava, porque eu pensava que eu iria ir direto pra área da mecânica, mas não deixou de ser válida. Eu tive uns problemas em relação a ficar numa atividade só. Eu tive demanda de várias atividades diferentes. Trabalhei com planejamento, trabalhei com WCM[77]. Eu fiquei um pouco de cada coisa. Deu pra abstrair muita coisa. Eu*

[77] É a sigla de *World Class Maintenance*, Manutenção Classe Mundial em português. Consiste na soma de diversos conceitos a princípios e técnicas de liderança aplicados em uma determinada empresa, a qual depende da ligação entre os diferentes setores da manutenção, como: estoque, produção, compras, mão-de-obra, qualidade e gerência. Disponível em: < https://blog.engeman.com.br/o-que-e-wcm/>. Acesso em: 10.10.2017.

> *passei, digamos, um mês em cada área diferente. A única parte ruim que eu acho do "estágio" é porque as empresas têm suas normas de segurança e tal e proíbe, evita muito a gente de fazer as coisas que a gente aprendeu no curso. A gente não bota em prática o que aprendeu no curso. Assim também, né, dependendo de onde for estagiar. Mas, assim, no geralzão, foi muito boa, muito boa. Eu consegui aprender muita coisa diferente, muita coisa nova. Tanto que hoje eu voltei pra empresa. Eu tô trabalhando lá, efetiva. E, assim, falando nisso, no geralzão, foi bom.*

O contrato de aprendizagem acabou no mês de novembro de 2017 e os aprendizes não sabiam se iriam ser efetivados ou não. No caso de Flora, como seu chefe era coordenador, ela já tinha a informação que seria efetivada, o que ocorreu em janeiro de 2018. "*Mas eu ainda ficava com medo, né? A gente teve que fazer entrevista, tudinho, com o coordenador de turma e tal. Aí depois voltei em janeiro, efetiva*".

Nesse trecho Flora ressaltou as limitações quanto às atividades que o jovem aprendiz pode desempenhar na empresa, o que, para ela, prejudicava o seu aprendizado. Em seguida, ela compara sua prática como aprendiz com seu desempenho como funcionária efetiva:

> *Agora melhorou bastante. Agora a gente tem autonomia de mexer em máquina. Isso você aprende com o tempo também. Quando tem uma quebra, quando tem uma parada, fazer uma lubrificação. Bota mais em prática algumas coisas do curso.*

Nesse trecho, fica clara a questão da flexibilidade atual do trabalho, pois, embora Flora tenha sido contratada como operadora de máquina foi deslocada para outro setor/atividade diante da necessidade da empresa:

> *Eu trabalho na área de produção, como* operadora de máquina 1, *mas no momento, eu tô há um mês na coordenação dando um apoio, ajudando com procedimentos, que era um dos trabalhos que eu fazia quando era aprendiz, aí como eles precisaram novamente fazer isso, aí lembraram de mim e me tiraram da produção e botaram na coordenação pra ajudar a fazer isso.*

Outro ponto que merece destaque é o fato de Flora não ter sido efetivada como técnica em mecânica ou uma área afim, mas sim como operadora de máquina, o que, na verdade, não necessita do nível de conhecimentos técnicos mecânicos (capital cultural) aprendidos no curso de aprendizagem. Isso ocorre também devido à flexibilidade do trabalho, pois, no caso dela, ela pode tanto operar quanto zelar pela manutenção da máquina que opera, o que nada mais é do que uma das prerrogativas do toyotismo/modelo japonês e seu discurso de qualidade total[78].

[78] Consiste em uma estratégia de administração que busca a consciência da qualidade em todos os processos organizacionais, através da ideia de melhoria contínua em processos dentro de uma empresa.

Na ocasião da primeira entrevista, Flora havia condicionado a sua escolha profissional à experiência na empresa. Embora pensasse em seguir a área de Planejamento e Controle da Manutenção (PCM), por ser "*uma área boa*", não ser um "*trabalho pesado*" e que iria "*ganhar bem*" disse que só teria certeza caso a experiência prática na empresa fosse positiva:

> *Não é que tenha mudado. É que pra PCM precisaria fazer engenharia mecânica, porém, eu consegui desconto na faculdade pra fazer engenharia de produção. Então agora não me cabe mais a PCM. Então aí, como eu faço engenharia de produção, futuramente quando estiver em época de estágio ou puder trabalhar efetivamente, sem ser estágio na área, vai ter que entrar em WCM, projetos, analista de turno, coordenador de turno, coordenador de área. Expande mais áreas pra quem faz engenharia de produção. Porém, mecânica ganha mais (risos). Mas, assim, minha área só mudou... eu só mudei de área por conta da faculdade. Mas se eu tivesse fazendo engenharia mecânica, meu foco ainda seria ser PCM.*

Infelizmente não pude abordar mais algumas questões que gostaria sobre a trajetória de Flora, pois embora ela tenha sido solícita na primeira parte da entrevista, não mais respondeu minhas tentativas de contato. Porém, é possível tirar algumas conclusões e realizar algumas análises.

A relação entre projeto e campo de possibilidades fica bastante clara na trajetória de Flora, na medida em que a escolha profissional dela foi alterada diante da possibilidade e experiência no curso de engenharia de produção. Além disso, é possível perceber que a primeira escolha profissional de Flora (área de PCM) era pautada tanto pelo seu conhecimento superficial da área de mecânica, quanto pela socialização familiar ("trajetória sociossexuada") pela qual passou, pois, em sua fala na primeira entrevista expôs o quanto seus pais a questionavam em relação ao trabalho de uma mulher na área de mecânica, a qual, para eles (principalmente a mãe), exigia bastante força física. Sua escolha por PCM se pautou justamente na opção por uma atividade tida como "mais leve" e, por isso, ocupada predominantemente por mulheres: "*geralmente é mulher, PCM, porque ela fica como se fosse [...] um caixa do que entra e sai da... da mecânica*".

Entretanto, sua experiência prática na empresa fez com que ela tivesse uma visão mais detalhada sobre o trabalho de PCM, para além da divisão sociossexuada do trabalho. Além disso, o curso superior abriu um novo campo de possibilidades de atuação na área industrial mudando seu foco e projetos profissionais.

6.2.2 Trajetória à deriva

Neste segundo ponto apresento os perfis de Aryane, Paula, Everton e João, os quais se encontravam, na ocasião da segunda entrevista, em uma situação que Sennett (2008, p. 27) classifica como uma "experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego", as quais caracterizam a trajetória profissional na atualidade, principalmente dos jovens, sendo composta por episódios e fragmentos. Todos os quatro perfis apresentam em comum esse aspecto de fragmentação de suas trajetórias.

Eu poderia classificá-los também na seção seguinte "descontinuidade de trajetória", porém, construí o presente tópico para enfatizar as trajetórias desses jovens que estavam como que "à deriva", em busca de novas oportunidades em suas respectivas áreas de formação profissional, adquiridas seja no curso de aprendizagem (como Everton e João) ou na graduação (Aryane e Paula).

6.2.2.1 Aryane: mesmo com "os pés no chão" não consegue ser *chef*

O contato com Aryane foi retomado em setembro de 2018. A jovem não possuía *whatsapp* e, por isso, liguei para ela no intuito de saber se teria algum número vinculado a essa rede virtual. Como a jovem não tinha número de *whatsapp*, realizei a entrevista através do número de sua mãe, enquanto Aryane passava o dia de sábado em sua casa.

Após o término do contrato de aprendizagem, a farmácia não teve interesse em efetivar Aryane. Diante disso, ela passou a se dedicar mais à sua graduação em gastronomia, focando nas aulas e buscando uma oportunidade de estágio na área. "*Eles não me efetivaram, aí eu já tava fazendo curso de gastronomia, aí essa é mais a minha área".*

Contudo, Aryane concluiu o curso e não conseguiu uma oportunidade de trabalhar em sua área: *"eu terminei a faculdade agora e tô procurando emprego*".

Durante esse período entre o fim do curso de aprendizagem e a segunda entrevista, o marido de Aryane é quem estava mantendo a casa. Na ocasião da primeira entrevista, ela disse que o cônjuge estava procurando um emprego diferente da área de serviços gerais ("*Ele tá procurando uma coisa melhor. Só que tá difícil, né?*"). Contudo, este ainda se mantinha na mesma atividade, apenas estava trabalhando em outra empresa.

Perguntei o que ela achava do curso de gastronomia após tê-lo concluído:

> *Quando eu entrei, eu achava mais que era pra mais, assim, meter a mão na massa mesmo, você ir trabalhar, fazer as coisas. Mas era mais parte teórica,*

> *mas o curso foi muito bom. Aprendi muita coisa no curso e espero que quando eu for trabalhar na área eu leve muita coisa. Tenho certeza que eu vou levar muita coisa que eu aprendi no curso.*

Havia uma mudança relevante em seus planos, pois na época da primeira entrevista pretendia concluir a graduação e ter seu próprio restaurante. Já na entrevista seguinte pensava em fazer outra graduação em uma área afim, após ter a experiência de trabalhar na área de gastronomia, algo que ainda não tinha acontecido:

> *Como a minha área é voltada pra comida, pra parte de cozinha. No momento eu pretendo tá trabalhando pra conseguir pagar a minha próxima faculdade, a de nutrição. Aí agora eu vou tá trabalhando na minha área mesmo, de gastronomia, pra ver se eu gosto da área, tudinho, e se caso eu não gostar eu pretendo fazer a faculdade de nutrição pra abrir meu próprio consultório.*

Mais um exemplo do peso da experiência prática. No caso de Aryane, o fato de não ter nenhuma experiência de trabalho na área de sua graduação colocava uma dúvida em seus planos e projetos, levando-a a pensar em um plano B, que seria uma graduação em uma área próxima (situação parecida com a de Flora na ocasião da primeira entrevista). Dentro desse novo projeto, a graduação em nutrição, pretendia, em vez de um restaurante, abrir o próprio consultório.

Embora na primeira entrevista Aryane tenha demonstrado, através de seus projetos, ter "os pés no chão", no sentido de ser consciente quanto às dificuldades em seguir a profissão de *chef*, diante da dificuldade até mesmo de se inserir na área de gastronomia (campo de possibilidades) já estava mudando seus projetos:

> *Bem, no momento eu tava mais pensando em ter meu próprio consultório, porque pra você ter seu próprio restaurante, você ser um* chef *de cozinha, além de ser muito demorado, é muito difícil. Então, a parte de nutrição é uma parte, assim, também é muito boa. É a melhor parte. Aí eu tava pensando agora mais nisso do que abrir meu próprio restaurante. E sem falar que na parte de nutrição você tem muitas opções pra tipo de trabalho. Não só em restaurante. Você trabalha em hospital, você pode ter seu consultório, pode trabalhar em restaurante. Aí é uma área que abrange mais espaço pra esse tipo.*

Um ponto fundamental para essa mudança de projeto de Aryane era a abrangência do mercado de trabalho da área de nutrição, diferentemente do campo restrito da gastronomia. Questionei o que havia a levado a mudar seus planos em relação à esfera profissional:

> *O que mais fez pra mim mudar foi o tempo que você leva, porque é mais difícil. E mais pela dificuldade de trabalho, porque é muito puxado você trabalha demais e às vezes você não tem reconhecimento, aí a parte de nutrição eu achei bem mais tranquila e é a mesma área que eu quero, a mesma área de comida, de alimentos, então eu optei por isso que achei melhor.*

Em relação à experiência de trabalho na farmácia, Aryane considerava como uma boa experiência, porém, para segui-la teria que investir em capital cultural (curso superior na área) e ela disse não estar disposta para tal investimento como estava para a cozinha. Porém, não descartaria uma oportunidade que surgisse para trabalhar novamente em uma farmácia:

> *Foi bom. Eu gostei de trabalhar de comércio, assim na farmácia, porque é um ramo tranquilo, mas, assim, você teria que ter estudo pra ficar. Então, não era uma coisa que eu iria me dedicar tanto como eu faço pra cozinhar. Eu já conheço muito bem a área, mas se um dia fosse pra aparecer, talvez eu iria, mas mesmo assim o meu foco agora é só minha parte, só na parte de gastronomia mesmo.*

A percepção de Aryane quanto à aprendizagem profissional após mais de um ano ainda era bastante positiva:

> *Pra mim foi muito bom. Eu aprendi muita coisa, até porque teve um pouco de influência, sim, quando eu tava fazendo a faculdade. Porque como é uma parte teórica, então eu levei muita coisa do curso pra faculdade. Foi uma aprendizagem muito grande pra mim. E como era primeiro emprego, ali eu aprendi tudo: ética, a como você trabalhar, o ambiente de trabalho, a como tratar o cliente. Porque é a mesma área, é Comércio e varejo a parte do Ciee. E a parte da faculdade é Gastronomia, então você vai trabalhar muito com o cliente, direto assim. Então, pra mim, foi uma aprendizagem muito grande. Eu gostei muito. Indicaria sim pra outras pessoas, principalmente pra primeiro emprego. Serve demais. Eles preparam muito bem os jovens pra começar a trabalhar na empresa.*

É interessante perceber o quanto Aryane considerava o aprendizado no CIEE como relevante inclusive para seu desenvolvimento e desempenho na área de gastronomia no que se refere ao contato com o cliente, o qual é imprescindível em ambas as áreas (Comércio e varejo e gastronomia) e mais uma vez fica claro o predomínio de aspectos ético-disciplinares na formação do CIEE.

Os projetos de Aryane haviam mudado diante da sua não inserção no mercado de trabalho, o que Castel (2005, p. 520) chama de “não-empregabilidade dos qualificados”, demonstrando, mais uma vez, que não há uma relação direta entre formação e emprego.

Ela vivia uma situação parecida com a de Flora na primeira entrevista, pois condicionava sua escolha profissional à qualidade da experiência de trabalho na gastronomia. Porém, enquanto isso não ocorria, já tinha um novo projeto em uma área próxima (nutrição), a qual, em sua concepção, possuía uma área de atuação mais abrangente.

6.2.2.2 Paula: sempre aprendendo e sem nunca desistir

Retomei o contato com Paula em junho de 2018, praticamente um ano após a primeira entrevista.

Não identifiquei qualquer ruptura de trajetória (ruptura biográfica, nos termos de Lahire, 2004) nesse intervalo de tempo entre as duas entrevistas.

Paula ainda morava no mesmo lugar (Jaboatão dos Guararapes) e ainda na casa dos pais. Sua mãe ainda estava afastava do emprego e seu pai continuava trabalhando como porteiro, há quatro anos, na empresa em que Paula tinha sido aprendiz. A diferença mais significativa era o fato de Paula não estar trabalhando.

Paula disse ter se decepcionado ao término do contrato de aprendizagem quando não foi procurada pela empresa para ser efetivada:

> *Desde o fim do contrato eu aprendi muitas coisas. Saí com um aprendizado muito grande. Daí então eu fiquei um pouco triste porque eu não fui contratada, né? Mas nem por isso eu desisti. Saí correndo atrás de outras oportunidades, conheci outras áreas, saí espalhando meus currículos pelas empresas, fui em agências, saí mandando meus currículos por e-mails e etc.*

Essa tristeza era de se esperar, pois, na primeira entrevista, Paula deixou claro que se sentia valorizada e pertencente à empresa. Diante disso, passou a se dedicar apenas ao curso superior de tecnologia em gestão de recursos humanos:

> *E minha vida acadêmica só vem fortalecendo isso mais, né? Porque lá eu recebo apoio dos professores, dos alunos. E tenho oportunidade também, pra quem tá estudando faculdade. Tô entrando no 4º período, já é o último. Tô gostando muito e pretendo continuar, fazendo Pós, porque é uma área que eu me encaixei, me identifiquei bastante.*

Após o fim do contrato de aprendizagem chegou a conseguir um estágio nessa área, em uma clínica dentária, através de uma agência de recrutamento de estagiários nos níveis Médio, Técnico e Superior, com o propósito de facilitar "o desenvolvimento de jovens estudantes através de estágios curriculares supervisionados".

Entretanto, tal experiência foi bastante frustrante, pois, segundo ela, embora a vaga fosse para atuar em atividades do setor de RH, ocorria "*desvio de função*", pois ela era colocada frequentemente para desempenhar atividades que não eram ligadas à sua profissão, o que, consequentemente, causou sua insatisfação, fazendo com que a empresa desse fim ao contrato com menos de um mês:

> *Eu tive até oportunidade. Entrei numa empresa, passei... assim, um mês, só que a demanda da empresa... eu pensei que era uma coisa, só que era outra, né? Não cumpriram pelo fato da experiência. Não deixaram eu completar justamente um mês. Aí ficaram desviando eu para outros setores, então*

> *diretamente eu saí, mas, então, mais outro motivo pra eu não desistir. Já começou errado aí, né? Se eu tô estudando RH, era pra eu estar na área de RH, tá trabalhando na área que eu tô estudando. Já começou me desviando sempre de setores e me colocando muita responsabilidade sem tá me dando apoio. Não me davam apoio e colocavam responsabilidade muito grande sobre mim. Então, não deram esse espaço, assim.*

Vale ressaltar que algo parecido em relação ao estágio acontecia com Larissa, pois ambas haviam tido experiências de estágio, as quais eram tidas por elas como importantes para adquirirem experiências e melhorar o currículo, mas que, na prática, pouco tinha a ver com as graduações que faziam.

Diante disso, procurei mais informações sobre a agência de estágios que conseguiu a vaga para Paula e consegui dados bastante interessantes.

A agência através da qual Paula conseguiu seu estágio apresenta em seu site a sua missão: "*facilitar o processo de interação dos jovens estudantes no mercado de estágio a fim de que desenvolvam suas competências transformando-se em profissionais capazes de efetivarem mudanças que contribuam para o desenvolvimento sustentável da sociedade".*

A agência indica as "vantagens" do estágio para a empresa. Vale ressaltar a "minimização de custos" e que "não gera vínculo empregatício" como algumas delas:

1) Assessoramento e orientação técnica; 2) **Minimização de custos** (baseada na substituição de funcionários por estagiários? A experiência de Paula apontou o desvio de função como prática recorrente da empresa em que estagiava); 3) Assessoramento e orientação técnica; 4) Oxigenação de novas ideias e técnicas; 5) Segurança no processo de contratação de estagiários; 6) Redução dos custos no Imposto de Renda; 7) Formação de banco de dados com pessoas treinadas de acordo com os valores da empresa (aqui destaca-se a criação de um banco de dados e não de funcionários efetivos); 8) Cobertura do Seguro de Acidentes Pessoais sob a responsabilidade [da agência de estágios]; 9) **Não cria vínculo empregatício**; e 10) Não gera encargos sociais.

Em suma, apresentam-se, predominantemente, vantagens econômicas para convencer as empresas a contratarem estagiários, deixando em segundo plano a ideia de "responsabilidade social" (FREITAS, M. E., 2005; ENRIQUEZ, 1997). Aqui também posso retomar a crítica de Castel (2005) acerca do papel da empresa, o qual é bastante limitado dentro do contexto do capital.

Embora tenha se frustrado com o estágio, Paula conseguia identificar algo de positivo nessa breve experiência:

> *Eu saí com um aprendizado muito grande, né? Sempre aprendendo. Aprendi que eu não devo expor minhas ideias. Porque lá eu fiz todos os cursos de*

> *informática, então eu entendo muito dessa área de informática. Os funcionários não tinham essa base, então eu tava lá sempre ajudando: "Olha, faz isso aqui, faz isso aqui". Não entendiam nada de informática, então minhas ideias ficaram todas lá. Aí eu levei isso como uma breve experiência de não expor minhas ideias.*

Mais uma frustração de Paula foi o fato de ter compartilhado seus conhecimentos com os colegas de trabalho e ter a impressão de não haver uma reciprocidade por parte da empresa. Como se a empresa tivesse absorvido seu capital cultural (conhecimentos adquiridos através dos cursos de informática), sem oferecer em troca um capital simbólico, em termos de reconhecimento, pois esta encerrou o contrato com menos de um mês.

Paula continuou dando aulas de violão após o fim do curso de aprendizagem, porém, dois dias antes de retomar o contato com ela, os pais do único aluno que ainda possuía, tinham dito que não mais poderiam pagar pelas aulas. Esse era um meio que Paula utilizava para conseguir um dinheiro e comprar algumas coisas que precisava.

Com o fim das aulas, seu pai era quem a sustentava e, inclusive, pagava as mensalidades de sua faculdade.

> *Minha mãe não trabalha. Quem tá pagando minha faculdade é meu pai. Então aqui só ele que trabalha aqui nessa casa. Então é a faculdade e as coisas de casa, né? E minha mãe ela se vira... que eu ajudo ela também com os doces e os salgados, que são os* kits *festa.*

Paula ainda tinha uma estreita relação com a música, permanecia tocando violão no grupo de louvor da igreja que fazia parte:

> *A minha relação com a música é pra sempre, né? Uma coisa que eu gosto muito e só vem aumentando minha relação com a música, porque é uma coisa que eu não vou abandonar nunca.*

Porém, não percebia essa área como uma opção imediata de carreira e investimento profissional, tendo a área de gestão em RH ainda como sua principal escolha, assim como na época da primeira entrevista, isto é, nem a não-efetivação na empresa, a experiência frustrada ou a falta de oportunidades na área a desestimulavam a seguir a carreira:

> *Eu penso em seguir essa carreira, não agora. Não é na música realmente que eu tô focada, entende? Eu quero terminar minha faculdade. Quero me formar na área e pretendo, assim, me especializar nessa área ou em outras áreas que eu tenho habilidade de acordo com meu currículo.*

Na época da primeira entrevista, Paula disse não ter planos para o futuro, o que se manteve no momento do segundo contato, pois ela afirmou ainda não pensar no futuro:

> *Eu não penso no futuro. Eu não tenho planos no futuro. Eu penso no presente porque o futuro eu não vou saber o que vai vir no futuro. Tô correndo atrás, tô aqui, tô esperando ligações e... bola pra frente. Sempre aprendendo e o segredo é nunca desistir.*

Paula, na ocasião da segunda entrevista, vivia em uma situação de "presente estendido", de acordo com Leccardi (2005), pois passava o futuro para o presente: "*eu penso no presente porque o futuro eu não vou saber o que vai vir no futuro*".

Em suma, Paula vivia em uma situação de "deriva no tempo" (SENNETT, 2008) à espera de uma inserção efetiva na área de recursos humanos. Porém, diferentemente de Aryane (que vivia uma situação parecida), Paula não havia criado novos projetos para a área profissional. Isso acontecia porque seus pais davam condições para que ela postergasse sua entrada no mercado de trabalho, visando uma inserção na área de sua graduação, recursos humanos.

6.2.2.3 Everton: uma trajetória de "aprendizagem em aprendizagem"

O contato com Everton foi retomado em agosto de 2018. Após o fim do contrato de aprendizagem o jovem não foi efetivado nem conseguiu uma nova oportunidade de emprego na área de mecânica: *"Na empresa eu não tive oportunidade. Trabalho, nem entrevista eu consegui fazer. Em relação ao Senai, ao curso de mecânica".*

Diante da falta de oportunidades, Everton acabou conseguindo um novo contrato de aprendizagem em uma área completamente diferente a da primeira experiência, em uma empresa que atua na geração e transmissão de energia:

> *Consegui uma nova chance no Senai, como aprendiz de novo. Tá ensinando questão de aprender a falar, a questão do Excel, a questão de direito, essas coisas burocráticas de empresa. É bastante boa a oportunidade de aprender. Sempre é bom aprender, né? Vai ser um ano no SENAI e depois que a gente vai pra empresa".*

Everton era aprendiz nesse novo curso de aprendizagem há cinco meses. Durante o tempo que concluiu o curso de aprendizagem até o surgimento da nova oportunidade de aprendiz, Everton procurou emprego, mas não conseguiu. Ele conseguiu a oportunidade: *"Pelo site do SENAI. Um processo lá, na área de administração".*

Embora estivesse tendo uma formação na área de administração, Everton não pretendia segui-la: *"A mecânica é uma área excelente e eu não pretendo seguir na área de administração. Agora na área de mecânica eu pretendo, sim, tiver uma oportunidade de voltar pra área".*

Everton justificou sua opção em participar desse novo curso de aprendizagem da seguinte forma: *"o fator que é a oportunidade ímpar. Todo conhecimento é válido. Não tive,*

bem dizer, nenhuma oportunidade na área de mecânica. Nem de auxílio do SENAI e foi a oportunidade que eu tive e me agarrei a ela".

No intuito de voltar para a área de mecânica Everton estava *"captando recursos para pagar um curso lá no Senai mesmo, na área automotiva. Já que na área industrial eu não tive muita oportunidade".*

Everton não estava mais trabalhando nos fins de semana com o padrasto, pois este estava viajando a trabalho com certa frequência e não fazia mais os serviços extras de mecânica, nos quais Everton o auxiliava para ganhar experiência e um dinheiro extra.

De acordo com o jovem, ele não ficou na empresa pelos seguintes motivos: *"Porque o país tá quebrado. Porque a política da empresa é muito 'QI', 'quem indica', um 'peixe' lá dentro. Acho que isso"*. Diferentemente de Júnior, Everton não identificou uma culpa em si mesmo para a não permanência na empresa, apontando fatores externos. Vale ressaltar que na primeira entrevista Everton tinha uma visão diferente em relação ao mercado de trabalho de mecânica, destacando o fato de que a área de mecânica oferecia muitas oportunidades de trabalho, acreditando que nem mesmo uma crise econômica o afetaria: "*uma profissão boa e que nunca cai. Crise. Ela nunca... nunca deixa de existir*". Após se deparar com a realidade, agora estava apontando a falta de oportunidades na área de Mecânica Industrial.

A dificuldade em encontrar emprego na área de mecânica é ilustrada mais uma vez por essa fala de Everton, indo ao encontro das experiências de Júnior e João (que será o próximo perfil): *"a turma de 20 pessoas, uma pessoa conseguiu algum trabalho, e depois de um ano e seis meses após o curso".*

Quanto à aprendizagem, sua visão basicamente não havia mudado, embora sua consideração estivesse mais crítica:

> *É muito boa a experiência. Indicaria pra outra pessoa novamente. Mas as empresas... elas tão contratando aprendiz só porque é obrigatório, entendesse? Não tão contratando aprendiz com o intuito que a Lei foi criada. Tipo: pra ingressar no mercado de trabalho, pra ele já ter uma base lá e continuar a crescer com a empresa mesmo. Eu acho que hoje em dia não tem mais isso, não.*

Os planos para o futuro profissional eram: *"meu planejamento é voltar ao Senai, fazer mecânica automotiva e ingressar na área da mecânica novamente"*.

A trajetória desse jovem ilustra muito bem o que Castel (2005, p. 603) denomina como estado de "interino permanente" ou "inserido vitalício". Posso acrescentar "de aprendizagem em aprendizagem" ao me referir às "trajetórias estremecidas" de outros aprendizes

entrevistados além de Everton, como Flora, Fábio e Diana, os quais já faziam seu segundo curso de aprendizagem, em áreas diferentes.

Nesses casos a inserção deixa de ser uma *etapa* e passa a ser um *estado*: "*existe uma mobilidade feita de alternâncias de atividade e de inatividade, de virações provisórias marcadas pela incerteza do amanhã. É uma das respostas sociais apresentadas à exigência de flexibilidade*" (CASTEL, 2005, p. 528).

Outro ponto importante diz respeito a não conclusão do curso de aprendizagem por parte de Everton até a ocasião da segunda entrevista. Segundo ele, ainda estava escrevendo o relatório da prática para cumprir seus créditos e adquirir o certificado, mesma situação de Júnior, porém, Everton havia cumprido a carga horária na empresa, diferentemente daquele.

6.2.2.4 João: deixando o tempo passar para ver o que vai acontecer

Retomei o contato com João em agosto de 2018. Ele estava casado há um ano e tinha um filho com 12 dias de nascido na ocasião em que fiz a segunda entrevista.

Após o fim do contrato de aprendizagem, houve interesse por parte de seu chefe em sua permanência, porém, a empresa do ramo de tintas e revestimentos não pôde efetivá-lo, alegando dificuldades financeiras:

> *Tiveram interesse quando eu terminei o curso. O meu chefe mandou carta pra outras empresas, mas não teve condições, não, que o engenheiro lá disse que tava sem condições, que a empresa tava com muitos custos e tava querendo cortar custo, não tava querendo aumentar, entendesse? Aí ficou nessa história mesmo e até agora... qualquer coisa elas disseram que se precisasse ia chamar. Mas não ficou, não. Dos seis aprendizes, o único que eles quiseram ficar foi eu, mas aí ficou nessa indecisão.*

Após o fim do contrato de aprendizagem, João se casou e teve que procurar um emprego, o que não conseguiu:

> *Eu terminei o curso, aí eu me casei, tá ligado? Aí tive que arrumar logo um emprego, né? Aí eu já tinha um curso de barbearia, entendesse? Aí eu abri uma barbearia pra mim. Aí meu filho nasceu, aí eu fiquei nesse ramo. Até agora, entreguei vários currículos em várias empresas e não consegui nada na área, entendesse? Aí eu tô por enquanto com minha barbearia. Graças a Deus deu certo e tô me mantendo com ela até achar um emprego melhor, na área que eu procurei fazer.*

João tinha a barbearia a cerca de 7 a 8 meses. Ele já tinha prática, mas fez um curso de barbearia para se aperfeiçoar:

> *O curso que eu fiz foi um curso básico, entendesse? Tipo esses pessoal que faz ação. Aí eu já tinha uma praticazinha, aí eu fiz o curso, entendesse? Aí*

> *só pra aprimorar mais um pouquinho. Aí tô com minha barbearia. A barbearia que eu tenho é aqui no [bairro], onde eu moro.*

Embora o empreendimento da barbearia estivesse indo bem e possibilitando o sustento de sua esposa e filho, João ainda pretendia atuar na área de mecânica: "*eu ainda pretendo trabalhar na área de mecânica, visse? Eu pretendo, mas é porque o ramo tá difícil mesmo, visse? Mas eu pretendo ainda*".

Diante disso, apresentou como planos futuros:

> *Arrumar um emprego melhor, né? Uma condição de vida bem melhor. Arrumar uma casa pra mim, que eu moro de aluguel. E arrumar um trampo, fazer uma faculdade, sei lá, se Deus quiser, fazer uma engenharia mais pra frente. Tenho que pensar alto, né? Eu pretendo escolhas melhor pra mim, né, pra minha família, pro meu filho agora e... deixa o tempo passar que a gente vai ver o que vai acontecer. É isso mesmo.*

No caso de João, é interessante ressaltar que o seu campo de possibilidades é quem define seus projetos. Isso fica claro quando diz: "*deixa o tempo passar que a gente vai ver o que vai acontecer*". Pois embora desejasse seguir a área de mecânica, no momento, não tinha condições de um novo investimento na área, como planejava Everton (um novo curso no Senai para se inserir no mercado), e, por isso, pareceu-me que sua volta dependeria mais de alguma vaga que surgisse mediante os currículos que havia distribuído nas empresas, o que não parecia ser uma boa estratégia, pois até mesmo seu chefe, com a posse de certo capital social na área de mecânica, não tinha conseguido uma vaga para ele no ramo. Diante disso, João me pareceu estar na situação de deriva, destacada por Sennett (2008), marcada pela incerteza do amanhã (CASTEL, 2005), o que era ainda mais difícil no caso de João (quando comparado com as situações de Júnior e Everton, por exemplo), pois na ocasião da segunda entrevista o nível de responsabilidade era bem maior, pois havia casado e tinha um filho recém-nascido.

João havia sido pai recentemente na época do contato para a segunda entrevista, o que se constituiu como uma ruptura biográfica significativa em sua trajetória e que o levou a ativar sua disposição empreendedora e investir em sua barbearia, a qual estava sendo fundamental para o sustento da esposa e filho.

6.2.3 Descontinuidade de trajetória

Neste último tópico elenquei os perfis de Júnior, Pettros, Kaio e Henrique[79], os quais apontam para aquilo que Bourdieu (2005) denomina como "descontinuidades brutais", o tudo ou nada entre os estudos e a profissão, caracterizada por uma trajetória marcada por evoluções insensíveis e infinitesimais. Ou seja, todos esses perfis compartilham de uma falta de continuidade entre os projetos que tinham na ocasião da primeira entrevista e o campo de possibilidades que havia se apresentado a eles até o momento da realização da segunda entrevista.

6.2.3.1 Júnior: o sonho com a Ferrari cada vez mais distante

O contato com Júnior foi retomado no mês de julho de 2018. A entrevista acabou sendo realizada em duas partes devido à falta de tempo do jovem, o qual trabalhava durante o dia, apenas tendo disponibilidade para responder às perguntas no período da noite.

Após o fim do contrato de aprendizagem, a empresa na qual era aprendiz, uma multinacional da área de bens de consumo, não teve interesse em efetivá-lo, o que o deixou bastante frustrado com a área de Mecânica:

> *Em relação a minha vida profissional, eu esperava ter êxito na área de mecânica, entendeu? Porque foi uma área que eu gostei, uma área que eu já queria há muito tempo, mas só que infelizmente eu não consegui chegar ao objetivo que eu queria, que era poder exercer a função de mecânico na empresa.*

Júnior era um dos jovens aprendizes que, na ocasião da primeira entrevista, ainda não haviam tido a experiência prática na empresa. Ele considerava essa experiência, nos quatro meses finais do curso, como boa:

> *A experiência lá foi boa. Eu não tenho nada do que dizer da empresa, não. É uma ótima empresa, uma empresa organizada. Eu acho que só faltou um pouco mesmo de maturidade na turma. Porque cada um tinha um "padrinho", mas só que ao invés de a gente se unir, que eram onze pessoas, ao invés de a gente se unir, era tudo metade brigado um com o outro, entendeu? Aí isso ocasionou um clima muito ruim. Mas isso também não é desculpa, né? Eu não tenho nada do que dizer da empresa, não. É uma empresa boa, entendeu? Eu só queria ter exercido minha função, mas infelizmente teve alguns contratempos aí e eu não fui selecionado, mas bola pra frente.*

[79] Lembro que a segunda entrevista não foi realizada com Henrique, devido a este ter sido assassinado. Porém, mesmo assim escrevi um tópico a respeito de sua trajetória, pois acredito que esse fato seja de extrema relevância para a discussão que aqui me proponho, como ficará mais claro a seguir.

Júnior atuou na empresa na função de operador de utilidades: "*Eu operava compressor, fazia transferências, trabalhava no tratamento de água, era isso que eu fazia lá. Requer muita responsabilidade, tratamento de efluentes da empresa.*". Durante o período de prática, Júnior teve que passar por uma avaliação prática e teórica para permanecer na empresa:

> *Na verdade, a gente tava lá no Senai aí o que passaram pra gente foi o seguinte: "Vocês vão passar seis meses aqui, teórica, e seis meses na empresa. Lá vocês vão ter 'padrinhos' que vão ajudar vocês na diária de vocês lá. Ensinando o que é que você tem que fazer". Aí tinham prometido um mar de rosas a gente. Aí todo mundo tava confiante que ia ficar na área de mecânica lá. Sendo que, no meio do caminho, passaram pra gente que não tinha vaga pra todo mundo. Aí começou a espalhar todo mundo pra várias outras áreas. Acho que faltou mais esforço meu. Eu não sei se faltou mais esforço meu, mas... faltou mais esforço meu, mas faltou um pouco mais de ajuda do meu "padrinho" e eu não consegui ter êxito na minha apresentação. Aí eu fui avaliado mais na teoria. Acho que foi por isso que eu não consegui ficar. E a maioria também não ficou. Acho que só ficou um ou dois.*

É possível perceber que Júnior não conseguiu adquirir o capital social necessário para ser efetivado na empresa, diferentemente de Flora que acabou conseguindo por ter o coordenador como "padrinho" e, posteriormente, foi efetivada pela empresa, como já apresentei.

Perguntei qual teria sido, na opinião de Júnior, o fator determinante para que ele não fosse efetivado pela empresa:

> *Eu acho que foi por ser minha primeira vez em empresa, porque eu sempre trabalhei terceirizado, não trabalhava diretamente dento de uma empresa, não sabia como era ser um funcionário da empresa e exercer uma função na empresa, e eu tava com receio ainda, eu não tava confiante no que eu tava fazendo. Eu acho que isso foi um dos fatores de eu não conseguir a vaga, né? Acho que foi um dos fatores. Eu precisava ter mais determinação.*

Aqui fica claro o quanto a falta da experiência prática na empresa ao longo do curso de aprendizagem prejudicou o desempenho e, consequentemente, a trajetória profissional de Júnior, pois atrapalhou sua chance de ser efetivado, causando uma descontinuidade de trajetória. Diante disso, perguntei se ele considerava que a falta de prática anterior na própria empresa havia feito alguma diferença em seu desempenho posterior:

> *Faz sim. Faz diferença. Não vou dizer que a culpa foi toda das aulas práticas, mas, sim, a gente deveria ter mais aulas práticas. Isso daí ia ajudar muito a gente na empresa. Até que nem eu disse, eu mesmo que não tinha nenhuma experiência de ser um funcionário da empresa, ia ajudar muito. A gente ter convívio diretamente na empresa, pelo menos umas três vezes no mês, mas só que a gente veio começar a ir pra empresa já*

> *praticamente pertinho já [de acabar], aí foi aquela pressa toda, aquela agonia, mas não deu, né? Não deu, agora é bola pra frente.*

Merece destaque o fato de Júnior, no final das contas, colocar a culpa em si mesmo pelo insucesso na empresa: *"o trabalho [refere-se à avaliação que teve que fazer] lá era pra apresentar uma melhoria na empresa, mas eu fui mal demais, fui mal"*. A ideia que o indivíduo precisa enfrentar situações, ter iniciativa, por exemplo, leva ao que Castel & Enriquez (2008) chamam de individualização, descoletivização (falta de organização e proteção coletivas) ou dessocialização.

Diante da saída da empresa em que atuava como aprendiz, Júnior havia voltado a trabalhar na atividade de carga e descarga há seis meses, em uma empresa de transporte rodoviário de cargas:

> *Aí saindo de lá da empresa, eu já tinha uma certa experiência já com logística. Eu já tinha trabalhado na [loja de eletrodomésticos]. Aí o que foi que aconteceu? Assim que eu saí da empresa eu sinalizei um amigo meu, aí ele pediu pra eu ir trabalhar com ele novamente. Agora pela [empresa]. Sendo que eu tinha uma certa experiência já com carga e descarga, entendeu? E com conferência. E hoje eu tô trabalhando pela [empresa]. Agora terceirizado. Não é "fichado", não. É terceirizado.*

O que levou Júnior a voltar para a área que ele não desejava para ninguém *("isso não é trabalho pra ninguém, não"*) foi o fato de, por ter confiado que seria efetivado pela empresa, havia contraído dívidas, o que o obrigou a encontrar um emprego o mais rápido possível. Por isso, acabou procurando o mesmo amigo que havia conseguido a vaga na atividade de carga e descarga anterior à experiência de aprendizagem:

> *Olha, no momento eu tô trabalhando pra tampar os furos da empresa, entendesse? No caso meu, que eu confiei porque eu pensei que ia ficar, aí acabei fazendo dívida. Tô endividado. Não é tanto, mas é dívida. Eu tô trabalhando porque eu realmente preciso, mas tá fraco também lá, tá difícil. Mas a questão da segurança tá a mesma. Tenho nenhuma: trabalho sem cinta pra coluna, trabalho sem luva, pegando peso. É difícil. Mas é aquela coisa, né, essas batalhas assim não vêm pra lhe enfraquecer, não. Vem só pra fortalecer. Agora é só esperar e ter foco.*

Júnior relata a vivência na empresa a qual não condiz com o objetivo da aprendizagem profissional que é promover a formação do jovem, em detrimento da produção, o que demonstra mais uma vez a falta de compromisso e desorganização da empresa em relação ao instituto da aprendizagem profissional:

> *Aí poucas pessoas concluíram o relatório. Acho que uma ou duas pessoas, no máximo. De onze, só duas pra você ver. E a empresa tava botando muita pressão na gente, lá. Aí a empresa exigia lá pra gente ter, "passar de touca", exigia um monte de relatório, ou seja, a gente tinha que se virar nos 30. Tinha que fazer relatório do Senai e fazer relatório da empresa. E*

> *acabou não dando em nada. E o meu "padrinho" jogou a responsabilidade assim em mim pra eu aprender tudo de uma vez só, em um mês só. Aí eu fiquei com responsabilidade de fazer relatório, de aprender as regras da empresa, de fazer prova pra "passar de touca" pra exercer a função já lá dentro.*

Apesar das adversidades, Júnior não havia desistido de seguir a profissão de mecânico:

> *Mas eu não perdi, não o meu objetivo que é virar um mecânico industrial ou engenheiro mecânico. Agora eu só preciso botar Deus na frente, né? E ter um pouco de paciência. Mas eu não perdi, não, meu objetivo. Meu objetivo é virar um mecânico se Deus quiser.*

O principal obstáculo enfrentado por Júnior para realizar esse projeto era o fato de ainda não ter realizado a prática, pois como não havia sido aprovado na seleção da empresa, sua breve experiência não havia sido considerada para o cumprimento da carga horária prática do curso de aprendizagem:

> *Como eu saí lá da empresa, eles passaram o seguinte: "vocês pra ter esse certificado do Senai, vocês têm que ter pelo menos um estágio de seis meses no mínimo". Mas só que desde quando eu saí de lá que eu não consegui um estágio. Tô até agora procurando um estágio, mas as empresas hoje não tão querendo pegar assim, não. Trabalhador, tipo, sem exercer a área, pelo menos que esteja estudando, teoria. Tivesse fazendo o curso, tá entendendo? Aí poderia tá trabalhando, mas hoje as empresas não querem, não. Aí até agora pra eu pegar meu certificado eu acho que tá difícil, tá difícil. É até 2019, então... eu acho que não vai dar, não. Mas se não der eu faço outro lá na frente.*

No sentido de ainda seguir a Mecânica, Júnior estava mantendo em dia os estudos (conhecimentos adquiridos) e procurando uma oportunidade de estágio ou emprego na área:

> *Eu tô tentando não perder as coisas que eu aprendi no Senai, no curso, né? Que é a questão da metrologia, que é o que o mecânico tem que manter atualizada. Eu estudo em casa uma hora por dia pra não perder a prática. Só isso. E mandando currículo.*

Apesar de tudo, Júnior definia sua curta experiência na empresa como boa:

> *Mas a experiência que eu tive lá foi boa. Não tenho nada contra a empresa. Uma empresa boa. Gostava muito de trabalhar lá, mas infelizmente não deu certo. Faltou um pouco mais de esforço mais meu, mas acontece. Isso daí só serviu como experiência. Me tornou o que eu sou hoje, né? Tenho mais a cabeça no lugar, tenho mais foco no que eu tô fazendo. E o que eu aprendi no momento foi que tem experiências que você tem que guardar pra lá na frente saber lidar com outras profissões.*

Na ocasião da segunda entrevista, mesmo depois da frustração, Júnior ainda mantinha uma visão positiva acerca do instituto da aprendizagem profissional:

> *Eu aconselho muito esse curso de mecânica. Aprendizagem boa. A estrutura boa de lá do Senai. Tenho nada contra, não. É porque tem pessoas que têm uma facilidade, né, de aprender e tem outras que não têm a mesma*

> *facilidade que o outro tem. Mas eu aconselho. Aconselhei vários amigos meus... já tão fazendo curso de mecânica. É um curso muito bom. Só requer esforço. Esforço de cada um, que chega lá. Mas é um curso muito bom, de mecânica.*

Os planos apresentados por Júnior eram:

> *Arrumar um trabalho pra refazer o curso de novo, porque eu não tô muito confiante de entrar na área desse jeito, não. Se Deus me abençoar e eu conseguir que eu entre na área, melhor ainda, mas, no momento, eu quero só arrumar um trabalho pra refazer o curso. Aí quando eu refazer o curso, aí eu posso exercer a área de mecânica. Vou me sentir mais confiante para assumir a profissão.*

Em suma, o caso de Júnior ilustra muito bem a situação enfrentada pelos jovens quanto a sua trajetória profissional, denominada por termos como: "futuro marcado pelo aleatório", "silhuetas incertas, à margem do trabalho", "trajetórias erráticas", "trajetórias estremecidas, feitas de buscas inquietas para se virar no dia-a-dia", segundo Castel (2005, p. 603); e "deriva no tempo", de Sennett (2008). Júnior utilizou uma expressão que ilustra o caráter incerto de sua trajetória: "*eu não fui selecionado, mas bola pra frente*".

No caso de Júnior, o fato de não ter experiência em uma atividade formal de trabalho, dificultou bastante seu desempenho na empresa. Outra questão foi a experiência prática na empresa ter sido apenas nos quatro últimos meses do curso de aprendizagem (sequencial à fase escolar), aliada à desunião dos colegas de turma foram determinantes para seu insucesso na empresa. Isso porque Júnior não teve um espaço ou momento para tirar dúvidas ou ser orientado em relação às dificuldades enfrentadas no ambiente de trabalho, isto é, não passou por uma aprendizagem experiencial. Ele não pôde contar com os professores do Senai, muito menos com os colegas de curso, os quais poderiam ter trocado experiências entre si na ausência da orientação por parte da instituição formadora.

6.2.3.2 Pettros: o farmacêutico frustrado que pretende virar pastor evangélico

O contato com Pettros foi retomado apenas em outubro de 2018. O número de telefone que havia colocado no questionário não funcionava mais. Consegui outro telefone com o CIEE e consegui fazer contato com sua avó, que me informou o número de *whatsapp* do jovem.

Petros foi o jovem que mais apresentou mudanças em sua trajetória e projetos futuros dentre todos os entrevistados nesse período de pouco mais de um ano entre a primeira e a segunda entrevistas.

Na ocasião da primeira entrevista, maio de 2017, Pettros estava com a expectativa de ser efetivado na farmácia em que trabalhava em 2018, o que acabou não acontecendo, causando uma frustração muito grande (*"eu fiquei mal, né? E eu só ficava indo pra igreja o tempo todo. Trabalhando na igreja, discipulado, evangelismo, essas coisas"*):

> *Eu lembro quando eu terminei, me formei. A minha tia que me arrumou o emprego na [farmácia], ela ia me contratar pra uma farmácia, pra eu trabalhar efetivamente. Só que pra isso tinha que falar com meu gerente pra saber meu histórico. E o meu gerente alertou a minha tia que não me contratasse porque eu ainda tinha que amadurecer profissionalmente. Não nos quesitos de... moral, ética, mas sim na forma que eu via as coisas, né? Eu não tava vendo com competitividade... e ele deu vários exemplos lá que eu tinha que amadurecer mais.*

Pettros atribuiu isso ao fato de "*se dar um pouco mal*" com o gerente. Além disso, houve mais uma mudança de bairro – como era costume de sua avó, como ele havia informado anteriormente – o que dificultou as idas dele à igreja. Pettros distribuiu currículos nos estabelecimentos comerciais do bairro onde morava:

> *Quando eu recebi a notícia que minha família se mudou pra Caixa D'água [bairro de Olinda] eu tinha que ter dinheiro pra ter passagem e na semana que eu... que eu... que eu tava me mudando, eu andei por Rio Doce entregando currículos por tudo que é canto (risos).*

Em consequência disso, Pettros conseguiu uma vaga de "*folguista*" em uma padaria, na atividade de limpeza:

> *E aí eu cheguei na padaria e entreguei currículo na padaria. Comecei como freelance, esqueci de dizer. Como folguista, né? As pessoas folgava, aí eu ia lá e ganhava 60 [reais] no dia. E aí eu fui conseguindo ter grana pra poder ter passagem pra poder fazer os trabalhos da igreja.*

Devido ao bom desempenho que teve, a dona da padaria mudou Pettros do setor de limpeza para o atendimento aos clientes no balcão e por fim o colocou como caixa:

> *Ela [a patroa] disse: "Ó, você é muito bom na limpeza, mas você é muito inteligente pra tá na limpeza". Isso (risos) foi uma espécie de tipo assim: "as pessoas que são da limpeza não são inteligentes, elas são burras?" (risos) Eu perguntei pra ela e ela disse: "não, não é isso que eu quero dizer. É que você é um menino jovem, você tem planos e que você tem que ter um tempo", porque na limpeza é integral, né, o dia inteiro lá. "você tem que ter um tempo pra estudar, essas coisas". E aí foi quando ela quis assinar minha carteira e aí me colocou como atendente e depois colocou como caixa. E agora eu tô trabalhando como caixa lá. Foi por causa disso, né?*

Para Pettros, o fato de ter conseguido um emprego por conta própria era tido como bastante significativo, pois, para ele, era um sinal de seu "amadurecimento profissional", o qual almejava desde que havia saído da farmácia (e que havia sido o principal motivo de sua não permanência):

> *Eu fui, não precisei de indicação, cheguei, meti a cara, coloquei meu currículo, gostaram da entrevista, passei na entrevista, fiquei como* freelance*, passei pra limpeza, da limpeza ela [a patroa] gostou do meu estilo de limpar (risos), aí me colocou pra... pra... o balcão, do balcão eu já fui pro caixa e agora tô trabalhando ganhando o mesmo salário que as pessoas de lá, mas trabalhando pouco tempo, entendeu? Eu consegui um cargo que foi no meu suor mesmo, entendeu? Tô ganhando um bom dinheiro, uma boa grana. Já larguei agora [13:30h], tá vendo? Já tô em casa o dia todo. Isso eu consegui através de muito suor, né? Muita dedicação.*

Vale destacar que durante a primeira entrevista, Pettros tentou passar uma imagem de que gostava do trabalho na farmácia, porém, a partir dessa segunda entrevista, acabou revelando não ter sido uma experiência tão boa: "*trabalhar em escritório não é muito meu forte e eu comecei a desgostar um pouco de farmácia", "eu trabalhava quatro horas na [farmácia] e tava querendo ir embora".*

Outra mudança significativa foi decorrente de sua efetiva participação na igreja, a qual mudou consideravelmente sua forma de pensar:

> *A questão que mais mudou, assim... eu lembro que eu tinha falado que eu tava no começo... eu me converti ao cristianismo. É... e aí eu tava no começo da fé. E lá na igreja... muita coisa mudou quando eu entrei na igreja, entendeu? E... eu gostava muito de estudar e tal e aí eu passei a querer fazer seminário. Inclusive eu vou começar ano que vem, né? Eu vou começar ano que vem a fazer o seminário, que é o curso de teologia, não do MEC, né? É seminário pastoral e eu vou começar ano que vem. E aí... foi um choque, né? Porque eu mudei da água pra o vinho totalmente.*

Pettros se considerava mais maduro após a não continuidade na farmácia e sua nova experiência de trabalho na padaria: "*Aí eu mudei até nesse quesito. Eu acho que o que mais mudou foi essa questão da maturidade mesmo".*

Na primeira entrevista Pettros omitiu o fato de ter desistido dos estudos e ainda respondeu no questionário que havia concluído o ensino médio

> *Os estudos, eu havia desistido dos estudos, né? Porque eu não tava conseguindo conciliar ficar no CIEE e ficar na escola. E aí eu faltava um, outro, entendeu? Foi por vagabundagem da minha parte mesmo. E... eu terminei o ensino médio ano passado. Fiz o EJA à noite. Eu faltava muito também [ao CIEE]. Faltei 24 dias, eu acho. Se eu faltasse mais um dia não ia receber meu diploma* (risos)*.*

Sobre o trabalho na padaria:

> *Eu percebi ali, amigo, que eu tava trabalhando não pelo dinheiro, mas por tá gostando de trabalhar. Não era assim quando eu trabalhava na [farmácia]. Eu trabalhava pensando em largar. Mas na padaria... foi isso que meu professor do CIEE sempre nos ensinava, né, que a gente tinha que aprender a gostar de trabalhar e não visar dinheiro ou tempo pra poder largar e ir pra casa, né? E eu aprendi isso. E lá na padaria, não. Eu trabalho gostando de trabalhar, fazendo o melhor pra empresa, né? Me*

> *doando pela empresa, não pelo dinheiro que eu vou ganhar no final do dia, mas pela alegria que me dá de poder fazer parte daquilo ali. E eu fiz isso naturalmente.*

A dinâmica de trabalho na padaria era a seguinte:

> *Ela me contratou pra trabalhar de segunda à sábado pela manhã. Eu pego de sete da manhã até às 11 da tarde... até às 11 da manhã, quatro horas só. E aí o meu salário fica 600 reais no mês, entendeu? Na dezena, eu ganho... cada dezena 200 reais, né? E lá eu fico como caixa e ajudo as meninas lá dentro também depois que eu largo, né?*

Dessa forma, com as horas extras, Pettros ganhava R$ 1.080,00 por mês, trabalhando de segunda a sábado: *"no domingo eu não trabalho, só se eu quiser mais 60 [reais], mas eu acho que já tá muito bom assim, que o domingo eu uso pra estudar. Então, eu tô me sentindo muito bom... muito bem".* Ao longo da primeira entrevista, ficou bastante claro o papel que a avó de Pettros tinha sobre suas escolhas e projetos profissionais. Diante disso, perguntei a ele como sua avó havia reagido à sua desistência da profissão de farmacêutico:

> *Minha vó pensava que eu ia me formar em algo pra minha carreira profissional, entendeu? E... foi difícil pra ela, né? Mas ela teve que aceitar. Mas aí eu prometi a ela que ia me formar porque... não quero fazer uma faculdade superior porque ela ficou com raiva ou pra agradar meus pais, fazer uma coisa que eu não gosto. Mas... eu quero me formar também em engenharia agronômica, entendeu? Porque eu sempre gostei dessa coisa de interior, entendesse? (risos). Então, a partir disso minha vó ficou muito alegre, né, porque eu vou fazer o seminário à noite e a faculdade pela manhã e ainda vai dar tempo de eu trabalhar. Eu vou aguentar, mas aí ela voltou ao normal, né, e agora continua me apoiando. Menos o seminário (risos), ela não apoia ainda, porque ela não entende também. Mas um dia ela vai entender.*

Sua avó não gostava da ideia de Pettros fazer Seminário. Isso porque:

> *A questão da minha mãe é que... ela não gosta de igrejas... aliás, ela gosta, ela até vai, mas ela não entende o evangelho como é, a essência dele. Então ela acha e continua achando que todo pastor é ladrão, que todo pastor é isso. Só que na verdade não é assim, né? Eu já mostrei pra ela que isso aí já era... Jesus já nos mostrou que isso vai acontecer, tal. Mas ela não entende. E por conta disso que ela não queria que meu nome fosse envergonhado, um exemplo: "Ó, seu filho é pastor, então ele é ladrão". Isso ia entristecer porque isso hoje em dia acontece, né? Você vai pra um lugar e as pessoas, quando você diz que é pastor, as pessoas já olham com você... com outros olhares, entendeu? Então isso é muito ruim. E pra minha vó é difícil e eu não tiro a razão dela, mas um dia ela vai entender, claro.*

Sobre a oportunidade de fazer o Seminário:

> *Lá dentro [da igreja] eu me destaquei muito na questão dos estudos da Bíblia, de tá fazendo a obra de Deus e... a questão do seminário não é, tipo, "ó, eu quero fazer um seminário e me matricular", não. A questão de seminário, principalmente em igrejas batistas e presbiterianas, que são igrejas históricas, né, não é qualquer um que tem que ser. Ele tem que ter*

> *boa conduta na igreja, ele tem que ter bom testemunho das pessoas e o pastor tem que ver que ele tem... não só o pastor, mas os presbíteros, que são os mais velhos da igreja, os anciãos, eles têm que olhar pra você e ver que você tem um dom, entendeu? Então eles te enviam pro seminário. Então foi oferecida... foi apresentada essa proposta pra mim, do seminário e eu aceitei depois de um bom tempo relutando, que eu não queria ser um pastor, mas aí eu aceitei.*

Pettros não via o ofício de pastor como uma carreira, mas sim *"um chamado de Deus, né, uma missão aqui na Terra".*

Segundo Pettros, um dia antes da realização da segunda entrevista, ele havia sido novamente procurado pela patroa para ter sua carteira de trabalho assinada e um membro de sua igreja havia conseguido uma oportunidade de trabalho formal em uma empresa, como promotor, porém, o jovem havia rejeitado as duas propostas, pois não queria colocar seus sonhos e planos "*no lixo*", pois um trabalho formal acabaria atrapalhando seus projetos: "*eu pretendo fazer engenharia agronômica integral e tem o seminário à noite".*

Sobre a possibilidade de voltar ao teatro, sua resposta foi bem taxativa: *"(risos) acabou completamente. Não tem nenhuma possibilidade mais".*

Diferentemente da época da primeira entrevista, na qual Pettros afirmou abrir mão de relacionamentos afetivos sérios para poder se dedicar aos cuidados com a avó na ocasião do segundo contato, o jovem estava namorando há oito meses com uma "*menina da igreja*", "*bem simples*", que não era o "*tipo de menina*" com quem se relacionava antes, pois:

> *O sonho dela é ser mãe e casar. Ser uma excelente esposa, então é isso que eu procurava nas meninas que não sonhavam com isso, então eu procurei no lugar errado e por isso todos eles [os relacionamentos anteriores] deram errado. E agora deu certo e não me atrapalha eu cuidar da minha vó, não me atrapalha meus estudos, não me atrapalha em nada porque é como se ela fosse minha amiga. Eu tô aprendendo a viver a vida agora, então eu acho que ela foi a coisa que mais mudou a minha vida, me ajudou. Foi isso.*

Os planos futuros de Pettros haviam mudado diante de tantas descontinuidades em suas trajetórias de vida e profissional:

> *O seminário eu vou fazer... é a igreja que paga o seminário. É... a faculdade, se eu passar no ENEM, eu tô estudando, tipo, aí hoje eu tu tem um tempinho* [referindo-se ao entrevistador], *mas senão eu estaria estudando. E... que mais?... ano que vem eu me vejo na faculdade. Pretendo passar na faculdade de engenharia agronômica, são cinco anos e fazer o seminário, são quatro. E pretendo morar com a minha futura noiva e... é isso, cara. Me formar na área de engenharia agronômica e morar em São Paulo por conta da família da minha namorada, junto com minha avó. E é isso. É simples. É só terminar a faculdade, terminar o seminário, e... o dinheiro que eu ganho lá na padaria, eu não faço isso, né, eu junto, eu coloco no... eu não coloco na poupança, eu coloco no tesouro direto, que é um dinheiro pra construção da minha casa, 350 reais todos os meses, que... daqui a cinco anos, seis, sete anos eu vou ter o equivalente a quase 50 mil*

> *reais, então eu falo isso, entendeu? Como eu moro com minha avó, com minha tia, eu junto dinheiro pra poder ter minha casa, dar entrada numa casa. Mas aí eu faço isso agora, enquanto eu tô fazendo a faculdade, entendeu? Esses são meus planos.*

Ou seja, nem o sonho de ser ator (do qual já havia desistido desde antes da primeira entrevista), nem a graduação em farmácia e a consequente carreira de farmacêutico permaneciam como projetos, diante do campo de possibilidades que surgia para Pettros: *"Eu acho que... vê (risos) como são as coisas da vida, né? Tudo é vida, tudo é experiência, né, e... eu disse isso certo de que ia acontecer isso".*

A frustração em não permanecer na farmácia devido à falta de "maturidade profissional" teve um peso significativo, consistindo em uma ruptura na trajetória de Pettros, a qual estava até então com projetos bem definidos. A partir daí Pettros passou a buscar a tão almejada "maturidade profissional". O fato de ter conseguido um emprego por meio de seu *"suor"* era, para Pettros, um sinal de que havia, finalmente, a alcançado.

Quando se referia ao emprego na farmácia utilizava a expressão: "*eu não corri atrás*", enquanto que o trabalho na padaria afirmava que o conseguiu com seu "*suor*".

Outra ruptura biográfica foi a experiência significativa na igreja ("*me converti ao cristianismo*") através da qual acabou mudando "*da água para o vinho totalmente*".

Essas rupturas alteraram de forma drástica seus projetos futuros, pois havia mudado completamente de foco: "*me formar na área de engenharia agronômica*" e "*fazer seminário*".

Vale ressaltar, por fim, que seus projetos não estavam tão interligados e dependentes das opiniões de sua avó, o que, em certo sentido, pode ser interpretado como um amadurecimento pessoal por parte de Pettros *("pra minha vó é difícil e eu não tiro a razão dela, mas um dia ela vai entender, claro"*; *"foi difícil pra ela, né? Mas ela teve que aceitar"*), o qual, na ocasião da primeira entrevista se mostrou, através de seus planos e escolhas, muito influenciado pelos gostos da avó.

Nessa direção, ressaltei na primeira entrevista ter a impressão de que Pettros se obrigava a gostar da área de farmácia para agradar a avó, o que se mostrou ser verdade: "*não quero fazer uma faculdade superior porque ela ficou com raiva ou pra agradar meus pais, fazer uma coisa que eu não gosto*"; "*eu trabalhava quatro horas na [farmácia] e tava querendo ir embora*".

6.2.3.3 Kaio: o dom que realmente dá dinheiro: o empreendedorismo

O contato com Kaio foi retomado em agosto de 2018. Consegui seu número de *whatsapp* através do contato que fiz através de seu perfil da rede social *facebook*.

Kaio, ao término do contrato de aprendizagem, optou por não permanecer na empresa por não ter gostado da área de mecânica industrial, como ficou claro na primeira entrevista. Ele atrelou essa escolha muito ao fato ter uma experiência negativa na empresa:

> *Um fator decisivo foi a empresa, porque era horrível lá. Segurança zero. A forma de trabalho lá também era péssima. A mecânica industrial, pra mim, era uma área que eu acreditei no começo ser automotiva. Eu não sabia que tinha duas diferentes. E aí como eu tenho o* hobby *de desenho, toco guitarra... lá é muito perigoso pra mim, porque uma mão, um dedo, perder lá é muito fácil. E pra mim vai fazer muita falta. Aí acabou o contrato lá e eu decidi não dar continuidade ao relatório pra terminar o curso, porque é uma área que eu não quero.*

O contrato de aprendizagem de Kaio com a empresa acabou em setembro de 2017: "*até hoje eu não sei de ninguém da turma que ficou por lá, já que de uma turma de 20, 18 pessoas eram lá da [fábrica de papel], acredito que ninguém ficou lá, não. Acho que também não teve um interesse por parte da empresa, não. E se tivesse, Deus me livre!*".

Em novembro do mesmo ano começou a trabalhar em uma loja do segmento de calçados e ficou até janeiro de 2018.

Kaio conseguiu a vaga na loja de calçados através da informação de um primo, o qual já trabalhava na empresa e sabia que no fim de ano eram contratados funcionários temporários: "*fui na cidade [do Recife]. Meti a cara na loja, lá e deixei meu currículo. Aí foram e me indicaram pra uma moça. Eu fui e no mesmo dia eu consegui. A gente foi, eu e o meu irmão, e a gente entregou o currículo e no outro dia a gente já tava com a carteira assinada*". Castel (2005, p. 528) destaca que a população jovem "aparece como relativamente empregável para tarefas de curta duração, alguns meses ou algumas semanas".

Em relação a essa experiência de trabalho, Kaio afirmou:

> *A única coisa boa era a hora do almoço, que tinha* ticket *lá e eu ia almoçar bem muito (risos). Fora isso... ficar em pé o dia todinho, ficar subindo aquelas escadas lá... o estoque sempre fica no primeiro andar. Final de ano, a loja lotada. Não foi uma experiência muito legal, não.*

Enquanto Kaio estava desempregado, havia iniciado seu empreendimento na produção de perfumes:

> *No período que eu saí da [loja de calçados], em janeiro, eu desenvolvi junto com minha mãe a produção dos nossos perfumes e aí ficou tranquilo.*

> *Trabalhando também com os originais e importados. Desenvolvo minha própria linha de perfumaria com a minha mãe.*

Em maio de 2018 ingressou em um jornal de grande circulação no estado de Pernambuco onde trabalhava na área de *call center* até a ocasião da segunda entrevista. Ele soube a vaga no jornal através da informação de uma colega de faculdade de sua noiva:

> *E acabou o período lá em janeiro. Eu fiquei vendendo em casa [os perfumes que fabricava], só que eu precisei de mais renda pra conseguir realizar meu casamento. E aí minha noiva, na faculdade dela existia uma menina que era lá do jornal. Ela informou que estavam fazendo entrevista. Eu me matriculei lá no* site*, aí me chamaram e eu consegui passar. Setenta candidatos pra uma vaga e eu consegui, ainda bem.*

Essa nova experiência de trabalho, diferentemente da experiência anterior na área industrial, estava sendo bastante positiva para ele:

> *E aí surgiu a oportunidade no jornal, que foi de call center, aí praticamente lá é a melhor empresa que eu já trabalhei na minha vida. Indico pra qualquer um. É a melhor supervisão, melhor gestão, melhor tudo, cara, não tenho nem o que falar do jornal. Apesar de ser de call center, trabalhar direto com os assinantes, escutar gritos de uns e outros, mas fora isso, bem melhor que a [fábrica de papel].*

Embora considerasse muito bom seu trabalho no jornal, pretendia investir em seu empreendedorismo:

> *Graças a Deus tá indo tudo nos conformes. Terminei de me cadastrar no MEI*[80] *pra ter meu certificado de empreendedor individual. A gente tá se organizando pra comprar uma máquina de recrave*[81] *pra melhorar a qualidade dos frascos dos perfumes. A gente investiu bem em essência pra ter em estoque. No jornal eu vendo bem. Tá tudo tranquilo, graças a Deus. A gente tá se estruturando aos poucos. Eu decidi que é isso que eu vou querer mesmo pra minha vida. Que apesar de um trabalho mudar pro outro e ser bom, de todo jeito é um trabalho, né? E trabalhar pros outros não é 100% legal.*

Kaio ainda considerava a aprendizagem profissional como uma experiência muito boa, mesmo a prática na empresa deixando a desejar e não planejando mais seguir a área de mecânica:

> *Então, descartado total o técnico em mecânica. Não tenho nada o que falar do jovem aprendiz, foi muito bom. Principalmente o SENAI. O SENAI é um local muito bom, mas em relação à [fábrica de papel] desisti da área, tanto por não ter gostado do curso e tanto pela empresa que eu fiquei.*

---

[80] Microempreendedor Individual (MEI) é o pequeno empresário individual que atende aos seguintes critérios: a) tenha faturamento limitado a R$ 81.000,00 por ano; b) que não participe como sócio, administrador ou titular de outra empresa; c) contrate no máximo um empregado; e d) exerça uma das atividades econômicas previstas no Anexo XI, da Resolução CGSN nº 140, de 2018, o qual relaciona todas as atividades permitidas ao MEI.

[81] É uma máquina utilizada para o fechamento de frascos de perfumes, sem a necessidade de utilizar ar comprimido ou energia elétrica, podendo recravar até 800 unidades de frascos de perfumes por hora.

Kaio havia desistido tanto da mecânica industrial quanto automotiva, querendo se dedicar ao seu empreendimento. A ideia de desenvolver a própria linha de perfumaria, segundo Kaio, surgiu a partir da experiência que teve na empresa de *marketing* de rede, na qual aprendeu bastante a respeito do ramo de perfumaria:

> *Quando eu estava no* marketing *de rede eu aprendi muito sobre perfumes lá e aprendi como desenvolver meus próprios. Aí eu tô investindo bem pesado nisso pra ter minha própria marca. E aí eu comecei a estudar sobre perfumaria e como eu já desenvolvia bastante bem a relação da venda de perfumes, eu consegui desenvolver meus próprios. Agora a gente tá investindo legal pra ficar uma coisa bem mais profissional.*

Na ocasião da primeira entrevista, Kaio se dedicava à atividade de *marketing* de rede, a qual considerava como o "*emprego dos sonhos*" e estava decidido a trabalhar com gestão de pessoas, o que havia mudado na época do segundo contato. Diante disso, perguntei sobre o motivo de ter deixado a área:

> *Eu não desenvolvo mais porque eu achei bastante cansativo a gente ter que trabalhar... trabalhando com o resultado de outras pessoas. No caso, como supervisor, eu sou péssimo (risos). Acabei tendo algumas tristezas em relação a trabalhar com os resultados de outras pessoas, né, que é um pouco desestimulante a gente trabalhar com pessoas que às vezes não querem fazer nada e aí eu não gostei muito da área de* marketing *de rede, justamente por isso. É uma área ótima, mas pra mim não deu muito certo, porque eu não consegui o resultado esperado.*

Diante da frustração com o até então "*emprego dos sonhos*", Kaio acreditava que sua área era mesmo o empreendedorismo:

> *Minha área realmente mesmo é empreendedorismo, tanto o físico, material, quanto digital. Que eu fiz um curso de* marketing *digital, que eu aprendi também quando eu tava no* marketing *de rede, a como gerar conteúdo, como gerar audiência, fazer* funpage*, canal no* youtube*, essas coisas. E aí realmente eu acredito que meu foco agora vai ser ambos, porque é uma coisa que é flexível pro meu tempo e o lucro é bastante alto pra mim. Tanto que hoje eu ganho mais vendendo a relação da minha perfumaria própria do que com o próprio jornal. Lá é só uma renda complementar mesmo pra auxiliar na compra dos meus móveis no casamento.*

Por fim, Kaio apresentou novos projetos, todos bem definidos, mais uma vez:

> *Eu defini agora as metas futuras como quatro principais pilares na minha vida. Em primeiro lugar está o meu casamento, que eu pretendo casar esse ano ou começo do ano que vem. Em segundo lugar, vem a minha empresa, né, que agora eu fiz o meu certificado de MEI, então eu tenho CNPJ, em relação à perfumaria, cosméticos, eu quero fazer uma coisa mais profissional e deixar de ser amador. Terceiro, a área de desenho, que eu quero focar realmente nisso. Quero me profissionalizar e ser reconhecido como um dos melhores, né, desenhistas realistas daqui da região. A princípio da região. E quarto, em relação ao* marketing *digital. Eu gostei bastante da área e gostaria muito de desenvolver isso. Vai ser uma coisa*

> *que eu vou planejar pro meu futuro que é conseguir uma renda residual trabalhando na* internet.

Em suma, pude perceber que a passagem pela empresa na área industrial acabou por funcionar como uma ruptura biográfica para Kaio, pois antes planejava seguir a área de mecânica (preferencialmente automotiva). Diante da experiência negativa, pôs fim a esse projeto. Ao mesmo tempo passava por uma experiência positiva na área de *marketing* de rede, chegando a considerá-la como "*o emprego dos sonhos*".

Na ocasião da segunda entrevista, Kaio já não tinha a mesma visão sobre o *marketing* de rede, na qual também acabou se frustrando. Essa frustração se mostrou como outra ruptura na trajetória profissional do jovem, pois a partir daí buscou investir em seu empreendimento de produção de perfumes.

Diante disso, a trajetória de Kaio apresentava descontinuidades tanto em relação às áreas de mecânica industrial e automotiva (pois havia desistido de ambas) quanto ao *marketing* de rede (porque não tinha conseguido o retorno, provavelmente financeiro, esperado). Kaio via o empreendimento na área de perfumaria como uma possibilidade de alcançar o retorno financeiro que tanto desejava.

6.2.3.4 Henrique: uma trajetória interrompida

> "É só regar os lírios do gueto que o Beethoven negro vem pra se mostrar, mas o leite suado é tão ingrato que as gangues vão ganhando cada dia mais espaço" (O RAPPA, 1994).

Esses foram alguns trechos da primeira entrevista que fiz com Henrique a respeito do que ele pensava sobre mudança de vida e o futuro: "*vi que minha família ia sofrer direto*. *Não ia dar certo se eu continuasse nessa direto*".

E essa foi a última frase de Henrique nessa ocasião: "*Daqui a quatro ano eu posso tá melhor de vida, né, se Deus quiser*". Era uma possível previsão de como estaria sua vida quatro anos depois da entrevista. Porém, sua trajetória seria interrompida menos de seis meses depois.

Procurei retomar o contato com Henrique em julho de 2018, através do *whatsapp*. Porém, quem respondeu minhas mensagens foi sua mãe.

A princípio acreditei que ele havia trocado de número. Sua mãe me passou o número de Henrique, mas me perguntou o porquê de eu procurar por ele.

Após minha explicação sobre a pesquisa que havia feito com Henrique, ela entendeu que eu estava me referindo ao seu filho e não ao marido (pois ambos tinham o mesmo nome, sendo o entrevistado Henrique Júnior).

Segundo sua mãe, Henrique havia sido vítima de latrocínio em dezembro de 2017. Na versão dela, Henrique tinha reagido a uma tentativa de roubo à motocicleta que havia comprado com o salário como aprendiz e tinha sido assassinado.

Ao receber a notícia, busquei informações mais detalhadas sobre o caso através da *internet* (a mãe tinha dito a data do acontecido e eu tinha o nome completo de Henrique) e me deparei com a versão oficial da polícia. De acordo com dois *sites* que consultei, Henrique havia sido vítima de assassinato na frente de casa por dois suspeitos. Segundo testemunhas, esses dois suspeitos tinham batido na porta da casa de Henrique, por volta das 23:00h, e chamado por ele. Henrique tinha aparecido, conversado com os dois e entrado em casa para pegar o valor de R$ 20,00. Quando voltou foi alvejado por tiros pelos dois suspeitos. De acordo com a polícia, o crime poderia estar ligado ao tráfico de drogas, pois "a vítima era usuária de entorpecentes".

Perante o acontecido, acredito ser relevante citar a pesquisa de Julião (2011, p. 151) a qual indica que o estudo e o trabalho têm papel importante na reinserção social dos apenados, porém ressalta:

> Quando comparamos o trabalho ao estudo, evidenciou-se que ambos são significativos; porém, enquanto o estudo no cárcere diminui a probabilidade de reincidência em 39%, o trabalho na prisão diminui essas chances em 48%. Ou seja, os referidos dados não ratificaram a hipótese apresentada no início da pesquisa de que o efeito do estudo é superior ao do trabalho na reinserção social do apenado.

Isto é, os estudos indicam que o trabalho é mais efetivo do que os estudos na diminuição dos índices de reincidência de apenados. Diante disso, acredito ser pertinente fazer uma crítica a um aspecto do *Projeto Vida Aprendiz*, do qual Henrique fazia parte.

Em princípio entendo o quanto a iniciativa de inserção profissional de socioeducandos e egressos é importante no sentido de sua reinserção social, porém, penso que a efetividade desse Projeto seria ainda maior caso houvesse um acompanhamento e cuidado maior com o tipo de inserção de jovens.

No caso de Henrique, por exemplo, o fato de ter apenas o curso de aprendizagem profissional não evitou a reincidência, enquanto que se permanecesse no mercado de trabalho essa probabilidade seria maior, ou seja, nesse caso, seria necessário ter uma preocupação

maior com a inserção laboral de Henrique do que com a conclusão do processo de aprendizagem, embora ambos sejam importantes.

Ou seja, Henrique fez sua prática em uma empresa do setor público, na qual não seria possível a efetivação após o fim do contrato de aprendizagem. Acredito que o Projeto poderia de alguma forma garantir a inserção do jovem após o contrato ou, em último caso, providenciar um novo contrato de aprendizagem em outra empresa, mesmo contrariando um dos princípios da Lei da Aprendizagem, no intuito de manter o jovem no mercado de trabalho, o que poderia diminuir a probabilidade de reincidência.

Por isso achei necessário criar um tópico a respeito da trajetória de Henrique, a qual me levou a refletir sobre a efetividade do processo de aprendizagem profissional na reinserção social de jovens infratores.

A iniciativa é de extrema importância, mas casos como esse podem proporcionar reflexões e debates mais profundos a respeito dos reais impactos dessa política pública, tendo em vista a constante necessidade de melhorá-la e não apenas transformando a vida desses jovens em números de uma tabela.

Na seção seguinte apresento os principais resultados decorrentes à aplicação do questionário e da realização das duas entrevistas com os jovens aprendizes, buscando relacionar os dados construídos e a reflexão teórica por meio dos autores que optei para realizar a minha análise.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa me propus a buscar respostas para questões como: em que medida a experiência de aprendizagem profissional é relevante para as escolhas e projetos profissionais dos jovens aprendizes? Como se dá o processo de socialização profissional (aulas teóricas e prática de trabalho na empresa) vivenciada nos cursos de aprendizagem profissional? Como os grandes universos de socialização (família, escola e trabalho) influenciam as escolhas e projetos profissionais dos jovens aprendizes? Em que medida a experiência de aprendizagem fortalece ou não a identidade profissional?

Diante da análise dos dados construídos através da aplicação de um questionário (totalizando 121 respostas) e duas entrevistas biográficas (uma primeira com 15 jovens e a segunda com 10 desses mesmos jovens) com aprendizes do CIEE-PE e SENAI-PE busquei responder às questões supracitadas.

Como visto anteriormente, o trabalho funciona como um fundamento da cidadania econômica (reconhecendo e remunerando atividades potencialmente úteis para todos) e da cidadania social (garantindo a participação na produção para a sociedade e, consequentemente, na produção da própria sociedade), daí a importância do trabalho na atualidade (CASTEL, 2005). Nesse contexto, tanto a perda de um emprego quanto a falta dele, causa uma crise de identidade (SAINSAULIEU, 1977). Isso porque devido ao emprego ter se transformado em um bem raro, acaba condicionando a construção das identidades sociais (DUBAR, 2005). Por isso, a experiência de aprendizagem profissional tem um peso significativo nas escolhas e projetos profissionais dos jovens aprendizes, embora não seja algo determinante, como ficou claro diante dos dados.

Vários autores concordam em relação aos efeitos destrutivos da lógica atual do sistema produtor de mercadorias, utilizando termos como “inúteis para o mundo” e “supranumerários” (CASTEL, 2005), “sociedade dos excluídos e dos precarizados” (ANTUNES, 2011) ou “nômades do presente” (MELUCCI, 1998) para se referirem aos sujeitos sociais excluídos. As mudanças do trabalho levam a transformações identitárias, pois confundem os pertencimentos e produzem uma exclusão (ou *desfiliação*, como prefere Castel, 2005).

> Houve uma mudança brutal na administração dos recursos humanos em todo tipo organizacional: o contrato de trabalho foi rasgado, as carreiras entraram para o mundo dos esportes, a avaliação de desempenho passou a ser diária, o salário passou a ser variável de acordo com o valor agregado, o treinamento passou a ser uma responsabilidade individual, benefícios foram revistos e estabilidade no emprego se tornou uma palavra impronunciável (FREITAS, M. E., 2005, p. 19).

Tais transformações afetaram principalmente a população jovem. A exclusão é a primeira experiência profissional de muitos jovens, com tendência de se incorporar à identidade deles na forma de uma precarização duradoura da vida profissional (DUBAR, 2005). Isso porque os jovens são mais maleáveis quanto a assumir riscos e à submissão imediata (SENNETT, 2008): "*a questão da segurança tá a mesma. Tenho nenhuma: trabalho sem cinta pra coluna, trabalho sem luva, pegando peso. É difícil"* (Júnior, 21 anos, SENAI).

Termos como "cultura do aleatório" e "vida profissional mais abrupta" são utilizados por Castel (2005, p. 23) para se referir às trajetórias profissionais dos trabalhadores atuais. Segundo o autor, há um novo dado contemporâneo, qual seja:

> [...] a presença, aparentemente cada vez mais insistente, de indivíduos colocados em situação de flutuação na estrutura social e que povoam seus interstícios sem encontrar aí um lugar designado. Silhuetas incertas, à margem do trabalho e nas fronteiras das formas de troca socialmente consagradas – desempregados por período longo, moradores dos subúrbios pobres, beneficiários da renda mínima de inserção, vítimas das readaptações industriais, jovens à procura de emprego e que passam de estágio em estágio, de pequeno trabalho à ocupação provisória [...].

Nesse contexto, a trajetória dos jovens é marcada pelo desemprego recorrente. Esse grupo é visto pelo mercado de trabalho como empregável para atividades de curta duração e mais facilmente passível de demissão (CASTEL, 2005, p. 528): "existe uma mobilidade feita de alternâncias de atividade e de inatividade, de virações provisórias marcadas pela incerteza do amanhã. É uma das respostas sociais apresentadas à exigência de flexibilidade".

Sennett (2008, p. 27) caracteriza a sociedade como composta por episódios e fragmentos e aponta "a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego", como características da trajetória profissional atual. Leccardi (2005, p. 45), por sua vez, traz a noção de "presente estendido", a qual é útil para caracterizar a falta de planos futuros concretos por parte dos jovens aprendizes, como as entrevistas indicaram, além da possibilidade de postergar sua entrada no mercado de trabalho, pois alguns aprendizes são apoiados pela família a se dedicarem aos estudos:

> [...] o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição de acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar) (BOURDIEU, 2005, p. 76).

Bourdieu (2005) denomina como "descontinuidades brutais": o tudo ou nada entre os estudos e a profissão dá lugar a passagens por evoluções insensíveis e infinitesimais (diversas formas de ocupações temporárias). A instabilidade estrutural da representação da identidade

social e das aspirações, que nada tem de pessoal, remete os agentes do âmbito da crise e da crítica sociais para o âmbito da crítica e crise pessoais. Júnior (21 anos, SENAI), por exemplo, colocava em si mesmo parte da culpa por não ter sido efetivado pela empresa: "*eu tava com receio ainda, eu não tava confiante no que eu tava fazendo. Eu acho que isso foi um dos fatores de eu não conseguir a vaga, né? Acho que foi um dos fatores. Eu precisava ter mais determinação*".

Em relação aos aprendizes do CIEE, estes entram em um setor bastante precarizado (comércio e serviços), com grande rotatividade, baixa remuneração e baseado em Arcos Ocupacionais, enquanto que os jovens do SENAI, além de alguns serem privados da prática (Júnior, Flora e Maria), encontram dificuldades de permanecer no mercado de trabalho: aprendizes como Júnior, Everton e João, na segunda entrevista, relataram ter encontrado dificuldades de ingressar na área de mecânica. De acordo com Dubar (2005), é na confrontação com o mercado de trabalho que se situa a implicação identitária mais importante dos indivíduos da geração da crise.

> É do resultado dessa primeira confrontação que dependerão as modalidades de construção de uma **identidade "profissional" básica** que constitua não somente uma identidade no **trabalho** mas também e sobretudo uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória de **emprego** e a elaboração de uma lógica de aprendizagem, ou melhor, de **formação** (DUBAR, 2005, p. 149, grifos do autor).

De acordo com Leccardi (2008, p. 48-49): "a continuidade biográfica torna-se, assim, fruto da capacidade individual de construir e reconstruir, sempre de novo, molduras de sentido, narrativas sempre novas, a despeito da moldura temporal presentificada". Aqui identifico um diálogo com Dubet (1996) e a noção de *experiência social*, através da qual os indivíduos devem construir o sentido de suas práticas.

Nessa direção, resgato as seguintes falas:

> *Eu sei que talvez se eu não tivesse entrado no SENAI, talvez se eu não tivesse sido a aluna que, não me gabando, mas que eu sei que eu fui, eu não tivesse despertado o olho do meu professor e ele: "Não, eu vou indicar essa menina aqui. Ela vai começar a trabalhar". Talvez se eu não tivesse entrado lá eu não estivesse aqui hoje, né? Talvez eu tivesse em casa, não tivesse trabalhando ainda. Então eu acho que foi importante* (Diana, 19 anos, CIEE).

> *Se eu tivesse continuado [na escola técnica], não tivesse trabalhado, eu acho que eu taria mais pra baixo do que pra cima, entendeu? Hoje eu tô pra cima na questão, assim, ampla do mundo, entendeu?* (Pettros, 20 anos, CIEE).

Em sua primeira entrevista, Larissa (perfil 9) destacou que era comum algumas empresas oferecerem vagas de aprendizagem falsas na *internet*. Na verdade, ofereciam cursos pagos e, ao final, garantiriam apenas a participação em uma seleção de emprego através da qual o jovem poderia ou não ser contratado. As empresas se utilizam da situação de "deriva" ou "trajetórias descontínuas" em que se encontra boa parte dos jovens ("candidatos à inserção") para conseguir mais lucros, enganando-os. Aqui faço a seguinte pergunta: onde fica a ética empresarial?

Segundo Maria Ester de Freitas (2005, p. 25):

> O discurso ético surge para legitimar a empresa como o novo sagrado da sociedade moderna, assumindo uma responsabilidade parcial, mas que pretende ser ilimitada. A racionalidade instrumental tende a perverter todos os demais valores sociais e transforma seres humanos em coisas e as relações sociais em relações entre mercadorias.

Quanto à socialização, Dubar (2005) a concebe como um processo de construção de identidade, de pertencimento e relação. Abrantes (2011), por sua vez, compreende a socialização como uma transação, pois esta ocorre através de interações, atividades e práticas sociais, sendo regulada por emoções, relações de poder e projetos identitário-biográficos, em uma relação dialética: os indivíduos produzem a sociedade e, ao mesmo tempo, são produzidos por ela. Uma perspectiva próxima a de Abrantes é a de Lahire (2004), pois este destaca que desde que nascemos estamos submetidos às forças e contraforças internas (disposicionais) e externas (contextuais) que influenciam como sentimos, pensamos e fazemos.

Em relação aos princípios de socialização, segundo Lahire (2004), ocorrem situações heterogêneas, concorrentes e até mesmo contraditórias. Nesse sentido, temos como exemplo os casos dos aprendizes: Pettros (perfil 3), que apresentava contradições entre suas escolhas e as expectativas de sua avó; e Diana (perfil 7), que vivia uma contradição entre seu projeto de ser psicóloga e seu campo de possibilidades, o qual ainda não permitia sua inserção na área, levando-a a fazer o tecnólogo em logística.

Outra contradição que pude perceber foi a relevante quantidade de jovens universitários participantes dos Programas de Aprendizagem investigados. A partir da análise do questionário, identifiquei que a maior parte dos aprendizes do SENAI possuía o ensino médio completo, sendo poucos a frequentarem o ensino superior (11%). A maior parte dos entrevistados que frequentavam o ensino superior eram do CIEE (37% dos respondentes). Acredito que isso seja um reflexo do comum dilema em optar entre curso técnico ou

superior[82], e que pelo fato de o curso de aprendizagem oferecido pelo SENAI ter nível técnico, acabe "acomodando" o aprendiz em seus projetos de formação profissional, pois este já os "garante" uma profissão. Por outro lado, como os cursos do CIEE eram apenas de qualificação profissional, talvez estimulasse os jovens a melhorarem seu nível de instrução.

Dentro da lógica atual do capital, o discurso da "empregabilidade" difunde a ideia de que o indivíduo precisa se capacitar para melhor competir no mercado de trabalho, ou seja, atualmente é preciso saber "vender e se vender", mobilizando um capital pessoal e uma competência técnica (CASTEL, 2005). Para Dubar (2009), a empregabilidade consiste em manter-se em estado de competência, de competitividade no mercado, segundo uma lógica empresarial de "maximização de si", a qual tem como características a flexibilidade e a responsabilização individual. Os casos de Júnior – que se culpava por não ter ido bem na empresa – e Fábio (perfil 1) – que buscava se qualificar para permanecer no mercado de trabalho vão no sentido da garantia da "empregabilidade". Velho (2006, p. 44) afirma que "o fato é que a participação no mundo do trabalho, a profissionalização, está associada a determinadas crenças sobre mérito, esforço, disciplina, responsabilidade e, por que não, sucesso e poder". A fala de Júnior (21 anos, SENAI) a seguir, reproduz o discurso da "empregabilidade", quanto à responsabilidade individual em adquirir competências:

> *A única porta pra você ter uma vida... vamos dizer... estável, do jeito que você quer, querer ter as coisas que você quer, é estudando, entendesse? É fazendo curso, é buscando porque se você quiser esperar coisa do céu não cai, não. Só cai chuva e de vez em quando avião (risos).*

Outro trecho relevante é o de Larissa (19 anos, CIEE): "*hoje em dia o mercado tá cada vez mais competitivo, né? Hoje em dia, no mínimo, você tem que ter seis meses de experiência pra trabalhar*".

Todavia, Castel (2005) aponta que não há relação direta e necessária entre qualificação e emprego. O que ocorre, de fato, é a possibilidade de *não-empregabilidade* dos qualificados ou, o que é ainda mais grave, uma elevação do nível de qualificação dos desempregados. Isso se confirma quando observamos a taxa de efetivação dos jovens aprendizes entrevistados: menos de 10%. Esse dado aponta que a "finalidade primordial do contrato de aprendizagem", qual seja, capacitar o aprendiz a ingressar no mercado de trabalho, na realidade, em muitos casos, está sim sendo frustrada.

Outro aspecto importante é a pouca relação entre a área da experiência de aprendizagem e a área do curso superior desses jovens ou de suas escolhas de profissão, o que

[82] Ver: https://www.pontorh.com.br/curso-tecnico-superior-como-decidir/

aponta que a experiência de aprendizagem profissional, embora seja importante – para nove dos 15 aprendizes entrevistados a experiência na empresa foi bastante importante para sua formação ou para suas escolhas profissionais –, não é determinante para as escolhas, projetos e identidade profissionais dos jovens. Os aprendizes que apresentaram um vínculo entre o curso de aprendizagem e a escolha profissional foram, em sua maioria, do SENAI.

Assim como acontece com o curso de aprendizagem, o curso superior também não garante que o aprendiz pretenda seguir a área. No questionário identifiquei uma jovem que fazia graduação em administração, mas não havia decidido a profissão que desejava seguir. Quanto aos entrevistados acontecia o mesmo com Diana (perfil 7).

A concepção de Dubet (1996) de *experiência social* se mostrou fundamental para compreender essa questão, pois, para o autor, a experiência social é algo inconcluso. As condutas individuais e coletivas são dominadas pela heterogeneidade de seus princípios constitutivos. Os indivíduos é que constroem o sentido de suas práticas diante dessa heterogeneidade. Nesse contexto, a identidade do indivíduo não mais se assenta em qualquer princípio fulcral porque o princípio passa a ser a experiência "autêntica" do sujeito. O indivíduo faz suas escolhas a partir das oportunidades que surgem.

Diante desse contexto, decorre uma norma coletiva destinada predominantemente aos jovens: "construir a própria identidade profissional mediante o percurso de atividades. O fato de muitos não conseguirem e não terem acesso ao reconhecimento que esperavam constitui um dos elementos mais preocupantes de uma crise de identidades particularmente dolorosa" (DUBAR, 2012, p. 355).

Estudos da sociologia das emoções demonstram a ligação entre emoções positivas (confiança, segurança, satisfação) e a confirmação da identidade na interação ou à mobilidade social ascendente. Assim como a negação da identidade e a mobilidade social descendente levam a emoções negativas, levando a ciclos de depressão, vergonha, embaraço, agressividade, raiva etc (ABRANTES, 2011a).

Ao longo da vida, diferentes "[...] vínculos vão constituindo fontes (emocionais) decisivas para a reconstrução dos processos de socialização-individualização [...]" (ABRANTES, 2011a, p. 134), ou seja, as emoções positivas são indutoras de uma socialização por identificação. Por outro lado, as emoções negativas produzem uma socialização por distinção.

No caso de Paula (19 anos, CIEE), por exemplo, houve um processo de socialização por identificação, pois ela escolheu sua profissão a partir das emoções positivas despertadas pela vivência no setor de RH da empresa: "*eu disse: 'já sei o que eu quero estudar'*"; "*lá eu*

sou valorizada". Enquanto que no caso de Kaio (20 anos, SENAI) ocorreu uma socialização por distinção, pois este levava em conta o risco à sua integridade física em seu trabalho na empresa: "*foi um incentivo pra não trabalhar na área*".

Dubar (2012) afirma que as atividades que possibilitam uma identificação positiva são: a) escolhidas (ou assim entendidas), b) autônomas e c) abertas para carreiras. Tais atividades não se resumem à questão econômica, mas possuem uma dimensão simbólica relacionada à realização de si e ao reconhecimento social, o que garante também uma continuidade de trajetória. Nesse sentido, retomo a fala de Everton (20 anos, SENAI): *"[A mecânica] é uma área que eu quero seguir. Não é pelo dinheiro. É porque eu gosto. Quando a gente faz o que gosta o reconhecimento vem gradativamente. Vem automático"*.

A atividade de aprendizagem, pelo que pude perceber: 1) não é necessariamente escolhida pelos jovens, mas sim surge, na maior parte dos casos, como uma oportunidade de adquirir experiência, melhorar o currículo e conseguir alguma renda em seu restrito campo de possibilidades; 2) em outros casos, apesar de considerarem como suas escolhas pessoais ou autônomas, alguns jovens foram de alguma forma influenciados por familiares a ingressarem seja no curso de aprendizagem ou no ensino superior (como Pettros, Fernando e Breno, por exemplo); e 3) por fim, a possibilidade de desenvolver uma carreira a partir da experiência de aprendizagem é válida principalmente para o SENAI, devido ao curso de aprendizagem ser de nível técnico.

Dubar (2012, p. 354) afirma que:

> É por e em um processo específico de socialização, ligando educação, trabalho e carreira, que essas identidades se constroem no interior de instituições e de coletivos que organizam as interações e asseguram o reconhecimento de seus membros como "profissionais".

O Gráfico 57 ilustra o quanto é difícil a mobilidade ascendente para os aprendizes, pois estes se encontram no nível mais baixo da escala funcional, inclusive abaixo dos estagiários, os quais também se encontram em uma fase de aprendizagem e formação.

Gráfico 57 – Carreira em linha ascendente

Fonte: https://peopleandresults.wordpress.com/2013/04/18/carreira-em-y-e-retencao-de-talentos/

Segundo Dahan-Seltzer (2008), os espaços de formação se configuram como lugares de construção da identidade, entretanto, identifiquei certa dificuldade por parte dos entrevistados em definir "o que é ser aprendiz" (apêndice B), embora estivessem próximos do final da experiência de aprendizagem profissional e alguns estarem em seu segundo curso de aprendizagem. A questão foi respondida de forma bastante vaga e superficial, apresentando hesitações, reticências ("*agora tu me pegasse*"), dúvidas e muitas vezes respostas óbvias ("*é aprender*") por 10 aprendizes. Apenas cinco apresentaram respostas mais elaboradas, o que indica que houve pouca reflexão por parte dos entrevistados sobre a sua própria participação no Programa.

Em alguns casos, como os de Flora e Aryane (perfis 15 e 8, respectivamente), a falta de atuação nas suas respectivas áreas estava, de certa forma, constituindo-se como um entrave no que diz respeito à identificação com a profissão. Ambas indicaram a necessidade da experiência prática para sua definição sobre a permanência ou não na área. Embora Flora, em um primeiro momento, tenha decidido seguir a profissão de PCM (Planejamento e Controle da Manutenção), disse que esperaria a prática na empresa para saber se seguiria a área (*"por enquanto o que tá vivo é a mecânica. Mas se eu vivenciar a prática ou eu ver que não é isso, aí eu volto pra pensar em fisioterapia"*). O mesmo acontecendo com Aryane e a expectativa de experiência na área de gastronomia ("*aí agora eu vou tá trabalhando na minha área mesmo, de gastronomia, pra ver se eu gosto da área, tudinho, e se caso eu não gostar eu*

pretendo fazer a faculdade de nutrição"). Percebo aqui novamente o quanto a experiência "autêntica" do sujeito (DUBET, 1996) é importante para sua identificação.

No espaço formativo o indivíduo é confrontado em três níveis: 1) cognitivo (aprendizado de novos saberes); 2) social (novas normas e valores do grupo); e 3) profissional (transferência de aquisições da experiência na situação profissional) (DAHAN-SELTZER, 2008). Nesse sentido, os aprendizes que não tinham uma prática frequente na empresa (Júnior, Flora e Maria) eram privados de desenvolver os níveis social e profissional, os quais necessitam das vivências da empresa e do contato (capital social) com os funcionários mais experientes: "*a gente deveria ter mais aulas práticas. Isso daí ia ajudar muito a gente na empresa*" (Júnior, 21 anos, SENAI).

> Ora, fica patente que a identidade dos indivíduos passa, quase sempre, por uma forte vinculação a um *grupo de pares* que, de diversas formas, reforça certas crenças e valores. A identidade se constrói, classicamente, por contraste com outros indivíduos e/ou grupos [...]. A autopercepção, portanto, é fortemente filtrada pelo olhar do grupo, do *network*. A *subjetividade*, a vida interior, as opções mais íntimas são marcadas por um *ethos* em que a *sociabilidade* assume um tom caracteristicamente marcante (VELHO, 2006, p. 88).

Nessa direção, Dubar (2005, p. 324) traz as noções de identidade para si e identidade para o outro. Em sua perspectiva, o reconhecimento de si mesmo necessita do reconhecimento do "outro": "o reconhecimento é o produto de interações positivas entre o indivíduo que visa sua identidade 'real' e o outro significativo que lhe confere sua identidade 'virtual'". Por outro lado, o não-reconhecimento resulta de "interações conflituosas, de desacordos entre identidades 'virtuais' e 'reais'".

Diante disso, pude perceber que os aprendizes do SENAI apresentaram uma relação mais explícita de pertencimento com grupos de referência da área do curso de aprendizagem. Isso se dá também, porque, aparentemente, há o contato com profissionais experientes da área no ambiente de trabalho, os quais, em sua maioria, trocam conhecimentos e experiências com os aprendizes. A fala de Fábio (20 anos, SENAI) ilustra bem a possibilidade de aprendizagem com os profissionais efetivos da empresa quando se refere às duas experiências que já havia tido em empresas, inclusive afirmou que aprendeu bastante com um mecânico durante os breves 15 dias do primeiro estágio: *"o mecânico de lá também me ensinou muita coisa sobre as máquinas de lavanderia. Deu pra aprender um bocado"*. Outro que destacou a importância da prática foi Breno (perfil 5), inclusive a troca de experiência com os profissionais da área:

> *Experiências proveitosas ao extremo. Porque conseguimos arrecadar uma gama de conhecimentos inexplicáveis, que apenas a sala de aula, ela não nos traz isso. Apenas a vivência propriamente dita nos possibilita conseguir.*

> *Foi bem proveitoso. Temos uma troca de experiência com os profissionais da área bem legal.*

Para que a aprendizagem profissional atinja seu objetivo que é preparar "o jovem para desempenhar atividades profissionais e ter capacidade de discernimento para lidar com diferentes situações no mundo do trabalho" (BRASIL, 2014b, p. 11) é preciso oferecer condições propícias para que o jovem passe pelo que Dubar (2009) denomina como "aprendizagem experiencial", na qual o indivíduo extrai saberes de sua experiência através do contato direto do *self* com o outro, com o mundo e com o si mesmo. É um processo de aprendizagem que parte da ação para voltar a ela, sendo uma experiência interior e reflexiva. É a partir de uma aprendizagem experiencial que se pode construir uma identidade reflexiva que dá sentido a uma prática social na qual se tem sucesso: *"consigo aplicar algumas experiências de sala na empresa e vice-versa, vendo a realidade de cada uma delas"* (homem, 21 anos, SENAI); *"porque querendo ou não é diferente. A gente aprende de um jeito na escola, aí quando vai pra prática é... é algo totalmente diferente* (Fábio, 20 anos, SENAI).

Alguns aprendizes do SENAI-PE ressaltaram que conheceram várias áreas da mecânica por meio do curso de aprendizagem: "*eu me deparei que dentro do curso técnico tem várias matérias, várias matérias que dentre essas matérias a gente pode escolher alguma pra seguir carreira. Então supriu bastante a expectativa em relação ao estudo"* (Kaio, perfil 10).

Nessa direção, é fundamental que a prática esteja ligada a uma prática social ou a uma "paixão" intelectual ou pessoal, um "projeto de vida para si". Daí é possível contrastar com os casos em que os aprendizes fazem o curso por questões meramente instrumentais (experiência, currículo e dinheiro) o que, obviamente, não se constitui como uma aprendizagem experiencial.

Não identifiquei o mesmo em relação aos aprendizes do CIEE-PE, os quais não possuíam a área de formação como uma referência identitária, nem indicaram um nível significativo de pertencimento à área profissional em que trabalhavam. Um indício nesse sentido, e que se repetiu em algumas respostas dos aprendizes, foi o fato de não saberem exatamente o nome do curso de aprendizagem que faziam, o que era um reflexo de o curso ficar "disperso" no emaranhado dos Arcos Ocupacionais. No questionário, por exemplo, Pettros (perfil 3) colocou o nome "atacado e varejo" ao invés de "comércio e varejo". Outras respostas foram "auxiliar administrativo" (no lugar de "ocupações administrativas") ou apenas "CIEE".

Acredito que tais configurações têm relação direta com os princípios destacados nas distintas formações profissionais oferecidas pelas duas instituições. Sendo o SENAI uma entidade formadora que foca nos conteúdos técnico-operativos, enquanto que o CIEE enfatiza conteúdos ético-disciplinares. Além disso, os cursos de aprendizagem do SENAI têm uma estreita relação com áreas de atividade mais reconhecidas e estabelecidas (embora sejam setores de *status* pouco valorizados) em relação à formação oferecida pelo CIEE, a qual não necessariamente está vinculada a uma profissão reconhecida socialmente e sim "dispersa" em meio às nomenclaturas dos Arcos Ocupacionais. Segundo Bourdieu (2005, p. 144), a terminologia social (profissões, entre outras) se constitui como objeto e principal instrumento da luta simbólica entre as classes pela definição do mundo social. Nesse sentido, a questão do irreconhecimento é algo proposital:

> Assim, a luta de classificações é uma dimensão – mas, sem dúvida, a mais bem oculta – da luta de classes. Se não há taxinomia – tratar-se-ia das categorias empregadas para julgar as obras de arte – que remeta, em última instância, à oposição entre as classes, essa relação é tanto menos aparente quanto mais autônomo é o campo no qual esses sistemas de classificação são produzidos. O efeito propriamente ideológico do irreconhecimento resulta da transformação que cada campo impõe às classificações originárias e, ao mesmo tempo, à forma irreconhecível que reveste aí a luta de classificações.

Nesse sentido, procurei realizar uma análise crítica em relação aos modelos de aprendizagem profissional adotadas pelo CIEE-PE e SENAI-PE.

Diante da análise dos currículos dos cursos de ambos os Programas de aprendizagem, pude perceber que a formação do CIEE-PE privilegia aspectos ético-disciplinares (atitudinais), por ser um curso de qualificação, enquanto que o SENAI-PE privilegia conhecimentos técnicos (cognitivos).

As falas de alguns aprendizes do CIEE sobre a importância das aulas teóricas na instituição formadora, por exemplo, apontam para a predominância de aspectos ético-disciplinares na formação oferecida pela entidade:

> *Saber falar, saber ouvir, saber ter paciência* (Paula, 19 anos).

> *Eles preparam muito bem os jovens pra começar a trabalhar na empresa. E como era primeiro emprego, ali eu aprendi tudo: ética, a como você trabalhar, o ambiente de trabalho, a como tratar o cliente* (Aryane, 21 anos).

> *Os três meses foi só aula mais do caráter, social e tal. Isso contribuiu, mas tem aulas que não contribui* (Pettros, 20 anos).

> *Ter responsabilidade com meus horários* (Diana, 19 anos).

> *Ser uma pessoa melhor pra sociedade* (Larissa, 19 anos).

Larissa fala em “temas transversais” que são trabalhados ao longo do curso (meio ambiente, trabalho e cidadania, preconceito, culturas juvenis etc.). Vale ressaltar uma diferença sutil, mas significativa, presente nas respostas dos aprendizes ao questionário: os do CIEE justificaram o atendimento de suas expectativas pelo desenvolvimento profissional **e pessoal** proporcionado pelo curso do CIEE, enquanto que os do SENAI apontaram o desenvolvimento profissional, apenas, o que se constitui como um reflexo dos distintos enfoques das formações oferecidas pelas instituições.

Diante da análise dos dados do questionário foi possível construir os perfis dos jovens aprendizes participantes dos Programas de aprendizagem de ambas as instituições pesquisadas, embora muitas características fossem comuns. O público atendido pelo CIEE apresentava o seguinte perfil: eram maioritariamente do sexo feminino, com uma média de 18,9 anos e essa era sua primeira experiência de trabalho. Enquanto que os jovens do SENAI eram predominantemente do sexo masculino, em média com 20,3 anos e essa não era a primeira experiência de trabalho.

Todas as jovens entrevistadas do CIEE eram universitárias (Larissa, Paula, Diana e Aryane) e as do SENAI faziam um curso tido como “masculino” (Flora e Maria), o que demonstra o quanto as mulheres estão ocupando espaços cada vez mais relevantes na esfera educacional e no mercado de trabalho, não se sujeitando apenas aos papéis domésticos. Segundo Flora (perfil 15), “*eu posso trabalhar, morrer na rua, mas trabalhar em casa é horrível. Melhor trabalhar não-remunerado, numa empresa, do que ficar trabalhando em casa, de escrava. Cuidar de filho, cuidar de casa, fazer comer, não sei o quê, cansa muito mais do que a gente que tá na rua”*, embora a divisão sociossexuada ainda atue dentro da própria área de mecânica, por exemplo.

É preciso caracterizar o instituto da aprendizagem profissional como uma das “formas particulares de emprego” (CASTEL, 2005) presentes no toyotismo, o qual necessita cada vez menos do trabalho estável. É um tipo de “emprego ajudado”, em certo sentido, pois as empresas recebem incentivos por contratarem aprendizes, embora seja uma obrigação legal.

As políticas de inserção (como a Lei n. 10.097/2000) acabam por consolidar uma situação de “instalação no provisório como modo de existência”, pois a inserção deixa de funcionar como uma *etapa* e passa a ser um *estado* (“estado transitório-durável”, “posição de interino permanente”, “inserido vitalício” ou “candidato à inserção” nos termos de Castel, 2005).

É nesse contexto que o instituto da aprendizagem profissional ganha destaque, pois o contrato de aprendizagem não gera vínculo empregatício com a empresa e o tempo máximo de contrato é de dois anos, caracterizando-se como mais uma "viração provisória" marcada pela incerteza do amanhã, pois não há garantia de efetivação por parte da empresa após o fim do contrato de aprendizagem, como os dados apontaram. Casos como os de Diana, Everton, Flora e Fábio, por exemplo, indicam que eles haviam utilizado o instituto da aprendizagem não como uma *etapa* (que o próprio MTE, defende como princípio da Lei da Aprendizagem), mas como um *estado* (CASTEL, 2005), pois já estavam em seu segundo contrato de aprendizagem e, o que é ainda pior, em áreas diferentes, o que aponta para a falta de continuidade entre a experiência de aprendizagem e a inserção posterior no mercado de trabalho (são, portanto, nos termos de Castel, 2005, "candidatos à inserção").

O Manual do Aprendiz (CRUZ et al., 2006b, p. 37) apresenta uma recomendação importante para o aprendiz a respeito das formações teórica e prática: "leve questões e observações de um espaço para o outro". Entretanto, o modelo de aprendizagem do SENAI não permite o movimento teoria-prática e prática-teoria, isto é, a aprendizagem experiencial nos termos de Dubar (2009). A instituição formadora pode oferecer três formas de prática: *concomitante*, *intercalada* e *sequencial à fase escolar*. Porém, quem define a forma como será realizada a prática é a empresa, independentemente das demandas dos aprendizes. Flora, Júnior e Maria, por exemplo, eram da mesma empresa, a qual praticava o terceiro tipo de prática. Diante das falas e acompanhamento de suas trajetórias, pude constatar o quanto esse modelo de prática é prejudicial para a formação, construção identitária, escolhas e projetos profissionais desses jovens.

Nesse modelo, como a prática fica mais concentrada no final do curso (embora, em alguns casos, haja idas esporádicas à empresa), não há como trazer dúvidas, questões, compartilhar experiências da prática nas aulas teóricas, diminuindo, assim, a qualidade da formação. Além de se acumular muito conhecimento teórico para colocar em prática de uma só vez, como relatado por Júnior (perfil 2): *"o meu 'padrinho' jogou a responsabilidade assim em mim pra eu aprender tudo de uma vez só, em um mês só"*. Se o aprendiz encontrar dificuldades na empresa, como vai tirar as dúvidas? Apenas no ambiente de trabalho? Kaio (perfil 10), por exemplo, relatou problemas na empresa referentes aos riscos de acidentes e não exercer a função devida, o que vai de encontro à Lei da Aprendizagem que define que a empresa deve proporcionar atividades compatíveis com o desenvolvimento físico, moral e psicológico do aprendiz e do princípio da aprendizagem, segundo o ECA, que é a proteção integral à criança e ao adolescente. Cabe aqui a pergunta: as empresas se preocupam apenas

em cumprir a Lei? Everton (perfil 13) apresentou uma resposta para essa questão: "*as empresas... elas tão contratando aprendiz só porque é obrigatório, entendesse? Não tão contratando aprendiz com o intuito que a Lei foi criada*". Na concepção de Flora (perfil 15): "*a princípio [ser aprendiz] é ser menos custos de impostos na empresa [...] as empresas hoje em dia só começou a ter jovem aprendiz por causa de custo, de... imposto. A gente na empresa é isso*".

Maria Ester de Freitas (2005, p. 26) ressalta que:

> O homem deve voltar a ser a preocupação central e não apenas um elemento do discurso que o aplaude, enquanto as ações o degradam. No estágio atual, não vemos nas empresas uma saúde moral consolidada, mas o esboço de uma moralidade restrita que precisa obedecer aos critérios de rentabilidade e capitalizar dividendos de imagem pública.

Nesse sentido, acredito ser necessário contrastar a aprendizagem profissional no plano do discurso e como esta se dá na realidade, pois geralmente se apresenta como uma panaceia para os problemas comuns à população jovem.

Uma primeira questão é a concepção de que a aprendizagem "permite às empresas formarem mão-de-obra qualificada", ou dentro da "cultura da empresa". Diante dos dados, isso se constitui como um mito, pois os dados indicam que as empresas, na maioria dos casos, não têm interesse na permanência do(a) aprendiz após o fim do contrato de aprendizagem. Dahan-Seltzer (2008) destaca que a ideia de formar o trabalhador dentro da "cultura da empresa" acarreta a perda do sentido do trabalho.

Outro aspecto é acreditar que a aprendizagem "estanca a evasão escolar. Prolonga a permanência do jovem na escola". Pettros (perfil 3), por exemplo, teve que desistir da escola regular por não conseguir dar conta do curso de aprendizagem e da escola.

Além disso, "diminui o número de jovens em situação de risco. Viabiliza a prevenção social do crime e da violência", como reproduzido por João (perfil 14):

> *Mas menor aprendiz pra menino que não tá... o que fazer, na rua, sei lá, que aparecer uma vaga de menor aprendiz é muito importante. Isso ajuda muito, tirar... como tá o mundo de hoje...não fazer coisas erradas. Isso aí ajuda muito você seguir no mercado de trabalho, abrir a mente pra... pra vida, né?*

Contudo, a trajetória interrompida de Henrique (perfil 12) vai de encontro a essa afirmação, pois mesmo passando pela experiência de aprendizagem e adquirindo um curso de qualificação profissional ainda assim não evitou a sua reincidência.

O site do *Programa Aprendiz Industrial*, do SENAI, afirma que "os alunos vivenciam o mundo real de trabalho" e que "as chances de ser efetivado são grandes". Mais uma vez os dados não vão nesse sentido. Basta observar o baixo índice de efetivação de aprendizes: "*o*

ramo tá difícil mesmo" (João, perfil 14); "*Eu só queria ter exercido minha função, mas infelizmente teve alguns contratempos aí e eu não fui selecionado, mas bola pra frente*" (Júnior, perfil 2).

Cabe ressaltar que Júnior e Everton planejavam fazer novamente o curso de mecânica ("*até agora pra eu pegar meu certificado eu acho que tá difícil, tá difícil. É até 2019, então... eu acho que não vai dar, não. Mas se não der eu faço outro lá na frente*" Júnior), visando aumentar suas chances de inserção na área, o que não foi possível apenas com o curso de aprendizagem profissional. Nesse sentido, cabe a questão: vale a pena esse tipo de experiência de aprendizagem? Júnior, por exemplo, não se sentia confiante em exercer a função de mecânico, pois teve pouca prática no SENAI e quando foi à empresa não teve uma aprendizagem experiencial, embora colocasse uma parcela da culpa do "fracasso" em si mesmo, a empresa não teve compromisso com o caráter formativo da aprendizagem profissional.

O SENAI cria "cursos customizados de Aprendizagem Industrial", dependendo das **necessidades da empresa**, ou seja, são cursos "sob medida", o que mais uma vez indica que o foco da Aprendizagem é a empresa, em detrimento das demandas dos jovens em formação. Daí a empresa ter liberdade para definir como e quando será melhor para seus interesses promover a formação prática em suas dependências, isto é, a palavra final é da empresa. Na prática, não é a empresa quem precisa se adequar às exigências da Lei da Aprendizagem e às necessidades de formação integral do jovem, mas sim o processo formativo é que se adapta às exigências da empresa: "é comum o entendimento, no quotidiano prático das empresas, de que os seus compromissos se resumem, na essência, aos seus proprietários e acionistas e aos seus clientes, e que, desde que elas cumpram a lei, tudo mais é possível de ser desconsiderado" (FREITAS, M. E., 2005, p. 15).

A prática profissional na empresa tem um caráter educativo, não se tratando de produção: "*ruim é que você não pode fazer tudo dentro da empresa. Porque você é aprendiz*" (João, perfil 14); "*A gente aqui só tem noção que é nosso trabalho, mas a realidade da gente é que aqui [instituição formadora] é uma escola*" (Flora, perfil 15). Embora, em alguns casos, os aprendizes desempenhem atividades produtivas:

> *A empresa tava botando muita pressão na gente, lá. Aí a empresa exigia lá pra gente ter, "passar de touca", exigia um monte de relatório, ou seja, a gente tinha que se virar nos 30. Tinha que fazer relatório do SENAI e fazer relatório da empresa. E acabou não dando em nada. E o meu "padrinho" jogou a responsabilidade assim em mim pra eu aprender tudo de uma vez só, em um mês só. Aí eu fiquei com responsabilidade de fazer relatório, de*

> *aprender as regras da empresa, de fazer prova pra "passar de touca" pra exercer a função já lá dentro* (Júnior, 21 anos, SENAI).

Kaio, João e Flora foram alguns jovens que demostraram disposição ao empreendedorismo ("*eu não quero tá jogando meu tempo fora pra outra pessoa tá ganhando bastante em cima de mim, com meu trabalho*", segundo Kaio), o que talvez seja uma consequência da formação que tinham sobre a temática "empreendedorismo", tema bastante comum nos currículos de formação profissional atuais, diante da atual lógica do capital. Ambas as instituições, em seus cursos, desenvolviam tal temática: o SENAI, através da disciplina "Desenvolvimento de Projetos Mecânicos", trabalhava as temáticas de *Negociação*; *Padrão de competitividade no setor industrial brasileiro*; e *Técnicas de negociação*. O CIEE, por sua vez, na unidade 3 do Módulo Básico, tinha a temática *Alternativas de geração de trabalho e renda*.

Embora o SENAI priorize os aspectos cognitivos, sua prática é paradoxal, pois predominam os conhecimentos técnicos teóricos, em detrimento dos decorrentes da prática. Foram recorrentes as queixas dos jovens aprendizes da instituição em relação à carga prática insuficiente ao longo do curso de aprendizagem: "*deixa a desejar na prática*"; "*faltou prática dentro do curso, mas tudo em seu conforme*".

É apenas através da prática de trabalho que o indivíduo desenvolve um espírito de grupo ou espírito profissional, pois, segundo Halbwachs (1976, p. 242-243): "todo homem que entra numa profissão deve, ao mesmo tempo em que aprende a aplicar certas regras práticas, deixar-se penetrar por esse sentimento que pode ser chamado corporativo e que é como que a memória coletiva do grupo profissional". Nessa mesma direção, Delbos & Jorion (1984, p. 140) apontam que "não se aprende a profissão em outro lugar senão nas condições práticas de seu exercício".

Em relação a prática de trabalho, grande parte dos jovens experimenta a precariedade e a desqualificação ao ingressarem no mercado de trabalho, embora procure por "bons empregos", ou seja, atividades que lhe agrade, onde pode obter reconhecimento e tenha perspectivas de futuro, o que se constitui, para Dubar (2011), como um "imperativo de profissionalização".

Embora o instituto da aprendizagem tenha como foco a formação e não a produção, alguns aprendizes entrevistados relataram condições e situações de precariedade de sua prática na empresa. A visão de Diana (perfil 7) quanto à aprendizagem era bastante interessante. Para ela (e essa era sua segunda experiência na aprendizagem profissional), ser aprendiz era "*fazer o trabalho de praticamente um funcionário*", era "*tipo um faz-tudo*", "*o*

que precisar, se alguém precisar: chama o aprendiz! Chama o aprendiz! Chama o aprendiz!". Diana, na ocasião da entrevista, estava tirando as férias de outro funcionário, o que vai de encontro aos princípios e objetivos da aprendizagem.

Pettros (perfil 3), por sua vez, definiu o aprendiz como um "quebra-galho": "*sem a função aprendiz a farmácia não anda, [...] porque é sempre o quebra-galho, sempre o que vai fazer alguma coisa, entendesse? Sempre fica ali pra ajudar. Eu acho que é fundamental".* Quando Pettros descreve as atividades que desempenha na farmácia, fica clara a flexibilidade (trabalhador polivalente, multifuncional, flexível) presente em sua função, pois afirma fazer até mais atividades que os demais funcionários, embora não reclamasse disso, nem se sentisse cansado: "*não consigo ficar parado, porque a farmácia é pra lá e pra cá*"; "*eu fiz muito desvio de função lá"*.

Outra questão relevante é que aprendizes como Aryane, Flora e João destacaram certas "limitações" quanto às atividades que podiam fazer na empresa (João: "*ruim é que você não pode fazer tudo dentro da empresa. Porque você é aprendiz, já tá dizendo, você tá aprendendo aquilo ali*", Flora: "*a única parte ruim que eu acho do 'estágio' é porque as empresas têm suas normas de segurança e tal e proíbe, evita muito a gente de fazer as coisas que a gente aprendeu no curso*"), o que priva o jovem aprendiz de realizar determinadas atividades ou frequentar certos setores, algo que pode ser interpretado como um tipo de regalia ("*a gente, no caso, tem alguns direitos a mais*" ou "*eles [os funcionários] conseguem trabalhar mais que a gente*"). O que demonstra também certo desconhecimento por parte dos aprendizes sobre o papel formativo da aprendizagem. Eles veem essas restrições como algo negativo, pois acredito que de alguma forma elas funcionem como empecilhos para o reconhecimento pelos pares dentro da profissão, o que se constitui como algo fundamental para a construção identitária desses jovens. Flora, por exemplo, compara seu campo de atuação enquanto era aprendiz e posteriormente, na ocasião da segunda entrevista, como funcionária efetiva:

> *Agora melhorou bastante. Agora a gente tem autonomia de mexer em máquina. Isso você aprende com o tempo também. Quando tem uma quebra, quando tem uma parada, fazer uma lubrificação. Bota mais em prática algumas coisas do curso.*

Para Dubar (2009), o sentido do trabalho diz respeito à situação de trabalho, à atividade e às relações de trabalho, o auto-comprometimento com a atividade e o auto-reconhecimento com os parceiros, o que pareceu fundamental para alguns aprendizes (Paula: *"lá eu sou valorizada";* Fernando: *"hoje eu me considero um promotor. Aprendi muita coisa dentro da loja"*). Por outro lado, "o não-reconhecimento resulta, ao contrário, de interações

conflituosas, de desacordos entre identidades "virtuais" e "reais" (DUBAR, 2005, p. 324). Pettros, na época da primeira entrevista, por exemplo, não era apoiado/reconhecido por sua avó (figura central em sua vida) quanto à profissão de ator, o que contribuiu para sua desistência da área.

A experiência de aprendizagem profissional, para os aprendizes, era relevante no sentido de adquirir os capitais: **1) econômico** ("*queria conhecer na prática os valores de participação em empresa e queria já ganhar meu próprio dinheiro, pois nunca gostei de depender dos meus pais"*); **2) cultural**, principalmente em seu estado institucionalizado (títulos, diplomas e demais credenciais educacionais): *"hoje em dia o profissional bom é aquele profissional que tem conhecimento em várias áreas, né? Eu quero ter essa visão ampla de tudo que é mecânica"*; **3) social**, por meio de trocas materiais e simbólicas significativas com os funcionários mais experientes, como nos casos de João, Fábio, Breno e Fernando, por exemplo; e **4) simbólico** (garantia do reconhecimento).

Esse último aspecto, o reconhecimento adquirido através de credenciais educacionais, surgiu como relevante para os aprendizes, como ilustrado pelos fragmentos de entrevistas a seguir:

> *Minha meta sempre foi ser reconhecido profissionalmente. Sempre foi, tipo, ter o nome reconhecido no mercado de trabalho. Seja ela de qualquer forma. Agora positivo, né? Sempre reconhecimento positivo. Sempre minha meta foi essa. Sempre.*
> *Porque sei lá, desde de pequeno, sempre eu quis ser... não, que eu não sabia que existia essa profissão, engenheiro, né? Eu era pequeno demais, mas eu sempre quis exercer um cargo assim, ser reconhecido feito eu falei antes. Eu sempre quis ter um reconhecimento profissional. Ter um cargo bom. Aí... foi isso que me incentivou, aí com o curso de eletromecânica incentivou mais ainda* (Fábio, 20 anos, SENAI).

> *Acham bem legal, né? (risos)* [sobre sua escolha pela profissão de *chef*]. *Porque fica todo mundo: "Ah, é a chef, que não sei o quê. Vai cozinhar pra gente", aquelas brincadeiras e eles gostam* (Aryane, 21 anos, CIEE).

> *Eu sempre quis evoluir, sempre evoluir, porque eu não quero me tornar um bom desenhista, eu quero me tornar um dos melhores desenhistas pra que meu nome seja realmente lembrado. E aí isso me leva a investir na profissão de desenho. Então eu tenho que comprar material, tenho que comprar várias coisa* (Kaio, 20 anos, SENAI).

Ainda sobre a busca pelo reconhecimento, alguns aprendizes, como Paula e Everton, por exemplo, justificaram seu desejo de estudar nas instituições formadoras CIEE e SENAI antes mesmo de surgir a oportunidade de aprendizagem profissional, devido a serem instituições reconhecidas,.

> O poder conferido por um diploma não é pessoal, mas coletivo, uma vez que não se pode contestar o poder legítimo (os direitos) conferido por um diploma ao seu portador, sem contestar, ao mesmo tempo, o poder de todos os portadores de diplomas e a autoridade do SE que lhe dá garantia (BOURDIEU, 2005, p. 136).

A questão do capital simbólico aplicado ao reconhecimento também diz respeito ao *status* profissional e à empresa em que os jovens desenvolviam sua prática de trabalho. Um dado relevante nesse sentido, trazido por Breno (perfil 5), era a competição desnecessária entre os aprendizes estimulada por alguns professores em relação à margem salarial, benefícios e níveis de empresa, o que, para ele, era algo desnecessário:

> *Alguns [professores] buscam até prejudicar o aluno, porque acabam causando um pouco de discórdia entre a sala, uma competição desnecessária entre os alunos e como somos uma turma de aprendizes... minha turma tem 20 aprendizes, aproximadamente, de empresas distintas. Acaba criando certa rivalidade por sermos profissionais ocupados e empregados, atualmente contratados, né? Então, alguns incitam essa disputa por margem salarial, por benefícios empresariais, por níveis de empresa. Eu acho isso desnecessário. Mas temos excelentes professores e que são bem capacitados.*

Os aprendizes buscavam o reconhecimento através da qualificação proporcionada pelo curso de aprendizagem profissional, isso porque os títulos escolares (diplomas e certificados) representam títulos de propriedade simbólica que garantem vantagens de reconhecimento, por ser um capital simbólico reconhecido e válido em todos os mercados: "vê-se, imediatamente, que é por intermédio do tempo necessário à aquisição que se estabelece a ligação entre o capital econômico e o capital cultural" (BOURDIEU, 2005, p. 76).

A trajetória de Fábio (perfil 1), por exemplo, seguiu uma continuidade, quando comparo as épocas da primeira e segunda entrevistas, porque, para além do curso de aprendizagem, o jovem investia no acúmulo dos capitais cultural e social dentro da área de mecânica. Júnior (perfil 2), por outro lado, justamente por não possuir os capitais cultural (era o primeiro curso na área de mecânica) e social (nunca havia tido experiência/vivência formal em uma empresa) necessários não permaneceu na empresa. Embora Flora (perfil 15) tivesse apenas o capital social adquirido na própria empresa e isso tenha sido suficiente para sua efetivação.

O conceito de capital social é fundamental para analisar tanto o papel da família quanto a importância da prática na empresa para aprender com os mais experientes.

É possível identificar a referência ao capital social na fala dos aprendizes através da expressão "conhecimento": "*ela já tinha **conhecimento** dentro do escritório lá dentro, pra eu poder entrar*" (Pettros, perfil 3) ou "*minha mãe tem um **conhecimento**, como eu falei, dentro*

da [empresa]" (Fernando, perfil 4). A posse de capital social era importante também para a trajetória e escolhas profissionais dos aprendizes, como é possível identificar nos trechos abaixo:

> *A minha irmã que me incentivou a fazer* [o curso de aprendizagem]. *Ela que conseguiu pra mim. Ela me incentiva em tudo. Se eu quiser fazer um curso e eu não tiver trabalhando ela vai e paga. Sempre ela me incentivou, essa minha irmã. A minha mãe não entende nada, mas minha irmã, ela acha uma área boa, de mecânica. Ela vê lá, sempre me diz fonte de... tipo, um* site *que ela vê que... da mecânica, se atualizou alguma coisa, ela sempre tá por dentro e me dizendo* (Maria, 22 anos, SENAI).

> *Foi ela* [a mãe] *primeiro que me indicou, certo? Eu achei muito bom. Como eu estudo, não atrapalha meus estudos na faculdade, certo? [...] E ela, quando me indicou, eu abracei logo essa ideia dela porque quatro horas não é muito pesado, é uma empresa excelente, certo? Não deixa faltar nada* (Fernando, 23 anos, CIEE).

> *Ela* [a mãe] *nunca me impôs nada, porém, foi quando eu conclui meu 3º ano, ela disse: "Eu consegui uma graduação pra tu". Eu fiz: "Não, mas eu não quero". "Então, tenta. Cursa o 1º período. Se tu não gostar, tu desiste". Eu: "Tranquilo". Aí no 1º período ela me auxiliou no pagamento, foi meio a meio as parcelas e... na metade do 1º período eu já não queria mais outro curso. Então ela me influenciou dessa forma. Me auxiliou* (Breno, 20 anos, SENAI).

Velho (2004) traz as noções de *projeto* (conduta organizada para atingir finalidades específicas) e *campo de possibilidades* (dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos), as quais podem ajudar na análise de trajetórias e biografias, isso porque os projetos individuais se encontram em constante interação com outros dentro de um campo de possibilidades.

Apesar de a maioria dos jovens entrevistados afirmar já possuir planos futuros a respeito de sua carreira profissional, as respostas apresentadas foram bastante vagas, gerais e superficiais (ter família, possuir alguns bens materiais, vida estável etc.). Poucos apresentaram, por exemplo, metas e objetivos concretos, isto é, pautados em ações concretas ou a curto prazo, o que pode indicar o quanto a esfera profissional ainda é repleta de incertezas, devido também às dúvidas em relação à possibilidade de permanência na empresa ou na área após o fim do contrato de aprendizagem. A incerteza em relação ao interesse da empresa na efetivação do aprendiz acaba potencializando a já presente sensação de "deriva no tempo" (SENNETT, 2008) quanto ao futuro profissional dos aprendizes, ou seja, uma mobilidade marcada pela "incerteza do amanhã" (CASTEL, 2005).

Alguns aprendizes apresentavam como plano futuro "*arranjar um emprego fixo*", pois não tomavam o contrato de aprendizagem como um emprego fixo, embora fosse um vínculo

formal: "*agora tenho que procurar **um emprego mesmo**, não de aprendizagem*" (Aryane, perfil 8), isto é, um "verdadeiro trabalho" nas palavras de Castel (2005). Isso porque era um contrato por tempo determinado e não oferecia qualquer garantia de efetivação por parte da empresa, o que se constituía como uma situação de constante instabilidade, por não permitir planos de longo prazo, como uma compra parcelada, por exemplo.

A aprendizagem se constitui como um tipo especial de emprego, o qual não garante qualquer estabilidade. Everton (perfil 13), caso não ficasse na empresa, iria procurar emprego em qualquer área: "*mais importante é tá trabalhando, né?*". Ou seja, a continuidade na área não era o mais importante, embora fosse o mais desejável.

É nesse contexto que Leccardi (2005, p. 51) desenvolve o conceito de "futuro sem projeto", pois diante do contexto de insegurança e risco, os jovens assumem o que a autora chama de "presente estendido", baseado em "projetos de curto e curtíssimo prazo" através de arcos temporais mínimos e bastante maleáveis. O caso de Paula (perfil 11) ilustra muito bem essa situação, pois só pensava em concluir a graduação e o curso de aprendizagem, o que se caracteriza como um "projeto curto" nos termos da autora: "em geral ligadas à conclusão positiva de atividades já iniciadas".

Na modernidade, a capacidade de o indivíduo projetar-se individualmente constitui-se como a fonte primária de identidade e princípio organizador da biografia, isso porque o futuro da modernidade é o futuro indeterminado e indeterminável, governado pelo risco, o que impede a construção de narrativas biográficas (LECCARDI, 2005). Daí a dificuldade que boa parte dos aprendizes entrevistados encontrou em apresentar projetos e planos futuros quanto à vida profissional. As falas de Paula (perfil 11): "*é que você planeja, planeja, planeja, mas no final é tudo diferente*" e de Diana (perfil 7): "*eu não tô vendo tanto além, não*" ilustram muito bem esse aspecto. Os jovens acabam passando o futuro para o presente, em um "presente estendido", nas palavras de Leccardi (2005), como área de governo potencial dos tempos social e individual.

Ou seja, a escolha dos jovens entrevistados por fazer o curso de aprendizagem profissional se deu, na maioria dos casos, diante da oportunidade que apareceu em seu campo de possibilidades.

Quanto às motivações de participar do Programa de aprendizagem, boa parte dos entrevistados ressaltou recorrentemente a importância de poder conciliar estudo e trabalho, ou seja, receber dinheiro para estudar, assim como a questão de adquirir experiência profissional:

> *Você vai ganhar pra estudar. Eu estudava de graça. Eu estudei treze anos da minha vida de graça, sem ganhar dez centavos. Eu agora vou estudar,*

> *saio com um **diploma**, saio com **experiência**. Jovem aprendiz é uma coisa linda. Eu posso trabalhar até 60 anos, me aposentar como jovem aprendiz. Eu queria fazer até os 60, mas até os 24 já tá bom pra mim* (Flora, 19 anos, SENAI).

> *A importância de ter **um currículo bom** pra entrar [no mercado de trabalho], porque hoje em dia o mercado tá cada vez mais competitivo, né?* (Larissa, 19 anos, CIEE).

Vale ressaltar a resposta de um aprendiz sobre sua expectativa não ter sido atendida pelo curso de aprendizagem, embora não estivesse satisfeito com o curso, afirmou valer a pena, pois faria "tudo por uma experiência": "*quando entrei estava bastante empolgado, mas depois percebi que não era tão proveitoso. Mesmo assim não tenho muito o que reclamar. Tudo por uma experiência no meu ver*" (homem, 16 anos, CIEE).

Bonamino *et al* (2010, p. 489-490) afirmam que "a participação em determinados grupos ou redes sociais abre oportunidades de aumentar o rendimento do capital social e dos investimentos escolares, na forma de benefícios simbólicos (status ocupacional, por exemplo) ou na forma de benefícios salariais".

Embora a questão financeira pese bastante no fato de estarem participando do Programa ("*foi a bolsa do curso de mecânica*"), não foi o fator determinante para a escolha da profissão de 11 aprendizes dentre os entrevistados:

> *Lá [no trabalho voluntário de entrega de alimentos a moradores de rua] a gente vê bastante profissionais que foram pelo dinheiro e não deram certo, né? Então, só pelo dinheiro não vale a pena. Lá a gente já viu fotógrafo, até advogado mesmo que não deram certo e agora tá lá agora na rua. Então quando a gente faz o que gosta o reconhecimento vem gradativamente. Vem automático* (Everton, 20 anos, SENAI).

É interessante destacar que alguns aprendizes do SENAI entrevistados apontaram seu desconhecimento inicial quanto à área de mecânica industrial, pois alguns acreditavam que o curso seria de mecânica automotiva (Júnior, Breno, Kaio e João). Porém, mesmo descobrindo a diferença, permaneciam no curso, o que demonstra o quanto o campo de possibilidades que se apresenta aos jovens é o que, no final das contas, define seus projetos, pois mesmo aqueles que não conheciam a área antes do curso de aprendizagem passaram a ter como projeto seguir a área, como nos casos de Breno e João, por exemplo: "*vim fazer o curso e no continuar do curso eu gostei muito*" (João).

Os projetos são elaborados e construídos a partir de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas, daí ocorrerem mudanças de trajetória tão drásticas como as que aconteceram com Pettros ou Júnior, por exemplo, pois a biografia está

sujeita a periódicas revisões e reinterpretações: “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos” (VELHO, 2003, p. 48).

Os jovens acabam orientando seus projetos através de uma estratégia de “via mediana”, que não impede certa projeção no futuro através de um projeto, mas é maleável o suficiente diante da imprevisibilidade (LECCARDI, 2005). Diante disso, os aprendizes vivem como “nômades do presente”, metáfora utilizada por Melucci (1998) para caracterizar as trajetórias biográficas contemporâneas, marcadas pela tendência à experimentação.

É possível relacionar a ideia de “nômades do presente” com a noção de “precariedade identificante” de Dubar (2009), a qual consiste em uma exploração incessante de um meio profissional, através de experiências curtas, enquanto os “nômades do presente” se baseiam em reflexões *ex post* e não em projetos.

Castel (2005), por sua vez, chama a atenção para um ponto importante, qual seja, mobilidade não necessariamente é sinônimo de precariedade, pois alguns jovens buscam por experiências significativas, o que Dubar (2009, p. 152) denomina por “precariedade identificante”: “conduta de exploração incessante de um meio profissional, por meio de experiências curtas, mas cada vez mais enriquecedoras”, como Fábio (perfil 1), por exemplo, que buscava conhecer de forma mais ampla a mecânica (“*por isso que eu não queria ficar na [empresa da experiência de aprendizagem], porque eu quero ter essa visão ampla de tudo que é mecânica*”); e Larissa (perfil 9), explorando o campo acadêmico na área de pedagogia (*“vai ser pra mim uma carga de experiência muito grande, muito rica, porque eu vou tá aprendendo com uma professora que é formada naquela área que eu tô participando do projeto”*).

Um dos objetivos da minha pesquisa era investigar as motivações e incentivos (pais, amigos, professores etc.) que levaram os jovens aos cursos de aprendizagem profissional. Identifiquei a influência de familiares tanto na participação no Programa quanto nas trajetórias e escolhas profissionais dos aprendizes, em graus distintos, obviamente: em um extremo estão, por exemplo, Pettros e Breno, os quais sofrem grande influência de familiares em suas trajetórias; e no outro Henrique, Larissa, Flora etc., os quais são mais livres nesse sentido.

As categorias temáticas que pude construir a partir da análise das respostas sobre as motivações em participar dos respectivos Programas foram: *Adquirir experiência* (*“tô compartilhando muita experiência que eu já tive e tô recebendo outras experiências”)*; *A questão financeira/salarial (“aprender sobre a área administrativa e principalmente pelo salário que contribuiu para minha permanência na Universidade”)*; *Adquirir*

conhecimento/aprendizado ("*a bolsa e o estudo, podendo adquirir conhecimento e investir em outra atividade*"*)*; e, no caso do SENAI, acrescente-se: *Obter um curso técnico (*"*ter um curso técnico em uma área diferente"*)*; e *Ter uma profissão (*"*primeiramente, né, que você vai ter uma profissão. Recebendo muito ou pouco, é uma profissão*"*).*

Sobre a escolha profissional, Dias e Soares (2007, p. 319) afirmam:

> A ação do sujeito, o que este vai fazer em sua perspectiva de escolha profissional, depende do grau de autonomia e iniciativa alcançado por ele nas diversas relações sociais estabelecidas na comunidade, na família, com os colegas, na escola, nos diversos grupos dos quais participa.

Para Abrantes (2011a, p. 124), "[...] a socialização familiar não é o mero resultado da transmissão dos pais, mas é um produto da interação (implicando conflitos) entre os membros da família, influenciada por diversas instituições (Zuluaga, 2002)". A falta de apoio da avó e a consequente frustração de Pettros no curso de teatro, exemplificam um tipo de conflito.

Percebi que, de forma geral, a figura da mãe era quem estava mais presente na questão do estímulo, acompanhamento e orientação quanto aos estudos e ao trabalho, ficando o pai em segundo plano ou, em alguns casos, completamente ausente nesse sentido, principalmente daqueles jovens que tinham os pais separados (Diana, Larissa, Fernando e Kaio, por exemplo). Vale ressaltar que a maioria dos aprendizes entrevistados possuía os pais separados (9 casos), o que se constitui como uma ruptura biográfica (Lahire, 2004), a qual se mostrou relevante para a compreensão da trajetória dos jovens.

Outro ponto importante foi o fato de os pais e/ou familiares utilizarem exemplos próximos de pessoas da família que foram bem sucedidas através do esforço próprio como incentivo para que os jovens não deixassem de estudar e/ou trabalhar, como Everton (perfil 13): "*dando exemplo, né, de gente que estudaram e hoje em dia é bem sucedido*"; Diana (perfil 7), quando seu pai se apresenta como um exemplo para ela seguir, a partir dos bens materiais que conquistou: "*eu tenho isso porque eu consegui com meu suor, porque eu estudei, porque eu tive dinheiro, eu tentei buscar*"; ou Kaio (perfil 10): "*eu tive o exemplo dela [da mãe], desde pequeno, trabalhando*".

O fato de os pais e/ou familiares pagarem parte ou toda a mensalidade da faculdade de alguns aprendizes (Paula, Aryane) é também uma forma de incentivo aos estudos. Muitos entrevistados pagavam sozinhos a própria faculdade, enquanto outros dividiam as mensalidades com familiares. O salário como aprendiz era fundamental para que isso ocorresse. No caso de Larissa, por exemplo, embora estudasse em uma universidade pública, o salário como aprendiz era essencial para sua manutenção no ensino superior.

Perguntei tanto no questionário quanto na entrevista se o jovem contribuía financeiramente com a família no intuito de identificar se algum aprendiz trabalhava por necessidade econômica ou por imposição por parte de pais e/ou familiares, porém, os dados não indicaram qualquer relação nesse sentido.

A maior parte dos aprendizes entrevistados contribuía financeiramente com a família. Merece uma observação o fato de alguns aprendizes (Fábio, Pettros, Breno, Maria, Diana, Kaio e Paula) destacarem o pagamento da conta de *internet* como um tipo de contribuição financeira. Embora, acredito que o maior interesse na manutenção desse tipo de serviço provavelmente é do próprio jovem.

Larissa sobre o pagamento da *internet*: "*também tô fazendo o pagamento da conta da* internet, *né? Porque é o principal meio que eu tenho de acessar informação: de fazer trabalho e pra fazer também outras coisas relacionadas ao estágio*". Algo parecido com a situação de Flora, a qual passou a arcar com a conta de energia devido à TV e ao ar-condicionado que havia colocado em seu quarto.

Também não identifiquei nos entrevistados uma pressão no sentido de seguir uma profissão específica, embora em alguns casos (Pettros, Fernando e Breno) os pais tenham influenciado em algum nível as escolhas profissionais dos filhos.

O mesmo ocorre quanto aos professores da educação básica. Apenas três aprendizes não se referiram a professores que os incentivaram a seguir determinada profissão, inclusive alguns afirmaram ter pautado sua escolha devido a determinado(a) educador(a) (Fernando e Larissa, por exemplo).

As esferas cultural e esportiva não apresentaram muita relevância nas trajetórias de vida e, especificamente, profissional dos entrevistados. Os poucos que se envolviam em atividades desse tipo, consideravam-nas apenas como um tipo de *hobby*, sem qualquer vínculo com suas carreiras profissionais. O mais próximo que encontrei nessa direção foi o caso de Fernando (perfil 4), o qual teve forte influência do gosto que tinha por atividades esportivas, mas, por outro lado, o fator decisivo foi a atuação dos professores de educação física na escola e não necessariamente a atividade esportiva em si. O caso de Aryane também merece destaque, pois o que, em princípio, era tido como um *hobby* (cozinhar) se transformou em escolha profissional.

Outro aspecto que apresentou pouca influência nas escolhas profissionais dos aprendizes entrevistados foi a participação em grupos, associações e entidades, o que demonstra o quanto as instituições perderam força na construção das subjetividades (SETTON, 2005). Não consegui identificar qualquer tipo de participação efetiva ou

engajamento por parte dos entrevistados nesse sentido, o que dialoga com resultados de outras pesquisas (DUBAR, 2009) que indicam que os jovens não estão tão engajados como em outras décadas. O mesmo dado foi identificado no questionário: a igreja foi a instituição que mais apareceu nas respostas dos aprendizes, porém, a quantidade não foi tão expressiva, além de a maioria não ter uma participação tão efetiva em suas atividades.

A participação em grupos da rede virtual *whatsapp* também não indicou muita relevância nos projetos profissionais, pois, embora tenham sido recorrentes as respostas dos aprendizes entrevistados sobre a existência de grupos de lazer e de trabalho, ou seja, um grupo para conversarem assuntos mais pessoais e marcar encontros, por exemplo, e um grupo voltado para questões profissionais, como assuntos relacionados à empresa em que trabalhavam ou para compartilhar notícias e oportunidades de emprego, nenhum deles deu ênfase a essa ferramenta comunicacional para qualquer aspecto de sua trajetória.

Os formuladores da aprendizagem falam em formar jovens na cultura da empresa, porém, na realidade, percebi mediante as entrevistas que não há esse compromisso por parte dos aprendizes, pois identifiquei uma relação pragmática/instrumental do jovem com a oportunidade de fazer a aprendizagem, pautada, principalmente, na questão financeira, na experiência e na melhoria do currículo.

Também não há compromisso por parte da empresa (a taxa de menos de 10% de contratação dos entrevistados mostra muito bem isso). Júnior (perfil 2), por exemplo, afirma: "*no meio do caminho, passaram pra gente que não tinha vaga pra todo mundo. Aí começou a espalhar todo mundo pra várias outras áreas*". Isso mostra a falta de organização e compromisso por parte da empresa, a qual não promovia uma aprendizagem experiencial. Além de adotar o tipo de prática *sequencial à fase escolar*, a meu ver um modelo que traz prejuízos à formação profissional, não se organizou para dar suporte aos aprendizes e oferecer condições mínimas para proporcionar um aprendizado significativo na empresa. O que é ainda mais grave nos casos de Júnior, Maria e Flora, pois o SENAI deixava a desejar em relação às aulas práticas. Kaio, por sua vez, teve uma experiência pautada pelo risco constante de acidentes, enquanto Pettros fazia "*desvio de função*".

Os aprendizes, diante da situação de *desfiliação* (CASTEL, 2005), encontram na aprendizagem profissional um meio de superá-la, devido à oportunidade de desenvolver uma atividade produtiva, ingressando no mercado de trabalho.

Para os jovens aprendizes do CIEE-PE a experiência de aprendizagem profissional me pareceu ser pouco significativa para suas escolhas e projetos profissionais, pois as profissões escolhidas e/ou áreas de suas graduações tinham pouca ou nenhuma relação com a área de seu

curso de aprendizagem. Em contrapartida, os jovens do SENAI-PE mantinham certa continuidade e coerência entre a área de sua experiência de aprendizagem e seus planos profissionais, optando, em sua maioria, pela área da mecânica ou afins, embora encontrassem dificuldades em concluir o relatório e adquirir a certificação técnica.

Ou seja, a experiência de aprendizagem profissional funciona, para os jovens, como uma "alavanca", "trampolim" ou "atalho" para ingressar no mercado de trabalho ou para adquirir capitais cultural e social. Os trechos de entrevistas a seguir resumem muito bem como os aprendizes, de forma geral, encaram o instituto da aprendizagem profissional:

> *Hoje em dia, no mínimo, você tem que ter seis meses de experiência pra trabalhar em algum local e aqui, como nosso contrato é de um ano e seis meses, a gente já tem uma... já tem um passo à frente, né, pra conseguir uma outra área se caso, por ventura, a gente quiser* (Larissa, 19 anos, CIEE).

> *Porque quem termina o curso, não tem estágio, é muito complicado, mas quem tem seis meses de aprendizado vivenciando uma empresa, ajuda muito, né? Isso aí eu posso ter um diferencial a mais dos que estão saindo, né?*(João, 19 anos, SENAI).

> *Como eu já tenho seis meses... vou botar dois anos de experiência na [empresa da aprendizagem] com bombas, eu posso ter mais um ano de experiência com empilhadeiras, que lá é máquinas empilhadeiras* (Fábio, 20 anos, SENAI).

Diana (perfil 7), mesmo com essa visão, achava importante a experiência de aprendizagem, pois esta permitia "*alavancar*" a carreira profissional do jovem:

> *Eu acho que é importante, principalmente pra, tipo, alavancar. Então, eu preciso disso aqui porque é muito difícil você entrar num emprego e já começar a trabalhar oito horas por dia, ter a carga horária normal de todo mundo. Então eu acho que pra iniciar é importante ter um curso de aprendiz.*

Flora (perfil 15) afirmava que a aprendizagem profissional era "*só vantagem*", pois além de o jovem adquirir um diploma (capital cultural em sua forma institucionalizada) também adquiria experiência (capital social, através das relações com os demais profissionais). Isso reforça meu argumento de que a aprendizagem era tida pelos jovens como um "atalho" para se inserir no mercado de trabalho, o qual não está aberto para aqueles que não possuem um mínimo de qualificação (diplomas, credenciais educacionais) e experiência de, no mínimo, seis meses. Ambos os requisitos eram conseguidos através da experiência de aprendizagem profissional. Percebo que o capital cultural em sua forma institucionalizada era tido como mais importante para os jovens entrevistados do que esta espécie de capital em seu estado incorporado (conhecimentos adquiridos).

Por outro lado, a falta da prática na empresa, de certa forma, constitui-se como um entrave no que diz respeito à identificação dos aprendizes com a profissão, como por exemplo, Flora e Aryane. O trecho da fala de Larissa ("*eu aprendi muita coisa aqui sobre o ambiente de trabalho que eu nunca tinha... que eu nunca tive acesso, nunca ouvi falar, sabe?*") pode ser relacionado com a segunda entrevista de Júnior, sobre a interferência de sua inexperiência em um ambiente de trabalho mais formal no "fracasso" da experiência de aprendizagem na empresa, pois mostra o quanto esse contato com o ambiente de trabalho é relevante para o desenvolvimento dos jovens aprendizes:

> *Faz sim. Faz diferença. Não vou dizer que a culpa foi toda das aulas práticas, mas, sim, a gente deveria ter mais aulas práticas. Isso daí ia ajudar muito a gente na empresa. Até que nem eu disse, eu mesmo que não tinha nenhuma experiência de ser um funcionário da empresa, ia ajudar muito.*

Quanto a Júnior, sua escolha pela profissão de mecânico era anterior ao curso de aprendizagem e, por isso, a ausência da prática na empresa não afetava diretamente a construção de sua identidade profissional. Por outro lado, como ficou claro na segunda entrevista, a ausência de prática associada à impossibilidade de tirar dúvidas com os professores na instituição de ensino, na visão de Júnior, havia prejudicado seu desempenho e a possibilidade de ser efetivado na empresa, justamente por não ter vivência no ambiente de trabalho.

No caso de Maria (perfil 6) também não identifiquei prejuízo à construção de sua identidade profissional devido à falta da prática, pois, assim como Júnior, havia escolhido a profissão de engenheira ainda no ensino médio, diante de sua aptidão para a matemática. Restaria, através da segunda entrevista, investigar se houve problemas na prática na empresa, mas esta não foi possível.

Vale ressaltar que os dados indicaram que o fato de o jovem se identificar com a área e/ou atividade que exerce, não necessariamente afetará seus planos futuros, escolhas e identidade profissionais, o que em princípio, pelo menos para mim, era algo automático e natural. Aqui cabe retomar a fala de Hall (2005, p. 13) a respeito da multiplicidade de identidades:

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Em suma, diante dos dados pude perceber o quanto a dimensão profissional é relevante. Isso porque o emprego condiciona a construção das identidades sociais. Diante das transformações o trabalho leva a mudanças identitárias, assim como a formação interfere na construção da identidade, pois há uma relação significativa entre o acesso ao emprego e a definição identitária do indivíduo.

Nessa direção, os jovens aprendizes, diante da multiplicidade de sistemas de significação e representação cultural, encontram dificuldades de manter uma identificação com a área e/ou atividade que desempenham na experiência de aprendizagem, pois constantemente se encontram à deriva (SENNETT, 2008). Atualmente ainda se mostra bastante relevante a relação entre o acesso ao emprego e a definição da identidade básica do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. **Sociologia**, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 21, p. 121-139, 2011a.

_____. Bolívar, Juárez y Guevara: apuntes sobre socialización e identidad. **Convergencia**, Revista de Ciencias Sociales, n. 57, p. 165-183, 2011b.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

_____. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: _____. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b. p. 33-43.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMADO, João; COSTA, António; CRUSOÉ, Nilma. A técnica da análise de conteúdo. *In*: AMADO, João da Silva (Coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação.** 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

_____. A técnica de análise de conteúdo. **Referência**, n. 5, novembro, 2000.

AMARAL, Ivanete Modesto do. O conceito de experiência social aplicado ao trabalho de jovens diplomados: uma análise na perspectiva de François Dubet. **Revista Brasileira De Sociologia**, v. 4, n. 7, Jan/Jun/2016.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 71-92, jul./dez. 2010.

BERELSON, Bernard. Content analysis. In: LINDSEY & ARONSON. **Handbook of social Psychology**. Reading: Addison-Wesley, 1954.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BEYNON, Huw. The changing practices of work. **International Centre fou Labour Studies:** Manchester, 1995.

BITTAR, Mariana. Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, out. 2015.

BLUMER, Herbert. **El interaccionismo simbólico:** perspectiva e método. Barcelona: Hora, 1982.

BONALDI, Eduardo Vilar. Sistemas e patrimônios de disposições: uma articulação complementar entre Bourdieu e Lahire. In: **XXIX Congreso Latinoamericano de Sociología ALAS, 2013**, Santiago. Acta Científica XXIX Congreso Latinoamericano de Sociología ALAS, 2013.

BONAMINO, Alicia; CAZELLI, Sibele; ALVES, Fátima; FRANCO, Creso. Os efeitos das diferentes formas de capital no desemprenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

BORGES, Carolina de Campos. Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 71-81, jan./mar. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos**, n. 96, jul. 2013.

_____. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

_____. **Escritos de educação.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. A "juventude" é só uma palavra. In: **_____. Questões de sociologia.** Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal, 2003.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas ditas.** São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. What makes a social class? on the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal of Sociology**, v. 32, p. 1-17, 1987.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 3-25.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 227-241, jan./abr. 2010.

BRASIL**. Lei nº 13.420, de 13 de março de 2017.** Brasília, DF: 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13420-13-marco-2017-784447-publicacaooriginal-152114-pl.html>. Acesso em: 12 dez. 2017.

_____. IPEA. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015**, 2016a.

_____. PNAD 2016 - **Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular Para Uso Pessoal,** 2016b.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Disponível em: <http://protagonismojuvenil.inesc.org.br/biblioteca/legislacao/ECA.pdf>. 2014a.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego, MTE. **Manual da aprendizagem:** o que é preciso saber para contratar o aprendiz. 4 ed. Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2014b.

_____. **Catálogo Nacional da Aprendizagem Profissional (CONAP)**. Disponível em:<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A36A27C140137990E9ADEAC7/Informativo20CGPI%20-%20CONAP.pdf>, 2015.

_____. **Portaria nº 1005, de 01 de julho de 2013.** MTE: 2013. Disponível em: <http://www.granadeiro.adv.br/arquivos_pdf/port_1005_020713.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2012a.

_____. **Portaria nº 723, de 23 de abril de 2012.** MTE: 2012. Disponível em: < http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A36A27C140136E58C60317C60/Portaria%20MTE%20n%C2%BA723,%20de%2023%20de%20abril%20de%202012.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2012.

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Brasília, DF: 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 09 dez. 2012.

_____. **Portaria nº 615, 13 de dezembro de 2007.** MTE: 2007. Disponível em: < http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE4CA7C012BE4F6D21511E8/p_20071213_615.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2012

_____. **Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005.** Brasília, DF: 2005a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5598.htm>. Acesso em: 09 dez. 2012.

_____. **Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005.** Brasília, DF: 2005b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/L11180.htm>. Acesso em: 09 dez. 2012.

_____. **Lei da Aprendizagem.** Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm>. Acesso em: 09 dez. 2012.

_____. **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/clt.pdf>, 2014.

_____. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)** , 3a ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

BURGESS, Anthony. **Laranja mecânica.** São Paulo: ALEPH, 2004.

BURNARD, Phillip. The telephone interview as a data collection method. **Nurse Education Today,** v.14, n.1, p. 67-72, fev. 1994.

CAETANO, Ana. A exterioridade da reflexividade: contributos de Lahire para o estudo empírico do exercício de competências reflexivas. **Cadernos do Sociofilo**, p. 27-70, 2013.

CARDOSO, Adalberto. Transições da escola para o trabalho no Brasil: persistência da desigualdade e frustração de expectativas. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, 2008, p. 569 a 616.

CASSIANI, Silvia. H. de B.; ZANETTI, Maria L.; PELÁ, Nilza T. R. Entrevista por telefone: estratégia metodológica para coletar informações da população. **Revista Paulista de Enfermagem**, v.11, n.1, p.30-34, 1992.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____; ENRIQUEZ, Eugène. D'où vient la psychologisation des rapports sociaux? **Sociologies Pratiques**, Paris, PUF, n. 17, p. 15-27, 2008.

CRUZ et. al. **Aprendiz Legal**: caderno de gestão do programa. v.9. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006a (Aprendiz legal; v.9).

_____. Aprendiz Legal: manual do aprendiz. v.10. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006b (Aprendiz legal; v.10).

CUNHA, Luiz Antônio. Contribuição para a análise das interferências mercadológicas nos currículos escolares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, set./dez. 2011.

_____. O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o Estado e o mercado. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 809-829, out. 2007.

_____. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: FLACSO, 2005.

DAHAN-SELTZER, Geneviève. Ator de sua trajetória profissional? **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 16, n. 31, p. 25-33, nov. 2008.

DELBOS, Geneviève; JORION, Paul. **La transmission des savoirs.** Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'Homme, 1984.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. Jovem, mostre sua cara: um estudo das possibilidades e limites da escolha profissional. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 2, n. 27, p. 316-331, 2007.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa,** v.42, n.146, p.351-367, maio/ago. 2012.

_____. Entre crise global e crises ordinárias: a crise das identidades. **Plural**, Revista do Programa de Pós−Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.1, p.175−184, 2011.

_____. **A crise das identidades:** a interpretação de uma mutação. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 19, n. 64, set. 1999.

_____. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação e Sociedade.** Campinas, v. 19, n. 62, apr.1998.

_____; TRIPIER, P.; BOUSSARD, V. **Sociologie des professions.** Paris: Armand Colin, 2011.

_____; TRIPIER, Pierre. **Sociologie des professions.** Armand Colin, Paris: Editions Armand Colin, 1998.

DUBET, François. Os limites da igualdade de oportunidade. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v.2, n.2, p.171-179, dez. 2012.

_____. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação,** v. 16, n. 47, maio-ago. 2011.

_____. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

_____. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 17, mai./Jun/Jul/Ago 2001.

_____. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. **Contemporaneidade e educação**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 27-33, mar. 1998.

_____; MARTUCCELLI, Danilo. A socialização e a formação escolar. **Lua nova**, n. 40-41, p. 241-328, 1997.

_____. Sociologia da experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURKHEIM, Émile. A educação: sua natureza e função. In: _____. **Educação e sociologia.** São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ENGENHEIROS DO HAWAII. O exército de um homem só. **O papa é pop.** Rio de Janeiro, RCA Records, 1990.

ENGUITA, Mariano Fernández. **Trabalho, escola e ideologia:** Marx e a crítica da educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

ENRIQUEZ, Eugène. **A organização em análise.** Petrópolis: Vozes, 1997.

FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. **Convergencia**, n. 44, p. 15-40, mai./ago. 2007.

FIRTH, Raymond. **Elementos da organização social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Maria Éster de. Existe uma saúde moral nas organizações? **Organizações & Sociedade**, v.12, n.32, jan./mar. 2005.

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil:** referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa: 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v.19, n.1, p.71-87, jan./jun. 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.

GONÇALO, Camila da Silva; BARROS, Nelson Filice. Entrevistas telefônicas na pesquisa qualitativa em saúde. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 22-26, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris: Mouton, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

INVERNIZZI, Noela. Empregos precários no setor terciário: estudo de trajetórias ocupacionais de trabalhadores em risco de exclusão. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p. 35-45, 2002.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. A ressocialização por meio do estudo e do trabalho no sistema penitenciário brasileiro. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 86, p. 141-155, nov. 2011.

_____. O impacto da educação e do trabalho como programas de reinserção social na política de execução penal do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação,** v. 15, n. 45 set./dez. 2010.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem:** a origem do trabalho livre no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAHIRE, Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez, 2015.

_____. O singular plural. **Cadernos do Sociofilo,** Quarto Caderno, p. 16-26, 2013.

_____. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 34, n.2, p. 373-389, mai./ago. 2008.

_____. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Retratos sociológicos:** disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. Crenças coletivas e desigualdades culturais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 84, p. 983-995, setembro 2003.

_____. **L'homme pluriel.** Paris: Nathan, 1998.

_____. **Sucesso escolar nos meios populares:** as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2 p. 35-57, 2005.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil:** referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa. p. 9-18, 2005.

LIMA JUNIOR, Paulo; MASSI, Luciana. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 21, n. 3, p. 559-574, 2015.

MACEDO, Christiane G.; BERTÉ, Isabela L.; GOELLNER, Silvana V. História oral na era digital: a experiência do projeto Garimpando memórias. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 41-58, jan./jun. 2016.

McCOYD, Judith L.M.; KERSON, Toba S. Conducting intensive interviews using email: a serendipitous comparative opportunity. **Qualitative Social Work**. 2006; 5: 389.

MEAD, George. **L'esprit, le soi et la société.** Paris: Puf, 1963.

MELUCCI, Alberto. Acción colectiva y transformación personal en la era de la información. **Ciudades**, México, n. 37, p. 3-11, 1998.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-403, mai./ago. 2005.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, jan./jun., p. 240-264, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação.** – UFMG, 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

_____; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v.23, n. 78, abr. 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (organizadores). **Escritos de educação.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

O RAPPA. Brixton, Bronx ou Baixada. **O Rappa.** Rio de Janeiro, Warner Music Brasil, 1994.

OSTY, Florence. **Le Désir de métier:** egagement, identité et reconnaissance au travail. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

_____. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, n.105-106, p. 139-165, 1990.

PARSONS, T.; BALES, R. F. (Eds.). **Family, socialization and interaction process.** New York: Free Press, 1955.

PASSERON, Jean-Claude. **Le raisonnement sociologique:** l'espace nonpoppérien du raisonnement naturel. Paris: Nathan, 1991.

PEREIRA, Rafaela Costa. O sujeito egresso: trabalho e estigma. In: Comissão de Formação Teórica e Prática do PrEsp. **O egresso do sistema prisional:** do estigma à inclusão social. Belo Horizonte: Instituto Elo, 2013.

POCHMANN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego:** a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro. 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

_____. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004.

RIBEIRO, Rita de Cássia; MARQUES, Rita de Cássia; FLORES FILHO, Edgar Gastón Jacobs. A criatividade dos chefes de cozinha e o consumo moderno da gastronomia. **Demetra,** v. 11, n. 2, 265-274. 2016

RINCON SAPIÊNCIA. A volta pra casa. **Galanga Livre.** São Paulo, Boia Fria Produções, 2017.

SAINSAULIEU, Renaud. **Sociologie de l'organisation et de l'entreprise.** Paris : Presses de Sciences Po, 1987.

_____. **L'identité au travail. Les effets culturels de l'organization.** Paris: Presses de Sciences Po., 1977.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** Rio de Janeiro: Harpercollins, 2018.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo**. Revista de Ciências Sociais, n. 14, 2011.

SCHOLZ, Robinson Henrique. *Habitus* de classe expressado pelo capital simbólico: uma revisão da obra de Pierre Bourdieu A Distinção. **Ciências Sociais Unisinos,** n. 45, v. 1, p. 88-91, já./abr. 2009.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHWARTZMAN, Simon; COSSÍO, Mauricio Blanco. Juventude, educação e emprego no Brasil. **Cadernos Adenauer** - Geração Futuro, v.7, n. 2, p. 51-65, 2007.

SENAI. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. **Aprendizagem industrial:** orientações para as empresas. SENAI, 4. ed. São Paulo, 2017.

SENNETT, Richard. **O artífice.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **A corrosão do caráter:** consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo, **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare**, v.1, n. 2, p. 24-36, jul./dez. 1995.

SILVA FILHO, Ivon Rodrigues. **Formação *versus* Produção:** a formação e qualificação de jovens para o mundo do trabalho. 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

_____. **"Bom para o jovem, melhor para a empresa"**: o trabalho juvenil no Programa Aprendiz Legal no Estado de Pernambuco. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos.** 3. ed.: Porto Alegre: Artmed, 2009.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms.** University of Chicago Press: Chicago, 1971.

SOUZA, Aparecida Neri de. Fronteiras entre duas esferas das atividades sociais: a educação e o trabalho. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 81-95, jan./mar. 2012.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG, 2012a.

_____. **Os batalhadores brasileiros:** nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012b.

SOUZA, Rafaelle Lopes; SILVEIRA, Andréa Maria. Mito da ressocialização: programas destinados a egressos do sistema prisional. **SER Social**, Brasília, v. 17, n. 36, p. 163-188, jan./jun. 2015.

TINOCO, Rui. **Histórias de vida:** um método qualitativo de investigação, 2007.

VANDENBERGHE, Frédéric**.** A Sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire. **Cadernos do Sociofilo**, Quarto Caderno, p. 70-112, 2013.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade:** uma experiência de geração. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 2006.

_____. Unidade e fragmentação em sociedade complexas. In: J. Souza; Ö. Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade** (pp. 250-267). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

_____. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. Biografia, trajetória e mediação. In: _____; KUSCHNIR, Karina (Orgs). **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIEIRA, Mônica. Trabalho, qualificação e a construção social de identidades profissionais nas organizações públicas de saúde. **Trabalho, educação e saúde,** v.5, n.2, Rio de Janeiro, Julho de 2007.

WAUTIER, Anne Marie. Para uma sociologia da experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 174-214, jan/jun 2003.

WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais. **Dados**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 63-83, 1996.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZULUAGA, Juan Bernando. La familia como escenario para la construcción de ciudadanía: uma perspectiva desde la socialización en la niñez. Ponencia presentada en el II Encuentro Internacional, **V encuentro Nacional:** familia y medios - escenarios para la paz y el desarrollo humano. Manizales: CINDE, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO

Questionário Nº:
Nome:
Telefones:
Se for possível, informe seu WhatsApp: _____.

Facebook: _____.

1. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino.

2. Idade: _____.

3. Estado civil: ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a)/divorciado(a) ( ) Viúvo(a) ( ) N.R.

4. Possui filho(s)? Quantos? _____.

5. Bairro e cidade onde mora: _____.

6. Há quanto tempo você mora nesse lugar? _____.

7. Você já morou em outro bairro ou cidade? Qual(is)?

_____.

8. Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)? _____.

9. Você mora com: ( ) Sozinho ( ) Pai e Mãe ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Avós ( ) Cônjuge ( ) Outros Parentes.

10. Você tem irmãos? Quantos?_____.

11. Sua casa é: ( ) Própria ( ) Alugada.

12. Escolaridade:

( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo

( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo.

13. Qual série você frequenta? _____.

14. Qual o tipo de instituição de ensino? ( ) Pública ( ) Privada.

15. Em qual turno você estuda? ( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite ( ) Integral.

16. Ao longo de sua trajetória escolar, você já estudou em quantas escolas?_____.

17. Você se considera: ( ) Amarelo(a) ( ) Branco(a) ( ) Índio(a) ( ) Pardo(a) ( ) Preto(a) ( ) N.S/N.R.

18. Qual o nível de escolaridade de seus pais?

Mãe:

( ) Analfabeta ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo ( ) Técnico ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo ( ) Pós-Graduação ( ) N.S/N.R.

Pai:

( ) Analfabeto ( ) Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Médio Completo ( ) Técnico ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo ( ) Pós-Graduação ( ) N.S/N.R.

19. Quais são as profissões de seus pais? Pai: _____.

Mãe: _____.

20. Qual é sua principal fonte de renda?

( ) Mesada ( ) Bolsa social ( ) Bolsa de estudos ou pesquisa ( ) Salário como aprendiz ( ) Trabalho autônomo ( ) Aposentadoria ou pensão ( ) Outras:_____.

21. Renda familiar (aproximadamente):

( ) Menor que 1 salário mínimo (R$ 937,00) ( ) Entre 1 e 2 salários ( ) Entre 2 e 3 Salários ( ) Entre 3 e 4 salários ( ) Mais de 4 Salários ( ) N.S/N.R.

22. Você contribui financeiramente com a sua família? ( ) Sim ( ) Não.

Caso sim, de que forma contribui?_____.

23. Você tem plano de saúde? _____.

24. Você tem qual(is) destas ferramentas?

( ) Computador ( ) Notebook ( ) Tablet ( ) Celular/Smartphone ( ) Internet 3G ( ) Internet banda larga ( ) Televisão ( ) TV por assinatura ( ) DVD ( ) Automóvel ( ) Equipamento de som em casa ( ) Ar condicionado ( ) Piscina ( ) Máquina de lavar.

25. Qual seu principal uso da internet? _____.

26. O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

_____.

27. Você participa de algum grupo, entidade ou associação? ( ) Igreja ( ) Grêmio estudantil ( ) Partido político ( ) Torcida Organizada ( ) Outro. Qual? _____.

28. Você já trabalhou (antes do curso de aprendizagem)? ( ) Sim ( ) Não.

Em qual(is) atividade(s)? _____.

29. Você já fez algum tipo de trabalho voluntário? ( ) Sim ( ) Não.

Qual(is) a(s) atividade(s)? _____.

30. O que você pretende fazer após concluir o curso de aprendizagem?

( ) Só trabalhar ( ) Só fazer Universidade ( ) Só Fazer curso técnico ( ) Trabalhar e estudar ( ) Não sei ainda.

31. Você já se decidiu sobre a profissão que pretende seguir? ( ) Sim ( ) Não.

Se sim, qual a profissão? _____.

32. Você faz ou fez algum curso Técnico ou Superior? Qual o curso e a instituição de ensino?

_____.

33. Ano de início e fim do curso: _____.

34. Curso de aprendizagem no qual está matriculado:

_____.

35. Empresa em que trabalha/Bairro: _____.

36. Como conheceu o programa de aprendizagem?

_____

_____.

37. Os seus pais tiveram influência no seu estímulo a participar do curso de aprendizagem profissional?

( ) Nenhuma influência ( ) Pouca influência ( ) Muita influência ( ) N.S/N.R.

38. Qual a principal motivação de participar do programa de aprendizagem?

_____

_____.

39. O curso de aprendizagem atendeu às suas expectativas? Por quê?

_____

_____.

APÊNDICE B – GUIA DA PRIMEIRA ENTREVISTA

GUIA DE ENTREVISTA 1

FAMÍLIA

- ✓ Antes de falar sobre você, eu gostaria que você falasse um pouco sobre seu ambiente familiar, principalmente na sua infância e adolescência (onde morava, com quem morava, como era a convivência);
- ✓ Como você definiria a sua relação com seus pais e/ou responsáveis, durante sua infância e adolescência? E agora, como é essa relação?
- ✓ Você já recebeu ou recebe algum tipo de incentivo por parte de seus pais, irmãos e demais parentes para seguir determinada carreira profissional?
- ✓ O que seus pais, irmãos e demais parentes acham ou comentam sobre você fazer o curso de aprendizagem?
- ✓ O que seus pais, irmãos e demais parentes acham ou comentam sobre a área profissional do curso de aprendizagem que você faz?
- ✓ O que seus pais, irmãos e demais parentes acham ou comentam sobre sua escolha profissional?
- ✓ Seu(sua) companheiro(a), namorado(a) ou marido/esposa o incentiva a estudar ou trabalhar? Como?
- ✓ O que você acha das profissões de seus pais? As profissões deles de alguma forma influenciaram sua escolha profissional?
- ✓ Você disse no questionário que contribui financeiramente com sua família. Eu queria que você explicasse melhor como é essa contribuição.
- ✓ A ideia de contribuir financeiramente partiu de você ou foi exigência de seus pais e/ou responsáveis?
- ✓ O que você acha de dar essa contribuição financeira?
- ✓ Com o que, principalmente, você gasta seu salário como aprendiz?

ESCOLA

- ✓ Fale um pouco sobre sua trajetória escolar.
- ✓ Seus pais o(a) incentivavam ou incentivam a estudar? Como?
- ✓ Seus professores(as) ou colegas de escola o incentivaram a seguir alguma profissão?
- ✓ Alguma disciplina/matéria o incentivou a seguir alguma profissão?
- ✓ O que seus professores acham ou comentam sobre você fazer o curso de aprendizagem?
- ✓ O que seus professores acham ou comentam sobre a área profissional do curso de aprendizagem que você faz?
- ✓ O que seus professores acham ou comentam sobre sua escolha profissional?

- ✓ O que seus colegas de escola/faculdade acham ou comentam sobre você fazer o curso de aprendizagem?
- ✓ O que seus colegas de escola/faculdade acham ou comentam sobre a área profissional do curso de aprendizagem que você faz?
- ✓ O que seus colegas de escola/faculdade acham ou comentam sobre sua escolha profissional?
- ✓ Fale um pouco sobre o(s) curso(s) técnico(s) que você fez. Você gostou da(s) área(s)? Esse(s) curso(s) contribuiu(ram) de alguma forma para seus planos futuros? Por quê?
- ✓ Fale um pouco sobre o curso superior que você faz. Você gosta da área? Por que a escolha dessa área? Esse curso contribuiu de alguma forma para seus planos futuros? Por quê?

TRABALHO

- ✓ Seus pais o(a) incentivavam ou incentivam a trabalhar? Como?
- ✓ Fale um pouco sobre o(s) trabalho(s) voluntário(s) que você fez. Você gostou da(s) atividade(s)? Essa(s) experiência(s) contribuiu(ram) de alguma forma para seus planos futuros? Por quê?
- ✓ Como você chegou aqui no Programa de Aprendizagem?
- ✓ Comente um pouco sobre suas vivências/experiências em sua prática de trabalho no/na (Citar o nome da empresa)
- ✓ Para você, o que é ser aprendiz?
- ✓ O curso de aprendizagem atendeu às suas expectativas? De que modo?
- ✓ A(s) sua(s) experiência(s) anterior(es) de trabalho o influenciou(aram) de alguma forma a estar aqui no Programa ou a escolher sua profissão?
- ✓ A atividade de aprendizagem que você desempenha na empresa tem incentivado de alguma maneira suas escolhas e/ou planos profissionais futuros?
- ✓ As aulas teóricas de aprendizagem da instituição formadora têm incentivado de alguma maneira suas escolhas e/ou planos profissionais futuros?
- ✓ Depois de conhecer a aprendizagem profissional, você a vê de forma diferente do que via antes? Por quê?
- ✓ Antes de se matricular, você conhecia outras pessoas que já foram ou eram no momento aprendizes? Em que medida eles(as) o incentivaram a fazer o curso?

PROJETOS FUTUROS

- ✓ Você possui planos futuros em relação a sua carreira profissional? Quais? O que lhe motiva/motivou a ter esse(s) plano(s)?
- ✓ A passagem pelo programa de aprendizagem tem alguma influência em seus planos futuros e, especificamente, profissionais?
- ✓ Você pretende continuar na área de atuação profissional da sua experiência de aprendizagem? Por quê?

- ✓ Ao longo de sua trajetória de vida, é possível que você identifique o momento em que surgiu a sua decisão sobre sua escolha profissional?
- ✓ Ou são vários momentos?
- ✓ E existe um fator que o incentivou? Ou são vários?
- ✓ Em que medida a participação no curso de aprendizagem contribuiu para essa sua escolha?
- ✓ Você indicaria o curso de aprendizagem à outra pessoa? Por quê?

OUTROS

- ✓ Você disse no questionário que participava do(a) (nome do grupo). Fale um pouco sobre essa participação.
- ✓ Você desenvolve ou participa de alguma atividade cultural? Essa(s) atividade(s) tem estimulado de alguma maneira suas escolhas profissionais?
- ✓ Você desenvolve ou participa de alguma atividade esportiva? Essa(s) atividade(s) tem estimulado de alguma maneira suas escolhas profissionais?
- ✓ Você desenvolve ou participa de algum grupo formado por aprendizes? Essa(s) atividade(s) tem estimulado de alguma maneira suas escolhas profissionais?

APÊNDICE C – GUIA DA SEGUNDA ENTREVISTA

GUIA DE ENTREVISTA 2

- ✓ Gostaria de começar pedindo a você que me conte o que aconteceu em sua vida pessoal e profissional desde o fim do contrato de aprendizagem até o momento.
- ✓ Ficou na empresa? Sim: como foi o processo? O que você faz na empresa? Você está gostando da nova experiência? Não: justificaram o motivo?
- ✓ Está estudando? O quê e onde?
- ✓ Está trabalhando? Onde? Há quanto tempo? Como conseguiu esse emprego?
- ✓ Retomar planos/projetos da primeira entrevista. Seguiu: como? Ou não: por quê?
- ✓ Possui novos planos/projetos? Quais?
- ✓ Alguma mudança em relação à escolha profissional?
- ✓ O curso de aprendizagem foi importante? Por quê?
- ✓ Dúvidas referentes ao primeiro questionário.

APÊNDICE D – APRENDIZES DO CIEE-PE SELECIONADOS PARA ENTREVISTAS

Quadro 17 – Aprendizes do CIEE-PE selecionados para entrevistas

Aprendiz	Critérios de seleção
Diana (19 anos)	• Faz ensino superior (1° período tecnólogo em logística); • Estudou em quatro escolas; • O pai tem a mesma profissão que o curso de aprendizagem (administração); • Contribui financeiramente (contas) com a família; • Já trabalhou antes (com a mãe, a qual é autônoma); • Fez curso técnico (porém, não terminou); • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem.
Paula (19 anos)	• Faz ensino superior (1° período gestão de recursos humanos); • Estudou em quatro escolas; • Contribui financeiramente (*internet*) com a família; • Já trabalhou (com a mãe e como professora de violão); • Fez trabalho voluntário (ONG); • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem.
Pettros (20 anos)	• A mãe é farmacêutica[83]; • Contribui financeiramente com a família; • No tempo livre escreve "sua obra"; • Participou de partido político; • Fez trabalho voluntário; • Pretende ser farmacêutico; • Trabalha em uma farmácia.
Larissa (19 anos)	• Faz ensino superior (2° período de pedagogia na UFPE); • Também recebe bolsa de estudo e/ou pesquisa; • Contribui financeiramente com a família (contas água e luz); • Quer ser pedagoga; • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem; • Afirma que o salário ajuda a permanecer na Universidade.
Henrique (20 anos)	• Faz ensino médio; • Já trabalhou como ajudante de pedreiro; • Conheceu o programa através da FUNASE; • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem; • Afirma participar do programa para "distrair a mente".
Aryane (21 anos)	• Faz ensino superior (gastronomia); • União estável (mora com cônjuge); • Contribui financeiramente com a família; • Quer ser *chef* de cozinha; • Conheceu o programa pela indicação de familiares.
Fernando (23 anos)	• Faz ensino superior (6° período de educação física); • Contribui financeiramente com a família (faculdade e feira); • Já trabalhou como professor de educação física; • Quer ser professor; • Fez curso de bombeiro civil; • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem; • Principal motivação é o salário.

Fonte: Elaboração própria

[83] Na entrevista descobri que quando este jovem falava da mãe, estava se referindo a sua avó.

APÊNDICE E – APRENDIZES DO SENAI-PE SELECIONADOS PARA ENTREVISTAS

Quadro 18 – Aprendizes do SENAI-PE selecionados para entrevistas

Breno (20 anos)	• Faz ensino superior (licenciatura em ciências biológicas); • Estudou em quatro escolas; • Contribui financeiramente (contas e feira) com a família; • Já trabalhou (e trabalha como garçom nos fins de semana); • Fez trabalho voluntário (vacinação e sopão comunitário); • Formar-se-á duas vezes em 2017 (técnico e graduação).
Everton (20 anos)	• O pai é mecânico; • Contribui financeiramente (1/4 do salário) com a família; • Já trabalhou (como entregador de pizza); • Faz trabalho voluntário (doações de almoços todos os domingos pela igreja); • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem.
João (19 anos)	• Casado[84]; • Mora com os pais; • Contribui financeiramente com a família; • Já trabalhou (como autônomo); • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem.
Fábio (20 anos)	• Faz ensino superior (6° período de engenharia mecânica); • Contribui financeiramente (*internet*, conta de luz) com a família; • Já trabalhou (estagiário em mecânica); • Sabe a profissão que quer seguir (engenharia mecânica).
Kaio (20 anos)	• Além do salário como aprendiz, trabalha com *marketing* de rede; • Contribui financeiramente (contas) com a família; • Já trabalhou (em *LAN house* e cartão de crédito); • Fez trabalho voluntário (alimentar mendigos); • Quer seguir a área de *marketing* de rede; • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem.
Maria (22 anos)	• Contribui financeiramente (contas) com a família; • Fez trabalho voluntário (arrecadação de alimentos para abrigo de crianças); • Quer ser engenheira de produção; • Fez curso técnico (segurança do trabalho e logística); • Conheceu o programa por meio da irmã que é da empresa em que trabalha.
Flora (19 anos)	• Contribui financeiramente (conta de energia) com a família; • Já trabalhou (como menor aprendiz em uma corretora de seguros); • Fez trabalho voluntário (dando roupas para um abrigo de crianças). • Quer ser PCM (Planejamento e Controle de Manutenção); • Conheceu o programa através de uma prima.
Júnior (21 anos)	• Contribui financeiramente (despesas) com a família; • Já trabalhou (na Ricardo eletro, com carga e descarga); • Quer ser Engenheiro mecânico; • Fez curso técnico em tubulação industrial; • Muita influência dos pais para fazer o curso de aprendizagem.

Fonte: Elaboração própria

[84] Essa informação foi marcada erroneamente pelo aprendiz, pois este ainda era noivo, o que só foi esclarecido mediante a primeira entrevista.

ANEXO A – TABELA 2: QUANTIDADE DE APRENDIZES ADMITIDOS DE JANEIRO A JUNHO DE 2018 POR ATIVIDADE ECONÔMICA DA EMPRESA CONTRATANTE

Aprendizes admitidos de JAN a JUN 2018 por CNAE		
CNAE 2.0 Seção	Aprendiz	%
INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	58.768	25,82
COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	57.789	25,39
SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS	25.175	11,06
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	22.172	9,74
TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO	14.689	6,45
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES	9.575	4,21
CONSTRUÇÃO	9.091	3,99
EDUCAÇÃO	6.434	2,83
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	5.539	2,43
ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS	3.451	1,52
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	3.250	1,43
AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQÜICULTURA	3.008	1,32
ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS	2.432	1,07
INDÚSTRIAS EXTRATIVAS	1.826	0,80
ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO	1.699	0,75
ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO	1.114	0,49
ELETRICIDADE E GÁS	698	0,31
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS	469	0,21
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	431	0,19
ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS	16	0,007
Total	227.626	
Fonte: CAGED JAN a JUN 2018 com ajustes		

Fonte: Boletim da Aprendizagem Profissional – janeiro a junho de 2018

ANEXO B – TABELA 3: OCUPAÇÕES COM MAIORES ÍNDICES DE CONTRATAÇÃO DE JANEIRO A JUNHO DE 2018

Aprendizes admitidos de JAN a JUN 2018 por ocupação		
CBO 2002 Ocupação	Aprendiz	%
Auxiliar de Escritorio, em Geral	91.230	40,08
Assistente Administrativo	39.278	17,26
Vendedor de Comercio Varejista	13.106	5,76
Repositor de Mercadorias	11.721	5,15
Mecanico de Manutencao de Maquinas, em Geral	8.891	3,91
Alimentador de Linha de Producao	7.607	3,34
Embalador, a Mao	3.633	1,60
Continuo	2.411	1,06
Ajustador Mecanico	2.283	1,00
Almoxarife	2.127	0,93
Outros	45.339	19,92
Total	227.626	
Fonte: CAGED JAN a JUN 2018 com ajustes		

Fonte: Boletim da Aprendizagem Profissional – janeiro a junho de 2018

ANEXO C – IMAGEM 1: ILUSTRAÇÃO DOS AGENTES DO *PROGRAMA APRENDIZ LEGAL*